LENDAS DA INDIA

POR

GASPAR CORREA

PUBLICADAS

DE

ORDEM DA CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS LETTRAS

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

E SOB A DIRECÇÃO

DE

RODRIGO JOSÉ DE LIMA FELNER,

SOCIO EFFECTIVO DA MESMA ACADEMIA.

OBRA SUBSIDIADA PELO GOVERNO DE PORTUGAL.

LIVRO PRIMEIRO.

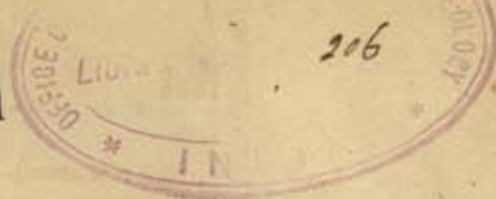
CONTENDO AS ACÇOENS DE VASCO DA GAMA, PEDRALVARES CABRAL, JOÃO DA NOVA, FRANCISCO DE ALBOQUERQUE, VICENTE SODRE', DUARTE PACHECO, LOPO SOARES, MANUEL TELLES, D. FRANCISCO D'ALMEIDA.

LENDA DE 13 ANNOS, DESDE O PRIMEIRO DESCOBRIMENTO DA INDIA ATÉ O ANNO DE 1510.

TOMO I.—PARTE II.

LISBOA

NA TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1859.

ARMADA

DE

LOPO SOARES.

QUE PASSOU Á INDIA O ANO DE 1504.

SENDO partidos de Portugal 'armada dos Alboquerques, e assy Antonio de Saldanha, que auia de andar d'armada no Cabo de Guardafuy, chegou ao Reyno Dom Vasco da Gama, como já fica contado, e dando conta a ElRey do grande mal que deixaua feito a Calecut, e * de como * deixaua assentadas todas as cousas, com tanta perfeição, pera tamanho trato e carregação de pimenta no porto de Cochym, e Coulão, que erão as principaes fontes da pimenta, ElRey, com muy grande desejo de ganhar tamanha riqueza como lhe vinha em tanto crecimento, auendo seus conselhos com Dom Vasco da Gama, que era o principal regente em todas estas cousas, com seu conselho ElRey ordenou mandar este ano grande armada, e fazer grande carregação; polo que mandou varar e concertar todas as naos que forão com Dom Vasco da Gama, e contratou com muytos mercadores, que tambem cobiçarão a muyta riqueza que ganhauão em suas armações, com o que basteceo grande armada de [1] noue naos

[1] Gaspar Correa, deixando para mais tarde rectificar o numero de vasos de que se compunha esta esquadra, escreveu a modo de lembrança * X *vinte naos grossas, e quatro somenos,* * como se lê no codice do Arch. O copista da Aj. som-

grossas, e quatro somenos, nauetas pequenas pera ficarem na India se comprisse; e ordenou pera Capitão mór desta armada Lopo Soares, fidalgo principal de sua casa, homem de muyta autoridade e conselho, e nobres fidalgos por Capitães, saber: Pero de Mendoça, Leonel Coutinho, Tristão da Silua, Lopo Mendes de Vascogoncellos, Lopo d'Abreu da Ilha, Felippe de Crasto, Pero Afonso d'Aguiar, Vasco da Silueira, Manuel Telles Barreto, estes todos * de * naos grossas pera carregar; e Pero de Mendoça, capitão da nao capitania; e Afonso Lopes da Costa, Vasco Carualho, Christouão de Tauora, Simão d'Alcaçoua, [1] * estes de nauetas * mais pequenas, pera ficarem na India, se nom ouvesse carga pera todos: com muytas mercadorias, e muyta auondança de todalas cousas necessarias, e nesta armada até mil homens d'armas, gente limpa e bem armáda, com regimento que ElRey mandaua que se ElRey de Calecut contendesse com o de Cochym o defendessem, e fizessem a Calecut toda a guerra no mar, e na terra, destroindo a nauegação dos Mouros. A armada de todo prestes, ElRey com muytas honras a todos despedio de Belem dia de Nossa Senhora de Março [2], e fizerão sua nauegação costumada, e sendo na paragem do Cabo lhe deu hum temporal que os apartou, mas todos passarão a Moçambique, onde ao Capitão mór foy dada a carta que hy deixara Pero d'Ataide, que daua conta de como ficaua a India.

A nao de Lopo Mendes abrio huma grande agoa por huma cinta, e com muyto trabalho de bomba chegou a Melinde, porque escorreo Moçambique, onde em Melinde ouve corregimento, e recolheo Portuguezes, que hy ficarão da perdição da nao de Pero d'Ataide.

O Capitão mór em Moçambique deu auiamento no que compria [3]

mou tudo, e lançou aos mares não menos de trinta naus grossas. Nós as reduzimos a nove, afóra as quatro navetas, porque o mesmo Gaspar Correa declara logo adiante os nomes dos capitães das nove naus, e das quatro navetas, e são treze, ao todo, as embarcações, que segundo *Goes, Chron. de D. Man.*, P. I, Cap. XCVI, e *Osorio, De rebus Emmanuelis gestis*, Liv. III, commandava Lopo Soares; embora Castanheda. Hist. da Ind. Liv. I, Cap. XC, diga que eram doze as naus d'esta armada, a qual elle, e Barros, Dec. I, Liv. VII, Cap. IX, dão sahida de Lisboa a 22 de Abril de 1504.

[1] Nas cópias do Arch. e Aj. vem: * estas nauetas * etc. [2] Veja-se a nota da pag. antecedente. [3] * ás * Aj.

* nas * cousas de Çofala, que estaua contrato bem assentado e pacifico, e 'armada fez agoada, e tomando do que auia na terra se partio caminho de Melinde, onde chegando sobre o porto amainou a Capitania sem sorgir, o que assy fez toda 'armada, louçã de bandeiras, com salua de muyta artelharia e trombetas; e nom sorgio porque os pilotos o requererão ao Capitão mór, porque era já vinte e hum d'Agosto. Então o Capitão mór mandou no seu esquife Pero de Mendoça visitar ElRey, e lhe leuar cartas e peças que lhe ElRey, e Dom Vasco mandaua; e lhe mandou muytas desculpas por nom entrar no porto, por nom fazer detença, por nom ter tempo, pedindolhe por isso muytos perdões. ElRey estaua já prestes com cousas pera 'armada que sabia que vinha, e como vio o recado do Capitão mór, com que se muyto contentou, logo ápressa mandou a cada nao hum barco grande carregado de carneiros, e verduras, cousas de refresco, e á nao do Capitão mór duas barcas assy carregadas de cousas de refresco, e lhe mandou dizer que fosse muyto embora seu caminho, que para elle erão escusados comprimentos, pois já tanto tinha [1] * vistas * as verdades e bondades d'ElRey de Portugal. Então 'armada tornou a dar as velas, e Lopo Mendes de Vascogoncellos sayo do porto, e forão seu caminho pera a India, e Lopo Mendes mandou ao Capitão mór dous homens no seu esquife, que lhe forão dando conta de tudo o que era passado na India; e porque acharão tempo bonança andarão pouco, que em fim de Setembro ouverão vista da costa em Dábul, e sem tomar a terra correo de longo, e sendo á vista d'Angediua, Antonio de Saldanha, e Ruy Lourenço Rauasco, que hy estauão, ouverão muy grande medo, cuidando que era armada de Rumes que vinha de Meca, porque os Mouros, que tomauão de preza as naos, todos lhe dizião e certificauão que os Mouros que hião da India fazião grandes eramores dos males que os nossos lhe fazião, e tolhião a nauegação e carregação da pimenta e drogas, de que o Grão Turquo recebia muyta perda em suas rendas dos portos do Estreito, de que era arrecadador o Rey de Misey; que dizia que auia de mandar á India armada que destroisse os Portuguezes, e os deitasse fóra da India. O que todos os Mouros isto muyto lhe certificauão, polo que vendo nossa armada tamanha, cuidarão que serião Rumes, quando a virão ao longe; mas vindo mais perto, que virão bem, conhecerão 'arma-

[1] * visto * Aj.

da, com que perdido seu medo, se fizerão á vela, e sayrão ao mar, e forão saluar o Capitão mór com muytos prazeres, que todos ouverão; e forão seu caminho, e chegarão a Cananor, onde toda a armada fez grande salva, o que assy o feitor Gil Fernandes Barbosa, com artelharia que tinha em terra, que logo foy ao Capitão mór a lhe dar conta de todo o como estauão as cousas da terra; onde logo veo visitação d'ElRey per hum Regedor, e dizer ao Capitão mór que compria muyto que ambos falassem. O Capitão mór era muyto grandioso de sua condição, e mandou o feitor com o Regedor a visitar ElRey, e dizer que elle faria o que lhe mandasse, [1] *e o veria o dia que elle mandasse;* e logo mandou desembarcar muytas mercadorias pera a compra do gengiure, e cousas necessarias pera viagem. ElRey com muyto grande vontade logo mandou fazer casa junto da porta da povoação, pera nella se ver com o Capitão mór, [2] *que ao outro dia foy acabada, e o mandou dizer ao Capitão mór,* que logo desembarcou em terra com todos os Capitães nos bateis e nos esquifes, e em muytos barcos da terra, que tudo vinha carregado de gente muy louçã, e os Capitães riquamente vestidos, e os bateis com muytas bandeiras, e o Capitão mór no seu batel grande *com* toldo de damasco branco e vermelho, e sua bandeira real na proa; e a armada embandeirada lhe fez grande salua, e chegado a terra, a pouoação embandeirada e com muytos ramos, se forão á Igreja ouvir missa.

ElRey, vendo desembarcar o Capitão mór, logo se metteo em seu andor com seu aparato de riqueza, e estado de muyta gente, com suas esgrimas e tangeres, segundo já tenho contado nestas Lendas; e se metteo na casa, e assentou em seu estrado, aguardando o Capitão mór, o qual acabada a missa foy á casa, acompanhado de toda a gente e Capitães, e elle vestido de sedas, e riquo colar de esmaltes: onde o Rey o sayo a receber fóra da casa, com grandes honras, e assy o Capitão mór e Capitães, e ambos assentados no estrado, o Capitão mór lhe deu as cartas d'ElRey, e hum riquo leito e cama de todo concertada, que se armou fóra em quanto falauão. Então o apresentarão a ElRey, que era cousa de grande riqueza, e tres panos de riquas figuras, que se auião d'armar derredor do leito. O que todo mostrado a ElRey, ouve tanto prazer que se foy deitar na cama, e se tornou assentar no estrado, e mandou leuar o leito

[1] Falta na cópia da Aj. [2] Idem.

assy armado, de que a gente estaua muy espantada, e estiuerão falando, e ElRey muyto lhe encomendando as cousas d'ElRey de Cochym, e se muyto encarregando do gengiure pera as naos. Com que se despedirão, e ElRey lhe deu riquo colar de pedraria, e duas manilhas, e hum fio de perolas pera a Raynha, que tudo valia muyto preço, e assy despedidos, o Capitão mór logo se tornou a jantar ás naos, e neste dia o feitor despachou de todo o que compria, e ao outro dia se partio pera Cochym.

CAPITULO II.

COMO O ÇAMORIM, POR CONSEQUENCIA DOS MOUROS, SE TORNOU A SAYR DO PAGODE EM QUE ESTAVA METTIDO, E SE TORNOU A REYNAR SEU REYNO, E MANDOU PEDIR PAZ AO CAPITÃO MÓR, E O QUE NISSO PASSOU.

O Çamorym, com desesperação de seu grande nojo e deshonra de nom tomar Cochym, com tanta perda de sua gente e grande gasto, depois de se lhe passar sua paixão, ouve grande arrependimento de se metter na casa do pagode, como atrás contey, e teue modos secretos com os Mouros mercadores, que fossem ao pagode fazer grandes requerimentos e cramores que se tornasse a sayr, e regesse o Reyno; com que os Mouros muyto folgarão, porque erão muy desfavorecidos do irmão d'ElRey, que era muyto contra elles, e com poderes de Rey, que tinha, os muyto tiranizaua, polo odio que lhes tinha de mal aconselharem o Çamorym seu irmão contra os nossos, polo que tantos males lhe tinhão cauzado: assy que por estas causas, e por lho mandar secretamente o Çamorym, se ajuntarão todos, e hião onde o Çamorym estaua, e lhe fizerão tantos cramores, que elle, mostrando que por isso forçado, se sayo, e veo a Calecut, e por estrouar que seu irmão nom contendesse com os Mouros o mandou a Cranganor com gente, que estiuesse em companha do Rey de Cranganor pera o que comprisse. Então sabendo que a Cananor era chegado o Capitão mór d'armada, quis prouar se lhe podia fazer algum engano, e mandou em huma almadia hum moço gromete, que tinha com sete Portuguezes, que catiuarão quando matarão Ayres Correa feitor, em tempo de Pedraluares Cabral; dizendo ao moço que elle o mandaua ao Capitão

mór com recado pera com elle assentar paz, [1] * e que se assentasse a paz * que a todos os soltaria. E lhe deu sua carta pera o Capitão mór, e mandou com elle hum mouro em huma almadia polo mar, que chegou a Cananor querendo o Capitão mór fazerse á vela, e lhe deu a carta do Çamorym, e outra dos Portuguezes catiuos, que lhe pedião misericordia, que fizessem esta paz, porque elles fossem liures do catiueiro de ferros em que auia tantos tempos estauão; com muy piadosas palauras, porque depois que fogira Aluaro Rafael feitor, tinhão grande tormento de ferros, e tronquos em que jazião de dia e de noite. O Capitão mór nom tomou sobrisso conselho, sómente respondeo que elle sorgiria no porto, e que então aly faria tudo o que fosse razão, e que lhe pedisse com verdade. Esta reposta deu ao mouro, e disse em segredo ao moço que quando estiuesse no porto trabalhasse muyto por fogirem os outros que estauão prezos, que por este só respeito o deixaua hir, que se isto nom fora nom o deixara lá tornar; e com isto se tornou a almadia, que deu o recado ao Çamorym antes que o Capitão mór chegasse, que logo se fez á vela [2] * após * 'almadia que primeyro chegou. O Capitão mór chegando a Calecut sorgio o mais perto da terra que pôde, o que assy fez toda a outra armada per seu mandado, ao que logo veo da terra huma almadia com hum moço, com hum mouro criado de Cojebequi, com grande presente de refresco, que leuarão ao Capitão mór, que lhe mandaua o Regedor, dizendo que ElRey nom estaua na cidade, mas que pola menhã auia de vir; mas o moço deu a entender que ElRey estaua na cidade. O Capitão mór nom consentio que desembarcasse o refresco, e mandou que o tornassem pera terra, que elle nom tomaua nada senão da mão de bons amigos; que depois que elle assentasse paz então faria como amigo. Então o mouro pedio seguro pera Cojebequi lhe vir falar. Disse que seguramente podia hir, e se tornaria se quisesse. O qual recado chegado a terra logo veo Cojebequi, e trouxe ao Capitão mór dous Portuguezes de presente, dos catiuos que lhe mandaua o Regedor, e muyto rogar que aguardasse tres dias, porque o Çamorym adoecera de hum accidente, mas que entanto fizesse o assento de paz como quisesse, * e * entanto viria ElRey, que tudo affirmaria como elle pedisse. O Capitão mór recebeo

[1] Supprimido no codice da Aj. [2] * espola * é o que se acha nas duas copias.

os catiuos. [1] * Com Cojebequi veo outro mouro, que sabia falar portuguez, * com que Cojebequi nom póde falar nada. Com o Capitão mór estauão todos os Capitães, e praticarão sobre o caso, que todos disserão que nom deuia deixar tornar a terra os catiuos, pois lhos mandarão, mas o Capitão mór foy em contrario de todos, e os tornou a mandar a terra, dizendo os Capitães, que a elle lhe mandarão os dous catiuos de presente cuidando que por isso lhe faria pazes, mas quando vissem que lhas nom fazia lhe creceria a paixão, e mataria os que ficassem em terra. Então mandou Cojebequi que se tornasse, e dissesse ao Regedor que delle nom auia de tomar nada senão sendo a paz assentada, a qual por nenhuma cousa deste mundo nom faria se lhe nom dessem os Italianos; e nom os pedia pera lhe fazer nenhum mal, sómente pera os leuar pera Portugal, e que a ysso daria toda a segurança que quisesse, e se isto nom quigesse, nom lhe auia d'assentar a paz; que por tanto guardasse bem os catiuos que tinhão, que em algum tempo lhe pezaria ao Çamorym dos males que tinha [2] * feitos. * Com a qual reposta metterão os catiuos em prisão, e os puserão a bom recado que nom poderão fogir, e os tinha assy o Çamorym, esperando que viria algum Capitão mór que por elles lhe fizesse alguma paz á sua vontade; e os teue assy em prisão até que huns morrerão, e outros fogirão.

O Capitão mór, vendo que nom tornaua reposta, mandou tirar hum berço, ao que da cidade lhe responderão com dous. Então o Capitão mór mandou descarregar todos os tiros na cidade, com que lhe fez muyto dano, e se fez á vela caminho de Cochym.

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * feito * Aj.

CAPITULO III.

COMO 'ARMADA CHEGOU A COCHYM, E O CAPITÃO MÓR SE VIO COM ELREY, A QUE DEU GRANDE PRESENTE DE RIQUAS PEÇAS, E VINTE MIL CRUZADOS EM OURO, E OUTRAS COUSAS QUE LHE ELREY MANDOU, E SE FEZ O PEZO DA PIMENTA JUNTO DA POUOAÇÃO, E DO GRANDE PRESENTE QUE O REY DA PIMENTA MANDOU A ELREY DE COCHYM, DE CEM TONES CARREGADOS DE PIMENTA.

E o Capitão mór se fez á vela de Calecut, e chegou a Cochym ao outro dia á noite, onde logo veo visitação d'ElRey, e muytos Portuguezes que vierão em almadias com grandes prazeres, onde ao outro dia o Capitão mór desembarcou com todos os Capitães, e gente muy louçã de vestidos, com muytas bandeiras e trombetas, e toda a armada fez grande salua, e foy desembarcar na fortaleza da tranqueira, que fez grande salua d'artelharia, e assi as carauellas, que estauão com ramos e bandeiras; onde na casa da feitoria ElRey já estaua, que sayo fóra a receber o Capitão mór, e todos os Capitães, com suas cortesias e muyto amor, como se forão naturaes, e ElRey se foy assentar em seu estrado, que tinha á sua usança, onde o Capitão mór se nom quis assentar, senão em huma cadeira d'espaldas, o que lhe foy muyto tachado por pouco acatamento que teue a ElRey, que o bem entendeo, e esteue falando hum pouco, e se despedio, e se sayo, e embarcou em seu tone em que viera, e o Capitão mór sayo até a praya e se tornou pera dentro, do que tudo ElRey se queixou ao feitor, que lho desfez polas melhores palauras que pôde, com que ElRey ficou satisfeito das boas razões que lhe o feitor deu, e falarão na carga, de que ElRey tomou muyto cuidado; e estando praticando, ouvirão tanger as trombetas que hião com o presente, que o Capitão mór mandou por terra para que fosse visto da gente, que erão dez bacios de prata d'agoa ás mãos, que Portuguezes leuauão nas cabeças, em que hião vinte mil cruzados em ouro; e outro homem, com huma toalha nas mãos, leuaua uma espada, e adarga preta bordada e chapeada no meo de chapas d'ouro esmaltadas, e a espada guarnecida d'ouro de esmalte, tudo muy rico, que a espada e adarga mandara ElRey de Portugal leuar de qua pera lhe mandar assy guarnecida; e assy leuauão dez

peças de veludo e cetym de cores, e huma peça de borcado, que cada huma destas peças leuaua hum homem portuguez nos braços abertos, pera que as vissem. E mandou Antonio de Saldanha, e Pero Afonso de Aguiar, e Afonso Lopes da Costa, e Christouão de Tauora, acompanhados com suas gentes, que fossem apresentar a ElRey o presente; e lhe mandou dizer que ElRey seu irmão lhe mandaua aquelle dinheiro pera ajuda de seus gastos, e a espada, e adarga, e peças de seda pera o Principe, que era homem mancebo, dar vestido aos seus fidalgos, e a peça de borcado pera almofadas em que se assentassę. Correo muyta gente a ver o presente, que sendo apresentado a ElRey, assy com os bacios de prata, que tudo lhe derão, o recebeo com grande prazer, e ouvindo o recado que lhe os Capitães derão, disse rindo, que elle queria antes a espada e adarga, que inda tinha força como homem mancebo, e o tomou na mão, e esteue olhando, e todos seus Caimaes e Senhores que com elle estauão. Então deu a espada e adarga ao Principe, dizendo que nom queria que ouvesse menencoria; e todo o mais mandou guardar, e mandou dizer ao Capitão mór que nom tinha com que pagar a ElRey seu irmão tamanhas amizades, senão com lhe carregar bem suas naos, que logo as mandasse concertar, porque lhe queria dar sua carga muy prestesmente, porque ElRey da Pimenta, por auer muyto prazer vendo seu Reyno saluo do Çamorym polo trabalho dos Portuguezes, se lhe mandara offerecer com muyta pimenta: polo que logo ElRey lhe mandou algumas peças do presente, ao que o feitor ajudou com duzentos barretes de grã que lhe mandou mais, e cem duzias de bainhas de facas, que são as cousas do Reyno com que elles mais folgão, do que o Rey da Pimenta ouve grande contentamento, e reteue os tones da pimenta que estauão carregados, até que acabou de carregar cem tones que mandou juntos, que trouxerão mais [1] * vinte mil quintaes, * e chegarão daly a dez dias, que estiuerão aguardando que se fazia entretanto hum caez de madeira, que ElRey mandou ao feitor que fizesse n'agoa, onde estauão as primeiras suas casas, porque os donos dos tones, que são barqueiros que andão a carregar esta pimenta, ás vezes perderão alguns tones carregados, com a corrente da maré que era grande, hindo abaxo á tranqueira pera a des-

[1] * vinte quintaes * se lê no Ms. da Aj. E' erro manifesto, resultante da omissão d'um signal numerico.

carregar na feitoria, do que se queixando os mercadores, ElRey com o feitor ordenarão aly se fazer hum grande caez muy forte de madeira, pera os tones aly entregarem a pimenta, e nom hirem com os tones abaixo; e se fazia este caez antes que as naos chegassem, e nom estaua ainda acabado, ao que se deu muyta pressa com muytos carpinteiros, com que logo em quatro dias se acabou, e entanto nas naos se daua grande pressa com muytos calafates que vinhão n'armada, com que em dous dias dauão os pendores a huma nao, que era muyto bem concertada quanto se podia descobrir das ilhargas e dos altos, e breadas com muyto breu, que tambem Lopo Mendes trouxera de Melinde. E sendo o caez acabado, nelle armarão duas balanças com nossos pezos alealdados com os da terra, e pesauão descarregando a pimenta em huns saquos, que auia na terra muy leues. Os tones estauão de huma parte do caez, e da outra estauão os bateis das naos, forrados d'esteiras grandes de canas, e encima velas velhas, e carregauão e leuauão ás naos; e porque nom podião tanto carregar os bateis, o feitor tomaua grandes paraos das naos dos Mouros com seus marinheiros, que pagaua á vontade de seus donos, com que se dauão grandes auiamentos, com que em todos auia grande prazer, porque acabando hum mercador d'entregar sua pimenta, logo aly no pezo lhe fazião seu pagamento nas mercadorias que elle queria, porque no caez estaua huma casa, em que o feitor tinha sua mesa, e escriuães e as mercadorias, onde estauão escriuães d'ElRey que fazião as contas, assy do que o feitor daua aos mercadores, como os direitos d'ElRey, que lhe os mercadores pagauão, que lhe logo descontauão do que lhe pagauão, e ficaua ao feitor, que depois, acabada a carga, se fazia de tudo conta, e o feitor o daua a ElRey, de que todos seus Regedores, Veadores da fazenda, escriuães, tinhão seus percalços antigos, e outros que lhe mais acrecentarão os Capitães móres per bem de serem mais diligentes. O que tudo se fazia com grande ordem e bom regimento, e acabando o mercador d'entregar sua pimenta, e auido seu pagamento, o feitor, fazendolhe muytas honras lhe daua barretes de grã e bainhas de facas, e pedaços de grã, e de sandolo, com que se elles untão cheirosos, a cada mercador segundo trazia a cantidade de pimenta, com que os mercadores hião muy contentes com muyta vontade de trazerem mais pimenta, com que auia grande auiamento nas carregações que se então fazião, com que vinha tanta riqueza a Portugal; mas depois tudo isto se perdeo, e peruer-

teo com izames, e aproueitamentos de veadores da fazenda que depois houve na India, porque se nom fizessem estes gastos, e com outros males que crecerão, que adiante hirão recontados, vierão as cousas a tanta diminuição que, com muyto trabalho ás vezes, nom podião carregar quatro naos pola falta de pimenta, causa dos muytos males nossos, sem castigo de justiça neste mundo, sómente esperança de castigo no outro.

CAPITULO IV.

DE COMO ESTANDO O CAPITÃO MÓR EM COCHYM O ÇAMORYM LHE MANDOU EMBAIXADOR PEDINDO PAZES, E A REPOSTA QUE OUVE, E COMO DUARTE PACHECO, DE COULÃO, ESCREUEO AO CAPITÃO MÓR DA MUYTA PIMENTA QUE LA' AUIA, E FORÃO LA' CARREGAR CINQUO NAOS, COM AS QUAES CARREGADAS SE VEO A COCHYM.

Correo a noua a Coulão, onde estaua Duarte Pacheco, que nom quis de lá vir, porque os Mouros nom fizessem algum mal aos nossos, em vingança de assy lhe tomar as fazendas que tinhão em suas naos, que era grande soma, e comtudo, porque mandaua muytas visitações á Raynha, ella fazia vir muyta pimenta a Calecoulão. Os Mouros desesperados, porque virão que Duarte Pacheco dizia que primeyro auia de carregar as naos do Reyno, primeyro que daly se fosse, elles tomarão algumas mercadorias da terra, e se forão pera Calecut a tomar suas molheres e casas, pera se hirem pera Meca, como já disse; carregarão alguma pimenta e drogas, que poderão auer em alguns rios, e em Calecut, dando muyta pressa por se partirem da costa, e nom as achassem as nossas naos quando fossem pera Cananor. E posto que o Çamorym lhe fazia grandes seguranças e promettimentos que assentaria as pazes, vendo elles o máo caminho que leuauão seus tratos, e que depois que nom tivessem nauegações ficarião catiuos do Çamorym, derão auiamento a suas carregações o melhor que puderão, e o Çamorym por fazer segurar os Mouros que se nom fossem, e com seu máo coração atrayçoado, quis trabalhar como demonio *a* ver se podia enganar, e ordenou hum mouro muyto honrado que fosse com messagem ao Capitão mór, a que mandou de prezente hum colar de pedraria e duas manilhas, que tudo valia dez mil cruzados, cuidando que com esta isqua tomaria os pexes, e mandou

dizer ao Capitão mór que elle recebera grande paixão do mal que tanto sem razão lhe fizera em sua cidade; que sua detença fora por estar doente de hum accidente que lhe sobreuiera supitamente, mas que por muyto desejar paz em tantos trabalhos tudo já auia de sofrer; que por tanto lhe muyto rogaua, que com qualquer concerto que elle quisesse, lhe confirmasse as pazes que lhe derão os Alboquerques, e assentarão, e com ElRey de Cochym, de que lhe mandaua amostrar seus papeis assinados, e olás d'ElRey de Cochym, com que assentara verdadeira paz, e o libertara da obediencia que lhe daua, que fora tamanha cousa como de lhe dar hum nouo reyno; e dando tanta pimenta graciosamente, com que pagasse a perda das mercadorias do feitor Ayres Correa, tudo fizera sómente com muyta vontade de viuer em paz, e sendo todo assi assentado com muyta verdade, e em Cranganor Aluaro Rafael feitor com dez homens, que recebia pimenta, os nossos quebrarão esta paz sobre lhe quererem tomar seus tones de pimenta, que elle mandaua vir pera dar em Cranganor ao feitor, e sobre lhe tomar o tone e pimenta, lhe forão os nossos fazer mal em suas gentes lhe matando muyta, e todo sofrera sem fazer mal, e se tornára a Calecut, leuando o feitor pera com elle se tornar a concertar este começo de quebra, e o nom prendeo, nem lhe fez mal, mas ElRey de Cochym mandara pescadores em almadias de noite, e lhos furtarão, com as quaes tantas paixões e offensas que lhe assy fizerão, como homem doudo de paixão, fizera a guerra que fez, em que tantos e tão grandes males recebera, que bem tinha o pago da mão dos Portuguezes que lhos fizerão; que por tanto, a todo auendo respeito, o passado fosse passado, e lhe muyto rogaua que as pazes lhe assentasse como quisesse, e em pago da perda da feitoria de Ayres Correa lhe mandaua o colar e manilhas, e se mais quizesse mais daria, com tanto que a paz lhe assentasse, e tudo fosse a contentamento d'ElRey de Cochym.

O Capitão mór, ouvida a messagem do Çamorym em presença dos Capitães, logo sobre o caso moueo pratica de conselho, bem entendendo a falsidade da messagem, e praticarão hum pedaço, e o messageiro foy leuado com seu prezente a casa do feitor, que o agasalhou com muyta honra, dizendolhe o Capitão mór que ao outro dia o despacharia, e logo como o despedio mandou Pero Afonso d'Aguiar a ElRey de Cochym darlhe conta da messagem, dizendo que nom auia de fazer nada senão o que Sua Alteza mandasse. ElRey lhe respondeo que lhe nom deitasse tal

carga ás costas, que elle, e os Capitães, e o feitor, que tinhão bem sabidas as cousas passadas, e entendião bem as presentes, que elles o fizessem como quizessem. Com esta reposta d'ElRey, e conformando-se com o regimento que trazia, em que lhe muyto encarregaua a carregação desta armada, e tudo praticando com os Capitães, e assentada a reposta a deu ao messageiro, que dissesse ao Çamorym, que tendo elle tantas vezes falsado sua verdade não fora razão nem tão sómente ouvir sua messagem ; mas pois elle tinha as pazes que lhe os Alboquerques derão, que as guardasse elle da sua parte, porque elle nom lhas auia de quebrar se as elle guardasse, e que *se* esbombardeara a Cidade que castigasse elle por isso seus Regedores, que fizerão delle escarneo e zombaria, sem lhe responder, e o fizerão aguardar debalde. Com que despedio o messageiro. Da qual reposta os Mouros nom ficando contentes se começarão apperceber depressa pera se partirem. Desta messagem de paz do Çamorym, e reposta do Capitão mór foy rebate a Coulão, com que tambem os Mouros se embarcauão, e partião á mór pressa que podião.

Duarte Pacheco fez saber á Raynha as muytas naos que erão vindas pera carregar; que lhe pedia que fizesse vir toda a mais pimenta que podesse, no que ella deu muyto auiamento, e Duarte Pacheco o escreueo ao Capitão mór que lá podião carregar quatro naos, as móres que tiuesse, com que o Capitão mór muyto folgou, dizendolhe que compria que lá estiuesse até carregarem. Do que o Capitão mór lhe mandou muytos agradecimentos, e logo mandou lá Afonso Lopes da Costa, Pero de Mendoça, Simão d'Alcaçoua, e Leonel Coutinho, e Lopo d'Abreu, que estauão já concertados dos pendores, que como lá chegarão logo começarão a carregar, assy que em Coulão e Cochym se daua grande auiamento á carga. Onde assy estando derão noua a ElRey de Cochym que hum zambuco carregaua pimenta em hum rio de Cranganor, o que elle mandou dizer ao Capitão mór que o mandasse buscar, o que elle fez, que logo mandou Tristão da Silua com quatro bateis com berços e gente, e foy em busca do zambuco, que achou mettido em hum esteiro, desemasteado e coberto com ramos porque o nom vissem ; e estauão com elle dous paraos em guarda delle, com que os nossos pelejarão entrando o esteiro com a maré, e os entrarão ás lançadas, com que os Mouros fogirão pera terra, e os nossos trouxerão os paraos, e o zambuquo, que já estaua carregado de pimenta, com que se tornarão a Cochym, onde

tambem chegou [1] * a Cochym * Diogo Fernandez Peteira, da companhia de Antonio de Saldanha, que atrás ficara, como já disse.

Das naos que forão a Coulão, duas forão ao porto, que carregarão hy a pimenta e drogas que estauão na feitoria, que se tomara ás naos dos Mouros; as outras carregarão no rio de Calecoulão, em que se deu tal auiamento que em vinte dias forão carregadas, do que Duarte Pacheco sempre escreuia ao Capitão mór, o qual escreueo carta á Raynha de grandes comprimentos e obrigações, e lhe mandou presente de peças de seda, e coraes, e rico espelho, e agoas de cheiro, com que ella muyto folgou. E sendo as naos carregadas se partio com ellas Duarte Pacheco com suas carauellas, que chegando a Cochym, o Capitão mór e todos os Capitães o receberão com grandes honras, e o [2] * Capitão o fez embarcar na sua nao pera o Reyno, * de que lhe deu a capitania: a que ElRey de Cochym fazia grandes honras, e lhe deu graciosos quatrocentos quintaes de pimenta, ametade pera pagar os direitos, e ametade que lhe ficasse, e em peças d'ouro e dinheiro lhe deu muyto, e escreueo sobre elle a ElRey, e lhe mandou por escrito todas as cousas que passarão na guerra, que elle todo mandara escreuer, e assinou de sua mão, pedindo a ElRey que lhe pagasse seus seruiços, que erão tantos e tam grandes, que elle nom era poderoso de lhos pagar, e fez assinar o feitor, que tanto falarão de seus feitos que ElRey lhe fez muy grandes honras, e em procissão foy da Sé a sam Domingos, leuando junto de sy Duarte Pacheco e da outra banda o Principe, e em são Domingos ouve missa solene e pregação em louvor de seus honrados feitos, e lhe deu Dom, e acrecentou no escudo de suas armas coroas de Reys por honra dos que vencera, e lhe deu tenças com que viueo com muyta honra, e os que delle descenderão.

[1] De menos na copia da Aj. [2] * Capitão mór o fez embarcar para o Reyno na sua nao * Aj.

CAPITULO V.

COMO O CAPITÃO MÓR MANDOU A CRANGANOR GENTE A PELEJAR COM OS PARAOS ARMADOS, QUE TINHA O IRMÃO DO ÇAMORYM, PERA COMO PARTISSEM AS NAOS VIR DAR NA TRANQUEIRA, E QUEIMAR OS NAUIOS, E O QUE NESTE CASO SE PASSOU.

Estando assy carregando as naos, antes que viessem as de Coulão, El-Rey de Cochym disse ao Capitão mór que o irmão do Çamorym, que elle mandara estar em Cranganor com dous mil homens de peleja, tinha aly feitos outenta paraos, já acabados e concertados, pera tanto que se elle partisse vir dar na nossa tranqueira e a queimar; que por tanto compria, que antes que se fosse, os mandasse tomar. O que logo ordenou o Capitão mór, e elle em pessoa quis lá hir, como foy com dezoito bateis, e leuou os dous grandes com suas mantas, que leuauão camelos, e em outros quatro bateis das naos tambem mandou fazer mantas e metter camelos, e nos outros falcões e berços, e leuou a carauella de João Serrão, que demandaua pouco fundo, com seis camelos e doze falcões, e vinte bombardeiros, e nos bateis Pero Afonso d'Aguiar, Antonio de Saldanha, Ruy Lourenço Rauasco, Tristão da Silua, Felippe de Crasto, a que deu a dianteira, e Manuel Telles de Vascogoncellos, e Vasco da Silueira, e Christouão de Tauora, e Manuel Telles Barreto, e Vasco Carualho, em outro esquadrão; e o Capitão mór nos outros bateis com muytos fidalgos e caualleiros, Aluaro Rafael, Diogo Pires de Mello, Antonio Fernandez Roxo, João Rodrigues Badarças, João Lopes Perestrello, Diogo Pires Feo, Ruy de Mendanha, João Franco, Antonio Figueira, Gonçalo Arraes, Cide de Sousa, Duarte Ferreira, João d'Aguiar, Diogo de Crasto, Aluaro Botelho, Pero d'Aluarenga, João de Freitas, Lopo Cabral, João d'Araujo, Pero Fernandez Botelho, e outros, que todos erão usados na guerra do cerco de Cochym, e forão muytos homens em almadias, e se foy com esta gente a Paliporto, que era huma pouoação que estaua na entrada da barra do rio de Cranganor, e daly forão polo rio acyma onde estauão os paraos com muyta gente, e com elles estauão cinquo naos que elles querião defender, que estauão assy com muyta gente, e os paraos estauão alem de Cranganor mea legoa, onde o Capitão mór ficou

com a carauella na boca do rio. Os bateis hião na dianteira, que todos leuauão mantas e camelos, que os paraos nom estimarão, atreuendose na muyta gente que tinhão, e com muyto esforço forão cometter os bateis, que aleuantando as mantas derão fogo, com que logo forão espedaçados oito paraos, de que a gente se deitou no rio, e os bateis, remando áuante, forão rompendo ás lançadas por antre os outros, com muytas panellas de poluora, com que forão pelejando até que os bombardeiros tornarão a carregar outra salua. Os outros bateis dos outros esquadrões forão cometer os paraos per outras partes, que com o muyto poder d'artelharia os emburilharão huns com outros, todos se defendendo com muyto esforço por muyta gente com infinidade de frechas, e pedras de fundas, que foy o exercicio que lhe ensinarão os Italianos, que tirauão com fundas tantas pedras que cobrião os bateis; mas os tiros erão os que fazião todo o mal, e porque na terra estaua o irmão do Çamorym com muyta gente em fauor dos paraos, dos bateis lhe deitarão lá huns pelouros com que derribarão e matarão muyta gente, com que logo todos fogirão, a que os nossos derão grandes gritas, [1] * tangendo * as trombetas cometerão os paraos tão fortemente, que como lhe chegaua o assombramento de hum pelouro logo se deitauão ao mar, ao que então alguns paraos se atreuerão nos remos, e se ajuntarão vinte, que em hum esquadrão se expedirão dos bateis e forão por tomar a carauella, o que nom fôra muyto se nom estiuera como estaua, por * que * sem embargo de ella meter no fundo tres, e quatro arrombados, os outros chegarão, e todos abalroarão esforçadamente pera entrar, mas da carauella lhe fizerão tal recebimento de panellas de poluora e lançadas, que todos se tornarão atrás queimados, e feridos, e outros que se logo deitarão n'agoa por matar o fogo, e outros que se afastarão, e na carauella ficarão cinquo apegados sem gente, em que os nossos entrarão, e a remo se forão após os que fogião, os bateis fazendo sua obra dos tiros que nom auia quem os aguardasse, com que de todo forão os paraos desbaratados, sómente alguns que durando a reuolta se colherão a remo; e ficarão passante de cinquoenta espedaçados, e tomados sãos treze, que com a maré leuarão á carauella onde estaua o Capitão mór. Alguns christãos da terra vierão ao Capitão mór pedir misericordia, que nom mandasse queimar a pouoação, porque

[1] * tangerão * Aj.

tinhão hy huma Igreja, e em suas cazas cruzes, que erão Christãos da ensinança de Santo Thomé; do que aprouve ao Capitão mór, e por ysso deixou de queimar a pouoação, que estaua despouoada, que era toda a gente fogida com ElRey.

Dos nossos houve seis mortos e muytos feridos, e dos Mouros muyta gente; com que o Capitão mór se tornou a Cochym, que ElRey veo receber com o Principe com muytas honras.

O Capitão mór, descansando dous dias com a gente, entendeo no que compria, e mandou varar quatro carauellas, e que as desfizessem, ou lhe pozessem o fogo, e lhe tirassem a pregadura, porque erão já muyto velhas, e nom tinhão corregimento senão fazelas de nouo; e então fez capitão do mar a Manuel Telles de Vascogoncellos com o nauio de Antonio do Campo, e Diogo Fernandez Peteira, e d'Antonio de Saldanha, e Ruy Lourenço, e de Christouão de Tauora, que destes cinquo nauios, *e* de duas carauellas, fez nouos Capitães, a saber: o Capitão mór Manuel Telles, Ruy de Mendanha, Duarte Ferreira, Lopo Cabral, Aluaro Botelho, Aluaro Rafael, Cide de Sousa, que folgarão de ficar, que os outros se quiserão hir pera o Reyno, e ordenou que ficassem em Cochym cento e vinte homens de que o feitor fez rol, e em Coulão cinquoenta, e em Cananor oitenta, que todos se assentarão em rol cada hum onde queria ficar, que erão duzentos e cinquoenta homens; e fez trezentos que ficassem n'armada, de que tambem se fez rol; e deu regimento ao Capitão do mar que corresse a costa, e fizesse todo o mal que pudesse a quantos Mouros achasse de Calecut; que nom estiuesse no porto de Calecut, ou em seus rios, porque elle dera palaura ao Çamorym de lhe guardar seus portos sómente, e que se recolhesse a enuernar em Cochym, onde podião entrar as naos que lhe deixaua, e se ouvesse sospeita de guerra do Çamorym recolhesse a gente de Cananor e Coulão pera Cochym, e recolhesse mantimentos em abastança, que estiuessem na tranqueira; e ao feitor encarregou que encileirasse quanta pimenta podesse, e em tudo proueo o que compria, e tendo as naos de todo auiadas se foy ver com ElRey e darlhe conta de tudo o que deixaua concertado, com que elle ficou satisfeito e contente, e lhe deu cartas e cousas pera ElRey, com que se despedio, e embarcou, e foy pera Cananor ao longo da costa, leuando comsigo as carauellas todas e nauios d'armada, que hião ao longo da costa, e as naos da carga hião mais largas ao mar.

CAPITULO VI.

DA PELEJA QUE O CAPITÃO MÓR HOUVE COM NAOS DE CALECUT NO PORTO DE TRAMAPATÃO, E AS DESBARATOU, E SE FOY A CANANOR, ONDE SE DESPEDIO D'ELREY, E PARTIO PERA O REYNO.

Os Mouros de Calecut, que estauão ordenados se passarem pera Meca em grandes naos, pera leuarem suas fazendas e casas, carregarão quanto puderão em Calecut, e por muytos rios, e sabendo que as naos erão carregadas, e que o Capitão mór queria partir, e auia de hir ao longo da costa onde elles tinhão suas naos carregadas, nom se ouverão por seguros d'algum desastre, polo que logo se partirão muytas que se forão ajuntando pola costa, e porque inda tinhão que carregar, se forão ao porto de Tramapatão, que era d'ElRey de Cananor, e á vista da cidade, pera aly estarem dissimuladamente até que o Capitão mór passasse, e se tornarem a Calecut acabar de carregar; * e * porque no porto estauão muytas naos de Cananor se metterão antre ellas, onde o Capitão mór lhe nom faria mal, e mais que em Cananor tinhão muytos amigos e parentes. O feitor, e os que estauão em Cananor, virão tantas velas grandes sorgir em Tramapatão que cuidarão que era armada de Calecut, mas logo foy dito ao feitor o que era, ao que elle logo á pressa por huma almadia o escreueo ao Capitão mór, certificandolhe a muyta riqueza de drogas que as naos tinhão, com que querião passar pera Meca, e que ElRey de Cananor auia muyto pezar os Mouros se virem recolher a seu porto, e o mandara chamar, e em segredo lhe dissera que lho mandasse dizer por esta almadia, em que mandou hum portuguez com a carta, dizendo que ElRei folgaria que destroisse estas naos, porque sem sua licença se vierão metter em seu porto.

O Capitão mór, ouvido este recado, se foy chegando a terra, e mandou as carauellas que entrassem no porto de Tramapatão, e sorgissem antre as naos que estiuessem no porto e a terra; o que assy fizerão, e o Capitão mór sorgio defronte dellas, e então mandou a seu contramestre no esquife [1] * que fosse * chamar todos os nacodas, que são os mestres

[1] De menos no Ms. da Aj.

das naos dos Mouros, os quaes logo forão boamente, que se metterão em seus paraos, que no porto estauão mais de oitenta naos grandes e muytos zambucos, e antre ellas estauão vinte e tres naos de Calecut, que estauão meas carregadas, em que Mouros de Cananor tinhão suas parçarias, e elles forão os que derão o ardil aos de Calecut que aly se fossem metter em Tramapatão. Os Mouros que vierão á nao do Capitão mór lhe falarão verdade, e lhe mostrarão as naos que erão de Calecut, e os deixou. O Capitão mór pôs bandeira na quadra, a que logo vierão os Capitães, a que deu conta do que passaua, e praticando assentou de queimar as naos, sem tomar dellas nada, por mostrar que era vingança e nom roubar, sómente que nom tolhia que os homens tomassem o que achassem, e liuremente o levassem em suas camaras e arquas, porque seu trabalho nom ficasse sem proveito; e porque era já sol posto mandou as carauellas ter vigia, que de noite se alguma nao fizesse vela lhe tirassem e a mettessem no fundo.

Os Mouros, vendose assi tomados, determinarão defenderse, porque tinhão muyta gente e artelharia, atreuendose com as carauellas, que bem sabião que as naos da carga nom auião de chegar onde ellas estauão, e se derão cabos, e se chegarão humas a outras, e s'encadearão todas, e fizerão per todas andaimos de tauoado com grandes arrombadas pera defensas dos tiros, e toda a noite recolherão muyta gente que lhe veo de terra, em modo que todas estauão postas em um renque, ilhargas com ilhargas, e per todas hum andaimo que todas se podião correr, e amanhecerão muy embandeiradas, com seus tangeres e gritas mostrando muyta valentia, e a todas dados cabos em terra, que derão caladamente que as carauellas nom sentirão, pera se alarem a terra quando lhe comprisse; e estauão com muyto atrevimento, parecendolhe que nom auião de ter mais peleja que das carauellas. Quando foy menhã, que o Capitão mór vio o aparato em que as naos estauão, mandou dizer a todas as outras naos do porto que se afastassem das de Calecut, o que assy fizerão a gram pressa; mandou as carauellas que se sayssem donde estauão, e se pusessem ás ilhargas das naos, tres de cada cabo, e mandou aos Capitães dos nauios d'armada, que erão Manuel Telles, Capitão mór, Ruy de Mendanha, Duarte Ferreira, Aluaro Botelho, Lopo Cabral, que se chegassem com seus bateis ás proas das naos dos Mouros, e deitassem as anquoras polas popas, pera se tornarem a alar a ellas quando comprisse; e lhes

mandou a todos que ao sinal de hum tiro, que elle faria, largassem os cabos por mão, e fossem abalroar as naos dos Mouros, e todo seu feito fosse deitarlhe fogo, pera o que leuauão muytas lanças de fogo, e panellas de poluora, que lhe deitarião das gaueas, e posto fogo logo se tornassem 'afastar alando-se a suas amarras; e mandou ás carauellas que nom abalroassem, sómente tirassem tiros por baixo a metter as naos no fundo, e a matar a gente por cyma. E mandou os Capitães das naos da carga que fossem nos seus bateis com berços e gente tomar as popas das naos dos Mouros, e a ellas nom chegassem, sómente andassem a matar a gente que se deitasse a nado. Todos estes concertados os nossos fizerão durando o vento da terra, que foy até meo dia, e porque os nauios se poserão assy compassados nas proas das naos dos Mouros, e assy as carauellas, que todos estauão a tiro, os Mouros ficarão muy esforçados, parecendolhe que os nossos nom ousauão de chegar aos abalroar, e começarão a tirar com muyta artelharia que tinhão, que tirauão por debaixo dos andaimos; o que vendo o Capitão, mandou aos nossos que tambem lhe tirassem, e se começou a briga ás dez horas, sómente de bombardadas, que as carauellas fazião a mór obra, com que tanto apertarão os Mouros, que elles se forão recolhendo pera as naos do meo, porque as naos que estauão nos cabos estauão desfeitas dos tiros, com muyta gente morta, e erão os Mouros já muy apertados, e alguns marinheiros que a nado fogião pera terra, os bateis os matauão, o que assy durou até o vento acalmar, que começou a vir a viração do mar. O Capitão mór se fez a traquete, e assy as outras naos, e se vierão chegando mais perto com bandeiras, e tangeres * de * trombetas, e sorgirão perto dos nauios, a que o Capitão mór fez o sinal, que sómente derão os traquetes das gaueas, com que chegarão ás naos dos Mouros, que os receberão com muyta artelharia e nuvens de frechas, que os nauios forão cobertos d'ellas, e de muytas pedras das gaueas das naos dos Mouros; onde os nossos forão muy maltratados, e mortos, e feridos, porque os andaimos dos Mouros erão mais altos que os chapiteos dos nauios, em modo que os Mouros pera pelejar tinhão muyta auantagem, porque os nossos os nom podião entrar, sómente toda a guerra que os nossos fazião era das gaueas, donde lhe deitauão tantas panellas de fogo, e saquités de poluora, que o fogo se accendeo em tres partes nas naos dos Mouros, ao que o Capitão mór logo mandou a seu esquife dizer aos nauios que se afastassem, o que

elles fizerão. Então com artelharia *forão* fazendo sua obra, e o fogo que os Mouros nom poderão apagar, que com o vento se aleuantou muy grande, polo que então os Mouros, cortando suas amarras, se alarão aos cabos que tinhão em terra, e o vento os leuaua pera terra, e se nom ousauão deitar a nado, por *que* vião os bateis que andauão por suas popas matando ás lançadas os que fogião: mas o grande fogo que se aleuantou nas naos os fez lançar a nado, que era o mar coberto delles, ao que acodirão os bateis dos nauios e carauellas, que fizerão tão grande matança que o mar era todo feito sangue, que com a corrente d'agoa ao longo da terra foy ter á baya de Cananor. E porque as naos forão encalhar na terra, e com o grande fogo os bateis nom podião andar pola praya, foy causa que inda se saluarão muytos Mouros, que forão os que nom sabião nadar, que andauão pegados nas naos. Então o Capitão mór mandou recolher os bateis, que era já quasi ás quatro horas da tarde. Dos nossos forão mortos oito, e feridos muytos, e dos Mouros mais de mil, e ardeo nas naos fazenda que valia hum conto d'ouro, e as carauellas que estauão perto da praya sempre fazião sua obra, tirando á gente da praya, que acodio pera saluar fazenda das naos. Ardeo o fogo até agoa, que cousa nenhuma saluarão, e sendo noite, que o vento veo da terra, o Capitão mór se fez a traquete e mezena, e foy sorgir sobre Cananor, onde amanhecendo apareceo toda a armada embandeirada, e fez salua com muyta artelharia.

Os Mouros de Cananor, que todos receberão muyta perda de fazendas, e d'amigos e parentes, fazendo grandes uniões e cramores se forão a ElRey, e ao Principe, que hy estaua então, que era muyto amigo com os Mouros polo que lhe dauão, dizendo a ElRey que estimasse, e sentisse muyto a grande deshonra e offensa que lhe os nossos fizerão em assy lhe queimarem seu porto, que pera tamanhas honras e amizades que elle fazia aos nossos tal cousa nom ouverão de fazer, *e* inda que pelejando com os nossos se recolherão a seu porto lhe ouverão de guardar sua honra, o que nada os nossos catarão, e lhe fizerão esta tamanha deshonra, que per toda a India ficaua fama de tamanha deshonra. ElRey, encobrindo o grande prazer que disso tinha, se mostrou muyto menencorio contra os Mouros, dizendo que era razão que nelles tomasse vingança da sua deshonra, que lho merecião porque lho nom forão dizer que aly se acolhião as naos de Calecut, pera que elle mandara seu recado ao Capitão mór

antes que chegasse, e nom fizera o mal que era feito, e por elle saluar as naos os mercadores lhe derão muyto dinheiro; polo que elles tinhão de tudo culpa, e os despedio, postoque o Principe muyto os ajudaua. Então ElRey, por comprazer aos Mouros, que de todo nom cuidassem que elle os desfauorecia, mandou dizer ao Capitão mór por o seu Gozil, que tinha grande pezar por lhe nom catar sua honra, e nom deuera fazerlhe tamanha offensa a sua honra, tendo tamanho credito de grande amizade que tinha com os Portuguezes, com que pera sempre ficaria perdido seu credito, com que ficaua anojado pera sempre.

O Capitão mór, sentindo que era o recado comprimento que ElRey queria ter com os Mouros, lhe respondeo que elle auia muy grande pezar de seu nojo, mas que lhe nom désse a culpa a elle, senão aos proprios Mouros, que com suas soberbas forão causadores do mal, porque faltandolhe o vento pera chegar á baya, sorgio em Tramapatão contra sua vontade, porque aly sabia que aly estauão naos de Calecut, e por nom ter vontade de pelejar senão hir seu caminho com suas naos carregadas, por ysto encobrir «mandey trazer os nacodas de todas as naos,» «e me fiz paruo como que o nom sabia, e lhe perguntey se estauão aly» «naos de Calecut, e todos os outros o negarão dizendo que não, o que» «assy nom quiserão dizer os Mouros de Calecut, que me disserão muy» «foutamente que estauão aly trinta naos carregadas de fazenda, que hião» «pera Meca; do que me muyto pesou tal lhe ouvir, que quizera eu que» «elles mo negarão, e os torney a mandar pera suas naos, parecendome» «que fossem a Sua Alteza a lhe pedir que me mandasse dizer que lhe» «nom fizesse mal, ou que ysto fizessem os mercadores d'aqui de Cana-» «nor, que bem sey que são seus parentes e tem suas parçarias; o que» «huns nem outros nom quizerão fazer nada, que com meo recado, que» «me Sua Alteza mandara, eu folgara muyto por escusar trabalho; mas» «os Mouros com suas soberbas nom curarão de nada disto, mas de» «noite se concertarão e encadearão, e se aperceberão de guerra, que» «quando amanheceo derão gritas com muytos tangeres, deitando fogue-» «tes e tirando ás carauellas, e eu mandey que se afastassem fóra da» «terra, e que lhe nom tirassem, e assy estiue todo o dia aguardando» «que me fosse algum recado, que eu muyto desejaua por nom pelejar,» «e nom vi nenhum, com que os Mouros cuidarão que de medo com» «elles nom hia pelejar, polo que dauão móres gritas, tirando muyta»

« artelharia, polo que então, forçadamente com paixão, mandey queimar »
« as naos, nom estimando a muyta riqueza que nellas estaua, com que »
« fizera riqua quanta gente tenho; que esta he a verdade, e se no que »
« fiz errey peço a Sua Alteza muytos perdões. » A qual reposta ouvida por ElRey perante os Mouros, inda muyto mais se tornou a queixar com elles, que forão cauza de todo o mal que se fizera. ElRey ficou em seu coração muyto contente do mal dos Mouros, e da reposta do Capitão mór com tanto comprimento de sua honra, do qual feito os Mouros ficarão muy magoados.

O Capitão mór foy a terra a ouvir missa, e confessar, e comungar, como fizerão os Capitães, e muyta gente, onde ElRey lhe mandou dizer em segredo polo feitor o grande contentamento que lhe ficaua, pola destroição que fizera em Tramapatão, e com sua boa reposta, com que ficara desobrigado das contendas e achaques dos seus Mouros. O Capitão mór, por lhe pagar esta boa vontade que mostraua, lhe mandou huma carta patente, por elle assinada, e asselada, em que lhe daua poder e liberdade que elle podesse dar seguro a todalas naos de Calecut, que ninguem lhe fizesse mal estando em qualquer porto seu, e que mostrando este seu seguro todolos Capitães e Portuguezes lho guardassem como seguros de Capitão mór, e tambem désse cartas a quaesquer naos que carregassem em seus portos, que seguramente podessem nauegar pola costa da India, que ninguem lhe fizesse mal, e assy e da maneira como se fosse seguro do Capitão mór, porque assy o auia por bem, por ElRey de Cananor ser verdadeiro amigo e irmão d'ElRey de Portugal. E mandou esta prouisão a ElRey polo feitor, que lhe disse que a mandasse apregoar; com que ElRey ouve muy grande prazer, e por muy grande honra a mandou tresladar e apregoar pola cidade com grandes honras, segundo seu costume, esperando que de dar os taes seguros e cartazes lhe viria muyto proueito, e nobreza a seus portos; com que os Mouros ficarão muyto contentes, vendo que ElRey tinha tamanho poder.

Esteue a armada em Cananor oito dias tomando o gengiure e cousas pera sua viagem, que tudo tinhão prestes; então se mandou despedir de ElRey polo feitor, a que ElRey deu cartas e cousas pera ElRey, e lhe mandou muyto refresco; e se fez á vela a dezasete dias de Dezembro deste anno, e Manuel Telles, Capitão do mar, foy com as naos até a tarde, que se despedio e tornou pera terra.

As naos seguirão seu caminho, e porque Lopo Soares fez caminho pera Quiloa, Antonio de Saldanha lhe pedio licença pera hir a Melinde a buscar fazenda que lhe lá ficara, do que aprouve ao Capitão mór, e por elle mandou seu recado a ElRey, e dar conta de como hia, e o como ficaua a India. Antonio de Saldanha esteue em Melinde dous dias, e recolheo muyto dinheiro, que hy tinhão dous homens seus, que elle hy deixara vendendo muytas mercadorias, que tomara andando d'armada, em que fez muyto dinheiro, e se partio, e foy a Quiloa, onde achou 'armada que estaua tomando agoa e lenha; e o Capitão mór arrecadou as pareas do Rey, e se partio, e nom tomou Moçambique, e foy sua viagem, e chegou a Lisboa a saluamento com treze naos carregadas, que na Ilha Terceira se ajuntarão todos em quanto a nao do Capitão mór tomou huma agoa que fazia. Entrou em Lisboa a vinte de Julho, e em sua companhia entrarão tres carauellas da Mina com muyto ouro, e duas naos de Frandes, que per acerto com elle entrarão todos em huma maré, que foy a mais rica maré que nunqua entrou em Lisboa até aquelle tempo.

ElRey estaua em Cintra, e logo veo a Lisboa, vindo de Cascaes vendo como as naos entrauão, que recebeo Lopo Soares com muytas honras, e a todos, e mórmente a Duarte Pacheco, a quem ElRey fez grandes honras e mercês, como já atrás disse.

CAPITULO VII.

DO QUE FEZ MANUEL TELLES DE VASCOGONCELLOS, [1] CAPITÃO MÓR DO MAR, DEPOIS DE PARTIDAS AS NAOS PERA O REYNO.

Quando assy Manuel Telles com sua armada mandou hir pera Cochym as quatro carauellas, que se auião de se desfazer por serem muyto velhas e nom terem corregimento se nom fazerem-se de nouo, mandou dizer ao feitor, que as varasse até elle hir: o que assy fez, e com as outras duas carauellas, e cinquo nauios, em que leuaua quatrocentos homens, afóra os que ficauão em Cananor, Cochym, Coulão, como já

[1] Assim lhe chama tambem Castanheda, Hist. da Ind., Liv. I, Cap. XCVI; mas deve lêr-se Manuel Telles Barreto, se não erram Gaspar Correa, no principio do Cap. I d'esta Lenda, pag. 494, e Barros, Dec. I, Liv. VII, Cap. IX e XI.

disse, que os mais delles erão alejados de feridas, e doentes amarellos, opados, que era doença da terra, porque o principal mantimento era arroz, porque nom auia trigo pera fazer pão. O Capitão mór partio de Cananor, e se foy ao longo da costa, e foy ao porto de Baticalá, onde esteue dous dias, e se partio correndo a costa até Dábul, nom achando senom zambucos de pobre gente, que passauão pera Cambaya com mercadorias da terra, com que nom queria entender, e se tornou na volta de Cochym, e sendo na paragem do Monte Fermoso ouverão vista de tres velas muyto longe ao mar, ao que o Capitão mór logo se fez na volta dellas, que era pola menhã, e ventaua o vento da terra, com que seguirão após ellas até lhe acalmar o vento que era das dez horas, sendo os nossos já á vista das naos, que ellas vião os nauios a que hião fogindo; e sendo assy o vento calma, por as naos estarem muyto longe nom forão os bateis a ellas, mas vindo a viração do mar as naos se fizerão á vela atrauessando pera o estreito de Meca, e os nauios após ellas, que nom corrião tanto, sómente o nauio de Ruy de Mendanha, que era melhor de vela, que as alcançou sobre a tarde, tão longe que já nom auião vista da terra, e chegando lhe capeou com bandeira que amainassem, o que ellas nom querendo fazer lhe tirou com tiros miudos ás velas, com que lhe fez tantos buracos que perdião o vento e nom andauão, com que os nauios forão alcançando, e chegarão ás naos quasi sol posto, e o Capitão mór vendo que era bom remedio, lhe mandou tirar ás velas em tanta maneira que nom puderão andar, nem querendo amainar se poserão em se defender tirando muyta artelharia, de que hum pelouro entrou na carauella a Aluaro Rafael, que lhe matou dous homens, e as rachas dos paos ferirão outros, e outro tiro passou o nauio do Capitão mór polo conués de ambas as bandas, e lhe matou hum homem, e dous negros. Os nauios se apartárão com cada nao, sempre lhe tirando ás velas, em que cayo a verga a huma dellas, e porque a noite era escura, os Mouros podião metter outras velas, o que assy quizerão fazer, mas os nauios andauão tão perto dellas que nom ouzauão bolir, porque logo dos nauios lhe tirauão muytos tiros com que lhe matauão a gente por cyma, em tal modo que assy estiuerão até amanhecer, inda nom se querendo render senão tirando muytos tiros. Então o Capitão mór tirou com hum camello, e passou huma d'ambas as partes, com que matou muyta gente que hia debaixo; porque estas naos estauão dentro no rio de Panane, e nom say-

rão fóra se não depois que passarão as naos da carga, que ouverão noua do desbarato de Tramapatão, então ficando mais seguras sayrão do rio, e carregarão pimenta e drogas que hy tinhão, e nellas se embarcarão muytos Mouros com suas molheres e familias, com que se partirão pera Meca, e por terem noua que os nossos nauios erão partidos de Cananor pera Cambaya, se forão auer vista do monte Dely pera daly tomarem sua derrota pera o estreito de Meca, com que fazião certa sua nauegação.

Os Mouros, vendo sua má ventura, e * que * nom podião escapar, amainarão; o que assy fizerão os nauios. Então os Mouros deitarão suas barcas fóra, em que os Capitães se metterão, * e * forão ao Capitão mór pedindo misericordia, e lhe prometterão cem mil pardaos d'ouro, e que os largasse. O Capitão mór, « Porque vós outros nom amainastes, » lhe disse, « obedecendo a esta bandeira d'ElRey de Portugal, que he Senhor » « do mar, por isso auereis muyto mal. » Então mandou metter em huma das naos os Mouros todos, e mandou descarregar nos nauios a pimenta e drogas, que carregarão quatro nauios, porque as naos erão muy grandes, e sendo descarregadas de toda a fazenda, e roubadas de muytas cousas ricas que se * acharão * [1] nas camaras dos Mouros, e ricas joyas de suas molheres e filhas, que erão muytas, e mettidos nellas todos os Mouros, tambem se descarregou a outra nao, que carregou outros dois nauios, e assy despojadas de tudo o que os nossos quiserão tomar, mandou o Capitão mór metter em huma das naos todas as molheres e crianças, e com os marinheiros sómente que a nauegassem. Então ás outras duas naos mandou poer fogo, e os bateis com gente que matassem os Mouros que se deitassem a nado, o que elles assy fizerão todos, nadando pera se metterem na outra nao das molheres, que os nossos nom puderão tanto defender, que nom entrarão dous Mouros, que com facas que leuarão começarão a matar as molheres, ao que acodio Cide de Sousa no seu batel, e entrou na nao, e matou os Mouros, tendo elles já mortas muytas molheres e meninas. Então deu toa á nao, e com o seu batel a leuou hum pedaço porque os Mouros nom fossem a ella, e andarão matando quantos andauão no mar até nom ficar nenhum ; e as naos arderão até agoa, que se forão ao fundo. Então se foy na volta da terra, e anoitecendo

[1] * achou * Arch. e Aj.

chegou ao Monte Dely, onde escreueo huma carta ao Rey de Cananor, dizendo que achara no mar tres naos soberbas, que nom quiserão amainar, que por isso as tomara e recolhera a seus nauios a pimenta e drogas que leuauão, e queimara as naos e matara os Mouros, e que as molheres e crianças, que nom merecião mal lho nom fizera, que todas lhas mandaua, que fizesse dellas o que fosse sua vontade com a nao em que hião, porque elle se hia a Cochym descarregar os nauios. E com a viração passou de longo, e mandou a nao dos Mouros a terra, e nella dez homens que fizerão sorgir a nao na baya, e hum delles foy leuar a carta a ElRey, que logo mandou recolher e leuar pera suas casas todas as molheres, que hião fazendo grandes prantos polos seus maridos mortos, ao que acodirão quantos Mouros auia em Cananor, que tambem pranteauão seus amigos e parentes mortos, e fazendo grandes cramores ante ElRey, cada hum lhe pedindo as molheres e filhas de seus parentes, que conhecião; a que ElRey deu algumas, a outros resgatou por muyto dinheiro, dizendo que rogassem aos pagodes pola vida do Çamorym, que por sua causa lhe vinhão tantos bens, polos bons conselhos que os Mouros lhe dauão contra os Portuguezes, a quem auião de obedecer forçadamente, pois erão senhores do mar.

O Capitão mór mandou a Cochym, e mandou a ElRey grande presente de ricas peças que se tomarão nas naos, que elle comprou e pagou aos homens que as tomarão, que valião mais de cinco mil pardaos; e entregou ao feitor oitenta mil pardaos d'ouro, que se acharão nas naos, que da sua chaue os fechou em huma arca, pera depois fazer partes com a gente per nouo regimento que lhe ficara; e descarregou as fazendas, onde pôs hum homem como feitor, e escriuão, que estiuessem ao peso das mercadorias, de que tambem se auia de fazer conta pera as partes que se auião de repartir; onde assy estando, o feitor falou com o Capitão mór que se tornasse ao mar, e andasse sobre Calecut até inuerno çarrado que mais nom pudesse, porque na boca d'inuerno as naos de Meca vinhão demandar de mar em fóra a cidade de Calecut, e tomauão qualquer terra em que descarregauão dinheiro, que nom trazião outras fazendas, e esto fazião com medo de nom toparem os nossos nauios. O que o Capitão mór assy o fez, que como os nauios forão descarregados se foy polo mar larguo, e na paragem do Monte Dely pôs dous nauios ao mar hum á vista do outro, e lhes mandou que se com elles viessem ter naos de

noite as fossem sempre esbombardeando pera elle as ouvir; e o Capitão mór com os outros nauios se deitou sobre Calecut, huns á vista dos outros, e tanto largos da terra que quasi o nom virão, onde estiuerão passando o tempo até Mayo, passando muytas chuiuas e trouoadas.

Os nauios do Monte Dely ouverão vista de huma nao, e lhe derão caça, que a nom alcançarão senão por noite, e lhe bradarão que amainasse. A nao leuaua muyto vento, determinarão os Mouros hirem pelejando e se defenderem até varar em terra; os nauios lhe hião tirando com berços, por lhe derribar a vela, a que a nao respondia com muytos tiros que leuaua, e assy [1] * forão * toda a noite até amanhecer, que os tiros forão ouvidos dos nauios do Capitão mór, que acodirão, e chegarão Lopo Cabral, e Aluaro Botelho que 'abalroarão e a renderão, e matarão todos os Mouros, sómente os mancebos, que catiuarão, e logo metterão em ferros que pera isso lhe dera o feitor em Cochym, * que * lhe encomendou que tomasse catiuos pera o trabalho da varação da ribeira, e os moços e moças tomarão cada * hum * pera seu seruiço em conta de suas partes; na qual nao se achou muyto dinheiro em xerafins d'Adem, e Venezianos d'ouro, que tudo se pôs em bom recado, e muytas alcatifas e chamelotes, coral sobre alambre, rocamalha, e muytos veludos de Meca, que he grande mercadoria, pera o Malauar, que muyto gastão em seus laudés e armaduras de seu pelejar: o que todo recolherão aos nauios. Então derão fogo á nao, que os Mouros bradauão que nom queimassem, porque debaxo do lastro acharião muyto dinheiro que trazião escondido, mas os nossos cuidarão que lhe mentião, e a nao andou ardendo toda a noite. Onde vierão amanhecer duas naos que vinhão de Meca, e lhe anoiteceo sem verem a terra, e auendo vista do fogo vierão a elle cuidando que era na terra, e amanhecendo se virão com os nossos nauios, que as forão abalroar e tomarão, em que assy acharão muyto dinheiro, e muytas das mercadorias que acyma disse, que toda se recolheo nos nauios, e começarão a matar os Mouros, que se deitauão ao mar onde morrião, que era muy longe da terra e nom podião tanto nadar. Nestas naos se achou rocamalha que valeo mais de cem mil pardaos, que he estoraquenique, e os Mouros lhe chamarão rocamalha, que he a mayor mercadoria que tratão pera as partes de Malaca, que muyto val na Chi-

[1] De menos na copia da Aj.

na, e polo que os Mouros da outra nao disserão, estas naos forão buscadas, e debaixo do lastro se achou grande dinheiro, que estas naos assy trazem escondido porque * nom * são assy roubadas das fustas de Dabul e de Goa, e do rio d'Onor quando lá vão ter com algum temporal. E porque o tempo era já de grandes trouoadas, e antes que a barra de Cochym se çarrasse, se foy na volta da terra, em que os nauios ouverão vista de huma grande nao que vinha de mar em fóra, a qual vendo que os nossos nauios que hião a ella, de muy longe amainou, deitando a barquinha fora, e pondo muytas bandeiras. O capitão da nao se foy ao nauio do Capitão mór, e lhe leuou hum riquo presente, que valia mais de [1] * cinquo mil cruzados *, que lhe offereceo, e o Capitão mór nada lhe tomou, e lhe perguntou donde era, e elle disse que da cidade de Calecut, e vinha de Meca, e hia o Capitão mór pera lá. O Capitão mór perguntou que como nauegauão sem licença do Capitão mór; o mouro disse que com licença fôra. Então mostrou hum cartaz do Çamorym, em que dizia que lhe daua licença que fosse a Meca e tornasse seguramente, porque assy elle o tinha por licença do Capitão mór Lopo Soares, em que todo recontaua. O que visto polo Capitão mór folgou muyto de o ver, e disse ao mouro que elle, e sua nao, era saluo, não polas cartas, sómente por assy amainar e obedecer á bandeira d'ElRey de Portugal, que se nom amainara, e pelejara, assy lhe fizera mal como tinha feito a outra que tomara, que chegando a ellas sem amainar nem obedecer pelejarão como soberbos; mas que elles como amigos que logo amainarão, que por isso se fossem muyto embora, mas que quantas naos achasse no mar, se nom obedecessem e amainassem, todas auia de queimar. [2] * O mouro vendo no nauio alguns dos catiuos, e das molheres, se deitou aos pés do Capitão mór pedindolhe que compraria alguns catiuos. O Capitão mór lhe deu * dezanoue que tinha, graciosamente, e os Mouros comprarão aos homens os que tinhão tomados, de que lhe fizerão bom barato, o que lhe muyto rogaua o Capitão mór que lhos dessem, porque fossem contar a terra a razão porque elle queimara as outras naos, e matara a gente. Os Mouros,

[1] O copista escreveu * cinco cruzados, * por não attender á risca que estava por cima do V numeral. [2] Vem nas duas copias: * O mouro vendo no nauio alguns dos catiuos, e das molheres, que se deitarão aos do Capitão mór pedindolhe que comprarião alguns catiuos o Capitão mór lhe deu *

muyto contentes, dauão o presente ao Capitão mór, que lhe elle nom quis tomar, mas elles tanto aprofiarão que forçadamente o tomou, e o deu logo aos Capitães, que partirão antre si. Os Mouros se forão a Calecut leuando cincoenta homens, e moços, e molheres dos catiuos, que hião contando que os Mouros de Meca, que vinhão nas naos, causarão todo o mal, que nom consentirão que amainassem, e fizerão que fogissem pelejando, e assy o contarão ante o Çamorym, a que o mouro apresentou os catiuos, e lhe disse da muyta honra que o Capitão mór fizera a suas cartas, do que o Çamorym mostrou muyto contentamento, deitando muyta culpa aos Mouros, e que outro tanto fizera o Capitão mór ás naos de Tramapatão, se os Mouros nom forão soberbos; e com isto pareceo ao Çamorym que já nossa paz com elle estaua segura.

O Capitão mór se foy a Cochym, já com muyto trabalho de chuiuas e trouoadas, e entrarão no rio com salua d'artelharia, e logo foy visitar ElRey com presente de riquas peças de Meca, e mórmente veludos, com que muyto folgou, porque o presente passou de cinquo mil cruzados de valia; e assy outro presente ao Principe. O que todo ElRey nom quis tomar sem o pagar, dizendo que seus pagodes lho defendião, que nom tomasse nada que fosse roubado. E folgou ElRey muyto sabendo que se guardara o cartaz do Çamorym, que de Calecut lhe escreuerão o contentamento que disso tinha o Çamorym; e logo o Capitão mór com a gente se metteo no trabalho de varar os nauios, que forão cobertos d'olá por amor das chuiuas * com * que apodrecião no inuerno. Todos forão concertados e renouados de quanto ouverão mister, e ficarão como nouos.

Então o Capitão mór ordenou fazer repartição das prezas, e dar as partes polo regimento de Lopo Soares, que pera isso lhe deixou, e fez monte mór de todas as fazendas aualiadas, e escrauos, e cousas que cada hum tinha tomado, que nada ficou que nom fosse ao monte mór, e os preços muy baixos, porque os homens o tinhão ganhado com seu trabalho; em o qual monte mór, per aprazimento de todos, se tirarão mil xerafins pera fazimento da Igreja de Cochym, e outros tantos pera a Igreja de Cananor, e dous mil xerafins pera Nossa Senhora de Agoa de Lupe, e outros dous mil pera Sanctiago de Galiza, que todos folgarão que se dessem por suas deuações. Então apartarão a quinta parte pera ElRey polas despezas de seus nauios, e monições; então do que ficou derão ao Capitão mór dous mil pardaos de sua joya, e tornou a entrar á partição

com os outros Capitães. Este quinto d'ElRey se lhe deu nas fazendas per suas aualiações. Então se fizerão as partes por esta maneira: o Capitão mór vinte partes; os Capitães doze cada hum; os mestres e pilotos dos nauios de gauea dez partes, e das carauellas seis; os contramestres, condestabres, guageiros quatro partes; aos bombardeiros seis partes; carpinteiros, calafates, ferreiros, dispenseiros, e marinheiros tres partes; dous pages como hum marinheiro, e os grometes como page e meo; os homens d'armas huma parte e mea, e se teuesse escrauo que ajudasse a pelejar e dar á bomba duas partes, e aos que estauão em terra huma parte; aos homens d'armas, e aos officiaes mechanicos o dobro; e ao feitor, almoxarife, escriuães, e crelgos tres partes; e por aprazimento de todos se deu de joya aos Capitães dos nauios a cada hum trezentos xerafins e das carauellas duzentos. Então de todo o que remaneceo se fez repartição por esta ordem. Vierão a cada huma parte duzentos e dez xerafins, porque a soma do dinheiro foy muy grande, afora o que cada hum furtou, que então nom auia deuaças nem as diligencias que depois se fazião; com que todos ficarão riquos e bem andantes, e houve grandes debates na gente que estaua na terra, que todos querião hir n'armada quando os nauios fossem, que auião de sayr tanto que o tempo désse lugar, porque então esperauão que auião de vir de Meca muytas naos de Calecut, e o Capitão mór fez rol da gente, em que forão os que estauão em terra sãos pera o trabalho.

O Çamorym mandou sua carta ao Capitão mór de grandes agradecimentos por lhe assy guardar seu cartaz: elle mandoulhe dizer que nom guardara senão a obediencia que a nao fizera á bandeira d'ElRey de Portugal, que era senhor do mar e nauegações de todo mundo, e a quem lhe obedecesse sempre lhe faria muyta honra.

ARMADA

DE

DOM FRANCISCO D'ALMEIDA, VISOREY,

O PRIMEIRO GOVERNADOR QUE Á INDIA PASSOU ANNO 1505.

CAPITULO I.

Sendo partido pera a India Lopo Soares no ano de quinhentos e quatro, como atrás fica, logo ElRey, considerando em seu coração tamanha cousa como tinha emprendido no descobrimento da India, e que as cousas della de cada vez hião em tanto crecimento de seu grande estado, e acrecentamento de seu Reyno e vassallos com tantas riquezas, e que se a conquista da India e grandes tratos elle assentasse com a metter sob seu senhorio, era o mais prospero Rey da Christandade, o que muytas vezes reuoluia, e imaginaua em seus pensamentos, e em praticas com os do seu conselho com muyta prudencia e saber, como isto aueria o effeito de seu desejo, e vendo o muyto que lhe compria este primeyro cimento ter firme alicece, pera nelle assentar tamanha obra como maginaua, compria grande prouimento em todalas cousas em muyta abastança[1] *do* muyto que lhe compria, que nom podia prouer por a viagem ser tão comprida e a India tão alongada de Portugal, e nom podendo prouer nas cousas, que cada dia podião acaecer e sobceder, com a breuidade que com-

[1] *e* Aj.

prisse, que podia sobceder cousa de que sobcedesse muyta perda, por auer d'aguardar espaço de hum ano e meo que as armadas punhão na viagem; pera remedio do qual lhe muyto compria ter na India d'assento huma pessoa principal de seu Reyno, com seus poderes, que ordenasse, e fizesse, e mandasse todalas cousas que comprisse, assy no mar como na terra, e fazer guerra, e assentar paz e tratos, assy como comprisse pera assento e conseruação das cousas: o que ElRey, primeyro em si maginando, propoz aos do seu conselho em muytas praticas, e com os principaes de seu Reyno, todas estas substancias, lhe declarando todalas cousas e inconuenientes que a ello o demouerão, o que todo muytos dias praticando, per todos foy assentado [1] * hir á * India tal pessoa que aos taes encargos prouesse com a prouidencia que comprisse; o que ElRey a todos pedio que lhe aconselhassem a pessoa que pera tamanho encargo compria, assy * em * geração e saber, e primor, e esforço quanto comprisse, pois na India auia de representar sua pessoa e estado real, com poderes na justiça e fazenda; no que foy apontado Tristão da Cunha, que tinha todalas qualidades que ElRey queria, o que assy foy concedido por ElRey, e lhe deu a gouernança da India por tres annos. E porque o encargo era tamanho se ordenou grande armada, em que Tristão da Cunha prouia e mandaua tudo, com muyta ajuda que lhe fazia Dom Vasco da Gama, que era o principal em todolos negocios da India; e andando n'esta negoceação, que já as naos começauão a carregar, veo supito mal a Tristão da Cunha, que cegou sem dôr nem accidente, a quem se fizerão todos os remedios, que nada prestou, antes disserão os mestres que desconfiauão de lhe nom tornar sua vista tão asinha; do que ElRey nom tomou muyto agastamento, antes o tomou por mysterio de querer Deos permittir de Tristão da Cunha nom fazer esta viagem. Então maginando quem mandaria, nom tomaua vontade de muytos que se lhe offerecião, mas vindolhe á lembrança Dom Francisco d'Almeida, filho do primeyro Conde d'Abrantes, homem muyto inteiro e exprimentado, que andara em Castella na guerra de Granada, do qual sendo lem-

[1] Nas duas copias lê-se * e na *. Debalde se cansaria quem tentasse remediar todos os desconcertos que saltam aos olhos desde o principio do capitulo até aqui, e ainda d'aqui por diante até o seu fim. Remediámos pois o que nos pareceu possivel sem alterar muito o texto.

brado lhe veo muyto na vontade o mandar neste cargo da gouernança do Reyno da India, e o mandou chamar a Coimbra, onde estaua com o Bispo seu irmão, homem de grande conselho, e muy abastado, de grande casa e muytos escudeiros; elle o segundo de cinco irmãos que forão todos homens de grande preço e valia. [1] *Dom João 2.º Conde d'Abrantes, Dom Diogo Fernandes de Almeida Prior do Crato, Dom Pedro Commendador mór d'Aviz, Dom Fernando Bispo de Cepta foy Nuncio em França, Dona Isabel Condessa de Penella, outro Bispo de Coimbra D. Jorge, outro Prior do Crato.* Dom Francisco de muyto grandioso nom quis tomar muytas cousas que lhe ElRey daua, sómente tinha muyta renda com que sostinha grande casa. Pois vindo assy á lembrança d'ElRey, que o mandou chamar, que veo logo, ElRey *lhe* fez muyto gasalhado, e lhe disse que sua vontade era, e se queria delle seruir, em o mandar á India, porque compria muyto a seu seruiço, pera elle a gouernar e mandar como visse que compria, e que pera isso lhe daria tudo o que fosse necessario, como quem elle era, e pera tal cargo compria. Ao que Dom Francisco lhe beijou a mão, dizendo: «Senhor, a mercê que me faz he» «sua; he tão alta que me nom atreuera a lha pedir pola fraqueza de» «meus seruiços, a que os de Tristão da Cunha tinhão tanta vantagem.» ElRey a isto lhe respondeo: «Nom aceitei Tristão da Cunha por me-» «recimento de seruiços, mas a culpa foy vossa auzencia, nom estardes» «prezente, que se aqui estiuereis nom tiuera trabalho com os do con-» «selho em me dizerem quem mandasse, que Deos sabe o descanso que» «recebeo meo coração tanto que me lembrastes.» Dom Francisco disse: «Senhor, a mercê que me Vossa Alteza faz he muy grande, em me es-» «colher antre tantos como tem em seu Reyno, pessoas pera muyto mó-» «res encargos e confiança; e por muy maior mercê hey Vossa Alteza» «de mym se lembrar, sem ninguem de mim lhe fazer lembrança; polo» «que peço a Deos que me encaminhe em taes seruiços fazer com que» «haja por bem acertada em mim sua lembrança, fiando este tamanho» «encargo; e peço a Vossa Alteza em singular mercê, me dê poderes e»

[1] «Aqui se acha riscada a copia, e á margem o que vai assignalado.» Nota de quem fez a copia achada na Academia Real das Sciencias de Lisboa, e que concorre para provar ter ella sido tirada do Ms. que pára no Archivo Nacional da Torre do Tombo, no qual se dá a circumstancia apontada.

« fauor com que nom fique falto do que comprir, que com toda a alma, »
« e forças esprituaes e corporaes, farey todo o que me Deos der a en- »
« tender que comprir em seu sancto seruiço e ao Real Estado de Vossa »
« Alteza, e aprazendo a Nosso Senhor que eu qua torne, então Vossa Alte- »
« za me fará as mercês segundo minhas obras o merecerem, pagando eu »
« primeiro esta tamanha mercê, qne agora de Vossa Alteza recebo. » O que
lhe ElRey muyto agradeceo, dizendo: « Ainda me mais deueis o muyto »
« aluoroço de meu contentamento, e descanso de meu coração que em vós »
« tenho, conhecendo em vós a boa vontade com que aceitaes meu en- »
« cargo; polo que vos dou o titulo de Visorey, tanto que fizerdes a pri- »
« meyra fortaleza do Cabo da Boa Esperança pera dentro, e vos dou to- »
« do poder e alçada, como minha pessoa, na justiça e fazenda, do que »
« confio que dareys toda boa conta, como espero em Deos, e no que de »
« vós confio, que em todo guardareys o seruiço de Deos e meu, e ao »
« pouo seu direito com direita vara, e antes contra minha fazenda que »
« com encargo; conformandovos com as Leys destes Reynos, pera que »
« escuso mandar comuosco letrados, porque mais confio da vossa boa »
« discrição e conciencia. Da minha fazenda fareys como da vossa, da »
« qual me não aueys de dar conta, senão a Deos, que muyto mais con- »
« fio em vossa bondade, e obrigação de minha boa criação, e vosso bom »
« sangue, que por todo meu coração he em muyto descanso. E auerês »
« em cada hum anno, do dia em que sayrdes desta barra até tornardes »
« ante mym, pera vosso gasto trinta mil cruzados em dinheiro, de que »
« vos pagarês quando quiserdes, e mil e quinhentos quintaes de pimenta »
« ao quarto e vintena, que cad'anno carregarês segundo leuardes per »
« meu regimento, e mais dozentos quintaes de cobre, que na India to- »
« marês ao preço que chegar lá posto, e mais em cad'anno gastarês de »
« minha fazenda vinte mil cruzados pera vossa mesa, e fazer mercês aos »
« meus, e estranhos, e Mouros, e gentios segundo vos bem parecer; e »
« de todo o que se tomar de boa preza se farão cinquo quinhões, de »
« que eu auerey dous pera minhas despezas, e vós hum, e os dous se »
« repartirão polas partes que forem presentes no feito, e antre elles feita »
« repartição segundo achardes que está em costume, dando escala fran- »
« ca quando vos bem parecer. » Ao que Dom Francisco lhe tornou a bei-
jar a mão, dizendo: « Senhor, estas são muy grandes mercês pera quem »
« não sabe que seruiços lhe fará. Peço a Vossa Alteza que tudo aja por »

«escusado até ver que taes são minhas obras; pois me dá licença que» «gaste sua fazenda que abasta pera meu sostimento, então quando eu» «tornar, a Deos prazendo, então • por • meus seruiços as mercês que» «eu espero serão móres que de riquezas, de que agora tão largamente» «me faz mercês.» ElRey lhe disse: «Dom Francisco, a nobreza de» «vosso sangue vos faz regeitar riquezas. As que vos agora dou não são» «as que eu desejo, mas cumpre que eu volas ordene, e com esta obri-» «gação vades, que assi hey por meu seruiço, e os graos e honras de mó-» «res titulos dos que tendes vossos seruiços os acrecentarão, como vós» «farês a todos que me bem seruirem, que pera meus tomareys nos graos» «de seus merecimentos.» Dom Francisco beijou a mão a ElRey, dizendo: «Senhor, a mercê que lhe peço sobre tantas, he que os regimentos» «dos tratos das vendas e compras e negoceações das mercadorias, se-» «jão encarregados a vossos officiaes, que nisso hão de trazer as mãos» «e cuidado, e quando comprir eu prouerey as cousas como nom aja» «falta vosso Real seruiço em todo o que comprir; por • que • elles te-» «rão mais vagar que eu, e entendimento pera darem miuda conta a» «Vossa Alteza de muytas cousas, que eu em nenhuma maneira do mun-» «do nom poderia entender, tendo eu o esprito pronto, occupado nas» «cousas da guerra e paz, que he a principal chaue que se cumpre guar-» «dar. O que peço a Vossa Alteza he que assy o aja por bem, pois de» «tamanha cousa me encarrega, e de mym confia, pois em terras nouas» «e gentes estranhas, que temperança lhe posso dar pera que me fique» «tempo pera entender nas cousas de mercadejar?» ElRey lhe disse: «Tudo he meu seruiço que entendaes.» Dom Francisco disse: «Senhor,» «pois lh'assy apraz seja tudo apontado em meu regimento como faça, e» «nom deixe nada em meu rudo entendimento, porque seguindo meu re-» «gimento ninguem se escandaliza em mym; o que será ao contrario» «• que • ainda que minhas obras sejão sem nome nom me poderey es-» «cusar nem guardar que nom profacem de mym, do que seria eu saluo» «se em meu regimento todo fosse talhado, que fóra delle me nom ficasse» «poder pera nada de meu [1] • proposito • fazer.» ElRey lhe respondeo: «Quando as obras são feitas com boa inclinação ninguem as pode min-»

[1] E' a palavra que parece significar esta abbreviatura • p.to • que se encontra aqui.

« goar de bom merecimento, e quem do bem quizer falar mal terá a »
« culpa [1] • de • o não entender; e nisto sede seguro de mym, que pera »
« vos eu mandar com apontamento e regimento çarrado, como dizeis, »
« escuzado fora escolheruos, pois com tal regimento assaz fraco fora o »
« homem que errara. Nom vos esqueção estas palauras, que as deueis »
« guardar pera thesouro de vossa honra. » Ao que Dom Francisco lhe tornou a beijar a mão. E ElRey mandou ao Secretario que lhe fizesse suas prouizões, e primeiro as mostrasse a Dom Francisco.

Sendo assy prouido da India pera nella auer de gouernar Dom Francisco, logo muytos fidalgos e caualleiros, e pessoas honradas, se lhe forão offerecer pera hirem com elle, porque ElRey lhe disse que todos os caualleiros e fidalgos de sua Corte recolhesse pera sua armada aquelles que lhe aprouvesse. Forão armadas por ElRey oito naos grossas pera carga, e seis nauetas pequenas, e seis carauellas latinas, e madeira laurada e acertada pera na India aleuantar duas galés e hum bargantym, e que com as que achasse na India perfizesse trinta velas, que sempre andassem no mar, e mais, se mais lhe comprisse, com que senhoreasse o mar; pera o que n'armada forão embarcados muytos carpinteiros, calafates, ferreiros, cordoeiros, ferro, breu, pregadura, alcatrão, linho, lonas, panos de villa do Conde, ancoras, fatexas, remos, entenas, e muyta armaria, artelharia, monições, tudo em muyta abastança, per grandes apontamentos que de todo daua Dom Vasco da Gama, que tudo regia e ordenaua, por ser já feito Almirante do mar da India, que sempre estaua com o Visorey despachando as cousas. E porque o aposento d'ElRey era nos paços do Castello de Lisboa, e folgaua de ser presente, e hia, e vinha cada dia estar nas casas dos almazens, entendeo em mandar fazer casas pera seu aposento nos mesmos almazens, em que se fizerão nobres paços, e debaixo delles grandes casas pera recolhimento e feitoria das mercadorias da India e Mina; o que depois polo tempo se fez em muyta perfeição, como oje em dia parece. E pois sendo 'armada de todo prouida, e nella tudo carregado, e mantimentos em muyta auondança, e em cada nao huma botica bem prouida, com barbeiro sangrador, e mestre pera curar, e dous capellães pera confessar, e tudo assy ordenado, ElRey deu as Capitanias, pera que cada Capitão tiuesse cuidado do que

[1] • quem • se lê em ambas as copias.

lhe faltasse, e o pedisse. Deu a capitania da nao Capitaina, pera auer de tornar pera o Reyno e vencer o ordenado a Dom Fernando d'Eça, Lourenço de Brito pera Capitão de Cananor, Dom Aluaro de Noronha pera Capitão de Cochym, Pero Ferreira pera Capitão de Quiloa, Manuel Paçanha pera Capitão de Angediua, que todas estas fortalezas mandaua que se fizessem; e Capitães de fóra, que auião de tornar nas naos pera o Reyno, Fernão Soares, Comendador, Antão Gonçaluez, Alcaide de Cezimbra, Diogo Correa, Ruy Freyre: essas oito Capitanias nas naos da carga. Vasco Gomez d'Abreu * despachou * pera andar d'armada no Cabo de Guardafuy; João da Noua pera andar com armada no Cabo de Comorym pera as Ilhas Maldiua, e com hum aluará secreto pera, se quisesse, ser Capitão d'armada da costa da India, sobre o que teue contendas com o Visorey; Lopo de Goes Anriquez, Bastião de Sousa, Lopo Sanches, Diogo Serrão; estes * de * seis nauetas pequenas pera ficarem na India se comprisse, e das carauellas Felipe Rodriguez, Lopo [1] * Chanoca, * Gonçalo de Paiua, Antão Vaz, Lucas da Fonsequa, João Homem o caualleiro; todos honrados e fidalgos, e caualleiros; e n'armada outros muytos fidalgos, pera se renderem as Capitanias das naos que auião de tornar pera o Reyno. E mandou ElRey pagar soldo a mil e quinhentos homens d'armas, e duzentos bombardeiros, e quatrocentos homens do mar, todos de sobresalente pera ficarem na India seruindo. Antre os homens d'armas mandou ElRey que fossem quatrocentos moradores de seus liuros, com tres cruzados de soldo, e tres quintaes de pimenta cad'anno, carregados de seus soldos ao partido do quarto vintena, e hum cruzado de mantimento cada mes estando em terra, e que os seus vencessem suas moradias no mar e na terra, e alguns proueo de cargos, que o Visorey na India lhe auia de dar.

O Visorey tinha hum filho primogenito, e nom tinha mais, chamado Dom Lourenço, muy gentilhomem, e de muytas prefeições, e sobre todas estreme nas forças, e muy destro no jogo de todalas armas, e em todalas manhas corporaes que auia, muyto se prezaua do joguo d'alabarda, pola muyta força que tinha, que muyto usou em Castella andando lá com seu pay, onde muyto se exprimentou de seu esforço e valentia; muy doutrinado de toda a cortezia e bom ensino, o qual o Visorey apre-

[1] * Chanosa * se acha escripto em ambos os codices.

sentou a ElRey, dizendo que o leuaua á India pera o ensinar a seruir. ElRey disse que abastaua ser seu filho pera ter todo bom ensino, e que na India o encarregasse no que visse que lhe cabia; e que os Capitães, que auião de ser de fortalezas, nom vencessem seus ordenados senão quando fossem çarradas de portas fechadas, e que fossem feitas com todalas mansidões e aprazimento dos Reys, e as fizesse de pedra, e tão fortes como pudesse, e nenhuma fizesse por força contra vontade do senhor da terra, indaque a pudesse fazer. Proueo de feitores, almoxarifes, e escriuães, fez quadrilheiros das prezas, e que nada dellas mettessem nas feitorias, mas que logo se partissem, e se dessem ás partes. O Visorey pedio a ElRey que lhe désse hum Ouvidor com meirinho, e officiaes ordenados, que fizessem as diligencias e os processos que comprissem a bem da justiça, que o enformasse e encaminhasse em assoluer ou condenar segundo direito de justiça, que elle leuaua no encargo de sua alma com a lembrança em Deos: do que ElRey ouve prazer, e lhe deu hum doutor chamado Pero Godins, homem afamado, com todos seus officiaes ordenados. Este letrado induzio ao Visorey que pedisse a ElRey, que os presos que estauão condenados a degredos lhos quebrasse pera a India, porque os presos sobre isso lhe fazião muytas petições; o que o Visorey assi o pedio a ElRey, dizendo que na India seruirião melhor, e mórmente porque auia de trazer galés e bergantyns, onde remando e pelejando merecerião perdões de seus degredos, o que cada hum aueria segundo merecesse. No que logo ElRey fez começo de nobreza, que os degradados pera sempre seruissem galés na India dez annos, e os que tiuessem degredos de dez annos lhos quebraua em dous pera as galés da India, e isto fosse 'aprazimento delles, se lhes aprouvesse, e acabando seus degredos ficassem em soldo e mantimento, sem quintaes. E por lhe isto parecer muyto bem mandou aos desembargadores da relação que logo despachassem todolos feitos, em que nom ouvesse partes senão a justiça. O que assy foy feito, e sayrão muytos degradados que todos folgarão [1] hir nesta armada; e desto mandou ElRey prouisão por todalas Vilas e Cidades donde mandarão muytos degredados, que por suas vontades folgarão com os degredos da India, sómente os degredados pera as partes d'alem nestes se nom bolio, e assy deu seguro a todos os amiziados, que nom tiuessem partes.

[1] * de * Aj

E sendo 'armada de tudo prestes pera partir, ElRey e a Raynha, hum domingo forão á Sé ouvir missa, que disse em pontifical o Bispo Dom Diogo Ortins, com pregação a Nosso Senhor em louvor da Virgem, onde erão presentes todolos grandes do Reyno, e os bons irmãos do Visorey, onde acabada a missa foy polo Bispo benzida a bandeira real de damasco branco com a cruz de Cristo de cetym carmezym broslada d'ouro, franjada, com seus cordões, posta em huma astea dourada, a qual tomou nas mãos hum Rey d'armas vestido em sua rica cota, e a trouxe do altar abaixo, ao que ElRey sayo da cortina, e o Visorey se pôs ante elle de geolhos, a que ElRey disse: «Muyto honrado Dom Francisco,» «meu amigo e vassallo, eu vos entrego esta bandeira do sinal da Vera» «Cruz, com a qual, em nome de Deos e em meu seruiço, commetereys» «e farês os onrados feitos que se pareção como quem vós sois, e vos» «parecer nos altos lugares que ella merece, quanto vosso poder abran-» «ger, por ella ser insinia de nossa sancta fé, e destes meus Reynos e» «Senhorios; e espero em Deos que com ella lhe fareys muytos serui-» «ços em bem destes meus Reynos, com acrecentamento de sua sancta» «fé no conuertimento de muytos infieis e gentios, e por vossos bons fei-» «tos virão em crença e conhecimento da verdade de Deos, pera salua-» «ção de suas almas, o que sobre todalas cousas vos muyto encomendo,» «e a punição aos que forem infieis contra nossa sancta fé, de que tan-» «ta parte vos caberá ante Deos, pera merecimento de vossa alma, e» «neste mundo onrada memoria com muyto louvor do acrecentamento» «de meus Reynos, quanto nunqua ganhou nem alcançou nenhum Princi-» «pe da Christandade; pola qual cousa, que he no tamanho grao como ve-» «des, eu vos dou todo poder como minha pessoa, com titulo de Viso-» «rey da India, que em meus dias outro nenhum terá, porque vos nom» «seja igual nesta honra, com que fareys todo o que vos parecer serui-» «ço de Deos e meu, assy na fazenda como na justiça: e por tal vos» «tenho eu conhecido, que todo meu Reyno e estado de vós se póde con-» «fiar pera o acrecentar e defender, e porque esta verdadeira confiança» «me fica de vós, com a paz de Deos vos hy embarcar e partir.» O Visorey estaua ante ElRey de geolhos, e beijou a mão a ElRey e á Raynha, dizendo: «Senhor, o merecimento de Vossa Real Alteza ante Nos-» «so Senhor he tal que lhe aprouve por sua misericordia, e diuina gra-» «ça lhe aprouve dar no entendimento alheo, que vos désse a diuisa da»

« real espera, em que se contém a sinificação dos Ceos e terra; em que »
« elle Senhor Deos manifestou sua vontade querer dar a Vossa Alteza o »
« que denegou a tantos Reys vossos antecessores; e nesta tamanha gran- »
« deza ordenou e me manda que vá seruir, que he a mór cousa que nun- »
« qua senhor confiou de vassallo, e com tão altas mercês de tamanha »
« obrigação, que eu nom posso dizer com a palaura a vontade de meu »
« desejo. Peço á misericordia de Nosso Senhor me dê vida, entendimen- »
« to, e forças, pera fazer obras que leuo na minha alma, pera satisfa- »
« zer tão altas merces. » E lhe tornou a beijar a mão, e tomando a bandeira da mão do Rey d'armas se pos em geolhos, e fez oração a Nosso Senhor. Então a deu e entregou a seu filho, e logo o Rey d'armas apregoou em voz alta, dizendo: « Dom Francisco d'Almeida, Gouernador, Vi- »
« sorey da India por ElRey nosso Senhor. » E com isto abalou ElRey, e se foy a seus paços d'Alcaçoua, onde decendo, da porta despedio o Visorey, que lhe tornou a beijar a mão, e o filho, e todos os Capitães e fidalgos d'armada, que aly forão beijar a mão a ElRey, vestidos muy ricos, com muyta gente de suas naos vestidos de muytas liurés e muytas galantarias; e se forão a Ribeira a embarcar nos bateis, o Visorey com os Capitães a cauallo, e toda a gente a pé. O Visorey vestido em hum tabardo frizado, e pelote de cetym preto, e barrete de duas voltas, e huma quadea d'ombros muyto delgada, e huma mula guarnecida de veludo preto franjada de fio d'ouro; o Visorey, de meão corpo, honrada presença, hum pouco caluo e de muyta authoridade, a diante, e atrás oitenta homens d'alabardas douradas [1] * com jaquetas de veludo preto, e mangas de cetym roxo, espadas douradas, * calças de grã bigaradas cortadas, çapatos brancos, barretes na mão de cetym roxo, e penas brancas; postos em ordem, tantos atrás como adiante, com seu capitão que hia antre, a cauallo á estardiota, vestido em roupeta de veludo e cetym roxo com huma cana e barrete na mão, e detrás delle, hum pouco diante do Visorey, seu filho em hum cauallo branco á brida, com guornimentos de borcado raso chapeados com rosas, e guornimentos de prata branca e grande testeira com trunfa de penachos. * Leuaua * elle hum pelote francez de grandes mangas de borcado de pello, forrado de cetym encarnado, com muytos golpes tomados com rosas d'ouro esmaltadas, e hum rico co-

[1] Falta no Ms. da Aj.

lar d'ombros e huma cinta com bracamarte todo d'ouro d'esmalte, e calças inteiras brancas forradas de borcado raso, [1] * cartadas * até o joelho, e çapatos francezes do theor, e deitado sobre o ombro esquerdo per hum tafetá azul hum chapeo de guedelha de seda cramezym, com hum penacho branco, com argenteira d'ouro, posto em huma rica medalha; e elle sem barrete, que tinha grandes crespalouros os cabelos, de muy fermoso rosto e corpo; e diante delle vinte e quatro moços d'esporas, de jibões francezes de cetym branco e encarnado com muytos córtes, calças brancas forradas de cetym encarnado cortadas, çapatos de veludo azul, espadas douradas nas mãos, e guorras de veludo azul com penas brancas, deitadas sobre as costas com fitas encarnadas; e diante dos alabardeiros atabales e trombetas. Os Capitães e fidalgos todos vestidos riquamente, com todas suas gentes assy vestidos e galantes de muytas liurés, que o Visorey mandara aos Capitães que nos paços estiuesse toda' gente pera virem com elle a se embarcar; e com elle toda a fidalguia da corte. Dom Lourenço leuaua a bandeira na mão esquerda posta [2] * 'aste * no estribo.

ElRey, e a Raynha, e todas as damas estiuerão ás janellas até que o Visorey acabou de passar decendo pola costa abaixo, e em passando fazia acatamento a ElRey. Hia diante do Visorey o Rey d'armas, vestido em sua cota, com o barrete na mão. Chegando ao caez se embarcarão cada hum em seus bateis com toda' gente, * e * forão ás naos, o Visorey diante de todos em seu batel toldado de veludo roxo e branco, franjado de fio d'ouro, e as bandeiras do batel de damasco com a deuisa de suas armas, e na proa a bandeira real, que Dom Lourenço sempre leuou. [3] * Chegando * ás naos, que estauão fermosas de bandeiras e estandartes, apauesadas, fizerão todas grande salua d'artelharia, e acabando de jantar a armada se fez á vela barlauenteando polo rio, e se forão sorgir em Belem, onde ao outro dia ElRey em seu batel os foy ver, e entrou na nao do Visorey fazendolhe grandes honras; e porque o vento era bom pera partir, e aueria detença em fazer os alardos ás naos, mandou aos Capitães que os fizessem, e os mandassem de qualquer terra que tomassem, e mandou ElRey fazer vela, e toda l'armada sayo de foz em fóra, e ElRey correndo as naos, falando aos Capitães, e os despedindo com boa viagem. O que foy a 25 de Março, dia d'Annunciação de Nossa Senhora, do anno de mil e quinhentos e cinco.

[1] * cortadas, * é o que parece dever ler-se. [2] * até * Arch. e Aj. [3] * chamando * escreverão os copistas, o que não fazia sentido.

Tambem era prestes pera partir com o Visorey outra armada de cinco nauios, de que era Capitão Pero da Nhaya, pera hir a Çofala fazer fortaleza, e assentar feitoria e trato; e estando de todo prestes, a nao Capitaina fez huma agoa por popa, que nom sentirão porque entrou no payol do biscouto, que foy embobrando, e carregou tanto que de noute entrou agoa pola almeida do leme, e a nao se foy ao fundo, que posto que o fundo era pouco nom se pôde tirar, com grandes trabalhos que nisso se poserão, porque a nao estaua carregada de cantaria laurada pera janellas e portas; mas partido o Visorey, ElRey tornou a reformar 'armada de seis nauios, que depois partio em Mayo, como adiante direy em seu lugar.

CAPITULO II.

DA VIAGEM QUE 'ARMADA FEZ, E AQUECIMENTOS QUE PASSOU EM SEU CAMINHO ATE' CHEGAR A' CIDADE DE QUILOA, EM QUE ERGUEO REY NOVO, E FEZ FORTALEZA.

Sendo assy 'armada partida de Lisboa, correndo com bom tempo foy á vista das Canarias, e tomou no porto Dale, em que tomarão agoa e refresco. Em hum nauio do Algarue, que estaua no porto, o Visorey escreueo a ElRey, e mandou rol dos alardos que se vierão fazendo nas naos, e d'aqui partirão seu caminho, que fizerão, e entrarão nas calmarias de Guiné, em que fizerão detença de oito dias, em que a nao de Pero Ferreira, por sua má feição, foy tão trabalhosa assy na calmaria, que abrio tanto que se foy ao fundo, de que se saluou a gente, e artelharia, e as mercadorias, porque como os mestres disserão ao Visorey que a nao se nom podia saluar, lhe mandou acodir com muytos bateis e gente, que dous dias a sostiuerão até ser descarregada, e se foy ao fundo. E saydos das calmarias fizerão seu caminho, dando tanto resguardo a dobrar o Cabo que se metterão tanto no mar que o dia nom era de seis horas, com tormenta, e frios, e neues. Atrauessando 'armada o Cabo de Sancto Agostinho, a Capitaina, que hia diante, amanhecendo hum dia ouve vista de huma Ilha, ao que fez sinal com hum tiro, e se fez na volta do mar, o que assy fez toda 'armada, onde logo começou a crecer o tempo, e aleuantou tanto o mar que antes d'anoitecer era tromenta desfeita. O Visorey, desejoso de auer conhecimento da terra que vira, por

ser aly a paragem onde se perderão as naos de Pedr'Aluarez Cabral, antes d'anoitecer se pôs ao pairo porque todos o vissem, o que assy fez toda 'armada, com que se apartarão huns dos outros, que quando amanheceo nom erão com o Visorey mais que sete velas. Diogo Correa, que nom vio o pairo, correo toda a noite, e amanheceo sobre as Ilhas de que se guardou, e ao meo dia foy ter com o Visorey, que amanhecendo correo, e mandou voltar as carauellas em busca das Ilhas, que se até noite as nom achassem que se tornassem. Diogo Correa disse ao Visorey que vira as Ilhas, mas nom tão perto que deuisassem se erão de pedra nem de terra. Esta foy a primeira vez que forão vistas. As caravellas tornarão, que as nom acharão, sómente Gonçalo de Paiua disse que vira huma em que o mar arrebentaua tão alto, que a cobria toda; polo que souberão que erão de pedra, com que o Visorey correo seu caminho, e se forão ajuntando as outras velas. Lopo Sanches no pairo abrio tamanha agoa, que a nom podia vencer com as bombas, polo que o Visorey lhe mandou que se fosse e désse todalas velas, e se fosse a Moçambique, e se nom dobrasse o Cabo se tornasse á Ilha de sam Thomé; porque o Visorey se foy muyto mettendo no mar por resguardo do Cabo, com que achou os frios e neues grandes, como já disse. Lopo Sanches passou o Cabo, e tanto lhe creceo 'agoa que foy buscar a terra, e varou nella alem do Cabo de sam Sebastião pera Çofala, e porque o mar era grande cortarão o masto, que ao cayr matou o Capitão e muytos homens, porque cayo em reués do que elles cuidauão, e outros sayrão a nado, tirando hum barril de biscouto que atarão em fardés ás costas, de que comerião; e se forão ao longo da praya, e toparão com huns Cafres, que sem lhe fazer mal os leuarão a Çofala, que ElRey os agasalhou, e deu panos, e os mandou a Moçambique. Os quaes dahy se forão a Quiloa onde estaua o Visorey, poucos delles, porque polo caminho morrerão muytos. O Visorey nom se tornou ajuntar com toda 'armada; alguns chegarão a Moçambique primeiro, que hy aguardarão, e chegando o Visorey nom entrou, e foy seu caminho a Quiloa, sómente mandou Gonçalo de Paiua, e Fernão Bermudes que entrassem, e chamassem os que lá estiuessem: o que assy se fez, e lhe leuarão a carta que hy deixara Pero d'Ataide, em que lhe daua conta de todo o que era feito na India e 'armada que era passada pera o Reyno; com que o Visorey muyto descansou.

O Visorey sorgio no porto de Quiloa, e mandou a terra hum esquife,

com carta e presente que vinha pera ElRey, e lhe mandou dizer que hia de caminho pera a India, que por tanto lhe mandasse as pareas que era obrigado. O Rey, vendo o recado, nom quis tomar nada, dizendo que com verdade elle nom era obrigado a taes pareas, porque com seguro de Dom Vasco entrara no seu batel, e depois lhe fizera forças com grandes ameaças de morte, polo que com grande medo, por escapar de suas mãos, lhe deixara arrefens, os quaes, porque logo nom pagarão, os tiuera muytos dias ao sol atados de pés e mãos; e os refens lhe pagarão, por elle ser tão pobre que tal nom podia pagar, porque nom tinha nenhuma renda nem direitos, porque os Mouros erão poderosos e lhe nom querião pagar, polo que nom tinha possibilidade pera tal pagar, e se por ysso lhe quizesse fazer mal se defenderia até morrer, pois queria fazer mal a quem lho nunqua fizera, nem nunqua vira. O que tudo ElRey respondeo por conselho dos Mouros, que erão muy poderosos na terra, e outros muytos tratantes, que virão parte dos males de Calecut, que todos se offerecerão a ElRey que o ajudarião, e que nom pagasse nem obedecesse a nada. Mafamede Arcone era o principal que isto mexia, polo odio que tinha a ElRey polo passado, e lhe parecia que se o Rey fosse morto neste feito, elle podia vir a ser Rey, porque a gente da terra naturaes estauão bem com elle e mal com o Rey, porque este Rey era tirano, e * por * ser estrangeiro mercador possante em muyta riqueza, matou o Rey que era de direito, e se fez Rey, e tinha o reyno tiranamente, e quisera matar hum menino de mama, filho do Rey que matara, mas sua mãy fogira com elle pera huma ilha, onde se criaua, que era já de cinquo annos; polo que o pouo lhe queria mal. E porque Mafamede Arcone era com o pouo lhe querião grande bem. O Rey mouro tinha grande medo que vindo o Visorey a terra, inda que ficasse viuo e fizesse com o Visorey algum concerto, sendo descoberto ao Visorey que elle assy tinha o Reyno tomado, * lho nom guardaria, e * ouve grande medo de morte, e determinou de fogir e se pôr em saluo na terra firme, onde tinha seu thesouro e casa de molheres e filhos, e com este pensamento dissimulou e se mostrou muyto valente, aprecebendo a gente da cidade, que toda estaua com grande medo vendo tamanha armada.

O Visorey falou com os Capitães e fidalgos pera isso, os quaes todos affirmarão que o Rey falaua toda razão e justiça, que se lhe deuia guardar, pois era sabido que em todo dizia verdade; o que sendo por

todos assy dito, o Visorey tambem disse que assy lho parecia, dizendo que tambem fizera com elle toda razão «se humildemente me viera dar» «razão de sy, mas pareceolhe melhor quererse mostrar valente, aprece-» «bendose a pelejar, e já agora se com elles nom pelejassemos cuidarão» «que o fazemos de medo; polo que cumpre a nossas honras lhe que-» «brarmos a fantesia com que estão; e por tanto fazey vossas gentes» «prestes pera lhe hirmos mostrar quem somos.» O que assy feito, gastando toda a noite concertando suas almas e armas, e antemenhã os Capitães, com sua gente armada e os bateis com berços, se forão á Capitaina. O Visorey mandou seu filho Dom Lourenço no batel grande com muytos fidalgos e riquas armas, com sua bandeira real, que leuaua seu alferez com a guarda dos alabardeiros. O Visorey foy no seu esquife de noite, *e* mandou [1] *chegar* as carauellas a terra, e que nom tirassem senão quando elle mandasse. O Visorey chegou á praya, desembarcou toda a gente, sem achar quem lha defendesse, fez da gente duas batalhas, elle tomou huma, e a outra o filho, e entrarão a cidade por duas partes, dizendo o Visorey ao filho que fosse polo meo da cidade, e fosse tomar os paços do Rey, e hy aguardasse até elle chegar, que correo a cidade por dentro ao longo da praya. Dom Lourenço nom achou com quem pelejar: inda que nas casas auia gente nom consentia que ninguem entrasse, e foy até achar as casas do Rey, que achou fechadas, e quebrou as portas, e entrou dentro, onde nom achou ninguem, mas auia muyto [2] *fato,* que nom consentio que ninguem bolisse até chegar o Visorey, que logo chegou, assy sem achar ninguem; e a causa foy porque o Rey, sentindo que os nossos hião pera terra, se ajuntou com os Mouros no cabo da cidade nas ruas principaes, dizendo que como os nossos fossem entrados polas ruas darião nelles pelejando, onde todos logo serião mortos com sómente as pedras dos telhados. E porque isto assy estaua ordenado, auia muyta gente dentro nas casas, pera que vendo os nossos pelejando fazerem sua obra dos terrados; e estando nesta ordem, o Rey, escondidamente, que o nom virão, fogio. Os Mouros o nom achando tambem todos fogirão, e se passarão pera terra firme. O Visorey chegando ás casas do Rey, que soube que se nom acharão Mouros, mandou que fossem saquear a cidade, a

[1] *chamar* é que se lê nos dois codices. [2] Parece ser a palavra que se deve ler, em vez de *feito,* que vem tanto na copia da Aj. como na do Arch.

que o Visorey deu escala franca, por ser a primeyra obra que fazia; sómente tomou as casas d'ElRey, e disse que tomaua por ElRey seu senhor, em que se achou bom despojo, que mandou entregar a Fernão Valente, feitor d'armada. Na cidade se acharão muytas mercadorias, que cada hum recolheo as que pôde embarcar, e se tomarão muytos catiuos e molheres. Então o Visorey deixou o filho com toda a gente dentro nas casas do Rey, e elle se foy dormir á nao, onde esteue maginando que faria, se o Rey nom quisesse tornar com seu seguro, ou se nom podesse assentar [1] * a guerra. *

Sendo todos os Mouros assy fogidos pola fogida do Rey que lá antre elles nom parecia, pareceo ao mouro Mafamede Arcone que auia bom tempo pera o que elle desejaua, que era ser Rey. Mandou hum mouro seu parente ao Visorey secretamente, com recado que lhe désse seguro, e viria falar com elle que [2] * era * pera lhe fazer muyto seruiço. O mouro ao outro dia pola menhã em huma almadia foy á nao, e falou com o Visorey o recado que leuaua em secreto, com o lingoa Gaspar da Gama, que agora se chamaua Gaspar d'Almeida, por amor do Visorey, o qual muyto folgou com o recado do mouro, e lhe deu o seguro, jurado em suas barbas, pera vir; e se tornou sem ninguem o anojar, porque muyto folgaria de falar com elle. A qual reposta ouvida por Mafamede Arcone se concertou muyto bem, e se veo em hum parao á nao, que entrando se deitou aos pés do Visorey. Elle o mandou aleuantar, e lhe mostrou gasalhado, e o mouro lhe disse: «Senhor, tua verdade me deu» «atreuimento a vir ante ty, e tambem por nom ter nenhuma culpa em» «te nom querer obedecer ElRey, que nom * o * fez se nom por induzi-» «mento e conselho de Mouros estrangeiros, que vierão da India com» «suas mercadorias; mas, com tudo, a principal causa foy porque elle» «determinaua a fogir, como fogio, que secretamente desapareceo d'ante» «a gente, porque ouve medo que soubesses sua treição, e por isso o man-» «dasses enforcar; porque sabe em verdade que elle reynaua nesta ci-» «dade tiranamente, porque sendo elle mercador possante em muyta ri-» «queza, morreo o Rey que era, e elle se aleuantou por Rey, e quisera» «matar hum menino filho do Rey morto, pera ficar de todo seguro,» «mas a mãy fogio com o menino, que agora será de cinquo annos, e» «viue em huma ilha, que he o direito Rey desta cidade. E porque tu,»

[1] * a terra? * [2] Falta no Ms. da Aj., e no do Arch. lê-se * he. *

« Senhor, tu és agora senhor desta cidade, ordena o que for teu serui-» « ço, e como este menino nom perqua o seu. » O Visorey folgou muyto ouvindo o que o mouro lhe disse, e lhe respondeo se aueria alguma maneira pera auer á mão ElRey. Elle disse que nom apareceria até que 'armada se nom fosse daly. O Visorey, por se nom deter, que era o que lhe mais compria, logo assentou fazer Rey ao mouro, que sabia que era o principal da terra, e com elle assentar as cousas, e fazer aly uma fortaleza, que ElRey mandaua fazer, pera bem senhorear a costa pera o trato das roupas de Çofala, e tambem pera hy inuernarem as naos do Reyno que nom passassem. Então mandou chamar os Capitães, e vindos lhe deu conta do que passaua na terra, e lhe parecia bem fazer Rey a Mafamede Arcone, e fosse sómente até o menino ser em idade pera reynar, o que auia de ser tanto tempo que em tanto succederião outros mundos; mas que ao presente lhe compria auer Rey, pera com elle assentar as cousas, e fazer a fortaleza, que ElRey mandaua que aly fizesse, e isto com toda a breuidade, porque o tempo era pouco pera o muyto que tinha pera fazer, com a carga das naos sobre todas cousas. O que a todos assy pareceo bem, e que nom ouvesse tardança.

Então o Visorey mandou vir o mouro, que estaua em cyma no chapiteo, e o mandou assentar no banco com os fidalgos, e lhe disse: « O» « Rey desta cidade, inda que o fora de direito, tinha perdido o Reyno» « por nom obedecer á bandeira d'ElRey meu Senhor, que em cyma trás» « esta nao, á qual ouvera de vir obedecer, se elle fora homem sesudo,» « mas por ser mao e trédor o nom fez, e se aprecebeo pera pelejar, e» « fogio como judeu, que deu causa ao mal que he feito na cidade e gen-» « te; e porque tenho ouvido que tu hes bom homem e de verdade, te» « quero dar o senhorio e Reyno desta cidade, até o tempo que o menino» « seja homem pera reynar, e em tanto tu serás Rey pera sempre, e obe-» « decerás a ElRey meu Senhor, e lhe pagarás pareas; e se disto fores» « contente, toma teu conselho, e me responde com tua vontade. » Ao que o mouro respondeo: « Senhor, em muyta má conta me terias se» « nom aceitasse tamanha mercê, com a qual me dou por catiuo d'ElRey» « de Portugal em quanto viuer. Polo que, como seu escrauo, manda tu,» « Senhor, que eu tudo farey muy inteiramente, porque tudo o que me» « mandares * será * todo o bem e razão pera eu poder comprir sem fal-» « ta, porque nom digão que sam roim criado. » Ao Visorey e a todos

contentou a reposta do mouro, e o Visorey lhe disse: «Sam contente»
«de fazer o que me pedes, e nom te quero obrigar a nada, sómente o»
«que de tua vontade quiseres dar, e poderes comprir. Olha bem que»
«esta tamanha mercê te faz ElRey meu Senhor, e eu em seu nome,»
«porque bem vês que esta cidade he sua, e elle [1] * ta dá, * que nós»
«ganhámos por guerra; e por tanto tu agora dá de tua vontade o que»
«quiseres.» — «Senhor, o que eu agora falar sempre o comprirey, mas»
«se me alguem fizer guerra nom poderey comprir.» O Visorey lhe disse:
«Os que são vassalos d'ElRey meu Senhor, como tu agora fiquas, elle»
«os ajuda e defende de quem lhe fizer mal, e lhe dá vingança; e pera me-»
«lhor veres esta verdade, eu te deixarei aqui gente com hum capitão, que»
«te defenda, e faças guerra a quem quiseres, e o Rey, se aqui vier, o»
«destroires.» O mouro disse: «Senhor, se isso fizeres nom terey de que [2]»
«temer.» O Visorey disse: «Logo o verás; e nom quero que pagues pa-»
«reas, senão o que tu quiseres cad'anno por sinal d'obediencia.» O que o
mouro todo assy outorgou, e fez logo cartas de vassalo em folha d'ouro,
com obrigação que cad'anno pagaria pareas em conhecimento de tamanha
mercê, e sempre faria seruiços com que merecesse mercê. O Visorey tambem lhe passou sua patente em nome d'ElRey, de doação e reynado da cidade de Quiloa, que lhe daua com as ditas obrigaçoens e condições, assinada, e no sinal dizia: Dom Francisco d'Almeida, Governador. Ao que lhe alguns fidalgos forão á mão, dizendo que se assinasse Visorey. Elle disse: «Senhores, nom farey, que inda nom som chegado ao limite que»
«me he ordenado por ElRey meu Senhor, e prazerá a Deos que me nom
«seja acoimado nom defender a este pouo que me nom chame Visorey.»

E com isto mandou leuar a terra o nouo Rey no seu batel com seu toldo, e assentado em cadeira e estrado, com os Capitães acompanhado, que chegando a terra, na praya o recebeo Dom Lourenço com toda a gente com grandes honras, e o foy metter nos paços, onde lhe fez entrega da cidade por mandado de seu pay, presentes muytos Mouros que erão tornados á cidade com seguro que o Visorey lhe mandou apregoar, e outros que vierão por serem da valia do Rey nouo. Ao outro dia o Visorey foy a terra, que o nouo Rey veo receber á praya, com toda a gente com Dom Lourenço, com que se foy ao longo da praya, olhando o bom lugar em

[1] * tudo * Aj. [2] * me * Aj.

que fizesse a fortaleza, com que se tornou aos paços, e logo mandou ao Rey que fosse andar pola cidade com seu estado de Rey, com seus amigos, e com Dom Lourenço, e os Capitães com toda a gente, e a bandeira real diante, e Gaspar o lingoa com pregoeiros que a grandes brados hião dizendo: *Mafamede Arcone, Rey de Quiloa, vassalo d'ElRey de Portugal*, com trombetas diante, com que se tornou aos paços, em que ouve festas e grandes comeres todo o dia. Ao outro dia o Visorey com o Rey se foy onde vio humas casas grandes e fortes, [1] * derrador * das quaes se começou abrir alicece do sitio que auia de ter a fortaleza em quadra, que per quadra tinha sesenta braças, e em hum canto pera a banda da cidade huma torre quadrada, sobradada com o andar do muro. O Rey mandou vir muytos cauadores e trabalhadores, e muytos pedreiros, que o Visorey trazia, e mestres, com muytas pedras de casas que mandou derrubar, e todo o muro de longo da praya. Toda a obra em roda se fazia [2] * com outra torre * quadrada pera a banda da baya, em que a terra fazia huma ponta, e na torre a porta pera o mar, e nas casas dentro mandou aleuantar a torre de menagem, de dous sobrados fortes, com janellas pera todas as partes, de que podia jogar artelharia, e por dentro se fez o aposento pera a gente, e casa da feitoria, e almazem, tudo como compria, e por baixo bombardeiras pera vinte peças grossas, afóra falcões e berços pera o muro. N'esta obra se deu tanto auiamento, pola muyta gente que auia, e madeira, e pedra e todas as chegas, durando o trabalho de dia e de noute, que em dezaseis dias foy çarrada em roda, e posta n'altura das ameas, onde dentro se disse missa em dia de Sanctiago, per frades e clerigos que hião n'armada, com pregação de mestre Diogo Vigairo geral da India, que ElRey mandou, pera prouer na magnifestão das Igrejas com capellas, com ordenados pera casa e fortaleza. E sendo a fortaleza já em sua altura o Visorey deu a capitania a Pero Ferreira, que a trazia por ElRey, e lhe ordenou cem homens, entrando neste numero todolos officiaes, feitores, alcaide mór, almoxarife, escriuães, crelegos, em que entrarão alguns degradados, a que o Visorey fez quita alguma parte de seus degredos, e que acabando de seruir o que lhe ficaua ouvessem soldo e mantimento, sómente lhe * nom * pagauão em quanto corria o degredo. E porque Pero Ferreira se queixou de pouca gente, lhe deixou

[1] * de terrados * Aj. [2] Falta no Ms. da Aj.

Lopo de Goes Anriquez na sua naueta, pera guardar a costa * com * cincoenta homens, e leuar a roupa do trato a Moçambique, pera o que deixou muytas mercadorias, e regimento de todo o que auia de fazer, e mórmente bom trato e pagamento á gente, e lhe deixou auondança de monições; e que sabendo que em Moçambique inuernauão naos as mandasse chamar da sua parte que aly viessem inuernar, onde se concertassem de todo o que ouvessem mister, porque na terra auia auondança de todalas cousas necessarias; e porque o Rey fez toda a despeza da obra do seu dinheiro, o Visorey, côm acordo dos Capitães, este primeyro [1] * anno * nom quis tomar pareas a ElRey, porque lhe deixaua pera pagar o ordenado do capitão e dos officiaes, e soldo e mantimento á gente do mar e da terra, porque a isso se obrigou a pagar o Rey em lugar das pareas deste anno. E porque na cidade se achou muyta roupa do trato de Çofala, mandou Antão Gonsaluez que fosse carregando della a Çofala, e a resgatasse, e leuasse o dinheiro á India; e com elle mandou Francisco Figueira, pera estar em Moçambique com outra soma de roupa, com escriuão * e * quatro homens de seu seruiço, porque esta roupa valia em Moçambique, pera fazer corregimento ás naos que hy fossem ter, e tambem em zambucos a mandaria a Çofala, se comprisse, e com isto fazer assento na terra. E ficando tudo assy com bom auiamento, e regimentos aos officiaes, as naos [2] * tendo * já feito agoada, ordenou partir, porque toda 'armada aquy nom era chegada. ElRey mandou a toda 'armada grande auondança de cousas de refresco, e se veo despedir do Visorey, e estando assy falando, em presença dos Capitães e fidalgos, mandou vir Gaspar Pereira, que hia por Secretario, e lhe mandou que escreuesse tudo o que aly fizera assy como passára, e assinasse com os Capitães e fidalgos até que fossem dez, e lhe désse o papel pera sua lembrança, porque era homem muy esquecido do que fazia; dizendo aos fidalgos: «Isto cumpre ao bom que» «faça, porque alguns roins lhe nom furtem a verdade.» O que o Visorey falou porque sabia que o Secretario se queixaua delle que lhe nom daua a honra que seu cargo requeria, porque nunqua com elle praticaua segredos, e nos conselhos lhe nom consentia que falasse nem désse voz, sómente aly perante todos lhe fazia tudo escreuer o que passaua, em que todos assinauão, e o Visorey recolhia o papel e o guardaua; do que se

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * tinhão * Arch. e Aj.

o Secretario queixaua que o Visorey se nom fiaua delle. O Visorey, recolhendo o papel, dizia: « Isto faço porque, se eu morrer, antes quero »
« que de mim falem estes papeis que bocas alheas; antes [1] * quero * a »
« verdade que a vida, porque nunqua no mundo ouve alguem quisto, »
« que com filhos alheos usasse direita justiça, e muyto pior sendo man- »
« dado por outrem, porque o senhor manda em secreto o que he sua von- »
« tade como lh'apraz, e o executor he mal querido e profaçado, porque »
« nom pode descobrir o segredo de seu senhor: » que o Secretario muyto trabalhaua por ver o regimento do Visorey, e por lho elle nom mostrar se mostraua muy arrufado, e nunqua hia ao Visorey senom quando era chamado, polo que lhe sempre teue grande odio, como por esta Lenda se verá. Então o Visorey e Capitães se despedirão do Rey, fazendolhe o Visorey grandes honras, e se embarcou, e partio a treze d'Agosto caminho de Bombaça.

CAPITULO III.

COMO O VISOREY FOY A' CIDADE DE BOMBAÇA, E A TOMOU PER GUERRA D'ARMAS, DE QUE O REY FOGIO, E O VISOREY O TORNOU A RECEBER COM PAZ, E LHE DEU A CIDADE, E O FEZ TRIBUTARIO A ELREY NOSSO SENHOR.

O Visorey, acabado o feito de Quiloa como atrás disse, se partio com 'armada que tinha, porque inda muyta nom era chegada, e se foy ao longo da costa, leuando piloto da terra que lhe mostrou a cidade de Bombaça, que está sentada dentro na terra, arquada d'agoa que fica em ilha, e pera a banda da mão direita faz grande baya em que estão as naos; a cidade muy nobre de casaria de terrados e riquas de grandes lauores, de [2] * madeira * que tem muyta madeira; a cidade cercada de muro toda em roda, fechada de portas com muytas torres e cubelos, assentada ao pé de hum outeiro com muytas mesquitas, e na entrada da barra hum cubelo com artelharia, e da outra banda outros dous cubelos em guarda da barra, que tem boa entrada; pouoada de Mouros naturaes e tratantes, de muyta riqueza pola grande escala que tem pola terra dentro. Onde assy chegado o Visorey mandou Gonçalo de Paiua, que entrasse a ver que agoa tinha a barra, o qual entrando, do baluarte lhe tirarão muytos ti-

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * maneira * Arch. e Aj.

ros, ao que tirou tambem Gonçalo de Paiua, no que supitamente se aleuantou grande fogo no baluarte, que se lhe accendeo na poluora, e porque o vento era bom e maré, e auia muyta agoa, entrou logo o Visorey com as carauellas e nauetas, e as naos de carga ficarão fóra, mas foy a gente toda nos batés.

Então o Visorey mandou João da Noua que no seu batel fosse leuar a terra o piloto de Quiloa, que mandaua a ElRey com recado que lhe mandasse hum homem honrado per que lhe mandasse recado; mas o batel chegando perto da terra, que o piloto disse que leuaua recado a ElRey, lhe tirarão de terra muytas pedradas e frechadas, ao que João da Noua lhe respondeo com dous berços que leuaua, com que logo na praya ficou o pago das frechas; com que se tornou ao Visorey, o qual mandou os bateis das naos, que estauão fóra, que trouxessem toda a gente e a mettessem nos nauios que estauão dentro, e como foy noite mandou o Visorey João da Noua que fosse a terra ver se podia tomar lingoa; o qual hindo perto da praya foy sentido, e da terra lhe deitarão muytas frechas, porque a cidade tinha grande vigia, e vendo entrar a nossa armada se fez prestes toda a gente, que hauia muyta muy armada, e Mouros que se mostrauão muy valentes, dizendo ao Rey que nada ouvisse aos nossos, pois estaua certo nom virem senom tomarlhe a cidade, e a roubar, como fizerão a Quiloa, polo que todos se muyto apreceberão e concertarão pera pelejar, e por isso nom quiserão tomar o recado, e assy estauão em grande vigia, com que João da Noua nom póde chegar a terra, antes de terra lhe falou hum portuguez arrenegado que lá andaua, dizendo: « Hy dizer ao Visorey que venha em terra, que em Bombaça » « nom ha de achar as galinhas de Quiloa, que aqui achará vinte mil » « homens que lhe nom hão de torcer o focinho. » A gente da cidade, todauia, ordenarão seu fato bom d'ouro e joyas, e as molheres e os filhos, e os passauão a terra firme, que era 'agoa pouca; mas o Rey pôs nisso grande guarda, e o nom consentio, porque cada hum melhor guardasse sua casa. Na cidade auia dez mil homens de peleja bem armados.

ElRey falando com seus naturaes, lhe disserão que nom fazia bem nom ouvir o recado que lhe mandauão, que era cousa d'homem doudo, e falando antre todos hum velho honrado da priuança d'ElRey, porque era homem de muyto conselho lhe disse: « Senhor, os Mouros te acon- » « selhão que nom tomes recado, sómente que pelejes. Já tu tens sabido »

« que os Portuguezes nunqua tornão [1] * pé * atrás, e se vem pera te to- »
« mar esta cidade sabe certo que ta hão de tomar, e se for per armas »
« será tua total perdição e de tuas gentes; e por tanto has de saber o »
« que te querem, e dos males tomarás o menor, porque se mal tiueres, »
« estes Mouros estrangeiros nom te hão de dar o remedio. » A ElRey pareceo muy bem o que o velho dizia, e lhe muyto rogou que fosse á praya, e se mettesse em huma almadia, e se fosse saber do Capitão mór o que queria. O que o mouro assy o fez, que se metteo em hum barco com hum pano branco aleuantado na ponta de hum pao, e se foy polos nauios perguntando polo Capitão grande, e lhe mostrarão o nauio que estaua de João da Noua, onde chegando esteue afastado, e aguardou até que o chamarão, o qual entrando, que vio o Visorey, lhe fez grande acatamento tomandolhe os pés com ambas as mãos, e o Visorey lhe mostrou bom gazalhado, e o mouro lhe disse: « Senhor, ElRey castigou os »
« que estauão na praya, porque falarão sem sua licença, e por isso me »
« manda pera saber o que queres, e se for cousa de razão muyto fol- »
« gará, e se assy nom for, chamará a Deos que o ajude contra quem »
« lhe mal fizer sem razão. » Ouvido polo lingoa que o falaua, o Visorey falando com os Capitães disse: « As palauras destes Mouros são tão »
« chegadas á razão que hey dó de lhe fazer mal, mas minha obrigação »
« me salua. » Então disse ao mouro: « Vay dizer a ElRey que esta ar- »
« mada, que vê, he d'ElRey de Portugal meu Senhor, o mór Rey que »
« ha no mundo, a que muytos Reys pagão pareas e tributos como vas- »
« salos, aos quaes elle dá sua paz, e os ajuda contra quem lhes quer »
« fazer mal, e os trata como filhos. Eu sou o somenos criado que elle »
« tem, e venho com esta sua armada e caualleiros que aqui vês, e lhe »
« mando muyto rogar que elle de sua vontade folgue de lhe dar obe- »
« diencia, e se fazer vassalo d'ElRey meu Senhor, e por conhecença »
« d'obediencia cad'anno lhe pagar alguma cousa de pareas, que he cos- »
« tume pagarem os pequenos e os grandes, e a isto he elle obrigado »
« polo grande proueito que a esta cidade lhe vem polo mar dos que »
« nelle nauegão; a qual nauegação ninguem póde fazer, por quanto El- »
« Rey meu Senhor he poderoso Senhor mais que de todolos mares do »
« mundo, como ora he do mar da India, que ninguem nelle [2] * nom * »

[1] * pera * Aj. — [2] De menos no codice da Aj.

«pode nauegar sem sua licença, porque os que nauegão sem licença, e»
«nom obedecem a esta bandeira no mar, são queimados viuos; e isto»
«pergunte elle aos Mouros nauegantes se he verdade; e se lhe aprouver»
«fazer o que digo lhe darey paz e seguro a esta sua cidade e porto pera»
«sempre, e o ajudarey contra seus imigos, e se isto nom quizer fazer,»
«elle verá muyto mal em sua cidade, de fogo e sangue.» O mouro disse: «Senhor, aguardarás que te torne com resposta.» O Visorey disse: «Aguardarey até o sol posto.» Com que o mouro [1] *tornado* a terra contou ao Rey todo o recado que lhe dera o Visorey, presentes todos os principaes da cidade, que estauão esperando com ElRey o recado. Do que ficarão muy assombrados com grande medo, e tiuerão grandes debates, huns que sim, outros que não, e assentarão que cometessem algum bom partido por se liurarem do mal que estaua tão certo, e auido seu acordo antre todos, ElRey tornou a mandar o mouro com reposta, com grandes presentes de muytos barcos carregados de refresco pera toda 'armada, de muytos carneiros de rabada, galinhas, figos, laranjas doces, as melhores que se nunqua virão, romãs, cidras, [2] *limões,* canas d'açuquere; com que foy ao Visorey e tudo lhe offereceo. O Visorey lhe disse que primeiro désse a reposta que trazia d'ElRey, e se fosse d'amigo tomaria o que lhe mandaua, e se nom fosse d'amigo, as cousas dos imigos elle as nom tomaua senom ás lançadas. Então o mouro deu a reposta dizendo: «Senhor, diz ElRey que elle, nem seus antecessores, nun-»
«qua tiuerão sogeição a ninguem, polo que agora lhe será grande dôr»
«obedecer, e pagar tributo a quem nunqua vio nem ouvio, nem offen-»
«deo, nem fez mal; mas que, por se escusarem males, daria o que fos-»
«se razão; e se fosse em paz, sem lhe mais pedir nada. Nem queria»
«mais as amizades que lhe prometia, porque as amizades com máos co-»
«meços sempre hião a má fim; que os pequenos que pagauão aos gran-»
«des são os que estão em suas terras, que são seus proprios catiuos e»
«vassalos, e a estes, quando seus Senhores lhe fazem mal e tirania,»
«Deos lhe dá castigo, porque Deos ajuda aos pequenos contra os gran-»
«des soberbos. Que [3] *o pouo* ajuntará cincoenta mil pardaos d'ouro,»
«que logo lhe mandarya, com que logo se partisse, com lhe dar segu-»
«ro em nome d'ElRey de Portugal, *que* nunqua mais armada nem»

[1] *tornando* Aj. [2] Falta no Ms. da Aj. [3] Idem.

«nauio entrasse em seu porto, e o que tomassem no mar fizessem sua» «vontade.»

O Visorey, ouvida a reposta presentes os Capitães e sacratario, que tudo escreuia, que assi lho mandaua o Visorey, disse falando com os fidalgos juntamente: «Muyto sabe este mouro, pois tanto se apega á jus-» «tiça, mas somos gentes mandadas, que auemos d'obedecer. Deos o» «aja por seu seruiço, que sabe os corações de todos, e ordena o que» «lh'apraz.» Sobre o que mouida a pratica e debates, respondeo ao mouro, que fosse dizer a ElRey, que as obras que ElRey de Portugal fazia aos bons era como irmãos, «e as que faz a quem lhe nom quer tomar» «sua amizade, ámanhã eu, com estes fidalgos, lhas mostraremos dentro» «em suas casas; que quem he soberbo, e nom quer bem, e escolhe o» «mal, Deos lhos faz;» e que o dinheiro o nom queria, porque dentro na cidade o acharia, e que elle só teria a culpa do mal que veria em sua cidade; e se fosse, e tornasse a leuar o que trouxera, e nom tornasse mais se não fosse com trazer a obediencia d'ElRey. «E porque» «teu trabalho nom fique embalde, se vires mal na cidade, traba-» «lha por chegares a mim, e nom auerás mal; e sobre a porta de tua» «casa poem o sinal que está na minha bandeira, e ninguem nella en-» «trará, porque estes Capitães assy o mandarão ás gentes, que se ElRey» «tiuera o teu sizo foralhe muyto bom.» Com que o mouro muy triste se tornou a terra, que contou a ElRey todo o que passara e ficaua ordenado, que era tomarlhe a cidade, se nom désse a obediencia que lhe pedia.

Os Mouros, vendo o Rey triste, o esforçarão muyto, dizendo que Mafamede os ajudaria contra quem lhe fazia mal sem razão; que a cidade era grande e muy forte por causa das ruas serem muy estreitas e as casas altas, que sómente as molheres abastavão pera de cyma dos terrados com pedras matarem quanta gente nella entrasse, pois os nossos nom auião de sobir aos terrados, porque com as armas nom podião entrar polas esquadas, que erão estreitas e portas pequenas; e que elles erão muytos, e nas ruas estreitas deterião aos nossos, em quanto dos terrados os acabassem de matar, e que quando não, perto tinhão a saluação da terra firme, no que sómente compria ter guarda que nom fogisse a gente. Disse o mouro dos recados: «Tudo isso, que vós outros ordenais,» «será pera mór mal, o que ElRey nom deue assy querer, senom que»

«se vão as molheres com seus filhos e familias da banda d'além, e os»
«homens fiquem á ventura do que for.»

Então todos se apreceberão, e se fizerão muy fortes nos terrados, em que poserão muytas pedras, e quebrauão as esquadas das casas, porque os nossos nom tiuessem por onde sobir, fazendo muytos andaimos de huns terrados a outros pera correrem por todos, e atrauessarão e taparão muytas ruas per muytas partes, pera que em quanto os nossos se detiuessem a destapar, elles dos terrados fizessem sua obra; e fizerão recolher ás casas toda a gente meuda, e deitarão peçonha nos poços e em grandes jarras que tinhão nas casas cheas d'agoa, pera que os nossos, com a sede do cançaço, bebendo morressem todos; como de feyto seus ardis causarão muyto mal, que todos estes aprecebimentos fizerão em quanto andauão os recados.

O Visorey, tanto que despedio o mouro, mandou aos Capitães a fazer a gente prestes pera antemanhã dar na terra, e mandou as carauellas que se posessem ao longo da praya pera tirar á gente que saysse da cidade; e olhando das gaueas dos nauios virão a que parte da cidade estauão as casas d'ElRey, e áquella parte mandou o Visorey chegar duas carauellas, que tirassem ao muro ao derrubar, como derrubarão huma grande parte delle porque os nossos entrarão; porque as portas erão muyto pequenas, e ouvera grande détença aos nossos entrarem. O Visorey deu grande auiso aos Capitães e fidalgos que nom consentissem pòr fogo, porque os Mouros nom se punhão na defensa da cidade senão porque estaua chea de muytas mercadorias, que elles nom podião tirar fóra; e que portanto, pois lhe auia de custar seu trabalho, nom se perdesse o proueito que se podia auer. O Visorey mandou polos nauios apregoar grande pena que ninguem posesse fogo, e daua escala franca depois da cidade tomada até noite a todo o que embarcassem. E sendo mea noite o Visorey mandou aos bombardeiros tirar com artelharia polos altos da cidade, o que assy fizerão, com que na cidade se aleuantou grande grita, e tambem da cidade tirando muytos tiros meudos, que nom tinhão tiros grossos; e pareceo aos Mouros que nom auia de ser mais a guerra dos nossos que os tiros, e nom auião de ter atreuimento a entrar na cidade.

O Visorey ordenou a sua batalha, em que forão Manuel Paçanha, Fernão Soares, Vasco Gomes d'Abreu, João da Noua, Diogo Correa, Felipe Rodrigues, Capitães que fazião corpo de gente de sete centos homens,

em que auia muytos fidalgos honrados, que nom nomeo por nom leuarem cargos, mas nos feitos serão nomeados se as obras o merecerem: a batalha de Dom Lourenço com seu guião, porque o Visorey leuaua a bandeira real. Com Dom Lourenço foy Lourenço de Brito, Dom Aluaro de Noronha, que o Visorey lhe pedio quigessem hir com elle, dizendo que era homem mancebo, que nom confiaua nelle o sizo e saber que elles tinhão, e mandou ao filho que os obedecesse, e forão mais Ruy Freire, Bastião de Sousa, Lopo Chanoca, Gonçalo de Paiua, Antão Vaz, Lucas da Fonsequa, João Homem, que todos fizerão corpo de seis centos homens, toda muy luzida gente, e outros caualleiros e fidalgos.

Sendo antemenhã bradarão todos que fossem a terra: o Visorey nom quis, dizendo que primeyro auia de ser dia claro, que vissem os Mouros que hospedes lhe hião pera casa; mas os tiros d'artelharia fizerão muyto mal, porque nom sabião donde se guardassem, polo que com a reuolta começou a familia e molheres a passar á terra firme, leuando ás costas o que podião. Sendo já dia claro, o Visorey mandou hir a terra, que era grande fermosura ver as riquas armas e guiões. Dom Lourenço leuaua huma bandeira farpada, de damasco verde e branco com letras d'ouro, que leuaua [1] * Diogo com alferez, * que o Visorey com elle mandou. Os Mouros estauão muy armados de cofos, traçados, zagunchos, muytos arquos truquiscos, de que são muy ligeiros no tirar e suas frechas não ha cousa que se lhe tenha. Os Mouros estauão de dentro do muro caydo, que nom sayão fóra com medo dos tiros das carauellas, com que os nossos desembarcarão á sua vontade, e Dom Lourenço per [2] * mando * do pay foy entrar polo muro caydo, onde ouve trabalho, entrando por cyma das [3] * pedras, * onde aquy os Mouros a frechadas tratarão muyto mal os nossos, que forão feridos muytos, mas Dom Lourenço que logo entrou com huma alabarda nas mãos que os Mouros nom temerão, e chegando polo ferir, elle em tão pouco espaço lhe fez tamanho espanto que o nom querião ver; com que a outra gente ouve espaço d'entrar, que começando a picar os Mouros com os fayns logo se forão retraindo, mas pelejando muy fortemente, que fogindo virauão as mãos atrás com os arcos, com que fizerão tanto mal aos nossos, que pera saluação muyto se chegauão aos Mouros, com

[1] Conjecturâmos que quiseram escrever * Diogo Correa, como alferez *
[2] * medo * se lê na copia da Aj. e * e modo * na do Arch. [3] * paredes * Aj.

que muytos matauão e ferião. O Visorey, vendo a detença do entrar da gente por caso das pedras, mandou a João Negrão, mestre da sua nao, que com a gente do mar lhe ficasse tirando as pedras, que ficasse o caminho despejado, e que nom consentisse nenhum entrar na cidade. O Visorey tomou por outra rua pera onde estauão as casas d'ElRey, nom achando nenhuns Mouros, mas chegando á outra rua que voltaua, lhe sayrão mais de mil Mouros, que a rua era larga, onde lhe fizerão grande salua de frechadas, que os nossos forão muyto mal tratados. O Visorey mandou tocar as trombetas, e deu Sanctiago de corrida após os Mouros, que nom quiserão aguardar bote de lança, e se forão fogindo por humas ruas estreitas, onde de cyma dos telhados lhe fizerão tanto mal, que forçadamente os nossos se tornarão a sayr das ruas, porque o Visorey foy por huma com Dom Aluaro, e por outra Fernão Soares com Lourenço de Brito, com ametade da gente que o Visorey mandou; mas todos se tornarão pera trás com medo do mal dos terrados, e o Visorey se tornou á entrada, e mandou ás carauellas que tirassem ao outro lanço do muro, ao pé porque todo caysse. Em quanto isto se fazia, Dom Lourenço [1] * hia * assy pelejando com os Mouros, que tambem lhe forão fogindo per outras ruas estreitas, onde assy lhe fizerão tanto mal dos terrados que se tornou pera fóra, onde lhe já hia recado de seu pay que o mandaua chamar.

Tornando fóra onde estaua o Visorey se leuarão pera os nauios passante de cem homens feridos de frechas, que nom podião pelejar, afóra quatorze mortos, que ficarão nas ruas, das pedras dos terrados; em que disserão ao Visorey alguns homens que quiserão hir aos terrados, mas achauão todas as escadas quebradas. Então o Visorey mandou trazer em terra antenas e carpinteiros, e logo em pouco espaço forão feitas muytas escadas. Em quanto se isto fazia trouxerão comer em terra, e comeo toda a gente, que cada capitão trouxe do seu nauio auondança de comer, e em tanto toda 'armada deu grande bataria á cidade. Acabado o comer, o Visorey mandou aleuantar as escadas perque os nossos sobirão em humas casas altas, e porém com muyto trabalho de muytas pedras, que de cyma lhe deitauão; onde João Negrão foy o primeyro que sobio, perque com a sua gente aleuantou a primeyra escada, o qual sendo em cyma, já

[1] * indo * é o que vem em ambos os codices.

com duas feridas, e outros após elles, que se metterão ás lançadas com alguns Mouros que logo fogirão, ouve tempo que sobio muyta gente a esta casa, e em outras, porque os nossos começarão a correr polos terrados após as molheres, que por serem muytas e nom caberem por suas portas dos terrados, forão muytas mortas deitadas dos terrados abaixo, e * por * que as casas quasi todas erão d'huma altura, parecião por cyma dos terrados a infinidade das molheres, e escrauos, e Mouros que de cyma pelejauão, o que sendo dito ao Visorey mandou leuar acyma aos terrados quatro berços encarretados, com que tirauão por cyma dos terrados, que as molheres com medo dos pelouros cayão dos terrados. O Visorey mandou acyma João da Noua com sua gente, que corresse os terrados leuando os berços; os seus homens do mar lhe leuauão os barris de poluora e pelouros, e lhe mandou que fosse enxorando os terrados por onde ouvisse que hião as trombetas. Então mandou Diogo Correa, e Felipe Rodrigues, que com sua gente se fossem estar em huma grande mesquita que estaua no outeiro de fóra da cidade, e que trabalhassem por aquella parte pôr fogo, e mandou Gomez d'Abreu, e Diogo Barrão, que com sua gente fossem pola outra banda da cidade, e tambem posessem, hindo, fogo. O que assy fizerão, que acharão em que pôr o fogo, que logo se aleuantou muy grande por a cidade, por ter muyta madeira polas janellas e bayleos, e as casas muyto juntas, com que o fogo fez sua obra. Então o Visorey entrou per huma parte, e Dom Lourenço per outra com suas gentes, que nom [1] * achauão * Mouros, os quaes, vendo os nossos per cyma dos terrados, se derão por perdidos e se forão pera ElRey que estaua nas suas casas com tres mil Mouros, que erão muy fortes, e estaua muy seguro, mas sendolhe dito que os nossos matarão a gente per cyma dos terrados, a que elles nom podião acodir porque nom tinhão escadas, polo que já nom auia quem defendesse [2] * as ruas * aos nossos, se ordenarão a pelejando se saluarem.

O Visorey, e Dom Lourenço forão atinando contra os paços d'ElRey, de quando em quando tocando as trombetas, que sendo ouvidas dos Mouros, que se hião chegando pera onde elles estauão, sayrão dous esquadrões, que erão mais de dous mil, a hir pelejar com os nossos, e hindo polas ruas,

[1] * achando * vem nos exemplares do Arch. e da Ajuda. Pareceu-nos necessaria a pequena alteração que fizemos. [2] * a mesa * Aj.

os nossos que andauão polos terrados os sentirão, e acodirão sobre elles com as pedras, com que os fizerão tornar pera onde vierão. Dom Lourenço era já mais perto, e auendo vista dos Mouros, que estauão nas casas d'ElRey, e ouvindo tanger as trombetas do Visorey que já era perto, aguardou, e auendo vista da gente mandou tocar as trombetas, chamando Sanctiago, sam Jorge, arremeteo com sua alabarda, entrou no terreiro dos paços, em que estauão mais de quatro mil Mouros, e com elle João Homem, com huma espada d'ambas as mãos com que muyto feria e mataua, e muy valente caualleiro, e Lourenço de Brito, e Manuel Paçanha, Artur de Brito, Amador de Sousa, Fernão de Crasto, Fernão de Ferreira, todos fidalgos parentes e amigos [1] ⁎dos⁎ Capitães, e com elles até vinte homens de adargas e fayns, que forão dianteiros a çarrar com os Mouros ás lançadas, e logo assy toda a outra gente, a que Dom Lourenço mostraua o caminho, que nom auia mouro que lhe tiuesse rosto, mas como erão muytos, acertarão, e o ferirão fortemente por todas partes com zagunchos d'arremeço, mas [2] ⁎elle⁎ era todo armado de ricas armas brancas que nada lhe parecia, e era incansauel por ser d'estrema força, onde a peleja foy muy grande por [3] ⁎caso⁎ da multidão dos Mouros, até que chegou o Visorey tocando as trombetas, embocando Sanctiago, e Dom Aluaro, Bastião de Sousa, Dom Fernando d'Eça, [4] Dom Diniz, Dom Manuel, Christouão de Figueiró, Fernão de Sousa, Fernão Perez, Pero d'Alboquerque, todos fidalgos mancebos que tomarão a dianteira com Dom Aluaro, ⁎e⁎ cometerão os Mouros per outra parte, com que a reuolta foy muy grande, que postoque muytos Mouros cayrão mortos, elles nom mingoauão, e pelejauão fortemente a se defender; o que os nossos conhecendo os apertarão tão fortemente que os forão arrancando do terreiro. O Rey, que estaua no alto de suas casas que tudo via, vendo as marauilhas de Dom Lourenço e tamanhas forças dos nossos, se deceo, e se foy fogindo, e se pôs diante de todos os Mouros, que já hião muy em desbarato, largando as casas d'ElRey. O Visorey mandou a João Ferreira, e a Fernão Bermuides ficar em guarda das ca-

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] Idem. [3] ⁎causa⁎ Aj. [4] Ainda que o nome de Dom Fernando de Saa esteja claro em ambas as copias, mudámos este nome para o de Dom Fernando d'Eça. Veja-se Gaspar Correa no Cap. I d'esta Lenda, pag. 530; Castanh. Hist. da Ind. Liv. II, Cap. I e VI; e Barros Dec. I, Liv. VIII, Cap. III.

sas, e elle foy seguindo o alcanço aos Mouros, que sabendo que ElRey hia já diante, se forão fogindo e sempre pelejando, mas Dom Lourenço os fazia hir muy depressa. Ruy Freyre, e Fernão Bermuides sobirão no alto das casas do Rey com seus guiões, bradando Portugal! Portugal! dando gritas; assy o fizerão os Portuguezes que corrião polos terrados com João da Noua, que hião deitando muytas pedras sobre os Mouros, com que de todo forão postos em fogida, espalhandose por muytas ruas. Diogo Correa, Felipe Rodriguez, que forão á parte da mesquita a pôr o fogo, e assy Vasco Gomez d'Abreu e Fernão Bermuides, ouvindo as trombetas que corrião pola cidade, elles tambem com suas gentes cada hum entrou por sua parte, com que hião topar os Mouros que hião fogindo, que deixauão as ruas e se escondião polas casas. Os Mouros que hião com ElRey se forão assy espalhando, com que o Rey se passou pera a terra firme. O Visorey, vendo que os Mouros hião já em fogida, mandou a gente que fosse após o filho, e elle com cem homens se tornou ás casas d'ElRey, que era tarde, onde chegando, que vio dentro Ruy Freire e Fernão Bermuides, se agastou muyto por entrarem dentro.

Dom Lourenço foy correndo per muytas ruas sem achar com quem pelejar; e hum homem que auendo sede bebeo de hum poço, acabando de beber ficou como doudo e logo morreo, e bebendo outro, que nom atentou, assy morreo, polo que então bradarão outros: peçonha, peçonha! guarda d'agoa! O que sendo dito a Dom Lourenço mandou que tornassem onde ficaua seu pay, e assy bradando fossem polas ruas, onde assy já outros vinhão bradando, peçonha, peçonha! guarda d'agoa! Dom Lourenço, vendo que nom auia que fazer se tornou em busca de seu pay, e chegando aos paços onde estaua o Visorey lhe disse que chamasse o Ouvidor que fizesse diligencia e arrecadasse o thesouro d'ElRey; onde chegou hum homem, que disse que o Rey estaua além do rio em hum palmar muyto perto, e que os Mouros poucos e poucos [1] • fogindo se acolhião • pera lá, mas o Visorey nom quis mandar a gente porque estaua cançada, e ficou toda com Dom Lourenço, e o Visorey se recolheo ao mar, e mandou a gente que roubassem, que nom tinhão já huma hora do dia, mas ainda recolherão muy grande despojo.

O Ouvidor e Dom Lourenço acharão nas casas d'ElRey dous cofres

[1] • se lhe hião fogindo •

grandes de cobre, que estauão abertos, quebrados e roubados; mas do mais da casa se achou muyto fato. Os que andauão a roubar matauão muytos Mouros que estauão escondidos polas casas, em que tomarão muytas molheres fermosas, e moças, e moços, e roubarão toda a noite. Pola manhã o Visorey tornou a terra, e mandou apregoar que todo o fato se posesse na praya, e ninguem embarcasse nada, e que nom embarcassem nenhuns catiuos, senão moços ou moças de doze anos pera baixo, porque sendo assy de pouca idade podião vir a ser bons christãos, que os de maior idade erão já duros na ley de Mafamede; e que nom matassem senom os que pelejassem, e mandou ao feitor d'armada, que dos que erão tomados até duzentos, de vinte anos bem dispostos, * ficassem * pera remarem nas galés.

Achouse nas casas d'ElRey ricas cousas do seruiço da casa, que todo mandou [1] * que se escreuesse, * e o feitor o recolhesse, mas dos Capitães que entrarão nas casas, que sobre o que tinhão furtado casi vierão ás brigas, se descobrio grande roubo, em que na barguilha de hum fidalguo se achou hum fio de perolas, que elle negaua, que valia muyto dinheiro, a que o Visorey disse vergonhosas palauras, polo que, feitas diligencias, ao que mexericaua se achou muy riquas cousas, que tudo s'entregou ao feitor o que sómente se tomou das casas d'ElRey, e o Visorey muy agastado, dizendo que o capitão que aquiria e tomaua despojo dos imigos, nom podia pedir outra honra do feito, inda que fizesse obras como Heytor. Então mandou ao feitor que carregasse nos batés, e mandasse ás naos que estauão fóra, o melhor despojo que achasse. O que assi fez com o Ouvidor, que ainda que lhe fez Dom Lourenço, [2] porque o Visorey se tornou a recolher, e recolheo o feitor muyto marfim, cobre, vermelhão, azougue, e muytas roupas finas de todas as sortes, de Cambaya e de toda a India, e muyto beijoym em grandes pães, e almisquere, e outras cousas de que se carregarão grande soma.

Neste feito forão mortos passante de trinta homens, e feridos muytos de frechadas, de que muytos morrerão, porque ouve frechas de peçonha, de que foy morto Dom Fernando d'Eça, [3] Tristão de Menezes,

[1] * assentar * Aj. [2] Ha aqui falta de palavras em ambas as copias. [3] Achava-se n'este logar outra vez escripto erradamente o nome de * D. Fernando de Sá * Alem do que advertimos em a nota a pag 553, veja-se Barros, Dec. I, Liv. VIII, Cap. VIII.

Diogo Furtado de Mendoça, fidalgos que forão n'armada pera ganhar honra, como outros honrados caualleiros forão a soldo; e porque assy os feridos de frechas de peçonha morrião sem auer remedio, de que o Visorey tinha muyta paixão, disse hum mouro que elle trazia catiuo de Quiloa, que nas feridas das frechas de peçonha metessem mechas de toucinho, que mataua aquella peçonha; o que assy se prouou e achou ser verdade, polo que o Visorey o soltou e lhe fez merce, e mandou que curasse os feridos, de que o mouro era grande mestre, que se fez riquo, e andou sempre com o Visorey, fazendo grandes curas em feridas e chagas. E porque o feito foy tão honrado, muytos fidalgos se fizerão caualleiros da mão do Visorey e de Dom Lourenço, que erão feitos com suas honras e solemnidades de trombetas.

O Visorey, sendolhe dito que nas naos auia grão numero de catiuos, mandou o Ouvidor correr todas com pregões e penas que se apresentassem os catiuos, e nom consentio que fossem tomados senão os homens de vinte e cinquo anos pera baixo, e das molheres moças até dez, doze anos, e todos os mais forão trazidos ante o Visorey, que passauão de quinhentos, que elle mandou soltar que se fossem liuremente, e lhes dizendo que se fossem queixar a ElRey de seu mal, que elle lho causara por seu mao conselho; os quaes todos forão leuados a terra com grande pena que ninguem lhe fizesse mal. Alguns destes forão ter a ElRey, e lhe contarão o que o Visorey fazia, e dixera quando os soltara; o que ouvido por ElRey, chorando a grande perdição que auia em sua cidade, em que ardia o fogo, falou com o velho em segredo, e o mandou dizer ao Visorey que pois elle nom tiuera siso pera se guardar do mal que lhe viera, que elle, como grande senhor e Capitão, ouvesse piedade do que se perdia que o fogo queimaua, e que com elle ouvesse misericordia. Com o qual recado muyto folgou o Visorey, e disse ao mouro: «Por-» «que tu vejas que o mal que he feito foy causado do mao conselho que» «ElRey tomou, te vay, e logo venha gente que ElRey mande 'apagar» «o fogo.» E com elle mandou hum page dizer a Dom Lourenço que logo mandasse apregoar, sob pena de morte, que ninguem mais nom roubasse nem andasse pola cidade fazendo mal, e os Capitães mais nom consentissem embarcar cousa nenhuma; o qual pregão logo Dom Lourenço mandou deitar com trombetas. O que todo o mouro foy dizer a ElRey, que mandou apregoar que cada hum fosse guardar sua casa e apagar o

fogo sem medo nenhum, porque tinha seguro do Visorey: ao que logo muyta gente entrou na cidade, mórmente dos Mouros mercadores, que tinhão muytas mercadorias que sabião que nom erão tomadas; com que o fogo foy apaguado, e tudo posto em paz. O que vendo ElRey, mandou dizer ao Visorey que se lhe daua licença se hiria deitar a seus pés, e lhe désse o castigo que merecia seu erro. O que ouvido polo Visorey ouve muyto prazer, e lhe mandou dizer que seguramente viesse, porque veria quanto errara com seu mao conselho. Do que o Visorey mandou seu assinado, pera que toda sua gente seguramente se viesse com elle, e mandou dizer a Dom Lourenço, que como ElRey entrasse o fosse receber com honra, e o trouxesse, e mettesse em seus paços, e nelles o deixasse, e logo s'embarcasse com toda a gente.

Dom Lourenço disse ao mouro o que mandaua seu pay, o qual com grande prazer foy a ElRey, e lhe deu o recado e assinado do Visorey, que Dom Lourenço o auia de receber á entrada da cidade, e o auia d'acompanhar até o metter em seus paços, e logo se auia d'embarcar com toda a gente; com que o Rey, e todos ouverão muy grande prazer, e logo, que era tarde, veo á cidade com muyta gente, que nom quis que ninguem leuasse armas. Dom Lourenço com os Capitães e elle todos armados com seus guiões, e a gente com ordem, e diante suas trombetas com seu alferez e estandarte, foy á entrada da cidade por onde ElRey auia d'entrar, e chegando, Dom Lourenço o recebeo com muy grandes honras, o que o Rey fez muyto mais, dizendo: « Bemauenturado he o pay « a que Deos deu tal filho. » E tomandoo pola mão se forão até os paços, onde Dom Lourenço lhe disse: « Senhor, repousa em teus paços e ci- » « dade seguramente com toda tua gente, que ninguem mais bolirá em » « nada. » E mandou logo embarcar toda a gente, e se despedio d'ElRey pera se embarcar; mas ElRey nom quis senão logo hir com elle, dizendo que o fosse apresentar a seu pay, porque hiria com muyta honra. O que assy fez Dom Lourenço, que leuou ElRey á nao, que o Visorey veo receber ao bordo, fazendolhe muytas honras, a que o Rey se quisera deitar a seus pés, que elle nom consentio, e Dom Lourenço o aleuantou, e o Visorey se assentou em sua cadeira, e Dom Lourenço com ElRey em hum banco coberto com alcatifa. Então disse ElRey: « Senhor, muytos errão » « porque nunqua forão castigados; assy fui eu, polo que, senhor, te peço » « me perdoes meu erro, com tamanho castigo como tenho, e se tornar a »

«errar me nom perdoes.» O Visorey lhe respondeo: «Folgo de te ou-»
«vir o que dizes; mais folgára que tomáras bom conselho, com que nom»
«tiueras o mal que tens, e por isso d'aqui em diante deita fóra de tua»
«companhia maos conselheiros, e viuerás em paz, e se quiseres aceitar»
«a ElRey meu Senhor como seu vassalo e criado por isso te darey esta»
«cidade, que te ganhey e tomey por armas, e guerra de fogo e sangue;»
«e obedecendo a ElRey meu Senhor a tornas a ganhar, que em seu no-»
«me ta darey, e em conhecimento deste bem e mercê, que te faz, lhe»
«darás em cad'anno de pareas e tributo aquillo que tu limitares de tua»
«propria [1] * vontade; * isto ao presente, que depois polo tempo podes ser»
«tam bom que te farás liure desta obrigação com teus bons seruiços,»
«nom desfalecendo nunqua do que aguora disseres. E portanto tornate»
«embora pera tua casa, e pratica com os teus bons amigos, e guardate»
«de roins conselhos, e amenhã te mandarey dizer o que has de fazer.»
Com que o Rey se tornou a terra acompanhado dos Capitães.

Ao outro dia o Visorey mandou a terra Dom Aluaro leuar a ElRey sua carta de seguro real, paz e amizade de pera sempre á sua cidade, e porto, e suas nauegações dos naturaes da cidade; e esto em quanto pagasse a ElRey de Portugal, seu senhor, em cada hum anno dez mil xerafins em ouro, que daria a quem o Gouernador da India mandasse, ou ás naos do Reyno quando hy chegassem. Esta carta em grande papel, assinada e sellada com o sinete das armas reaes, a qual carta o Rey recebeo com grandes honras, a beijando e pondo sobre a cabeça, e deu logo sua carta d'obrigação de vassalo tributario em dez mil xerafins cad'anno ao grão Rey de Portugal seu senhor pera sempre, e aos que delle descendessem, em quanto durasse o sol e a lua. E logo mandou ao Visorey com a carta cinquoenta mil xerafins, de tributo de cinquo annos d'ante mão. Então o Visorey mandou sayr os nauios pera fora pera logo partir, e sayndo o nauio de Diogo Correa ás toas, porque nom auia vento, tocou com o leme, que lhe cayo e foy ao fundo, que nunqua se pôde achar; polo que se deu grande pressa, e logo se fez outro com muytos carpinteiros e ferreiros que auia n'armada, polo que fez detença de hum só dia.

Em tanto * que * se o leme fazia, Dom Lourenço foy a terra com os

[1] * pessoa * Aj.

Capitães vestidos galantes, e leuou huma coluna de marmore branco e com seu capitel, e na cabeça delle os escudos das armas da mesma pedra laurados em humas Quinas Reaes, da outra * banda * o escudo da espera, e em cyma a Cruz de Christo; e a coluna de grossura de huma coxa, e de duas braças d'altura, a qual o Visorey mandou pôr sobre hum morro em cyma, que auia sobre a barra á entrada da mão direita, e os pedreiros com picões lhe fizerão o assento do pé em huma pedra com hum buraco pera estar firme. O qual padrão Dom Lourenço só tomou nos braços, e o pôs em pé no buraco, de que todos se espantarão, que nom sabião que elle tinha tal força. Então Dom Lourenço foy á cidade, que ElRey estaua aguardando [1] na praya, e lhe disse que seu pay deixaua aly aquella pedra, que tinha os sinaes d'ElRey de Portugal seu senhor, pera lembrança e penhor da paz que com elle assentára, que duraria tanto como aquella pedra; e que se algumas outras gentes lhe viessem fazer mal, vissem que o fazião ao vassalo d'ElRey de Portugal, porque o viria vingar; e que em todas as terras que assentaua noua amisade se punhão aquellas pedras. Ouvidas estas cousas por ElRey, ouve muyto prazer, dizendo a Dom Lourenço que dentro em seus paços a ouvera de pôr, mas que compria que aly estiuesse pera ser vista das gentes que viessem de fóra; e se despedio d'ElRey, e se foy á nao, dizendo que ao outro dia se partirião. Destas colunas vinhão muytas, porque mandou ElRey ao Visorey que em todas as terras que conquistasse, e metesse a sua obediencia, pusesse huma coluna pera lembrança e sinal que erão de sua conquista, pera memoria [2] * dos tempos * que viessem.

Ao outro dia, que 'armada auia de partir, ElRey se veo despedir do Visorey, trazendolhe [3] * muy grande * soma de cousas de refresco, pera elle e pera toda 'armada, e trouxe hum caixão de prata, que teria cem marquos, cheo de panos de seda e fio d'ouro muy riquos, e hum colar de pedraria e perolas, que valia trinta mil cruzados. O que todo offereceo a Dom Lourenço, rogandolhe muyto que por amor delle o tomasse, porque lho daua com grande amor que lhe tinha: do que Dom Lourenço se escusaua, mas ElRey tão afincadamente apretiou, pedindo por vida do Visorey que o tomasse, que seu rosto nom ficasse emuergonhado ante tantos Capitães e fidalgos, e assy o pedindo ao Visorey, en-

[1] * por elle * Aj. [2] * de todos os * Aj. [3] * muyta * Aj.

tão mandou que o tomasse, e elle o tomou com grandes cortesias. Então ElRey tomou da mão de hum seu page hum traçado, que trazia coberto com huma toalha, o qual era todo d'ouro e pedraria, que foy avaliado em cinquoenta [1] * mil * cruzados, que tambem deu a Dom Lourenço, dizendo, que tão grande caualleiro, como elle era, auia de ter tal espada, porque cançando com a sua arma, com que pelejaua, descançasse com o traçado, que era de menos trabalho. Ao que Dom Lourenço lhe fez grandes cortesias. Então falando com o Visorey lhe disse: « Senhor, tu » « hes tão grande que ninguem tem poder pera te dar o que tu mereces, » « mas tu podes dar, e todo o que tenho tu mo déste. » O Visorey lhe deu muytos agradecimentos, e fazendolhe muytas honras o despedio e mandou a terra, acompanhado dos fidalgos e Capitães, que chegando a terra nom quis sayr dos bateis até que lhe trouxerão muytos panos de seda, que partio por todos os Capitães e fidalgos, querendo o mouro assy mostrar nobreza; com que os despedio.

O mouro velho, que andára com os recados, que trouxera os refrescos, o Visorey lhe deu boas peças; e Dom Lourenço per elle mandou ao Rey hum roupão de veludo carmesym auelutado, forrado de brocado raso, e nas mangas botões d'ouro esmaltados, e huma peça de brocado de pello, de que fizesse vestido ao seu costume, e quatro peças de cetym de cores, e huma adarga forrada por dentro de cetym cremesym, laurada de fio d'ouro com riquas [2] * broslas, * e huma lança de ferro dourada, e nella atado hum guião de damasco branco e encarnado com lauores d'ouro; e lhe mandou dizer que era homem do campo, que do que tinha partia com elle, que lhe perdoasse nom ser tanto como elle merecia, que o tomasse como de hum bom amigo, que soubesse certo, que onde quer que lhe déssem seu recado e achasse suas cousas, lhe faria o bem que pudesse: e 'o velho deu huma peça de grã, que fizesse de vestir pera o frio, com que o velho se despedio, dando muytos e grandes brados de muytos louvores ao Visorey e a todos. E o Visorey se fez á vela, e mandou fazer caminho pera hir a Magadaxo, que tambem trazia em apontamento que fizesse tributario, mas os pilotos nom consentirão, dizendo que perderia o tempo pera passar á India, porque já erão vinte e seis d'Agosto. Então mandou a Melinde Antão Vaz na sua carauella a visitar El-

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * borlas * Aj.

Rey, e leuar cartas e cousas que lhe ElRey e Dom Vasco mandaua, e desculparse que lá nom hia por nom ter tempo.

CAPITULO IV.

COMO 'ARMADA PARTIO DE BOMBAÇA E FOY TOMAR NA ILHA DE ANGEDIUA, ONDE FEZ FORTALEZA, QUE TRAZIA EM REGIMENTO QUE FIZESSE.

PARTIDA 'armada de Bombaça foy atrauessando pera a costa da India. Por o tempo ser bonança, toda 'armada junta foy tomar na costa á vista de huns ilheos de pedra, que se chamão Queimados, por nelles nom auer aruore nem erua, que estão acyma da barra de Goa pera a parte de Cambaya; e forão correndo a costa, passando pola barra de Goa forão entrar na Ilha d'Angediua, encaminhados polo lingoa Gaspar granadym, que aly tomara Dom Vasco da Gama, sendo Capitão do mar do Sabayo senhor de Goa, com o qual, falando muytas vezes no Reyno com ElRey, o incitou que nesta Ilha mandasse fazer huma fortaleza com armada, com que podia senhorear a barra de Goa, que nada entrasse nem saysse, onde se faria muyto proueito, dandolhe pera ysso muytas razões; com que ElRey mandou ao Visorey que fizesse a fortaleza. Onde 'armada * surta * [1] o Visorey foy a terra, que faz como baya emparada de todos os ventos do mar, e grande praya, onde logo o Visorey mandou desembarcar a madeira das galés que trazia, que * por * muytos carpinteiros e mestres dellas, que trazia, em breue tempo forão acabadas duas galés e hum bargantym, que auião de andar esquipadas dos degredados que pera isso vinhão do Reyno.

Como chegou o Visorey logo mandou Antão Vaz na sua carauella a Cananor, e a Cochym, a dar noua da sua chegada, o que era em fim de Septembro; o qual ao Monte Fermoso topou Manuel Telles com sua armada de cinquo nauios e duas carauellas, com que sayo de Cochym em Agosto 'aguardar as naos de Meca, de que tomou huma sobre Calecut, e duas ao monte Dely, em que tomou muyto dinheiro [2] * e riquas * mercadorias, que deixou em Cananor; que topando com a carauella que

[1] Eis aqui o que vem em ambos os codices: * a fortaleza onde armada *sinta*. O Visorey * etc. [2] * muytas * Aj.

lhe deu a noua, fez grande festa d'artelharia, e tratou conselho com os Capitães e gente fazer presente ao Visorey de cem mil xerafins em dinheiro pera ajuda da carga; do que todos ouverão prazer, porque o Capitão mór e os Capitães largarão suas partes. A carauella deu a noua em Cananor, e Cochym, hindo Antão Vaz aos Reys darlhe a noua da parte do Visorey, com que todos fizerão grandes prazeres.

O Visorey mandou cortar muyta pedra com muytos pedreiros e cauouqueiros que trazia, e se pôs logo em trabalho da fortaleza, que todo homem ajudaua, [1] * acarretando * a pedra ás costas, e lhe pôs nome Sancta Justina, porque em seu dia elle pôs com suas mãos a primeyra pedra. As almadias da terra, pola boa amizade que de primeyro acharão nas naos de Dom Vasco quando hy esteue, logo vierão muytas da terra a vender cousas de comer; ao que o Visorey mandou apregoar com grande pena que ninguem lhe fizesse mal, e lhe pagassem muyto á sua vontade; e o Visorey falou com elles, e o lingoa concertou que lhe trouxessem cal, que elles fazião de casca de marisco queimada, que lhe era bem paga, com que lhe trouxerão quanto ouve mester, e tambem lhe trouxerão traues e gieros e canas grossas, e muyta olá pera fazimento das casas. Porque a terra fazia como angra, 'atrauessou com huma parede grossa de cantaria, porque auia muyta pedra, e nos cabos da parede que carregauão na rocha fez dous cubelos grossos, e no meo huma torre de menagem de dous sobrados fortes, que o derradeiro sogigaua o alto da Ilha, que no meo fazia huma sellada: a torre com eirado terrado argamassado, porque nom auia telha, e coberto de canas e olá pera a chuiua. A Ilha era talhada a pique de pedraria viua, e sobião acyma por huma escada cortada ao picão. A Ilha pola banda de fóra era talhada a pique que nom podião desembarcar nella, polo que era segura. Em cyma auia huma fonte de muyto boa agoa. Acharão em baixo huma casa de pagode, que quebrarão, de que tomarão pedra que [2] * fez * toda a obra. Do tanque foy quebrado hum cano d'agoa, que vinha abaixo quanto auondaua á pouoação. O Visorey deu muyta pressa, e a gente muyta, e a obra pequena, que em vinte dias foy acabada até as ameas, e dentro casas d'olá, e canas pera sessenta homens.

Deu a capitania a Manuel Paçanha, que a trazia por ElRey, com

[1] * acarretar * Aj. [2] * fizerão * Aj.

que a gente ficou forçadamente, por elle ser homem rauinhoso e de forte condição; e a sua nao deu a Rodrigo Rabello, fidalgo honrado, e Duarte Pereira por feitor, e alcaide mór, e escriuães, e officiaes necessarios, e artelharia, e monições, e mercadorias pera pagamento da gente. Estando o Visorey nestas cousas chegou Manuel Telles com sua armada embandeiradà, e fez grande salua com artelharia e gritas, ao que foy respondido por mandado do Visorey com 'artelharia miuda de toda a armada. Manuel Telles com os Capitães e gente foy ao Visorey, que todos recebeo com muytas honras, o que lhe assy fez Dom Lourenço e todolos Capitães, onde logo lhe apresentou huma arqua, que trouxerão muytos Mouros com bragas, em que lhe apresentou os cem mil xerafins, dizendo: «Senhor, estes caualleiros meus companheiros, e Capitães, sendonos» «dado noua da chegada de Vossa Senhoria per Antão Vaz, foy tamanho» «o prazer em todos, que por mostrarem a Vossa Senhoria seu grande» «contentamento, todos antre sy ajuntarão esta pitança de cem mil xa-» «rafins, de que fazem seruiço a Vossa Senhoria pera ajuda de seus gas-» «tos; porque este dinheiro se ganhou de prezas de naos de Meca, que» «tomâmos neste começo de verão, depois que saymos de Cochym onde» «inuernámos; e mais quatrocentos catiuos, bem despostos pera o tra-» «balho da obra e pera as galés. Afóra este seruiço ficão na feitoria de» «Cananor mercadorias que tomámos, que valem muyto mór soma: do» «que tudo se fará o que Vossa Senhoria mandar.» O Visorey e todos ficarão muy espantados de os nossos darem hum tão grosso dinheiro, e porem pois o dauão era por a riqueza ser muy grande do que tinhão tomado, e respondeo a todos falando com Manuel Telles. «Senhor, e tão» «honrados militantes, de que sois alferez, todos sois dignos de tamanhas» «merces, que eu nom sou possante pera volas fazer, somente ElRey meu» «Senhor, a que fazeis este tamanho e tão liberal seruiço, que nom sey» «quando outro tal receberá de vassalos, e fazendolhe offerenda do que» «ganhastes com os suores de vosso sangue, que he tão bem ganhado que» «este presente se deuera fazer prata pera seruiço das Igrejas; do que» «tomo tal lembrança que nunqua serey esquecido de a todos fazer as» «mercês que em mym for, o que me requerereys quando vos comprir.» E mandou que os escrauos andassem a bom recado no trabalho da obra até as galés serem no mar; e falando Manuel Telles lhe deu conta do estado em que estauão as cousas d'ante o Çamorym, e Rey de Cochym; e

lhe perguntando ácerca da pimenta pera a carga, elle lhe disse que se ajuntaria muyta pimenta, porque os Mouros auião grande medo de carregar. Mas o Visorey, por mais segurar a cousa, mandou João Homem com sua carauella, que fosse com seu recado ao feitor de Cananor, e de Cochym, e de Coulão, muyto lhe encomendando pimenta, porque tinha muytas naos e pouco tempo, e se ouvesse detença [1] * de * pimenta seria grande perda; e lhe deu quatrocentos portuguezes em ouro, que em Cochym désse trezentos, e os outros leuasse a Coulão.

Estando pera partir, o mestre da carauella foy dizer ao Visorey que mettesse na carauella hum despenseiro com que o Capitão nom pudesse bolir, porque se nom vissem em perigo de morte com fome, como se virão, que sendo apartados com a tromenta que lhe deu nas Ilhas, o Capitão, por ser largo de condição, deu larga n'agoa e em mantimentos, que comessem e bebessem á sua vontade, e que nom ouvesse despenseiro, e repartio o mantimento por todos, polo que vierão [2] * a * tanta fome e sede, que bradauão a Deos por misericordia, e o Capitão dizia que tiuessem fé que Deos lhe acodiria. Ao outro dia amanhecerão junto de huma Ilha de que de cyma della caya no mar huma grande ribeira d'agoa doce, onde chegarão a carauella, e tomarão, que se encherão, e acharão em huma praya, que a Ilha tinha, muytos passaros que nom fogião da gente; sorgirão, matarão muytos passaros que depenauão com agoa quente, e punhão a secar ao sol, e muytos lobos marinhos e muyto pescado que assy secarão ao sol, e tomarão disto tanto que se sostiuerão até chegar á Ilha de Zanzibar. E pois que seu Capitão era tão desbaratado como ysto, Sua Senhoria deuia metter outro Capitão na carauella. O Visorey lhe disse que ao longo da costa nom tiuessem medo de fome, e o mandou partir, e logo se fez á vela.

Estando assy o Visorey, veo huma almadia de Cananor com carta do feitor ao Visorey, em que dizia que em Calecut era entrada huma nao de Meca com fundidores Leuantiscos, que elle [3] mandara buscar per albitre dos Italianos que com elle andauão, e que se aprecebia, com grande medo que auia do que lhe contauão que era feito em Quiloa e Bombaça. Então o Visorey mandou Manuel Telles com dous nauios e duas carauellas, que fossem andar de sobre Calecut. Estando assy o Visorey em

[1] * por * Aj. [2] * em * Aj. [3] Isto é: o Çamorym.

sua obra lhe mandou messagem Milroa Rey d'Onor, que era subdito ao Rey de Bisnegá, 'o qual lhe pagaua tributo. Trazia no mar hum seu Capitão, que se chamaua Timoja, com atalayas roubando o que podia; o qual mandou pedir ao Visorey assento de paz, e lhe mandou presente pelo mesmo Timoja com muytos mantimentos. O Visorey lhe deu paz, com tanto que nom andasse no mar fazendo o mal que fazia; com que o messageiro nom tornou contente.

No rio da Cintacora, que era quasi defronte de Angediua, estaua na boca do rio hum castello com hum capitão do Sabayo senhor de Goa: o Visorey mandou Dom Lourenço no seu batel que com bandeira branca entrasse no rio, sondando o fundo que tinha, e ver se lhe falauão do castello, hindo com elle Gaspar o lingoa, que toda a terra sabia. Como Dom Lourenço entrou no rio, o Capitão lhe veo falar e pedir paz, porque bem via a armada que estaua na Ilha. Dom Lourenço lhe assentou a paz, com que se tornou a seu pay; e logo após elle o Capitão mandou ao Visorey dous zambucos carregados d'arroz pera a gente, e trigo, e vacas, e carneiros, manteiga, e arroz branco pera a sua mesa, galinhas, figos, laranjas, limões, pepinos, canas d'açuquar, e coquos, e lanhas, de tudo grão soma; e se lhe offereceo pera o seruiço que lhe mandasse, e mórmente mantimentos quantos mandasse e ouvesse mester pera a fortaleza; com que o Visorey muyto folgou, e lhe mandou muytos agradecimentos, e lhe mandou...... [1] de grã, e mea peça de cetym azul, e sua carta de paz.

Neste dia veo ter á vista d'Angediua huma nao de Mouros carregada de cauallos, que vinha d'Ormuz, e sendo vista de cyma da Ilha, que o disserão ao Visorey, elle mandou sayr huma carauella, e sayo á toa do seu batel, porque na baya nom seruia o vento; no que fez detença, que já quando foy fóra, a nao vinha com a viração. Vendo a carauella, que hia após ella, se pôs e se colheo dentro no rio d'Onor, e com o medo que leuauão os Mouros errarão a barra, e encalhou, e chegou a carauella, e nom entrou o rio por nom saber a barra, ao que chegou Dom Lourenço com quatro batés, que chegou á nao, que os Mouros fogirão pera terra; e mandaua meter os cauallos nos batés, porque a nao estaua chea d'agoa, no que estando trabalhando, veo huma treuoada muy

[1] Falta em ambas as copias.

grande do mar com muyto vento, que fez deixar os cauallos, e os batés se colherão com a carauella a Angediua, onde toda a noite foy grande tromenta, que se os nossos se nom colherão forão perdidos. Ao outro dia João da Noua foy nos batés pera trazer os cauallos, e nom os achou, porque o Rey d'Onor os tinha tomados, a quem o Visorey os mandou pedir, mas elle os nom quis dar, dizendo que erão seus que se perderão na sua terra, e quando não que os pagaria, sobre o que todauia lhe mandou que os proprios cauallos entregasse, e porque os nom quis entregar lhe quebrou a paz.

O Visorey mandou vender em [1] * Beylão * o despojo que em Bombaça fora entregue ao feitor, e fez quadrilheiros Nuno Vaz Pereira fidalgo, e hum castelhano fidalgo chamado Guadalajara, e que fizessem as partes a ElRey e á gente; o que todo assy foy feito com muyta ordem. Então mandou ao Ouvidor que lhe apresentasse o rol que tinha de todolos degredados que vinhão n'armada, que todos vinhão assentados em hum liuro, em que ao pé do rol mandou ao escriuão do Ouvidor escreuer hum perdão geral que a todos deu, que assinou, em que dizia, que auendo elle respeito aos bons zelos e feitos com que vira no feito de Bombaça trabalhar os Portuguezes, pelejando com os Mouros com muyto risco das vidas, e ora o trabalho do fazimento desta fortaleza d'Angediua, aos quaes seruiços auendo respeito, e aos que ao diante delles se esperauão, elle, em nome d'ElRey, lhe fazia a todos mercê geral de perdão de tres annos de seus degredos, a saber: aos sãos dous, e aos [2] * que forão feridos os * tres. E os que assy tiuessem pouco degredo que com os tres annos de todo ficassem liures, mandaua que daly em diante vencessem soldo e mantimentos, e os que inda ficassem obrigados a degredos os auia por liures do seruiço de remarem nas galés, sómente nellas andassem comprindo seus degredos seruindo de bésteiros, porque a este tempo nom auia espingardas; auendo respeito a serem Portuguezes, que seria fea cousa andarem remando antre Mouros, que auião de remar nas galés, pera que tinha tantos que sobejauão; e por outros justos respeitos, de que daria razão a quem lha pedisse, lhe concedia e firmaua a dita merce de perdão, que mandaua que inteiramente lhe fosse guardado. E mandou ao Ouvidor que désse a cada hum sua certidão per elle assi-

[1] Assim lêmos em ambas as copias. Talvez leilão. [2] Falta no Ms. da Aj.

nada, resumindo nella a força do perdão, pera cada hum ter na mão pera sua guarda. O que todo sendo assy feito perante os Capitães, e fidalgos, lho muyto louvarão e aguardecerão por parte de todos. O que sendo sabido, cada hum vinha ao Visorey lhe dar seus agradecimentos com muytos louvores e acrecentamento que lhe Nosso Senhor désse. Desta cousa se muyto aggrauou Gaspar Pereira sacratario ao Visorey, dizendo que seu cargo era fazer as cartas de taes perdões, e das mercês que elle fizesse, que disso tinha seus premios como tinha o sacratario Antonio Carneiro. O Visorey lhe disse com bom rosto, e lhe disse: «Vós, honrado» «Gaspar Pereira, sois secratario da India, e ElRey meu senhor, na» «muyta confiança que tinha em vossa bondade e saber, nisto vos en-» «carregou, e vossa direita obrigação, que tendes a Deos e a ElRey, he» «escreuerdes lhe todas as cousas da India com toda' verdade, porque» «sejaes bom euangelista de meus feitos, a que sempre sois presente, pera» «que tudo vejaes, e mandeys escrito a Sua Alteza pera saber o que» «passa, e prouêr nas cousas como lhe bem parecer; e porque este des-» «canso tomey pera mim, que com minhas occupações nom poderey es-» «creuer a Sua Alteza, como vós podeys fazer, e tambem m'escuso de» «escreuer porque de meus feitos queria que escreuesse outrem, e eu» «não, porque quem cuida que faz bons feitos nom deue falar nel-» «les, porque parece que perde todo seu preço, que mostra que se gaua;» «e porque ysto he fio direito da verdade, vos muyto rogo que assy o» «façaes tudo escreuer miudamente quanto me virdes fazer, pera o que» «he bem que vós e eu nom escreuamos segredos, porque de nós nom» «tomem má sospeita. Dos percalços que perdeys nos perdões que dey,» «nom tiue nisso tento, mas do ganho das prezas eu vos mandarey muy» «bem pagar, que será á custa de todos, porque sabey por certo que» «por condição o tenho nunqua tirar a ninguem o seu, e seria muy di-» «toso nunqua achar cousa pera fazer mal a ninguem; ao que nom pos-» «so fogir, porque antre os homens quedam os demonios atentadores e» «acusadores, que depois que aqui cheguey, accusadores me dizem ás» «orelhas cousas que me dão muyta paixão, porque mas dizem pera que» «eu faça mal, porque fazendo fiquem mal comigo, e de mim prague-» «jem, e eu sey certo que esta he a tenção com que mo descobrem, e» «pera se eu for negligente, e nom fizer a obra, me acusarem a ElRey;» «do que seria contente e o aueria em boa dita nom ser acusado d'ou-»

« tros males, sómente nom ser executor delles; mas com isto farão ou- »
« tras mesturas, que serão trabalhosas á minha condição mostrarme sem »
« culpa dellas. » Então mandou ao Ouvidor, que estaua presente, que mandasse apregoar que quem quer que tiuesse mercadorias defesas que trouxesse do Reyno, as entregasse ao feitor d'armada, que lhas pagaria polo que lhe custarão, porque se o nom fizessem antes que daly partissem, as perderião pera ElRey, porque já sabia quem as trazia, porque o diabo ordenára que lhas descobrissem. O que o Visorey assy disse porque alguns, que lho descobrião, lhe disserão em segredo, que o sacratario lho dissera que fizessem a noteficação ao Visorey. Todos noteficarão o que trazião, e todo lhe o Visorey mandou pagar a seus donos, e porque isto sabia que isto auia de mal mexer o sacratario, escreueo a ElRey que nom tomara as fazendas por perdidas, por lhe parecer encargo de conciencia e fazenda mal ganhada, e mais tomada aos homens que o seruião com riscos das vidas. E comtudo ElRey o ouve por mal, e quisera que as tomara, como ao diante o diz sua carta.

Então o Visorey disse ao sacratario que désse papel, per elle escrito, do feito de Bombaça, que lá lhe mandara que fizesse, e agora lhe désse outro de todo o que fizera depois [1] * que chegára * a Angediua. O sacratario tinha odio ao Visorey, porque via que o nom estimaua, nem tomaua sua voz nos conselhos, como elle quisera, mas algumas vezes que se entremeteo a falar, o Visorey lhe disse: « Quando vos eu perguntar « me respondey; quando vos pedir conselho mo day. » O que o sacretario tomou por abatimento de sua honra, e por isto tinha má vontade ao Visorey e sempre lhe teue má vontade, mostrandose muyto desgostoso do seu cargo, e nunqua vinha ao Visorey senão era primeiro chamado muytas vezes, e o que lhe mandaua fazer, primeiro lho auia de mandar muytas vezes: e porque lhe parecia que estes papeis, que lhe o Visorey pedia, os queria pera sua saluação, e por elles o nom amimaua, querendo que o Visorey lho rogasse, os retinha e lhos nom daua, e pedindolhos o Visorey em Angediua, elle lhe respondeo, que elle tinha cuidado, e os faria, e mandaria a ElRey, que esse era seu officio, e nisso descançasse. O Visorey, que sabia o odio que lhe tinha e queixumes que delle fazia, lhe respondeo: « Bem sey que tereys muyto cuidado de mandar os pa- »

[1] * de chegar * Aj.

«peis e cousas que são de vosso officio. Nesses nom falo, sómente os» «que vos peço são meus, que os quero pera mim, e não pera ElRey,» «porque se morrer quero que fiquem por meu testamento; e se o ou-» «verdes por trabalho, mandaloshey fazer por qualquer escriuão dessa» «armada, que os fará na verdade que tiuerem, e os assinarão fidalgos» «e Capitães, porque quero eu que minhas cousas sejão testemunhadas» «por elles, que terão tanta verdade que inda que os deitem no montu-» «ro luzirão como ouro.» Ao que o secretario quisera responder. O Visorey lhe disse: «Nom he necessario altercar comigo, abasta ser vosso» «amigo, e vos fazer as mercês que me pedirdes com direito e razão.»

E porque as galés já erão postas no mar, fez dellas Capitães João Serrão, Andre da Silueira, e Felippe Rodrigues do bargantym. E porque o Visorey era muyto dado aos respeitos dos seruiços dos homens, e o seruiço dos que andassem nas galés auia de ser de muytos trabalhos, deulhe grandes liberdades, e muytas partes das prezas que alcançassem a remo, [1] e d'outra maneira as que nom alcançassem á vela, e todo o fato de sobrecoberta, posto que o nom rendessem, porque nom auião d'abalroar, e tinhão partes prestes em todas as prezas sendo á vista; com que os homens muyto folgauão de andar nellas, que andauão esquipadas [2] d'auantage * d'escrauos afferrolhados, e quando compria alçar tomauão os Portuguezes o remo, e todos trazião béstas com que fazião muyta guerra.

Estandose o Visorey fazendo prestes pera partir, chegou Lopo de Goes, que fora de Quiloa carregado de roupas de Çofala, [3] * de que em Moçambique achou tamanha * falta * quasi como em Çofala, * e as vendeo a troco d'ouro e prata e marfim, em que fez muyto dinheiro, com que se tornou, e seguio o caminho pera a India, onde no golfam se encontrou com tres nauios que vinhão do Reyno, que vierão em companhia de Pero da Nhaya até Çofala, os quaes erão Pero Barreto de Magalhães, João Vaz d'Almada, Jorge Mendez, e todos juntos fizerão conserua, e chegarão a Angediua, com que ouve muyto prazer, e contarão ao Visorey tudo o que era passado em Çofala per esta maneira.

[1] Desde aqui até ás palavras *sendo á vista*, não se percebe bem o que o auctor ou os copistas quizeram dizer. [2] E' o que leriamos, onde o copista do Archivo leu * d'auondança, * e o d'Aj. escreveu * da vonte * Tambem se poderia lêr * d'auante de * etc. [3] De menos no Ms. da Aj.

CAPITULO V.

DE COMO EM MAYO, DEPOIS DA PARTIDA DO VISOREY DOM FRANCISCO, ELREY MANDOU PERO DA NHAYA PERA CAPITÃO DE ÇOFALA COM SEIS NAUIOS, E O QUE PASSOU NA VIAGEM, E FEZ EM ÇOFALA ATE' FAZER A FORTALEZA COMO PARECE.

PARTIDO Dom Francisco pera a India, ElRey mandou muyto trabalhar por se tirar do fundo a nao de Pero da Nhaya, o qual trabalho e despeza [1] * foy * em vão. Então se ordenou outra nao, que logo em todo foy prouida com as outras da companhia, que erão per todas seis, de que fez Capitães Pero da Nhaya Capitão mór, e seu filho Francisco da Nhaya pera com dois nauios andar de Çofala pera a costa de Melinde no trato das roupas pera Çofala, e os outros quatro nauios mandar pera a India acabada a fortaleza; de que erão Capitães Pero Barreto de Magalhães, Pero Cão pera feitor, João Leite, João de Queiroz, que todos juntos nauegarão, e sem contraste passarão o Cabo; e depois dahy a hum mez partirão Pero Quaresma, Cide Barbudo, e nom passarão, e enuernarão em Quiloa. Pero da Nhaya, seguindo sua viagem pera Çofala, faleceo de sua doença Pero Cão feitor, e foy logo * feito * capitão do seu nauio e pera feitor Manuel Fernandez de Meireles bom caualleiro, e ficando em Çofala com seu cargo, foy pera a India no seu nauio Jorge Mendez Çacoto. João Leite, fisgando hum pexe, da proa cayo ao mar e morreo, e foy feito Capitão do seu nauio João Vaz d'Almada, e vendose já perto de Çofala, ficando atrás João de Queiroz, sayo em huma Ilha a matar vaccas, * e * o matarão com doze ou desaseis homens, e o mestre, e piloto; e chegou a Çofala e foy feito Capitão do sèu nauio Gonçalo Aluarez, que depois foy piloto mór da India; e no nauio de Pero da Nhaya, que auia de andar no trato era Capitão João da Nhaya seu parente; e correndo seu caminho Jorge Mendez, topou com o batel da nao de Lopo Sanchez, que se perdeo, com doze Portuguezes já quasi pera morrer, porque nom comião senão caranguejos crus. Chegarão todos a Çofala, e entrarão os na-

[1] * fez * Aj.

uios [1] * dentro * e a nao de Pero Barreto e de João Vaz d'Almada ficarão fóra porque erão grandes. Onde assy entrados, o Capitão mór mandou recado a ElRey, que estaua hy perto, pedindolhe licença pera lhe hir falar, a qual licença lhe ElRey deu com boa vontade, e então elle vestido de festa com os Capitães, sómente Pero Barreto que ficou nos nauios, e com cincoenta homens armados, e com suas trombetas diante, foy onde estaua o Rey, ao que se ajuntou muyta gente. As casas tinhão grande cerqua de sebe de espinhos muy fortes, com porta fechada. Entrarão em huma [2] * casa grande de terra, * e todas as casas de palha, e nesta casa grande estauão muytos Mouros mercadores bem vestidos, e o Rey estaua em huma casinha pequena álem desta, armada de panos de Cambaya pintados de seda, e elle jazia deitado em hum esquife; muyto velho e cego, que mostrou muyto prazer com a chegada dos nossos, e mandou assentar o Capitão mór junto do esquife, em esteiras que erão muy fermosas, e a outra gente ficou em pé na casa dianteira. [3] * Então lhe disse o Capitão mór que ElRey de Portugal, pola amizade que já com elle tinha assentada com os seus Capitães que ahy vierão, por tanto, que por assy desejar de pera sempre com elle e com seus filhos e naturaes ter boa paz e amizade, e aly em sua terra ter feitoria com grande trato ambos muyto proueito sem lhe fazer ninguem mal nem escandalo a seus mercadores e naturaes, assy em Moçambique como por toda a India: e pera esta verdade e assento de boa paz se lhe a elle prouesse darlhe licença pera fazer casa de feitoria e casas em que elle morasse [4] * com * sua gente, de que elle auia de ser Capitão, pera que tudo estiuesse bem guardado, porque em tudo nom faria senão o que elle mandasse. * O que ouvido polo Rey disse que muyto folgaua com sua vinda e que estiuesse em sua terra, e nella fizesse quanto quisesse, porque nom seria menos do que fazião nas outras, que lhe contauão e tinha sabido que faziamos mal aos Reys máos; e bem aos bons; e porque em sua terra ninguem lhe auia de fazer mal nem nojo, com que estaria em paz sua terra e gente, elle tomasse lugar onde lhe bem parecesse, e fizesse feitoria e casas muyto á

[1] Lia-se * de Mitro * em ambas as copias, provavelmente porque os copistas não entenderiam a palavra dentro, mal ou confusamente escripta. [2] * grande terra * Arch. [3] Conservamos religiosamente o texto comprehendido entre os asteriscos, até a palavra *mandasse*, pelo perigo a que nos exporiamos se o alterassemos, como expuzemos na Noticia preliminar. [4] * e * Aj.

sua vontade; com que o despedio, e com elle mandou hum seu Regedor que lhe fosse dar tudo quanto lhe pedisse, com que assy saydo das casas acompanhado com o Regedor, que lhe fez grandes honras, se tornou aos nauios, donde logo mandou a ElRey grande presente, que lhe trazia, de peças de seda de cores, espelhos, continhas, coraes, facas, barretes vermelhos, e outro presente ao Regedor. O que leuou Francisco de Nhaya com suas trombetas diante, e tudo descoberto que o visse a gente. O que o Rey recebeo com [1] * grandes * contentamentos, e assy o Regedor, offerecendose a lhe fazer muytos seruiços; com que se tornarão aos nauios, onde logo lhe o Rey mandou galinhas, e inhames, e cabras, e cousas de comer que auia na terra, e lhe mandou vinte Portuguezes que estauão em outra pouoação muyto bem tratados e curados, que hy chegarão por terra da nao de Diogo Sanches, que se perdêra dahy a dozentas legoas; com que o Capitão mór e todos ouverão muyto prazer, e lhe contarão que todo o bem que tinhão o Regedor lho [2] * fazia. *

O Capitão mór, olhando a desposição da terra, com o conselho de todos tomou o lugar pera fazer a fortaleza perto do rio, junto de hum palmar, em que estauão humas casinhas de palha, que bem pagou a seus donos, e logo fez casa grande pera a feitoria e outras casas pera a gente, ao que se fez grande cerqua, em que logo se puserão no trabalho de abrir grande caua; e repartio a gente com os Capitães ao trabalho com cauouqueiros, e pedreiros, e mestres, que trazia com muytas monições pera a obra; pera o que já trazia pedras lauradas e portas feitas pera porta grande, e janellas e portas; ao que o Regedor sempre era presente, dandolhe gente de trabalho e quanto podia, que tudo era bem pago. E muytas vezes hia estar com ElRey, e muyto folgaua de falar com os nossos, que lhe contauão as cousas da India que os nossos passauão. Sendo a caua aberta, e querendo abrir os aliceces pera a fortaleza, em que auia mester muyto tempo pera a obra, ouverão por melhor conselho nom começar a fortaleza, porque nom seria feita, nem estauão fortes, e que os nauios auião de hir pera a India, e mórmente as duas naos que estauão na barra, que corrião muyto risco dos grandes temporaes que sempre aly auia; e porque pareceo bem a todos fazer a obra que se [3] * pudesse * acabar, com que a gente estiuesse segura d'algum mal que succedesse, fi-

[1] * muytos * Aj. [2] * fizera * Aj. [3] * pusesse * Arch. e Aj.

zerão de dentro da caua huma forte tranqueira de grossos paos mettidos na terra, e por dentro outra, e [1] *contra* ambas muy forte antulho, mais que hum muro, em que assentarão artelharia, e fizerão muytas casas, em que recolherão as monições, fazendas e mantimentos. Do qual trabalho, por a terra ser doentia, começou a gente adoecer e morrer; pelo que ouverão por bem acertado conselho no que tinhão feito em nom ter começado fortaleza; e a tranqueira e toda a mais obra foy acabada em fim d'Outubro, sendo muyta gente doente de grandes febres dos maos ares da terra. Então o Capitão mór despedio Pero Barreto por Capitão mór das outras tres naos, que se fossem á India, escreuendo ao Visorey que o escreuesse a ElRey, que parecia escusado aly fortaleza e gasto de gente, que nom senhoreaua nada, porque se com paz e amizade se nom fizesse o resgate, ninguem lho podia fazer por força, por a terra ser má de doença. Abastaua vir aly resgatar e tornar pera Moçambique, onde estaria melhor a fortaleza e feitoria do trato de Çofala, que dahy hiria e viria sem nenhum impedimento. Com que partidos os nauios, os nossos ficarão assy trabalhados com as doenças, mas passando alguns mezes que nom morrião, tornauão a conualecer ficando em boa saude, sendo senhores da terra com muyto fauor que tinhão do Rey, e do Regedor que mandaua como Rey; mas como os Portuguezes de sua propria [2] *constellação* são soberbos e altiuos onde nom tem sôgeição, com o muyto fauor do Rey que era muyto nosso amigo, que se chamaua Maná Matapá, que era filho do outro Rey chamado Vnhamuda, tanto os nossos se soberbearão em males, que tratauão a gente da terra pior que catiuos, de que se muyto queixauão ao Regedor e a ElRey, que sobre isso mandou recado ao Capitão mór, que posto que por isso os castigasse como parece razão, os males nom cessarão, e forão em tanto crecimento com todos, os da terra se muyto queixando com ElRey por assy dar tanta possança aos nossos, bradandolhe que os deitasse fóra da terra primeyro que o matassem, e toda sua gente, segundo leuauão caminho em tantos males que fazião, *que* então o Rey mandou polo Regedor dizer ao Capitão mór que tinha grande paixão dos males que fazião a sua gente, o que elle nom

[1] *antre* Aj. [2] Ainda que em ambos os Mss. escrevessem *constolação* emendamos para *constellação* termo usado por Simão Machado a pag. 144 da edição de 1708, na accepção de influencia dos astros, perneta, ou *nacibo* como diziam na India.

queria castigar, nem emmendar, senão cada vez pior; que por tanto nom queria que estiuessem em sua terra, e logo se fossem, e embarcassem em seus nauios. Deste recado mandou o Capitão mór muytas desculpas a ElRey, dizendo que sua doença era a causa da sua gente andar desmandada, mas que elle tudo castigaria como se emmendasse; a qual reposta o Rey nom aceytou por estar já muy danado com os conselhos dos Mouros, que erão os principaes senhores da terra, que erão Cafres naturaes que se tornarão Mouros, per conuersação e amizade que tomarão com os Mouros tratantes estrangeiros, que vinhão tratar a Çofala, que lhe fazião grandes amizades; e tornou a mandar dizer ao Capitão que nom queria que estiuesse em sua terra, que se fosse a Moçambique, ou onde quisesse, e de lá mandasse as mercadorias, e lhe faria dellas resgate, como se fazia aos outros mercadores; e que se isto nom fizesse, e per força, contra sua vontade, quisesse estar em sua terra, então entenderia que nom viera a sua terra pera lhe fazer bem, senom mal; e por tanto cresse que em sua terra nom auia de estar contra sua vontade. Do que o Capitão nom fez a estima que deuera, e respondeo ao Rey, que os Portuguezes nom erão homens que ninguem os deitasse fora da terra onde estauão assentados, e que elle viera aly por mandado d'ElRey seu senhor, e que por tanto daly se nom auia de hir, senão quando lho mandasse ElRey seu senhor, porque nom auia de fazer o mandado d'outrem, e sobre isto aly donde estaua auia de morrer com quantos com elle estauão. O que ouvido polo Rey e os seus, fizerão grandes aluoroços, dizendo que assy era nosso costume, entrar na terra com boas palauras e mansidão e despois as tomar por força com males e roubos; que tal nom consentisse, pois tinha tanta gente em sua terra pera ninguem lhe fazer força, que era cousa que tanto compria a sua honra nom consentir. Ao que logo mandou ajuntar muyta gente, que erão Cafres nús, com fundas, e paos tostados como meas lanças, assy agudos e fortes, com que tirauão d'arremesso, que nom auia cousa que nom passassem, mas com fundas era a mór sua guerra, porque são homens de muyta força e muy certeiros. Vendo os nossos tanta multidão de Cafres ouverão muyto medo, que como gente bestial, viessem abalroar a tranqueira por todas as partes, onde por muytos que elles matassem, os entrarião e matarião a todos, que erão até cento e trinta homens que podião pelejar. Diante da tranqueira hauia hum grande recío, que era mato, que os nossos cortarão e alimparão, que ficou campo

raso, mas derredor do campo do recío auia grandes matos de grandes aruoredos, onde a multidão dos Cafres estauão, donde sayão ao campo com muytos atabaques, e bozinas, com grandes gritas e souios, esgremindo com seus paos e arquos com frechas grandes, mas arquos erão poucos; e vinhão de corrida como que querião abalroar a tranqueira, e sem fazer obra se tornauão a recolher ao mato. Os nossos estauão prestes com suas armas, postos em ordem pola tranqueira com toda a artelharia prestes, e nunqua tirarão nem sayrão fóra ás arremetidas dos Cafres; e de dia, e de noite tinhão grande vigia do fogo, de que era o principal medo que tinhão, e nom ousauão de bolir comsiguo, somente se defenderem, se os Cafres os cometessem, de muytas arremetidas que cada dia fazião, sem nunqua cometer abalroar, no que assy estiuerão passante de hum mês, esperando que tornassem assentar paz, pois os Cafres nom rompião com elles com os cometimentos que fazião, sem nunqua neste tempo poderem auer nenhuma falla com elles.

Então o Capitão, auendo seu conselho que estando assy ençarrados tinhão gastado muyto mantimento, e que podião acabar de o gastar antes que assentassem paz, e que postoque os mantimentos lhe nom faltassem nom convinha estarem assy aleuantados, com que o resgate era perdido se nom assentassem paz, a qual os Cafres nom querião ouvir, e inda que o rio tinha tomado lhe nom tiraua seu trato, que lhe vinhão muytas roupas por terra d'outros rios onde se desembarcauão; por conselho assentou de romper a guerra, e sempre assentaria a paz cada vez que elles quisessem, e se a nom quisessem assentar, então se recolherião aos nauios, e se hirião a Moçambique, onde estarião até o Visorey mandar o que lhe aprouvesse. E com este acordo auido ordenarão sua artelharia, e sayndo os Cafres ao campo fazer suas corridas, como só sayão muy seguros porque os nossos nunqua lhe fazião mal, o Capitão mandou dar fogo em outo peças grossas que tinha pera o campo, carregadas com pelouros, e rocas de pedra, que os Cafres inda nom tinhão visto tirar artelharia, com que o campo ficou coberto delles mortos e feridos, caydos no chão das pedras. Os pelouros fazendo pulos, dando polas aruores, que quebrauão e espedaçauão com grande terramoto, e passando além do mato, forão dar em hum campo em que andauão alifantes brauos, que com os Cafres são misticos, como a nossa caça, que anda á nossa vista, e nom lhe fazem mal senão quando os assanhão. Dando os pelouros an-

tre elles, e os alifantes ouvindo o zonido dos pelouros, e tremor do chão, e o estourar d'artelharia, com grande medo forão fogindo com seus grandes urros e bramidos, matando os Cafres que alcançauão.

Vendo os Cafres o grande mal que lhe fizera a artelharia assy de supito com tamanho terramoto, assentarão que os nossos o fizerão por arte do diabo, e vendo o medo tamanho dos alifantes, que elles tinhão que nom auia cousa no mundo de que fogissem, [1] * mais * espantados os Cafres de tanto fogo e fumo logo morto, e os pelouros que com tanta força corrião tão longe, com que nelles entrou muy grande medo, os que erão vindos a chamado d'ElRey se queixarão muyto [2] * contra * elle, dizendo que os mandaua chamar pera pelejarem com diabos, e se forão pera suas terras os Cafres, ficando com muyto medo e espanto de tão supito e tamanho mal, que os nossos lhe fizerão assy supito, e logo se calarão. Porque os nossos nom tirarão mais que esta çurriada, crerão verdadeiramente que os nossos por arte dos diabos lhe fizerão tamanho mal, com que o Rey com toda a gente fogião, e se meteo pera dentro pola terra. O Regedor lhe foy á mão, dizendo que os nossos, de se verem affrontados dos Cafres, que lhe querião entrar a tranqueira, lhe fizerão a elles o mal, e nom deitarão nenhum tiro pera suas casas; que por tanto tornasse á assentar com os nossos paz como estaua de primeyro, e se tornassem a fazer mal o mandaria dizer ao Capitão de Quiloa, que mandaria outro Capitão, ou quando as naos chegassem a Moçambique. Este conselho do Regedor [3] * aceitou * ElRey, e os seus disserão que era [4] * bom * e estiuerão assy alguns dias, que os nossos nom ousauão sayr fora. Mas vendo o Capitão que já tudo estaua [5] * calado, * e nom parecião Cafres de dia nem de noite, mandou tirar hum tiro sem pelouro. Os Cafres estiuerão esperando quando o pelouro daria, e nom o vendo, nem lhe fazendo mal, então o Regedor mandou recado ao Capitão porque assy matára tanta gente sem lhe fazerem mal [6] * a elle. * Elle mandou dizer que elle nom viera aly pera fazer mal, e por isso, vendo que os Cafres lho querião fazer, se recolhera com a sua gente pera dentro da tranqueira, e muytas vezes lhe mandara recado pera nom auer mal, e que lho nom quiserão ouvir, e aguardára hum mês pera tornarem a ser

[1] * muy * Aj. [2] * com * Aj. [3] * assentou * Arch. e Aj. [4] * bem * Aj.
[5] * acabado * Aj. [6] Falta na cópia da Aj.

amigos, o que elles nom quiserão, e então mandauão os Cafres, que os hião am̃eaçar e affrontar com gritas e souios, do que a gente se auendo por injuriada fizerão o que era feito, de que lhe muyto pesaua; e que tornassem a ser amigos e nom se faria mais mal. Do que o Regedor, e o Rey, e todos forão contentes, e foy assentada a paz, e então o Capitão, com conselho de todos, que já nom auia homens doentes, abrirão logo os aliceces, e começarão a fazer a fortaleza que lhe era mandado que fizesse, de que ElRey lhe dera a traça do tamanho que auia de ser: ao que o Rey, nem os seus [1] * nom * lhe ousarão hir á mão, antes lhe mandou dar trabalhadores que lhe mandára pedir, porque a gente nom bastaua, que era muyta morta de doença.

Começada assy a fortaleza foy acabada no anno de 1506, assy da feição que na pintura parece. Mas despois, em tempo de Antonio de Saldanha, que foy Capitão, elle fez derredor da fortaleza huma barbacan, e antre ella e a fortaleza se fezerão as casas pera a gente, e se tirarão de dentro da fortaleza, porque dentro se fez huma cisterna, cortada em huma pedra que se achou, em que se recolhião mil pipas d'agoa da chuiua, que parece [1] * por * que na pedra se concertaua, e clarificaua, era fria e tão excellente, que era a propria saude da gente, e ainda oje em dia he.

Pero Barreto, partido de Çofala, correo a costa com seus quatro nauios, e foy a Quiloa, onde deixou degradados que trazia pera ahy deixar, e apontamentos e cartas d'ElRey. Pero Ferreira lhe deu o que ouve mester, e se partio, e sayndo pola barra a sua nao tocou, e se perdeo, [2] * de que tudo * se saluou, somente o casco se perdeo, e Pero Barreto se metteo na nao de Gonçalo Aluares, e com Jorge Mendes Çacoto, e João Vaz d'Almada seguio caminho pera a India, onde sendo na linha acharão tanta calmaria, que forão em ponto de se perderem á sede. Acodiolhe o vento, com que assy chegarão a Angediua, como já disse, e Pero Barreto deu ao Visorey muytas cartas que trasia, e lhe deu conta de como assy ficaua Pero da Nhaya em Çofala mettido na tranqueira, com tanto mando e poder na terra, que ficaua em proposito de nom fazer fortaleza de pedra, por ser escusada, pois o trato se nom faria por força, senom com boa paz, polas razões, que já dixe, de lhe nom poder tolher as roupas que lhe vinhão pola terra, e a terra assy ser doentia, e mata-

[1] De menos na copia da Aj. [2] Idem.

ria muyta gente, o que todo se escusaria, pois bastaua vir aly hum nauio com a roupa quanta quisesse, e a resgatar, [1] e * se * tornar sem nenhum inconueniente mais que o do mar; o que todo assy pareceo bem ao Visorey com tenção de assy o escreuer a ElRey, que escusasse o gasto de ter fortaleza em Çofala por ser tão desnecessario.

CAPITULO VI.

COMO O VISOREY PARTIO D'ANGEDIUA COM TODA A FROTA PERA HIR A CANANOR, E O QUE NO CAMINHO FEZ, ONDE EM CANANOR O AGUARDAUA MESSAGEIRO DE BISNEGA, E SE VIO COM ELREY, E FEZ FORTALEZA.

O Visorey deixando Angediua prouida de todo o necessario, deixando hy Jorge Mendes no seu nauio pera alguma cousa se comprisse, se partio, e foy sorgir na barra d'Onor, onde nom podião entrar, [2] * somente * as carauellas de prea mar, porque dentro estauão muytas naos no rio, e varadas, e auia muytas pouoações, e muyta gente. O que vendo os mercadores, e donos das naos ouverão grande medo, e logo se forão a ElRey, dizendo que entregasse os cauallos, e nom fosse causa de lhe queimarem suas naos; mas o Rey, como estaua saluo de perigo, nada quis fazer [3] * e temendo * que os mercadores os pagarião por saluarem suas naos e fazendas, sobre o que forão e vierão ao Visorey com [4] * muytos * recados, e delongas, e nom [5] * concrudirão, * polo que o Visorey mandou entrar os Capitães nos batés com berços, empădezados, e elle entrou em huma carauella, e entrou á mea noite, que foy a maré, e assy esteue até amanhecer, onde logo lhe forão falar dous mercadores honrados, dizendo que elles pagarião o preço dos cauallos, e que lhe nom fizesse mal a suas naos, que elles nom tinhão culpa porque ElRey tinha os cauallos, e os nom queria pagar, [6] * nem * entregar porque estaua em saluo de lhe fazerem mal. O que ouvido polo Visorey lhe disse que elle nom faria mal a suas naos, senão ás que fossem de Calecut, e que o dinheiro dos cauallos elle o nom queria, porque elle o mandaria tomar a ElRey, e que assy lho fossem dizer.

[1] * so * em ambas as copias. [2] Falta na copia da Aj. [3] * anteuendo * ?
[4] Falta no Ms. da Aj. [5] * concordarão * Aj. [6] * e * Aj.

Sendo dito ao Rey d'Onor o que dizia o Visorey, chamou muyta gente, determinando a se defender. O Visorey ao outro dia mandou pola menhã Dom Lourenço com a gente dar em huma multidão de Mouros, que estauão fortes com tranqueiras pera defender as naos, mas os nossos os cometerão com tal impeto, que logo forão desbaratados fogindo. O Visorey estaua na carauella, que tudo via, e vendo os Mouros assy hir em fogida, mandou a Dom Lourenço que posesse fogo ás naos e se recolhesse pera os batés. Os Mouros, com a magoa de ver arder as suas naos, tornarão muy danados sobre os nossos, ao que o Visorey nom quis que os nossos tornassem a pelejar, *e* mandou dar fogo nos berços dos batés, que erão muytos, com que forão mortos muytos Mouros, e os outros tornarão a fogir, e as naos, e pouoações ficou tudo em braza. E a gente recolhida nos batés, que auia maré, tomarão a carauella á toa, e a tirarão fora do rio.

O Rey, vendo que lhe ficaua queimado o seu porto, e que os nossos que estauão em Angediua lhe auião de guerrear o rio, mandou logo messagem ao Visorey e pedir perdão do passado, e que daria arrefens a mandar a Cochym o dinheiro dos cauallos, que erão vinte e tres mil xerafins; e que pagaria as pareas que elle mandasse, que fosse bem e razão, e que lhe désse a paz, que seu porto nom ficasse aleuantado. Do que aprouve ao Visorey, e ElRey lhe mandou logo hum sobrinho, filho de huma sua irmã, que estiuesse em Angediua, até que mandasse o dinheiro dos cauallos, e assentasse as pareas. E o Visorey lhe deu huma bandeira das quinas, com que ficou, e despois comprio com o dinheiro dos cauallos; e daua cada anno de pareas mil pardaos, com tanto que lhe deixasse andar no mar Timoja com sua armada, o que o Visorey nom quis que trouxesse armada, nem lhe quis tomar pareas, e ficou assy com boa amisade, que vendia muytos mantimentos a Angediua, com que ganhaua muyto dinheiro, porque auia na terra os mantimentos quasy de graça.

O Visorey hindo seu caminho ao monte Dely, chegou João Homem, que o Visorey tinha mandado a Coulão com recado ao feitor que ajuntasse muytas pimentas, e chegado a Coulão, que deu recado ao feitor, elle lhe disse que auia muyta pimenta, mas que auia muytas naos de Mouros que a carregauão, do que se queixaua á Raynha e Regedores, mas que nada prouião, e que já lhe tinha dito que vinha o Visorey com

muytas naos pera carregar, mas nem por ysso fazião nada. Então João Homem com Pero Rafael, que então chegára, ordenarão de não ter conta com nada, e tomarão as velas e lemes ás naos dos Mouros, dizendo que nom auião de carregar senão despois das nossas naos carregadas; o que os Mouros sofrerão, porque ouverão medo que se bolissem lhe queimarião as naos. As velas se metterão na feitoria, e os lemes á porta. [1] * Então Jan' Homem * se partio leuando este recado ao Visorey, e tanto áuante como Calecut tomou dous [2] * paseres * carregados de fardos d'arrôs, que tomou, e metteo em cada hum quatro homens Portuguezes com suas armas, que os vigiassem, e os leuaua ao Visorey com desaseis catiuos Mouros que trazia; cada hum dos quaes teue pouco cuidado, [3] * e tãobem os homens, * que descansados se deitarão a dormir. Os Mouros tiuerão cuidado, e matarão os Portuguezes, e se forão. Amanhecendo já nom virão os [4] * pazeres, * que logo se forão a terra. Chegado [5] * Jan' Homem * ao Visorey, que soube disto, ouve muy grande paixão e lhe tiraua a capitania da carauella se não forão rogadores, porque [6] * Jan' Homem * era muyto pobre, [7] * que * quanto podia auer tudo gastaua com a gente em comer.

O Visorey com sua fermosa armada chegou a Cananor, com galantarias de bandeiras e estandartes, fazendo grande salua de artelharia, ficando as naos grossas de fora, e 'armada miuda sorgio na baya, entrando as galés e bergantym remando, ao que veo muyta [8] * gente * a ver, porque na India inda nom tinhão visto galés, que remauão ellas muy concertadas; e vendo tamanha armada, então dizião que o poder d'El-Rey de Portugal era grande, e ouvindo o que se fez em Quiloa, e Bombaça, e fortaleza em Angediua. Do que sendo isto dito ao Rey de Bisnegá que está no [9] * sertão, * e sua terra vem á praya do mar, que desde Ancola, que he o rio defronte de Angediua, até o monte Dely, tudo he sua terra, em que tem muytos rios, todos de grande escala e carregação de mantimentos, que lhe rendem muyto, e por querer ter 'amisade do Visorey pera que seus portos estiuessem em paz, mandou seu messageiro ao Visorey que o estaua aguardando em Cananor, onde assy o Visorey chegado, logo foy visitado per hum Regedor d'ElRey, da qual visitação

[1] * Antão Jacome * escreveu o copista da Aj. [2] Provavelmente * pageres. * Na copia da Aj. vem * paraos * [3] De menos no Ms. da Aj. [4] * paraos * Aj. [5] * Jacome * Aj. [6] Idem. [7] * e * Aj. [8] Aj. [9] * sertamo * Arch. e Aj.

o Visorey lhe mandou grandes aguardecimentos e muyto rogar que logo se vissem, porque tinha muyto que fazer, e nom tinha tempo pera' carregação das naos. ElRey lhe mandou dizer que aly estaua aguardando por elle Embaixador de Bisnegá, que como o despachasse ambos se verião quando elle mandasse.

E porque na terra nom auia casa pera receber o Embaixador com seu aparato, porque logo lhe o Embaixador fez a saber como aly o estaua aguardando, o Visorey lhe mandou dizer que nom sabia se hiria a terra, que á nao podia vir, se quisesse. Com que folgou o Embaixador, que foy ordenado que ao outro dia fosse dar seu recado, o qual o Visorey mandou buscar a terra no seu batel, com seu toldo, e trombetas, com alcatifa e cadeira, o qual vierão acompanhando as galés e bergantym até a nao, que os Capitães o receberão a bordo, e o Visorey ao porpao, o Visorey vestido muy nobremente. A tolda estaua armada com panos de Frandes, e seus alabardeiros com suas alabardas douradas, e seus porteiros de maças de prata, e bancos cobertos com lambeis, e os Capitães assy vestidos ricamente, em pé, com os barretes fóra, o Visorey assentado em rica cadeira, e o Embaixador sentado em huma cadeira raza, guarnecida de veludo carmezy e fio d'ouro, e grande almofada do teor. Assentado o Embaixador deu seu recado, que dizia o Rey de Bisnagá que elle tinha ouvido as cousas e grandes poderes d'ElRey de Portugal, polo que tinha grande desejo de auer seu conhecimento, e ambos terem grande amizade e obras d'amigos, e lhe fazer todas as amizades; e folgaria que em todos seus portos tiuesse feitorias e tratos, e fizesse castellos, e fortalezas, senão em Baticalá, porque o tinha arrendado; e querendo assy fazer castellos lhe mandaria dar quanto ouvesse mester; e que tinha huma filha que casaria com seu filho, do que aüeria muyto contentamento; e ysto com outras mais circunstancias, e escrito por carta pera ElRey; com hum colar d'ouro, e pedraria, e aneis de diamantes, e ricos panos, que nom vestião senão os Reys e Raynhas. O Visorey lhe disse que todo assy como o dizia, e o que trazia, o mandaria a ElRey seu Senhor, que lhe mandaria reposta como a tamanho Rey pertencia, e que em tanto, elle, como vassalo d'ElRey de Portugal, o seruiria, e faria todos os seruiços que lhe mandasse, e como estiuesse assy todo * prestes * o mandaria visitar como era razão: com que despedio o Embaixador, que foy tornado a terra com suas honras.

E logo ao outro dia o Visorey foy a terra, com toda a gente, a se vêr com ElRey de Cananor, que o estaua aguardando em huma casa paremenlada junto da pouoação, do modo que já outras vezes viera, onde o Visorey foy vestido de hum roupão de cetym roxo, com huma gorra do teor, e huma cadea de ouro deitada * ao pescoço *, muyto delgada; os Capitães muyto vestidos com toda a gente, e seus porteiros com maças de prata, e outros de canas, e diante suas trombetas, e atabales, e sua guarda d'ambas as partes, e Dom Lourenço em meo, diante do pay, ricamente vestido, com o barrete fóra, e junto do Visorey [1] * hum page com rico estoque. * O Visorey hia já informado do feitor Gonçalo Gil Barbosa que em Cananor nom podia ter feitoria segura sem fortaleza, porque os Mouros erão muyto contra ElRey, vendo que era tamanho nosso amigo, e trabalhauão polo matar, o que se dizia que era com fauor do Principe, que era muyto amigo com elles, polas grandes dadiuas que lhe dauão, e que o Principe dizia, que reynando nom auia de estar em Cananor nenhum portuguez, o que já podia ser que elle assy o diria por mais ganhar com os Mouros; e compria isto se segurar com fortaleza porque os Mouros perdessem este cuidado, e ficaria seguro o gengiure pera carga, que o nom auia senão em Cananor, porque o que auia em Calecut assy estaua; e porque elle tinha isto assy ordenado tinha já feita alem da parede grande caua, de que tinha tirada muyta pedra, e outra trazida de fóra, dizendo a ElRey que compria ter casa de feitoria feita de pedra, por razão do perigo do fogo; dizendo o Visorey que isto muyto apertasse com ElRey como se fizesse fortaleza porque tanto compria.

Chegando o Visorey a casa, ElRey por cyma de alcatifas o sayo a receber fóra da casa, onde ambos se fizerão grandes cortezias e honras, e se assentarão ambos no estrado, fazendo primeyro grandes honras ao Principe, que estaua em pé diante d'ElRey, e com elle se pôs Dom Lourenço; e ElRey falando com o Visorey cousas de visitação, e perguntando por ElRey, e Raynha e seus filhos, de todo lhe dando [2] * razão * o Visorey, vierão a falar no gengiure pera as muytas naos que tinha; do que se muyto ElRey encarregou. Então o Visorey [3] * lhe disse * que auia de deixar ahy muytas mercadorias pera que auia mister grandes casas de pedra pera segurança do fogo, e que auia de ficar muyta gente pera os

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * conta * Aj. [3] Aj.

nauios, que auião d'andar d'armada; que ouvesse por bem que a pouoação se largasse mais, 'o que ElRey disse que toda a ponta era sua, que nella fizesse quanto quisesse; ao que lhe o Visorey rendeo grandes agradecimentos. O Visorey nom quis tocar em fortaleza, porque postoque lhe désse licença pera a fazer, nom tinha tempo pera nisso se acupar. Então lhe deu as cartas d'ElRey, e grande presente que lhe trazia do Reyno, e lhe deu ricos panos de Bombaça, com que ElRey muyto folgou; e El-Rey lhe deu hum rico colar de pedraria, e aneis ricos, que o Visorey nom queria tomar, mas Gaspar o lingoa, e o feitor, lhe disserão que se o nom tomasse faria a ElRey grande injuria. Segundo seus costumes inda que fosse hum só limão, se lho nom tomauão ficauão por ysso muy injuriados, polo que o Visorey tomou o colar e o poserão em huma toalha, que o page leuaua, com que ElRey ficou muy contente, e os aneis metteu nos dedos, que foy mór prazer pera ElRey. O que o Visorey assy fez, porque o muyto trazia encomendado d'ElRey, que a estes Reys e senhores das terras fizesse todalas suas honras, e cirimonias, pera lhe ganhar vontades, pera com paz e amor fazer as cousas que lhe comprisse. Então ElRey se despedio com as suas honras e estrondos.

O Visorey se recolhendo andou olhando tudo, e mandou a Lopo Cabreira, que veo por feitor, e Gonçalo Gil, que tambem aly estiuesse, e ajudasse fazer o gengiure, e lhe mandou que além da caua, que tinha feita, fizesse outra tranqueira de grossa madeira, assy entulhada e forte, em maneira que ninguem pudesse entrar nem sayr; e fizesse dentro casas de pedra grandes pera recolhimento das mercadorias, que logo mandou desembarcar muytas, e mandou que por fóra da tranqueira fizesse grande caua, e a terra recolhesse pera' tranqueira, e isto fisesse deuagar, por milhor dissimulação. Aquy em Cananor começou o Visorey [1] * a se assinar Visorey, * que lho disserão os Capitães que muyto compria ao estado do seu cargo, porque até ly se assinaua o Gouernador, e d'aquy em diante assinaua o Visorey, e nas patentes assinaua o Visorey Dom Francisco. [2]

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * et cætera * Aj.

CAPITULO VII.

COMO ’ARMADA DE MOUROS DE DABUL VIERÃO GUERREAR ANGEDIUA, E O SOCCORRO QUE LHE MANDOU O VISOREY PER SEU FILHO DOM LOURENÇO, E O QUE FEZ.

Estando o Visorey prestes pera partir pera Cochym lhe chegou de Angediua huma almadia, a grã pressa, com carta de Manuel Paçanha, Capitão, dizendo que o guerreauão Mouros, que lhe tinhão tomado o outeiro. O caso foy desta maneira: que o senhor de Dabul, trazia grande armada no mar, com que fazia forçadamente entrar no rio as naos que passauão, e lhe pagassem direitos, pera o que trazia muytas fustas e atalayas muyto armadas, com muyta gente e artelharia, que tomauão e roubauão o que querião, correndo toda a costa. O Capitão que estaua em Dabul, ouvindo que os nossos fazião fortaleza em Angediua, e que defendião que nom andassem no mar as atalayas d’Onor, presumindo que outro tanto lhe farião ás suas, e sabendo que o Visorey era partido, e que na fortaleza ficaua pouca gente, e nom ficaua armada no mar; parecendolhe que logo a podia tomar, armou trinta fustas muy [1] * bem * concertadas, e com muyta artelharia e gente, e fez d’ella Capitão hum seu irmão, a que mandou que [2] * fosse * tomar a fortaleza e matassem quantos nella estiuessem, ou os tomasse viuos e lhos mandasse, e se fizesse forte na fortaleza até que lhe mandasse gente com que [3] * os * sostiuesse, e lhe mandaria armada pera pelejar com o Visorey se comprisse; e encarregou d’isso seu irmão, que era auido por valente caualleiro, o qual nysso teue tal cuidado, que sabendo que o Visorey era já em Cananor, e Angediua estaua sem nenhum nauio, porque Jorge Mendes, que ahy auia d’estar no seu nauio, foy com o Visorey até Cananor pera dahy se tornar, polo que o mouro com sua armada muy foutamente entrou na baya, e deu grande çurriada d’artelharia á fortaleza, com que ferio [4] * alguns homens *, mas da fortaleza lhe fizerão tal recebimento que com muyta pressa se tornarão a sayr, ficando huma fusta partida polo meo sem gente, a que os nossos forão em huma almadia, e lhe atarão hum cabo com que a ala-

[1] Aj. [2] * fizesse * Aj. [3] * a * Aj. [4] * alguma gente * Aj.

rão pera terra, e a disfizerão pera tauoado das casas; e as fustas se forão, e andarão á vela todo o dia á vista da Ilha, e sobre a tarde se forão na volta de Dabul; o que elles fizerão porque os nossos, que do alto da Ilha os vigiassem, vissem que erão hidos, e ficassem mais seguros, o que assy foy. Mas o mouro, muy arteiro, como foy noite se tornou na volta d'Angediua, a que chegou pola banda de fora caladamente, e a remo chegarão á ponta da Ilha, onde estaua hum caminho secreto por debaxo do mato, que os nossos nom tinhão sabido, que hia ter em cyma da Ilha no outeiro sobre a fortaleza, em que os nossos nom tinhão guarda nem vigia, auendo que em toda a Ilha nom auia lugar per que pudesse subir gente; e tambem crerão qne as fustas nom vinhão buscar a fortaleza, sómente que passauão e entrauão na baya, nom sabendo que aly estaua fortaleza; e com estes descuidos estauão descansados. Os Mouros sobirão mansamente polo caminho sem serem ouvidos, e sendo caladamente senhores do outeiro, mansamente ajuntarão muytas pedras, e poserão vigia em cyma de huma aruore no outeiro, que vigiasse o mar se vinha algum nauio nosso. Então antemenhã, dando grande grita, deitarão grande numero de pedras sobre a fortaleza e casas, que per virem assy do alto vinhão com tanta força, que nom auia cousa que se pudesse emparar dellas, com que os nossos forão tão atromentados que nom sayão fora das [1] *logeas* das torres, sem terem nenhum remedio pera se poder valer, porque hum caminho que hia da fortaleza pera cyma era talhado ao picão, que nom cabia mais que hum homem ante outro, e os Mouros deitauão tantas e tamanhas pedras que fenderão todas as casas do sobrado. De cyma da torre da menagem tirauão berços, mas [2] *nom em modo que* senhoreassem o outeiro, com que os Mouros foutamente cobrião toda a fortaleza de pedras, com força de braço e fundas, e muytas frechas, e virotoens de fogo, a que os nossos acodião com muyto trabalho, porque as pedras os matauão, pelo que muyto trabalhauão [3] *de* deitar tudo fora da fortaleza por perigo do fogo, e ficando ao sol tinhão [4] *muyto* mal, porque lhe nom entraua nenhum vento; assy que pacientemente sofrião grandes males. As almadias de terra nom ousauão

[1] Parece-nos ser o que se devia ler, e não *logras,* ou *legras,* que leram os copistas do Arch., e da Aj. [2] *em modo que nom* Arch. [3] *por* Aj. [4] Falta no codice da Aj.

vir, que auião medo de as fustas os tomarem, sómente de noite alguma almadia, que se atreuia no remo. Então o Capitão deu muyto dinheiro a huma d'estas almadias, que foy a Cananor com sua carta ao Visorey, o qual a grã pressa logo despedio Dom Lourenço no bargantym, porque muyto remaua, e após elle as galés e quatro carauellas, e Jorge Mendes no seu nauio.

Dom Lourenço partio assy apressado como mandou seu pay, mas passando o monte Dely aguardou todos os nauios, e os nauios juntos ouve conselho de nom chegar de noite, porque os Mouros fogindo se colherião aos rios que sabião, e assentou chegar amanhecendo, e mandou Pero Rafael, e Ruy de Mendanha nas carauellas, com Jorge Mendes no seu nauio, que se fossem largos ao mar, com o fogo escondido que o nom vissem as fustas, e que amanhecessem além d'Angediua outo legoas, e se posessem ao pairo, porque fogindo as fustas os achassem diante. Então Dom Lourenço com coatro carauellas, e bargantym, e galés, foy amanhecer a Angediua.

Os Mouros tinhão no ilhéo do mar de Baticalá huma atalaya em vigia, do que os nossos nom ouverão vista, a qual, passando Dom Lourenço, á vela e remo se foy ao longo da terra, e deu auiso aos Mouros, que logo todos se recolherão, e se forão á vela e remo mettendo no escuro da terra, porque os nossos os nom vissem, e correrão com o vento terrenho, que quando amanheceo passauão já pola barra de Goa; e chegando Dom Lourenço antemanhã correo derredor da Ilha, e nom achou cousa nenhuma, e correo pera o mar, e foy ter com as carauellas, e nauio, que nunqua ouverão vista das fustas, que se forão a Dabul com grande honra d'assy combaterem nossa fortaleza, dizendo que a deixauão derrubada por terra.

Tornando Dom Lourenço a Angediua, buscarão e acharão o caminho per que sobirão os Mouros, que por outro nenhum cabo podião sobir, e foy o caminho cortado com picões, em modo que por elle se nom podia sobir nem decer. Então forão á terra firme defronte, e trouxerão madeira e canas, e olá, com que se tornarão a concertar as casas; e por que outro tal • perigo • nom acontecesse, então os nossos fazião vigias no outeiro, em que cada noite vigiauão vinte homens aos quartos, com que a Ilha ficou segura. E sendo a fortaleza de todo concertada do necessario, Dom Lourenço se partio, deixando o nauio de Jorge Mendes, que de dia

andaua no mar e á noite tornaua a estar na baya, e ás vezes tomaua alguns [1] *paseres* e cotias, que corrião ao longo da terra, a que nom fazia mal, somente as trazia á fortaleza, onde vendião e lhe pagauão, e se hião em paz.

CAPITULO VIII.

DA CONSULTA QUE O ÇAMORYM REY DE CALECUT FEZ COM TODOS OS MOUROS DA INDIA, E DA GRANDE ARMADA QUE FIZERÃO, COM QUE FORÃO PELEJAR COM O VISORÉY, QUE OS DESBARATOU.

Os Mouros de Chaul e Dabul são tratantes na costa de Melinde, onde vão vender as roupas de Cambaya, e trazem breu, cera, marfim, ambre, e outras fazendas em que são tratantes, porque o marfim levão a Cambaya, onde se muyto gasta e tem grande valia; os quaes em Chaul derão noua da grande armada que era vinda do Reyno com Capitão grande, que chamauão Visorey, que vinha pera estar na terra da India d'assento, recontando o feito de Quiloa, e Bombaça; a qual noua correo pola terra, e veo ter a Calecut per cartas de Mouros amigos, e tratantes com os de Calecut, a qual noua fez grande temor ao Çamorym; o que elle muyto praticaua e falaua com os do seu conselho, dizendo que todo este poder que ElRey de Portugal mandaua nom era senão contra elle, pera tomar vingança dos males passados, que elle tinha feito aos nossos e ao Rey de Cochym. E sobre esta cousa [2] *assy* muyto praticando com os seus, foy aconselhado que deitasse os Mouros fóra de suas terras, e fizesse boa paz com os nossos, que folgarião de a ter antes que pelejar, e se fizesse amigo [3] *com* ElRey de Portugal, assy como o fizera o Rey de Cananor, e de Cochym, e a Raynha de Coulão, com que fazião muyto seus proueitos, e elle tinha perdido tudo; e postoque o conselho era bom, o Çamorym, como tinha a condição de trédor, nom confiaua que os nossos lhe perdoassem tantos males, e ficassem bons amigos, e mais que por ElRey vinha mandado que lhe fizessem guerra, que o Visorey nom poderia fazer outra cousa; e todo praticando com os seus, assentou de conuocar os Mouros de toda a India, que pelejassem com o Visorey, e se o desbaratassem, ficaua elle tão grande em honra e

[1] Pageres? [2] Falta no Ms. da Aj. [3] *de* Aj.

poder, e se o nom desbaratassem, o que nom podia ser senão com muyta destroição de todos, então os deitaria fóra de Calecut, e se deixaria estar até que pudesse fazer com os nossos alguma paz. E com esta tenção fez vir a Calecut todos os principaes Mouros que tinha per todo o seu Reyno, e sendo vindos, chamou os principaes dentro a seus paços, e lhe fez grande arrezoamento, dizendo que já todos sabião da grande armada que era passada á India, e dos feitos que vinha fazendo na costa d'além hum Capitão mór que chamauão Visorey, matando e catiuando, e tomando cidades, e fazendo fortalezas; mas que tudo aquillo nom era nada pera o mal que trazia em vontade de lhe fazer em seu Reyno, e a todos elles, polo ajudarem nos males que tinhão feito; que era certo que ElRey de Portugal mandaria vingar o mal que fizera ao Rey de Cochym por seu respeito, polo que elle tinha auido seu conselho e assentado de assentar com o Visorey toda a paz que lhe pedisse, e lha guardar com toda verdade, e pera isso elle começar primeyro, e lhe logo ao caminho mandar seu Embaixador com grande presente, e com elle ter taes comprimentos «que todo com elle acabe como me a mym cumpre, e a meu» «Reyno; e portanto vos ajuntey pera vos toda noteficar minha deter-» «minação, e vós outros emtanto buscardes vossos remedios, porque as-» «sentando eu minha paz com o Visorey bem certo sey que a primeyra» «cousa que me [1] • ha de • pedir, ha de ser que vos deite fóra de meu» «Reyno, o que eu nom poderey escusar; polo que me parece que vos» «deueis d'embarcar, e hir antes que venha o Visorey; e porque sois» «meus amigos, vos fiz aquy ajuntar pera vos declarar esta minha de-» «terminação.»

Antre estes Mouros o principal e de mór riqueza era hum chamado Abadarrão, irmão do mouro que Dom Vasco da Gama queimara na nao do monte Dely, que se obrigaua a dar carga ás naos porque lhe désse a vida, como já atrás contey; o qual tomou a palaura de todos pera responder, outorgando todos que nom farião senão o que elle ordenasse. Então o mouro, falando com ElRey lhe disse: «Senhor, toda a criatu-» «ra deste mundo quer mór bem ao seu que ao alheo, que a natureza» «assym o quer. Quantos Reys ha em todo mundo nenhum he mayor» «que tu, e por esta grandeza, que tens sobre todos, tens mayor obri-»

[1] De menos no Ms. da Aj.

«gação aos estrangeiros que estão em teu Reyno, e mórmente aos mer-»
«cadores. Nós outros, bem sabes que ha tantos tempos que tratamos»
«neste teu Reyno, em que somos já naturaes, dandote tantos proueitos»
«e rendas a ty, e a teus antepassados, como tu bem sabes; e por que»
«ysto é sabido por todo o mundo, deves agora bem olhar quanto erras,»
«ou acertas a tua honra e proueito, em nos assy deitares fóra de teu»
«Reyno, o que não he pera crer que tal faças por nenhum respeito,»
«somente cobiça de nossos tratos, que não sabes como sucederão, es-»
«quecido de tantos proueitos e seruiços como te temos feito; e isto pa-»
«rece verdade, pois o nom fazes com medo de guerra, pois a todo o»
«poder do mundo nom deues temer nesta cidade, que he tão defensavel»
«por [1] *caso* da má desembarcação [2] *da praya, e os que desembar-»
«cassem* acharão diante teu grande poder de gente, com tantos Capi-»
«tães e bons Regedores de teu Reyno, que aquy são presentes, e nós»
«todos debaxo do teu mando com nossas pessoas, e fazendas, tanto co-»
«mo teus naturaes. Olha, senhor, que isto a todo o mundo he notorio,»
«e que deitandonos assy fora de teu Reyno, que todos seremos mor-»
«tos e catiuos em poder de nossos imigos os Portuguezes, com que te-»
«mos guerra por teu respeito, como por nosso natural senhor. Olha»
«em que conta te terão todas as gentes do mundo, e quejando ficará»
«teu Reyno, perdendo os nossos tratos, de que tanto proueito te vem.»
«Isto deues bem olhar quanto te cumpre. Olha que hes o mais poderoso»
«Rey da India em riqueza e poderio de gente, que defenderão teu Reyno»
«a todo o mundo, ás quaes deues ordenar que defendão tua honra, pele-»
«jando com quem te vier buscar por guerra; e a quem te vier buscar»
«com tratos de paz em tua mão está que tua honra fique sobre teu pro-»
«ueito. Aquy estamos prestes com as pessoas e fazendas, mandanos o que»
«for tua vontade, porque outra nenhuma cousa nom faremos, e quando»
«nisto nos achares faltos, então terás razão pera, sem quebra de tua hon-»
«ra, nos deitares de teu Reyno; e sem isto, olha o erro que fazes, sobre»
«que deues tomar bom conselho, e tambem que a paz que has de man-»
«dar pedir ao Visorey per teu Embaixador, com presente, olha que te»
«pobricas a todo o mundo que com temor mandas peita, e o Visorey bem»
«o entenderá, pois lhe não mandas presente de verdadeira amizade, an-»

[1] *causa* Aj. [2] Falta no Ms. da Aj.

«tes com verdade cuidará que são modos d'enganos, segundo as cousas»
«que são passadas, e que sómente o grande medo que tens á sua gran-»
«de armada, te causa o que agora fazes, o que tudo fazes com enga-»
«nos: polo que está sem duvida darte paz com que ficarás em tanto»
«abatimento de tua honra, porque se ElRey de Portugal lhe manda que»
«te faça a guerra, bem sabes que te não dará paz sem primeyro lho man-»
«dar ElRey. E pois tornando teu Embayxador sem assento de paz, que»
«he certeza de guerra, então que farás? Polo que em todos os teus con-»
«selhos me parece que te esqueceo esta parte, que he a principal.» Com que o mouro acabou o seu arrezoamento, de que ElRey ficou muy contente, porque elle no que falou aos Mouros nom foy outro seu intento senão que os Mouros lhe fizessem este offrecimento; e com dissimulação lhe respondeo: «Vós outros fostes causa de todos meus trabalhos pas-»
«sados, e este que me ora vem, e vendo ora vossa reposta, que me pa-»
«rece de bons amigos, sam contente de tomar vossos conselhos, que»
«bem entendo quanto vos doeis de minha honra e proueito, pera que»
«vos offreceys, com vossas pessoas e fazendas, o que vos sempre muyto»
«agradecerey; e vos rogo que me aconselheys o que melhor vos pare-»
«cer, por que eu tudo assy farey, pera o que assy offreço todo o meu»
«poder, e tesouro, e de toda a guerra do mar te faço meu Capitão ge-»
«ral.» Ao que o mouro se lançou a seus pés, a que ElRey fez cirimonias de grandes honras. Então o mouro perguntou aly a todos os Mouros se elles auerião por bem tudo o que elle assentasse com ElRey, o que elles todos com grandes brados outorgarão; com que se despedirão d'ElRey.

E ao outro dia, *a* chamado de seu Capitão, todos os Mouros se ajuntarão em suas casas, que erão como paços de Rey, e a todos falou, dizendo: «Ainda que ante ElRey outorgastes que todos farieys o que eu»
«ordenasse, e eu nom tomarey a voz de Capitão mais que pera falar, e»
«porém do que se ouver de ordenar he razão que todos o determine-»
«mos, pois todos o auemos de trabalhar, cada hum dizendo o que mi-»
«lhor entender, por todo ser bem ordenado, e acertado. Digo que me»
«parece que pois a fortuna nos persegue com a vinda dos Portuguezes»
«á India, os quaes vem a nos tomar os nossos tratos, e nos deitarem»
«fora da India, e quando com elles teuermos pazes nom será pera mais»
«que nauegarmos por esta costa, com mercadorias da terra, como mes-»

«quinhos, que não podera ser mór desauentura como nom tiuermos a»
«nauegação de Meca com pimenta e drogas, de que agora temos já fei-»
«ta tamanha carregação, que cumpre que ponhamos em saluo, e o nom»
«podemos fazer senom no tempo da monção; polo que me parece que»
«nossas pessoas, e fazendas deuemos tudo auenturar ao que for nosso»
«nacibo, e vontade de nosso Mafoma, e se nos mal for, acabaremos»
«nossos trabalhos, que neste mundo passamos até morte, e se nos a ven-»
«tura ajudar, descansaremos. E pois ElRey nos faz ajuda com seu ta-»
«manho poder, nós tomemos o trabalho, e ajuntemos a mór armada,»
«que fôr possiuel, de grandes naos, em que hirá muyta gente que El-»
«Rey dará, e serão tantas as naos, que pera cada huma dos Portugue-»
«zes sejão dez, que todas abalroadas com huma só, forçadamente a to-»
«marão, e quando não *for* tomada que fique queimada; e afora as»
«naos hirão grão numero de zambucos, que fação espanto, e hirão muy-»
«tos paraos armados e esquipados, que ajudarão a pelejar, e mormente»
«saluar a gente que andar polo mar, porque tanto que se acender o»
«fogo todos se deitem ao mar, e as naos fiquem ardendo. Tambem hi-»
«rão nesta armada todas as naos que estiuerem carregadas pera hir pe-»
«ra Meca, as quaes nom abalroarão, e andarão soltas, pera que vendo»
«algum mao recado ellas se vão logo seu caminho pera Meca, porque»
«pelejando toda 'armada nom auerá quem vá após ellas, e já hirão em»
«saluo.» O que a todos ysto pareceo muyto bem, ordenandose todos fa-
zer suas carregações nas naos que se ouvessem de hir, o que logo farião
em Coulão, donde tirauão a mór carregação, e lançarão suas contas, e
acharão que podião ajuntar per todas até quatrocentas velas, em que po-
dião levar dez mil homens de peleja; e todos nysto muyto aluoraçados
assentarão que logo se ysto posesse em obra, com tanta pressa que esti-
uessem prestes primeyro que o Visorey chegasse, porque o fossem tomar
ao caminho antes que recebesse nouas da India, porque vendo tão pos-
sante armada que o hia buscar, cuidaria que todos os Portuguezes erão
mortos e a India aleuantada. Com esta detriminação assy assentada antre
todos, que se offrecerão 'ajuntar cem mil pardaos pera os gastos, e o pri-
meyro que fizesse fosse dar logo aos Italianos fundidores que erão faceis
que fundissem quanta artelharia podessem, grossa e meuda, e toda de
camera, que era mais lesta pera pelejar, e que fizessem muytos artificios
de fogo, que pudessem deitar de longe. E tudo assy ordenado e assentado

antre todos, e feito hum feitor d'armada, a que se auia de entregar o dinheiro, e auia de fazer as despezas d'armada, o mouro Abadarrão seu Capitão mór, com outros principaes, forão a ElRey darlhe conta de todo o que tinhão assentado, e todo praticado com elle, tomou tanto prazer, que se offreceo a lhe dar paga toda a gente de peleja, e os ferreiros, e mais cinquoenta mil pardaos pera ajuda dos gastos; muyto lhe encarregando que nysto désse grande pressa, que era o que mais compria.

Polo que os Mouros de Calecut com suas cartas de todo fizerão noteficação aos de Cananor, e de Marabia e de Tramapatão, e de Coulão, e de Cochym, que secretamente todos tinhão huns com outros suas armações; os quaes com muyta vontade o ajudarão a este aprecebimento, e na volta disso fazer suas carregações pera as naos que auiam de hir pera Meca. Mas por o aprecebimento assy ser grande não se poderão auiar tão azinha como elles cuidarão, e forão gastando o tempo em quanto o Visorey veo a Angediua, e esteue fazendo a fortaleza, ao que então muyto se apressarão com tenção de [1] *o* hirem tomar no porto, e as naos sobre amarra, que chegando á vela logo abalroarião, e acabarião seu feito assy como elles pintauão; mas fizerão assy muyta detença com cobiça da carregação que fazião, mórmente em Coulão, e em outro porto além de Coulão, e pola costa, de que muytas naos carregadas, nauegando de mar em fora, hião tomar na costa de Calecut, e se mettião em qualquer rio que podião, onde em todos os rios pola terra dentro se fazia o aprecebimento, cada hum mouro fazendo o que podia, e concertando naos velhas que tinhão varadas, porque nas terras de Calecut auia grande auondança de madeira.

As naos a que Jan' Homem tomou as velas, e lemes, em Coulão erão desta armação, que [2] *com* muyta dissimulação mandarão fazer outros lemes além de Coulão em muytos lugares que auia na costa, e as velas fazião dentro nas naos, fingindo que comprauão cocos secos, de que se faz azeite, e [3] *jagra,* que he açuquere de palmeiras, que são as principaes mercadorias que carregão pera Cambaya. Os principaes Mouros de Coulão, e alguns que forão de Cochym, ordenarão se embarcarem pera se hirem pera Meca, e tiuerão tal modo que carregarão passante de vinte

[1] Aj. [2] Aj. [3] *Jagia* escreveram, por ignorancia ou inadvertencia, os copistas do Arch. e d'Aj.

naos como quiserão, por serem muy ajudados de toda' gente da terra, a que fazião bom pagamento de seu trabalho, e a outros, que os podião estrouar, com suas peitas; e como carregauão se recolhião pera Calecut, e mettião nos rios, onde ElRey mandaua as gentes de peleja que se embarcassem, e como esta cousa era tão grande, e estauão espalhados por muytos rios, auia muytas detenças, a que dauão toda a pressa pera que tomassem nossa armada no porto d'Angediua. E com sua grande industria forão juntas e prestes outenta naos grossas muy grandes, antre as quaes erão carregadas, que hauião de passar pera Meca, trinta, e todas com arombadas pera defenção d'artelharia, e bayleos grandes pera a gente pelejar, todas com gaueas; e se fizerão duzentos paraos de remo, armados com muyta artelharia, porque os arrenegados em Calecut fizerão muyta, com que cada nao grande leuaua dez e doze tiros, de metal e de ferro, que elles dauão ordem a tudo, porque nom podião tanto fazer nas fundições, e com muytos artificios de fogo, e se ajuntarão mais cento e vinte zambucos e pajeres todos concertados pera pelejar, e toda a gente muy armada, e mórmente grão numero de frecheiros e homens de fundas, que todo seu atreuimento era pola infinidade da gente que tinhão. E o mouro [1] * Capitão mór * tinha mandado almadias de vigia, * que * lhe trazião noua do que fazia o Visorey, o qual por ficar desconfiado que não aproueitarião as velas e lemes que Jan' Homem tomara ás naos dos Mouros, partindo elle d'Angediua, mandou Pero Rafael em sua carauella que fosse estar em Calecoulão, que he o rio onde nossas naos tomão a pimenta: do que se os Mouros logo catarão, que hy nom quiserão carregar, senão em Coulão onde estaua o feitor; porque como começaua a vir a pimenta o feitor se vinha estar em Calecoulão, 'o que já o feitor se fazia prestes, parecendolhe que tudo estaua seguro tendo assy as velas e lemes tomadas ás naos dos Mouros, mas elles com sua boa astucia, com muyta dissimulação de noite carregauão, e de dia nom bolião, sómente algumas vezes hião ao feitor com rogos e presentes, que lhe désse as velas, e lemes pera partirem; de que elle se escusaua dizendo que o Visorey lhos mandara tomar, e que elle sem seu recado lhos não podia dar; do que se elles nom mostrauão agrauados, antes sempre muyto amigos com os nossos, e conuersaueis, sempre folgando em huma grande rama-

[1] De menos na copia da Aj.

da que estaua á porta da feitoria, olhando como os nossos jogauão as tabulas, e mancaes, em que os Mouros ás vezes se entrometião a ajudar; e [1] *jazião* dormindo por muytos alpendres que auia nas casas ahy perto, e por toda a cidade, que estaua chea delles; todos com suas armas aguardando por muytas naos que auião de vir de Choromandel carregadas d'arroz; e tinhão recado do mouro Abadarrão, que tanto que chegassem com ellas, todos juntos se fossem a Calecut pera se dar arrós a toda 'armada, que tambem o mouro mandara recado a Choromandel, que todos se viessem como tiuessem tempo a grã pressa, que compria muyto. O que elles assy fizerão, que partirão e vierão juntas passante de sessenta naos, em que vinhão algumas de Coulão, e de Cochym, e de Cananor, as quaes aparecendo á vista de Coulão sayo a gente a ver a huma ponta que faz a baya de Coulão, onde estaua huma Igreja antiga, que os da terra dizião que aly fizera hum criado de Sancto Thomé, que elles acatauão.

Os Mouros, vendo o tempo bem desposto pera a trayção que tinhão ordenada, sendo todos pera isso auisados [2] *aleuantarão* grande grita com que entrarão na feitoria, matando o feitor e os Portuguezes que hy acharão, e outros, que estauão na ponta olhando as naos que vinhão, se colherão á Igreja, que era forte, de pedra, coberta de telha, onde com lanças, e espadas, que sempre trazião, se defenderão que os Mouros os nom puderão entrar, mas por serem muytos derrubarão o telhado e em cyma deitarão olá com fogo, com que os queimarão dentro na Igreja. Em quanto isto fazião, outros que derão na feitoria a roubarão de quanto tinha, ao que tambem ajudarão a gente da terra, que cada hum apanhou o que pôde, e leuarão suas velas e lemes, e poserão fogo ás casas da feitoria, e muy prestesmente todos se recolherão ás naos; o que todo *foy feito* em espaço de duas oras, que não ouve tempo pera hir o recado ao Regedor, que estaua dahy mea legoa, ou por ventura que estaua peitado dos Mouros, que já quando acodio com muyta gente já os Mouros hião embarcados á vela. No qual dia á noite chegou a Coulão Pero Rafael, nom sabendo nada, que sorgio afastado ao mar, e esteue toda a noi-

[1] *se hião* Aj. [2] *aleuantando* é o que vem em ambos os exemplares. Ter-se-ha observado que Gaspar Correa troca assim muitas vezes os tempos e modos dos verbos.

te até pola menhã, que as almadias que hião a pescar lhe disserão o que era feito na terra, ao que se nom soube dar a conselho, porque hindo após as naos já as nom podia alcançar; e assy esteue até que veo a viração com que entrou no porto, e no seu batel com a gente armada, e deitou fogo em muytas naos dos naturaes da terra, que estauão no porto sem gente, e deitou fogo em huma nao, que estaua varada na terra e coberta d'olá, em que se aleuantou tal fogo que queimou outras muytas que estauão juntas, ao que o Regedor fez resistencia, dizendo que aquellas nom tinhão culpa, senão os Mouros que erão hidos; com que Pero Rafael se tornou ao Visorey.

CAPITULO IX.

COMO O VISOREY PARTINDO DE CANANOR, VEO TONE DE COCHYM COM CERTA NOUA DE GRANDE ARMADA QUE VINHA DE CALECUT A PELEJAR COM ELLE, E O VISOREY TOPANDO COM 'ARMADA A DESBARATOU.

O Visorey encarregou a seu filho que nada se detiuesse em Angediua, porque auia d'aguardar por elle, o que assy fez, que em cinquo dias foy, e se tornou, e dando conta a seu pay do que fizera, logo ao outro dia com o terrenho, á mea noite o Visorey se fez á vela, e amanhecendo veo ter com o Visorey huma almadia de Cochym com hum homem portuguez, que lhe deu huma carta de Diogo Fernandes Correa feitor, em que lhe certificaua ser sayda de Calecut grande armada, que o hia buscar pera pelejar com elle; de que o Visorey ficou muy espantado nunqua lhe ser dado auiso desta armada, que se auia de fazer em muyto espaço de tempo, que de força se auia de saber, e maginou muyto como ysto podia ser, e [1] * que * ElRey de Cananor como o nom auia de saber pera lho dizer. E a causa de se nom saber desta armada foy porque se não ajuntou, sómente se apercebeo, e concertarão as naos [2] * polos rios onde estauão varadas, * e porque fiserão muyta detença se nom ajuntarão senão sabendo que o Visorey estaua já em Cananor; polo que logo sayrão dos rios tanto que chegarão as naos de Coulão, e as que vinhão de Choromandel, que se ajuntarão no porto de Calecut, trazendo todas suas gentes de pe-

[1] * como * Aj. [2] * por onde estauão pelos rios * Aj.

leja e monições, sómente no porto de Calecut tomarão o arroz; e posto que em Cochym derão nouas destas naos de Coulão que passauão, cuidarão que hião ás suas nauegações, e que vinhão de Choromandel, [1] * senão chegando * a noua do feitor de Coulão morto, e feitoria queimada, tambem disserão que se hião a Calecut ajuntar com outra grande armada de Calecut, pera hirem pelejar com o Visorey; polo que então o feitor despachou [2] * 'almadia assy apressada * ao Visorey, e ao outro dia chegou a Cochym Pero Rafael, que contou o que era feito em Coulão, e sendolhe dito da armada logo se partio pera Cananor, e chegou ao Visorey ao outro dia despois da batalha.

O Visorey trazia na armada oito naos de carga, de que erão Capitães, na sua nao Dom Aluaro de Noronha, Lourenço de Brito, Dom Lourenço na nao de Manuel Paçanha que ficou em Angediua, Fernão Soares commendador, Diogo Correa, Fellipe Rodrigues de Mello, Ruy Freyre, Bastião de Souza, e das nauetas somenos, Diogo Serrão, João da Noua, Vasco Gomes d'Abreu, Manuel Tellez de Vascogoncellos, Ruy de Mendanha, Duarte Ferreira, Lopo Cabral, Aluaro Botelho; e das carauellas Cide de Souza, e Lopo Chanoca, Gonsalo de Payua, Antão Vaz, Lucas da Fonceca, Jan' Homem, e Pero Barreto de Magalhães na nao de Gonsalo Aluares, e João Vaz d'Almada que vierão de Çofala, e Andre da Silueira, e João Serrão nas galés, e Felippe Rodrigues no bargantym, que por todas forão vinte e oito velas, em que aueria quasy dous mil homens Portuguezes com a gente do mar, mas da gente d'armas muytos fidalgos muy honrados, e caualleiros, toda gente muy limpa, da criação d'ElRey, muy luzida gente.

E sendo dado ao Visorey este recado, tambem lhe dixe que 'armada ao outro dia chegaria á sua vista. O Visorey mandou chamar polo bargantym, que sempre hia perto da sua nao, e lhe mandou que corresse toda 'armada, dizendo aos Capitães que se percebessem pera pelejar pola menhã, e se tiuessem vagar primeiro lhe falassem. O Visorey se recolheo á sua camara, pedindo a Nosso Senhor su'ajuda contra os infieis imigos de sua sancta fé catholica, que o vinhão buscar, que este era o primeyro seruiço em que lhe offrecia sua alma e vida, e se tornou á tol-

[1] Ficaria claro o que se segue, se em vez d'isto se dissesse. * mas quando chegou * [2] * assy á pressa almadia * Aj.

da, assentado em sua cadeira, praticando com os fidalgos, dizendo que auia em boa dita, e Nosso Senhor lhe fazia muyta mercê em os Mouros de Calecut o virem buscar de guerra, porque nom trazia outra nenhuma cousa tão encomendada d'ElRey, como era que lhe fosse guerrear e destroir Calecut, que prazeria á piedade de Nosso Senhor que esta só peleja seria sua total [1] * destroição, * pera nunqua mais Calecut dar trabalhos aos Portuguezes.

Todalas naos concertarão sua artelharia, despejando os lugares per onde auia de seruir, e as monições concertadas, e muyta pedra do lastro, pera com saquiteis leuarem ás gaueas, e os Capitães cada hum em sua nao repartindo sua gente com tres Capitães, hum no chapiteo de proa, outro no conuez, e outro na popa, e muytas pipas serradas feitas tinas, cheas d'agoa per toda a nao, e abaxo das vergas arrataduras feitas, e as naos d'auante á ré apadezadas, com seus arpeos postos no goroupez e por cadeas de ferro [2] * atados * no cabrestante, e grossos aparelhos dados nas pontas das velas pera as aleuantar quando comprisse. Ao outro dia toda a armada era assy concertada, vindo saluar e falar ao Visorey, que a cada hum dizia o que auia de fazer, e sobre todalas cousas defendendo que ninguem nom abalroasse; e porque o vento era escaço pera [3] * hir * pera Cochym foy 'armada muyto descayndo pera o mar.

A armada dos Mouros trazião o vento em seu fauor, e ouverão vista da nossa armada, que se hia muyto pera o mar, mas elles nom quiserão hir pera o mar, nem se afastar da terra, porque quando pelejassem querião estar perto da terra pera sua saluação se lhe comprisse. A nossa armada era tão longe, que somente das gaueas se via a armada dos Mouros. Seu Capitão [4] * mór * fez seu caminho de longuo da terra, pera despois de passar a nossa armada com a viração voltar sobr'ella, ficandolhe a balrauento. O Visorey sabendo o que fazião os Mouros, que vinha o mar coberto de velas, entendeo a determinação dos Mouros, e se fez na volta da terra por se chegar aos Mouros e lhe tomar a dianteira, e mandou ás galés, e carauellas que andassem quanto podessem, e lhe tomassem a dianteira, fazendolhe todo o mal que podessem com artelharia, por que as dianteiras erão naos grandes que passauão de cento, que como a

[1] * perdição * Aj. [2] A copia da Aj. diz * dados * e a do Arch. * todos *
[3] * hirem * Aj. [4] Falta no Ms. da Aj.

nossa armada foy na volta da terra descobrio toda 'armada dos Mouros, com suas bandeiras e estendartes, deitando muytos foguetes de fumaças pera o Ceo, com muytos tangeres e gritas. Não pôde a nossa armada tão azinha chegar, que muytos dos Mouros hião passando áuante. Então o Visorey se pôs á corda, e mandou o bergantym dizer ás naos grossas que assy estiuessem, e mandou a toda' outra armada que fossem áuante dar nos Mouros, que nom fazião senão correr seu caminho áuante, pera se passarem adiante da nossa armada, pera com a viração ficar a balrauento; e porque o vento hia acalmando, o Visorey nom foy pera a terra, mas correo de longo a tomar a dianteira aos Mouros, os quaes vendo a determinação dos nossos, que sendo trinta velas querião pelejar com as suas, que erão quatrocentas, ficarão muy espantados.

O mouro capitão mór, vendo acalmar o vento, mandou atoar suas naos, e outras com remos andar quanto podião, por se passar além da nossa armada; mas a esté tempo as galés erão já na dianteira de todos os Mouros, a que começarão a seruir com tres peças grossas que cada huma [1] * tiraua * por proa, e dous falcões por popa, e tres no meo da coxia, e fazendo sua obra logo fizerão que as náos nom andarão adiante, e ficarão muytas juntas, ao que acodirão os paraos dos Mouros repartidos em duas batalhas, e forão auer peleja com as galés, que leuauão os [2] * apelacos, * aleuantados, com que os paraos nom podendo chegar fizerão [3] * sua * obra com [4] * tanta * artelharia, e nuvens de frechas, que cobrião as galés, que logo ferirão muyta gente, guardandose das proas das galés por amor dos tiros, somente com os falcões das coxias fazião sua obra, porque os paraos todos estauão das bandas, e o querendo fazer a ceauoga, os paraos, que andauão esquipados, lhe andauão sempre ás ilhargas. Então as galés apretarão o remo, e se colherão pera as carauellas, que os paraos forão seguindo até chegarem perto das carauellas, de que lhe fizerão salua com tiros [5] * com * que alguns alcançarão, de que coatro ficarão em pedaços, ao que logo voltarão as galés aos paraos com as proas nelles, que com tiros grossos os [6] * forão * alcançando, com que doze ou quinze forão de todo desbaratados [7] * e a * gente morta, e se tornarão a metter antre as naos dos Mouros, que estauão todas em

[1] * daua * Aj. [2] * palancos * ? [3] * tanta * [4] * sua * Aj. [5] * de * Aj. [6] * hião * Aj. [7] * da * Arch. e Aj.

calma; ao que o Visorey mandou o bregantym tomar huma carauella, que a leuasse além das naos dos Mouros, e que assy o fizessem as galés; o que assy foy feito. O bergantym, tomou Jan' Homem, o qual se metteu no bergantym, e fez com o Capitão que * se * fosse metter antre as naos dos Mouros, o que elle nom quis fazer, dizendo que lho nom mandára o Visorey, somente que os posesse na dianteira das naos; no que muyto aprefiarão até que o pôs além das naos, e o deixou, e tornou a tomar outra carauella, o que o fizérão assy ás galés, que todas as carauellas poserão diante das naos dos Mouros, com que as carauellas e galés começarão a fazer sua obra d'artelharia, porque todos estauão a pé quedo. As naos grandes dos Mouros trazião muyta artelharia, e tiros grossos de roqueiras de ferro, que deitauão pelouros como bollas, e responderão ás carauellas tão fortemente que as cobrião de pelouros, com que hum entrou a Lopo Chanoca, que lhe matou dous homens e ferio outros; e a Jan' Homem lhe entrarão tres pelouros, que lhe matarão quatro homens e lhe derrubarão o masto da mezena, que ao cayr lhe matou o mestre; e a Cide de Souza outro pelouro lhe matou hum homem, e deu em hum camello, que o quebrou, e assy a Gonçalo de Paiua, e Antão Vaz, e a Lucas da Fonseca, a todos entrarão pelouros, que lhe matarão e ferirão gente, e tambem hum pelouro alcançou huma galé, que lhe matou tres remeiros e quebrou muytos remos. Mas como todos os Capitães das carauellas hião auisados do Visorey que nom tirassem senão ao lume d'agoa a metter no fundo, assy o fizerão, que durando esta briga, antes que viesse a viração, as carauellas, e galés, tinhão mettidas no fundo outo naos carregadas de gente, que ficarão a nado, e outras naos per cyma quebradas, e espedaçadas, porque os pelouros das carauellas, que sayão fóra d'agoa, fazendo chapeletas alcançauão muytos dos paraos, que andauão per antre as naos a recolher os Mouros que andauão a nado; de que alguns forão arrombados, e muyta gente morta.

O Visorey mandou o bergantym dizer ás nauetas, que estauão assy em calma antre as naos de carga e antre as naos dos Mouros, que nom entrassem antre 'armada dos Mouros, senão que aguardassem até que o vento fosse tendente forte, com que entrassem e passassem per antre as naos dos Mouros, tirando artelharia, sem nenhum abalroar, e passando por todos os Mouros tornassem a voltar, e entrar, e passar por elles quanto o vento lhe désse lugar; e que se algum fosse abalroado traba-

lhasse [1] * por * se afastar e desabalroar, e que nom cometessem a entrar senão ao sinal que lhe elle faria com hum tiro. O bergantym deu a todos este auiso. A viração começando a ventar era em fauor dos nossos, as naos dos Mouros se vierão chegando sobre as carauellas, dandolhe muyta apressão, porque erão as naos altas, e as carauellas baixas, de modo que as cobrião de frechas, e pedras de fundas e de braço, com que os Mouros, dando grandes gritas, chegauão pera as abalroar. As carauellas estauão mettidas antre todas as naos grandes dos Mouros, mas estauão apartadas, em modo que lhe seruião seis peças grossas que tinha cada carauella, afora seis falcões per cyma, que todos tirauão pera os altos das naos, com que lhe matauão muyta gente: e como se os Mouros vierão chegando, as carauellas, e galés, que andauão de fora, fazião grande destroição nos Mouros, que já erão no fundo mais de vinte naos, e outras espedaçadas, mas as carauellas estauão em muyto perigo, cercadas per todas as partes.

Ao qual tempo o Visorey fez sinal com o tiro, ao que as nauetas largarão todas as velas, per que o vento era já fresco, e com grandes gritas, tangendo muytas trombetas, forão entrar por antre toda a armada dos Mouros, que antes de entrar metterão no fundo quatro naos, que os tiros tomarão por bom lugar, e outras por cyma espedaçadas, e gente morta, e duas com os mastos derrubados: das naos dos Mouros fizerão tal salua aos nossos. Manoel Tellez, e Pedro Barreto, e João da Noua, e Diogo Correa, João Vaz d'Almada, forão mais dianteiros a todos, e entrarão pelouros com que lhe matarão, e ferirão muytos homens, e entrando per antre os Mouros, então as frechas e pedras cobrião os nauios, mas das gaueas dos nossos nauios lhe fazião assy muyto dano, e chegando, logo os outros, que hião mais atrás, que entrarão per outras partes per * a * armada dos Mouros, * que * era assy grande, fizerão grande mal, espedaçando e mettendo no fundo. E porque as carauellas assy estauão na dianteira dos Mouros nom passauão elles áuante, e toda a outra armada se veo chegando pera onde estaua a sua capitaina, que com ella estauão mais de quarenta naos, as mayores e mais armadas.

Pois sendo todas as nauetas entradas antre as naos dos Mouros, tudo era fogo, e fumo, e gritas. O que todo vendo o Visorey mandou o

[1] * até * Arch.

bergantym dizer a Dom Lourenço, que estaua na nao de Felippe Rodrigues, que com Ruy Freire, e Bastião de Souza entrasse, e todos tres fossem dar na capitaina dos Mouros, e o Visorey com as outras naos se forão chegando perto das naos dos Mouros, fazendo ajuda com os tiros, porque o Visorey lhe defendeo que antre os Mouros [1] * nom * entrassem. Vendo os fidalgos que o Visorey mandaua entrar Dom Lourenço, lhe pedirão por mercê que os deixasse hir com elle, do que aprouve ao Visorey, e no bergantym, e no batel se forão metter com Dom Lourenço, e Ruy Freire, e Bastião de Souza; com Dom Lourenço, Dom Diogo de Miranda, Dom Manuel da Silua ambos irmãos, Dom Francisco da Cunha, Dom João Pereira, Dom Esteuão Coutinho, Fernão Paçanha, Dom Christouão de Lima, Leonel de Castro, João Coutinho e outros, todos fidalgos mancebos; e com Ruy Freire, e Bastião de Souza, se metterão, Fernão Coutinho, Gil de Goes [2] * Martim Afonso * de Mello, Fernão Pestana, Artur de Brito, Christouão de Brito irmãos, Dom Antonio de Mello, e [3] * Lisuarte * de Mello, Diogo d'Ataide, e outros mancebos fidalgos, que com elles vinhão do Reyno a ganhar honra.

Dom Lourenço tomou a dianteira, tangendo as trombetas entrou per antre os Mouros, desviandose de todas as naos, [4] * nom querendo * senão hir direito á nao capitania dos Mouros, que estaua [5] * com * huma gauea da nossa feição, e com bayleos muyto altos, com muyta gente de peleja, e per baixo dos bayleos muyta artelharia, e forrada per fora com arrombadas de cordas grossas penduradas em vão, em que dando os nossos pelouros lhe nom fazião mal. Dom Lourenço, e as outras duas naos que o seguião, hião fazendo grande mal com artelharia per todas partes. O Capitão mór, vendo que Dom Lourenço, e as outras, nom se acupauão em pelejar, senão hirem direitos a elle, ouve grande medo, mas mostrando grande coração, falando com sua gente mostrando grande esforço, mandou dar grandes gritas, tocando muytos tangeres; e querendo andar por diante nom podia, com as outras naos que se com elle ajuntauão. Dom Lourenço leuaua já muyta gente ferida das frechas, e pedras, e de cinquo pelouros, que lhe entrarão das naos perque passaua. Mas a nao de Dom Lourenço, que hia com muyta força, chegou e abalroou a nao do mouro

[1] * nos * Aj. [2] * Martinho Antonio * Aj. [3] * Siluestre * Aj. [4] De menos no Ms. da Aj. [5] * em * é o que trazem ambos os exemplares.

de longo do costado, ao que bradou que largarão as escotas, e leuantarão as velas com os aparelhos que leuauão, com que a nao nom seguio áuante, e tambem porque as ancoras da nao do mouro prenderão na costura da enxarchia da nao de Dom Lourenço, com que assy ficando a popa da nao de Dom Lourenço sobre a proa da nao do mouro, logo Dom Lourenço entrou a nao, com sua alabarda derrubando quantos Mouros alcançaua, o que assy fazia Lisuarte de Mello com huma espada d'ambas as mãos, e tambem Dom João Pereira, Leonis de Castro, que estes pelejauão com espadas grandes. Os outros fidalgos e caualleiros que entrarão com Dom Lourenço, que forão mais de trinta, todos ás lançadas cada hum trabalhaua por ganhar a honra de todos, mas isto nom [1] * apressaua * a grande multidão dos Mouros, porque na nao vinhão seiscentos de peleja, * e * o mouro muy soberbo sobre o bayleo de popa falando aos seus, com que pelejauão os que hião no castello de proa; onde os da gauea fazião grande mal aos Mouros com pedras, o que assy fazião os da gauea grande, e assy da gauea dos Mouros. Sendo assy Dom Lourenço abalroado, tambem abalroou pola outra parte Bastião de Souza, com que os Mouros começarão a diminuir, e acertou huma pedra da gauea no hombro direito do mouro, que logo cayo, e logo foy aleuantado á pressa polos [2] * seus, * antre os quaes se metteo, [3] * que o nom virão, * em hum catur bem esquipado, que trazia pera seu soccorro, e se afastou fora. Com assy abalroar Bastião de Souza, e o mouro desaparecer logo os Mouros da nao se retraerão, e metterão por debaxo dos bayleos, e os outros se deitauão ao mar.

Ruy Freire foy abalroar com tres naos que estauão juntas; então todas as naos e carauellas pelejauão, e a mór resistencia que os Mouros fazião era com os paraos que andauão per antre as naos dos Mouros, que recolhião os que andauão no mar, e pelejauão com muyta artelharia que trazião. O vento da viração ventaua muyto, com que os zambucos, que vinhão atrás, se forão chegando pera terra. O Visorey com as naos grossas, que estauão de fora vendo tudo, vendo que os Mouros hião carregando pera terra, mandou as carauellas que se passassem á banda da terra, porque já todolos outros nauios erão passados per antre os Mou-

[1] Ou * apremaua * Vem * apresentaua * em ambos os codices. [2] * mouros * Aj. [3] Falta no Ms. da Aj.

ros, e corrião ao longo da terra, e todos andauão acupados com grandes trabalhos. Dom Lourenço, vendo rendida a nao capitaina se afastou, e assy Bastião de Souza, deitandolhe fogo, que com o vento se aleuantou muy grande, e a nao com o vento se foy pera terra, cayndo sobre outras, que se nom puderão guardar d'ella, em modo que ella queimou duas [1] * outras. *

As naos dos Mouros carregadas, que vinhão pera passarem pera Meca, se forão cayndo d'antre as outras, que erão trinta e outo, que marearão suas velas na volta do mar; o que vio o Visorey, mas cuidou que se tornauão fogindo pera Calecut, e teue tento nellas, e quando as vio hir assy pera o mar lhe pareceo que hião assy pera na outra volta tornarem sobre as naos da carga; mas vendo que hião seu caminho, mandou o bergantym dizer ás carauellas, e ás galés que fossem após ellas, o que assy fizerão. Dom Lourenço andaua correndo per ante os Mouros, e assy todos os outros nauios correndo [2] * após * as naos dos Mouros, que se hião colhendo pera terra. O Visorey e as outras naos grandes estauão com as velas d'alto, posto á corda vendo o que se fazia, e quando vio o desbarato em que já hião os mouros se metteo em sua camara, e posto de joelhos com as mãos ao Ceo aleuantadas, com muytas lagrimas de alegria e deuação, dando a Nosso Senhor muytos louvores por tamanho seu milagre que fizera, então sorgio, que era huma legoa de terra ao ilheo de Pandarane, e fez sinal, e sorgirão os nauios antre elle e a terra. Então mandou os batés que fossem matar a gente que andaua polo mar.

Os paraos dos Mouros, que inda erão muytos, que andauão a saluar a gente polo mar, vendo os batés vir tomarão coração, e os vierão cometter, mas os batés com tal gente * hião, * que tomarão os paraos que os vierão abalroar, matando muyta gente, em modo que inda ficarão treze em poder dos batés; e forão correndo ao longo da terra fazendo hir á costa todolos zambucos que alcançauão, com que gastarão o dia té o sol posto, que o Visorey fez sinal, e sorgio toda a armada; onde Dom Lourenço e todolos Capitães vierão ao Visorey darlhe boa viagem, e elle falando a todos palauras de grandes honras, e muytos louvores, e os [3] * tornou a mandar * pera seus nauios, muyto lhe encomendando a cura dos feridos; e assy estiuerão toda a noite, e o Visorey mandou ao ber-

[1] * ou tres * Aj. [2] * sobre * Aj. [3] * mandou * Aj.

gantym a Cananor dizer ao feitor que á pressa despejasse muytas casas, e buscasse cateres pera os feridos, o que elle fez em muyta maneira.

Ao outro dia quando amanheceu já não aparecia nao nem zambuco, que fogirão como foy noite, ao que logo o Visorey mandou Manuel Telles, e Ruy de Mendanha, com outros, que forão quatro nauios, que os feridos deixassem nos nauios que ficauão, e elles se fossem correndo a costa, e mettessem no fundo quantos zambucos e naos achassem, e os fizessem dar á costa, e que fossem até os ensecar todos, e nom chegassem a Cochym, e se tornassem; o que elles assy fizerão, que inda fizerão perda em mais de trinta naos e zambucos, e ao outro dia se tornarão ao Visorey, que os aguardaua, e em tanto mandou a Cananor os feridos nos bateis, que passauão de duzentos, mas de fracas feridas, que os mais erão de frechadas, e com elles mandou os mestres, e muytas boticas, e conseruas. Dos mortos se acharão per conta setenta e tantos, e dos feridos morrerão alguns, e ficarão muytos aleijados, que mais nom podião trabalhar, a que o Visorey dobrou o mantimento pera ajuda de sostentamento de sua pobreza; o que despois foy feito acusação do Visorey, e ElRey o nom ouve por bem o que assy fizera o Visorey.

O qual ao outro dia, chegando os nauios, aparecerão as galés, e carauellas que forão após as naos, e correrão após ellas todo o dia, e noite até o outro dia, que as virão tão longe que quasy as perdião de vista; polo que vendo que [1] * atrauessauão * pera' outra costa se tornarão ao Visorey, que hia [2] * á vela * pera Cananor, e sorgio, onde lhe derão conta do caminho que as naos fazião pera Meca, do que o Visorey se mostrou muyto agastado, dizendo: « Se vosso erro nom fora tão perto » « d'este bom seruiço, que trabalhastes tão honradamente ante meus olhos, » « pera sempre vos afastara de minha companhia, porque o mór primór » « que hum homem ha de guardar de sua honra, he fazer o que lhe man- » « da seu Capitão nas cousas da guerra. Eu vos mandey após aquellas » « naos, vós não vos podieys tornar senão quando as nom visseys. E por » « tanto vós rogo, que tenhaes esta lembrança, que em quanto vos eu » « mandar nada me falteys, porque nom percaes os merecimentos de » « vossas honras, que eu neste vosso caso, outro castigo vos não dera » « senão mandaruos estar a Portugal em quanto eu estiuesse na India. »

[1] Nas duas copias está * atrauessando * Aj. [2] Falta no Ms. da Aj.

Ao que elles querendo responder, o Visorey nom quis, dizendo: «Já» «sois perdoados do erro, com que vos deueis de contentar mais, que» «nenhuma boa desculpa que me possaes dar.»

O Visorey mandou sepultar no mar todos os mortos, que nom quis que os vissem os Mouros; desembarcou em terra, onde o receberão com ramos, e festas, foy com toda a gente ouvir missa, e dar louvores a Nosso Senhor por tamanha mercê como lhe fizera, e sayndo da Igreja foy vêr todos os doentes, e lhes fez mercê de mil cruzados, que repartirão antre sy. ElRey o mandou visitar por seus Regedores com palauras de grandes louvores de sua tamanha victoria, e mandou pera os doentes grão numero de galinhas e ouos. De todo o Visorey lhe mandou grandes aguardecimentos, dizendo que ElRey seu senhor era [1] *muyto* bom, e que Deos lhe trazia ás mãos seus imigos pera serem castigados como elle via, que tinha grande pezar dos que lhe fogirão polo mar. O Regedor lhe disse: «Senhor, fizeste menos dos vassalos de Calecut mais de» «quatro mil, segundo o que até o presente he sabido.» O Visorey o despedio com muytas honras, e se embarcou logo.

CAPITULO X.

COMO O VISOREY, PARTIDO DE CANANOR, NO CAMINHO ACHOU PERO RAFAEL, QUE LHE DEU A NOUA DE COULÃO, QUE O FEITOR ERA MORTO, E O SOCCORRO QUE MANDOU, E O QUE LA' FEZ DOM LOURENÇO, FILHO DO VISOREY.

O Visorey partio pera Cochym, hindo ao longo da costa as galés e carauellas, que chegando ao porto de Calecut nom acharão em que fazer mal, e comtudo lhe foy feita salua de toda 'armada, deitandolhe muytos pelouros perdidos na cidade, que lhe acrecentarão os prantos, que na cidade se fazião pola gente que morrera na armada, que a gente da terra estaua indinada pera se leuantar contra os Mouros, porque o seu principal Capitão d'armada fogio, que nunqua mais apareceo. [2] *Passado* o Visorey de Calecut, Pero Rafael, que vinha de Coulão, topou com elle, e lhe deu a noua do que era feito, polo que logo o Visorey mandou lá Dom Lourenço com Manuel Telles, Ruy de Mendanha, Lopo Cabral, Pero Ra-

[1] *tão* Aj. [2] *Passando* Aj.

fael, Jan' Homem, e Dom Lourenço no nauio d'Aluaro Botelho; e lhe mandou o Visorey que fizesse vingança nos Mouros que achasse no mar, e na terra se lho defendessem então assentasse a guerra, se pudesse, por caso das naos que tinha pera carregar; e logo se foy concertando pera se partir da barra de Cochym, onde chegando huma tarde, com toda' armada louçã de bandeiras, fez grande salua d'artelharia, ao que logo veo o feitor, e officiaes, e muytos homens, visitar ao Visorey com muytos prazeres, porque já sabião a noua do desbarato d'armada de Calecut; onde o feitor deu conta ao Visorey de todas as cousas da terra, e de Coulão, de que a Raynha estaua muy indinada contra os seus, por nom fazerem vingança nos Mouros estrangeiros. Polo que logo o Visorey mandou partir Dom Lourenço, que se metteo na nao de João da Noua em que foy.

O feitor esteue dando conta ao Visorey de como o Rey de Cochym nosso amigo era mettido na coua, porque morrera o Rey que nella estaua, segundo seus costumes, como já disse, e que reinaua o Principe, que assy era grande nosso amigo; no que assy praticarão toda a noite. Ao outro dia pola menhã desembarcou o Visorey em huma galé com todolos Capitães nos seus bateis, e o seu batel assy concertado com seu toldo, e cadeira de veludo, de estado, com suas trombetas e atabales, com sua guarda; a que 'armada fez salua desembarcando da nao, e entrando no rio o castello da tranqueira lhe fez grande salua, onde desembarcou, e foy fazer oração na Igreja, onde logo veo ElRey de Cochym em seu alifante com suas honras, e muyta gente, que o Visorey sayo a receber fóra da tranqueira, com toda' gente, e diante sua guarda com suas trombetas e atabales, os Capitães vestidos muy louçãos, e o Visorey vestido de pelote de cetym roxo e hum tecido preto estreito guarnecido d'ouro, borzeguís pretos, barrete redondo, e huma loba aberta de damasco preto roçagante, que então se costumaua. ElRey chegandose deceo, que o Visorey foy á pressa pera tomar nos braços. ElRey tomou as mãos ao Visorey e lhas apertou nos peitos, que he sua mór honra, e o Visorey com grandes cortezias, com que se recolherão á tranqueira e assentarão na sala, que já estaua armada de riquos panos, e estrado, que o Visorey trazia, onde foy assentado em riqua cadeira guarnecida de brocado, e suas almofadas, e o Visorey se assentou em huma cadeira rasa de veludo cremesym e fio d'ouro, em cyma almofadada do theor, hum pouco afastado d'ElRey, e os Capitães em pé com os barretes na mão, somente Dom Al-

uaro, e Lourenço de Brito, que vinhão pera Capitães de fortalezas, e nas successões do Visorey, que se assentarão em hum banco coberto de huma alcatifa, a que ElRey fez recebimento, e assy aos outros Capitães; onde assy estiuerão em poucas praticas de visitação, com que se ElRey despedio, com que o Visorey sayo e foy com elle hum grande pedaço, e ElRey o fez tornar, e o Visorey com os Capitães e fidalgos jantarão na sala com grandes banquetes que o feitor lhe deu; onde despois de jantar, e todos repousarem hum pouco, onde logo veo visitação do Rey que estaua na coua, com seus grandes comprimentos, e lembranças d'amisades, e lhe dizendo que as cousas, que ElRey seu irmão lhe mandaua a elle, que nom cabião a ElRey seu sobrinho, que reynaua. O Visorey lhe respondeo com grandes comprimentos d'amisades, dizendo que muyto folgára de o achar como estaua de primeyro; que quanto ás cousas, que trazia, elle faria o que ElRey seu Senhor lhe mandaua no regimento, que tudo vinha ordenado o que se auia de fazer.

Despedido o messageiro, logo o Visorey fez conselho com todos, e com o feitor, a quem se darião as cousas que ElRey mandaua, e huma riqua copa, e huma coroa d'ouro, peças de muyto preço; o que tudo bem praticado, foy assentado que se désse a ElRey que reynaua, pera o que logo o Visorey ordenou ao outro dia hir visitar ElRey, e foy polo mar [1] * no seu batel * com seu toldo de veludo cremesym, forrado de damasco franjado d'ouro e cremesym, e na popa a bandeira real, e os Capitães em seus batés com riquos vestidos, e toda a gente louçã de suas liurés; e embarcando o Visorey o castello lhe fez salua d'artelharia, e foy desembarcar na ponte de madeira, que era onde se pesaua a pimenta; e com suas trombetas e atábales diante, com sua guarda posta em ordem, caminharão pera as casas d'ElRey, leuando o feytor diante do Visorey a coroa, posta em hum bacio de mãos grande dourado, e diante Lourenço Moreno com a copa, tomada na mão com huma toalha. Sendo perto das casas, sayo ElRey ao caminho, que recebeo o Visorey e a todos com grandes amisades; ElRey riquo de joyas d'ouro segundo seu costume. E entrados em hum grande pateo, que estaua armado de seus panos, e seu estrado, onde ElRey se assentou em sua riqua cadeira, e o Visorey na sua cadeira rasa, como já disse, e falando poucas palauras, o Visorey se

[1] Falta na copia da Aj.

aleuantou, e se pôs diante d'ElRey, que tambem se quisera aleuantar, mas o Visorey o fez estar assentado como estaua. Elle disse polo feitor, que já sabia bem a fala da terra, dizendo que ElRey de Portugal seu irmão, por lembrança de quando Duarte Pacheco desbaratara o Çamorym na guerra do passo da estaquada, que hindo fogindo com medo de hum pelouro, que lhe matara hum seu pagem que lhe daua betele, e outros tres Naires junto delle, se baqueára, e se mettera debaixo do andor, com a qual tamanha deshonra, assy fogindo da guerra, se fôra metter no pagode, de que se tornára a sayr como homem de pouca vergonha; e por esta causa, e ElRey de Cochym * ser * hum tão grande * e * virtuoso * Rey, * em verdade, e sinal, e lembrança de tudo, pera sempre se obrigaua, como verdadeiro amigo e irmão, lhe soster seu reynado, e sobre ysso gastar todo seu Reyno; polo que o fazia Rey coroado com sua coroa que lhe mandaua, que o Visorey, tirando o barrete que pôs no bacio, tomou a coroa com ambas as mãos, e a pôs na cabeça a ElRey, com o joelho no chão, e lhe deu na mão huma riqua espada nua, dizendo que com aquella [1] * defenderia * seu Reyno, e coroa real: Cochym, Cochym, real! O que assy bradarão todos os Capitães, tocando as trombetas e atabales. E ElRey se aleuantou em pé, bradando Portugal, Portugal! o que assy bradaua toda sua gente com grandes gritas e tangeres. O que assossegado, então o Visorey, assentado em sua cadeira, lh'apresentou a copa riqua, que tinha seis centos cruzados d'ouro, dizendo que nella cospisse seu betele, em lembrança da copa que o Çamorym perdera quando hia fogindo, que lhe matarão seu page, a qual copa, ou sua valia, ElRey seu irmão lhe daria cada anno pera todo sempre, em quanto durasse seu Reyno. Então lhe apresentou muytas peças de seda de cores, e beijando as cartas d'ElRey lhas metteo na mão. ElRey se aleuantou em pé e as tomou, e apertou nos peitos, e as metteo no pano que trazia derrador de sy, com que o Visorey se despedio, e ElRey com grandes comprimentos d'obrigações, de nom estimar o Reyno nem sua vida polas cousas d'ElRey de Portugal seu irmão, querendo sayr fóra da casa com o Visorey, que o nom consentio, e se tornou embarcar nos batés, e se tornou ao castello, onde logo mandou aos Capitães que mandassem concertar suas naos que auião de carregar, que foy a sua nao capitania de que

[1] * defendesse * Aj.

deu a capitanía a Dom Manuel da Silva, e a de João da Noua, e Vasco Gomes d'Abreu, que auião de ficar na India, a Leonel de Castro, e a Francisco da Cunha; e a nao de Dom Aluaro, e de Dom Lourenço de Brito, que tambem ficauão pera suas capitanias das fortalezas, as deu a Dom João Pereira, e a Dom Esteuão Coutinho. A nao em que andaua Pero Barreto, que viera de Çofala, porque era grande a deu a Dom Antonio de Mello; que postoque todos estes fidalgos recusarão tomar as naos, dizendo que querião com elle andar seruindo na India pera ganhar honra, o Visorey lhe deu grandes agradecimentos, dizendo que fossem seruir ElRey seu Senhor em lhe leuar suas naos [1] * carregadas * ao Reyno, pera elle os tornar a mandar como compria a suas honras, que assy o auia por mais seruiço d'ElRey. Com estas seis naos, e a de João Vaz d'Almada, e as outras da carregação, que forão Fernão Soares, Diogo Correa, Felipe Rodrigues de Mello, Ruy Freire, e Bastião de Sousa, que per todas forão doze, logo se começarão a concertar pera tomar carga.

CAPITULO XI.

COMO DOM LOURENÇO CHEGOU A COULÃO COM SUA ARMADA, E A VINGANÇA QUE FEZ NOS MOUROS, E TORNADO A COCHYM FOY ANTE ELREY DAR RAZÃO DO QUE FIZERA, PORQUE OS MOUROS SE MUYTO QUEIXAUÃO, PORQUE ERÃO PARENTES COM OS DE COULÃO.

A Raynha de Coulão, sendolhe dito o mal que os Mouros fizerão, ouve muy grande paixão, e mandaua cortar a cabeça ao seu Regedor por que tal consentira, e elle lhe fez certo que quando lhe derão o rebate que logo acodira, e quando chegara tudo era feito, e os Mouros se hião á vela; e todauia lhe tirou o carguo e o deu a outro, e logo mandou hum seu criado polos rios dentro com sua carta, a ElRey de Cochym e ao feitor, de suas desculpas, contando o que os Mouros fizerão tão acidentalmente, e tão improuiso, que se não podera soccorrer, mas ella tinha tamanha magoa, que sempre teria muyta paixão até que tiuesse tomada vingança. O qual recado veo em huma noite em hum toné esquipado, em que os marinheiros, remando toda a noite a som de cantigas, cantão

[1] Falta no Ms. da Aj.

remando, em que trazião sobre estes tonés huns bayleos cobertos do sol e da chuva, em que os caminhantes vão dormindo e folgando, os quaes tonés são [1] * da feição * deste abaixo pintado.

Os Mouros, depois de partidos de Coulão, que fizerão o mal que já disse, chegarão ao porto de Coulão doze naos de Calecut, que vierão de Choromandel, tres dellas carregadas de drogas de Malaca, que vierão o anno passado áquella costa, e lá enuernarão, e quatro que vierão de Pegú, e Bengala, e d'outras partes, carregadas de ricas fazendas, e outras carregadas d'arroz, e tambem vierão outras do mesmo Coulão. Nestas naos de Calecut tinhão fazendas alguns Mouros de Coulão, que todos tem praçarias, e são amigos e parentes; as quaes assy chegadas, e sabendo que a terra estaua assy danada, se querião logo tornar a partir, mas os Mouros de Coulão, que nas naos tinhão suas fazendas, nom quiserão que daly fossem, e derão grande pressa a desembarcar, e esconder, e guardar, o que tambem assy fizerão os donos das naos, que ouuerão medo que no caminho fossem tomadas da nossa armada; e estauão outras que querião partir pera fóra, e estando nesta pressa chegou Dom Lourenço com as galés diante, e carauellas após ellas, e Dom Lourenço detrás, que todos sorgirão ao longo do porto, que ficou tomado que nada nom podia sayr.

Dom Lourenço chegou com a viração, e logo o Regedor mandou perguntar o que queria, porque tinha recado da Raynha que fizesse quanto mandasse. Os Mouros mercadores forão ao Regedor com grandes peitas, que trabalhasse quanto podesse por lhe saluar suas naos, em que tinhão tanta riqueza, e que se o Capitão quisesse a perda da feitoria, que logo tudo pagarião; e d'esto mandarão á Raynha muy apressado recado. Ao que a Raynha detardou a reposta, folgando que aos Mouros fosse feito muyto mal. Dom Lourenço respondeo que lhe mandasse todolos mercadores de Cochym e de Coulão, que todos logo vierão, trazendolhe muytos refrescos, que elle nada quis tomar, sómente lhe mandou que logo tirassem pera fóra do porto todas suas naos, e que nellas nom tirassem senão suas proprias fazendas, o que lhe assy fez jurar; mas como os Mouros todos assy erão amiguos, e parentes, determinarão saluar as naos, dizendo logo que aly nom estaua nenhuma nao de Calecut. Dous

[1] * do feitio * Aj.

mercadores de Cochym se arriscarão a saluar duas naos, huma de Pegú que estaua muy rica carregada de lacre, beijoym, almiscre, e outra carregada de drogas de Bandá, noz, maça, crauo [1] * sandolo, * e se metterão nellas com sua gente, deixando suas naos á ventura, que estauão carregadas de arroz, que os donos das naos se obrigarão a lhas pagar. Os quaes, antes que fosse a noite, tirarão as naos fora do porto, pera com o terenho se partirem, e leuarem as naos a Calecut; e trouxerão as naos á toa pera onde estaua Dom Lourenço, e lhe perguntou porque nom se sayão os outros. Elles dixerão que andauão recolhendo a gente, que logo se sayrião. Dom Lourenço mandou sorgir as naos ambas juntas, e mandou huma carauella estar junto dellas, que as vigiasse, dizendo que nom se fossem, que queria que elles vissem o que fazia aos que nom sayssem do porto, porque todos auia de queimar, porque já lhe dissera que se sayssem. Então mandou a seu esquife a terra com lingoa, que apregoasse na lingoa da terra, tangendo huma bacia, que logo se sayssem fóra do porto todolos mercadores de Coulão, e Cochym, e mandou Mouros das naos que estauão fóra, que fossem a terra ver como se ysto apregoaua, e mandou pedir ao Regedor huma olá do pregão que mandára deitar, e que mandasse sayr do porto todalas naos de Coulão, e de Cochym: o que nada fizerão, antes de noite s'encadearam vinte e tres naos que estauão no porto, e todas fizerão bayleos, e arrombadas, e recolherão muyta gente e se fizerão fortes, cuidando que os nossos fossem pelejar com elles, pondo bandeiras, dando gritas e tangeres.

Quando amanheceo, que Dom Lourenço vio o concerto com que estauão os Mouros, folgou, e esteue aguardando que viesse a viração, e mandou as galés chegar junto da praya, pera que tirassem á gente da praya. Então mandou gente nos batés, que fossem tomar os paraos das naos e lhos trouxessem, que estauão junto das naos; ao que os Mouros fizerão grande defensão, com frechas, e muytas pedras, e zagunchos d'arremesso, no que ouve muyto trabalho, mas todauia trouxerão coatro paraos, que nom poderão tomar mais, posto que as galés e carauellas lhe tirauão muytos tiros. Dom Lourenço mandou metter muyta lenha nos paraos, atados huns com outros, e lhe acenderão grande fogo, e assy atados todos juntos os batés os tomarão diante nas proas e remando, que o ven-

[1] Em ambas as copias vem * saldolo. *

to os leuou ás naos dianteiras, que estauão a balrauento das outras; ao que os Mouros acodirão tirando com muyta artelharia aos batés, e com grande numero de frechas e pedras, que matarão tres homens e ferirão muytos, mas nom poderão tolher que os paraos, assy ardendo, se ajuntarão com ellas, e os batés se tornarão a arredar pera fóra. Os Mouros se lançarão pera afastarem os paraos, mas nom poderão tão asinha, que primeyro o fogo nom tomasse e nom pegasse nas naos. Emtanto que os Mouros ysto trabalhauão, as carauellas e galés com 'artelharia tirauão ás naos, e á gente da praya, que acodia muyta a recolher muytos fardos de fazenda, que os Mouros deitauão quando virão que os paraos ardião com fogo, que nas naos se aleuantou tamanho, que em pouco espaço todas forão feitas huma fogueira. Então Dom Lourenço, com toda a gente, nos batés se foy ao longo da terra, pera ver se os da terra estauão de guerra, mas toda' terra era coberta de gente armada, e muytos Mouros, que se mettião n'agoa capeando com as adargas, e chamando os nossos, e soltando os panos, e lhe mostrando as trazeiras. D. Lourenço foyse chegando ao longo da praya, e como chegou a huma calheta, que o mar nom arebentaua, saltou fóra armado de todas armas brancas, com elmo çarrado, com grã tufa de penas, com sua poderosa alabarda nas mãos, e toda a gente de fayns bem armados, que serião até [1] * quinhentos * homens, a que os Mouros nom tiuerão nenhum temor, porque erão mais de dous mil, que vierão çarrar com os nossos como homens damnados, sem temor das lanças dos nossos, que os passauão d'ambalas partes.

Dom Lourenço ouve paixão de os Mouros o nom temerem e se metteo antre elles, derrubando quantos alcançaua, e muytos cortados da alabarda d'alto a baixo, no que os Mouros tiuerão tento, e vendo que hum só [2] * golpe * mataua hum homem, e que suas espadas, e zagunchos, que nelle tocauão quebrauão, nom curauão de Dom Lourenço, e pelejauão com os nossos tão fortemente, que os fazião estar quedos. Dom Lourenço andaua após os Mouros, que tinhão cercado os nossos, e como elles erão desarmados, e ligeiros, Dom Lourenço os nom podia alcançar, e fez caminho pera o lugar, onde antre as ruas os nossos ás lançadas matarão tantos, que largarão a perfia, com que correndo o lugar nom ficarão molheres nem meninos, em que se fez grande matança. Dom Lourenço se

[1] * sessenta * Aj. [2] * homem * Aj.

pôs sobre a praya com seu alferez, com sua bandeira farpada de grandes rabos de damasco branco e encarnado, laurado de letreiros dourados, e mandou tocar uma trombeta a recolher, com que se tornou a embarcar, e recolheo nos nauios, e se partio pera Cochym, leuando a bom recado as duas naos, e mandou diante Jan' Homem que fosse dar a boa noua ao Visorey pera lhe ganhar a vontade, que andaua fóra de sua graça; o qual chegando, que contou o feito ao Visorey, elle lhe respondeo: «De todo esse mal vos fostes causador, por tomardes as velas, e lemes» «ás naos dos Mouros, polo que nom sois Capitão, e por tanto nom en-» «treys mais na carauella.» E lhe tirou a capitania, e a deu a Nuno Vaz Pereira.

Os Mouros de Coulão mandarão recado aos de Cochym do mal que era feito, os quaes se juntarão muytos, e com grande aluoroço se forão ás portas d'ElRey fazer grandes cramores, se queixando que Dom Lourenço lhe queimara suas naos com muytas fazendas, e matara quantos nellas vierão de Choromandel carregados de mantimentos, hindo os mercadores ante Dom Lourenço, e lhe leuando refresco como amigos, e os nom quis ouvir, e lhe fez muyto mal, e em toda a terra; que por isso lhe désse licença, e se hirião viuer a outra terra. ElRey, sem lhe nada responder, os mandou que fossem ao Visorey, e por hum Regedor lhe mandou dizer que ouvisse os cramores de que se queixavão seus mercadores, e fezesse o que fosse razão; os quaes chegados ante o Visorey fazendo mores cramores, o Visorey lhe disse que aguardassem que chegasse seu filho, e sabida a verdade, se seu filho [1] * fizera erro * elle o castigaria como elles ficassem muyto contentes e satisfeitos de suas perdas, e assy lho promettia como quem era; o que todo assy mandou dizer a ElRey polo Regedor, e que lhe muyto rogaua que se fosse mentira o que dizião os Mouros, fazendo taes cramores enganosamente, lhe désse grandes castigos, porque nunqua mais lhe viessem com mentiras, assy como usauão fazer os Mouros de Calecut, com que seu Rey, como mao e tirano falso, tinha feito tantos males, de que lhe tinha vindo tanto mal a seu Reyno como tinha.

ElRey folgou muyto com esta reposta que o Regedor deu perante todos, e disse aos Mouros que olhassem o que lhe dizião, porque se lhe

[1] * tivesse culpa * Aj.

dizião mentiras, e lhè déssem maos conselhos, com que lhe causassem que elle fizesse erros contra o que nom deuia, a todos auia de mandar matar, e a todas suas gerações; o que os Mouros ouvindo, responderão que elles nom querião ter que entender com o Visorey, nem querião que castigasse seu filho, nem lhe pagasse suas perdas, sómente o que fosse verdade, que elle o mandasse saber da Raynha de Coulão. Polo que ElRey logo mandou sua carta á Raynha de Coulão. Tudo ysto se passou antes de chegar Jan' Homem, e sendo assy chegado pola menhã, á tarde chegou Dom Lourenço, que entrou no rio com sua armada e as duas naos, e sorgio diante do castello, e foy a terra com os Capitães, onde em presença dos fidalgos contou todo o caso como se passara, e mostrou a olá, que trazia do Regedor, do pregão que mandara deitar, e que trazia pera testemunhas os mercadores d'aquellas naos: do que todo o Visorey ouve muyto prazer, e o mandou, que leuasse os mercadores e fosse contar tudo a ElRey, e que os mercadores lho contassem. Então forão ás naos polos mercadores, que Dom Lourenço leuou comsigo, acompanhado com sua gente, e os fidalgos, que ElRey recebeo com muytas honras, folgando muyto de ver sua fermosura [1] * delles, * e muyto mais quando lhe contou a verdade, que os mercadores das naos assy lho contarão, e que elles nom ouverão mal, porque sayrão fora do porto. Com que ElRey ficou muy contente, e despedio Dom Lourenço, que se tornou a seu pay.

Então o Visorey mandou dizer a ElRey que olhasse como tão sem vergonha os seus mercadores lhe fizerão cramores, e uniões falsas, e lhe désse o castigo como outras assy lhe nom tornassem a fazer; e que deuia de mandar enforcar os mercadores que vierão nas naos, porque com falsidade e engano tirarão, e saluarão aquellas duas naos do fogo de Coulão, e sendo de Calecut, vindas de Tanaçarim, e Pegú, carregadas como estauão, deixarão suas proprias naos carregadas dè arrôs, em que vierão de Choromandel, e se meterão nestas, dizendo que erão suas, e mercadores de Cochym, com que enganarão seu filho, que os tròuxe aly onde estauão; que pör este engano os mercadores merecião enforcados, e as naos queimadas por serem de Calecut, o que deixaua de fazer por resguardo de sua honra, que lhe fazia seruiço d'ellas. E lhas mandou leuar, e dissimulou com a execução das naos, porque estauão carregadas das drogas

[1] De menos na copia da Aj.

que elle auia mester pera carga; nem as quis tomar por perdidas, por mostrar grandeza; do que tambem foy acusado per capitulo que mandarão a Portugal.

ElRey de Cochym mandou ao Visorey grandes agardecimentos, e dizer que bem sabia que os seus merecião grande castigo, mas, por este ser o primeiro erro em seu tempo, dissimularia com o castigo que lhe merecião; que lhe muyto rogaua que elle assy o ouvesse por bem, porque se os tomasse em outro erro então lhe daria móres castigos. Com que o Visorey se mostrou satisfeito, e chamou os principaes Mouros mercadores, e lhes fez grandes amoestações, que nunqua mais lhe dissesem mentiras, porque lhe juraua e promettia, que o que lhe falasse mentira ácerca de cousas dos Portuguezes, que deitaria fora de suas terras, com toda sua geração, e lhe tomaria tudo quanto tiuessem. Os Mouros estauão culpados, nom tiuerão que responder senão que era muyta razão que assy fosse, e que cada hum se guardasse.

CAPITULO XII.

COMO A RAYNHA DE COULÃO PEDIO PAZ AO VISOREY E SE TORNOU 'ASSENTAR, E FORÃO LA CARREGAR TRES NAOS, E AS OUTRAS EM COCHYM, QUE TODAS CARREGADAS SE PARTIRÃO PERA O REYNO, E O QUE PASSOU COM JOÃO DA NOUA, E GONÇALO GOMES D'ABREU, E PERO FERNANDES TINOQUO, SOBRE NOUAS PROVISÕES D'ELREY, QUE APRESENTARÃO.

O Visorey daua pressa ao carregar, porque o tempo era curto, e a pimenta nom corria tanto como elle queria. ElRey trabalhaua o que podia. João da Noua, e Vasco Gomes d'Abreu, vendo que o Visorey mandaua concertar suas naos, em que vierão do Reyno, em que ElRey mandaua que hum fosse andar no cabo de Guardafuy, e outro no cabo de Comorym, e que na India nom auia senão nauios velhos, pedirão ao Visorey que nom mandasse carregar as suas naos senão por deradeiro, e que auendo pera todas pimenta fossem muyto embora, e que nom auendo pimenta que as que ficassem fossem as suas; do que aprouve ao Visorey, como de feito nom forão, porque nom ouve tanta pimenta, e nom forão mais que dez naos.

A Raynha de Coulão, vendo que lhe nom mandauão naos pera car-

regar, e ella tinha muyta pimenta, que mandara ajuntar por satisfazer o mal passado, polo que mandou messagem ao Visorey, dizendo que sua paz e contrato nom era quebrado, que lhe requeria que lho guardasse, pois por sua parte se nom fizera o mal que se fizera, mas os que o fizerão ja tinhão a paga; e pera mais contentar o Visorey lhe mandou dizer que polo que se perdêra da feitoria daria mil quintaes de pimenta, polo que podia roubar o pouo da cidade, e polo servir tinha pimenta junta pera tres naos. Com que o Visorey muyto folgou, e porque lhe tinhão dito que a Raynha tinha dous robís de preço, e ElRey em seus apontamentos muyto lhe encarregaua que lhe ouvesse pera a Raynha rica pedraria, e perolas, e por este respeito, e pola necessidade que auia de pimenta, tornou a concrudir na paz, postoque sabia que a ElRey de Cochym pesaua, que nom queria que os nossos ouvessem pimenta senão em Cochym; e sobre ysto praticou com ElRey de Cochym, dizendo que lhe tornaua a dar a paz, porque ella nom tiuera a culpa, e mais que ElRey lhe mandaua que conseruasse sua amizade. Então mandou Gaspar o lingoa com reposta e assento de paz, e lhe encarregou que comprasse os robís á Raynha, como comprou por quarenta mil cruzados, que se pagarão em mercadorias de que a Raynha se contentou, e fez obrigação, por sua olá assinada, que nunqua em seu porto consenteria naos nem Mouros de Calecut. Então o Visorey mandou lá carregar tres naos, ao que o lingoa deu o auiamento com os mestres e feitores das naos, que prestesmente forão carregadas, e as outras em Cochym.

Estando no negocio da carga, foy o Visorey auisado que o sacretario capitulaua delle, o que o Visorey muyto dissimulaua, e quem lho descobria muyto rogaua que nom descobrisse que elle tal sabia, e por estes induzimentos hum dia João da Noua falou ao Visorey, porque tinha sabido que sua capitania, que trazia pera o cabo de Comorym, nom era cousa de proveito nem honra. Então apresentou ao Visorey perante o sacretario hum aluará d'ElRey, em que lhe daua Capitão Mór do mar da India, e lido o aluará se vio que ElRey lho passara ordenandose vir pera a India Tristão da Cunha, antes que o Visorey fosse chamado pera vir. Visto o aluará o Visorey lhe dixe: « João da Noua, amigo, vós vindes »
« prouido no meu regimento pera Capitão Mór com armada pera andar »
« daquy pera o cabo de Comorym, e nisto trago apontamento no meu re- »
« gimento, o que vos eu comprirey inteiramente, quando ouver necessi- »

« dade d'aly andar armada ; e quanto a esta prouisão de Capitão Mór do »
« mar, se ElRey meu Senhor fora lembrado della, elle a recolhera, tanto »
« que me deu este cargo, pois eu trazia comigo meu filho Dom Lourenço, »
« e vós o entendeys tão bem, que me apresentaes a prouisão querendo usar »
« della, no que tomaes errado entendimento por todalas vias que seja, »
« que ainda que esta prouisão fora expressa pera a auer de comprir ao »
« pé da lettra, por vossa onestidade tal nom deuêreys querer, saluo se »
« meu filho viesse prouido por vosso alferez. »

Com estas palauras João da Noua ficou muy atalhado, e todauia se mostrando aggrauado, dizendo que á vontade d'ElRey nom se deuia dar nenhum entendimento. Ao que os fidalgos lhe forão á mão, dizendo que nom tinha razão, e o Visorey lhe disse : « Do erro que nisso faço pedy ao sa- » « cretario vossos papeis, e mandayos ao Reyno, e Sua Alteza volo emen- » « dará. » Disse João da Noua : « Senhor, daime licença pera os eu leuar, » « e me tornar a ElRey. » O Visorey disse que lhe prazia, sómente lhe pezaua porque sua nao nom tinha carga por sua culpa, que elle lha estoruara, mas porque nom fosse de todo aggrauado, fosse na nao que tinha dado a Fernão Paçanha, que era bem que aquy ficasse pera acodir a seu pay Manuel Paçanha, se outra guerra lhe sobreuiesse. E João da Noua tirou seus instromentos, que lhe deu o sacretario, e se tornou pera o Reyno.

Tambem Vasco Gomes d'Abreu apresentou ao Visorey outra prouisão em que lhe mandaua, que auendo na costa da India outra armada, apartada do Capitão mór do mar, auia por bem que nella andasse por Capitão mór, com bandeira na gauea, Vasco Gomes d'Abreu, com tantos poderes como o Capitão mór do mar. O Visorey lhe disse, falando com os fidalgos : « Muyto folgára de saber que enformações se dauão a ElRey pera « « passar taes prouisões ; » e disse : « Senhor Vasco Gomes, a esta vossa pro- « « uisão lhe falece a mor solenidade que ouvera de trazer, que era quando » « a vossa bandeira se acertasse de ajuntar com a do Capitão mór do mar » « em hum porto, qual teria a bandeira, porque duas nom podem estar » « juntas, que parecerião mal dous sam Christouãos pintados em huma pa- » « rede, e por tanto por este [1] * falecimento * deueys de mandar tornar vos- » « sa prouisão a ElRey meu Senhor, pera que nisto proueja. » Do que Vasco Gomes se mostrou muy queixoso, e o Visorey lhe dixe : « Mais outro »

[1] * falimento * Aj.

« ponto ha de trazer vossa prouisão, que nom trás que ordenado terá a » « vossa bandeira; porque ElRey no regimento diz que na costa da In- » « dia nom auerá ordenado de Capitão mór senão do Capitão mór do mar. » Polo que Vasco Gomes tambem pedio licença pera o Reyno. O Visorey lhe disse: « A licença vos nom posso negar; folgára de ter nao pera vós » « dar, e pedy ao sacretario vossos papeis, que ElRey bem verá, e proue- » « rá como for seu seruiço. » Pero Fernandes Tinoco vinha prouido d'ElRey pera estar em Bisnegá por feitor, pera tratar pedraria, de que elle tinha muyto conhecimento, e com escriuão e feitoria ordenada; o qual estaua com grande contentamento quando vio a embaixada que o Rey de Bisnegá mandara ao Visorey a Cananor, onde logo falou ao Visorey, querendo que o mandasse com o Embaixador; ao que o Visorey lhe respondeo que a embaixada era sobre o Rey de Bisnegá tratar de casamento sua filha com hum filho d'ElRey de Portugal, ao que elle lhe mandaua a reposta que compria ao estado d'ElRey seu Senhor, que era muy diferente do trato de pedraria; que tempo aueria pera nisso entender, o que então nom podia até nom hir a Cochym: ao que se sofreo Pero Fernandes até ora, que lho tornou a falar. O Visorey trazia em regimento que em Bisnegá assentasse feitoria de pedraria, achando praçaria com mercadores da terra abonados, com quem andasse seguro o cabedal que nisso metesse, com o menos risco que podesse ser, e que ysto fizesse com muyta seguridade e certeza de se poder fazer proveito, do que o Visorey já tinha tomado [1] « muyta » enformação em Cananor; e sendo assy importunado de Pero Fernandes, lhe disse que no regimento trazia apontamento de como auia d'assentar sua feitoria em Bisnegá, mas a enformação que achaua nom era conforme ao que ElRey queria, mas elle buscasse homens que o bem entendessem e soubessem as cousas de Bisnegá, e então lhe dessem razão do que seria, ou se podia fazer, e então conforme ao regimento o despacharia. Perguntou Pero Fernandes ao Visorey que lhe dissesse o modo que ElRey queria, que elle o buscaria, e então lhe disse o Visorey que lhe nom perguntasse taes cousas, que fazia atentações ao seruiço d'ElRey; que mais nisso lhe nom falasse, porque elle o mandaria, se lhe parecesse bem: com que Pero Fernandes se mostrou muyto aggrauado, e dizia que o Visorey nom fazia o que ElRey

[1] De menos no Ms. da Aj.

mandaua, e se encobria com o regimento, que era em contrario do que elle dizia. Sendo ysto dito ao Visorey ouve muyta paixão, e mandou chamar Pero Fernandes, e perante os fidalgos lhe disse: « Pero Fernandes, » « quero que vejão estes fidalgos qual de nós mente. » Então [1] * mandou * lêr o capitulo que nelle falaua, que era muyto mais do que o Visorey dizia. E acabado de lêr disse: « Pero Fernandes, estaes agora farto? » Elle disse: « Senhor, quem me enganaua me falaua ysso muyto ao con- » « trario da verdade, que agora vy. » Respondeo o Visorey: « Quem vos » « essas atentações causou outras mayores terá. »

CAPITULO XIII.

COMO AS NAOS DA CARGA PARTIRÃO PERA O REYNO, E COM ELLAS FOY D. LOURENÇO ATE' AS DESPEDIR DA COSTA, E O QUE DESPOIS FEZ ATE' TORNAR A COCHYM.

PORQUE o tempo hia falecendo, o Visorey daua pressa a carregar, e como as naos vierão de Coulão, e tomarão em Cochym a droga, que auondou pera todas as naos a droga que se tomou nas naos que D. Lourenço trouxe de Coulão, e como a nao acabava de carregar a mandaua partir, hião a Cananor tomar o gengiure, e partião. Fez Capitão mór das naos ao Comendador Fernão Soares e lhe deu regimento que lhe obedecessem onde o topassem, e que todos andassem quanto mais podessem; e com as derradeiras, que forão tres, mandou o Visorey Dom Lourenço com armada de coatro carauellas, e tres nauios, e as galés, e bergantym e foy com as naos até as despedir da costa, que [2] * era, * ja em Janeiro de 1506: foy com ellas até se acabar o terrenho, e com a viração se tornou, correo até Angediua, e visitou a fortaleza, onde já auia gente da terra com casinhas fóra da fortaleza, que vinhão vender aos nossos cousas de comer, onde lhe fizerão queixume que ao longo da terra corrião as atalayas d'Onor, que tornarão ao que d'antes fazião, roubando os [3] * zambucos, * e pajeres que achavão; ao que Dom Lourenço se partio, e foy

[1] Aj. No Ms. do Arch. vem * mandando. * Observaremos que Gaspar Correa deixa de usar muitas vezes do preterito perfeito, e lhe substitue o gerundio.
[2] Aj. [3] * zambuquenhos * Arch. e Aj.

sorgir na barra do rio d'Onor, e mandou recado ao Rey, que lhe mandasse as atalayas, que andauão a roubar contra a paz que lhe dera o Visorey. Elle lhe respondeo que nom erão suas, mas vinhão de fóra, e entrauão no rio, de que elle nom sabia nada, nem ninguem disso se queixaua; que onde as achase as mandasse queimar. Dom Lourenço lhe mandou dizer que logo as deitasse fóra, e que nunqua mais lhe consentisse que entrassem no rio, que bem sabia que seu Capitão Timoja andaua nellas. Mandou dizer que nom auia de tolher que nom entrasse no seu porto quem quizesse, que nom auia de perder seu trato. Mandoulhe dizer Dom Lourenço que se logo lhe nom mandaua as atalayas que as auia de hir queimar, e quanto achasse dentro do rio, pois que tendo paz do Visorey usaua como ladrão, que por ysso já lhe queimara o porto. Ao que ElRey logo fez prestes sua gente, e meteu as atalayas polo rio dentro, que corria duas legoas pola terra dentro. Dom Lourenço fez a gente prestes, e entrou com o bergantym e batés, e nom quis que entrassem as galés, por a barra ser roim, e os batés com berços, e deu no lugar e o queimou, e morreo muyta gente, e queimou outras pouoações, com que se tornou a sayr sem lhe perigar nenhum homem, somente feridos de frechas.

Desta reuolta fogirão muytos que se forão a Baticalá, contando o que Dom Lourenço fizera, e que outro tanto auia de hir lá fazer, com que logo o Rey de Baticalá se aprecebeu, que chegando Dom Lourenço a sorgir no porto pera tomar cousas pera a armada, sem mais aguardarem recado a ver o que queria, lhe tirarão do outeiro da barra com huns tiros que ahy poserão. Dom Lourenço nos batés, e bergantym foy entrar no rio, onde lhe fizerão grande resistencia com tiros e frechas, e pedras, do outeiro que estaua sobre a barra, com que lhe ferirão alguns homens, mas todauia entrou no rio, e queimou muytas naos que estauão varadas, e deu na terra nos [1] * bengaçaes * em que estauão as fazendas que auião de embarcar; ao que acodirão muytos Mouros estrangeiros com a muyta gente da terra, em que ouve grande peleja, morrerão muytos, e todauia forão fogindo, ficando grande despojo nos bengaçaes, que erão fardos d'arrôs, e d'açuquar, e ferro, de que se carregarão os nauios, e ainda ficou que sobejou, e mandou Dom Lourenço dous nauios carregados a Ange-

[1] * bengasaes * Aj.

diua, que tornarão ainda a carregar. E Dom Lourenço estaua dentro do rio nos batés, e cometteo a hir polo rio pera queimar o lugar: ao que lhe logo veo recado do Rey, dizendo que elle era amigo dos Portuguezes, e vassalo d'ElRey, que cada ano pagaua pareas, e que [1] *sendo* sem razão lhe fora fazer mal e queimar seu porto. Dom Lourenço lhe mandou dizer que chegára a seu porto pera mandar comprar de comer, e que logo da terra lhe tirarão bombardas, e que por ysso se fizera o que era feito, que elle nom fazia mal senão a quem o merecia, e que nom andaua polo mar senão a fazer mal a quem o fazia, e porque ladrões se colhião a Onor, por ysso lhe fizera mal. O Rey se mandou desculpar, dizendo que com medo se fizera o erro de que já tinha o pago; que por tanto lhe pedia que por seu assinado lhe tornasse a confirmar a paz; do que aprouve a Dom Lourenço, e lhe deu o que lhe pedia. Polo que o Rey lhe mandou de presente mil fardos d'arrôs giraçal, [2] *e cem fardos d'açuquar branco* pera sua mesa, o que carregou em hum zambuco a frete, porque nom lhe cabia nos nauios, e se partio, e se foy a Cananor, onde deixou muyto arrôs, na feitoria, e muyto ferro, de que mandou fazer arcos pera pipas pera a armada, e pera as naos do Reyno, e se foy a Cochym dar conta a seu pay do que fizera; e descarregarão os nauios, e cada hum leuou pera sua casa o que queria.

CAPITULO XIV.

COMO A PETIÇÃO D'ELREY DE COCHYM, O VISOREY MANDOU DOM LOURENÇO COM ARMADA DAR GUARDA A'S EMBARCAÇÕES DE COCHYM, E CANANOR, QUE ERÃO EM CAMBAYA, PORQUE AS FUSTAS DE DABUL AS ROUBAUÃO QUANDO PASSAUÃO.

Sendo assy chegado Dom Lourenço, ElRey de Cochym rogou ao Visorey que lhe mandasse dar guarda aos seus mercadores que hião pera Cambaya, porque á hida e vinda os roubauão as fustas de Dabul; do que aprouve ao Visorey *e* lhe mandou dizer que elle em pessoa, se comprisse, hiria lá, e mandou fazer prestes Dom Lourenço: polo que logo os mercadores o escreuerão a Cananor, pera tambem hirem na companhia

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] Idem.

d'armada. O Visorey mandou Dom Lourenço com sua armada, que fizesse grande guarda ás nauegações de Cochym e Cananor, que hião carregados de roupas, com que corrião a Malaca, Maluco, Bandá, e per outras partes, donde tornauão carregados de drogas, e canella que tomauão em Ceylão á vinda. O Visorey mandou a Dom Lourenço que se fosse estar no rio de Danda, em que podia estar com tod'armada, seguro de todos temporaes, porque Danda era além de Dabul; e que no rio estiuesse, e ahy aguardasse até virem todas naos e zambucos, e que com todos se tornasse, com muyto recado que ninguem lhe fizesse mal, e que do rio nom saysse, nem mandasse andar d'armada na enseada, e que nom tomasse nada no mar, porque por essa causa nom fizessem mal aos mercadores.

Partio Dom Lourenço de Cochym com sua armada, com muytas naos e zambucos em sua companhia, e fizerão muyta detença até sayrem do rio, que foy já em fim de Janeiro, e se forão a Cananor, onde já estauão prestes muytas naos e zambucos de Cananor, Marabia Tramapatão, que são do Reyno de Cananor, que forão na companhia d'armada mais de seis centas velas, leuando todos recado que no rio de Danda os auia d'aguardar Dom Lourenço até que tornassem todos; o que assy com boa ordem e muyta vigia forão todos a Cambaya, e acabando suas fazendas se tornarão ao rio de Danda, onde estaua Dom Lourenço, que aguardou até que lhe os mercadores disserão que já nom ficaua ninguem. Então se partio Dom Lourenço correndo ao longo da terra, e todas as nauegações pola banda do mar, com muyta vigia de dia e de noite, e vindo elle sempre detrás, e chegando aos Ilheos Queimados [1] * perto de Goa * per sua popa ouve vista de vinte fustas de Dabul, que erão as que andauão ao roubo, muy armadas e concertadas, as quaes vinhão do mar pera terra, que vendo as naos dos Mouros forão a ellas, sem auerem reconhecimento da nossa armada, que corria ao longo da terra; mas como ouverão vista dos nossos nauios logo voltarão fogindo pera o mar, tornando pera trás, ao que os nossos nauios lhe sayrão, e correrão ao alcance até noite, que as perderão de vista. Tres fustas da companha, que não virão nada d'isto, que vinhão muyto atrás, forão ter na terra, e forão seu caminho de longuo. Dom Lourenço deixou com as naos dous nauios em guarda, e lhe

[1] * Perto d'agoa * é o que se lê em ambas as copias, por ignorancia dos copistas.

mandou que se fossem a Angediua, e ahy esperassem por elle; então falou ás carauellas, e toda 'armada, e lhe mandou que se espalhassem polo mar, e andassem até amanhecer a ver se achauão as fustas, porque elle se tornaua a tomar a barra de Dabul, onde aguardaria por elles. Então se metteu nas galés, e com o bergantym se tornou a Dabul á força de remo porque o vento era contrario, que tomou a barra antes que amanhecesse; onde estando forão entrar pola barra as tres fustas que forão ao longo da terra, e por entrar no rio tomarão as velas e hião a remo, sem auer vista das galés, que estauão junto da terra, e estando sobre o remo [1] *aguardauão* que chegassem perto. Mas os Mouros, vendo as galés, fizerão volta, dando huns sobre outros, e se emburilharão, com que as galés, sendo a tiro, com 'artelharia derão nellas assy embaraçadas como andauão, em tal maneira que os Mouros se deitarão a nado, que as barquinhas andauão [2] *a matar;* e das fustas tomarão alguma artelharia boa, e poserão fogo ás fustas, que arderão hindo pera o mar, porque o vento era da terra. Então Dom Lourenço sayo pera o mar, e se ajuntou com outra armada, que nom virão as fustas, que se forão na volta de Chaul.

Dom Lourenço com a viração foy á vista d'Angediua, e mandou o bergantym dentro, que fez sáyr as naos dos mercadores, com que caminhou pera Cananor, e sendo á vista do Ilheo de sancta Maria, acharão doze pajeres [3] *que sayão* de Mangalor carregados d'arròs, e hião pera Calecut, dos quaes tomou os Mouros e os mandou metter nos nauios a bom recado, e nos pajeres metterão Portuguezes que os guardassem, e de noite hião antre os nauios, e chegando a Cananor mandou hir toda 'armada, e que o aguardasse sobre Calecut; e Dom Lourenço foy ao porto de Cananor com todas as naos e zambucos que forão em sua companhia. E mandou dizer a ElRey que aly lhe trazia suas naos e mercadores a saluamento, como lho mandára o Visorey, e o seruiria em quanto Sua Alteza mandasse: do que ElRey lhe mandou [4] *grandes* agradecimentos. E ysto mandára o Visorey a seu filho que fizesse, porque elle queria fazer a estes Reys todolos contentamentos pera o negocio das fortalezas que com elles hauia de fazer, porque assy compria.

[1] *aguardando* vem nas duas copias. V. a nota a pag. 619 [2] *matando* Aj [3] Falta no Ms. da Aj. [4] *muitos* Aj.

Dom Lourenço foy seu caminho, e chegando a Calecut, onde 'armada estaua aguardando, mandou recolher o arrôs dos pajeres aos nauios, e os pajeres mandou atar todos juntos polos lemes, e mandou matar todos os Mouros que nelles tomára, e mettidos dentro lhe poserão o fogo, com que forão ardendo pera terra; e aos gentios Malauares sem lhes fazer mal os deixou hir a nado pera terra, e com toda 'armada fez salua á Cidade com muytos pelouros perdidos que lhe deitou dentro, e foy seu caminho a Cochym, onde chegou com sua companhia, que entrando polo rio cada nauio fazia salua com dous breços, e por derradeiro Dom Lourenço, tirando logo a bandeira da gauea; e sayndo em terra todos os fidalgos o vierão receber, como hião á Igreja a fazer oração e dahy a casa do Visorey, que a todos recebia com honra, e todos assentados, logo Dom Lourenço, em presença de todos, daua conta ao Visorey do que deixaua feito. E quando assy chegou a Cochym era já em fim de Abril, que já era bocca d'inuerno.

Em quanto assy 'armada andou fóra, o Visorey mandou fazer grande ribeira pera corregimento, e fez todos os petrechos pera' varação, e porque os nauios de necessidade auião de estar cobertos com olá e canas durando o inuerno, e que estando varados, cobertos, e juntos, ouve ysto por cousa muyto perigosa ao fogo, ouve por melhor que como hum nauio fosse carregado o tornar ao mar, onde estaria mais seguro do fogo, e os que ficassem na terra ficarião largos huns dos outros, porque o Visorey tinha muyto temor que os Mouros de Calecut lhe viessem pôr o fogo, ou peitassem a quem lho posesse, polo que sempre no mar e na terra de noite tinha grande vigia. E porque a gente era muyta se fez a pouoação grande, de muytas casas sobradadas de madeira, e ruas em que tambem a gente da terra fazião boticas, em que vendião cousas de comer muy abastadamente, e de bom barato, porque por hum vintem de prata dauão vinte moedas de prata a que chamauão taras, que' como huma escama de pexe ou de sardinha, e por huma destas moedas dauão doze, e quinze figos, e quatro e cinco ouos, e por hum vintem tres, coatro galinhas, e por uma tara pexe que fartaua dous homens, e arrôs pera hum dia comer, jantar e cear. Nom auia pão porque nom auia trigo senão nas terras dos Mouros.

Faziãose muytas molheres christãs por conuersação que com ellas tomauão os homens. O Visorey auendo enformação que comtudo os ho-

mens nom deixauão de conuersar as gentias, porque erão mais lustrosas, e muy deuassas, que por muy pouco preço nom se denegauão, e mórmente moças virgens, que suas mãys trazião a vender [1] * suas honras, * em que muyto emprendião os deleites dos homens, ao que o Visorey acodio com meyrinhos, e penas, e muytos castigos aos que dormião com as gentias; e o Visorey auendo verdadeira enformação que o conuertimento destas christãs era somente polo interesse do que ganhauão, sem outro nenhum entendimento nem crença, mandou aos crelgos que pois o intento destas molheres nom era na crença de nossa sancta fé, mais que somente seu interesse, que nom fizessem christãs senão molheres lustrosas e fermosas, pera que os homens perdessem o sentido das gentias; o que assy se fez, com as quaes os homens tanto se amigarão e conuersarão que as fizerão muy ricas, do que outras cobiçosas vendo a medrança das christãs, se fizerão muytas christãs, porque ninguem lho tolhya, em que tambem algumas Mouras fogião a seus maridos e se fazião christãs, com que os maridos muyto as fechauão e ençarrauão, com que lhe ellas mais fogião, e posto que estas nouas christãs, com sua errada vontade recebião o sancto bautismo, Nosso Senhor por sua grande misericordia lhes alumiou o verdadeiro caminho da saluação, com que forão tão perfeitas christãs, como hoje em dia se vê em algumas dellas, com boa deuação e esmolas, e muyto mais tementes a Deos, e a nom pecar, que muytos de nós; Deos seja muyto louvado, e as conserue e acrecente em seu sancto seruiço. Amen.

CAPITULO XV.

COMO O VISOREY PEDIO LICENÇA A ELREY DE COCHYM PERA FAZER CASAS DE PEDRA, E TELHA PERA SEU APOSENTO, E RECOLHIMENTO DAS MERCADORIAS DA FEITORIA, E ALMAZENS NO QUE OUVE MUYTOS DEBATES, E ELREY DEU A LICENÇA QUE SE FIZESSE.

O Visorey tinha muy grande desejo, sobre todalas cousas, de fazer em Cochym fortaleza de pedra, que para elle seria muy grande honra em sua memoria, e porque ElRey lho encomendaua sobre todalas cousas, que se fizesse com aprazimento e vontade d'ElRey de Cochym, e de

[1] Falta no Ms. da Aj.

seu Principe, e grandes do Reyno, porque com força, e contra vontade nom podia ser, que seria trabalho perdido, e causa de se perder o que estaua ganhado, que era a boa amizade d'ElRey, e de seus grandes senhores de terras, e se perderia a carregação da pimenta, que era o lume dos olhos de Portugal, e nom auia poder no mundo pera se lhe tomar per armas; polo que ElRey o defendia ao Visorey que se nom fizesse com nenhum escandalo, senão muyto com aprazimento d'ElRey, e que sobre ysso gastasse [1] * toda * sua fazenda, por assy ElRey o muyto praticar, e estilar em seu conselho, que lhe muyto compria ter em Cochym fortaleza de pedra por muytas causas, e a principal porque na terra onde ha fortaleza os corações dos maos são quebrantados pera nom auer brigas nem aleuantamentos, que ás vezes se aquecem differentes vontades d'ElRey nouo, e auendo guerra mais asinha se torna a assentar a paz, e tendo nós fortaleza, e possança, e então muyto amigos e manços, seria mór assento, e credito de muyta firmeza e segurança aos corações destas nouas gentes, que nom segurão senão com muytos exprimentos; o que todas estas sostancias no conselho d'ElRey forão muy praticadas, e assentou que se tomasse todo o trabalho com todo o gasto pera que fosse feita fortaleza, e assy tratando dos melhores meos, e modos que ouvese pera que fosse com aprazimento d'ElRey de Cochym. O que per muytas sostancias o Visorey trazia apontado em regimento, do que elle tinha muy grande cuidado, muyto trabalhando ganhar muyto a vontade a ElRey, e ao Principe, que então era vindo pera andar com ElRey, que o Visorey recebeo com grandes honras, fazendolhe grande presente, e assy os daua aos [2] * vedores * da fazenda, que são os Regedores do Reyno, sabendo que estes o podião ajudar ou estoruar; o que o Visorey muytas vezes praticaua, e comunicaua com o feitor, e pera nisto auer algum começo assentou o Visorey huma menhã que algumas vezes, muy secretamente, mandaua pôr fogo na pouoação dos nossos, em tal lugar que nom fizesse mais mal que aluoroço e arrepique de fogo, o que se fazia muytas vezes, polo que, quando o Visorey se via com ElRey lhe fazia grandes queixumes do grande medo que tinha do fogo, que o que se muytas vezes acendia era posto por mão, que certo que em Cochym andauão Mouros peitados de Calecut pera ysso, do que ElRey assy tinha

[1] De menos na copia da Aj. [2] * feitores * Aj.

muyta sospeita que podia ser, do que tinha muyta paixão, e sobre ysso mandava fazer muytas deligencias, e se nom achaua nada, e dizia 'o Visorey que mandasse deitar fóra da pouoação os Malauares que vendião nas boticas, e como fosse achado algum malabar de noite junto das casas logo o mandasse queimar viuo. O Visorey dizia que forçadamente auia d'auer boticas na pouoação, porque nom era bem que os Portuguezes fossem comprar o comer á pouoação dos Mouros, o que se assy fosse, nom se escusaria, que muytas vezes aueria brigas, porque marinheiros he gente baixa, e erão maos e soberbos, de que ás vezes se poderia recrecer cousa de paixão, e que ysto nom podia ser, antes se queria estar como estaua em seu perigo de fogo de dia, e de noite.

O Visorey trouxera grande capella de ricos ornamentos, e toda a prata, orgaons, cantores, tudo em grande comprimento, que nos dias de festa se armaua a Igreja de panos de Frandes de figuras, e ornamentaua o altar com rico retauolo de Nossa Senhora da Piedade, e pera caber toda a gente se fez grande alpendre á porta, e se tangião as trombetas, e atabales, e repicauão dous sinos que auia na Igreja, e auendo assy dias de festa vinhão muytos Naires, e Caimaes, e algumas vezes o Principe a ver, que todos estauão muy espantados, e folgauão de ver nosso modo d'adoração; o que acabado, tudo logo se recolhia pera o castello, e ficaua a Igreja sem nada mais que o pobre altar com huma cruz; onde o Visorey huma noite mandou pòr o fogo, e ardeo toda, e sendo dito a ElRey, cuidando que tudo se queimara ouve muyta paixão, e mandou dizer ao Visorey que se nom agastasse, que logo lhe mandaria dar madeira com que fizesse outra Igreja maior, e que a fizesse afastada mais da pouoação. Do que o Visorey lhe mandou [1] * grandes * agardecimentos por Dom Lourenço, que sempre andaua muyto loução, acompanhado de fidalgos mancebos assy loução, e quando hia a ElRey lhe fazia muytas honras, e dizia que elle era o verdadeiro Naire dos Portuguezes, e mórmente o Principe, que com elle sempre estaua sobraçado como se fòra seu irmão.

D'ahy a poucos dias o Visorey tornou a mandar pòr fogo, que fez tanto desmando, que quasy queimou ametade da pouoação, e entraua já na propria casa em que moraua o Visorey, em que ouve muyta perda,

[1] * muytos * Aj.

e por o fogo ser grande, foy visto da pouoação de cyma dos Mouros, que assy era de casas de palha, que nunqua tinha rebates de fogo. E por o Visorey ser no encargo do fogo, da perda logo supria [1] * os homens, * cada hum segundo sua perda, á custa d'ElRey, e lhe mandaua fazer pagamentos no feitor de seus soldos; e porque o fogo assy foy grande, ElRey mandou hum seu Regedor ao Visorey perguntar da perda, e que estaua com muyta paixão de seu trabalho, de que lhe mandou [2] * grandes * agardecimentos, dizendo que a perda do fato nom era muyta, como seria hum dia elle amanhecer queimado. E neste dia á tarde o Visorey foy ver a ElRey com os fidalgos, e Dom Lourenço diante, com sua rica alabarda na mão, que o Visorey lhe mandou que leuasse; e o Principe veo ao caminho ao receber, auendo muyto prazer, vendo como hia Dom Lourenço, e com muytos prazeres lhe perguntando onde hia assy menencorio. Elle lhe disse: « Senhor, vou matar o fogo, que tanta guerra nos faz. » E chegando a ElRey lhe fez suas grandes honras, e o Visorey muytos agardecimentos da paixão que tinha de seu trabalho do fogo. Disse o Principe ao Visorey: « Nom auerá mais trabalho, nem medo do fogo, porque este » « valente cavalleiro vem pera o matar com esta sua poderosa alabarda. » Do que ElRey ouve muyto prazer, dizendo que elle o [3] * hiria * ajudar, e todos rindo, e zombando, e lhe perguntou como o auia de matar. Dom Lourenço disse: « Senhor, de hum só golpe todo matarey. » E aleuantou a alabarda, e deu no chão tão forçoso golpe que meteu todo o ferro no chão, de que todos ficarão muy espantados de sua tamanha força. Dizendo ElRey que com tal golpe já todo o fogo era morto, disse o Visorey: « Senhor, eu bem vejo que nom posso escapar de o fogo me fazer algum » « grande mal, queimandome as casas em que tenho tantas fazendas d'El- » « Rey vosso irmão, meu Senhor, e sobre tudo os aparelhos d'armada, » « que seja mor perda. Eu, Senhor sempre andey nos medos da guerra, » « em que me criey, mas o medo do fogo nunca senty senão agora que » « nenhum repouso tenho de noite, nem de dia; polo que peço a Vossa » « Alteza, em grande mercê, que aja por bem que aquillo que está feito de » « olá e canas seja feito de pedra coberto de telha, com que tudo ficará » « seguro, porque farey huma casa em que eu viuirey, e dentro n'ella » « estarão as portas debaixo de minha chaue; com que nom viuerey em tan- »

[1] * aos mouros * Aj. Deve ser engano do copista. [2] * seus * Aj. [3] * queria * Aj.

« to medo do fogo, de tamanho mal como me pode fazer, se hum mou- »
« ro de Calecut se quiser riscar a me pôr o fogo na porta, que nom pos- »
« sa sayr fóra. Olhay, Senhor, camanho mal será ysto me fazerem den- »
« tro nesta terra, que he vossa, e nós, que nella estamos, com quanto »
« temos, e as vidas, pera todos morrermos por teu seruiço, de que já tens »
« visto a verdade, e todos os teus, o que assy sempre será pera te sem- »
« pre seruirmos como a proprio nosso Rey e Senhor. »

ElRey, ouvindo tudo, estaua com a cabeça baixa sem responder nada, e ficou muy seco. E respondeo: « Per nossos costumes em nossas ter- »
« ras ninguem pode ter casa de telha, senão os pagodes, e os Reys, e »
« se elle agora outra cousa fezesse lhe seria muyto estranhado, e os seus »
« lho nom consentirião quebrar suas leys, e costumes que nunqua forão »
« quebrados, e por outras terras [1] * dirião * delle cousas contra sua honra. »
Da qual reposta o Visorey ficou muy triste, porque sentio em ElRey auer disto muyto pezar, e lhe respondeo: « Tudo o que o Rey faz de »
« sua boa vontade, sem constrangimento de força, he bem feito, e nin- »
« guem póde falar mal da sua honra, e porque as tuas casas podem ser »
« de pedra e telha, as que eu fizer com tua licença e vontade, tuas são, e »
« sempre serão the o fim do mundo. Se te, Senhor, parece que te ysto »
« peço sem tamanha necessidade, como vês, nysso te nom falarey mais, »
« nem por ysso deixarey de morrer por teu seruiço, como esse filho que te- »
« nho, e todolos Portuguezes que estão na India, e assy te juro pola vi- »
« da e cabeça d'ElRey meu Senhor, teu irmão: e peço por mercê a »
« Vossa Alteza nom aja por mal, e me dê licença que me va inuernar »
« em Angediua, onde terey segura esta armada, que tanto cumpre a teu »
« seruiço que estê salua do perigo do fogo; que val tanto dinheiro. E »
« ysto me cumpre muyto, inda que me seja tamanho trabalho, por já ser »
« tempo de inuerno. » E despediose d'ElRey mostrandose muy descontente.

Tornado o Visorey assy sem reposta d'ElRey se deixou estar muytos dias, em que se fingio estar doente, e se deixou [2] * estar * em cama, que ElRey mandou visitar polo Principe, a que se o Visorey aleuantou da cama, e foy receber á porta, fingindo muyta fraqueza, com que o Principe bradou por se aleuantar da cama. O Visorey lhe disse: « Se- »
« nhor, vendo Vossa Alteza me veo força pera me aleuantar. » O Prin-

[1] * dirão * Arch. e Aj. [2] Aj.

cipe fez assentar na cama o Visorey: elle se assentou em sua cadeira, tendo sempre pola mão Dom Lourenço, que o foy receber ao caminho, e esteue lhe perguntando por sua doença. O Visorey lhe disse: « Senhor, » «minha doença he causa de muyta paixão que tenho no coração, por- » « que aquy onde estou se me aquecer algum desastre de fogo, que se » « queime o que aquy tenho d'ElRey meu Senhor, senom morrer de pai- » « xão, de vergonha nunqua mais tornarey a Portugal; e por tanto, com » « este tamanho trabalho passarey este inuerno aquy, e pera o que vem » « me hirey enuernar em Angediua, com esta armada que he todo o meu » « cuidado; e me dobrou a paixão porque cuidaua que nom aueria cousa » « no mundo que pedisse a ElRey, que mo nom fizesse, tendo elle tão » « sabida a verdade dos Portuguezes, que o amão e estimão como proprio » « seu Rey e Senhor, e que morrerão todos por seu seruiço como pro- » « prios vassalos, no que elle mandar, e assy o manda ElRey meu Se- » « nhor, como verdadeiro irmão d'ElRey vosso tio, e será em quanto » « Cochym durar. » O Principe lhe respondeo que se nom agastasse, que ElRey faria o que elle quisesse, e que elle por sua parte ajudaria quanto podesse, ao que lhe o Visorey disse: « Senhor, se me descançares o co- » « ração, dartehey por catiuo esse filho, que nom tenho outro. » O Principe se [1] * ergueo rindo, * abraçandose com Dom Lourenço, dizendo: « E tu serás meu catiuo. » Disse Dom Lourenço: « Senhor, serey teu ca- » « tiuo e logo me hirey comtigo. » O Principe disse: « Ora vamos. Visorey, » « ficai embora. » E se foy, leuando Dom Lourenço sempre sobraçado, com tanto prazer como proprio irmão; e sendo fóra das casas o despedio, dizendo que se tornasse, e dissesse a seu pay que folgasse, porque elle trabalharia como filho. Ao que Dom Lourenço lhe fez grandes comprimentos de cortezias e palavras, com que se tornou ao Visorey, que ficou contente.

O Visorey praticando com os fidalgos e com o feitor, por elle mandaua visitar os Caimaes e Regedores, e pessoas que o podião ajudar, e lhe mandaua presentes de pedaços de panos de seda, pedaços de paos de sandalo, barrís d'agoa rozada, que se tomauão nas naos de Meca, trabalhando de ganhar as vontades a todos, e mórmente ao Principe, com que sempre o feitor lhe fazia muytas dadiuas, em pratica lhe trazendo á lembrança as cousas de Duarte Pacheco no tempo da guerra.

[1] * aleuantou rindose * Aj.

O Principe muyto encarregado do que prometera ao Visorey, e mórmente a Dom Lourenço, falou com alguns Caimaes, e Senhores seus amigos e parentes, que o ajudassem falando elle com ElRey, com o qual hum dia tomando pratica, em presença dos que já tinha de sua parte, com que já tinha [1] * auido * suas vontades, que todos querião que se fizesse o que pedia o Visorey, mas nom ousauão de o dizer a ElRey que o fizesse, arreceosos que se despois ouvesse algum successo fóra da vontade d'ElRey lhes nom deitasse a culpa. ElRey tambem assy tinha a vontade, e nom daua a licença porque auendo despois algum contraste, os seus lho nom deitassem em rosto; o que o Principe assy o tinha entendido em ElRey, polo que tocando no caso em presença dos seus, lhe disse: «Senhor,» «todas as cousas que os Reys fazem com boa tenção são boas, e nin-» «guem póde dellas dizer mal. Olha que se aquecer algum desastre de» «fogo a esta gente, o que nom póde deixar de ser, pois que cada dia lhe» «poem o fogo, e lhe queimarão a sua Igreja, o que nom ha duvida se-» «não que o fazem homens de Calecut, que o Çamorym a isso tem» «mandado, ou os nossos peitados que o fação, polo que assy sendo,» «muyta razão terão de ty se queixarem se lhe aquecer desastre. E pois» «se elles se forem inuernar em Angediua, que dirão per fóra senão que» «damos máo galardão a gente tão nossos amigos? Nom sey, Senhor, que» «arreceo tens a elles aly fazerem casas de pedra, que cobrirão d'alguma» «cousa que nom será a telha, o que nom quebra nossos costumes, por-» «que elles são estrangeiros, e nom são nossos naturaes; e pois lhe déste» «gasalhado em tua terra, como lhe tolherás que nom viuão em casas á» «sua usança, como elles tem em sua terra, e sendo mercadores de tão» «grosso trato, que tanto nobrece teu Reyno que todos te tem inveja?» «E por tanto he razão que sejão tratados assy como elles se tratão em» «sua terra; porque os [2] * Chyns, * quando estiuerão em Calecut, fizerão» «casas de pedra em que viuião, e nom ficou quebrado o costume, por» «elles serem mercadores estrangeiros, como aquy são ora os Portugue-» «zes. E pois inda que tenhão aly fortaleza, por ventura com ella po-» «derão tomar nossas terras? Que me obrigo que inda que lhas desse-»

[1] Seria melhor lêr * ouvido *. N'este logar torna o auctor a perder o fio do discurso, o que muitas vezes lhe acontece, quando accumula orações incidentes.
[2] * Christãos * escreveu, por engano, o copista d'Aj.

« mos elles as nom quererão, porque seu negocio nom he senom pimenta. »
« E pois, se te elles anojassem, que lhe aproueitaria sua fortaleza, pois a »
« pimenta está na Serra, e todo o poder do mundo a não trará de lá se- »
« nom for tua vontade? Polo que não ha cousa de que se possa com ver- »
« dade tomar arreceo dos Portuguezes, que tens tão experimentados de »
« verdadeiros amigos, e está tão sabido por toda a India, e ninguem aue- »
« rá prazer de ver os Portuguezes aggrauados de nós, senão nosso imi- »
« go o Çamorim, polos grandes males que tem recebidos dos Portugue- »
« zes, em defensão deste Reyno, que te queria tomar. » As quaes razões do Principe todos ajudarão, muy espantados de vêr seu tão bom falar, com que ElRey ficou muyto contente, e mandou chamar o feitor, e lhe disse que estaua muyto contente do que o Principe e os seus lhe falarão, que como o Visorey se achasse bom fosse falar com elle. Ao que o feitor se deitou a seus pés com palauras de grandes louvores, com que se foy ao Visorey darlhe a boa noua, com que logo repartio presentes, que o feitor foy dar a todos os Senhores e Regedores. E porque a cousa se nom esfriasse, o Visorey, com seu filho e fidalgos, foy ver ElRey com suas grandes cortezias. ElRey lhe disse: « Eu são tamanho amigo d'ElRey »
« meu irmão, e dos bons seruiços que me tendes feito, e espero que fa- »
« çaes, que tudo farey porque de minha parte se nom quebre nossa boa »
« amizade, que com tantos trabalhos temos assentada; e tenho muyto de- »
« sejo que com minhas gentes sejaes filhos e irmãos, com que fiqueys »
« como naturaes, e com esta esperança são contente que façaes casas, »
« em que viuaes assy como pedis. E por agora as nom cobrireys com te- »
« lha, até que venha tempo, porque sey que meus imigos hão de fa- »
« lar contra minha honra, dizendo que me tomaes minha terra, e nella »
« me fazeys fortaleza, e que volo consinto com medo, ou que vós outros »
« vos nom fiais de mim, por me achardes em algumas falsidades, o que »
« eu mais estimaria. Polo que, por resguardo meu, me darês todos vos- »
« sos assinados, em huma carta, desta boa amizade e verdade que ha »
« antre nós. » Ao que o Visorey se aleuantou com o barrete na mão, e fez a ElRey cortezias de grandes honras, e assy todolos fidalgos, e lhe dizendo: « Tudo, Senhor, será feito como Vossa Alteza mandar, e quanto, »
« Senhor, que dirão por fóra que fazemos fortaleza com força, tal nom »
« dirão, pois está sabido que a pedra pera se fazer está d'aquy outo le- »
« goas, e que se Vossa Alteza a nom der nós nom a temos. Assy, Se- »

«nhor que Vossa Alteza a faz, e que he vossa, e sempre será, e quando»
«eu for pera fóra, a Vossa Alteza a hey de entregar, e dar as chaues»
«na mão. E os que disserem que fazemos fortaleza por nos nom fiar-»
«mos de Vossa Alteza, muyto pior a nós poderão dizer; pois está sabi-»
«do em toda a India que em Calecut com trayção nos matarão, e feri-»
«rão, e roubarão, e te viemos buscar assy feridos, e ensanguentados,»
«e achámos em ty * emparo, * que nos recolheste e [1] * emparaste * co-»
«mo proprio pay, e Rey piadoso, e antes quizeste perder teu Reyno que»
«entregar os Portuguezes que te pedia o falso Çamorym, e d'então the»
«'gora sempre em ty crecerão tantas virtudes, e bondades, que de nós»
«podes fazer como teus naturaes. Assy entendidas todas as verdades,»
«ninguem póde dizer mal da tua grande bondade, e as casas que fizer-»
«mos he firmesa como bons naturaes vassalos, porque já os Portuguezes»
«tem misturado seu sangue, e feito geração com as molheres desta terra,»
«o que, quando muytos annos forem passados nesta * terra * auerá nos-»
«sa geração, com que pera sempre viuerão e morrerão em teu seruiço,»
«do que está certo que ElRey de Calecut auerá muyto pezar, e grande»
«inueja, porque tempo virá que nem suas almadias sayrão a pescar no»
«mar.» Das quaes razões ElRey e todos os seus ficarão muyto contentes, dizendo o Visorey que a carta seria primeyro feita pera mór seu contentamento, e descanso: com que * se * despedirão, e o Principe muyto contente com seu grande prazer, dizendo ao Visorey que logo lhe mandasse seu escrauo pera casa, o Visorey lhe dizendo que muyto mais que escrauo, elle, e todos os Portuguezes.

CAPITULO XVI.

COMO O VISOREY COM OS CAPITÃES, E FIDALGOS OUVE CONSELHO DO MODO QUE SE FARIA A CARTA QUE ELREY DE COCHYM PEDIA, E COMO FOY FEITA, E O VISOREY 'ASSINOU PERANTE ELREY.

[2] * TORNADO o Visorey ao castello, acabado de jantar mandou chamar os fidalgos, e com todos praticou sobre a carta que ElRey queria, que por todos auia de ser assinada, dizendo o Visorey que elle lh' auia de

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * Tornando * Aj.

fazer com toda a perfeição de verdade, porque ElRey seu Senhor assy o auia por bem, e lhe mostrou os capitulos do regimento, em que dizia, que por mais segurança do fazimento desta fortaleza, elle Visorey fizesse carta em seu nome, per elle assinada, e asselada, em que assinassem quantos Capitães e officiaes d'ElRey de Cochym quisessem, com todalas auondanças de juramentos e seguridades, assy como elle e o Principe e os seus pedissem, e muyto melhor, porque tudo compriria e guardaria tão inteiramente como se por elle fosse assinada, que tudo quanto elle o Visorey fizesse, e ordenasse, e se obrigasse, tudo ao pé da letra compriria; e este capitulo assinado por ElRey. E inda que [1] * no * regimento vinha esta perfeição de verdade, alguns fidalgos apontarão que nom era bem que se fizesse a carta senão leue, e rasa o mais que ser podesse, porque muytas perfeições nem resguardos ElRey nem os seus nom pedião, nem entendião; ao que o Visorey lhe disse que pois ElRey seu Senhor queria que o assento desta fortaleza fosse com tanta verdade, elle nom faria o contrario, pois a verdade era o sostimento do mundo, e pera Nosso Senhor auer por seu sancto seruiço o firmamento desta obra, se auia de fazer com toda' verdade, pera sempre durar, o que nom seria se fosse com roindade, com solapas, nem enganos, porque elle com a verdade esperaua em Deos ganhar a India, que nunqua teria perdição senão com enganos e mentiras. E mandou ao sacretario escreuer a carta, que dizia assy:

« Dom Francisco d'Almeida, primeyro Gouernador, Visorey da India, vassalo do muyto poderoso grande Rey de Portugal Dom Manuel meu Senhor, e todos fidalgos, e nobres caualleiros que presentes forão, que abaixo estão assinados. Dizemos que tu, grande Rey e Senhor [2] * Huriabem, * que tu hes Rey, e Senhor deste Reyno de Cochym, e de todas tuas terras e vassalos, grandes Senhores, que estão em teus Reynos e terras: E assy como te elles são subditos, e obedecem pera te seruir e morrer por teu seruiço, Eu Visorey, e todos os Portuguezes, Fidalgos, e criados, e vassalos d'ElRey de Portugal, todos assy prometemos fazer, como teus proprios naturaes, tudo pera teu seruiço, e d'ElRey de Portugal nosso Senhor, teu Irmão, que pera sempre teu Irmão será, em quanto tu qui-

[1] * neste * Aj. [2] Nambeadora chama Barros ao rei de Cochym successor de Trimumpara. Veja-se Dec. I, Liv. IX, Cap. V.

zeres, e os outros Reys que despois de ty ouver nesta tua terra, e ysto durará pera sempre em quanto elles com ElRey nosso Senhor estiuerem na boa paz, e irmandade, assy como tu agora estás; e Eu, e todos os Portuguezes dizemos, que como Rey piadozo, auendo dó de nós, que te viemos buscar feridos do mal que nos fizerão em Calecut, por nossos rogos, e por tua muyta bondade nos agasalhaste, e mandaste curar nossas feridas, e por nos guardar e defender d'ElRey de Calecut, que nos queria matar e catiuar, este teu Reyno foy destroido, e teus Principes mortos. E por assy nos fazeres tantos bens por amor de Deos, elle te tornou a tua honra como agora estás, e por assy seres nosso grande amigo, e irmão de nosso Rey, de tua boa vontade te aprouve nos dares licença, pera que como mercadores vendessemos, e comprassemos, e nos déste lugar em que morassemos na terra da entrada deste rio de Cochym, onde façamos casas em que vivamos, assy como nos outros Reynos se faz aos mercadores; as quaes casas sendo de olá e canas, muytas vezes se acendia o fogo, que nos queimaua nossas mercadorias, que os Mouros de Calecut nossos imigos nos punhão pera nos queimarem, ao que nós com grande medo te pedimos e rogámos, que nos desses licença pera nossas casas fazermos de pedra e telha, pera saluação do perigo do fogo, o que tu, grão Rey e Senhor, de tua boa vontade ouveste por bem fazernos tamanha mercê, e nos mandaste dar a pedra pera as fazermos, pera que cada vez que for tua vontade, e nos mandares com razão logo as desfazermos, e tu as poderes mandar fazer, porque são tuas, e estão em tua terra, e t'as entregaremos cada vez que as pedires e quiseres tomar; o que assy farão todolos Capitães, e Portuguezes que estiuerem nesta tua terra, e se nas nossas casas quiseres mandar estar teus Capitães, e gentes o poderás fazer, porque tudo he teu, e quando me eu for pera fóra te entregarey as casas e chaues dellas, e mais, que cada vez que mandares que nos vamos todos fóra de tua terra, assy o faremos muy inteiramente: O que todos nos obrigamos comprir. E eu Visorey, polo poder que tenho d'ElRey meu Senhor, assy o prometo com estes Capitães e fidalgos, e todos os Portuguezes, assy o comprirmos, e to juramos de comprir em nossa fé, e verdade de nosso Rey e Senhor, o que tudo ysto assy, sem nada faltar, ElRey teu Irmão te mandará per sua Carta por elle assinada. E porque os outros Reys e Senhores d'outras terras, e os Mouros nossos imigos, nom digão por abatimento de tua honra que nós te furtá-

mos tua terra, e fizemos força, ou que o fizemos por nom nos confiarmos em ty, tudo ysto será escrito em tuas olás, assinadas da tua mão, e do Principe, e teus Regedores e do teu conselho, pera em outras terras nós amostrarmos a verdade que antre nos ha, sem nenhum engano, nem falsidade, o que dirão os que nos querem mal, a ty e a nós.»

Sendo a carta assy escrita em huma folha de papel grande, que o Visorey assy esteue notando, disse a todos, e lhe requereo da parte d'ElRey, e pedio por mercê, que cada hum dissesse o que lhe parecia, se nas palauras da carta entendessem se auia algum erro contra o Estado e verdade d'ElRey seu Senhor, porque a emendasse, e fosse tão prefeita que ella fosse toda' firmeza, e segurança de hum bom assento de terra noua, e corações de gentes ignorantes, nouas em nossa amizade; ao que todos responderão que [1] *estaua* tão boa que prouvesse a Deos que ElRey assy fosse contente com os seus, mas que pera realeza fosse escrita com letras de ouro; o que o Visorey mandou, e logo foy feita. Mas como alguns auia que nom andauão muyto amigos com o Visorey, o murmurarão, dizendo que o Visorey errara em metter tantas clausulas e resaluamentos, que muyto obrigauão a ElRey auer de sofrer quanto quigesse ElRey de Cochym, com que assy nom daua fortaleza, nem ElRey a tinha, sómente em quanto fosse vontade d'ElRey de Cochym; que bem se podera na carta metter palauras de que ElRey de Cochym se contentára, e nom forão de tanta força, e obrigação d'ElRey; e com isto acrecentando outras [2] *sostancias* por desfaserem no Visorey, o que todo lhe sendo dito, estando hum dia falando com todos, disse: «Senhores, testemunhas sois» «que a todos requeri da parte d'ElRey nosso Senhor, e pedi por mer-» «cê, que todos visseys o que na carta fosse errado, pera que se emen-» «dasse, o que aly todos assentastes e aprouastes por bom. Nom sey» «quem ficou de fóra, que profação e reprochão o que nos a todos pa-» «receo bem, querendo elles que na carta forão falsos resabios, que eu» «nom sey fazer. Nem por mim posso dizer sómente o dito de Pilatos:» «*quod scripsi, scripsi*; que eu a todos mostrey o capitulo do regimento,» «e o que ElRey em seu conselho assentou no fazimento desta fortaleza,» «*nom* sómente pera que vos conformês á sua vontade *e* nom diminuir» «a carta, mas pera que me disesseys outros melhores pontos pera cla-» «reficar, e assentar as excelencias, e verdade d'ElRey meu Senhor, e»

[1] *está* Aj. e Arch. [2] *circunstancias* Aj.

«nom pera nenhuma sofisma de falsidade, como algum quisera que fôra,» «polo que eu merecera bom castigo, pois o regimento me abre os olhos» «de seu real seruiço, porque fazendolhe eu obra d'esta fortaleza sobre» «aliceces falsificados, seria tão fraca que em poucos dias caysse no chão,» «polo que merecia que assy minha cabeça caysse no chão, porque nun-» «qua as cousas auidas enganosamente, e manhas falsas, nunqua muyto» «durarão.» O que o Visorey mandou fazer de todo auto publico, que guardou com o traslado da carta, dizendo: «A pimenta nos dá Cochym» «de seu proprio querer e vontade, que se elle nom quiser que presta» «aquy fortaleza, boa nem má, sem aprasimento, e boa vontade d'ElRey» «de Cochym, que tem 'o seruiço d'ElRey meu Senhor, que durará em» «quanto Nosso Senhor quiser, e nossas obras o merecerem.»

CAPITULO XVII.

COMO FOY LEUADA A ELREY DE COCHYM A CARTA, QUE LHE FEZ O VISOREY, DA LICENÇA QUE LHE PEDIO PERA FAZER A FORTALEZA, QUE DIANTE D'ELREY FOY ASSINADA POLO VISOREY, E FIDALGOS, COM QUE SE LOGO COMEÇOU A FORTALEZA, E SE ACABOU.

SENDO a carta assy feita muy fermosa, escrita [1] *com* letras douradas em huma folha de papel de marca maior, o Visorey a mandou a ElRey por Dom Lourenço, que foy vestido muyto loução, e sobre huma coura vestido hum colete branco, muy reluzente como espelho, e laurado dourado, cousa muy fermosa de ver, e riqua espada d'armas, e hum page que lhe leuaua seu elmo, com grande tufa de penas, do teor do cossolete, e outro page com sua alabarda dourada per partes, aste grossa, chapeada com huma barra de ferro retrocida derrador assy dourada, e o talho com que cortaua quasy como hum meo couado, e no reués hum bolhão de tres pontas, e o ponção de meo couado, roliço, e no cabo hum ferrão de meo couado, quadrado, tudo d'aço, e tão poderosa que hum homem a nom podia menear. Dom Lourenço foy assy armado, porque o Principe lhe dizia que muyto desejaua de o ver armado. A carta hia antre dous bacios de prata que leuaua o feitor, e diante o alferez de Dom Lourenço,

[1] *em* Aj.

com seu guião de rabo com letreiros d'ouro, e com as trombetas diante, e com muyta gente, que chegando ás casas d'ElRey sayo o Principe com muyto prazer a ver Dom Lourenço, que o tomou pola mão, e o foy apresentar a ElRey, que muyto folgou de o ver, e com risos e prazeres lhe perguntou o que queria, que de medo tudo lhe darião. Elle pondo o joelho no chão ElRey lho nom consentio. Então tomado o bacio com a carta 'apresentou a ElRey, dizendo: « Senhor, o Visorey, meu senhor e pay, » « pede a Vossa Alteza que esta carta mande trasladar aquy por seus es- » « criuães, que saibão muyto bem escreuer as palauras que nella estão, » « porque assy compria a seu Estado. » O que ElRey mandou logo trasladar, e emtanto o Principe estaua com muyto prazer vendo Dom Lourenço, e ElRey e todos os senhores que com elle estauão, todos muy espantados de como Dom Lourenço podia pelejar com tão pesada cousa. O Principe lhe muyto rogou, e tambem ElRey, que lhe mostrasse como pelejaua. Dom Lourenço, polos fazer mais contentes pera o negocio que estaua nas mãos, com muyto prazer tomou o elmo na cabeça, e 'alabarda, e sayo a hum pateo, onde esgrimio hum pouco, que todos ficarão espantados, dizendo ElRey aos seus: « Agora me nom espanto do que dizem » « deste homem, e me affirmo, e assy mo parece, que nunqua este ho- » « mem será morto per mãos d'homens. » No que estando praticando chegou o Visorey com todos os fidalgos, a que se ElRey aleuantou, e rindo com muytos prazeres lhe disse, que folgaua com sua vinda, porque o defendesse daquelle tão forte homem, que todos queria matar. O Visorey lhe disse: « Senhor, esse homem, com estes honrados fidalgos tens por teus, » « que todos morrerão por teu seruiço; e sabe certo que das suas mãos » « teus imigos auerão grandes males, e grande destroição, como já tens » « visto, e verás, com muyta vida que te Deus dará. E pois a carta he » « tresladada, manda ao escriuão que a lêa muyto alto, que todos oução, » « e entendão o que nella diz. » O que assy foy feito, que foy [1] « lida » que todos ouvirão, e porque a sostancia da carta tudo erão louvores d'ElRey, ficou elle muyto contente, e falando com os seus lhe disse: « Cer- » « tamente este homem faz inteira verdade, porque muyto mais diz aly » « do que lhe eu soubera pedir. » O que todos muyto louvarão. ElRey

[1] Entendemos que era o que devia ler-se, em vez de « d'aly, » que vem em ambas as copias.

disse ao Visorey que estaua muyto boa, e que bem acabaua de conhecer sua muyta verdade, com que seu coração ficaua descançado: que a carta guardaria sómente por mostrar nossa bondade. [1] * Então * assinou o Visorey com os [2] * principaes * doze ou quinze fidalgos. Então o Visorey mandou ao sacretario que escreuesse nas costas da carta: « E por mais certeza da verdade d'ElRey nosso Senhor, vai assellada com o sello das armas reaes. » E foy assellada com cera vermelha; o que vendo ElRey, perguntou que era aquillo e lho disserão, e elle e todos os seus folgarão de ver aquella priminencia com que o Visorey tudo fazia. Então ElRey por sua mão escreueo huma olá, em que dizia que elle; e o Principe, e os seus Regedores, com seus corações e vontades, dauão licença aos Portuguezes, por rogo do Visorey Dom Francisco d'Almeida, e de todos, pera fazerem casas de pedra, em que viuão, assy como as tinhão em Portugal, em que estiuessem seguros do fogo: em que ElRey assinou, e o Principe, e Regedores, e Caimaes principaes d'ElRey. E o feitor pedio a ElRey que mandasse que lhe dessem pedra. ElRey mandou aos Regedores que lhe mandassem trazer pedra quanta quigessem, e todalas outras cousas que ouvessem mester; com que se despedirão todos muy contentes, dando o Visorey muytos louvores a Nosso Senhor, da grande mercê que lhe fizera em acabar cousa de tamanha honra sua, e bem de Portugal, que lhe ElRey tanto encarregára, e acabára como desejaua.

Então mandou ao feitor que sem aluoroço, nem [3] * trigança, * mandasse trazer muyta pedra, e que a pagasse tão bem que folgassem de a trazer, e que lhe désse facas, e barretes com que os mais contentasse. No que o feitor deu tal auiamento que logo foy trazida muyta pedra, que trazião d'ahy outo legoas em tones, que era pedra molle, que cortauão nas pedreiras com machados, bem afeiçoada pera se assentar na obra; e se fez muyta cal de cascas d'amegias, que era muyto boa: do que de todo, e muyta madeira se fez grande ajuntamento, * e * de pedreiros da terra, e o feitor mandou trazer do pé da serra outra pedra rija pera portaes, e genelas, e bombardeiras, e sendo todo prestes o Visorey foy [4] * a * dizer a ElRey: « Senhor, já tudo está prestes, agora cumpre que me » « mandês que faça a obra. » ElRey mandou que fosse muyto embora, e

[1] De menos no codice da Aj. [2] * portuguezes * Aj. [3] * traganca * Arch. e Aj. [4] Falta no Ms. da Aj.

fizesse como quigesse; com que o Visorey se tornou com seu muyto prazer.

Ao outro dia pola menhã o Visorey com toda a gente se foy á Igreja, e ouvio missa da Vera Cruz, com sérmão, em que a todos foy recomendado que pedissem a Nosso Senhor, que por sua bondade ouvesse por bem de seu sancto seruiço a obra que se fizesse, por ser o dia em que lhe aprouve mostrar á Raynha sancta Elena a sancta Vera Cruz, que ysto foy em tres dias de Mayo [1] *desta presente era* de mil quinhentos e seis. Acabada a missa, o Visorey e toda a gente, vestida de festa, se forão ao lugar em que já estaua cordeada a obra, e o Visorey tomou nas mãos huma enxada, e começou a cauar em huma esquina, e assy Dom Lourenço, e Dom Aluaro de Noronha, e Dom Lourenço de Brito, cada hum nas outras esquinas, que a fortaleza auia de ser quadrada. Então todolos fidalgos, e gente [2] * cauando, * e outros com cestos a tirar a terra e outros com gamellas a deitar a agoa fóra dos aliceces, que por ser junto da praya 'agoa crecia muyto no que se cauaua. Era cada quadra de cinquoenta passos de vão; e nas esquinas da banda da praya se fizerão dous cubellos quadrados, até o primeyro sobrado, e d'ahy pera cyma oitauados, cada hum de dous sobrados, e em cyma com ameas, e cobertos com pasta de chumbo, com suas grympas, e muyto louçãos; e nas outras duas esquinas se fizerão torres quadradas, assy de dous sobrados, e antre cada huma outra torre de hum sobrado, e de huma torre a outra varandas, e per debaxo casinhas apartadas pera mercadorias grossas, * e * em cyma casas [3] * d'aposento * pera o Capitão, e alcaide mór, e súa gente. E se fez a porta pera o mar, pera onde se fizerão bombardeiras, e assy pera a banda da terra, que ficauão dentro da parede [4] * lauradas, * tapadas que se podião abrir em tempo de necessidade. Nos aliceces foy mettida pedra da Serra, por caso d'agoa e d'ahy pera cyma pedra molle, que com a cal tanto liaua, que despois se nom podia desfazer huma parede senão cortada dos machados, e picões. O trabalho foy de toda a gente até o andar do muro, e d'ahy pera cyma fizerão os officiaes com muyta gente da terra trabalhadores. No primeyro cubello da praya, al-

[1] * deste presente anno * Aj. [2] * cauando, * por * cauarão, * como fica advertido. [3] * de postigos * Aj. [4] Supponos ser esta a palavra que devia aqui estar, e não * lamadas, * que se encontra em ambas as copias.

tura de dous homens, mettida na parede, mandou o Visorey metter huma chapa de cobre com letras nella talhadas, * com que * fez memoria do fazimento da obra. E feitas as barandas, por dentro ficaua hum pateo de vão * de * vinte passos, com grande poço no meo. Foy feita a fortaleza sem se desfazer a casa da tranqueira, que era aposento do feitor, e officiaes. E á porta da fortaleza * fizerão * grande alpendurada, com bancos e assentos laurados muy concertados, onde sempre toda' gente estauão tomando a viração, onde o mais do tempo estaua o Visorey com os fidalgos: e além da tranqueira, ao longo do rio, se fez ribeira pera varação dos nauios. Ouve grande trabalho até se acabar a obra como parece nesta pintura, porque era inuerno de muytas chuiuas, e tempestades, por assy estarem na borda do mar e praya rasa.

Como a obra foy acabada, Dom Lourenço com a gente do mar tomou o cuidado no corregimento d'armada, com seus officiaes, e sempre fazendo muytas visitações a ElRey e ao Principe, que algumas vezes vinha ver o trabalho da obra, e todos em muyta paz, e amor, per que toda a gente, Mouros e gentios, achauão no Visorey toda a verdade e justiça. E como a torre da menagem foy coberta, nella tomou o Visorey a menagem a Dom Aluaro de Noronha, e o fez Capitão da fortaleza, que a trouxe por ElRey. E como fizerão dias enxutos o Visorey mandou pôr na fortaleza muytas bandeiras, e ramos, e muyta artelharia prestes, que tirassem com pelouros pera o mar, e ordenou grandes presentes, repartidos pera cada hum a que se auião de dar, e barretes, e facas, e paos de sandalo. Então, com os fidalgos o Visorey se foy a ElRey, e lhe pedio por mercê que fosse ver sua obra, a que já ElRey veo com o Principe, e seus Regedores, e principaes Caimaes, que forão todos no batel com o Visorey, e desembarcarão diante da porta da fortaleza, e chegando á porta, chegou Dom Aluaro de dentro, Capitão, com hum bacio grande d'agoa ás mãos, e nelle as chaues da fortaleza, e as apresentou a ElRey, dizendo o Visorey: « Senhor este nobre fidalgo fiz Capitão desta forta-«
« leza, e estará nella com sua gente pera guardar a barra deste rio; e »
« porque esta fortaleza e casas são tuas, elle não póde n'ellas entrar, »
« sem primeyro tu, como senhor que hes desta terra, lha entregares da »
« tua mão; e dellas não fará senão o que tu mandares. » Do que ElRey tomou muyto prazer, e tomou as chaues e as deu ao Visorey, dizendo que a elle as entregaua e tudo, que elle fizesse sua vontade, e o que lhe

bem viesse. Então o Visorey as entregou a Dom Aluaro, dizendo que lhe [1] *mandaua* que cada vez que ElRey ou o Principe lhe pedisse aquellas chaues, e todas aquellas casas, logo lhas entregasse. E caminhando pera entrar pola porta lhe sayo Dom Lourenço armado de todas suas armas, com sua alabarda, e elmo na cabeça, e disse a ElRey: «Senhor,» «este aposento, e casas he teu, e ninguem nelle entrerá sem tua licen-» «ça, e se alguem quiser entrar contra tua vontade pera ysso estou aquy» «prestes, assy como vês, pera morrer por teu seruiço.» ElRey o foy abraçar por hum cabo, e o Principe per outro, com o mór contentamento que podia ser, dizendo ElRey que deixasse entrar todos, que todos erão seus; e todos sobirão á torre da menagem, que estaua a casa paramentada de fermosos panos de Frandes, e riqua cadeira em que ElRey se assentou; onde logo veo o feitor, e lhe apresentou huma peça de brocado riquo de pello, e ao Principe outra de brocado raso, e aos Regedores, e Caimaes, peças de veludos e cetyns de cores, e aos escriuães da fazenda a cada hum como merecia; [2] *com que* todos forão muyto contentes, dizendo [3] *o* Visorey que era nosso costume que quando os amigos entrauão em casas nouas fazião festa de muyto comer, e que por *que* Sua Alteza nom podia comer, lhe fazia o pequeno seruiço. Ao que ElRey, e Principe, e todos lhe derão muytos agradecimentos, e o feitor disse que sua Alteza chegasse a genela, e chegando deitou della muytas facas e barretes vermelhos, que a gente, e seus Naires que estauão em baixo, tomarão ás rebatinhas, e jogauão as punhadas huns com outros, com que ElRey ouve tanto prazer, que elle com sua mão deitaua, que forão mais de quinhentos barretes, e mil bainhas de facas; e com este prazer se tornarão a embarcar no batel, e nom consentio que o Visorey fosse com elle, sómente Dom Lourenço assy armado como estaua, que ElRey, e o Principe muyto folgauão de ver, muyto espantados como hum homem podia pelejar com tanto pezo d'armas. E em se apartando da terra a fortaleza tirou muyta artelharia, dizendo ElRey que 'os Portuguezes tinha o amor de filhos; com que erão muyto estimados do pouo. E ElRey nom consentio que Dom Lourenço saysse do batel; e se tornou á fortaleza.

[1] *manda* Arch. e Aj. [2] *como* Arch. e Aj. [3] *ao* Arch. e Aj.

CAPITULO XVIII.

DAS ARMADAS QUE O VISOREY ORDENOU MANDAR PERA FORA, COMO O TEMPO DE'SSE LOGAR, E OUTRAS [1] * COUSAS * QUE SE PASSARÃO, DURANTE O INUERNO.

Acabado o trabalho da fortaleza tambem 'armada era acabada de concertar, e o Visorey, por ter enformação das muytas naos que atrauessauão polas Ilhas de Maldiua pera Meca, que vinhão de Pegú, e Siam, e Bengala, ordenou mandar Dom Lourenço com 'armada, a ver que cousa erão as Ilhas, e se podião tomar as naos que passauão, e lhe ordenou dous nauios e duas carauellas, e huma galé, e hum bargantym que fizera nouo.

E ordenou Rodrigo Rabello que andasse na costa com outra galé, e o bargantym, e tres nauios, e tres carauellas. Ordenandose estas armadas, Lourenço de Brito falou ao Visorey que lhe désse huma destas armadas, mostrando hum aluará d'ElRey, em que dizia que auia por bem que elle fosse Capitão mór de qualquer armada que fosse pera fóra da India, em quanto nom entrasse na capitania de Cananor, de que vinha prouido; dizendo que pois a armada das Ilhas era pera fóra da India, lha désse, e que Dom Lourenço ficasse na costa da India, como Capitão mór que era da costa. O Visorey como era cobiçoso de fazer nouos seruiços, descobrindo nouas cousas, ouve muyta paixão de Lourenço de Brito lhe pedir esta armada de seu filho, e lhe respondeo: «Senhor Lou-» «renço de Brito, ysso vos fora honesto se meu filho já nom estiuera no-» «meado por capitão dessa armada, e comtudo lha tirara, e vola dera,» «porque muy inteiramente hey de comprir o que ElRey meu Senhor» «mandar. Eu bem vejo vosso aluará, e outros, que tem em sy segre-» «dos que me dão muyta paixão. Em verdade vos digo, que esse aluará» «nom terá vigor, senão quando vossa fortaleza de Cananor se nom fizer.» «Deuvos ElRey esse aluará porque vos nom tornasseys da India baldia-» «mente; e ysto entendey que falo verdade.» Do que Lourenço de Brito se mostrou muy aggrauado, e nom queria acompanhar o Visorey, dizen-

[1] Falta no codice da Aj.

do que nom compria o que ElRey mandaua. O que sendo dito ao Visorey tomou muyta paixão, e estando hum dia sentado na ramada á porta da fortaleza, com toda a gente, lhe disse: « Senhor Lourenço de Brito, » « eu vos disse que o vosso aluará, e outros, tinhão segredos que me » « dauão paixão, do que tomastes tão errado entendimento que andaes » « profaçando de mym que eu nom faço o que ElRey manda; polo que » « me he forçado liurarme de vosso aggrauio, que nom quero que seja » « de mym senão de quem tiuerdes razão. » Então mandou vir o regimento e lhe mostrou o capitulo em que ElRey nelle falaua. Dizia: « se Lourenço de Brito nom entrar na capitaina de Cananor per algum defeito da terra, por se nom tornar pera este Reyno sem alguma cousa, lhe darês qualquer armada que mandardes fóra da India, de que encarregarês de Capitão mór, mas nom auendo empedimento no fazimento da fortaleza, elle aguardará até se fazer, e nom farês muytos Capitães mores. » Dizendo o Visorey: « Isto, Senhor Lourenço de Brito, claro está, que quando o » « Rey de Cananor nom quiser consentir fortaleza, então vosso aluará » « tem vigor, mas pois até agora nom temos achado nenhum empedi- » « mento no fazer de vossa fortaleza, deueys d'auer paciencia, pois vosso » « aluará ao presente nom tem vigor. » Então Lourenço de Brito lhe pedio muyto perdão, ficando grandes amigos; e porque escreuerão a ElRey, por mexerico, que o Visorey mostraua seu regimento, ElRey lho estranhou, polo que o Visorey lhe a ysso respondeo hum muy sostancial capitulo, em huma carta que escreueo a ElRey, que vay adiante nesta Lenda no ano de 1508.

O Visorey mandou partir Dom Lourenço em hum bom nauio, de que era Capitão Lopo Cabral, e em outro Manuel Telles, e Gonçalo de Paiua, e Pero Rafael em carauellas, e André da Silueira na galé, e André Galo em hum bergantym, que fizera nouo; e nesta armada, fidalgos e gente armada, até trezentos homens bem concertados, e a armada [1] prouida de todo o que compria, que partio de Cochym ao primeyro d'Agosto, leuando bons pilotos que lhe déra ElRey de Cochym.

E logo se ficou fazendo prestes Rodrigo Rabello com sua armada, elle no nauio de que era Capitão Diogo Serrão, e em outro nauio Ruy de Mendanha, e outro Duarte Ferreira, e Lopo Chanoca, Antão Vaz, Lu-

[1] « bem » Aj.

cas da Fonsequa em carauellas, e João Serrão na outra galé, e Felippe Rodrigues no bargantym pera vir com recados se comprisse; e assy nesta armada até quatro centos homens, bem concertados, e 'armada prouida do que compria. A que o Visorey mandou que sempre quando passasse per Calecut fizesse visitação á cidade com os tiros grossos, e no mar lhe fizesse todo o mal que podesse, e visitasse Cananor, e fosse correndo a costa até Angediua, onde mandou aos pedreiros que lá estauão que laurassem portaes, e janellas pera Cochym, de que lhe mandou as vitolas; e tambem assy mandou que fizessem pera Cananor; e lhe mandou que se no caminho achasse naos do Reyno que se tornasse com ellas. E partio de Cochym a dez d'Agosto, hindo ao longo da costa, e fazendo visitação a Calecut foy a Cananor, e foy visitar ElRey, e lhe deu cartas do Visorey, em que lhe daua conta de todo o que fizera em Cochym, e a fortaleza com tão boa vontade d'ElRey de Cochym, e dos seus; de que ElRey de Cananor mostrou muyto prazer. Então se partio pera Angediua, e deu carta ao Capitão, que lhe o Visorey escreuia o que tinha feito, e que mandasse laurar as portas e janellas; e d'ahy se tornou a armada a Baticalá, e arrecadou o arrôs das pareas, e tornou pera Cananor, e vindo aos Ilheos de Sancta Maria ouverão vista de duas velas grandes, a que logo arribarão, e souberão que erão Pedro Coresma, e Cide Barbudo, que inuernarão em Moçambique, onde lhe morrera muyta gente, e que atrás vinha hum nauio de Çofala, e daua noua que Pero da Nhaya era falecido de doença com mais de metade da gente, por a terra ser muyto doentia, e que Francisco da Nhaya seruia de Capitão, e que João da Noua no Cabo abrira muyta agoa, e tornára a Moçambique, onde estaua, e inuernara nos Ilheos d'Angoja. Com as quaes nouas Rodrigo Rabello se tornou a Cochym, que contarão estas nouas ao Visorey, e nom lhe derão nouas de naos do Reyno, porque partirão de Moçambique a dez de Julho.

O Visorey mandou logo concertar estas naos, e dar pendores, porque erão grandes e já do anno passado, e se ficassem na India de todo se perderião; e assy mandou concertar a nao Judia, e a Condona, em que ouverão de hir Leonel de Castro, e Dom Francisco da Cunha, como atrás disse, que ficarão d'armada do Visorey. E entrou por feitor de Cochym Lourenço Moreno, escriuão, que n'estas naos lhe viera prouisão d'ElRey. Deu o Visorey apressado auiamento a estas coatro naos com fundamento

que estas carregassem primeyro, e que se nom ouvesse carga pera todas, que então ficarião as que viessem este ano, que nom podessem carregar; e deu a capitania destas duas naos, huma a Vasco Gomes d'Abreu, que se quis tornar ao Reyno por andar fóra da graça do Visorey, e a outra deu a Francisco da Silua; e despedio logo Duarte de Mello em hum nauio quē fosse leuar a Çofala a Nuno Vaz Pereira pera Capitão, e que fosse a Quiloa tomar roupas que leuasse o nauio carregado; e mandou trinta homens pera ficar em Çofala, e como os lá posesse se tornasse á India, como fez; e mandou que Francisco da Nhaya ficasse nos seus nauios do trato, que trouxera, e que se por ventura tiuesse prouisão d'ElRey pera ficar capitão na socessão de seu pay, que então ficasse Nuno Vaz nos nauios do trato, se quizesse, e se não que se tornasse pera a India; e tudo assy auiando o Visorey, e trabalhando na carga das naos, se foy passando o tempo, e Rodrigo Rabello andando guerreando a costa.

CAPITULO XIX.

COMO HINDO DOM LOURENÇO PERA AS ILHAS DE MALDIUA [1] * AS ESCORREO * COM AS CORRENTES DAS AGOAS, COM QUE [2] * FOY APORTAR * NA ILHA DE CEYLÃO, E O QUE LA' FEZ, FICANDO O REY TRIBUTARIO EM CERTA SOMA DE CANELLA CADA ANO E DOUS ALIFANTES.

Dom Lourenço [3] * partido * de Cochym se foy atrauessando as Ilhas de Maldiua, e porque os pilotos nom tiuerão bom resguardo nas correntes das agoas, nauegarão dezoito dias sem verem as Ilhas, e forão ter a Ceylão, onde os leuarão as agoas, e por acerto forão tomar no principal porto da Ilha, chamado Columbo, onde entrou Dom Lourenço com sua armada, e sorgio onde estauão muytas naos, que carregauão canella e alifantes pequeninos, que he grande mercadoria pera toda a parte, mórmente pera Cambaya, e nacem muytos nesta Ilha, e tambem neste porto carregauão cocos verdes, e secos, de que [4] * tirão * azeite, e muyta arequa, que tudo vale muyto em Cambaya, que tambem carregauão mastos, e vergas, e tauoado, que leuauão vender a Ormuz com canella, porque esta

[1] * a seccorreo * Arch. — * a seccorrer * Aj. [2] * fora portar * Arch. e Aj.
[3] * partio * Aj. [4] * fazem * Aj.

Ilha de Ceylão tem grande auondança de boa madeira. Entrando Dom Lourenço mandou o bragantym correr todas as naos, ver o que tinhão dentro, e donde erão, o qual achou tres naos grandes de Calecut com canella e alifantes, e outras naos da propria Cambaya. As naos todas estauão sem gente, porque toda fogira pera terra, vendo entrar Dom Lourenço. Então mandou Dom Lourenço a gente nos bateis, que forão sospender as ancoras ás naos de Calecut, e as trouxerão a metter antre os nossos nauios.

Os Mouros destas naos tinhão dito ao Rey de Ceylão grandes males de nós, que andauamos polo mar roubando e matando, e o que nom queriamos, porque nom [1] * prestasse * a ninguem, o queimauamos; e nas terras tomauamos as mercadorias per força, e pagauamos como queriamos; e tomauamos as molheres, * e * filhos; e outros muytos males, que o Rey e toda a gente tinha muyto crido por * que * todos assy o contauão; e os catiuos, prezos em ferros, andauão remando nas galés. Os Mouros, vendo entrar nossa armada, forão correndo o dizer a ElRey, que nossa armada estaua no porto, de que elle ouve grande medo, sobre o que logo tomou conselho do que devia fazer, em que assentou, per conselho dos Mouros, mandar muyta gente ao porto, que defendessem que os nossos nom desembarcassem; e lhe mandou seu recado a perguntar o que queria em seu porto, em que lhe faria todo agazalhado que fosse razão. Dom Lourenço lhe mandou reposta que elle hia pera as Ilhas de Maldiua, e que os pilotos nauegarão mal, e viera aly ter; que era mercador, que trazia mercadorias que vendia, e compraria das que ouvesse na terra, com boa paz e amizade, se com elle a quizesse ter e assentar, e senão que se hiria seu caminho como tiuesse tempo, porque elle era escrauo d'ElRey de Portugal, que era Senhor do mar do mundo, que fazia bem aos bons que querião sua paz, e fazia mal aos roins.

Ouvido por ElRey esta reposta ficou muy contente, e descançado dos medos que os Mouros lhe mettião, dizendo que era bem que fizessem mal a quem nom queria paz; e porém duvidando, nom sabendo a certeza da verdade do recado, porque os Mouros lhe dizião que os nossos com modos d'amizade entrauão nas terras, e depois lhe fazião os roubos e males, ElRey, pera saber a verdade, mandou dizer a Dom Lourenço,

[1] * preste * Arch. e Aj.

com presente de muyto refresco, que folgaua, e estaua muyto contente ouvindo seu recado, e que elle queria toda a paz e amizade, e que portanto mandasse a terra quem com elle falasse, e ordenasse as cousas que quigesse; e por segurança de quem lá fosse lhe [1] * mandaua * seu anel, que era o sinal de sua verdade; que era de hum olho de gato, pedra de muyto preço, que lhe mandou per hum homem honrado de sua casa. Dom Lourenço fez muyta honra ao messageiro, mostrando muyto prazer, e lhe mandou dar hum pedaço de grã fina, e tornou a mandar a ElRey seu anel, dizendo que de gente baixa se auia de tomar a molher, e filhos, em penhor da verdade, mas que dos grandes Reys, como elle, nom tomaua penhor mais que sua palaura, que era melhor que ouro nem pedraria. E com este recado mandou Diogo d'Almeida, homem caualleiro, a que deu auiso de todo o que auia de fazer e dizer; e de presente mandou a ElRey huma peça de cetym cramesy avelutado, pedindolhe perdão, que outra cousa nom tinha pera lhe pagar o refresco que lhe mandara; porque se elle viera direito pera Ceylão, elle trouxera com que lhe fazer presente como tamanho Rey merecia. Diogo d'Almeida, bem vestido, com quatro homens, foy com o messageiro, e chegando ElRey lhe fez muyta honra, porque nunqua vira Portuguezes, e ouvindo a reposta de Dom Lourenço ficou muyto contente, e recebeo o presente, dizendo aos seus que com elle estauão: «Os Mouros farão suas cousas com estes» «homens mal feitas, e por isso acharão [2] * nelles * males; e tudo o que» «delles dizem são mentiras. Polo que agora vejo que estes homens são» «tão bons que mais fiarão de minha palaura, que de meu penhor, e sem» «refens me vem falar dentro a minha casa; polo que digo que são bons» «homens, e nom farão mal se nom a quem lho quizer fazer.» Então perguntou a Diogo d'Almeida que era o [3] * que * queria o Capitão, o qual lhe disse: «Senhor, o Capitão daquella armada he filho do Visorey da» «India, e são escrauos d'ElRey de Portugal, o mór senhor que ha no» «mundo, e vierão á India com muytas mercadorias, pera vender e com-» «prar com as gentes bons mercadores, em todalas terras que com elles» «querem paz e trato; e quem nom [4] * quizesse * paz lhe fazer guerra,» «porque a cousa que mais folgão de comprar he boa verdade, que on-» «de a achão boa a comprão pera sempre, e a comprão com muyto boas»

[1] * manda * Arch. e Aj. [2] * nisso * Aj. [3] Aj. [4] * quiser * Aj.

« obras, até por seus amigos porem as vidas, e quanto tem. Mas quan- »
« do assy tem assentado sua boa paz, e lha quebrão sem justiça e ra- »
« zão, elles então tomão a vingança com fogo e sangue. E aos seus bons »
« amigos tem amizade como proprios irmãos, guardandolhe seus portos, »
« e gentes, e nauegações onde quer que os achão, porque os Portugue- »
« zes são senhores do mar. O Capitão te manda dizer que se te aprou- »
« ver com elle assentar assy esta amizade e boa paz, que nesta tua ter- »
« ra assentará trato, o que se quizeres elle se auerá por ditoso vir-ter a »
« este teu porto; e fica aguardando que disto lhe mandes reposta, e que »
« se com elle assentares esta paz, pera elle saber que nella estás firme »
« como bom amigo, lhe has de mandar cada ano, quando aquy vierem »
« nossas naos, alguma boa peça, como for tua vontade, pera elles man- »
« darem a ElRey de Portugal, pera elle saber que com elle tens boa paz, »
« pera elle tambem te mandar sua visitação: porque se ysto assy nom »
« deres cada ano de tua boa vontade, nom saberá se estás seu amigo »
« ou nom; e com ysto assy fazeres te ficão tuas terras, e portos, e na- »
« uegações seguros pera sempre, sem ninguem te nelles fazer guerra, »
« nem mal. E quando te alguem fizer guerra, te mandarão armada, e »
« gente, e te ajudarão contra teus imigos como proprios irmãos; e nom »
« querendo tu assy esta paz, ficarás por seu imigo, e farão mal a tuas »
« cousas onde quer que as acharem: sobre o que podes tomar teu con- »
« selho, e tomares o que te aprouver. »

ElRey, ouvindo o que falaua Diogo d'Almeida, tinha assentado em seu coração a reposta que auia de dar, e respondeo que elle era muyto contente de todo o que dizia, com tanto que as obras fossem como as palauras; e queria a paz assy como dizia, de que lhe auia de dar sua carta, e que cad'ano daria pera ElRey de Portugal do melhor que tinha em sua terra, que era canella e alifantes, e que se quigesse logo lhe mandaria carregar os nauios de canella, e dous alifantes, e que na carta dissese que como filho do Visorey lhe assentaua aquella paz, e que cada ano lhe carregaria huma nao de canella, e dous alifantes. Diogo d'Almeida lhe disse, que elle tambem désse a sua carta do que dizia e promettia, assinada [1] * da * sua mão, e de seu Principe, e Regedores, « e a carta, que pedes, manda fazer em tuas olás, que o Capitão as as- »

[1] * por * Aj.

«sinará.» O que pareceo bem a ElRey, e logo fez sua carta em folha d'ouro, do que assy prometia cada ano, e assinou com seu Principe e Regedores, e por hum delles a mandou a Dom Lourenço, que elle recebeo com muytas honras que fez ao Regedor, o qual logo tirou do pano huma folha de prata, que deu a Dom Lourenço, que nella fizesse sua carta da paz que lhe daua, e porque a tinta nom pegaua na prata, foy escrita em papel pegada na folha de prata, toda escrita como dissera Diogo d'Almeida, e assinou Dom Lourenço, e lhe pôs chapa com o sello das armas com tinta. A qual carta tambem o Regedor escreueo em suas olás, em que tambem assinou Dom Lourenço; e mandou a ElRey huma peça de grã, e outra de veludo preto, e ao Regedor deu hum pedaço de cetym roxo, e seis barretes vermelhos. Do que ElRey ouve muyto prazer, dizendo que mais lhe daua Dom Lourenço o dobro do que valia o que lhe elle auia de dar. Então ElRey lhe mandou presente de refresco pera toda 'armada, de muytas galinhas, e figos, e cocos que se comem todos com a casca, e laranjas doces, de que todos os matos são chêos dellas, e limões, e outros fruytos, e heruas cheirosas, e o mais do mato maninho são aruores da canella, que são baxas e [1] * de * delgados páos: terra muy sadia e [2] * viçosa * de grandes fontes, e ribeiros muy grandes de exellentes agoas, e per todo o mato abelheiras de muyto mel, caça d'aues e alimarias de todalas sortes do mundo, e tanta que anda per antre as casas. A Ilha terá em roda trezentas legoas, senhoreada toda de coatro Reys, mas este he o principal, porque no Reyno deste sómente nace a canella.

Está no meo desta Ilha hum muy alto monte, em que está hum pico de pedra tão alto, que sempre as nuvens andão abaxo delle, de que nunqua se vê a pontã do pico, senão quando o tempo he muyto claro. Tem a gente da terra a este pico em grande veneração por cousa sancta, dizendo que sobre este pico pôs hum pé nosso padre Adão, como de feito em cyma está em huma pedra huma figura de pegada de pé, que he de hum couado de comprido, e meo de largo, que elles dizem que Adão fez com seu pé. Em cyma faz muyta largura, tudo pedra viua, sem quebradura alguma. Na mesma pedra está hum tanque laurádo de muytos lauores, com excellente agoa da chuiua. Sobem a este pico alguns romeiros jogues, que pedem polo amor de Deos, que sobem per humas cadeas de

[1] Aj. [2] * viciosa * Arch. e Aj.

ferro que estão penduradas de acyma a abaxo, que fazem como escadas, as quaes poserão estes jogues com ajuda que lhe [1] * fizerão * Reys e senhores da terra, porque são elles muyto crentes nestes jogues, a que chamão calandares, que os tem em conta d'homens sanctos, e são tão venerados de todas as gentes, que sem ninguem lhe empecer correm [2] * todas * as terras do mundo, sem lhe tocar ladrões que andem a saltear, e inda que estêm em guerra. Em todas as cidades e pouoações lhe tem feitas casas apartadas em que se agazalhão, e lhe dão quanto hão mester, que he comer sómente, arrôs e heruas, porque nom comem outra nenhuma cousa, nem trazem panos, sómente com que cobrem suas vergonhas. São auidos por homens castos, e se chegão onde ha guerras ou contendas logo se mettem por terceyros, e acabão tudo quanto querem, porque onde falão são muyto ouvidos e lhe dão muyto credito; e contão nouas de muytas terras que correm, sabem muytas falas, e alguns de moços pequenos se mettem nisto e andão até que morrem. São homens secos de carnes, e bem despostos, andão apertados pola cinta [3] * que he * cousa espantosa, com [4] * cintos * de couro crú, ou cadea de ferro ou latão, de largura de huma mão trauéssa; os cabellos enfelpados que nunqua os penteão. Andão sempre enfarinhados com cinza d'outros jogues, que morrendo os queimão, e chegando a seus deuotos lhe poem daquella cinza na testa, e nos peitos, e nos bombros. Desta cinza trazem sempre saquinhos. Pedem de noite, tangendo huns [5] * corninhos * que trazem ao pescoço. Ás vezes nas mãos destes se achão riquas pedras, porque alguns destes são filhos de riquos homens ou de grandes senhores, que querem correr terras, e ver mundo, * e * então * as * leuão escondidas nos cabellos, e em seus [6] * fradeis, * e andão até que se enfadão, ou se achão terras em que se contentão viuer, despem seus trajos, e assentão na terra: outros dizem que as achão ou comprão por pouco preço, de que os mais delles são grandes conhecedores de pedraria.

E porque minha tenção he escreuer pouco destas cousas, nom escreuo tudo o que se pode escreuer destes jogues, de que faria grande leitura. E porque me pareceo razão, pois falo em Ceylão, [7] * direy * hum pouco da aruore da canella, porque a não ha em outra parte senão neste Cey-

[1] * derão * Aj. [2] Falta na copia da Aj. [3] Aj. [3] * sintas * Aj. [5] * corninhos * Aj. e * curninhos * Arch. [6] fardeis [7] * dizer * Arch. e Aj.

lão. A qual aruore he baxa e delgada madeira; todo o anno tem folha e está verde sem perder folha, sómente tem folha mais em hum tempo que em outro, que he no tempo de florecer, e lança uma flor branca em que [1] * faz * huma baga preta como baga de louro, que assy tem a folha propria como louro. A frol he muyto cheirosa; da baga se tira hum azeite, que se faz duro como sabão branco, cousa muy forte de quente; e quando a baga está madura que começa de [2] * sayr, * então está a canella de vez em sua mór perfeição, que he em Julho, e Agosto. Então a gente da terra a vai cortar, que he a casca do páo, que cortão ao redor do páo por cyma e por baixo, e hum golpe ao longo do páo, e a deixão assy ficar; e neste cortar são tão mestres, que hum dia hum só homem cortará dous quintaes de canella; e dando o corte esfolhão o páo, porque dandolhe o sol, porque já nom toma virtude da terra, logo se vai secando e espedindo do páo, virando as pontas pera dentro até que se espede do páo, e cay no chão, onde se está secando, e toma sua côr que tem. E no proprio páo que a cortão torna a nacer outra mais delgada, assy a modo de cortiça, e a tornão a cortar ao outro anno, e do tempo que a cortão até que 'apanhão [3] * ha * hum mez; e [4] * a * fazem em feixes, que tres e quatro trás hum homem á cabeça. Ha terras de bons postos que dão melhor canella em huma parte que em outra. A gente que a corta e apanha são como lauradores, que dão ao senhor da terra cada hum certos feixes, e o senhor da terra a manda entregar aos recebedores d'ElRey, que com seus escriuães arecadão de cada senhor da terra a quantia dos feixes que he obrigado a dar; o que se faz com muyta ordem, e se ElRey ha mester mais canella da que elles são obrigados a dar, o Rey lhe paga certa cousa por o cento dos feixes, que he pouca cousa. Destes feixes huns per outros são de [5] * dezoito, * vinte hum quintal. E a vão entregar neste porto de Columbo, onde ElRey tem huma casa grande em que se mette, e dahy a vendem os feitores d'ElRey, que quando Dom Lourenço aquy chegou era o preço da canella a hum bár, que são coatro quintaes, hum [6] * cruzado, * que agora vale outo, e dez. Desta canella ha tanta quanta se quiser apanhar.

[1] * lança * Aj. [2] Arch. e Aj. Talvez se devesse lêr * cayr *. [3] * a * Arch. e Aj. [4] Aj. [5] * dezenoue * Aj. [6] * quarto *. Assim leu o copista d'Aj. a abbreviatura ✠.do.

Ha nos matos muytos alifantes, e homens mestrados que os sabem apanhar e tomar, que leuão ao mato alifantas manças, que a ysso trazem ensinadas, e no tempo de sua sesão que os machos logo as vem buscar, e os homens vão atados debaxo das barrigas dellas com as cabeças antre as mãos, e daly mandão ás alifantas o que hão de fazer, que como vêm [1] * alifantes * se vão metter antre grandes aruores, onde já tem laços armados, de cordas feitas de canas delgadas moçiças, cousa muy forte, e aly os prendem polos pés; o que elles nom sintem com o sentido que tem na femea, e como o tem bem atado e mettido antre aruores, onde elle se nom póde virar pera com a tromba chegar aos atilhos dos pés, a alifanta se vai, e elle fica atado de feição que lhe não val sua força, e assy ficão atados tantos dias que a fome os amança, que nom fazem mal aos que lhe leuão de comer, e em hum mez e dous são tão manços que os leuão por onde querem. Mantemnos com ramos d'aruores, e heruas. Tem o Rey de Ceylão estrebarias delles como de cauallos, mas nom se trabalhão muyto por tomar estes alifantes grandes, porque se nom seruem delles, senão das femeas, que tomão sendo pequeninas, que andão com as mãys, que [2] * sentindo as alifantas manças, se vão após ellas cuidando que são as mãys; em que os machos mininos vendem, * porque se podem embarcar nas naos dos mercadores que os vem buscar a este Ceylão, que os leuão a vender a Cambaya, e que ganhão muyto dinheiro, porque Reys e senhores do sertão tem muytos por estado, e os mandão ensinar a pelejar. Desta cousa destes alifantes e sua geração, e as femeas * como * emprenhão, ha muyto que se possa escreuer, e o nom faço porque nom faz a meu intento.

Mas tornando a meu proposito, digo que os Mouros de Calecut, a que Dom Lourenço tinha tomadas as naos, vendo que lhe nom aproveitarão os males que dizião dos nossos, e que ElRey já tinha assentada paz com Dom Lourenço, buscando seu remedio pera salvar suas naos, fizerão grande presente, que derão a ElRey, e 'os seus Regedores, lhe pedindo que nom consentisse que suas naos lhe fossem tomadas em seu porto, que era muyto abatimento de sua honra; a que ElRey disse que

[1] * o alifante * Aj. [2] Ficaria mais claro assim: * sentindo *as crias* as alifantas mansas, se vão após ellas, cuidando que são as mãys. Os machos meninos vendem * &c.

elles nom lhe catauão honra quando lhe dizião mentiras, e agora querião que se guardasse sua honra pera que lhe nom tomassem suas naos, que as tinhão tomadas os a que elles chamauão ladrões, tão maos, como elles dizião, que lhas nom auia de pedir, pois lhas nom auião de dar. Os Mouros disserão: «Senhor, dizemos dos Portuguezes mal, porque nolo fa-» «zem, mas tu, como grande Rey, ha piedade de nós.» ElRey, por vêr o que tinha feito se era bom ou máo, mandou rogar a Dom Lourenço que largasse as naos, que nisso lhe faria prazer. Dom Lourenço lhe mandou dizer, que por o Rey de Calecut ser falso e máo, matára os Portuguezes que estauão em sua cidade comprando e vendendo, por lhe roubar o que tinhão; e mandou com este recado hum Fernão Cotrim, que Dom Lourenço mandou que contasse a ElRey todos os males que tinha feito o Rey de Calecut, e que por ysso ElRey de Portugal mandaua que todos os mercadores de Calecut, onde quer que os achassem, fossem queimados viuos; e que chegando elle ao porto nom mandou queimar as naos, porque nom estauão Mouros dentro; mas, por lho rogar, a elle daua as naos, que fizesse dellas como suas, e as nom daua aos Mouros por lhe assy ser imigo; e que lhe daua as naos com condição que defendesse que em todos os seus portos nunqua mais Mouros de Calecut entrassem, porque se os achasse logo lhe auia de queimar as naos. E mandou tornar as naos a seus pousos onde estauão; do que ElRey lhe mandou grandes agardecimentos, dizendo que nunqua mais Mouros de Calecut consentiria em seus portos. E Dom Lourenço, recolhendo a canella e os dous alifantes, ordenou de partir, e mandou dizer a ElRey, que aly no porto lhe queria deixar posto hum sinal, pera lembrança da paz que era assentada. Do que ElRey muyto folgou, dizendo que folgaria que posesse muytos sinães que durassem pera sempre.

Então Dom Lourenço foy a terra, e sobre huma ponta da terra, que estaua sobre a baya, assentou huma columna de pedra com os escudos das armas, como já atrás declarey; e sendo o marmore aleuantado, e posto em seu lugar, Dom Lourenço em geolhos fez oração á Cruz, que nella estaua, e se tornou a recolher. Então mandou dizer a ElRey que a paz que tinhão assentada duraria tanto, quanto durasse aquella pedra que aly deixaua, com obrigação que se alguem entrasse n'aquelle porto pera lhe fazer mal, elle logo vir a o defender e ajudar. ElRey lhe mandou dizer que em todos seus portos folgaria que posesse outras pedras, e Dom

Lourenço lhe mandou dizer que aquella aly bastaua pera todos seus portos, porque este era o principal.

Junto deste porto auia humas grandes penedias, em que estaua huma grande lapa per debaixo de uma grande furna, na qual de antigo tempo se foy criando hum bicho de dous pés, e grande rabo, e pescoço curto, e cabeça comprida, com grande boca e dentes, e o corpo negro, com grandes conchas; o qual crecendo polo tempo se fez muy grande, que dizião * os * da terra que auia mais de duzentos annos que viuia; e saya da coua a buscar de comer, que fazia muyto mal, em modo que ElRey obrigaua o pouo que lhe dessem comer á porta da lapa, com que nom saysse fóra; com que lhe fazião mantença de pescado do mar, que pera ysso hião pescar. Sendo ysto contado a Dom Lourenço, tomou muyto em vontade de hir matar este bicho com sua alabarda, e mandou muyto rogar a ElRey que pera ysso lhe désse licença. O que ElRey nom consentio, dizendo que nom queria que nysso auenturasse sua vida, mas que muyto folgaria que o mandasse matar. Polo que então Dom Lourenço mandou leuar lá dous falcões encarretados, e mandou fazer [1] * aly * huma mina de poluora aly onde vinha comer o pexe, que era á tarde; e os falcões apontados do mesmo lugar, e muy comprido carreiro de poluora, e mandou ter boa vigia, que sayndo o bicho, que sayo a comer, derão fogo nos falcões, e o fogo deu na mina com que o bicho foy feito pedaços: a que a gente nom podia chegar, de grande fedor. Eu vi com meus olhos alguns ossos deste bicho, que me mostrarão no anno que os Rumes tiuerão cercada a fortaleza de Dio.

Dom Lourenço, auiado do que lhe compria, despedido d'ElRey se partio, e chegou a Cochym estando já as naos carregadas pera partir, que forão as quatro que já disse; que foy recebido de seu pay com muyto prazer, sabendo o bom recado que trazia, dando muytos louvores a Nosso Senhor polo encaminhar como fosse descobrir huma tão grande cousa pera ElRey nosso Senhor, sem lhe custar dinheiro nem trabalho, como era a canella pera o Reyno, que logo foy carregada nas naos, e mandou Diogo d'Almeida que fosse contar a ElRey de Cochym todo o feito de Ceylão, que Dom Lourenço foy ver ElRey, e nom lhe contou nada. E porque o Visorey muyto estimaua falar verdade nom queria escreuer a

[1] Aj.

ElRey nada que lhe ninguem contasse, que nom sabia se lhe falauão verdade, porque se lhe contasse mentira, nom queria ficar em mentira com ElRey, e quando algum homem vinha d'outra terra o mandaua a ElRey, que lhe fosse dar conta do que vira e sabia, e por esta causa mandou pera o Reyno Diogo d'Almeida, que fosse dar conta a ElRey das cousas de Ceylão, porque, em quanto Dom Lourenço esteue em Ceylão, elle esteue sempre em terra, e vio tudo o que auia em Ceylão; e daua a estes homens, que assy mandaua, hum escrito de crença, dizendo: « Senhor, » « este homem andou em tal terra, elle dará conta a Vossa Alteza do que » « vio, e soube. » O que assy deu a Diogo d'Almeida porque auia de contar o feito de seu filho, que passara em Ceylão; que o nom quis elle escreuer a ElRey, por ser cousa sua, que o auia por quebra de sua honra, que parecia gauarse, e dizia que o homem de primor nom deuia de contar seus feitos, porque por isso perdia seu preço. Tambem mandou nestas naos hum homem que seruia d'escriuão do Ouvidor, com seu assinado de crença em que dizia a ElRey: « Senhor. Este portador dará conta a Vossa Alteza, do que fiz nas briuias do Corregedor, e se Vossa Alteza o nom houver por bem, muyta mercê me fará mandarlhas pagar de minha fazenda, porque entendi que nisso fizera seruiço a Deos.

E o feito das briuias foy este: Com o Visorey veo hum filho do doutor Martim Pinheiro, que era Corregedor da corte, o qual trouxe huma arca chea de briuias escritas em abraico, que parece que as mandaua escreuer ou as ouvera assy feitas das sinogas dos Judeus, que então se desfazião em Portugal; e sabendo o Corregedor que na India hauia sinogas, e judarias e Judeus, que muyto darião polas briuias, mandou seu filho com ellas, que as viesse cá vender huma arca chea dellas, como de feito o filho teue bom cuidado, e neste inuerno vendeo algumas dellas, e tanto as estimauão os Judeus que dauão por ellas a quatrocentos e a quinhentos pardaos, o que descobrio Gaspar o lingoa, que em Cochym tinha huma judia, que fora sua molher, que elle nom pôde fazer que se tornasse christã. Esta judia era grande letrada na ley, e fazia aos Judeus comprar estas briuias, pera estarem nas sinogas pera por ellas pregarem os rabís. Sendo ysto descoberto ao Visorey ouve d'ysto muyta paixão, e mandou logo ao Ouvidor que fosse tomar a arqua, e fechada sem a abrir, lha trouxessem, e ao filho do Corregedor. Estando o Visorey com os fidalgos na ramada á porta da fortaleza, perguntou a Francisco

Pinheiro quantas briuias tinha vendidas; e lhe mostrou rol de treze que tinha vendidas, e os preços, em que no dinheiro dellas passauão de quatro mil pardaos: o qual dinheiro lhe mandou que aly trouxesse, como trouxe, e o entregou ao Ouvidor. Então o Visorey mandou chamar Candagora, Regedor d'ElRey, e lhe disse que hum homem sem sua licença vendera hums treze liuros aos Judeus, que muyto rogaua que leuasse o dinheiro e tornasse 'auer os liuros ás mãos, e lhos trouxesse. E o Visorey os mandou metter n'arca, que mandou pregar, e fechar, e metter na feitoria, e deu a chaue ao filho do Corregedor, dizendo: «Sabey por» «certo, que se vós foreis o culpado eu vos mandára cortar a cabeça,» «porque foreis dar conta a Nosso Senhor desta tamanha offensa que lhe» «fizestes, e vosso pay nysto tão condemnado está no Reyno, dando sen-» «tenças de morte a quem não terá tanto merecimento della. E sabey» «por certo, que se no Reyno soubera que tal trazieis, na minha nao» «nom metterieys pé; e se ElRey meu Senhor mandára que vos trouxes-» «se com esta boa mercadoria, antes lhe renunciara meu cargo. Vós» «vindes pera ganhar honra na guerra, e vosso pay vos encaminhou que» «trouxesseys briuias, que vendesseys aos Judeus pera que pregassem nas» «sinogas sua erronia, se elle conhece que o he, sabendo que vem pa-» «dres para pregar, e ensinar a estas gentes nouas a Ley do Euange-» «lho. Nestas naos mandai recado a vosso pay deste mao recado que cá» «he feito de sua fazenda, e por melhor mandai hum criado vosso, por» «que elle tambem leuará minha carta pera ElRey.» O que assy foy feito, que o filho do Corregedor mandou hum seu homem, ao qual o Visorey deu carta de crença pera ElRey, porque era messageiro mais sem sospeita. Mas o Visorey mandou ao Ouvidor que de tudo fizesse auto e o guardasse.

E pois sendo as naos todas coatro acabadas de carregar, e auiadas de todo o de Cochym, o Visorey as mandou partir, ficando em Coulão carga pera duas naos, porque nom vierão as naos do Reyno. ElRey de Cochym mandou suas cartas. O Visorey mandou com as naos seu filho a Cananor, e as despachasse, e fosse com ellas até as espedir da terra, e que então se fosse ajuntar com Rodrigo Rabello, que andaua na costa com sua armada, e que fossem gastar o verão pola costa de Cambaya, e se posesse em Danda, e aguardasse até recolher comsigo todalas embarcações de Cananor, e Cochym, e Coulão, e as trouxesse em sua guarda,

como fizera o anno passado; e porque tinha nauios sobejos fosse Rodrigo Rabello com duas carauellas e dous nauios ao Cabo de Guardafuy, onde andasse até Mayo, que se tornasse á India. O que assy fez, em que achou boas prezas de roupas de Cambaya, que nom valião senão no Estreito, e se tornou no tempo que lhe foy mandado.

Nas naos do Reyno mandou o Visorey recado que se fossem ter a Moçambique, e se ahy achassem alguma nao do Reyno pera enuernar lhe dissessem que tomasse a carga da nao de João da Noua [1] * e a leuasse ao Reyno, e se João da Noua * se fosse, que a sua nao o mestre se tornasse nella á India. E porque 'armada que este anno de 506 partio do Reyno nom passou, contarey della, porque he da Lenda deste anno de 506.

Nestas naos deste anno mandou o Visorey hum alifante pequenino, dos que trouxera Dom Lourenço, que foy o primeyro que foy a Portugal.

[1] Falta no Ms. da Aj.

ARMADA

DE

TRISTÃO DA CUNHA,

QUE DO REYNO PARTIO O ANNO 1506.

CAPITULO I.

ElRey Dom Manuel, como tinha os espiritos grandes, no grande desejo que tinha de ganhar, e sojigar a seu senhorio toda' India, e sendo informado da riqueza da cidade d'Ormuz por seu grande trato, e que senhoreaua [1] * muytas * cidades e terras, e era grande Reyno, assentou em seu conselho o mandar conquistar e ganhar, e por ser apartado da India, onde residia o Visorey Dom Francisco, que tinha muyto que entender e fazer na costa da India, ordenou mandar Capitão com armada ordenada pera a conquista do Reyno d'Ormuz; pera o que escolheo Affonso d'Alboquerque, por ter delle boa enformação de seruiços que fizera em sua viagem no ano de 1503, como já atrás fica. E ordenou mandar outro Capitão com outo naos da carga, no que encarregou por Capitão mór Tristão da Cunha, que o ano passado ouvera de vir por Governador da India, se nom cegara como já contey; e folgou elle vir nesta armada, esperando de fazer muyto seu proueito, por metter praçarias em naos d'armadores, em que elle metteu huma sua nao, e ElRey lhe deu liber-

[1] * grandes * Aj

dades grandes em mercadorias que podesse vender e comprar. E porque todos juntos auião de partir em hum tempo, ElRey lhe deu a capitania mór sobre Afonso d'Alboquerque, pera que todos juntos fossem á Ilha de Çacotorá, que he na boca do Estreito de Meca, pera que nesta Ilha fizessem huma fortaleza em que estiuesse sempre armada que guardasse o Estreito, porque a esta Ilha vinhão demandar as naos dos Mouros, que passauão da India, e fazião sua agoada, e hião bem nauegadas. Pera a qual fortaleza ordenou Capitão e gente, e mandou frades da ordem de sam Francisco pera fazerem mosteiro, e darem ensinança á gente da terra, por ter enformação que nesta Ilha estiuera o bemauenturado Apostolo sam Thomé, que d'aquy passára á India, e de sua ensinança ficára muyta gente christã, que já de tudo erão esquecidos, querendo ElRey tornalos 'acordar em nossa sancta fé; sobre o que se fez regimentos, e apontamentos como compria, que tudo [1] * muyto * encarregou ao Capitão mór Tristão da Cunha; e sobre sy apartado * deu * regimento do que auia de fazer Afonso d'Alboquerque na conquista d'Ormuz. E fez Capitães das naos da carga, em huma grande nao o Capitão mór, e Aluaro Telles Barreto, e Job Queimado, e João Gomes d'Abreu da Ilha, e Leonel Coutinho, e João Rodrigues Pereira, e Ruy Mendes da Porta da Cruz, e Tristão Aluares na nao de Tristão da Cunha: estas oito naos pera as carregar. E Afonso d'Alboquerque em outra nao grande, e Manuel Telles filho d'Aluaro Telles, Afonso Lopes da Costa, Francisco de Tauora, Antonio do Campo, estes quatro Capitães pera hirem com Afonso d'Alboquerque á conquista d'Ormuz. E porque em Lisboa morrião muyto de peste se fez esta armada deuagar, porque estaua ElRey em Abrantes, que então nascera o Infante D. Luis, e nom se pôde 'armada acabar de fazer prestes, e partio a dezoito d'Abril nas oitauas da Pascoa, onde ao domingo de Pascoela foy em Lisboa a matança dos christãos nouos. E porque assy partio esta armada duvidosa de doença, porque em Lisboa morrião cada dia trezentas, e quatrocentas pessoas de peste, mandou, com 'armada huma carauella que fosse até a costa de Guiné, onde se esperaua que 'armada aueria saude, por entrar em [2] * outro * clima de melhores ares, e se 'armada fosse boa a carauella se tornasse, e se 'armada nom fosse sã que se tornasse a Lisboa a desarmar.

[1] Falta no codice da Aj. [2] * grandes * Aj.

Sayo toda armada de fóra, somente Afonso d'Alboquerque, que ficou no rio dous dias aguardando polo seu piloto, que lho nom acharão, porque nestes dias matou a molher, e fogio pera Castella, polo que sendo ysto dito a Afonso d'Alboquerque elle se partio, e ao outro dia se ajuntou com Tristão da Cunha, que o andaua esperando, com que passarão á vista da Ilha da Madeira, e dahy forão tomar Beziguiche, onde tomarão agoa, e por 'armada hir boa de saude, d'aquy se tornou a carauella a ElRey, com carta do Capitão mór que 'armada hia sã, sómente alguns doentes de modorra, que mandarão na carauella. Aquy em Beziguiche disse Afonso d'Alboquerque ao Capitão mór, que mandasse repartir polas naos muyta gente que recolhera os dias passados que estiuera em Lisboa, que era gente d'armada, porque elle nom a podia leuar, que era muyta, e nom tinha mantimentos senão pera sua gente que lhe fôra limitada; a que o Capitão mór nom satisfez como deuêra, antes lhe disse que a mandasse pôr em terra, e hy ficasse; sobre o que Afonso d'Alboquerque teue palauras com o Capitão mór, até que mandou recolher a gente, do que algum pouco ficarão descontentes; e partirão nauegando pera o Cabo de sancto Agostinho, fazendo grande detença, por aguardar por a nao de Tristão da Cunha, que era muyto zorreira, polo que perdião ametade do caminho. Polo que Afonso d'Alboquerque falou ao Capitão mór que nom era bem perder de passar á India por amor de huma nao, em que se nom perdia nada, em comparação da tamanha perda que seria nom passar aquella armada á India. Do que se agastou o Capitão mór, que nom quisera que lho dissera, e lhe respondeo que se nom agastasse se nom quigesse. Polo que Afonso d'Alboquerque lhe nom quis mais falar nisso, mas o Capitão mór vendo o erro que nisso [1] * fazia * em arriscar de nom passar á India, em que faria tamanha perda a ElRey, arrependido de nom fazer o que lhe dissera Afonso d'Alboquerque, vindo hum dia ao saluar lhe disse: « Mandai andar quanto poderdes, e assy o fação todos, inda » « que se perca a minha nao. » Afonso d'Alboquerque respondeo com agastamento: « Senhor, farey o que mandaes. » E logo o Capitão mór deu todas as velas, o que assy fez toda 'armada, leuando grande vigia nas velas, porque erão já na paragem onde dauão as tempestades; e assy nauegando nom acharão nada que [2] * o parecesse ser, * que chegarão

[1] * fazião * Aj. [2] * parece ser * Arch. e Aj.

tarde a esta paragem, que parece era passada a monção das tempestades.

Hum dia, em amanhecendo, o Capitão mór, que hia diante, ouve vista das Ilhas a que logo pôs o seu nome, como se chamão oje em dia Ilhas de Tristão da Cunha; e o mar * era * manço como rio e o vento brando, que correrão as Ilhas, que erão sete em espaço de cinco legoas; ao que o Capitão mór mandou deitar o esquife fóra, e mandou leuar o prumo e nunqua se achou [1] * fundo * até cem braças. As Ilhas erão de pedra viua, talhadas a pique, todas lauradas do mar, que parece que com as tromentas as cobria, e de tres dellas virão correr agoa no mar, grossa como de rio; as Ilhas grandes, a que nom acharão nenhum sobidouro per que fossem acyma. Os pilotos as apontarão em suas cartas de marear, polo que d'então forão muy sabidas; polo que se muyto afastauão dellas. Andou assy a armada até meo dia, que então sem medo derão todas as velas caminho do Cabo da Boa Esperança, que he a mais perto terra que ellas tem. Passados tres dias lhe deu temporal, que durou dous dias, com que se apartarão, e despois se tornarão a ajuntar, sómente Afonso d'Alboquerque, que nunqua achou ninguem senão nas Ilhas primeiras, onde se achou com Francisco de Tauora, com que ambos se forão a Moçambique, onde acharão huma nao de hum mercador de Lagos, em que vinha por Capitão Andre Dias, que despois foy alcaide de Lisboa, e com elle huma carauella em que vinha João Pinheiro, que partirão de Lisboa em fim de Mayo, e andarão que primeiro chegarão a Moçambique que 'armada. Estes dérão noua que Leonel Coutinho era já passado pera Quiloa. Despois chegou o Capitão mór, e outras naos, somente Aluaro Telles, que tomou por fóra da Ilha de sam Lourenço, e tomou em Melinde, onde deixou huma carta que se hia ao cabo de Guardafuy, [2] * e Job * Queimado, que tornou á Ilha de sam Thomé, e tornou a vir sua viagem. João Rodrigues Pereira foy ter na Ilha de sam Lourenço, e entrou em huns portos, de que leuou dois negros, com que se foy a Moçambique, onde deu conta ao Capitão mór do que achara: polo que então falando com os negros da Ilha, elles lhe disserão que na sua terra auia gengiure, e crauo quanto quigese, e auia [3] * prata, * e cera. A que logo o Capitão mór cobiçou de

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * João * Arch. e Aj. Restituimos o nome deste bem conhecido capitão. [3] * pimenta * Aj.

hir descobrir em quanto aly auião d'estar perdendo tempo, sobre o que fez conselho com os Capitães e pilotos, e todos se afirmarão no que disse Afonso d'Alboquerque, que disse ao Capitão mór: «Senhor, tudo se pó-» «de fazer pera nom se passar o tempo debalde, pois as naos se estão gas-» «tando no mar, e as gentes na terra; mas com resguardo que se nom» «perca o tempo destas naos hirem á India tomar sua pimenta, que he» «a principal cousa sobre todas, e nom arriscar ysto polo crauo, e gengi-» «ure, que nunqua foy visto, e Nosso Senhor sabe se os negros dizem» «verdade. Eu com minha armada sou ordenado pera a conquista do» «Reyno d'Ormuz, que he mais certa verdade, que a que os negros di-» «zem.» E porque assy falou fóra da vontade do Capitão mór, lhe respondeo [1] *que hiria* por onde elle fosse. Ao que lhe Afonso d'Alboquerque disse: «Senhor, nom farey outra cousa.»

Tristão da Cunha era grande amigo de João da Noua, e pesoulhe de o achar assy mal auiado, e mandou ver a nao se tinha corregimento, que era a Flor de la mar; e os officiaes lhe disserão que a nao nom estaua pera se arriscar a carga nella, porque *a agoa que* fazia era por o fundo, que nom podia auer corregimento senão posta a monte. Então o Capitão mór mandou aualiar a nao de Lagos, e a tomou pera ElRey, e mandou nella baldear a carga de João da Noua, e fez Capitão da nao Antonio de Saldanha, que vinha na sua nao, homem fidalgo castelhano, irmão de João de Saldanha [2] *vedor* da casa da Raynha Dona Maria, e *o* mandou partir no tempo, e a nao de João da Noua mandou concertar muyto bem, pera o mandar na companhia d'Afonso d'Alboquerque, como mandou, pera que com alguma boa noua, e proueito, se viesse á India no tempo da carregação das naos, e o leuar na sua companhia pera o Reyno ou o concordar com o Visorey, que lhe désse alguma cousa em que se aproueitasse.

Antonio de Saldanha partio a seu tempo de monção, e passou o Cabo da Boa Esperança, sem nenhum contraste nem pairo, e sendo dobrado o Cabo, á vista delle correo ao longo da costa, e hy vio huma grande aberta que fazia a terra, e dentro grande baya, e mostraua boa entrada sem baixos; e por o mar e vento ser bonança, deitou o esquife e mandou sondar a entrada, e acharão dez braças até dentro, onde podião sor-

[1] Falta na copia da Aj. [2] *veador* Aj.

gir em bom fundo; e tornado o esquife com este bom recado metteu a nao dentro, e sorgio ao socairo de huma ilha [1] * de area, * que hy auia, em que ficarão emparados de todos os ventos, e forão a terra, e acharão hum pedregal de ribeira seca, e forão por ella hum tiro de pedra de berço, per antre grandes matos, e acharão agoa muyto boa em poças, que parece ficou aly da chuiua, * e * tomarão agoa e lenha; onde com elles vierão ter hums Cafres nús, com que ouverão fala com outros Cafres que trazião de Moçambique, e a troco de pedaços de panos podres e rotos, e cousas de ferro, e continhas, e pedacinhos d'espelhos, lhe derão vacas, manteiga, inhames grandes, tanto quanto os nossos quiserão. De fóra, junto da costa, auia huma Ilha d'area d'ahy a mea legoa, onde foy o esquife, e acharão muytos ouos de tartarugas, e muytas que tomarão, e passaros de muytas feições, que nom fogião, e mórmente muytos passaros a que chamão [2] * totellicarios, * da grandura d'adens, que per serem compridos lhe poserão nome sotelicarios, e baixos das pernas, muyto gordos e gostosos no comer. Onde estiuerão tres dias, e o piloto fez ponto em sua carta, que está doze legoas dobrado o cabo pera a parte de Portugal e lhe pôs nome Agoada do Saldanha, como hoje em dia se chama, muy sabida. D'aquy se partio e forão a Portugal a saluamento.

Tristão da Cunha, determinado hir descobrir a Ilha de sam Lourenço, Afonso d'Alboquerque andaua assy agastado arreceando que lá ouvesse algum desastre a alguma de suas naos, que seria [3] * grão * desauiamento pera sua viagem, e nom quis nisso falar ao Capitão mór, porque nom andauão ambos muyto correntes, e tinha muyto sentimento da perda do tempo, que se perdera 'aguardar pola nao do Capitão mór, porque se chegara a tempo pera passar á India, aquy em Moçambique lhe ouvera de perfazer coatrocentos homens, e com sua armada se hir fazer a fortaleza em Cacotorá, que assy vinha no regimento, e nella deixar por Capitão Dom [4] * Afonso * de Noronha seu sobrinho, ordenado por ElRey com gente, e officiaes, e frades, e ornamentos pera se fazer hum mosteiro, o que todo * trazia * embarcado em seus nauios, pera que deixando todo assy acabado se hir com seus nauios a guerrear Ormuz; e perdera de fazer este seruiço, e ganhar esta honra, por caso de nom chegar cedo

[1] E' o que leriamos onde o copista do Arch. leu * daira * e o d'Aj. leu * dahera * [2] Arch. e Aj. [3] * grande * Aj. [4] * Antonio * Aj.

a Moçambique, porque logo ElRey apontou no regimento ao Capitão mór, que sendo caso que chegasse tarde a Moçambique, que nom passasse á India, então elle fosse fazer * a fortaleza de * Çacotorá, e acabado dahy despedisse 'armada pera Ormuz, e elle se fosse á India carregar as naos; e nom tão somente [1] * nom * ouvera dita de chegar cedo a Moçambique, mas agora o queria leuar a descobrir a Ilha de sam Lourenço, abastando pera ysso dous nauios. Do que assy andaua agastado, e ysto nom lhe podia dizer sem auerem algumas paixões, por assy andarem mal correntes.

O Capitão mór, sendo prestes, partio de Moçambique com seus nauios, e a nao de João Gomes d'Abreu, e João Rodrigues Pereira, Job Queimado, que então chegara da Ilha de sam Thomé, onde [2] * tornara, * e forão ter á Ilha de sam Lourenço em huma Ilha que estaua perto da terra hum tiro de bésta. Na Ilha auia huma grande pouoação com muyta gente, e hum Rey, e logo defronte na terra firme tinhão outra mór pouoação, onde tinhão suas fazendas, e gados, 'o que o Capitão mór mandou dous batés com berços armados, que guardassem que a gente nom se passasse á terra firme, e foy sorgir no porto. Do que os Mouros da Ilha ouverão grande medo, e logo começarão a fogir pera a terra firme em almadias, outros a nado, que n'agoa forão mortos grão numero de gente, e molheres e crianças. O Capitão mór deu na Ilha, e matou muytos Mouros mal armados. Ouve [3] * franco * despojo, porque o trato era pouco, sómente zambucos de Melinde, e Bombaça, que aly trazião roupas de Cambaya, com que resgatauão escrauos, cera, e mantimentos. O que acabado, tomarão agoa e muytos mantimentos, e se partirão ao longo da costa, e nunqua poderão dobrar huma ponta com vento contrario, e se tornarão, e andarão per outros portos sem fazerem nada; polo que então Afonso d'Alboquerque disse ao Capitão mór que olhasse que estauão já em Janeiro, e aly nom fazião tanto seruiço como seria hir fazer a fortaleza de Çacotorá, e a elle despachar pera hir conquistar o Reyno d'Ormuz, e guardar o Cabo de Guardafuy, e se lhe parecia bem assy andar em nouo descobrimento lhe désse licença pera elle hir fazer Çacotorá; o que pareceo bem a Tristão da Cunha, e lhe deu licença pera hir fazer Çacotorá, e lhe deu poder que todas as naos d'armada, que achasse pola

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * tornarão * Aj. [3] Arch. e Aj. Seria melhor escreverem * fraco *

costa, fizessem o que elle mandasse. Com que se partio pera Moçambique e do caminho mandou Antonio do Campo que fosse a Quiloa, e dissesse a Leonel Coutinho, que lá era passado, que hy o aguardasse, e lhe mandou mostrar o poder que pera ysso lhe daua o Capitão mór.

Afonso d'Alboquerque chegando a Moçambique deu logo todo o auiamento em todas as naos, em que fez alguma detença, e se partio, e hindo ás Ilhas do Comoro, correndo a costa de noite, veo ter com elle o Capitão mór, o qual depois de se apartar delle tiuera muytos trabalhos, e se perdera a nao de João Rodrigues Pereira, e de Ruy Mendes, porque, tornandose já, huma noite estes nauios se chegarão muyto na terra, e encalharão em huma restinga de huma pedra molle branca, a que chamão coral, que as naos forão quebrando até ensequar, ficando direitas, que logo abrirão por baixo, e se encherão d'agoa até as cobertas, huma á uista da outra, e a gente com a trouação nom tiuerão acordo de fazer sinal com bombarda, e se o fizerão os ouvira o Capitão mór, que hia diante, e andou até amanhecer, que nom vendo os nauios se pôs ao pairo, porque nom pôde tornar, por o vento lhe ser contrario, e sorgio, aguardando por elles. A gente dos nauios mandarão hum homem por terra, ao longo da costa, a buscar se achasse o Capitão mór, e o achou a cabo de quatro dias, e lhe deu conta da perdição das naos, e por o vento lhe ser contrario tornou a mandar o homem por terra, e lhe mandou dizer que nom tornaua lá, porque nom poderia lá chegar por o vento lhe ser contrario, e que elle se hia a Moçambique, donde logo lhe mandaria embarcação em que todos se fossem, e que nom desemparassem as naos, porque a gente da terra as nom roubassem, ou queimassem.

Tornado este homem ás naos com este recado, já tinhão os mastos cortados, por as naos estarem mais seguras, e sem embargo do recado concertarão os batés com arrombadas, e bayleos em que leuauão biscouto. Os Capitães destas naos, que erão armadores, em que tambem tinha parte Tristão da Cunha, se concertarão com os marinheiros que lhe tirassem a nado debaixo d'agoa suas mercadorias, e que por seus trabalhos lhe darião a terça parte do que saluassem; porque as naos se forão tanto mettendo pera baixo, que huma noite se metterão debaixo d'agoa, com que a gente a grã pressa se recolheo aos batés, e se poserão na terra, que era perto, e todauia morreo muyta gente. Então os marinheiros, por ganhar o que lhe dauão os armadores, de que se obrigarão lhe dar

a terça parte, e lhe pagar de suas proprias fazendas, inda que as fazendas fossem d'ElRey, polo que então se metterão no trabalho, e saluarão os cofres d'ElRey, que cada hum tinha doze mil cruzados, e muytas caixas de coral laurado, e outras sortes, e poserão tudo em terra, em que muytos morrerão do trabalho, em que se metterão trinta marinheiros. E porque os batés nom podião carregar tanta cousa, assentarão que nos batés se nom mettesse mais que a gente com agoa, e mantimentos, e ouro, e prata; polo que ficou em terra a fazenda, que se tirou, á ventura. Partirão pera Moçambique, onde chegarão com muyto trabalho, com que ouve grande prazer; onde logo os marinheiros que tirarão a fazenda dos nauios, que erão desesete, que os [1] * outros * morrerão do trabalho, demandarão os feitores dos armadores polo que lhe era promettido, e feitas escrituras, sobre o que armarão grande demanda, no que o Capitão mór os assentou que a cada hum por emtanto lhe dessem vinte cruzados, e que na India ante o Visorey acabassem sua demanda, porque elle o não podia julgar, por ter parte com os armadores. Do que lhe deu seu assinado, e que se na India nom quisessem acabar a demanda os podessem demandar em Portugal, dando a ysso fiança os feitores obrigados nas escripturas; mas elles na India ante o Visorey requererão sua justiça, e julgou que os armadores todo lhe pagassem, visto como sendo marinheiros, pagos á custa d'ElRey nosso Senhor, nom erão obrigados a mais que o seruiço das naos, e nom pera mergulhar, e saluar as fazendas que se perderão fóra do direito caminho de sua nauegação; e os Capitães e pilotos, que mal vigiarão suas naos, todo pagassem, que por assy conhecerem seu erro, e culpa que tinhão, fizerão suas obrigações, que mandaua que se comprissem. Então se concertarão hums com outros, que tomarão ametade, com que ficarão contentes.

Tanto que o Capitão mór chegou a Moçambique, logo mandou a carauella de João Pinheiro que fosse trazer a gente e fazendas das naos perdidas, onde chegando, que foy em doze dias, achou que já os batés erão partidos pera Moçambique. Então se recolherão quarenta homens que ficarão lá, e recolherão as caixas do coral, e toda 'artelharia, e muyto cobre, que tirarão mergulhadores, que os armadores com seus homens mandarão na carauella, e quebrarão caixas, e cada hum apanhou o que pô-

[1] * mouros * Aj.

de, e se tornarão a Moçambique, onde já nom acharão 'armada, sómente recado do Capitão mór, que na monção se fossem pera a India.

CAPITULO II.

COMO TRISTÃO DA CUNHA SE DESPACHOU DE MOÇAMBIQUE, E PARTIO PERA ÇACOTÒRA', ONDE ELREY LHE MANDAUA FAZER HUMA FORTALEZA, E O QUE NO CAMINHO PASSOU EM ANGOJA, E NA CIDADE DE BRAUA.

Tristão da Cunha, com toda a armada que tinha, partio de Moçambique, nauegando ao longo da costa, e mandou hum nauio a visitar Quiloa se lhe [1] * compria * alguma cousa, que em Moçambique soube que tudo estaua de paz, e foy sorgir em Melinde, onde desembarcou, fazendolhe ElRey seus bons recebimentos costumados, e o Capitão mór lhe deu cartas e presente que lhe trazia d'ElRey, que elle recebeo com seus prazeres, e esteue toda a gente em terra folgando dous dias. ElRey se queixou ao Capitão mór, que era muy afrontado e recebia muytos auexamentos, que lhe fazia o Rey de Bombaça polas contendas passadas, e agora o Rey d'Angoja por ser muyto amigo e parente do Rey de Bombaça. O Capitão mór lhe disse que polo seruir elle hiria dar huma vista a Angoja, porque inda nunqua fòra visitada dos Portuguezes; e se despedio d'ElRey. Então Afonso d'Alboquerque disse a ElRey que tinha [2] necessidade de pilotos pera o cabo de Guardafuy, e o estreito d'Ormuz, onde auia de andar; que lhos mandasse dar muyto bons, que serião muyto bem pagos. O que ElRey logo lhe deu, concertados com seu pagamento, e se partiõ logo 'armada, e forão portar na Ilha d'Angoja, e sorgio a armada diante da cidade, que era grande, de fermosa [3] * casaria * de pedra, sobradadas, terradas por cyma, sem muro nem cerqua, de muytos aruoredos, e ortas, e a cidade assentada ao longo de huma praya, que fazia a barra, onde estauão zambucos. A cidade pouoada de Mouros, de que era Rey hum mouro mercador, que por ser poderoso em riqueza sobre todos, era Rey. Sorgindo a armada, sayo muyta gente á praya a ver. O Capitão mór mandou o esquife a terra, com bandeira branca pera auer fala da terra; mas chegando o esquife perto lhe tirarão frecha-

[1] * comprisse * Aj. [2] * grande * Aj. [3] * cantaria * Arch.

das e pedradas, com que o esquife se tornou, o que foy visto das naos, ao que logo o Capitão mór mandou armar a gente e batés, e sem aguardar foy a terra com sua bandeira real, e Afonso d'Alboquerque em seu batel, com bandeira farpada de tafetá branco com letras douradas. Os batés se apartando, as naos deitarão pelouros perdidos sobre a cidade, de que lhe fez grande espanto que nunqua outro tal virão. Dos batés tirando os berços, a gente da praya, que virão os pelouros o lauor que fazião, todos fogirão a grã pressa, e tomando suas molheres e filhos, e o que podião leuar ás costas, e se metterão polos matos.

Os nossos desembarcarão, e entrarão pola cidade, nom achando quem lhe resistisse, onde a gente se occupou no roubar, e acharão pouco fato, porque seu trato era d'ouro e prata, que tinhão bem guardado, e leuarão ás costas. Acharão muyto milho, manteiga, vacas, cabras, galinhas, inhames, com que tomarão quanto quiserão; e nas casas do Rey se nom achou nada, mas de mantimentos tomou a armada grande auondança. Então mandou pôr fogo em muytas partes da cidade, que ficou muy destroida.

E porque d'aquy era perto a Quiloa pareceo bem ao Capitão mór hir lá fazer visitação á fortaleza, onde chegarão em tres dias. Sorgindo 'armada forão os Capitães nos batés em terra, em que Pero Rafael lhe fez muyta festa e salua de muyta artelharia, que tambem fez 'armada, e forão fazer oração á Igreja, e forão visitar a ElRey, que acharão no caminho, que lhe fez grandes honras e gazalhados. E Pero Ferreira deu grande jantar a todos.

Os Capitães estiuerão aquy dous dias, e Pero Ferreira escreueo muytas cartas pera ElRey, e ao Visorey, dizendo que era gente perdida estarem aly, porque as pareas e ganhos das roupas tudo se gastaua com os ordenados, e soldos, e mantimentos da gente; que tudo lhe daua por apontamento, polo que seria bom seruiço d'ElRey desfazer [1] * aly * a fortaleza, e se hirem a seruir na India. Então o Capitão mór d'aquy escreueo huma carta ao Rey de Bombaça, dizendo que elle fora destroir Angoja, porque contendia com ElRey de Melinde, que tambem se queixaua delle, polo que lhe muyto rogaua que fosse [2] * muyto * amigo [3] * com * ElRey de Melinde, porque se assy nom fosse, e ElRey delle se queixas-

[1] * daly * Arch. [2] Falta na copia da Aj. [3] * de * Aj.

se, que soubesse certo que logo lhe hiria fazer como fizera a Angoja: ao que o Rey de Bombaça lhe respondeo com muytas desculpas. Mas a carta o nom achou, que era já partido o Capitão mór; mas Pero Ferreira teue nisso tão bom cuidado que os fez ambos conformes, e muyto amigos.

O Capitão mór, com 'armada correndo ao longo da costa, foy sorgir diante da cidade de Braua, a mais nobre e populosa que auia em toda a costa, de fermosas casarias de muytos sobrados e terrados, e fermosas mesquitas; assentada per hum recosto, que a fazia muyto vistosa, e toda cercada de muro, e cubellos, e tres portas pera a praya, em que muyto arrebenta o mar. He costa desemparada de todos os ventos, polo que a desembarcação era muy perigosa, e esta cidade é afamada de grande e rica.

Junta 'armada, o Capitão mandou a terra Leonel Coutinho no esquife, auer fala com muyta gente que sayo á praya, que era pouoada de Mouros naturaes da terra, muy ricos do trato de roupas de Cambaya, que tratauão por hum rio pola terra dentro, de grande resgate d'ouro, e de todalas mercadorias, que correm per muytas terras; o qual rio nom saye ao mar. O esquife junto da terra lhe capearão que nom fosse a terra, com que se tornou, e logo o Capitão mór mandou concertar a gente e batés, o que os Mouros virão. E por ser já tarde os nossos nom sayrão, e os Mouros cuidarão que era com medo, e fizerão grandes gritas e tangeres toda a noite, e muy esforçados que defenderião a desembarcação dos nossos, polo mar ser muy aleuantado, e arrebentar muyto na terra, e os nossos á desembarcação sayrião molhados, e mal ordenados, com que a todos matarião. Auia aquy hum mouro velho muy principal, o qual muyto bradou com ElRey, que tinha máo conselho em querer pelejar com os nossos, pois era sabido tantos males que os nossos tinhão feito n'aquella costa, e pola India, [1] * e tinhão * feito tanto mal á cidade de Calecut, que era mais possante que esta cidade, e o mal que fizerão a Quiloa, e Bombaça, porque nom tomarão bom conselho e quiserão pelejar, com que lhe veo tanto mal de fogo e sangue, e então sendo destroidos fizerão as pazes; e por tanto se deuia ouvir o que os nossos querião, que nom podia ser cousa de tanto mal, que muyto peor nom fosse a

[1] * e tem * Arch. e Aj.

guerra, «que pera segurança desta cidade melhor te [1] * será * roim paz, »
«que boa guerra com estas gentes. E olha que esta he a verdade, e»
«quando te pedirem cousa tão fóra de razão, então podes usar de ma-»
«nha, com recados e comprimentos com delongas, porque este he o tempo»
«em que vem aquy a vara de Choromandel com tamanha tormenta, que»
«se der nelles aly onde estão, suas naos se virão espedaçar na praya»
«com toda a gente morta.»

Do qual conselho o Rey ouve muyto prazer, e assentou assy o fazer, na confiança da tormenta que aly era tão certa, polo que amanhecendo pôs huma bandeira branca sobre o muro, em sinal de paz, com que estiuerão até meo dia, que veo hum mouro honrado em huma barquinha com recado ao Capitão mór, que ElRey perguntaua que era o que queria da sua cidade, que era de mercadores, e nom querião guerra. O Capitão mór lhe mandou dizer que elle era escrauo d'ElRey de Portugal, senhor do mar de todo' mundo, e com suas armadas corria [2] * por * todas as cidades que estauão na praya do mar, e a todas conquistaua e destroia, se lhe nom dauão obediencia com lhe pagar tributo, e nom muyto, sómente alguma certa cousa em sinal d'obediencia; e os que ysto nom querião erão destroidos na terra e no mar, perdendo suas nauegações e proueitos; e 'os amigos, que dauão obediencia, lhe nom fazião nenhum mal, e lhe guardauão suas nauegações onde as achauão; e que esta era a causa porque aly viera, e ficaua aguardando per sua reposta, que logo lhe mandasse, porque se nom tomasse bom conselho logo hiria a terra com sua gente, e lhe mostraria em seus olhos tanto sangue e fogo, que seria espantado. Com o qual recado se tornou o mouro a ElRey, e lhe contando a reposta do Capitão mór, onde todos em conselho assentarão que logo se assentasse a paz, e tratassem concertos, e passassem tempo até sobreuir a tromenta, que cada dia esperauão. E então ao outro dia bem tarde, tornou o mouro com a reposta, que dizia ElRey que se nom podia chamar boa paz cousa que era feita per força, assy com elle dizia, e tambem [3] * sabia * os males e bens que tinhão feito polas outras terras, e se erão feitas tanto contra razão como ora lhe pedia, nom deuia de lhe chamar paz, senão má guerra, pois [4] * queria * fazer catiuos obrigados os liures que lhe não deuião nada, * e * lhe pedir

[1] * seria * Aj. [2] De menos no Ms. da Aj. [3] * sabião * Aj. [4] * querião * Aj.

tributos [1] * e pareas * pera sempre cada anno; mas que por nom dar trabalho a seu pouo era contente e daria o que era razão, pera o que se ajuntaria com os seus principaes, pera tudo logo ser assentado; e que por tanto lhe mandasse dizer o que fosse razão que désse cada anno. E este recado veo tão tarde, que respondendo o Capitão mór já naquelle dia nom podia tornar reposta, fazendo os Mouros fundamento que [2] * cada recado gastaria * hum dia, até que viesse a tormenta. O Capitão mór lhe respondeo que na quantia que auia de dar lhe nom podia fazer força, sómente que elle désse o que fosse sua vontade, que ysso tomaria como de amigo. Tornando esta reposta a terra, o Rey mandou dizer que se seria contente de dez mil xarafins cada anno. O Capitão mór disse que si, postoque tão rica cidade, e de tão ricos mercadóres, fòra razão que dera cem mil xarafins; e esto tornou o Rey a responder que o dinheiro logo se ajuntaria em tres dias, que se auia de tirar pola cidade. Nestes recados erão já passados seis dias, em que hum piloto dos de Melinde disse a Afonso d'Alboquerque que se fossem, e nom estiuessem aly, porque n'aquelle tempo vinha aly huma grande tormenta com que todos se perderião, e que por ysso aguardauão cada dia. Afonso d'Alboquerque o foy logo dizer ao Capitão mór, o qual assy lhe deu logo na vontade, e tornado o mouro com recado o mandou atar, e dar tratos, com que o mouro logo confessou a verdade, que todos os recados erão esperando pola tormenta; polo que o Capitão mór mandou metter dentro na nao os remeiros da barquinha, que era já sol posto, e a todos mandou enforcar, porque nom fogissem pera a terra, e mandou concertar a gente pera hir a terra, e mandou aos mestres que leuassem grandes cabos nos batés pera deixarem no mar com fateixas, pera se tornarem 'afastar da terra quando quigessem, e mandou sospender as ancoras ás naos, e concertar de longo da cidade junto da terra, e lhe deu recado que quando sua nao tirasse assy o fizessem todas, tirando á cidade com as peças grossas.

E sendo huma ora antemenhã, que o mar estaua mais manço, foy a terra, dando fogo em todalas naos, dando resguardo á praya por amor dos batés. Com os pelouros dando nas casas furauão e derrubauão muytas, com que na cidade se aleuantou grande grita, o que ouvido nos batés, o Capitão mór foy deuagar, porque os tiros fizessem mais obra, e

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * com cada recado gastarião * Aj.

rompendo o dia os nossos chegarão a terra tocando as trombetas, que tambem as leuaua Afonso d'Alboquerque; mas o mar era tamanho, que os nossos tiuerão muy grande trabalho ao desembarcar, acodindo muytos Mouros a defender a praya, em que dos nossos ouve mortos, e feridos muytos, porque os Mouros pelejauão fortemente com os nossos, que sayão molhados e mal auiados, mas como se ajuntarão cento, que fizerão corpo, fizerão afastar os Mouros da praya, com que os nossos sayrão mais sem perigo, porque muyto afrexauão a gente dentro nos batés. Mas sendo o dia claro, que os bombardeiros dos batés [1] * puderão * tirar aos Mouros, matarão muytos, com que todos fogirão, e se metterão na cidade por tres portas que tinhão, que do muro muyto frexauão os nossos. Então o Capitão mór fez tres esquadrões da gente, e elle com coatrocentos homens entrou per huma, e per outra Dom Afonso Capitão de Çacotorá, e outra Afonso d'Alboquerque, cada hum com trezentos homens, que ao entrar das portas ouve dos nossos mortos, e feridos, porque os Mouros erão muytos e muy armados de zagunchos, cofos, traçados, e muytos arquos troquisqos, que muyto encrauauão os nossos. Estas portas, perque os nossos entrarão, erão as principaes tres ruas que auia na cidade, de que hião ter a huma grande praça, que auia no meo da cidade, em que auia huma grande mesquita. Os nossos forão pelejando por estas ruas com muytos Mouros, que leuauão de corrida, porque nom ousauão de aguardar que as lanças dos nossos os alcançassem. O primeyro que chegou á praça foy o Capitão mór, que sentindo os Mouros que vinhão polas outras ruas, acodio tocando as trombetas, e tomou as bocas das ruas perque hia Dom Afonso, e Afonso d'Alboquerque, que deu nas costas dos Mouros, que repartio a sua gente em ambas as ruas, e elle per huma, e per outra Leonel Coutinho, e João Gomes de Abreu, com suas gentes, e com o Capitão mór, Job Queimado, e seu filho Nuno da Cunha, tomando assy os Mouros em meo lhe fizerão tanto mal, que fogirão e se metterão polas casas, e de cyma dos terrados, com pedras, homens e molheres, fizerão tanto mal aos nossos, que forçadamente se forão á praça, que era grande e as pedras lhes não fazião mal, ficando nas ruas mortos muytos Mouros. Onde os nossos estando na praça, a que vinhão ter muytas ruas, per ellas acodirão quantos Mouros auia na cidade que

[1] * podião * Aj.

as ruas erão cheas, que cometterão os nossos por tantas partes, que os poserão em grande afronta, e se os nossos os comettião fogião polas ruas, onde os nossos entrando, dos terrados com pedras recebião grande mal, com que forçadamente se tornauão ao meo da praça, porque lhe nom chegassem as pedras, onde aly as frexas lhe fazião grande mal, com que forçadamente se recolherão a hums grandes alpendres que tinha a mesquita, com que ficarão saluos das frexas, mas a praça logo foy chea de multidão de Mouros.

Ao recolher pera a mesquita Afonso d'Alboquerque mandou hum seu escrauo d'Africa, valente homem, que tornasse á praya dizer a Antonio do Campo, que por mandado do Capitão mór ficára em guarda dos batés, que entrasse na cidade e posesse fogo per muytas partes. O mulato era quasy da cor dos Mouros, e leuaua hum cofo, e traçado, e huma rica touca na cabeça, que tomara a hum mouro que matára, e tornou por huma rua, pelejando com alguns Mouros que topaua, e achando huma lança a tomou, largando o traçado, e tanto trabalhou que aprouve a Nosso Senhor que chegou á praya, [1] * dizendo * a Antonio do Campo que acodisse, que o Capitão mór estaua em grande aperto, e que mandasse tirar as naos, que nom tirarão mais como os nossos entrarão na cidade, e que posesse fogo á cidade: o que ouvido, a gente e bombardeiros, que estauão nos batés, fizerão sinal ás naos, que logo começarão sua obra, fazendo grande mal na cidade; e Antonio do Campo entrou na cidade, pondo fogo por muytas partes, que nom auia quem lho defendesse, porque todos os Mouros estauão sobre os nossos na praça. E se aleuantou grande fogo, porque as casas tinhão muyta madeira per fóra nas janelas, e balcões; e acupou no poer do fogo o [2] * mestre * da sua nao com vinte marinheiros, e elle com a sua gente, e bombardeiros, leuando muytas panellas de poluora, e rocas de fogo, e hum berço encarretado, forão pola rua grande, e derão grita nas costas dos Mouros, tirando com o berço, e os bombardeiros, que erão alemães, deitando nos Mouros muytas panellas acesas, e com as rocas de fogo, e o berço prestesmente tirando muytas vezes, ao que [3] * sayrão * os nossos da mesquita, e derão aos Mouros tanta pressa, que nom cabião polas ruas, cayndo hums sobre outros com pressa de fogir: em que nesta praça ficarão muy-

[1] * a dizer * Aj. [2] O copista d'Aj. leu * ametade * Aj. [3] * sayndo * Arch.

tos [1] * mortos, em que logo na mesquita poserão fogo, que tinha muyta madeira, em que se aleuantou grande fogo. O Capitão mór recolheo a gente, e se tornou polas ruas, perque fôra, pondo fogo, e tornando a sayr á praya tornou a entrar per outra porta, pondo fogo em muytas partes, que com o que se pôs de primeyro ardia a cidade por muytas partes. O que vendo os Mouros, e molheres que andauão por cyma dos terrados, cuidando que a cidade toda ardia, cada hum acodio a saluar as molheres, e filhos, e o bom que podião leuar ás costas, com que a cidade ficou sem gente que pelejasse; polo que os nossos correndo por muytas ruas já nom auia quem lhe deitasse pedras dos telhados, com que o Capitão mór com toda gente chegou ás casas d'ElRey, que tinhão hum grande terreiro derredor, que todo estaua cheo de Mouros, que aly se ajuntarão pera defender ElRey, cuidando que estaua dentro nas casas; mas elle era já fogido, e posto em saluo sem ser visto dos seus, que fogio tanto que lhe disserão que ardia a cidade. O Capitão mór leuaua coatro berços em carretas, que descobrindo o terreiro derão fogo, com que derrubarão muytos Mouros, mas erão tantos que se atreuerão com grão numero de frexas; mas tocando as trombetas com brados de Sanctiago, o Capitão mór tomou por a parte da mao esquerda, com Job Queimado, Leonel Coutinho, João Gomes, João Rodrigues Pereira, Ruy Mendes, Pero Barreto, André [2] * Dias, * e Nuno da Cunha, com sua gente, que serião quinhentos homens, e pola outra parte Afonso d'Alboquerque com Manuel Telles Barreto, Afonso Lopes da Costa, Francisco de Tauora, Antonio do Campo, Dom [3] * Afonso * de Noronha, e Dom Antonio seu irmão, e outros fidalgos, tambem por esta parte tangendo suas trombetas, e com grande esforço derão nos Mouros, que nom quiserão esperar os bombardeiros com panellas de poluora e rocas acezas, com que os Mouros nom fizerão perfia, e se forão fogindo até o terreiro ficar de todo vasio.

O Capitão mór nom consentio hir no alcanço dos Mouros, porque cuidou que ElRey estaua nas casas, que logo mandou combater, mas dentro nom auia ninguem, que [4] * como os nossos começarão a peleja * no

[1] * mouros * Aj. [2] * Nunes * Aj. Foi lapso do copista. [3] * Antonio * escreverão por engano no codice do Arch. [4] * os nossos começarão logo a pelejar * Aj.

terreiro logo os Mouros d'ElRey, que guardauão as casas, fogirão per outras [1] * portas * que auia por detrás. Então o Capitão mór mandou sobir em cyma, que as casas erão altas, e de cyma virão que todos os Mouros hião fogindo fóra da cidade ; com que então o Capitão mór mandou pôr vigias nas ruas, e mandou aos batés que trouxessem muyto [2] * que * comer, que comeo toda a gente, e beberão excelente agoa, que estaua em grandes jarras em huma logea das casas d'ElRey, que primeyro a derão a beber a hum mouro que tomarão dentro nas casas. E comeo a gente depressa e repousou hum pouco ; e porque a cidade era grande, o Capitão mór nom se atreuia alargar a gente. Então mandou Afonso d'Alboquerque com a gente de sua obrigação, e correo pola cidade até passar á outra banda, que nom acharão ninguem ; com que se tornou Afonso d'Alboquerque ao Capitão mór, e lhe certificou que a cidade era enxorada, e nella nom achára ninguem.

Então o Capitão mór estaua já curado de huma frexada, que nestas casas d'ElRey lhe derão em huma perna, e pedio 'Afonso d'Alboquerque, por mercê, que o fizesse caualleiro onde lhe tirarão seu sangue. O que Afonso d'Alboquerque fez com suas honras, e cerimonias, e assy fez a seu filho Nuno da Cunha ; e Dom Afonso, e Dom Antonio, e Manuel Telles, e outros fidalgos, se fizerão caualleiros da mão do Capitão mór. Então o Capitão mór largou a gente, que fossem roubar, que logo correrão ao cabo da cidade, onde matando homens e molheres que fogião, tomarão grão despojo de dinheiro, joyas, e ricas cousas, e pola cidade grande soma de ricas mercadorias ; e porque era tarde mandou o Capitão mór entrar nas casas d'ElRey, em que se achou muyto dinheiro em xarafins, e muytas joyas de pedraria, e muyta prata em grandes bacias, e panellas, e cousas d'estado, e muy ricos panos, e fato de casa, que tudo mandou trazer fóra ao terreiro por homens de que elle confiou [3] * em * que tomou cem mil xarafins pera o gasto d'armada, e peças d'ouro, e prata, e pedrarias pera a Raynha, e huma arca de ricos panos, e todo o mais aly mandou repartir com os Capitães, e mais quatorze fidalgos honrados, todos em partes iguaes, e * a * Afonso d'Alboquerque mandou dar vinte mil xarafins, porque nom entrou nas partes. E porque era já tarde mandou recolher, e elle se foy á nao, e os Capitães recolherão toda a gente,

[1] * partes * Arch. [2] De menos na copia da Aj. [3] * de * Aj.

que ninguem ficou na terra, mas nem por ysso deixarão de trabalhar toda a noite em acarretar pera as naos com muyto trabalho do mar.

Ao outro dia mandou dizer aos Capitães que daua escala franca todo o dia até a noite, que ao sol posto se recolhessem, porque em anoitecendo se auia de fazer á vela, e que lhe muyto rogaua [1] *que* com a gente fossem a terra, porque nom ouvesse algum desastre. O que todos assy fizerão, que todo o dia embarcarão fato, e se nom fôra o trabalho do mar carregarão as naos de muyta riqueza, de cobre, marfim, bejoim, almiscre, alcatifas, chamalotes, veludos de Meca, e finas roupas de Cambaya, e Bengala. E neste dia se achou dentro nas casas d'ElRey huma casa que tinha a porta tapada com pedra, que abrirão, e se acharão cousas de prata, de bacias grandes, cantaras, jarras, candieiros grandes, bacios de comer, e trepeças, bancas de comer e pera assentar, cousa em que auia mais de duzentos quintaes de prata. Ao que se achou presente Tristão Aluares, que era feitor do Capitão mór, que nom consentio que ninguem tomasse nada, e com João Rodrigues Pereira, que o ajudou, leuarão tudo ao Capitão mór, o qual tudo logo mandou quebrar e amaçar, e deu a cada Capitão, e aos fidalgos da repartição primeyra, a cada hum hum quintal de prata, e 'Afonso d'Alboquerque tres, porque nunqua estes Capitães, e fidalgos, se apartarão delle pera hir roubar; e o de mais mandou recolher pera ElRey. Esta foy a mór riqueza que até aquelle tempo se tomou em nenhuma terra. Tambem se recolherão muytos mantimentos, no que Afonso d'Alboquerque muyto encarregou seus sobrinhos Dom Afonso, e Dom Antonio; o que elles fizerão, e assy os Capitães de sua obrigação, a que Afonso d'Alboquerque o muyto mandou encomendar, que elles fizerão, que muyto lhe foy bom. João da Noua nom andou nesta festa, porque jazia doente em [2] *cama,* e João Rodrigues Pereira, que se agazalhou com elle, olhaua e mandaua como Capitão. E sendo sol posto, o Capitão mór mandou aos Capitães que posessem quanto fogo podessem, e se recolhessem; o que assy fizerão, que ardeo quasy hum terço da cidade, em que ardeo grande riqueza; e sendo noite, e a gente toda recolhida muy contente, os viuos, que os mortos forão mais de quarenta, e muytos feridos de frexadas de que inda alguns morrerão, o Capitão mór se fez á vela ao longo da costa, querendo hir a ou-

[1] Aj. [2] *casa* Aj.

tro lugar que lhe disserão [1] estaua muy rico, ao que o seu piloto mór muyto bradou, o que assy dizião os pilotos de Melinde, que [2] * fogisse * da costa, que auião [3] * grande * medo á tormenta, que nom podia muyto tardar, e mais que tinhão hum cabo que dobrar muyto duvidoso, e os baixos de sam Lazaro, que sendo delles passado, então inda que lhe désse o temporal podião correr: com que o Capitão mór mandou ao piloto que fizesse seu caminho, com que logo se muyto afastarão da terra, e em dous dias dobrarão os baixos e forão seu caminho a Çacotorá.

CAPITULO III.

COMO TRISTÃO DA CUNHA CHEGOU A ÇACOTORÁ E TOMOU HUMA FORTALEZA QUE OS MOUROS TINHÃO, E A CONCERTOU, E PROUEO DE CAPITÃO E GENTE, E DESPEDIO AFONSO D'ALBOQUERQUE PERA ORMUZ, E ELLE COM AS NAOS DA CARGA SE PARTIO PERA A INDIA.

Tristão da Cunha seguio seu caminho, porque os pilotos lhe forão á mão que nom fosse a Magadaxo, que elle quisera tomar por auer fama que era muyto rico, e com bom tempo, que leuou, foy portar na Ilha de Çacotorá. Antes de chegar a Çacotorá, hum dia, Manuel Telles cobiçando hir andar ás prezas no cabo de Guardafuy, onde era hido seu pay Aluaro Telles, que se foy de Melinde, como já atrás [4] * fica, * elle se falou com seu piloto e mestre, com que elles folgarão por seus proueitos que auerião das prezas, e huma noite, antes que chegassem a Çacotorá, se marearão e nauegarão pola outra banda da Ilha de Çacotorá, e se forão andar ás prezas. Ao outro dia, amanhecendo, que Afonso d'Alboquerque o achou menos, ouve grande paixão, porque logo entendeo o que era, e chegando a saluar o Capitão mór, elle lhe disse que seria bom deixar hum nauio com hum dos pilotos de Melinde, que trazia, porque nom errasse a Ilha. Afonso d'Alboquerque lhe disse: « Senhor, Manuel » « Telles leua tão bom piloto, que se atreueo ao encaminhar como fosse » « buscar seu pay Aluaro Telles, e por o piloto assy ser tão bom mere- » « cia bom castigo. » E forão neste dia á tarde sorgir no porto da Ilha de Çacotorá, que se chamaua o Çoco, onde logo acodio muyta gente arma-

[1] * que * Aj. [2] * fogissem * Aj. [3] De menos no Ms. da Aj. [4] * disse * Aj.

da pera lhe defenderem a desembarcação, cuidando que os nossos nom vinhão a mais que a tomar agoa, que aly era agoada. Nisto atreuidos os Mouros, que erão Fartaquís, muy valentes guerreiros, e muy armados, e tinhão huma fortaleza [1] * muy forte *, feita em cyma de penedias e piçarras, a qual fizerão porque o senhor desta parte da Ilha tinha guerra com outro senhor que tinha a outra parte da Ilha, o Capitão mór mandou apreceber os batés e a gente, e se foy a terra, e com os tiros dos berços logo se despejou a gente da praya, onde os nossos desembarcarão. O que os Mouros nom temerão, mas com muyta valentia cometterão os nossos, onde alguns delles forão mortos, e outros se tornarão [2] * e recolherão * á fortaleza, que nom tinha nenhum combate senão pola porta, que estaua baixa per antre huns penedos, com hum caminho muy estreito, que de cyma delles com pedras ninguem por elle poderia entrar, nem a porta se podia ver, por ter diante outro grande penedo, assy que nom tinha nenhum combate, polo que os nossos ficarão desesperados do vencimento. Acodio muyta gente da Ilha, que ás vezes vinhão cometter peleja, onde muyto usauão de fundas, de que erão muy guerreiros, e muy ligeiros no fogir e muytas vezes voltar.

Vendo o Capitão mór a fortaleza sem combate, e os Mouros tão guerreiros, ouve conselho, e foy assentado, porque os Mouros da fortaleza nunqua sayão fóra, que se fizesse alguma manha com cilada. Auendo tres dias que os nossos assy pelejauão de dia com os Mouros da Ilha, e de noite se tornauão ás naos, foy acordado que os grometes em hum esquife [3] * se * forão a terra lauar roupa, e teadas, em huma alagoa d'agoa que estaua á vista da fortaleza hum tiro de berço, e lauando a roupa a estenderão a enxugar, e que vindo os Mouros pelejassem [4] * o que podessem, * e se recolhessem ao esquife, a ver se sayão os Mouros da fortaleza. O que assy foy feito, que hindo o esquife em terra pola menhã, que a lagoa era perto da praya, deitando a roupa a enxugar logo acodirão Mouros, ao que os grometes muy á pressa apanharão o que poderão, e fogirão pera o esquife, de que os Mouros nom curarão, senom d'apanhar a roupa, que elles estimão, mas huns com outros pelejauão sobre apanhar a roupa, o que tudo vio o Capitão mór. Então foy acorda-

[1] De menos na copia da Aj. [2] * a recolher * Aj. [3] Aj. [4] De menos na copia da Aj.

do que tantas vezes mandassem a roupa a terra, que sayssem os Mouros da fortaleza. O que assy foy: O Capitão mór, e Afonso d'Alboquerque em hum esquife forão ao longo da praya pera a banda da fortaleza, onde acharão humas lapas grandes, em que podia estar muyta gente, mas com preamar a agoa chegaua tanto que a gente nom poderia sayr; o que ouverão por muyto melhor, e se tornarão á nao, e á tarde forão dous esquifes com marinheiros, com lanças, á lauagem das teadas: ao que os Mouros fizerão manha que lhe auião medo, e nom sayão dos palmares, até que virão muyta roupa estendida; ao que logo sayrão muytos, nom curando de pelejar, senão apanhar; a que os marinheiros fizerão alguma resistencia, mas logo fogirão, e se metterão nos esquifes, tirando com dous berços que leuauão, perque os Mouros nom derão, com o apanhar da roupa. Os Mouros da fortaleza, que tudo vião, cobiçozos da preza da roupa do dia passado, vendo esta que era mais, sayrão muytos, e forão pelejar com os outros, e lhe tomar a roupa que leuauão, com que antre elles ouve muyta peleja: o que tudo vendo o Capitão mór da nao ouve muyto prazer. Então, sendo noite, ordenou com Afonso d'Alboquerque que de noite, que era escuro, caladamente, com duzentos homens bem armados, com Dom Afonso, Dom Antonio, Francisco de Tauora, e João da Noua, e Afonso Lopes da Costa, se fossem metter nas lapas, em que poderião estar mil homens sem ninguem os ver, senão quem os fosse buscar. Então o Capitão mór fez prestes toda a gente embarcada nos batés e com seus berços. Então, amanhecendo, mandou hum esquife com muytos fardos de roupa, que fossem mais acyma da lagoa, e fossem molhar a roupa depressa, e a tornassem a metter no esquife, e que como acodissem os Mouros pelejassem com elles, e se deitassem a nado e fogissem pera as naos. E foy o esquife [1] * a terra * começando de vasar a maré, pera que Afonso d'Alboquerque podesse vir pola praya, que auia de sayr quando lhe fizesse sinal com hum berço: o que todo Nosso Senhor quis que fosse tão bem ordenado como era necessario. Os Mouros, que tinhão boa vigia, vendo que os homens do esquife nom estendião a roupa, senão molhada a tornauão a recolher pera a hirem enxugar nas naos, como fazião os outros dias, que os Mouros vião a roupa que era bolorenta, que já fôra molhada, e por ysso os nossos a hião molhar e lauar,

[1] Falta no codice da Aj.

então muytos juntos correrão á praya, e tomarão o esquife, de que os nossos fogirão a nado, e das naos per [1] * enxamata * tirauão algums berços [2] * aos Mouros, * antre os quaes ouve muyta briga carregando os fardos da roupa, que huns leuauão, e outros lhos [3] * tomauão, ao que sayrão muytos da fortaleza a tomar a roupa aos que a * leuauão, ao que foy outra mór peleja. Então o Capitão mór fez o sinal com hum pelouro pera onde estaua Afonso d'Alboquerque, e o Capitão mór partio das naos com os batés, [4] * o que vendo os Mouros que antes que os nossos chegassem, tinhão espaço pera hindo andando na perfia dos fardos engodados, Afonso d'Alboquerque * veo pola praya, e sayndo a campo foy a grã pressa [5] * caminho da * porta, que estaua chea de Mouros por antre os penedos. Ao que se os Mouros recolherão a grã pressa, a que os nossos seguirão ás lançadas, com que com elles d'enuolta entrarão a porta quatorze Portuguezes, e nom entrarão mais porque os Mouros largarão huma porta d'alçapão que tinhão, ficando de fóra muytos Mouros que todos aly morrerão, e logo a grã pressa Afonso d'Alboquerque quebrou o alçapão, com machados e hum vaiuem que já pera ysso leuaua; a qual prestesmente foy quebrada, e socorridos os que dentro estauão, que era Dom Antonio de Noronha, Nuno Vaz de Castello Branco, João da Noua, Anrique Jacome, Jorge d'Orta, Diniz Fernandes, Antonio de Figueiredo, João Freire, e outros, que estauão já quasy mortos de pedradas, porque de dentro da porta auia huma escada estreita per onde sobião ao terreiro da fortaleza, e dentro nesta entrada da porta auia hum peitoril, donde os Mouros enterrauão os nossos com grandes pedras, de que estauão feridos, e nom podião chegar acyma com as lanças. Da banda de fóra auia huma gorita donde os Mouros deitauão muytas pedras, com que ferirão muytos dos nossos em quanto quebrauão as portas; mas sendo quebradas, que a gente entrou, logo João Pereira, homem mulato, reposteiro da Raynha, filho de hum homem fidalgo, tomou a dianteira sobindo pola escada, e após elle Nuno Vaz, e Dom Antonio. João Pereira, coberto com huma rodella e com huma espada d'ambas as mãos sobio a escada

[1] * enxauata * Arch. e Aj. [2] * os nauios * Arch. e Aj. [3] Falta no Ms. da Aj.
[4] Para attenuar a confusão, diriamos: * mas vendo os Mouros que antes que os nossos chegassem tinhão espaço pera continuarem na porfia dos fardos, em que andavão engodados, descuidarão-se, e entretanto Afonso d'Alboquerque &c. * [5] * correndo á * Aj.

[1] * e sendo * em cyma largou a rodella, e com a espada remetteo aos Mouros, que o logo derrubarão atordoado de huma pedra que lhe deu nos peitos; mas entrado Nuno Vaz com huma espada e adarga, e Dom Antonio, e outros fidalgos, fizerão arredar os Mouros, com que todos sobirão e senhorearão o terreiro, tangendo as trombetas.

Os Mouros que andauão ás teadas, vendo os batés [2] * chegarem * a terra, acodirão muytos a pelejar que nom tinhão teadas; os da fortaleza nom curarão dos batés, e se forão recolhendo pera a fortaleza a grã pressa, ao que na entrada do caminho lhe sayo Dom Antonio com cincoenta homens, e com elle Francisco de Tauora, e Afonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, Antão Nogueira, Francisco Pantoja, Fernão d'Abreu, e outros valentes caualleiros, com que os Mouros tiuerão grande peleja; mas sendolhe dito que os nossos tinhão tomado a fortaleza tornarão ao campo 'ajudar os que pelejauão com o Capitão mór, que vinha em batalha çarrada, e na dianteira Leonel Coutinho, João Gomes d'Abreu, Job Queimado, João Rodrigues Pereira, Pero Barreto, Ruy Mendes, todos pelejando fortemente, trazendo os Mouros d'arrancada; mas chegando os outros da fortaleza a peleja foy muy grande, mas nom podendo resistir á força dos nossos, se forão recolhendo com grande defensa, com que muytos ficarão mortos até que forão em fogida. Como Afonso d'Alboquerque foy senhor do terreiro, que os Mouros se colherão aos cubellos e torre da menagem, com grandes gritas chamando sam Thomé, e sobre as ameas posto o estendarte d'Afonso d'Alboquerque, que todos estauão com muyto prazer, ouve alguns que pedirão a Afonso d'Alboquerque que os fizesse caualleiros, que foy João Pereira mulato, e Diniz Fernandes [3] * de Mello, * Fernão Rodrigues Correa, Duarte d'Almeida, e outros, que todos estauão feridos; os quaes Afonso d'Alboquerque fez caualleiros com suas cerimonias e trombetas. Os Mouros do campo que hião fogindo os nossos lhe seguirão o alcanço. O Capitão mór tocou trombeta a recolher, e todos se tornarão, [4] e nom consentio que fizessem mal nos palmares, nem á gente propria da terra, porque esperaua de a conseruar em paz; e ficando o campo franco se foy á fortaleza com grande prazer, e entrando, que achou Afonso d'Alboquerque na occupação de fazer caualleiros, e o nom fôra receber ao caminho como quisera, entrando nom falou com

[1] * sobindo * Aj. [2] * chegar * Aj. [3] * mulato * Aj. [4] * a recolher * Aj.

elle, e mandou entender com os Mouros que estauão na torre da menagem, que [1] *tinha* a porta no pateo, que os Mouros muyto defendião, que erão passante de quarenta em ambos os sobrados, e tinha a torre duas janellas, de que os Mouros muyto pelejauão em defensão da porta, o que o Capitão mór mandou aos bésteiros que apontassem nas janellas, que como mouro aparecia logo era pregado pelo rostro, com que os nossos entrarão a logea, e com hum masto de batel, que trouxerão, lhe baterão os sobrados, com que lhe aleuantarão as tauoas, per onde os bésteiros com as béstas os forão matando, de modo que se entregarão, que já nom erão mais que dezouto; e o Capitão mór os mandou á sua nao metter em ferros pera o seruiço da bomba: o que foy acabado até o jantar, que das naos trouxerão muyto que comer, que todos comerão; e porque o sol era grande armarão as velas dos batés, e fizerão sombra cada hum á sua parte, e acabado o jantar algums homens pedirão ao Capitão mór que os fizesse caualleiros, ao que elle, como zombaria, dizia que fossem a Afonso d'Alboquerque, que ganhara a fortaleza e toda a honra, e os faria caualleiros. Afonso d'Alboquerque, sabendo ysto dessimulou, e se foy pera a estancia do Capitão mór, onde *este* mandou logo vir os pedreiros e cauoqueiros que vinhão n'armada, e carapinteiros, que fizessem portas nouas, e os pedreiros aleuantando os muros em partes que estauão baixos, fazendo cal da propria pedra, que era muyto pera ysso, e concertar os sobrados das torres. E porque o assento da fortaleza todo era em pedra viua, tinhão os Mouros cortadas dentro no terreiro grandes cisternas de muyta e boa agoa da chuiua, que o Capitão mór mandou cortar e fazer mais grandes, e fazer canos porque se vasassem quando se alimpassem. A mór falta que auia era de lenha pera os fornos da cal.

Em quanto se estas cousas fazião, o Capitão mór encarregou a Dom Afonso de Noronha, que auia de ser capitão da fortaleza, que com o padre frei Antonio do Loureiro, que auia de ser o guardião do mosteiro, [2] *falassem* com a gente da terra pera asento da paz; o que assy fizerão, soltando alguns catiuos, que fossem dizer á gente que elles nom ouverão de pelejar se nom acharão aly aquelles Mouros Fartaquís, porque ElRey de Portugal, sabendo que os Çacotorinos naturaes da Ilha, em outro tempo forão christãos do bemauenturado Apostolo Sancto Thomé, aly

[1] *tinhão* Aj. [2] *falasse* Aj.

mandaua fazer huma Igreja, e aly estarem frades que os tornassem a lembrar na christandade, e lhe fazer muytos bens, e aly fazer huma fortaleza, com hum Capitão e gente que os defendesse dos Mouros Fartaquís, e das naos dos Mouros de Meca; e que por tanto todos seguramente todos os naturaes da terra se viessem aly viuer, onde todos estarião juntos, e lhe nom faria mal ninguem. O que sendo ouvido pola gente da terra, que he muy pobre e mesquinha, logo vierão muytos, e se chamauão christãos, e se bautizauão, porque os frades e o Capitão mór [1] lhe dauão panos, e lhe fazião bom trato, e mórmente ás molheres, que nos Portuguezes achauão boa conuersasão, polo que os proprios * pays * dauão as filhas e molheres pera ganharem, com que se fez grande pouoação, e ganhauão a trazer lenha do mato, e tamaras, e manteiga, e algumas cabras: polo que então os frades fizerão sua Igreja na pouoação, que era chegada á penedia do caminho da fortaleza de huma banda, e da outra se fez outra pouoação pera Portuguezes, tudo casas de palha, que diante fazia a terra chã, com palmares de tamaras, e duas alagoas d'agoa muyto boa da chuiua, como parece no debuxo pintado.

Em quanto se estas cousas passauão, Afonso de Alboquerque, porque via que o Capitão mór se mostraua pera elle seco despois que o achára fazendo caualleiros o dia da tomada da fortaleza, o mais do tempo [2] * se * deixaua estar na nao só com seus criados, e toda a mais gente andauão no trabalho da obra, senão aos domingos, que vinha á missa, e estaua com o Capitão mór, e acabada se despedião com suas cortezias, e Afonso d'Alboquerque se tornaua ás naos e os outros Capitães comião em terra com sua gente em suas estancias. No que assy passando tempo, vierão Aluaro Telles, e Manuel Telles seu filho, que vinhão d'andar ás prezas no cabo de Guardafuy, e Aluaro Telles trazia a nao carregada de pimenta e drogas, que tomára em duas naos de Calecut, que hião carregadas pera Meca; com que o Capitão mór muyto folgou; e Manuel Telles vinha carregado de muytas roupas de Cambaya. Aos quaes o Capitão mór fez muytas honras; e o Manuel Telles foy visitar Afonso d'Alboquerque á nao, dizendo que nom ouvesse por mal sua hida, que fôra buscar seu pay. Afonso d'Alboquerque com boa graça lhe disse: « Fizestes vós » « como bom filho, que outro tanto fizera eu, se nom viera sob o mando »

[1] * todos * Aj. [2] Aj.

« do meu Capitão, e pois tornastes a saluamento, vendey vossas merca- »
« dorias, e então nos hiremos a nosso trabalho quando me mandarem. »

Vendo Afonso d'Alboquerque a fortaleza bem concertada, e a terra pacifica, e a gente da terra em muyta paz, e já feita grande pouoação, em que auia praça de vender cousas de comer, e que a gente da terra estaua em toda mansidão, e que muyto tomauão a ensinança de nossa sancta fé, e alguns delles contauão que erão de casta de christãos, que primeyro ouvera muytos naquella Ilha, que os fizera hum homem sancto que aly estiuera, e que daly se fora nom sabião pera onde; o que se dizia ser verdade, porque o Apostolo sam Thomé esteue nesta Ilha, e daqui dizem que passou á China com Abaneus, o védor daquelle Rey, que o mandara buscar o mestre pera lhe fazer aquelles riquos paços, e se diz que da China tornou á India a Choromandel, o que despois se alcançou piadosamente pola inquirição que se tirou em Choromandel por mandado d'ElRey Dom Manuel, quando se achou a casa do sancto Apostolo, como adiante está escrito em seu lugar.

E porque as cousas assy estauão já bem assentadas, e o tempo se gastaua que Afonso d'Alboquerque auia de fazer seu caminho, falou ao Capitão mór, dizendo já era tempo pera hir pera Ormuz, que lhe pedia que o despachasse. O Capitão mór se escusaua, dizendo que nom podia partir até de todo nom ser acabada a obra da fortaleza, pera lhe dar toda a gente de que inda tinha muyta necessidade; ao que lhe Afonso d'Alboquerque respondeo: « Senhor, obrigado são a esperar vossa vontade. » Sem lhe mais nisso falar se passarão alguns dias, e praticando com seus amigos, que lhe dizião que pedisse despacho ao Capitão mór, elle dizia que nisso lhe nom auia de falar mais, que se o detiuesse gastando o tempo, e o mal auiasse, então lhe largaria a armada, e se tornaria pera Portugal a ElRey, pois o mandára á obediencia de Tristão da Cunha, que outra cousa nom podia fazer. E tudo ysto era dito ao Capitão mór, o qual vendo que o tempo se gastaua e que Afonso d'Alboquerque lhe nom falaua, nem emportunaua, como elle quisera pera lhe poder queimar o sangue, e que já era meado [1] * Feuereiro, * lhe mandou dizer que se fizesse prestes pera partir. Afonso d'Alboquerque mandou ao mestre pôr as ver-

[1] No Ms. da Aj. lê-se * Janeiro, * e nos Comm. d'Alboq. P. I, Cap. XVIII, diz-se que elle partiu de Socotorá a 10 d'Agosto de 1507.

gas d'alto, e tomasse as amarras, e ficasse em huma só, o que assy fizerão as outras naos. Então mandou dizer ao Capitão mór, por Dom Antonio seu sobrinho, que elle estaua a pique d'amarra, e que daria á vela na ora que elle mandasse, ainda que fosse nú em camisa como estaua, sem artelharia, nem poluora e nem bombardeiros, nem gente, nem mantimentos pera lhe dar, inda que a tiuera; e ysto tudo lhe mandou por apontamento. O Capitão mór, agastado, vendo que Afonso d'Alboquerque se mostraua tão [1] * desatado, * disse a Dom Antonio: « Dizey a vosso thio » « que nom seja tão mimoso, e me venha pedir o que ouver mester. » Dom Antonio lhe disse: « Senhor, escusado he meu thio vos vir importunar, » « pois tudo está em vosso querer, e vontade, pois já volo pedio, e aguar- » « da que o mandeys. » Então lhe mandou fazer alardo da gente, e lhe fez outocentos homens, com a gente do mar, nas sinco naos, e com João da Noua, que erão seis, porque João da Noua em Agosto se auia de hir á India, com as nouas do que tiuesse feito Afonso d'Alboquerque pera hirem a ElRey. Então Afonso d'Alboquerque do seu dinheiro mandou comprar quantos mantimentos se puderão achar; então foy a terra ouvir missa, onde se despedio do Capitão mór, lhe dizendo que se o mandaua que se partisse, e se mandaua mais alguma cousa que fizesse, que tudo obedeceria como seu Capitão mór que era. O Capitão mór lhe disse que se partisse muyto embora quando quisesse; com que se despedirão com suas cortezias. E logo Afonso d'Alboquerque mandou com suas trombetas deitar pregão á gente que se recolhesse, e esteue todo o dia, e á tarde se fez a traquete, afastandose da terra porque a gente se embarcasse, o que as outras naos assy fizerão, e sendo o sol posto deu todas as velas, que vissem os outros, e se foy seu caminho, que foy em fim de Feuereiro deste anno de quinhentos e sette. Do qual contarey adiante o que em seu caminho passou.

O Capitao mór, ficando assy com suas cinquo naos de sua armada, esteue em Çacotorá gastando o tempo até Agosto, que se auia de partir pera a India, e foy acabando a fortaleza quanto pôde, assentando muyto a christandade da gente da terra; e porque dentro [2] * da * fortaleza, por ser pequena, se nom pôde fazer Igreja pera os frades, se fez de fóra, co-

[1] Pareceu-nos melhor lição que * desastado * que vem no Ms. do Arch., e * desagastado * que traz a copia da Aj. [2] * na * Aj.

mo já disse, e elles ordenarão com seu sino, que de todo o necessario vinhão muyto prouidos do Reyno, com orgãos, e fermoso retauolo da Piedade; onde a gente da terra, vendo nossa adoração e sacrificio, e ensinança que lhe fazião os frades, muyto se inclinarão a nossa sancta fé, e quasy todo o pouo da Ilha se conuerteo. A Igreja se chamou da invocação de sancto Thomé, e assy a fortaleza, em que a gente começou de adoecer dos máos ares, e máo comer, que nom comião biscouto, que o Capitão mór o guardaua pera a viagem do Reyno, sómente comia a gente milho cozido, que os empanturraua, e começou [1] * adoecer e * morrer a gente, e principalmente com a conuersação das molheres. E porque os mantimentos estiuessem guardados, mandou fazer terrados em dous cubellos que auia, e a torre da menagem morada do Capitão, e nos cubellos o feitor e officiaes, e pola fortaleza algumas casinhas de seus criados, mas por regimento sempre de noite na fortaleza dormião cem homens, pera resguardo do que comprisse, e pousauão fóra em suas casinhas; e ordenados á fortaleza duzentos homens, proueo a fortaleza d'artelharia necessaria, que foy pouca a que podia servir, e muyta poluora, panellas, e roquas de fogo, porque a fortaleza nom tinha nenhum combate senão pola porta, que era muy forte, por assy estar antre os penedos. Deu muytas roupas á feitoria das que trouxe Manuel Telles, fez feitor Pero Fernandes de Lis, e Alcaide mór Anrique Jacome, tomou a menagem na fortaleza a Dom Afonso de Noronha, que a trazia por ElRey, e fez [2] * escriuães, e * almoxarife ao feitor. Este Dom Afonso, e Dom Antonio erão irmãos de Dom Gracia de Noronha, que despois foy Visorey da India. E sendo todo concertado como compria, segundo trazia per regimento, sendo vinte de Julho se partio pera a India, [3] do que contarey adiante em seu lugar, e contarey o que em todos estes tempos se passou na India.

Estando Tristão da Cunha assy em Çacotorá, hum seu capellão, chamado João Gomes, homem de boa inclinação, falando com os homens desta Ilha, tomou muyta enformação das cousas do Preste João, * e * pedio licença 'o Capitão mór pera hir á ventura se podia lá hir ter, porque elle sabia bem falar arabio, e se viuesse muyto asinha se tornaria á India, e se morresse tomaua o trabalho por seruir a Deos. Da qual li-

[1] Aj. [2] * escriuão e * Aj. [3] Como é isto possivel, se Gaspar Correa já disse que Tristão da Cunha gastára o tempo em Socotorá até agosto?

cença se escusou Tristão da Cunha, dizendo que pera hir tal caminho aueria mester licença de seu Prelado. O clerigo dessimulou, e se mostrou frio disso, e partindose Tristão da Cunha se deixou ficar, sem dar conta a ninguem da sua tenção, e sem o ninguem sentir se vestio em trajos de mouro, e se foy á outra banda da Ilha, e como mercador se embarcou em huns zambucos de Mouros, e foy ter em Zeilá, onde em companhia de mercadores foy pola terra dentro ter nas terras do Preste, e foy falar com elle, dandolhe muyta conta de Portugal e das cousas da India, com que o Preste muyto folgou, porque vio que lhe falaua verdade, e concertaua com a enformação que lhe tinha dado Pero da Couilhã, moço da estribeira d'ElRey Dom João, que lá mandára, como já atrás disse no começo d'estas Lendas; o qual o Preste mandou chamar ás suas terras em que viuia, que erão como condado, que vindo, e se achando com o crelgo, que lhe contou tantas nouas, choraua de prazer, e porque o crelgo era muy docto, e entendido nas cousas da Igreja, folgaua o Preste muyto com elle, que sempre com elle nisso falaua, e sempre o trazia na corte muy abastado do necessario, e seruidores, e mula, e assy esteue até o tempo que lá esteue Dom Rodrigo de Lima, que o gouernador Diogo Lopes de Siqueira mandou por embaixador, como direy adiante em seu lugar.

CAPITULO IV.

QUE CONTA DO QUE SE PASSOU NA INDIA NO VERÃO DESTE ANO DE 507, ASSY NA TERRA COMO NO MAR, ANDANDO TRISTÃO DA CUNHA NA COSTA DE MELINDE, E OS MOUROS EM CANANOR MOUERÃO GUERRA.

E atrás já contey como o Visorey mandou seu filho que fosse com as naos do Reyno até as despedir da costa, e que então se ajuntasse com Rodrigo Rabello, que andaua com outra armada, e que ambos corressem a costa até Cambaya, gastando o verão, e que se recolhessem trazendo de Cambaya todalas nauegações que lá erão de Cananor, Cochym, Coulão, porque viessem guardadas das fustas de Dabul. O que Dom Lourenço assy fez, e ajuntandose com Rodrigo Rabello forão correndo a costa pera Cambaya, e soube que dentro em Dabul estauão naos de Calecut,

que carregauão roupas e mercadorias da terra pera passarem a Meca, e foy sorgir na barra do rio, onde Dom Lourenço tomou conselho com os Capitães pera que entrassem no rio, e fossem queimar as naos, e algumas das fustas que dentro estauão, e na terra farião o mal que podessem, de que o Visorey aueria prazer, porque ninguem tratasse com os Mouros de Calecut, e tambem porque Dabul ainda nom ouvera nenhum castigo do que suas fustas forão fazer em Angediua. A qual tenção foy contrariada a Dom Lourenço por alguns do conselho, que nom tinhão boa vontade ao Visorey, e nom querião que seu filho fizesse boas cousas, e estes, e outros que cobiçauão que fossem andar ás prezas a Cambaya antes que se acupar em pelejar, ao que ajudauão os pilotos, que tambem desejauão hir andar aos roubos, dizião que era perigosa a entrada do rio por caso da corrente grande, e nom tinhão saber da entrada, mas comtudo elles farião o que lhe mandassem; outros dizião que aguardassem às naos no mar, e quando sayssem as tomassem carregadas, que era melhor que auenturar a entrada do rio e perigo da terra, e auia de defender as naos, e que nesta entrada e sayda se algum nauio perigasse era mór perda da que podião fazer no rio, e mais que o Visorey os nom mandaua pelejar na terra: e com os ditos destes tornarão a concordar alguns dos que tinhão dito que entrassem no rio. Mas Rodrigo Rabello disse a Dom Lourenço: «Senhor, se nom entrardes a queimar as naos farês grande erro, e quem» «volo não aconselha tambem o errarão muyto;» porque se nom entrassem cuidarião os Mouros que com medo nom entrauão. Ao que antre todos ouve debates, e Dom Lourenço, e Rodrigo Rabello contra todos. Então lhes disse: «O Visorey, meu senhor, me manda que nom faça na-» «da sem vossos conselhos, e pois todos dizeis que nom entremos no rio» «eu assy o farey; mas vós, senhores, olhay o grande erro que nisso» «fazemos, em nom hir queimar as naos, e se nos bem parecer daremos» «na terra, e senom tornarnoshemos a sayr, que tudo está em nossa» «mão; e que he grande quebra nossa d'aquy nos partirmos sem fazer» «nada, porque melhor he ariscar tudo que perder honra, nem roubar» «as naos de Cambaya.» Então mandou ao escriuão do nauio que fizesse hum auto que elle dizia que entrassem no rio, e que todos assinassem o que dizião, se entrarião ou não, que ysto lhe bastaua pera o Visorey. O auto feito, os mais assinarão que nom entrassem. Então Dom Lourenço assinou ao pé, dizendo que obedecia a seus pareceres muyto contra sua

vontade, e guardou o papel. O que assy acabado se fizerão á vela, e forão pera Cambaya: [1] * o * que o Visorey ouve por muyto mal feito.

Partirão do rio já em fim de Janeiro de mil e quinhentos e sete, forão andar ás prezas, que fizerão muytas em naos de Cambaya que passauão pera Meca, e andarão gastando o tempo até Março, onde com elles forão ter zambucos de Cananor, que lhe derão noua que o Rey de Cananor era morto, nosso grande amigo, e era o Principe, que era muyto amigo com os Mouros, Rey; e que como ElRey morreo lhe fizerão grandes presentes e dadiuas, e que ElRey estaua em suas terras fóra de Cananor, por se apartar da conuersação dos Portuguezes, e dizia que lhe auorrecião; sobre que os Mouros tinhão feito grandes aliceces, com tenção de se vingarem dos males que os nossos lhe tinhão feito. Polo que Dom Lourenço, ouvindo a noua que o Rey era morto, e o Principe reynaua, que elle sabia que era nosso imigo, logo mandou o bergantym que fosse correr todos os portos da enseada, e dissesse a todos os zambucos, e naos da obrigação, que logo se viessem ao rio de Danda, que aguardaua por elles até meado de Março. E porque lhe pareceo que era muyta detença, e nom sabia se em Cananor aueria alguma reuolta, e em Cochym nom auia nauios que pudesse mandar o Visorey ao que comprisse, Dom Lourenço logo despedio duas carauellas, Lopo Chanoca, Felippe Rodrigues, que se fossem a Cananor e hy estiuessem até que elle fosse. E Dom Lourenço ficou, e as naos fizerão detença até fim de Março, que se partio com todas caminho de Cochym.

O Visorey, sabido em Cochym que o Rey de Cananor era morto, e tinha sabido o mal que o Principe queria aos nossos por amor dos Mouros * de * que era grande amigo, logo concertou huma carauella, que estaua varada, em que mandou Pero [2] * Cão * á Cananor, com gente, e artelharia, e poluora, e monições, e que chegando hy Dom Lourenço de Cambaya, se ouvesse alguns aluoroços, deixasse hy a gente que comprisse.

Lourenço de Brito, vendo aperceber a carauella, disse ao Visorey: «Senhor, eu são quem Vossa Senhoria sabe, e o pera que posso pres-«tar, e que ElRey nosso Senhor confiou de mym que prestaua pera ser» «Capitão de Cananor, o que, senhor, até 'gora lhe nom pedi, polo ver»

[1] Aj. [2] * Saam * escreveram os copistas do Arch. e Aj., por não entenderem este appellido.

«em outras móres accupações, e porque Cananor estaua repousado na»
«segura amizade d'ElRey que morreo. E porque, senhor, ora póde so-»
«ceder cousa em que faça algum seruiço na mercê que me ElRey fez,»
«ma fará muy grande mandarme nesta carauella, porque se em Caná-»
«nor ouver algum traualho, a mim cabe nysso gastar a vida, que nom»
«será razão que os Portuguezes em Cananor estêm pelejando, e eu em»
«Cochym folgando; e se a Vossa Senhoria bem parecer que nom ven-»
«ça o ordenado senão despois da fortaleza feita, assy são contente, e»
«sem elle estou prestes pera hir seruir com meus parentes e amigos.»
Com que o Visorey muyto folgou, e lhe disse: «Senhor Lourenço de»
«Brito, todo o que dizeys he verdade, e sois Capitão de Cananor, e se»
«até agora vos nom metti nelle *foy* porque minha tenção era nom»
«vos metter em casas de palha cercadas de Mouros como está Cananor,»
«e aguardaua tempo conuinhauel pera, com prazer d'ElRey, lhe pedir»
«licença pera fazer a fortaleza e cortar aquella ponta de mar a mar,»
«[1] *e* então vos dar a capitania de fortaleza e nom de palheiros; co-»
«mo vistes que fiz ao senhor Dom Aluaro, que aquy está, que lhe nom»
«quis tomar sua menagem senão em casas de pedra, que fizemos com»
«tantas mézinhas como sabeys; mas agora, pois se Vossa Merce offerece»
«a tão bom seruiço em assy vos quererdes auenturar em tão perigoso»
«lugar, se soceder guerra, a que tantos Mouros hão d'ajudar a fogo e»
«sangue, [2] *e vós mettido antre lenha* e palha, [3] *polo que* sois di-»
«gno de muyta mercê que ElRey meu Senhor vos fará, e eu vos são»
«em muyta obrigação pera o que de mym vos comprir; e vosso orde-»
«nado vencerês do dia que chegardes a Cananor em diante, o que se»
«ElRey meu Senhor nom ouver por bem, porque o faço em contrario»
«do regimento, ysso me obrigo se descontar do meu, e o auerey em di-»
«ta, porque he contra infieis a guerra que aueys de fazer. E pois este»
«afilhado assy quereis tomar tanto á borda da pia, crêde, senhor, que»
«de todos que aquy estamos sereys muyto acompanhado, e soccorrido»
«em qualquer tempo que comprir; e chegando hy meu filho tomai d'ar-»
«mada todo quanto quizerdes, que antes sobeje que mingue; e se delle»
«vos quizerdes seruir ahy fique fazendo o que vós mandardes.» Ao que

[1] Aj. [2] Falta no Ms. da Aj. [3] Ficaria mais claro substituindo-lhe *por isso*

Lourenço de Brito satisfez com grandes comprimentos de palauras e cortezias; com que se foy embarcar, e partio, leuando comsigo corenta homens honrados de seus parentes.

O qual chegando a Cananor achou já reuôlta a terra com aluoroços dos Mouros, com que os Portuguezes já nom ousauão de hir a Cananor. E tanto que Lourenço de Brito chegou, logo mandou o feitor a visitar ElRey nouo, com recado da parte do Visorey, que folgaua muyto com seu reynado, e estaua prestes pera o seruir no que mandasse, como proprio irmão d'ElRey de Portugal, na propria amizade [1] *como* estaua com ElRey seu thio, que nessa propria ficaua com seu reynado, e que pera o seruir mandaua Lourenço de Brito, fidalgo muyto honrado, que faria quanto elle mandasse, porque seria Capitão da gente que aly estiuesse; até que passasse o inuerno, porque como fosse verão elle em pessoa o hiria seruir, e tudo ysto em hum papel escrito polo Visorey, com que o feitor foy; mas ElRey, nom querendo tomar o recado, disse aos seus que dissessem ao feitor que lhe nom podia falar, senão acabados os dias do seu dó em que estaua. Com que o feitor se tornou ao Capitão, e se entendeo o odio em que ElRey estaua com os nossos, porque os trinta dias do seu dó erão passados.

Neste tempo chegarão a Cananor as duas carauellas que mandára Dom Lourenço, com que o Capitão muyto folgou, porque o feitor tinha sabido dos Naires, que o acompanhauão, que os Mouros lhe querião deitar fogo e dar nos Portuguezes; com que o Capitão se pôs em trabalho de repairar a cerqua, que estaua fraca por alguns lugares; e fez por dentro outra parede entulhada em meo, que ficou muy forte. Mas a tranqueira de fóra, que era de madeira, era o mór perigo, e tudo se repairou o melhor que pôde, porque a guerra estaua certa, por espias que o feitor nysso trazia, e que os Mouros sempre estauão com ElRey em conselhos secretos, e tinhão aleuantado as tendas, e nom vendião nada aos moços dos Portuguezes, e ás vezes os espancauão.

Dom Lourenço, que ficára em Danda recolhendo as embarcações, se partio trazendo muytas naos, e zambucos de nossos amigos, e tomou em Angediua onde deixou muytos mantimentos, que tomara ás naos que passauão pera Meca d'aquy d'Angediua, que as embarcações, que já se auião

[1] *que* Aj.

por seguras, se forão de longo cada hum pera suas terras, sem aguardarem por Dom Lourenço, que prouendo Angediua se partio pera Cananor, e sendo no mar ouve vista de coatro velas, que erão atalayas de Timoja d'Onor, que vinhão carregadas de roubos, que andarão fazendo pola enseada de Cambaya, e vinhão na volta da terra, que auendo reconhecimento dos nossos tomarão as velas, e a remo a grã pressa forão fogindo pera o mar. Ao que Dom Lourenço mandou após ellas as galés e bergantym, que as forão alcançando, polo que então o Timoja tornou pera onde hia, Dom Lourenço aleuantando huma bandeira branca, que chegando á vista de Dom Lourenço todos se baquearão de focinhos no chão, e o Timoja entrou dentro, deitandose aos pés de Dom Lourenço, pedindo misericordia, que bem via que merecia muyto mal, per se lhe nom entregar quando pelejára em Onor, o que nom fizera com temor que o matassem; que pois agora era em seu poder ouvesse com elle misericordia, como tão grande caualleiro, e senhor como era, e perdoado agora daria segura fiança a nunqua mais tornar a errar, mas pera sempre fazer seu mandado. Dom Lourenço, como era de nobre condição, ouve que seria fraqueza fazerlhe mal, e lhe perguntou que fiança daria ao que dizia. Respondeo o Timoja que em Baticalá a daria, se lá chegasse, ou que fizêsse todo o que fosse sua vontade. Dom Lourenço hia a Baticalá, onde chegado, o Timoja mandou a terra seus recados, onde logo ElRey de Baticalá mandou seu assinado per hum seu Regedor, dizendo a Dom Lourenço que se obrigaua por tudo que concertasse com Timoja a tudo comprir; e o Timoja, por se mais segurar disse a Dom Lourenço, que se nom abastaua o que dizia ElRey, que elle mandaria a Onor por hum filho só que tinha, e lho entregaria. Dom Lourenço lhe disse: «Timoja, » «o que eu de ty quero são cousas tão boas pera ty, que, se sizo ti-» «ueres, tu as deues mais guardar do que te eu posso encarregar; que» «nom andarês a fazer mal polo mar, e ysto te muyto rogo pola tua vi-» «da, a ty, e a quantos aquy tens, e doute seguro e licença que andes» «polo mar, com condição que nom faças mal senom a quem o nós faze-» «mos, e se ysto o nom fizeres assy como to digo, olha que acharás» «muyto mal pera ty, e pera os teus. E disto nom quero fiadores, nem» «teu filho, porque o penhor nom merece mal polo erro que faz seu» «dono.» E tudo ysto Dom Lourenço lhe mandou dar por seu assinado, e Timoja lhe disse: «Senhor, tu me fazes como quem hes, e eu te juro»

«em minha ley que nunqua te arrependas deste bem que me fazes.» Com que se foy a terra contar a ElRey o que lhe fizera Dom Lourenço, e lhe mandou grande auondança de cousas de refresco pera toda 'armada, e dous mil fardos de arros [1] *chãobacal,* e mil girical, e duzentos fardos d'açuquar, dizendo que era pera sua mesa no inuerno; e á tarde veo ver Dom Lourenço, e lhe trouxe grande soma de conseruas, e lhe disse que daquellas cousas deixasse em Cananor, que se auerião mester, e que Mouros de Calecut, seus amigos, lhe tinhão dito que neste inuerno auião de tomar vingança dos Portuguezes em Cananor. E deu a Dom Lourenço auiso de muytas cousas, todas em muyta verdade, com que se mostrou verdadeiro amigo pera sempre, como ao diante direy.

Com este auiso de Timoja logo se partio Dom Lourenço, deixando huma nao de Cochym, que leuasse o arrôs das pareas que ElRey pagou, e hindo Dom Lourenço ao longo da terra, atraués do monte Dely ouverão vista de duas velas; forão a ellas duas carauellas. As naos erão de Calecut, tornarão na volta do mar fogindo e pelejando, que trazião muyta artelharia, e as carauellas lhe tirando; e porque o vento lhe era milhor pera terra, fizerão outro volta sempre pelejando, com que vierão á vista de Cananor, onde forão offendidas, porque a huma derrubarão o masto e a outra quebrarão o leme; e porque estauão longe ao mar, Dom Lourenço mandou mátar os Mouros roins, e os bem despostos meter nas naos a bom recado, e mandou a duas carauellas que as leuassem a Cochym, e nom as quis leuar a Cananor, porque logo estauão certos os aleuantamentos dos Mouros: com que Dom Lourenço se foy ao porto. Os Mouros vendo leuar as naos, que já sabião cujas erão, porque tambem nellas tinhão parte, logo fizerão grande união, pondose todos em armas, com que se forão a ElRey [2] *com* grandes cramores, dizendo que olhasse as honras que lhe os nossos fazião em começo de seu reynado, que diante de seus olhos tomauão as naos, e roubauão, e as leuauão a Cochym, e se ysto consentisse despois muyto peor farião, sem nenhum acatamento a sua honra; pera o que estauão todos prestes com suas armas pera morrerem por seu seruiço, e tomarião muytos Naires a soldo, e farião do seu dinheiro todalas despezas da guerra, que de Sua Alteza elles nom querião mais que a licença.

[1] *chão bocal* Aj. [2] *fazendo* Aj.

ElRey lhe respondeo com seus agradecimentos, dizendo que bem sabia que erão seus amigos, e em tudo lhe falauão verdade, mas que nada bolissem até entrar o inuerno, porque tempo auia pera tudo. Da qual reposta os Mouros forão muy contentes, e andauão muyto soberbos. Dom Lourenço chegando desembarcou, e Lourenço de Brito o recebeo com muytas honras, onde ambos consultarão o que [1] * compria, * dizendolhe Lourenço de Brito que a tomada das naos azedára muyto a guerra, porque nellas hião Mouros de Cananor, polo que forão fazer a ElRey grandes cramores, mas que ElRey estaua danado, porque quando chegara de Cochym lhe mandara recado da parte do Visorey polo feitor, mas que elle o nom quisera ver, e tinha sabido que no inuerno lhe auião de fazer a guerra, o que tinha bem sabido por espias que antre os Mouros trazia. Então lhe disse Dom Lourenço que assy lho afirmára Timoja. Então pareceo bem que tudo fizessem saber ao Visorey, ao que logo mandou o bergantym com sua carta, em que miudamente lhe recontaua todo o que passaua. O qual bergantym chegou a Cochym ainda primeyro que as naos da preza, que chegarão logo ao outro dia, que o Visorey mandou que nom as mettessem no rio, nem bolissem nellas, e mandou leuar ante sy o Capitão dellas, e os mestres, e bradou com elles porque nom amainarão quando a elles chegarão as carauellas, porque como disserão que nellas vinhão mercadores de Cananor nom lhe fizerão nenhum mal; que lhe pesaua dos que erão mortos, que tudo fora culpa delles, que por tanto logo concertassem suas naos, e tornassem pera Cananor, e que falassem a ElRey toda' verdade; o que lhe assy prometterão. E mandou com ellas o bergantym e as carauellas, e lhe mandou que nom fossem a Calecut, porque as metterião logo no fundo, e mandou aos Capitães das naos que fossem dentro nas carauellas, e escreueo a ElRey de Cananor sua carta, dizendolhe contentamentos do seu reynado, e outros contentamentos, e que seu filho, por nom quererem amainar nem falar as naos que erão de Cananor, sómente pelejar, por ysso lhe fizera o mal que tinhão, e que elles forão os culpados; que elle soubesse dos Mouros que tudo ysto era verdade, e que por serem de Calecut, e virem de Meca, que por ysso tudo era perdido, e a gente catiua, mas que elle, por ser tamanho seu seruidor como era d'ElRey, muyto folgaua de lhe fazer este

[1] * conuinha * Aj.

primeyro seruiço destas naos, que lhas daua por suas com quanto trazião, e a gente por seus catiuos, porque tudo os Mouros tinhão perdido, por as naos serem de Calecut, e nom obedecerem á bandeira d'ElRey de Portugal, que ainda que forão de Cochym, se nom amainarão, outro tanto lhe fizerão; que por tanto elle tomasse as naos, porque se as nom quisesse, e as [1] *leixasse* hir pera Calecut, que por ysso as mandaria queimar. O Rey de Cananor, vendo as naos no porto e o recado do Visorey, foy muy contente, porque era elle grande cobiçozo, e sabia que as naos vinhão muy ricas, e mandou tudo recolher sem largar nada; antes tomou grandes peitas e resgates aos Mouros que alargou, dizendolhe que erão seus catiuos como erão dos Portuguezes; do que os Mouros muyto se agrauarão, 'o qual ElRey lhe dizia que nom tinhão razão de se queixar delle, porque os males lhe vinhão dos Portuguezes, e os Mouros lhe dizião que porque assy era verdade, que por ysso elles auião de morrer todos, e gastar quanto tinhão por se vingarem. O Rey mandou ao Visorey suas repostas de muytos agardecimentos, e que folgara muyto, porque dos Mouros soubera a verdade que elles tiuerão a culpa.

Os Mouros comtudo muyto seruião a ElRey, e lhe dizião que o Visorey, porque já teria sabido alguma cousa da guerra, por ysso com medo lhe mandára as naos, porque cuidaua que por ysso ficarião amigos, e por tanto se posesse nesta honra, que sempre o Visorey lhe tiuesse muyto acatamento e muyto guardasse sua honra, pera o que todos estauão prestes pera morrer por seu seruiço, e fazerem com que sempre lhe tiuessem muyto medo e acatamento, e que ainda que ouvesse guerra, cada vez que quizesse lhe farião a paz e concerto, deitando sobre elles a culpa, e promettendo que sempre os castigaria, assy como sempre fazia o Rey de Calecut que lhes fazia tantos males, e que cada vez que queria lhe fazião a paz. A ElRey tudo ysto parecia bem, porque tudo redundaua em seu proueito, porque tinha a condição de tirano, com tenção que se as cousas dos Mouros lhe mal socedessem, por ysso tomaria suas fazendas, que erão muy grandes; assentando em seu coração que deixaria aos Mouros fazer a guerra, e o communicaua com elles, mas que o muyto dessimulassem, porque sentindo os nossos que auia d'auer guerra ficaria muyta gente, que lhe daria muyto trabalho. Com que os Mouros

[1] *deixasse* Aj.

muy contentes, em seu coração dessimulando, se mostrauão queixosos d'ElRey, e dizião mal delle, por assy tomar as naos e resgatar os Mouros, com que naturalmente parecia aos nossos que ElRey auia de estar mais nosso amigo que dos Mouros, e nom consentiria que os Mouros fizessem nenhum aleuantamento. Com o que Dom Lourenço com Lourenço de Brito e os Capitães ouverão seus conselhos, auendo tudo por amançado e pacifico, com que o feitor quando hia falar a ElRey achaua nelle boa reposta, e todo bom auiamento nos Regedores, polo que, sem embargo de tudo, ficando tudo prouido como compria, Dom Lourenço se partio pera Cochym com toda a armada, onde chegando deu conta de tudo o que ficaua feito, e que parecia que nom aueria aleuantamento, polo muyto que os Mouros andauão aggrauados d'ElRey recolher as naos, e resgatar os Mouros, a que o Visorey respondeo que tudo podião ser falsidades que auia nos tiranos.

E dando Dom Lourenço conta ao Visorey do que passara em Cambaya, e na entrada do rio de Dabul, estando presentes todos os Capitães, e as contendas que tiuerão, dando ao Visorey o papel que sobre ysso se fizera, o Visorey, como era de grande animo, nada se affrontou, e mandou ler o papel, e acabado de ler lhe disse: « Senhores honrados Capi- » « tães, porque nom aconselhastes bem a vosso Capitão mór pera honra » « do estado d'ElRey meu Senhor, sendouos apresentadas tão boas, eui- » « dentes razões pera os Mouros de Dabul auerem hum bom castigo? » Ao que lhe elles querendo responder, antes que falassem lhe perguntou se aquelles assinados erão seus. Disserão que si. Então lhe disse: « Pois » « se mais tendes que responder guardaio pera quando volo perguntar » « ElRey nosso Senhor, a que hirês dar essa conta, pois vossos assinados » « mostrão bem que mais poder teue em vós a cobiça, do que vos lem- » « brou a diuida que por ysso vossas cabeças deuião, em mal aconselhar- » « des vosso Capitão mór, e que fizestes falsidade ao seruiço e estado de » « vosso Rey e Senhor, polo que merecieis as cabeças cortadas. Ao que » « [1] * hirês * aparecer ante ElRey meu Senhor, que he piadozo, e vos ou- » « virá vossas boas razões. » E mandou ao Ouvidor fazer nouo auto, acostado ao que trouxe Dom Lourenço, e aos Capitães mandou metter em ferros dentro na fortaleza, e os mandou pera o Reyno. Sendo [2] * Dom

[1] * ireis * Aj. [2] * ElRey * Lapso do copista da Aj.

Lourenço * partido de Cananor, chegou a nao com o arroz das pareas de Baticalá, e com ella huma carauella que Dom Lourenço mandou que ficasse com ella, onde em Cananor se descarregou o arroz, onde querendose a carauella partir, forão os grometes tomar agoa em hum poço, que estaua [1] na borda da praya. Andando folgando, os Mouros nom se poderão ter que nom dessem nelles, e matarão dous, e ferindo, os outros, fogirão pera o batel, e outros pera a fortaleza da tranqueira; ao que se deu repique, e acodio toda a gente, e ouve grande aluoroço, fazendose prestes pera logo darem nos Mouros e os Mouros assy muytos se ajuntarão pera pelejar: ao que ElRey mandou seus Regedores com muytos Naires, e nom consentio que nada se bolisse, e mandou chamar o feitor, e por elle mandou dizer ao Capitão que ouvera pezar do que os Mouros fizerão, que forão huns parentes dos mortos, que matarão nas naos, os quaes erão fogidos, mas que elle os tinha mandado buscar, e que se os achassem que lh'os auia de mandar, que os enforcasse; porque sua amizade auia de guardar tão inteiramente como fizera ElRey seu thio. Do qual recado o Capitão se ouve por satisfeito, parecendolhe que era na verdade, e que por ysso ElRey agora teria melhor cuidado sobre os Mouros; e lhe mandou seus agardecimentos, rogandolhe que folgasse mais com nossa amizade que com a dos Mouros, e que olhasse que se o Rey de Calecut nom tomára o conselho dos Mouros, [2] *quanto* a cidade de Calecut, e seus portos, estiuerão bem guardados e acrecentados, e nom como agora estauão.

Então mandou partir a carauella, e leuou recado de todo ao Visorey como passára, mas porque a noua disto primeyra foy a Cochym por terra, que os Mouros certificarão ao Visorey, logo o Visorey com muyta pressa mandou partir seu filho em huma galé, que partio só, e após elle partio 'armada, e inda que Dom Lourenço achou a carauella, e lhe deu o recado que leuaua ao Visorey, [3] *nom quis tornar, e foy seu caminho a Cananor, porque nom sabia o que o Visorey* mandaria, e foy deuagar, porque alcançasse 'armada que vinha após elle, com que toda entrou em Cananor, onde falando com o Capitão soube o que passára, e que todo estaua em [4] *calada,* mas que ElRey nom dera nenhum cas-

[1] *posto* Aj. [2] *que* Aj. [3] Saltado no Ms. da Aj. [4] *calla* Arch. e Aj.

tigo aos Mouros, e tinha sabido que tudo erão falsidades, e dessimulações até entrar o inuerno, e que a guerra era certa no inuerno, que os Mouros estarião seguros de soccorro. Então lhe disse Dom Lourenço: « Se- » « nhor Lourenço de Brito, a guerra está certa, e por tanto, se a Vossa » « Mercê aprouver, eu enuernarey aquy com mais gente, a que vos bem » « parecer, e mandarey 'armada pera Cochym pera se corregerem, pois » « aquy nom seruirão, nem podem estar o inuerno no mar. » Ao que Lourenço de Brito lhe respondeo: « Senhor Dom Lourenço, eu sou aquy Ca- « pitão, e ElRey aquy me mandou que o seruisse, e eu tenho muyto » « desejo de ganhar alguma honra, [1] * e mais * que ganhar dinheiro, po- » « lo que mais folgarey com a guerra, que com a paz; e porque mo » « Deos nom acoime a soberba nom será a guerra por mim aleuantada, » « porque nom seja homecidio em trabalhos e mortes alheas; e se guer- » « ra ouver, e Vossa Mercê aqui estiuer, eu que [2] * poderia * ganhar an- » « te vós? Deueys, senhor, [3] * de * contentaruos com tantas honras como » « tendes ganhadas no mar e na terra, e tendes pera ganhar toda quan- » « ta mais quizerdes; polo que a my fará muyto grande mercê aquy nom » « inuernar, porque me tirarês o que posso ganhar em vossa ausencia, » « porque o temor que vos tem estes Mouros será a causa de me nom » « ficar nada, nem para estes senhores meus parentes, que comigo vie- » « rão, cobiçozos de ganhar honra perante Deos os que morrermos, e os » « que viuos ficarmos ante ElRey, pera alcançar alguma mercê; pera o » « que tomaremos muyto esforço com a esperança do vosso soccorro, se » « nos mal fôr. »

Dom Lourenço se aleuantou com o barrete na mão, e leuou o Capitão nos braços, dizendo: « Senhor, toda a honra que tenho Vossa Mer- » « cê ma deu agora em louvar meus feitos; polo que, em quanto viuer, » « lhe serey em muyta obrigação por tanta mercê, como me aquy fez; » « e se errey no que faley mo leue em conta, porque cobicey ganhar » « honra á sombra de vossa bandeira, e nom farey senom o que me Vos- » « sa Mercê mandar, sob o mandado do Visorey meu senhor e pay. » Era presente o Alcaide mór, que se chamaua Guadelajara, fidalgo Castelhano d'amizade do Visorey, que se criára com Dom Lourenço, muyto gracioso em seu falar, e muy valente caualleiro, e disse a Dom Lourenço: « Se- »

[1] * mas * Arch. [2] * poderey * Aj. [3] Aj.

«ñor, ideos norabuena para Cochym, que se uviere guerra, y aqui» «estuvierdes, no prestaremos para mas que correr após los Moros,» «que de vos huyeron, que por Dios que se con nos pelean este in-» «uierno, que como viniere el verano, que supieren que venis, todos lue-» «go han de huyr. y asentar paz antes que llegues; y por tanto ideos» «con Dios, e dexanos merecer lo que comermos.» Dom Lourenço com muyto prazer lhe respondeo: «Senhor Alcaide mór, bem sey eu que se» «os Mouros vos ousarem aguardar, nom será necessario ninguem vos» «ajudar, por muytos que elles sejão.»

Dom Lourenço era muy amado de toda a gente por sua muyta cortezia, e nobre condição, e esteue dous dias que chegou recado do Visorey, em que lhe mandou dizer que em todo obedecesse o mandado do Capitão, porque todo o que elle mandasse nom fizesse outra cousa. Então Dom Lourenço disse ao Capitão que mandasse desembarcar da armada quanto quizesse, que foy artelharia grossa e miuda, por resguardo do arrebentar, e muyta poluora, e pelouros, e vinte bombardeiros, e gente com que perfez trezentos homens, dizendo o Capitão que abastauão, pois nom auião de pelejar mais que dentro de casa, e mais que o socorro estaua tão perto. Com o que Dom Lourenço se despedio, e tornou a Cochym com toda 'armada já na entrada de Mayo do anno de 1507, com chuiuas e treuoadas, onde entrando no rio logo se çarrou a barra.

CAPITULO V.

COMO, PER CONSENTIMENTO DO REY NOUO, OS MOUROS EM CANANOR SE ALEUANTARÃO CONTRA OS NOSSOS E LHE FIZERÃO GUERRA TODO O INUERNO.

Os Mouros, como já estauão prestes e concertados pera a guerra que auião de fazer, [1] vendo o inuerno çarrado que já nom podia vir socorro, e sendo vindo muytos Mouros de Calecut pera ajudarem com muytos Naires que tinhão tomado a soldo, e com muytas dadiuas que dauão a ElRey, lhe deu *ElRey* consentimento pera pelejarem com os nossos; e estando nesta consulta, querendo encobrir sua maldade, mandou cha-

[1] *e* Arch. e Aj.

mar o feitor, e per elle mandou dizer ao Capitão que se achaua mal de huma doença que tinha, e que se hia curar a huma terra d'ahy longe, que lhe rogaua e encomendaua que tudo estiuesse em paz, e que se algum mouro o anojasse, que o queimasse viuo, que com ysso folgaria muyto: e com esta dessimulação se foy d'ahy a outo legoas. Do qual recado o Capitão ficou muy contente, cuidando que era com boa verdade; e auendo dez dias que ElRey era partido os Mouros se ordenarão, e andando os nossos jogando a bola junto da tranqueira, e outros que estauão olhando, os Mouros escondidamente se metterão per antre humas casinhas ahy perto, e outros [1] dessimuladamente fazião que olhauão o jogo, de que os nossos nom tinhão nenhuma sospeita. Os Mouros, vendo tempo, antes que os sentissem derão de supito nos Portuguezes, ao que acodirão os outros, que estauão escondidos, com grandes gritas, muy armados, e cometerão tão rijamente que fizerão recolher os nossos pera dentro da porta, e porque nom cabião polo postigo, forçadamente fizerão rostro aos Mouros, com que ouve vagar de se abrir a porta toda, ao que acodio a gente com lanças, e acodio o Capitão, que nom consentio que a gente saysse, mais que sómente cem homens, que ás lançadas logo fizerão recolher os Mouros, e o Capitão nom consentio que lhe fossem no alcanço. Dos nossos ficarão mortos dous, e dez ou doze feridos, que foy antes que a porta se abrisse. Então o Capitão mandou aleuantar hum sino de vigia sobre a porta em hum masto de huma carauella, porque d'armada tomou mastos, e antenas, e tauoado, e batés, que vararão á porta que hia pera a baya, e muyta outra madeira que o feitor recolhera de primeyro; e no badalo do sino cordas compridas, que hião ter em goritas de vigia, que se logo fizerão; e assentarão muyta artelharia nos lugares que compria, mórmente peças grossas pera a pouoação dos Mouros, porque polo mar muyto [2] *arrebentar* na baya os batés nom podião chegar. Então o Capitão fez repartição da gente em seis capitanias de cinquoenta, sessenta homens cada huma, a que repartio estancias e lugares ordenados pera guardarem e vigiarem: huma deo ao feitor Lopo Cabreira, e outra a Guadelajara Alcaide mór, e outra a Diogo de Pina, homem fidalgo, e outra a Fernão de Brito seu parente, e outra a Ruy de Mendanha, e outra tomou pera sy com outenta homens, como sobre rol-

[1] *que* Arch. e Aj. [2] *arrebenta* Arch. e Aj.

da, pera acodir sobre todos. Cada huma capitania vigiaua a noite inteira, repartida a gente em quartos; e a gente estaua folgada, porque a vigia lhe vinha de seis em seis dias. O Capitão repartio o mantimento aos Capitães, que déssem meza em suas estancias, e lhe deu arroz giracal, e chambacal, açuquar, manteiga, e pescado seco, tudo em muyta auondança.

Os Mouros á vista dos nossos fizerão tranqueiras muy fortes, em alguns lugares que 'artelharia lhe nom empecia, e esto pera seu recolhimento se os nossos fossem após elles, e assentarão algumas bombardas de ferro com que podião tirar aos nossos, e fizerão muy fortes vallados. O Capitão mandou cobrir o andaimo da tranqueira porque 'agoa da chuiua nom leuasse a terra, e per fóra da tranqueira se fez huma caua alta, de largura de duas braças, [1] * e outras duas braças * afastada da estrada, e a caua cortada em pedra, que era molle de cortar, e toda a pedra recolherão pera dentro, com que antre a tranqueira da estaquada e a parede de pedra, que já era feita por dentro, tudo ficou muy forte. No mais do trabalho erão acupados os escrauos e escrauas, e molheres solteiras christãs, a que todos o Capitão deu ração de mantimento, e contadas todas com a milicia quasy auia mil almas; e porque se descobrirão as casas, pera com a sua olá se cobrir a tranqueira, todos pousauão na tranqueira. Da banda da baya era tudo barroca per que se nom podia sobir, e o mór trabalho dos nossos foy a vigia do fogo, que os Mouros muyto trabalhauão de lhe deitar, que era o mór mal que aos nossos se podia fazer. E porque o inuerno entrou muy forte de chuiuas e tempestades, nom fizerão os Mouros muytos cometimentos, porque são elles homens de pouco vestido, e a chuiua e o frio os muyto desbaratão; nem os nossos sayrão de noite a dar salto nos Mouros, porque a terra era de barrocas, e couas que os Mouros fazião por estarem seguros dos nossos.

De fóra da tranqueira hum jogo * de * barreira estaua hum poço d'agoa [2] que os nossos bebião, que outros poços que auia dentro erão d'agoa solobra, de que os moços hião tomar agoa com guarda, a que os Mouros ás vezes acodião a [3] * escaramuçar * com os nossos, ao que logo fogião, e os nossos os nom seguião porque o Capitão lho muyto defendia. Ao que hum dia se ajuntarão passante de mil Mouros, com muyta gente

[1] De menos na copia da Aj. [2] * solobra * Aj. [3] * escaramuças * Aj.

de trabalho, com muytos páos e pedras, e tirarão cestos que deitarão no poço, com que o encherão até boca; ao que o Capitão ajuntou muytos cestos, e baldes de couro, e escadas, e vinte homens Portuguezes com cinquoenta valentes escrauos, e mandou laurar grosso tauoado sobre vigas, e com hum escotilhão com chaue, e as tauoas furadas, e tudo acertado, mandou armar a gente, e sayo fóra o feitor e o Alcaide mór, com suas quadrilhas, e toda a gente prestes, porque nom chouia. O que vendo os Mouros tambem se ordenarão a dar nos nossos, e juntos passante de oitocentos corrião aos que hião ao pouo; mas o Alcaide mór sayo a elles, e ás lançadas, que os Mouros inda nom tinhão exprimentado, com que os Mouros cessarão da furia com que vierão, e acodio sobre elles o feitor, e a peleja se armou grande, e porque vinhão Mouros limitados pera a gente do poço remeterão pera lá, ao que acodio Ruy de Mendanha, que era esforçado caualleiro, e cometeu cem Mouros que erão junto do poço, em tal modo que os fez recolher pera os outros; mas foy com elles tão emburulhado, que se metteo antre os Mouros só; ao que bradou Sanctiago, o que ouvido, os nossos cometerão os Mouros tão fortemente que os poserão em desbarato, derribando e ferindo muytos, e mórmente o bom castelhano, que andaua antre os Mouros todo tinto em sangue com humas armas brancas que trazia, falando falas graciosas contra os Mouros como que andaua falando. Mas muytos Portuguezes fazião façanhas por se auantejarem do castelhano, em que Fernão de Brito, e Lobo Cabreira, e Ruy de Mendanha, e hum Lopo da Cunha, Pero de Freitas, João Timudo, Antonio de Figueiró, João de Crasto, e outros homens escolhidos fizerão honrados feitos. Cada hum querendo só pelejar hião antre os Mouros d'enuolta, o que vendo o Capitão mandou dar fogo a hum tiro grosso, que era o sinal que lhe tinha dado a recolher, deitando hum pelouro pera a cidade; com que os Capitães se tornarão recolhendo. Dos nossos forão tres mortos, e muytos feridos, e dos Mouros mais de quarenta, que o Capitão mandou arastar e deitar nas couas dos Mouros, que elles logo queimarão por amor do fedor.

Toda a gente esteue assy de fóra até o poço ser limpo de todo, e o de dentro tirarão as molheres e o recolherão pera dentro. Então os carpinteiros assentarão as [1] * vigas * na boca do poço, e lhe pregarão o ta-

[1] * vigias * Arch. e Aj.

uoado com o escotilhão fechado, e tudo coberto de terra amassada por amor do fogo, com que ficou o poço seguro do fogo e de peçonha. Mais fizerão huma tranqueira de madeira, com huma gorita sobre o poço com tres falcões que fazião o campo franco, e entupirão esta coiraça com rama e pedra, que tirarão do poço, que ficou muy bem feita, e muyto pregado e forte, e da gorita tomauão 'agoa do poço; e com os falcões lhe fizerão tanta guerra, que os Mouros afastarão mais as estancias.

E porque era já em Julho e as chuiuas poucas, os Mouros fazião muytos cometimentos aos nossos, e anegaças aos nossos porque sayssem fóra, porque tinhão ciladas de gente e minas de poluora. Os nossos estauão muy voluntarios de pelejar, e muyto emportunauão o Capitão que os deixasse sayr; a que o Capitão algumas vezes os deixaua sayr, ficando elle em guarda na porta toda aberta, porque já nella tinha feita gorita com porta d'alçapão. E porque os Mouros muyto crecião auia muytas pelejas, a que ás vezes alguns tiros lhe fazião muyto damno; mas ás vezes auia pelejas em que os nossos se recolhião contra suas vontades, mas como o Capitão acodia logo os Mouros fazião volta a se recolher a suas tranqueiras, a que ás vezes os alcançauão alguns pelouros, que os muyto desbaratauão; e tão desasisados hião ás vezes os Mouros que cayão nas suas couas, com que os Mouros nom querião já [1] cometer, e estauão em suas estancias capeando aos nossos com as adargas que fossem lá. E [2] * na * fim de Julho chegarão huns Mouros honrados que vierão de Calecut, que logo derão muyta pressa aos nossos, que todolos dias fazião cometimentos. Então o Capitão mandou assentar huns tiros pera os Mouros, com que lhe dauão tanta opressão que nom ousauão os Mouros de aparecer, do que os Capitães e gente se queixauão com o Capitão, que despois dirião os Mouros que nom pelejauão senão com bombardas, e nom ousauão a pelejar com elles aos braços, e que nisto perdião suas honras. Dizia o castelhano, muyto menencorio, que auia de furtar aos bombardeiros os murrões pera nom darem fogo aos tiros. E tanto emportunarão ao Capitão, que lhe fez as vontades, e cada dia auia pelejas em que os Portuguezes fazião assinados feitos, e sempre o Capitão, com sua gente, estaua de fóra vendo o que cada hum fazia, e tanto se auentajarão os nossos, que muytas vezes se aqueceo os nossos remeterem a muytos Mou-

[1] * couas nem * Aj. [2] * no * Aj.

ros, e elles nom aguardarem que os nossos chegassem, mas logo fogião, largando as armas, e cayndo huns sobre outros que nom podião fogir, em que os nossos matauão até que se enfadauão, e se tornauão a recolher, deixando o campo coberto de mortos e feridos, de que os nossos ás vezes se espantauão, dando muytos louvores a Nosso Senhor, porque o Capitão sempre teue ordem que, primeyro que se a porta abrisse, toda a gente hia a ver Deos, em huma missa que se dizia em louvor do Apostolo Sanctiago. Então a gente se hia almoçar nas estancias, e se armauão, então se abria a porta; o qual almoço ás vezes lhe ficaua por jantar. O qual trabalho durou até entrar Agosto, que foy afrouxando, porque os Mouros forão afracando, sendo já dos Portuguezes mortos passante de quarenta, e alguns aleijados de feridas; e tal ouve que tres vezes foy ferido, porque huns com outros tiuerão grandes compitencias de pontos d'onra, polo que ouve honrados feitos, que particularmente se nom podem escreuer. Dos Mouros se affirmou que morrerão mais dé mil.

Já que os nossos hião descançando dos trabalhos da guerra se acendeo fogo na casa dos mantimentos, de que se nom saluou mais que o que cada Capitão tinha em sua casa, que era assás pouco, porque nom tomauão senom pera huma somana, polo que forão em muyto aperto de fome, porque os Mouros, que o souberão, tinhão grande vigia que ninguem lhe leuasse nada pera comer, porque em quanto a guerra durou os naturaes da terra, homens e molheres, erão tanto amigos dos nossos, que escondidamente lhe-trazião a vender muytas cousas de comer, e lhe dauão auisos do que ordenauão os Mouros. E porque os Mouros ysto sabião sobre ysto tiuerão grande vigia, polo que os nossos, faltos de comer, começarão a adoecer e morrer á fome, e constrangidos de tamanha fome, que lhes conueo de noite sayr a dar nas estancias dos Mouros, e tomar o que achassem pera comer, que nos primeyros dias tomarão alguma cousa, mas como os Mouros ysto entenderão, que os nossos nom sayão senão a tomar que comer, nom tinhão nada nas estancias, porque algumas vezes que os nossos tornarão ás estancias dos Mouros nom acharão nada, e ficarão em muyta desesperação. No que assy estando, hum bombardeiro chamado Pedr'Ayres pedio licença ao Capitão pera de noite hir por fogo ás naos dos Mouros, que estauão varadas na baya, cobertas d'olá, e porque disse que auia de hir só aprouve ao Capitão; o qual hindo de noite foy sentido, e o matarão, e espetarão em hum páo na

praya, de que todos tomarão muyta paixão, prometendo o Capitão cem cruzados a quem lhe fosse queimar as naos, o que cobiçou hum homem christão da terra, que era casado e estaua com os Portuguezes, e disse ao Capitão que elle hiria, e se fizesse o feito lhe daria o dinheiro, e se o matassem, então fizesse alguma esmola a sua molher. O que lhe o Capitão prometeo que se o fogo posesse, quer viuo, quer morto, daria o dinheiro a sua molher. O qual se foy a nado, leuando hum pano atado com poluora, e dentro em hum canudo de cana hum murrão aceso, e foy sayr muyto abaixo das naos, que nom auia lá gente. Então pôs em cyma da cabeça o pano atado, e o canudo [1] * com o * murrão atado derredor de sy, e se veo pola praya cantando em sua lingoa como que vinha pera sua casa; o que bem vião os Mouros, e ouvião, e entendião o que hia cantando, e nom tomarão delle sospeita, e como foy no cabo das naos, que todas estauão pegadas humas com outras, e sendo assy no cabo se pôs a falar com huma velha, que estaua em huma casinha d'olá debaixo das naos, e lhe pedio licença pera dormir á sua porta, e a velha disse que dormisse, e çarrou sua porta e se deitou a dormir. O christão se deitou, e começou a cantar cantigas d'estorias, que assy o costumão, o que os Mouros folgauão de ouvir, e em tanto chegou o pano da poluora á casinha da velha, e o murrão dentro do canudo, e o rabo no pano da poluora, coberto o fogo; e se deixou assy estar cantando até que vio que o fogo era perto, e se aleuantou e se foy á praya, e se pôs como que estaua fazendo seus feitos, e se metteo n'agoa como que queria lauar, e se deixou estar até que o fogo deu na poluora, que fez grande fogo que se acendeo na casa, donde saltou na coberta das naos, que chegaua até abayxo; a que acodio muyta gente, mas o vento ajudou, com que em breue espaço as naos todas ardião, em que os Mouros ouverão muy grande perda, que das naos se pegou o fogo ás casas dos Mouros em que ardeo mea cidade, com que os Mouros ficarão em muyta confusão com medo d'ElRey, com que os Mouros se forão poucos, e poucos, com que logo os nossos forão repairados [2] * do * comer, que os da terra lhe trazião a vender.

O Visorey em Cochym bem sabia desta guerra, porque tudo escreuião a ElRey de Cochym, e sendo vinte de Julho, que o tempo deu lu-

[1] * do * Aj. [2] * no * Aj.

gar, logo o Visorey mandou partir seu filho com tres carauellas, [1] * em * que fosse socorrer, em que veo Gaspar Cão, Rodrigo Rabello, Nuno Gato, ficandose o Visorey fazendo prestes pera partir após elles; mas Dom Lourenço achou roim tempo que nunqua pôde chegar a Cananor, senão só seu pay, como adiante direy.

O Rey de Cananor, sabendo tudo o que passaua na guerra [2] * em * que a cidade ardera com as naos dos Mouros, tomou muyta paixão, e muyto medo que vindo o Visorey lhe destroiria a terra, e auendo seu acordo o que nisto faria se veo pera perto de Cananor. Sendo já Agosto, derão os pescadores noua a ElRey que ao monte Dely andauão naos de Portugal, e que nom chegauão por caso do tempo, com que ElRey ouve [3] * mór * medo, e mandou huma olá ao Capitão, dizendo que tinha sabido a guerra que lhe os Mouros fizerão, e nom pudera acodir por estar pera morrer de sua doença, e que folgaua com o muyto mal que fizerão aos Mouros, mas que prometia que nelles auia de fazer tanta vingança quanta o Visorey quigesse: ao que lhe o Capitão respondeo, que lhe tinha muyto em mercê a palaura, que [4] * viria * o Visorey e com elle se entenderia; e estando o Capitão dando esta reposta arrepicou o sino, ao que acodio com pressa, e chegando á porta achou que os pescadores vierão pedir as aluiçaras, que as naos do Reyno vinhão ahy perto; e derão suas aluiçaras, e neste dia á tarde com a viração chegarão a sorgir no porto as naos, que erão as de Tristão da Cunha, que vinha de Çacotorá, que erão cinquo: [5] * a saber: * a Capitaina, Job Queimado, Aluaro Telles, João Gomes d'Abreu, Leonel Coutinho, que de Çacotorá partira na entrada d'Agosto, deixando a terra assentada com muyta paz, e muytos feitos christãos, e a fortaleza prouida do que compria com duzentos homens; e deixou na feitoria muyta roupa da que trouxe Manuel Telles, que era a propria fazenda que mais valia na terra, e Dom Antonio de Noronha feito Capitão, e tudo ordenado como já disse se partio pera a India.

[1] * e * Aj. [2] * e * Aj. [3] * mayor * Aj. [4] * veria * Aj. [5] Falta no Ms. da Aj.

CAPITULO VI.

COMO TRISTÃO DA CUNHA PARTIO DE ÇACOTORA, E FOY TOMAR NA COSTA DA INDIA, E O QUE FEZ ATE' CHEGAR A CANANOR ACABANDOSE A GUERRA, ONDE TAMBEM CHEGOU O VISOREY, QUE VEO DE COCHYM A SOCORRO, E OUTRAS COUSAS QUE SE PASSARÃO.

[1] * PARTIDO * Tristão da Cunha de Çacotorá, como já disse, veo á costa da India tomar na barra de Goa, e correo de longo, e foy sorgir em Angediua, com que ouve muyto prazer, onde se nom sabia nada [2] * da guerra * de Cananor, e Tristão da Cunha disse a Manuel Paçanha que trazia recado d'ElRey que se desfizesse aquella fortaleza, com que a gente ouve muyto prazer, porque Manuel Paçanha era homem de forte condição, e trataua mal a gente. E estando dous dias Tristão da Cunha se partio, e porque o vento lhe escaceou foy sorgir na barra [3] * d'Onor, * onde logo veo Timoja, e mostrou a Tristão da Cunha a carta que tinha de Dom Lourenço, e lhe deu nouas da guerra de Cananor. Tristão da Cunha lhe fez muyta honra, e lhe deu hum roupão de grã de sua pessoa. Estando assy praticando vierão tres fustas do rio carregadas de fardos d'arrôs, e d'açuquere, e vacas, e galinhas, e figos, que tudo deu a Tristão da Cunha, com que se despedio d'elle, dizendo que andasse quanto podesse até chegar a Cananor, o qual logo partio, e chegou a Cananor como já disse, onde ainda nom era chegado Dom Lourenço, que era partido de Cochym e nom chegaua com o máo tempo.

Chegando assy Tristão da Cunha logo desembarcou com toda a gente armada, fazendo as naos grande salua, e entrou na baya a desembarcar, tangendo suas trombetas, e tambem a fortaleza lhe fez salua com muyta artelharia, e foy recebido do Capitão, e de toda a gente, e forão á Igreja fazer oração, e se forão aposentar na tranqueira, que nom auia outra casa coberta; aonde logo detreminarão a sayr e dar nos Mouros, e os batés tornarão ás naos, e trouxerão toda a gente, e o Capitão com a sua bandeira, e Tristão da Cunha com hum guião, e tangendo suas trombe-

[1] * Partindo * Aj. [2] De menos no Ms. da Aj. [3] * do norte * Aj.

tas forão as estancias dos Mouros, e nom acharão ninguem, e disfizerão tudo, e se tornarão a recolher, e tornarão 'auer conselho que fossem dar na cidade, e a destroissem, matando quanto pouo achassem. Ao outro dia estando a gente sayndo da fortaleza, e os Capitães se repartindo com a gente, derão rebate a ElRey que acodisse, ao que elle logo mandou o seu Regedor, que no caminho achou a gente que hia já perto das casas, que logo esteue queda por mandado dos Capitães, vendo vir a bandeira branca que trazia o Regedor, que chegando aos Capitães lhe disse, que ElRey lhe mandaua perguntar se ElRey de Portugal mandaua que lhe destroissem sua terra, e lhe fizessem guerra, e se assy o mandaua, que lho mandassem dizer. O que ouvido polos Capitães estiuerão quedos, e quasy que nom souberão responder. Então o Capitão, porque lho disse Tristão da Cunha, respondeo que ElRey de Portugal lhe nom mandaua fazer guerra, nem mal, nem elles o hião fazer, sómente hião buscar os Mouros seus imigos, que com elles pelejarão todo o inuerno, e que agora se recolherão e estauão dentro em sua cidade; e que sendo elle amigo, e irmão d'ElRey de Portugal, consentia que em sua terra lhe fizessem mal e guerra, * e * então os Mouros nossos imigos os recolhia e guardaua em sua cidade. ElRey era muy auisado, e ouvida esta reposta lhe tornou a mandar recado, dizendo que pois lhe hião fazer mal em sua cidade, sem lho mandar ElRey de Portugal, nem muyto menos lho mandaua o Visorey, que ysto lhe bastaua; que fizessem agora o que quisessem, porque elle se defenderia como d'imigos, e que quanto a hirem buscar os Mouros, que erão os que com elles pelejarão, que ysso lhe ouverão primeyro de mandar dizer, e que elle nisso nom tinha feito nada, esperando que chegasse o Visorey, que sabia que vinha de Cochym, pera com elle sobre ysso fazer o que fosse razão, porque do mal que fizerão os Mouros elle nom tinha a culpa, porque tal nom soubera por estar pera morrer; e muytos dias ninguem com elle falara, porque os mestres lho defendião; e tinha sabido que por ysso forão peitados dos Mouros, e por ysso os mandára matar, e já mandára buscar os Mouros principaes da guerra, e tinha sabido que [1] * fogirão * pera Calecut tanto que souberão que elle vinha, que se os achára lhos mandára entregar, porque a elle tinhão os Mouros feita toda a injuria. O qual recado ouvido polos Capitães, dessimularão

[1] * tinhão fogido * Aj.

o que entendião, e responderão que pois os Mouros erão fogidos, e Sua Alteza os nom achára, se tornauão, e farião o que mandasse, e em nada o anojarião. Do que o Rey ficou muyto contente. E o Capitão mandou entupir as couas, e derribar os vallados, e fazer grande campo cortando aruores e palmeiras, e se fizerão dentro muytas casas pera aposento da gente, que esperaua que auia de vir. E Tristão da Cunha se deixou estar e nom foy pera Cochym, por esperar cada dia polo Visorey, e nom chegaua por ter os ventos contrarios, e porque já tinha sua carta per huma almadia que aly o aguardasse e se nom tirasse do porto.

Auendo treze dias que Tristão da Cunha estaua assy em Cananor, veo a armada do Visorey, e sorgio longe do porto por nom ter vento, polo que logo Tristão da Cunha com seus Capitães nos batés se foy ao Visorey, que o veo receber ao bordo da nao, porque erão elles muyto amigos, fazendolhe todalas honras, e lhe deu as cartas que trazia d'ElRey, e lhe esteue dando conta das cousas de sua viagem; ao que chegou Dom Lourenço, que veo da sua galé, a quem todos hums a outros se fizerão muytas honras, e todos jantarão, e sobre a tarde se chegarão os nauios ao porto. E Tristão da Cunha ficou com o Visorey, onde veo hum Regedor com visitação d'ElRey, e que nom viesse menencorio, porque com seu medo todos os Mouros fogirão. Ao que o Visorey lhe mandou suas cortezias, e muytos comprimentos, e as naos fizerão grande salua com toda 'artelharia, e toda a gente sayo a terra, que o Capitão fez grande recebimento ao Visorey, lhe falando palavras de grandes honras; e chegou o Alcaide mór, o castelhano, 'abraçar o Visorey, o qual com elle muyto folgou, e lhe dizendo: «Senhor Alcaide mór, tem estes Mouros muyta » « razão de se queixar de vós, porque lhes fizestes muytos males sem » « terdes pera ysso razão. » O Alcaide mór lhe respondeo com muyta gra- » ça, dizendo: « Señor, si ellos estuvieran quedos ala fé que lo pagaran » « bien, mas ellos son unos malos, que saltan para acá, para allá, como dia- » « blos. » Com que todos forão rindo; e forão fazer oração á Igreja, e então se forão a pousar com o Capitão, onde logo veo presente d'ElRey, de muytas galinhas, e figos, e lanhas. O Visorey lhe mandou seus aguardecimentos, e dizer que folgaua, porque nom tinha que comer, que já o mandára comprar por dinheiro, mas que nada achauão na praça a vender, polo que ElRey mandou que se vendesse tudo, e as almadias se fossem a pescar, polo que logo ouve auondança de todas cousas.

O Visorey, como já tinha sabido todalas manhas que ElRey de Cananor tinha usado neste feito da guerra, trazia em proposito de fazer a fortaleza per força, se elle de seu aprazimento nom quigesse, e o destroir peor que Calecut, ainda que arriscasse a perda do gengiure. Os Mouros nom aparecião, porque ElRey lhe dizia que nom aparecessem, porque elle tinha dito que todos se forão pera Calecut. O Visorey, nom achando cousa em que fazer começo de seu preposito, pôs em pratica com Tristão da Cunha, e com o Capitão, o modo que terião pera se fazer a fortaleza com menos trabalho da gente. ElRey, como já estaua ordenado, e aconselhado dos seus, que o Visorey se apacificaria da guerra passada com as escuzas de sua doença, e com outros comprimentos que teria com elle, com que tornarião em boa paz, o que lhe muyto compria pera nom perderem a nauegação do verão que entraua, e nom perder o direito de seus portos, polo que ElRey mandou a seu Gozil e o Regedor com grande recontamento de razões e desculpas da guerra, como mandara dizer aos Capitães quando hião pera Cananor a pelejar; e dizendo que folgaua porque os Mouros já ficauão desenganados de como os Portuguezes pelejauão, e os Mouros perderão as vidas, e elle ganhára suas fazendas, porque fizerão guerra sem sua licença, e estando elle mettido em huma casa pera morrer, e com peitas que dauão aos mestres, elles tolhião que ninguem fallasse com elle, porque nom soubesse o que se fazia em seu Reyno; aos quaes dera bom pago como ysto soubera: que de tudo lhe daua conta como amigo e irmão d'ElRey de Portugal, que era, e sempre auia de ser.

O Visorey, que em tudo estaua de sobre auiso, com muyta dessimulação respondeo, que o pago que os Mouros tinhão nom era o que lhe elle ainda auia de dar, e que a culpa da guerra, que elle daua aos Mouros, que dizia que elle nom soubera que a fazião, que polo elle dizer o cria, e que lhe descobria que erão tão falços e máos, que, despois que aly chegara, os principaes Mouros de Cananor lhe tinhão mandado recados secretos, em que lhe dizião que elle fôra a tudo consentidor, porque se o elle nom consentira, seu Gozil e os Regedores lhe defenderão que nom fizessem a guerra, o que parecia razão, porque a guerra, que durou tantos dias, nom a podião fazer Mouros que viessem de fóra, sem vontade do senhor da terra; mas que elle tinha sabido que tudo ysto erão mentiras e falsidades que auia nos Mouros, e tinha bem sabido o porque ale-

uantarão a guerra; que por tanto lhe rogaua, como bom irmão d'ElRey de Portugal, pera que nom ouvesse outra tal, lhe mandasse dar pedreiros, pera mandar fazer de pedra aquella fortaleza, que estaua feita de palmeiras e olá, e dentro ficaria grande lugar, em que toda a gente se poderia agasalhar, e estar fechada, com que nom andassem desmandados os Portuguezes fazendo brigas com os Mouros; porque se a tranqueira estiuera feita de pedra os nossos estiuerão dentro fechados, que nunqua o Capitão os deixára sayr fóra, porque quando sayssem a pelejar os Portuguezes nom era senão com temor que lhe nom posessem o fogo; e que se ysto fizesse então ficaua prouada sua boa amizade e verdade. Da qual reposta ElRey ficou muy atalhado, e creo verdadeiramente que os Mouros, com medo, assy encubertamente se mandarão desculpar ao Visorey; e logo mandou chamar alguns Mouros, e lhe disse o recado que lhe mandara o Visorey, dizendolhe que elles o metterão em briga com o Visorey, lhe aconselhassem o que faria ao que lhe pedia o Visorey. Os Mouros, vendo ElRey agastado, lhe fizerão grandes juras que nom sabião quem tal mandasse dizer ao Visorey, mas que do que lhe o Visorey pedia que nada se agastasse, mas que lhe fizesse toda sua vontade, e se mostrasse grande seu amigo, com que o Visorey perderia toda sospeita que tinha, porque fazendose a obra elles farião com os officiaes que fizessem as paredes que com a primeyra chuiua todas cayssem no chão, e mais que farião a obra com tantas detenças que se nom acabasse em todo o verão e que emtanto farião elles suas nauegações a Cambaya, e tornarião carregados de mantimentos, e que como o inuerno entrasse elles se ajuntarião, e tomarião as paredes que os nossos tiuessem feitas, matando a todos sem ficar nenhum; e então elles acabarião a obra, e farião huma fortaleza com que defenderião o porto, que nunqua nelle entrasse nenhum nauio de Portuguezes senom o que elles quizessem, porque os Portuguezes nom podião mandar as naos pera Portugal sem gengibre, o qual em outra nenhuma parte da India nom podia hauer, sómente em Calecut com que já nunqua auiamos de ter [1] * pazes, * polo que então com muytos rogos virião pedir o gengibre assy de fóra do porto, com que então faria seus concertos como quizesse, libertando seus portos e naos, que nauegassem liuremente pera todalas partes que quizessem, com quantas mercado-

[1] * paz * Aj.

rias quisessem; o que seria cousa de grande sua honra, e nobreza pera seu Estado, que ficaria aleuantado sobre todos os Reys da India; obrigandose os Mouros a tudo fazer, com seu dinheiro. ElRey, como era bestial no entendimento, inclinado a seu proueito, e nom tomaua outro conselho senão dos Mouros, contentouse muyto do que lhe dizião os Mouros, e mandou ao Visorey reposta outorgandolhe tudo o que lhe pedia, dizendo que tudo faria como bom irmão d'ElRey de Portugal, e tinha muyto pesar do que era passado. O Visorey mandou grandes agardecimentos a ElRey, e lhe rogar que lhe désse hum Regedor a que pedisse as cousas que ouvesse mester pera a obra, que elle tudo mandaria muyto bem pagar, porque sem ysto elle nom poderia fazer nada, porque nom tinha poder. A este recado do Visorey falou ElRey com os Mouros, e consultando per todos, ordenou mandar ao Visorey o Gozil, que era Justiça mór do Reyno, de muyto poder que tinha no pouo, e porque era seu amigo, que faria o que lhe elles rogassem, e peitassem; o qual ElRey mandou ao Visorey com este recado, pera lhe auer de dar tudo o que comprisse pera a obra. O Visorey rogou ao Gozil, que pois tinha tanto poder na terra e ElRey o mandaua pera ter cargo de lhe dar auiamento, que elle o fizesse com toda boa diligencia, porque seu trabalho lhe mandaria muyto bem pagar, e lhe désse auiamento que nunqua lhe faltasse nada, porque se assy nom fizesse cuidaria que elle era amigo com os Mouros, e os ajudára na guerra. O Gozil disse que nom faria senom tudo o que elle mandasse. Então o Visorey lhe mandou dar cinquo couados de grã e outros cinquo de cetym cremesym, e lhe disse que mandasse vir muytos cauouqueiros e traualhadores pera tirar pedra; e o Visorey mandou que a pedra se tirasse de fóra da tranqueira, cortando huma larga caua, que abrio da baya, cortando a ponta á outra banda de fóra do mar, de largura de tres braças; e de longo da caua se abrio o alicece, com grosso muro de huma parte a outra, onde logo ficarão feitas muytas bombardeiras em que assentarão peças grossas. Andauão na obra muytos pedreiros Portuguezes: ficando por debaixo da caua huma mina secreta, perque podião de dentro da fortaleza hir tomar agoa ao poço; e no cabo do muro da banda do mar, da parte de fóra, se fez huma torre com gorita, em que se pôs hum sino de vigia, e tiraua dous tiros ao longo da caua; e no outro cabo do muro da banda da baya outra tal torre, com outro sino, com tres tiros pera a baya. Com que a ponta ficaua cortada de mar a mar,

e muyto forte e defensauel. E sendo a obra assy posta neste começo, o Visorey determinou de hir desfazer Angediua, que ElRey mandaua logo se desfizesse nas cartas que trouxe Tristão da Cunha, [1] *do qual* se despedio, que se fosse a Cochym com suas naos concertar pera carregar, e deixou encarregado ao Capitão que recolhesse dentro muyta cal, e madeira, e pedra, pera quando elle tornasse, porque com esta parede que se fazia, que era largo muro, com a outra parede que de primeyro se fizera per dentro, já tudo estaua seguro até que elle tornasse: e disse a Tristão da Cunha que estiuesse alguns dias hy, e se ouvesse alguns aluoroços que se nom fosse até elle tornar, ao que lhe logo mandaria recado, e se a terra estiuesse de paz, então se fosse a Cochym a concertar suas naos; e o Visorey se partio.

CAPITULO VII.

COMO O VISOREY TORNOU A CANANOR, ONDE DEIXOU DOM LOURENÇO COM 'ARMADA, E ELLE COM TRISTÃO DA CUNHA SE FOY A COCHYM CARREGAR AS NAOS, E O QUE MAIS PASSOU, E TORNOU COM ELLAS A CANANOR, E DE CAMINHO QUEIMOU 'ARMADA EM PANANE, E DESPEDIO AS NAOS DO REYNO, E DESFEZ ANGEDIUA.

Sendo o Visorey partido pera Angediua, os Mouros, por darem estrouo que a obra se nom fizesse, fizerão medo aos trabalhadores e pedreiros, com que nom vinhão á obra; no que o Gozil mostraua que fazia muyta diligencia, e mandaua os Naires da feitoria porque vissem que elle mandaua buscar aos officiaes, mas a cousa andaua em taes modos, que se hum dia vinhão dez, ao outro nom vinhão tres, e vinhão tarde e fóra de tempo, e o mór desauiamento era da cal, que a gente da terra fazia de cascas de marisco em suas casas, e a trazião a vender em cestos. E por ser a gente muyto baixa auião de vir per caminhos onde os Naires os nom topassem, porque logo os matarião, e os Mouros peitauão os Naires que estiuessem polos caminhos, porque estes nom passassem. Polo que o Capitão, vendo este desauiamento, per conselho de Tristão da Cunha, mandou huma almadia com huma carta ao Visorey, dandolhe conta do

[1] *o qual* Arch. e Aj.

que passaua, que tudo os Mouros causauão, pedindolhe licença pera hirem dar huma queima ás naos dos Mouros. O qual recado chegou ao Visorey nos Ilheos de Sancta Maria, porque o vento lhe era muyto contrario. O Visorey, vendo o recado, ouve muyta paixão, e logo fez volta com tenção de destroir Cananor, onde chegando em dous dias foy em terra, e tomou conselho sobre a determinação que leuaua, dando muytas razões que tinha pera destroir a cidade, sobre o que ouve pareceres differentes, e foy assentado que a guerra nom fosse acometida determinadamente polos nossos sem expresso mandado d'ElRey de Portugal, pois lhe tinha dado suas cartas d'amizade de Irmão, polo que tal nom podião bolir, saluo sendo o cometimento primeyro polos da terra, que forçadamente a ysso comprisse rompimento de guerra; que quanto aos desauiamentos da obra, que os Mouros fazião, que erão secretos, a [1] * ysso * se buscassem outros remedios que podia auer, e nom guerra pubrica, pois se nom podia dessimular a muyta necessidade que auia do gengibre pera carregação, por cuja causa ElRey de Portugal assentára tão estreita amizade com estes Reys de Cananor, que compria muyto conseruarse, e que pera terra de trato, comprar e vender, nom se sofrião pontos d'onras: e que pera a obra se acabar abastaua elle aly estar presente. E como esta foy a tenção de todos o Visorey se sofreo, e nom pôde fazer outra cousa do que tinha na vontade, que era destroir a cidade, e se deixou estar alguns dias, em que os trabalhadores vinhão e se fazia a obra; polo que despedio Tristão da Cunha com suas naos, [2] * que se fosse a Cochym concertar suas naos * pera carregarem.

Ficando assy o Visorey em Cananor com a magoa de nom poder fazer seu desejo, mandou chamar o Gozil, e lhe disse que se fosse á cidade, e que ajuntasse todolos Mouros, e da sua parte lhe dissesse que como Visorey lhe prometia e juraua, que se na obra faltassem os officiaes, e trabalhadores, e a cal, e tudo o que ouvesse mester, que elle em pessoa auia d'hir á cidade trazer quantos Mouros achasse, e os auia de trazer na obra com bragas de ferro; e que nisto vingaria ElRey de Cananor da guerra que elles fizerão sem sua licença, e que lhe certificaua que nenhuma sua nao auia de nauegar de todolos portos de Cananor, sem primeyro a obra ser acabada, e que fosse dizer a ElRey que elle, com seus

[1] * isto * Aj. [2] Falta no Ms. da Aj.

olhos, via andar na cidade Mouros que matarão os Portuguezes, e que estes fazião com que os officiaes nom viessem a fazer obra; que se nisto nom daua remedio, que auia de mandar tomar estes Mouros, e os auia de fazer trabalhar na obra com bragas de ferro. O que o Gozil assy fez quanto lhe mandou o Visorey. O qual recado ouvido polos Mouros, ficarão com grande medo porque temião muyto o Visorey; e dizendo o Gozil o recado a ElRey, elle respondeo que folgaria muyto de o Visorey fazer ysto que dizia, e que elle Gozil désse todo o auiamento porque o Visorey nom estiuesse assy agastado. E elle mandou ao Visorey seu Regedor com recado de suas desculpas, e por este Regedor mandou dizer ao Gozil, que estaua lá junto da obra, e presentes todos os Portuguezes, que ElRey dizia, e jurara por seu pagode, que se o Visorey mais se queixasse da falta da obra, que lhe auia de mandar cortar a cabeça. O que ElRey assy mandou pera mór comprimento com o Visorey, porque cuidasse que toda a culpa era do Gozil, polo que d'ahy em diante nada faltou na obra.

Os Mouros falando muytas vezes com ElRey das cousas da guerra, sempre lhe disserão que hum só homem de cauallo, que saya diante dos nossos, este só os destroia e desbarataua; que vinha em hum cauallo branco, [1] * e elle vestido de branco, * com huma lança que trazia fogo no ferro, que sómente de sua vista se lhe tolhião as mãos, e pés, que cayão no chão, e o cauallo passaua por cyma delles e os mataua, que se este homem nom fôra que os nossos forão todos mortos, porque nom erão cento os que pelejauão, e elles erão mil, e que os nossos morrião á fome despois que o fogo lhe queimara as casas, e comtudo tinhão mais forças que elles. E porque os Mouros muyto desejauão de saber se este homem estaua com os nossos, pera o verem, trazião nisso grande cuidado, e o perguntando aos negros dos Portuguezes que hião comprar de comer; mas elles nom lhe dauão disso nenhum recado, porque nunqua tal virão, e tambem o perguntauão aos Naires que seruião na feitoria, que tambem lhe não dauão nenhum recado de tal homem. Os Mouros com seu muyto desejo o muyto rogarão ao Gozil, que quando fosse dentro a casa do Capitão, e do feitor, trabalhasse quanto podesse por saber o que era feito deste homem; e tanto ysto se trataua antre elles que os proprios moços o per-

[1] De menos na copia da Aj.

guntauão a seus senhores, porque muyto lho perguntauão os Mouros. Alguns auia que respondião que os Mouros estauão bebados; outros dizião, esse homem está guardado, que não ha de aparecer senão quando ouver peleja: o que os moços assy o dizião aos Mouros. Mas praticando o feitor com o Capitão algumas vezes, lhe dizia as muytas perguntas que lhe o Gozil fazia, com muytos rogos que lhe mostrasse este homem do cauallo branco, que pelejaua na guerra; e se soube polos moços dos Portuguezes o muyto que os Mouros perguntauão por este homem do cauallo branco. Do que tudo o Capitão deu conta ao Visorey, o que por elle ouvido, com o entendimento que lhe Nosso Senhor deu, foy demouido á grande deuação, conhecendo todos claramente que Nosso Senhor pelejaua por elles; e sendo noite, e porta fechada, elle com toda a gente em procissão descalços, forão á Igreia dar louvores a Nosso Senhor, e ao bemauenturado Apostolo Sanctiago, que fora nosso ajudador. Os Padres resarão sua antiphona, e o Vigario geral falou em modo de pregação hum pouco em louvor do sancto Apostolo; e se soube que em quanto durou a guerra, sempre antes que se abrisse a porta sempre o Capitão mandaua dizer missa do Apostolo Sanctiago, que todos ouvião com muyta deuação primeyro que sayssem a pelejar: com o que em toda a gente creceo a deuação, e o Visorey mandou que se fizesse, [1] * como fez, * a Igreia do orago do Apostolo Sanctiago, que hoje em dia está feita. E mandou o Visorey ao Ouvidor geral tirar disto huma inquirição, em que se apurou a verdade o sancto Apostolo se mostrar aos Mouros quando pelejauão com os nossos, a qual mandou a ElRey, escreuendo que tão martires erão os homens que o nestas partes seruião, que Nosso Senhor se lembraua delles, e lhe mandaua do Céo ajudador; que por tanto Sua Alteza olhasse bem quanta razão tinha de lhes pagar seus seruiços. E sendo o muro aleuantado mais d'ametade todo de hum cabo a outro, e com suas bombardeiras, e assentada fermosa artelharia, então o Visorey deixou seu filho em Cananor, e elle se foy a Cochym dar auiamento á carga, e mandou a seu filho que sempre visitasse o porto de Calecut, e lhe fizesse quanto mal podesse: o que assy fazia, e se tornaua a Cananor.

O Visorey chegado a Cochym foy visitar ElRey, e darlhe conta do que fizera, e com elle foy Tristão da Cunha. Falando na carga, ElRey

[1] Falta no Ms. da Aj.

lhe disse que se concertassem as naos, que a pimenta nom faltaria. O que assy se fez, que logo as naos forão concertadas de seus pendores, em que se fez grande corregimento, porque as naos erão [1] * muyto * danificadas, por auer tanto tempo que andauão no mar, e a nao d'Aluaro Telles foy baldeada em outra pera lhe darem os pendores. Mas estando o Visorey assentado na ramada com todos os fidalgos, e Aluaro Telles no presente, o Visorey lhe disse: « Senhor Aluaro Telles, se eu fora senhor » « da vossa nao eu a mandara queimar assy carregada como estaua, por- » « que a carga que nella fizestes foy como [2] * homem * absoluto, e sem » « temor; e fizera della esta justiça se ella tiuera a culpa que vós tendes; » « e outra nao senão atreua a fazer outra tal. » Aluaro Telles estaua muy comprendido em seu erro, e nom respondeo mais que aleuantarse com o barrete na mão, dizendo: « Senhor, essas palauras são taes que mór fo- » « go me causarão do que se [3] * podia * pôr na nao. Tudo, senhor, está » « em vossa mão. » O Visorey se foy pera dentro. Fez feitor da carga separado André Dias, e estando no trabalho da carga, Diogo d'Azeuedo pedio a feitoria de Cochym, que vinha prouido por ElRey, de que o Visorey se escusou, dizendo que seria embaraço ao negocio da carga, mas deulhe a feitoria de Cananor, e com elle por escriuão Gonçalo Baixo, porque Lopo Cabreira feitor tinha licença pera se hir pera o Reyno. O Visorey quando se partio pera Cananor mandou a [4] * Ceylão * Diogo de Crasto, e Pero Barba, em dous nauios a buscar a canella das pareas. E porque o Rey de Ceylão nom tinha copea certa do que auia de dar cada anno, deu regimento a estes Capitães que tomassem por pezo a canella que lhe o Rey désse de sua vontade, e a que faltasse, pera dous mil quintaes que auião de trazer, lha comprassem e pagassem com portuguezes de ouro, que pera ysso leuauão, que dauão cinquo báres, que erão vinte quintaes, por hum portuguez d'ouro; e mandou ao Rey sua carta, e huma peça de veludo cramesy, e huma jarra chea grande d'amfião, e agoas rosadas, e outras cousas das prezas das naos do Estreito.

A Raynha de Coulão mandou recado ao Visorey que tinha pimenta pera duas naos, que fossem lá carregar; ao que o Visorey lhe respondeo que mandaria lá as naos, mas que ella mandasse a pimenta ás naos, e

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] Idem. [3] * poderia * Aj. [4] * Cochym * se lê erradamente no Ms. da Aj.

dentro nellas se pagarião, porque em terra nom auia d'estar feitor, e que, a embarcação da pimenta, e desembarcação das mercadorias a terra tudo elle tomaua a seu risco, porque os mercadores nom auião de perder nada. Do que aprouve á Rainha por comprazer ao Visorey, e mandando o Visorey as naos, Diogo Mendes Correa, que vinha prouido d'ElRey de feitor de Coulão, pedio ao Visorey que o mandasse por feitor pera carregar as naos: do que o Visorey se escusou, dizendo que ElRey lhe daua feitor da feitoria de Coulão, que elle o faria feitor como ouvesse feitoria, que em seu tempo elle nom auia de fazer lá feitoria, porque lhe nom matassem o feitor, como já fizerão. E porque em Cochym acodia muyta pimenta, o Visorey nom mandou as naos, mas sómente mandou dous nauios, que trouxerão pimenta pera huma nao, que nom se ouve mais mester. Então Diogo Mendes pedio ao Visorey a feitoria de Cochym, que seruia André Dias sem prouisão d'ElRey, e o Visorey a tirara a Lourenço Moreno, e porque o Visorey lha nom deu Diogo Mendes Correa se tornou pera o Reyno aggrauado. E sendo as naos carregadas, chegarão os nauios de Coulão, [1] com * que * as naos, que erão coatro, de todo forão despachadas de toda sua carga, que foy em Dezembro deste anno de quinhentos e sete, que nenhuma nao era vinda do Reyno, que nom passarão, como adiante direy. E sendo assy as naos carregadas e auiadas de todo o que lhe compria, Tristão da Cunha com seus Capitães se forão despedir d'ElRey de Cochym, e tomar as cartas e cousas pera ElRey, e despedidos se forão embarcar, e tambem o Visorey em sua armada, pera com elle hir até Cananor; e querendo fazer vela lhe mandou ElRey muy apressado recado, [2] * dandolhe * auiso que em Panane estaua prestes 'armada de Calecut pera sayr a pelejar com elles, que erão muytas naos e fustas armadas. O qual recado ouvido do Visorey, mandou logo huma carauella que fosse de mar em fóra a Cananor chamar Dom Lourenço, que com toda 'armada e gente se viesse á barra de Panane, e que hy o aguardasse; e tal tempo achou a carauella que foy a Cananor, e veo com ella Dom Lourenço, e sorgio na barra de Panane, onde ao outro dia tambem chegou o Visorey com as naos do Reyno. Quando os Mouros virão que os nossos os hião buscar ouverão grande medo, e se apreceberão, e fizerão fortes pera defender que os nossos nom entras-

[1] * com canela * Aj. [2] * mandandolhe * Aj.

sem, fazendo fortes estancias sobre a boca do rio de ambas as partes, em que assentarão muyta artelharia. O Visorey, sendo noite, mandou hum homem a nado que fosse ver o como estauão os Mouros, o qual foy e lhe tornou com o recado de todo o que estaua feito: ao que sobre ysso o Visorey ouve conselho, e ordenou como auia de sayr a terra, e entrar o rio com as galés, e carauellas, e bargantym, e batés, a que mandou fazer arrombadas de tres por emparo dos pelouros. E sendo ao outro dia todos prestes, com a maré e viração foy entrar no rio, hindo as carauellas juntas de duas em duas, tambem com arrombadas, e antre as carauellas os batés, e as carauellas com as vergas atadas e toda a gente mettida de baixo da coberta. Dom Lourenço nos batés, e com elle Pero Barreto, Rodrigo Homem, Gonçalo Pessoa, que erão quatro batés d'armada de Dom Lourenço, e nelles honrados caualleiros, Rodrigo Rabello, Pero Cão, João Rodrigues [1] * Pereira, * [2] * Gonçalo Pereira, Pero d'Ornelas, Payo Rodrigues de Sousa, * Aluaro Paçanha, filho de Manuel Paçanha, Luiz Preto, Fernão d'Atouguia, João Lopo, Francisco de Crasto, Ruy de Mendanha, e outros fidalgos e caualleiros muy concertados. E como as carauellas hião auiadas com o vento e maré, e bons pilotos da terra que pera ysso o Visorey logo trouxera de Cochym, entrarão muy prestesmente, sem embargo de muyta artelharia que lhe tirauão as estancias, e tambem das carauellas lhe tirauão; que entrando logo sorgirão, e Dom Lourenço com os batés foy dar nas estancias, de que logo fogirão os Mouros, com que mais em saluo entrarão ás galés, que se seguião ás carauellas, e antre ellas os batés de Tristão da Cunha, Aluaro Telles, Leonel Coutinho, Job Queimado, João Gomes d'Abreu, e com elles bons fidalgos, e caualleiros, Aluaro Fogaça, Ruy d'Oliueira, Fernão [3] * Furtado, * Heitor d'Andrade, Diogo Mendes Correa, Diogo d'Azeuedo, João de Freitas, Christouão de Figueiredo, Rafael Martins, e outros muytos, que escuso nomear senão fazendo feito, e o Visorey atrás com os bergantyns, que entrando no rio logo toda a gente sayo a terra, que serião até setecentos homens d'armas e do mar. Onde o Visorey mandou o filho diante com seu guião, que era estandarte de rabos branco e amarello com letreiros dourados, e com elle até trezentos homens: e foy cometer huma grande tranqueira muy forte que os Mouros tinhão ante o lugar, e o Visorey foy após elle com

[1] * de Sousa * Aj. [2] Faltam no Ms. da Aj. [3] * d'Oliueira * Aj.

todo o corpo da gente, e forão as galés, e bergantyns polo rio tirar a esta estancia, que tambem estaua muy repairada da banda do rio, que estaua entulhada da terra em que artelharia nom empecia.

Dom Lourenço embocando Sanctiago deu na tranqueira, em que achou nos Mouros grande resistencia, porque erão elles muytos, e muy apercebidos, e muy armados com muyta artelharia, e panellas, e artificios de fogo, e muytas pedras e frechas; e por a tranqueira ser assy alta e forte, e muy defendida dos imigos, ouve aquy feitos dos nossos muy estremados, e muytos dos nossos mortos, e feridos, por auer muyta detença [1] * no * sobir da tranqueira, que nom tinha nenhuma entrada, porque de huma banda tinha o rio, e da outra hum [2] * esteiro * que a maré enchia, que era alto, e os nossos armados, e nom podião sobir a tranqueira, e tanta vontade os nossos tinhão, que muytos se desarmauão pera poderem sobir, que o primeyro que subio foy Pero Barreto, [3] * Pero Abelo, * Pero Cão, que de cyma tomou o guião de Dom Lourenço, e o aleuantou, ao que os nossos derão grande grita. E estes, fortemente pelejando ás lançadas, derão lugar que a outra gente sobio. Sobindo Ruy de Mendanha lhe deu hum mouro com huma barra de ferro em cyma do capacete, que logo cayo abaixo como morto, que lhe entrou o capacete pola cabeça. Todos os outros trabalhando por sobir recebião muyto mal que lhe os Mouros fazião, que estauão mais altos e os ferião á sua vontade, a que os nossos nom fazião mais que empararse com os capacetes e adargas, e sobre ysso acodião com panellas e artificios de fogo, que era tanto que os nossos desesperauão da tranqueira. Dom Lourenço, como estaua armado de todas as armas, e nom podendo sobir, vendo seu guião em cyma andaua muy agastado; mas pola parte que os nossos entrarão, onde os Mouros nom chegauão a defender, sobio toda a gente, com que os Mouros logo largarão a tranqueira, ficando muytos mortos, e se recolherão antre humas mesquitas de pedra em que se fizerão fortes. Dom Lourenço, de muyto agastado, se deixou andar passeando, ao que então chegou o Visorey, e lhe sendo dito que a tranqueira era tomada, e Dom Lourenço andaua de fóra, o pay lhe mandou dizer que como andaua as-

[1] * do * Arch. [2] * estreito * Aj. [3] * Pero Rabello * Aj. Será Rodrigo Rabello? Parece que sim, pelo que o auctor, logo adiante, faz dizer a D. Lourenço de Lima.

sy perguiçoso. Dom Lourenço se foy ao pay, dizendo: «Senhor, nesta» «tranqueira me ganharão a dianteira Pero Barreto, e Rodrigo Rabello,» «e Pero Cão, que lhe custou muyto de seu sangue. Lá são dentro; nom» «sey se são mortos, se vivos.»

Então o Visorey com a gente se metteu no trabalho de desfazer a tranqueira, e fez entrada por onde entrou com toda a gente, e vio que os nossos pelejauão com os Mouros, que muyto se defendião antre as mesquitas; ao que correo Dom Lourenço, mas o Visorey o fez tornar, e mandou tocar a trombeta a recolher, porque vio os homens muyto feridos e cançados, que auia muyto que pelejauão, e Rodrigo Rabello e Pero Barreto estauão muyto feridos, a que o Visorey disse: «Senhores, muy-» «to auemos hoje de fazer pera sermos vossos companheiros de tanta hon-» «ra como nos tendes ganhada.» E a todos dizendo palauras de grandes honras, e lhe mandou que repousassem. Os Mouros, vendo que os nossos deixauão a peleja e se recolhião, derão grandes gritas, parecendolhe que os nossos já nom podião mais. Emtanto trouxerão muyto comer, e comeo toda a gente.

Auia neste lugar de Panane huma casta de geração de Naires muy honrados, que tinhão muyta fazenda, e estes erão muy estimados na terra, e auidos por muy valentes caualleiros, do que elles muyto se honrauão, e erão elles catorze irmãos, e primos com-irmãos. Hum mouro dos principaes de Calecut, chamado Cartancina, era capitão desta armada e gente, com que ouvera de sayr pelejar com o Visorey; o qual estaua contente vendo que os nossos assy estauão quedos sem pelejar, e dizia que já nom auião de ousar de tornar [1] *á peleja.* Ao que lhe respondião os Mouros: «Senhor, sabe que nós [2] *venceremos* se o filho do Vi-» «sorey nom vier pelejar comnosco, que se elle oje sobira na tranqueira» «muyto mal nos fôra se lhe [3] *nom* fogiramos, mas se elle vem á pe-» «leja tu verás marauilhas.» Disse o mouro Capitão: «Grande vergonha» «hey, d'ouvir que de hum só homem todos tenhaes tamanho medo, es-» «tando aqui tantos e tão valentes caualleiros. Eu serey o primeyro que» «[4] *oje* aquy morrerey ante vossos olhos, se vier esse homem de» «que tendes tamanho medo, antes que ver tamanha vergonha.» Então falou hum dos irmãos Naires, o mais velho, e lhe disse: «Nós te quere-»

[1] *a pelejar* Aj. [2] *venceramos* Aj. [3] Falta no Ms. da Aj. [4] Idem.

« mos tirar d'esse trabalho, se nos deres licença pera mandarmos nosso »
« recado ao filho do Visorey, pera ver se tem coração pera pelejar com »
« nós outros ; » porque todos elles estavão aly presentes. Do que o mouro mostrou muyto prazer, e logo se apresentarão todos os quatorze irmãos, e primos, e perante todos fizerão grandes juramentos segundo seus costumes [1] * de * todos primeyro morrerem ás mãos de Dom Lourenço, [2] * antes * que elle entrasse antre as mesquitas, porque com outrem nom auião de pelejar senom com elle ; e em confirmação disto todos quatorze se raparão, homens muy bem despostos, e armados, de laudés, e braçaes, e manoplas acolchoadas muy fortes, como já disse, e nas cabeças, e todos os laudeis de veludo de Meca, e nos braços da adarga manilhas d'ouro, e pera serem conhecidos todos se encacharão com panos amarellos ; e fizerão huma olá em que todos se assinarão, e a mandarão a Dom Lourenço, em que lhe fazião saber que estauão determinados todos quatorze a pelejar com elle só, e porque folgarião muyto, lhe mandasse dizer se com elles queria pelejar hum por hum, porque todos juntos era quebra de suas honras, e porque os conhecesse, todos tinhão vestidos panos amarellos. Veo o messageiro com hum pano branco atado em hum pao, e a olá em cyma, e entrou antre a gente sem ninguem lhe fazer mal, e deu a olá a Dom Lourenço, a qual mandou ler, e lhe respondeo com outra olá, dizendo que folgaua muyto com seu recado, porque o fazião elles como valentes caualleiros ; que o pelejar de hum por hum era muyta detença, que antes queria que fossem todos juntos, pois todos erão de hum sangue ; e mandou ao messageiro dar hum pano branco pera seu vestir. Da qual reposta os Naires ouverão muyto prazer com grande fantezia de sua soberba.

Tristão da Cunha tinha aquy hum seu filho chamado Nuno da Cunha, que despois foy Gouernador da India, como em seu lugar será contado ; o qual era moço de doze annos até treze, o qual Tristão da Cunha apresentou a Dom Lourenço, armado com suas pequenas armas com que já pelejára na costa d'além, e lhe disse : « Senhor, aly naquellas mesqui- »
« tas vos está guardada boa merenda, de que ninguem leuará milhor »
« quinhão que vós, polo que vos peço por mercê que me crismeys este »
« filho com vossa espada, porque de tal padrinho lhe fique esforço pera »

[1] * que * Arch. e Aj. [2] * antre * Arch.

«ganhar honra, e hir após vós, que á vossa sombra ganhará muyta» «honra.» Dom Lourenço, tirando a sua propria espada o fez caualleiro, com suas palauras segundo o costume; dizendo: «Senhor Tristão da» «Cunha, sabe Deus que minha espada neste dia nom tinha ganhada ne-» «nhuma honra, mas agora fica com muyta, que minha espada a ga-» «nhou em tocar em vosso filho, tão honrado caualleiro, em que fico tão» «obrigado.»

E porque já erão horas, Dom Lourenço comeo marmelada e bebeo agoa, e disse ao Visorey: «Senhor já som horas.» Então tocando as trombetas, que era quasi vespora, e Dom Lourenço na dianteira com sua alabarda, e após elle todolos Capitães e fidalgos que já disse, derão Sanctiago nos Mouros, que com muyta valentia os sayrão a receber, mas Dom Lourenço, com a paixão que leuaua de nom fazer nada neste dia, se metteu antre os Mouros, fazendo façanhas, que nom auia mouro que alcançasse, que nom derribasse atordoado ou ferido. E nom fazia Dom Lourenço muyta obra porque os Mouros o não aguardauão, que andauão muy ligeiros desarmados; porque os Mouros muyto se defendião antre as mesquitas, que Dom Lourenço entrando per hum cabo, os Mouros fogião rodeando per outro, e assy estauão muy fortes, que os nossos se nom podião aproueitar delles. Estando neste trabalho, sayrão d'antre as mesquitas os quatorze irmãos do dezafio, todos de panos amarellos, [1] «a saber:» seis d'espadas e adargas, e os outros de arcos e zagunchos. Os dos arcos se afastarão pera fóra, que erão grandes frecheiros, pera empregarem seus tiros á sua vontade, e mórmente hum delles, que tinha grande fama de grande certeiro de arco; os das adargas, e espadas, e zagunchos cometterão Dom Lourenço muy fortemente. Dom Lourenço usou de manha, e se foy retrahindo polos tirar pera fóra, os Naires com muyto esforço o seguindo, onde foy ferido de huma frecha no colo de huma mão, que Dom Lourenço sentio muyto, porque foy antre os neruos, com que Dom Lourenço com muyta furia remeteo com elles, fazendo roda com sua alabarda, com que alcançou dous que derrubou feridos, que senom poderão leuantar, e tomou hum de zaguncho a direito golpe de alabarda e o cortou per hum hombro em dous pedaços, e a outro d'adarga lhe cortou ambas as pernas polos joelhos, a outro tomou com o ferrão

[1] De menos no Ms. da Aj.

d'alabarda, que o passou da outra parte, e cayo morto. Os quaes golpes vendo os outros entrou nelles grande medo, mas nem por ysso tornauão atrás, trabalhando polo ferir nos calcanhares, porque outra cousa nom tinha descoberta, porque andaua armado todo até os pés d'armas brancas douradas per partes, e os zagunchos lhe tirauão com elles á viseira do elmo, em que nada lh'empecião, porque como tocauão nelle com as espadas, que erão de ferro morto, quebrauão ou ficauão tortas, que mais nom prestauão pera ferir, em modo que os que ficarão se tornarão a metter antre as mesquitas, e nom quiserão mais ser valentes.

Em quanto Dom Lourenço andou neste trabalho, os Mouros pelejauão muyto com grande esforço, porque tinhão colheita antre as mesquitas quando querião, com que a peleja foy *a* mais ferida que até então ouve na India, em que dos nossos já erão muytos mortos e feridos. Dom Lourenço com 'affronta de pelejar se lhe cayo muyto sangue da ferida, com que a alabarda e armas andauão tintas em sangue, o que foy dito ao Visorey, que estaua de fóra com cem homens [1] *e* sua guarda, e com elle Tristão da Cunha; o qual tocando as trombetas, com a bandeira real diante, embocando Sanctiago chegando, falando aos nossos que pelejauão, dobrandolhe as forças, cometterão os Mouros per huma parte, e Dom Lourenço entrou pola outra antre as mesquitas [2] *com que forçadamente fogirão pera fóra largando as mesquitas, * antre as quaes ficarão muytos mortos, e feridos, e os nossos forão seguindo após os Mouros, que se recolherão ao mato. Dom Lourenço, muyto cançado se assentou no campo além das mesquitas, e tirou o elmo, e lhe atarão sua ferida com huma toalha, onde muytos lhe pedirão cauallaria, mas elle se escusou, dizendo que fossem ao Visorey, ao que elle chegou com Tristão da Cunha, que o leuou nos braços, dizendo: « Benta seja a mãy que » « tal filho pario. Muytos annos vos logre o pay que vos fez, como elle » « deseja. » O Visorey perguntou a Dom Lourenço de sua ferida, e lhe mandou que désse cauallaria a quem lha pedisse, polo que os mais dos fidalgos se fizerão caualleiros da mão de Dom Lourenço, e do Visorey, e de Tristão da Cunha; onde aqui foy ferido seu filho Nuno da Cunha de huma frecha per huma perna, e forão feridos os mais dos fidalgos nomeados, porque as frechadas forão muytas.

[1] *em* Aj. [2] Saltado na copia da Aj.

Como a peleja começou, o Visorey mandou hir polo rio dentro como a maré veo, Francisco d'Atouguia nos bergantyns em fauor dos batés, em que mandou Diogo Pires, e Pero Cão, e Gonçalo de Paiua, e Christouão de [1] * Figueiredo, * que com os marinheiros forão queimar as naos que estauão no rio, que erão muytas, e poserão fogo nas primeyras, que se acendeo muy grande, e lhe cortarão as amarras; que com a maré forão dar sobre as que estauão detrás, de modo que de humas em outras se ateou o fogo que nom ficou nenhuma, e algumas forão ter sobre o lugar, em que tambem se acendeo o fogo, que tudo ardeo com outras naos, e zambucos que estauão varados. Os paraos se forão fogindo polo rio dentro, e após elles seguirão os bergantyns, que os forão ensequando, e queimando, com muytas casas, e pouoações que auia polo rio, em que se fez grande destroição. Junto das mesquitas estauão humas casas grandes, em que se achou muyta pimenta, e drogas, e muytas outras mercadorias que muyto valião, e se carregarão nas carauellas, e batés, que forão leuar ás naos, e tornarão a carregar. As mercadorias deu o Visorey á gente, sómente a pimenta, e drogas, tomou pera ElRey. Aqui forão mortos trinta e dous Portuguezes, e feridos mais de cento, de que algums morrerão, e outros ficarão aleijados; e dos Mouros mais de coatrocentos que ficarão no campo; e sendo já tarde, o Visorey mandou recolher toda 'artelharia das estancias, que era miuda de ferro, que toda mandou deitar no mar lá fóra onde estauão as naos, e o Visorey com toda a gente se recolheo ao mar, e mandou nos bergantyns leuar os feridos ás naos, que forão curados. Então mandou o Visorey dar fogo [2] * ás * naos que estauão varadas junto das casas das drogas, de maneira que tudo ficou feito em cinza, e com a maré da noite, que auia lua, sayo do rio, e a gente se recolheo em suas embarcações, e como o vento foy terrenho se fizerão á vela pera Cananor, onde chegando já lá era sabido o desbarato de Panane, com que os Mouros andauão muy trouados, e nom ousauão a bolir em nada, e a obra se fazia sem nenhum estoruo.

Chegando assy o Visorey, mandou visitar ElRey de Cananor, e darlhe conta do que deixaua feito, de que ElRey se mostrou contente, e * mandou * dizer que auia muyto prazer, e logo se deu muyto auiamento ao gengibre, que em tres dias tomarão as naos. Então Tristão da Cunha se mandou

[1] Aj. No codice do Arch. lê-se Figueiró. [2] * nas * Aj.

despedir d'ElRey polo feitor Diogo d'Azeuedo, a que ElRey deu suas cartas; e auiadas as naos de todo o que lhe compria, o Visorey com ellas se fez á vela, e as despedio do monte Dely, e elle foy seu caminho áuante, e foy a Angediua, a qual foy desfeita por terra, donde trouxe pedras lauradas pera portas, e genelas pera Cananor, e Manuel Paçanha, porque nom tinha acabados os tres annos de sua capitania, ficou vencendo no mar, porque assy o mandou ElRey. Despois nas naos deste anno de quinhentos e outo mandaua ElRey que hindose pera o Reyno Dom Aluaro Capitão de Cochym, que Manuel Paçanha ficasse por Capitão, mas sendo ysto sabido dos officiaes, e pouo dos Portuguezes de Cochym, dissérão ao Visorey que quando fizesse Capitão a Manuel Paçanha que tambem prouesse seus officios d'outros officiaes, porque por cousa do mundo nom ficarião com Manuel Paçanha, por ser de muy forte condição, e a gente d'Angediua dizião delle grandes males que se nom podião soffrer: polo que então proueo de Capitão de Cochym a Jorge Barreto, quando Dom Aluaro acabou o seu tempo; e acabado de desfazer Angediua o Visorey mandou o filho com 'armada, que se fosse a Cambaya pera trazer as embarcações de Cochym, Cananor, Coulão, que lá erão, porque aquy a Angediua lhe veo recado d'ElRey de Cochym com o prazer que ouve do feito de Panane, e lhe fazer lembrança que mandasse a Cambaya dar guarda a suas embarcações, porque tinhão noua que as fustas de Dabul fizerão alguns roubos ás naos que passarão pera Cambaya; polo que o Visorey logo mandou partir o filho.

CAPITULO VIII.

COMO ACABADO DE DESFAZER ANGEDIUA, E PARTINDO DOM LOURENÇO PERA CAMBAYA, O VISOREY SE TORNOU A CANANOR, E FEZ A FORTALEZA, E ACABADA SE TORNOU A COCHYM, E TORNOU OUTRA VEZ, TRAZENDO AS NAOS DOS MERCADORES, QUE ENTREGOU A DOM LOURENÇO, E SE TORNOU A COCHYM, E O QUE MAIS FEZ.

O Visorey se tornou d'Angediua com dous nauios e huma carauella, e hum bergantym, que o Visorey mandára de Panane com as drogas, e aguardou por elles em Angediua, que emtanto desfez a fortaleza, porque toda a mais armada mandára com Dom Lourenço; e chegado o Visorey

a Cananor achou já o muro acabado com suas amêas, e achou que o Capitão tinha recolhido dentro muyta cal e pedra; onde logo mandou desembarcar a pedra que trazia laurada, e mandou logo abrir os aliceces da fortaleza da banda de dentro do muro, quadrada, de quatro cubellos redondos nos cantos, que forão sobradados no andar do muro, e assy como hia abrindo hia emtulhando, e fazendo parede até huma braça d'alto, até que assy toda çarrou em roda; e no meo pera a banda da baya armou a torre da menagem pera dous sobrados, ficando de vão por dentro quarenta braças por quadra, e antre os cubellos [1] * goritas * de vigia, e todo o muro coberto de telhado com varandas: e por dentro fez casinhas pera aposento de oitenta homens, e tudo muy [2] * apostada * cousa; e antre o muro e a fortaleza fez a Igreja de Sanctiago, e no muro da fortaleza hum postigo pera seruentia da Igreja, [3] * e * a porta da fortaleza ficou pera a [4] * parte * do mar, com seruentia pera o muro da tranqueira, e da fortaleza. Pera a ponta estauão muytas casas d'olá pera aposento da gente, o que tudo estaua seguro, porque da banda do mar era forte penedia em que arrebentaua o mar, sem auer nenhuma entrada pola banda de fóra, e pera a banda da baya, que tambem era penedia, onde ouve lugar se fez hum muro com huma porta, e diante um caez mettido no mar seis braças, pera desembarcar a gente, e sobre a porta fez hum cubello com huma gorita de vigia com hum sino; e ao longo da ponta mandou assentar tiros grossos pera a banda da baya, e junto desta porta do caez fez casas grandes de pedra, cobertas de telha, pera feitoria e almazens de mantimentos e monições, e diante hum grande terreiro, em que se concertaua o gengibre com barro pera a carga, porque sem assy ser barrado entraua nelle o bicho que lhe fazia muyto dano, e o barro o conserua e faz mais forte em sua perfeição pera sempre. E á porta do muro fez huma ponte de madeira sobre a caua, leuadiça, que de noite se aleuantaua per cadeas de ferro e ficaua encostada sobre a porta; e per dentro se abrirão poços d'agoa, mas toda achauão salobra, e nom bebião senom do poço de fóra, que tinha muyto boa agoa; e ficou a fortaleza muy forte, a que o Visorey pôs nome [5] * Santãogil, * como o

[1] * gentes * Aj. [2] Foi o que nos pareceu dever substituir á palavra * apertada, * que se lê em ambas as copias. [3] * que * Aj. [4] * banda * Aj. [5] * Santangelo.

castello de Roma, per assy estar situada sobre agoa: o que de todo foy acabado até Março de quinhentos e outo.

ElRey de Cananor nunqua em nada lhe foy á mão, inda que os Mouros lho muyto bradauão, a que ElRey respondia que a ponta era dos Portuguezes, que ElRey seu thio lha dera, que elle nom lha auia de tirar, que do muro pera dentro podião fazer o que quisessem. O Visorey proueo a fortaleza de muyta artelharia, toda a que trouxe d'Angediua: e porque os bombardeiros disserão ao Visorey que a agoa de Cananor era muyto boa pera refinar salitre, que aly se faria muyto boa poluora, o Visorey ordenou e mandou fazer casa apartada, e engenhos de pilões em que se pisaua o caruão, e mandou uma carta a Timoja a Onor com huma carauella, porque em Onor auia muyto e bom salitre, polo que logo o Timoja lhe mandou a carauella carregada, com o que se fez poluora muyto melhor que a de Portugal, porque o enxofre era mercadoria que os Mouros tratauão, e auia muyto. E per caso deste salitre o Visorey fez muytas amizades ao Timoja. O Visorey deixou aquy em Cananor huma peça grossa, que se chamaua a ortiga, que pôs na ponta de Cananor, que deitaua hum pelouro de ferro coado aos Ilheos de Tramapatão, que são duas legoas de Cananor. Na ponta sobre o mar estaua huma ermida chamada Nossa Senhora da Victoria; junto della mandou o Visorey fazer huma casa d'esprital, de pedra, e junto sua botica de mezinhas, porque lhe disserão os fizicos que Cananor era muyto bom pera feridos, e tambem pera os doentes que viessem nas naos do Reyno; e pera todalas outras doenças era muyto bom Cananor, porque então os homens com o trabalho e mao comer, e se desmandarem com as molheres, bebião muyta agoa, que lhe fazia inchar as barrigas, e amarellos, e opadaços, e lhe inchauão as pernas, e nunqua erão sãos até que morrião; e destes doentes auia muytos em Cochym, que o Visorey per conselho dos fizicos mandaua trazer a Cananor, que nom consentião sayr fóra da fortaleza, e tornauão á sua perfeita saude em pouco tempo; no que o Visorey por seruiço de Deos fez grande prouimento pera o gasto destes doentes.

Estando o Visorey pera partir lhe chegou huma carta d'ElRey de Cochym, e hum barco esquipado, em que lhe dizia que Dom Lourenço era hido a Cambaya, e que lhe ficarão muytas naos, que agora era o tempo que auião de partir, e que muyto compria que fossem com guarda até passar Dabul; que a ysto désse remedio, e se tinha outra armada

pera mandar com estas naos. O Visorey, visto o recado, escreueo huma carta a Dom Lourenço, que se tornasse pera leuar as naos que ficarão; e mandou o parao que lha leuasse, porque hia bem esquipado; o que o barco assy o fez, que foy dar a carta a Dom Lourenço.

O Visorey se partio de Cananor, deixando tudo bem prouido, e se foy a Cochym, onde chegado foy visitar ElRey de Cochym, e lhe deu conta do que deixaua feito, do que ElRey mostrou muyto prazer, e lhe falou no recado que lhe mandára polo catur, que o Visorey lhe disse que mandára com carta a seu filho, que logo viria. ElRey lhe disse que tinha muyto medo que de Panane sayssem alguns paraos fazer mal em suas naos, pera vingança do mal que lhe fizera. O Visorey, que muyto desejaua contentar ElRey, lhe disse: «Senhor, eu em [1] *pessoa* acompa-» «nharey tuas naos até as entregar a meu filho; e por tanto manda que» «logo se fação prestes, porque eu me vou estar na barra embarcado» «até que ellas sáyão do rio.» E assy o fez, que aquelle dia esteue em terra despachando algumas cousas, e ao outro dia se foy estar na barra porque as naos mais asinha se despachassem; ao que ElRey mandou dar muyta pressa, que logo as naos sayrão do rio, que erão muytas, e outras que vierão de Coulão, com que o Visorey com todas em companhia se partio, leuando o bargantym e carauella ao longo da costa; com que chegou a Cananor e sorgio ao mar, e esperou que se ajuntassem com elle muytas naos de Cananor, e de seus portos de Marabia, e Tramapatão; e estando assy esperando no bergantym foy a terra, e andou vendo a obra que era feita, e vio que era necessario inda fazer outro muro além do que era feito, pera que antre hum e outro ficasse espaço pera se fazerem casas pera aposento da gente, porque as casas da ponta nom podião viuer nellas no inuerno, porque o vento e tempestade do inuerno as desfazia; e mandou ao Capitão que abrisse outra caua além do muro, em que ficasse antre hum e outro tres braças de vão, e a pedra recolhesse pera fazer o muro, e que a caua assy cortasse de mar a mar. E o Visorey foy ver o lugar, e pareceolhe pouco o vão de tres braças, e mandou que ficasse vão de trinta passos; e porque ao Visorey pareceo que sobre este muro aueria alguma contenda, mandou ao Capitão que a caua fosse de duas braças de largo, e alta até o [2] *andar do mar,* e recolhesse toda'

[1] *paga* Aj. [2] Assim vem em ambas as copias.

pedra, e tiuesse prestes muyta cal, porque como elle tornasse [1] * faria * a obra, porque se ElRey nom consentisse, por força o auia de fazer. No que o Capitão tomou muyto cuidado, logo mettendo os pedreiros a cortar a caua, que era em pedra viua. E o Visorey se partio leuando muytas naos em sua companhia, e foy até os Ilheos de Sancta Maria, onde achou Dom Lourenço, que vinha pela carta que lhe leuára o catur, o que era já em Feuereiro, polo que o Visorey, entregando as naos a Dom Lourenço, elle se tornou a Cananor, onde já achou grande parte da caua aberta, e muyta pedra, e cal, polo que logo se pôs mão no muro, muy largo, e forte, com seis bombardeiras, que como era çarrado logo nelle era assentada huma peça grossa. Neste muro deixou a porta á banda da baya com a propria [2] * ponte * leuadiça, como já disse, que se leuantaua per cadeas de ferro; e no meo do muro fez huma gorita sobre a mina do poço que ficaua de fóra, e no cabo do muro da banda do mar fez huma torre com o sino da vigia, que tinha dous tiros ao longo da caua e em cyma outros dous, e em cyma antre as ameas postos berços; com que a fortaleza ficou muy forte.

Fazendo esta obra os Mouros muyto acusauão a ElRey porque o consentia, e elle respondia que a ponta era sua, que tudo podia fazer o Visorey, e todauia, por comprazer aos Mouros, mandou dizer ao Visorey que pera antre bons amigos era escusado tantos muros. O Visorey lhe respondeo que elle nom fazia aquelles muros pera a elles se recolherem os Portuguezes quando os Mouros os viessem buscar, e pelejar, porque quando ysso fosse, elle em pessoa os viria guardar, sómente fazia aquelle muro porque os Portuguezes nom sayssem fóra, senom com licença do Capitão, mas que o fizera pera antre elle e a fortaleza se [3] * aposentar * a gente, porque nas casas da ponta nom podião estar no inuerno; mas que antre bons amigos, onde estaua verdade, nom se auia de tomar sospeita, mas que nom fizera o muro senom porque as casas dos Portuguezes nom ficassem de fóra, o que tudo era seu, e pera seu seruiço em quanto elle quisesse: com que ElRey se mostrou satisfeito e contente, fazendo o pouo boa amizade com os nossos. Sendo o muro no andar das amêas, o Visorey deixou em Cananor toda a gente pera qualquer cousa que comprisse,

[1] * acabaria * Aj. [2] * porta * Aj. [3] Lê-se * apontar * na copia do Arch., e * apartar * na da Aj.

e então se fossem com Dom Lourenço quando [1] * se viesse ; * e deixou auiso ao Capitão de todo o que compria, e se partio pera Cochym com [2] * sós * dous nauios.

Chegado o Visorey a Cochym repousou alguns dias com muytas visitações que lhe ElRey fazia, com muyto contentamento de ver como folgaua de lhe fazer a vontade; e o Visorey quando se partio deixou recado ao feitor que muyto grangeasse os mercadores, e Regedores, porque com todos tinha muyto que fazer; e achando nisto bom recado, hum dia foy vêr ElRey, e lhe falou, muyto lhe pedindo por mercê que ouvesse por bem que a pimenta se pezasse com nossos pezos e balanças, porque a balança da terra era de hum só braço, e os pezos erão pedras, com que sempre auia referta de bem pezar, e mal pezar, de que os mercadores ás vezes hião aggrauados. De Portugal escreuião os officiaes d'ElRey que achauão muy grande falta polo erro do pezo de quá, e ElRey seu irmão lho escreuia, que nysso lhe falasse pera que nysso ouvesse alguma emenda, o que todo se remediaua se o pezo fosse desenganado com nossas balanças e pezos, que tudo perante os mercadores se podia bem liquidar, e alealdar, pezando as pedras com os nossos pezos; que tudo seria feito com tanta verdade, que nom ouvesse que refertar, porque as nossas balanças, sem ninguem lhe pôr a mão, mostrauão a verdade, assy pera o comprador como pera o vendedor; e que os direitos que lhe pagauão os donos da pimenta polos rios [3] * e * suas portagens porque passauão, que aly ao pezar da pimenta seus escriuães farião sua conta, e tudo junto aly lhe pagarião, onde lhe nom poderião esconder nada, e ysto assy feito seria melhor pera os mercadores, que com seus tonés da pimenta nom farião detença; e seus escriuães sempre estarião presentes ao pezo: o que tudo pareceo a ElRey muyto bem, e aos Regedores, que sobre ysso praticarão; e postoque ElRey vio que era bem seu, todauia o queria encarecer ao Visorey pera mais o obrigar, dizendo que assy lhe parecia bem, mas parecia que desfazia de seu regimento antigo, e costumes que seus antecessores [4] * tiuerão ; * e que fazendo agora nouidade cuidarião que era por acharem falsidade em seus pezos, mas que por ser seu grande amigo queria que se fizesse como elle queria, mas que pera ysso fossem chamados todos os

[1] * viessem * Aj. [2] * seus * Aj. [3] * em * Aj. [4] * fizerão * Aj.

Regedores, [1] * védores * da fazenda, e os principaes mercadores, e escriuães, e presentes todos se fizesse 'alealdação, e feito todo, se escreuesse e assentasse pera sempre. E disse ao feitor que quando pagasse a pimenta aos mercadores fosse perante seus escriuães, que fizessem conta de seus direitos, e que logo lhos descontasse, e lhe ficassem na mão, pera elle lhos pagar acabada a carga, e partidas as naos pera o Reyno. O que logo se pôs em obra, e se fez a dita alealdação, com que os mercadores folgarão vendo a nossa balança armada tão direita; e pezadas as pedras com os nossos pezos, se liquidou que o bár de Cochym pezaua tres quintaes e trinta arrateis do pezo velho, e do pezo nouo dous quintaes, e tres arrobas, e dez arrateis, per que feita a conta do custo se achou valer o quintal da pimenta mil e quinze reis e meo justamente; o que assy * foy * assentado e liquidado no pezo, e direito como hoje em dia val.

E porque a pimenta se carregaua nos batés das naos, em que auia muyta detença na carga, porque carregauão pouco, e a gente do mar se estoruaua do seruiço das naos, dos pendores e corregimentos, mandou o Visorey fazer quatro paraos grandes, que cada hum carregaua como dous batés, em que andauão marinheiros da terra, que o feitor pagaua, com que se daua grande auiamento á carga.

Tambem o Visorey proueo sobre os escrauos dos Portuguezes, de que ouve enformação que nos trabalhos das obras, e nos seruiços dos nauios no mar, e nos feitos da guerra ajudauão seus senhores, e morrião como valentes caualleiros, o que tudo era em seruiço d'ElRey. Parecendolhe que era razão que se pagassem estes seruiços quando na guerra matassem os escrauos, porque ElRey lhe nom fosse neste encargo pôs em soldo alguns escrauos, e outros a mantimento sómente, dos quaes primeyro tomou muyta enformação do merecimento de cada hum, o que assy tambem fez com os escrauos dos officiaes, que tomou enformação que trabalhauão e ajudauão como seus senhores, sobre estas cousas feitos autos de muytos exames: o que o Visorey assy fez, porque era muy inclinado aos pagamentos dos seruiços dos homens, porque com seus olhos via seus grandes trabalhos. Destes feitos destes soldos ouve ElRey por mal, porque per mexericos o pintarão a ElRey muy ás vessas da verdade, e mandou que se riscassem, e tambem mandou ElRey que na casa da In-

[1] * vereadores * Aj.

dia pagassem os homens direitos d'alguns escrauos, que o Visorey lhe fazia forros dos direitos polo seruiço da bomba, e trabalhos que passauão nas naos até chegar ao Reyno, porque erão escrauos valentes homens pera o trabalho. E porque o Visorey fazia estas cousas com muy justos respeitos e direita razão, [1] * e via que ElRey o desfazia sem disso lhe pedir razão, * e que ElRey desfazia as boas cousas que elle fazia, sómente polos mexericos que lhe escreuião, era o Visorey muy anojado em seu coração, e tinha [2] * grandes desgostos * do que fazia; e sabia o Visorey que os móres contrarios que tinha erão os Capitães das naos da carga, porque elle os muyto castigaua polos males que fazião á gente na viagem, e nas mercadarias defezas que trazião, e cousas que lhe nom consentia carregar, polo que hindo assy aggrauados do Visorey dizião delle grandes males a ElRey, e lhe afeauão as cousas do Visorey em tal modo que as desfazia.

CAPITULO IX.

COMO CHEGARÃO A COCHYM TRES NAOS DA COMPANHIA D'AFONSO D'ALBOQUERQUE FOGIDOS, QUE FORÃO AFONSO LOPES, MANUEL TELLES, ANTONIO DO CAMPO, QUE TODOS SE QUEIXARÃO AO VISOREY, E A REPOSTA QUE LHES DEU.

PASSADAS as cousas que atrás contey, sendo o mez d'Abril, portarão na barra de Cochym tres nauios, que o Visorey, e todos, cuidarão que erão naos de Portugal das que nom passarão; e logo os Capitães nos batés forão a terra, e feita oração na Igreia, se forão ao Visorey, que os aguardaua na ramada, assentado com os fidalgos que com elle ficarão, que erão poucos, porque todos erão hidos com Dom Lourenço. Os quaes erão Afonso Lopes da Costa, Manuel Telles, Antonio do Campo. O Visorey os recebeo com cortezias, e os mandou assentar. Elles nom quiserão; polo que logo Afonso Lopes da Costa falou ao Visorey, dizendo, falando por todos: «Senhor, vedesnos aquy, todos tres vimos fogidos d'Afonso» «d'Alboquerque, que he tal em seus feitos e condições, que antes aquy» «queremos estar em ferros, que andar com elle recebendo tantos males» «e injurias como nos tem feito; e tudo sofreramos, e muyto peor, se»

[1] Falta na copia da Aj. [2] * grande desgosto * Aj.

«elle andasse fazendo cousas de seruiço d'ElRey, mas seus erros são»
«taes, que Vossa Senhoria he muy obrigado ao mandar vir, e o man-»
«dar pera o Reyno dar conta a ElRey das cousas que tem [1] *feito,*»
«de que pedimos a Vossa Senhoria que mande perguntar a gente que»
«vem nestes nauios, per apontamentos que daremos, que muyto impor-»
«tão a Deos e ao seruiço d'ElRey nosso Senhor, porque seus erros são»
«dinos de grande castigo; e nos vimos e o deixámos, porque tendo elle»
«guerreado e apertado Ormuz em tal maneira, que o Rey d'Ormuz lhe»
«daya hum conto de xarafins, e lhe dera dous, e quanto lhe pedira,»
«elle nada quis aceitar, sómente que lhe entregasse a cidade, 'o que nós»
«todos lhe bradamos fortemente que nom perdesse tanta riqueza. Elle,»
«por nos cegar os entendimentos, tudo nos denegaua, e que nada toma-»
«ria senom a cidade, pera a fazer tributaria a ElRey nosso Senhor, co-»
«mo lhe elle em seu regimento mandaua. Em contrario disto, com re-»
«cados secretos, recolhia muytas peitas de grosso dinheiro e riquas pe-»
«ças, ordenando fazer concerto de algum pouco tributo, recolhendo gros-»
«sa peita que por ysso lhe dauão em secreto, do que nós auendo verda-»
«deira enformação lhe diziamos como era razão; polo que se fez tão»
«forte e iroso contra nós, e tão izento, fazendo cousas tão desuairadas»
«e deshonestas, que parece que nenhum temor tem de Deos, nem d'El-»
«Rey, como homem de algum errado fundamento que nom haja de tor-»
«nar a Portugal. Os que com elle ficão andão amotinados a se aleuan-»
«tarem contra elle ou se deitarem com os Mouros, porque a todos trata»
«como negros catiuos. E João da Noua, que com elle mandou Tristão»
«da Cunha pera na monção se vir, e hir pera o Reyno, e leuar as no-»
«uas a ElRey do que fosse feito, com esse temor o nunqua quis deixar»
«vir; pedindolhe licença muytas vezes, com rogos, e despois com re-»
«querimentos nunqua o quis deixar vir, temendo que Vossa Senhoria»
«soubesse seus feitos; antes sobre ysso o enjuriou, e lhe arrepelou as»
«barbas, e deu bofetadas em nossas presenças. Nom valendo nossos ro-»
«gos lhe mandou deitar ferros, e metter na bomba de sua nao, e por-»
«que nós disto nos aggrauámos, e lho dissemos, como era razão, nos»
«fez taes injurias, que se nom foramos verdadeiros christãos, e leaes»
«Portuguezes, como homens desesperados, por nossas mãos fizeramos o»

[1] *feitas* Aj.

« que nunqua se fez a nenhum Capitão que mandasse gente. Mas temen- »
« do Deos e a ElRey nosso Senhor, e confiados na muyta justiça que »
« temos, e confiamos que nos Vossa Senhoria fará e guardará, ou nom »
« querendo entender em taes cousas nos enuiará ao Reyno a Sua Alteza, »
« que nos ouça de justiça, e satisfará de nossas injurias, que por nos- »
« sas honras aquy em pubrico nom he bem que digamos, por serem »
« cousas muy deshonestas, o que mostraremos por inquirições que traze- »
« mos, [1] pedimos a Vossa Senhoria da parte d'ElRey nosso Senhor, que »
« as testemunhas nos mande reperguntar, e de nouo perguntar per no- »
« uos apontamentos, que daremos, dos grandes erros que tem feitos Afon- »
« so d'Alboquerque ao seruiço de Sua Alteza, como dos males, e inju- »
« rias que nos fez, no que nos fará mercê e justiça, pois ante Vossa Se- »
« nhoria estamos, pera tambem de nós a fazer nas culpas que tiuermos. »

O Visorey em quanto Afonso Lopes falaua estaua riscando no chão com huma cana que trazia na mão, e acabado de falar Afonso Lopes, o Visorey encostou a face á cana sobre sua mão, e olhando pera elles lhe respondeo com seca palaura: « Emfim que deixastes a bandeira d'El- »
« Rey meu Senhor, no seruiço em que vos elle mandou do Reyno, a »
« elle hirês disso dar conta. Tenho eu muyto pezar [2] * de quanto * ten- »
« des dito de hum homem como Afonso d'Alboquerque, que ElRey meu »
« Senhor encarregou de hum tamanho seu seruiço, se nelle ha taes des- »
« uarios como dizeys; mas por muyto peor que fôra do que vós dizeys, »
« nom vos sinto desculpa a vosso erro, que he dino de grande castigo »
« em vossas pessoas e fazendas; polo que nom ouvestes bom conselho »
« no que fizestes. De Manuel Telles me nom espanto, porque a sua nao »
« costumada he a hir por onde lhe apraz, e sem nenhum temor se tor- »
« na a seu Capitão mór, que por ysso lhe nom deu nenhum castigo. »
Afonso Lopes da Costa disse ao Visorey: « Senhor, quando Vossa Se- »
« nhoria souber a verdade farnosha muyta mercê, por sermos martires »
« pacientes, sem acodirmos por nossas honras. » O Visorey lhe respon- deo: « Bem vejo que na confiança da muyta bondade d'ElRey meu Se- »
« nhor vos viestes, deixando sua bandeira no campo. Se eu fora presi- »

[1] * *que* pedimos * é o que vem em ambas as copias. Supprimimos a conjuncção que transtornava o sentido, por um abuso frequente em escriptores d'aquelle tempo. [2] * disto que * Aj.

«dente Romano, ou tiuera regimento de Italia, já vosso caso tiuera sen-» «tença executada.» Afonso Lopes tirou huns papeis, dizendo: «Se-» «nhor, veja Vossa Senhoria estes papeis, e faça direita justiça.» Ao que o Visorey respondeo: «Fazer justiça nom [1] * posso. *» E se aleuantou dizendo: «Guardai vossos papeis; virá Afonso d'Alboquerque, e hirês» «com elle ante juis que vos entenda, e ouça sua razão, e por emtanto» vos hide a Cambaya, e vos ajuntai com Dom Lourenço, e com elle vos» «virês.» Com que elles muyto folgarão. Então o Visorey os mandou prouer de mantimentos e cousas que auião mester, e se partirão de Cochym, e acharão tanto o tempo contrario, que nom forão a Chaul senom muy tarde, e sendo partidos o Visorey mandou ao Ouvidor que perguntasse a alguns homens que ficarão em terra, e seus ditos tiuesse guardados, e em secreto soube do Ouvidor que os homens que perguntaua falauão contra os Capitães. Polo que ficou arrependido, porque nom mettera os Capitães em ferros, e tiuera a bom recado até Afonso d'Alboquerque vir, e assy o determinou de fazer tanto que ellês tornassem com Dom Lourenço, o que a fortuna desuiou, como adiante direy.

CAPITULO X.

DE COMO O VISOREY, A REQUERIMENTO D'ELREY DE COCHYM, FEZ HUMA CASA FORTE ANTRE OS RIOS DE CRANGANOR E COCHYM, A QUE SE CHAMA O CASTELLO DE CYMA, E OUTRAS COUSAS QUE ASSENTOU, E HUMA PRATICA D'AMOESTAÇÃO QUE TEUE COM GASPAR PEREIRA SACRETARIO.

Estando assy o Visorey muyto no amor d'ElRey, e de todos os Regedores, e dos principaes da terra, que elle a todos muyto grangeaua, pera os ter da sua mão pera o que comprisse, ElRey lhe muyto rogou que mandasse fazer hum castello forte na estrema de dous rios principaes, que vinhão de Cranganor e da parte de Cochym, * e * aly se estremauão, que era o principal passo per que o Rey de Calecut quisera passar esta derradeira vez, e seria pera guardar este passo, e tambem guardaria que nenhuns tones de pimenta passassem pera Calecut, e pera Cranganor, onde carregauão zambucos e barcos pequenos, que a leuauão a Calecut pe-

[1] * faço * Aj.

ra a [1] * carregação das * naos de Meca; o que pareceo muyto bem ao Visorey, e logo mandou fazer huma casa forte sobradada, no lugar que ElRey disse. E por baixo lhe pôs dous tiros grossos contra os rios, e no sobrado coatro falcões, e dous bombardeiros e hum Capitão com outo homens. A qual capitania deu o Visorey de palaura a hum Luiz Aluáres, bom caualleiro, homem de idade, que tinha muyto seruido, pera que aly estiuesse, com ordenado que sómente abrangia a sua mantença. E porque o Visorey lhe nom mandou logo fazer o aluará, o sacretario Gaspar Pereira, atreuido em seu cargo, fez hum aluará deste castello a hum homem de sua valia, confiado que o Visorey o assinaria, e lho apresentou que o assinasse, de que o Visorey ouve paixão, e lhe disse: «Esta ca-» «pitania tem já dada o Visorey da India, porque o cargo he seu.» De que o Gaspar Pereira se mostrou muy aggrauado, e falaua contra o Visorey males, que dizião ao Visorey. E a casa foy feita muy forte, e prouida do necessario, com os homens e seu Capitão, o que tudo quisera pagar ElRey, mas o Visorey nom quis, dizendo que ElRey lhe mandaua que á sua custa fizesse todas as despezas, que comprissem pera segurança de seu Reyno. Do que ElRey ouve muyto prazer, vendo as grandezas de amizades que lhe o Visorey fazia.

O Visorey, vendo assy ElRey tão contente, lhe falou na muyta pimenta que as naos de Cochym leuauão a Cambaya, dizendo que lá nom podião vender suas mercadorias sem alguma mistura de pimenta, que de Cambaya leuauão as naos pera Meca, e corria ao Cairo, e a Veneza ás vezes tanta, que abatia a venda de Lisboa; o que ElRey muyto encarregaua ao Visorey que ysto atalhasse quanto podesse: polo que o Visorey ysto falando a ElRey tiuerão sobre ysso grandes debates, dizendo que não leuando pimenta em Cambaya nom venderião, nem carregarião suas naos. O Visorey já desta cousa tinha tomado muyta enformação, polo que vendo que tal nom podia de todo tolher, concertou com aprazimento d'ElRey, e dos Regedores, e mercadores, que sómente leuassem todas naos que fossem a Cambaya até mil quintaes; e fez o Visorey esta diligencia porque ElRey de Portugal visse que elle fazia o que lhe encomendaua, porque elle tinha bem sabido que a pimenta que corria a Veneza nom era esta de Cambaya, senão a pimenta que as naos de Meca vi-

[1] * carregarem * Aj.

nhão buscar a Çamatra, [1] *em* que carregauão quanta querião, e fazião sua nauegação per antre as Ilhas de Maldiua; e tambem muytas naos da India andauão neste trato, em que fazião grande proueito: e porque polos rios de Cranganor corria muyta pimenta, que carregauão pajeres e paraos, que a leuauão a Calecut, o Visorey escreueo a ElRey que seria bom fazer hum castello sobre a barra, que tolhesse que nom saysse por aly esta pimenta.

O Visorey, vendo o muyto que importauão as drogas que vinhão das partes de Malaca, desejoso de tudo saber pera elle as mandar buscar com seus nauios, pera auer verdadeira enformação desta cousa antes que a emprendesse, e sabendo que a mór quantia destas drogas vinhão pola via de Choromandel, porque em muytos portos daquella costa carregauão muytas naos de roupas e mantimentos, com que passauão a Malaca que trocauão as drogas, afóra outras muytas naos que hião do Malabar e Cambaya, que andauão neste trato das drogas a troco d'outras muytas mercadorias, polo que o Visorey escolheo coatro homens de sua vontade, e os mandou á costa de Choromandel em naos de mercadores de Cochym. Aos quaes o Visorey deu muytos assinados de seguros, que elles dessem a quaesquer mercadores que quisessem vir a Cochym com suas drogas, e com quaesquer outras fazendas; e lhes encomendou que, se podessem, passassem a Pegú, e a Bengala, e tudo vissem, e tomassem muyta enformação pera de tudo lhe darem recado; e sobre tudo lhe encomendou que tomassem muyta enformação da casa do Apostolo San'Thomé, que lá estaua, segundo tinha enformação per alguns homens do Malauar, que dizião serem christãos da ensinança do sancto Apostolo, do que tinha muyto desejo de saber a verdade. Deu o Visorey a estes homens algumas mercadorias que leuassem, porque parecessem mercadores. Destes homens morrerão dous, e os outros dous tornarão, que derão ao Visorey grande enformação de todalas cousas. Aos quaes o Visorey mandou a ElRey com sua carta de crença, pera que enformassem a ElRey do que virão e souberão, como adiante direy.

O Visorey, sabendo que o sacretario detraya delle, porque com seu cargo era muyto soberbo, e o Visorey era em sy muy confiado, e grandioso, e de muyta opinião, quis que o sacretario escreuesse a ElRey to-

[1] *e* Aj.

dalas cousas que elle fizesse, porque lhe parecia que em nada erraua, porque nada era cobiçoso, e * era * muy zeloso da justiça, com muyto satisfazer e pagar os seruiços dos homens, com que trazia muyto o ponto na honra e muy inclinado a fazer todas ás cousas em tanta perfeição, que ellas per sy testemunhassem a verdade, e com esta opinião nada escreuia a ElRey do que fazia. E dizia em pratica que nenhum mór erro podia auer em hum homem de primor, que contar e escreuer de suas cousas, porque se erão boas se ficaua gabando dellas, * e * era a mór falha com que perdia todo o seu preço; e [1] * louvaua * muyto o grão Capitão Gonçalo Fernandes, que [2] * andando * na guerra de Napoles nom escreuia aos Reys de Castella nada do que fazia, e das cousas que forçadamente auia de dar razão, mandaua homens, que erão presentes nas cousas, com seus escritos de crença, que contauão as cousas como passauão, e sobre tudo seu sacretario que tinha, que tudo escreuia e notificaua aos Reys.

O Visorey quis leuar este modo em suas cousas, e muyto encarregaua que todalas cousas escreuesse a ElRey, porque elle tinha tantas ocupações que o nom podia fazer; e respondesse, e escreuesse todalas cousas como passauão, e confiaua que assy o faria, polo que o Visorey nada assinaua, nem escreuia a ElRey, senom cartas de crença que comprião; com que o sacretario se muyto engrandeceo, confiado que era a segunda pessoa da India, pola obrigação em que lhe seria o Visorey em escreuer delle mal ou bem, e que em seu escreuer estaua toda sua saluação do Visorey; e com a vaidade que em sy tomou o sacretario, cuidando que tinha todo poder, tinha estado de andar sempre acompanhado de muytos que trazia nos despachos, e com esta opinião algumas vezes queria hir á mão ao Visorey em algumas cousas que mandaua, e como o Visorey assy era grande nom lançou mão disso como deuera, mas nysto perseuerando, o Visorey o amoestou algumas vezes, dizendo que se não fizesse tanto seu praceiro; mas o sacratario hia seu caminho, e fazia prouisões de cousas que o Visorey nom mandaua, como fez a prouisão da capitania do Castello de cyma. O Visorey, conhecendo a doença do sacretario, hum dia presentes alguns fidalgos, e o Capitão Dom Aluaro, lhe disse: « Gaspar Pereira, vós sois de tão nobre condição, que daes » « as cousas que eu nom mando, e fazeys as prouisões, que eu nom as- »

[1] * louva * Arch. e Aj. [2] * andou * Arch. e Aj.

«sinando ficaes vós bom, e eu não, e as partes de mym escandalisadas,»
«e comvosco amigos: o que vos mando que nunqua mais façaes, e na-»
«da deys sem mo pedir. Fazey vosso officio directamente, como deueys»
«a Deos, e a ElRey meu Senhor, que o de vós confiou sob o cargo do»
«vosso juramento, e se vos nom emendardes farey outro Gaspar Perei-»
«ra.» O sacretario quisera responder, mas o Visorey lho nom consentio, dizendo que com elle nom auia d'estar em regatarias, e *deixar* que falasse alguma palaura que fosse merecedora de castigo, que elle muyto [1] *estimaria* dizerem que tinha competencias com seu official. Polo que d'ahy em diante o sacretario lhe ficou capital imigo, escreuendo a ElRey delle grandes males; e lhe escreuia que porque o Visorey em seu escreuer auia de dar conta dos seus erros por ysso lhe nom queria escreuer, tratando modos simulados, porque se elle como sacretario os escreuesse lhe buscaria contraditas; e dizia que as cousas da India erão pouquidades que elle nom podia escreuer. E estas sostancias tambem Gaspar Pereira as escreuia aos do conselho, e aos Vedores da Fazenda, dizendo que a elles nom escreuia polo auer por seu desprezo, e que fazia males a seus criados, e nom estimaua suas cartas de pessoas que lhe recomendauão, porque tudo daua a seus criados, e outros grandes males que Gaspar Pereira escreueo a ElRey. O Visorey o soube despois por cartas que do Reyno lhe escreuião, como adiante direy.

CAPITULO XI.

COMO DOM LOURENÇO COM SUA ARMADA, COM QUE FOY A CAMBAYA DAR GUARDA A'S NAOS, ANDOU FAZENDO ALGUMAS COUSAS, E ESTANDO NO RIO DE CHAUL LHE FOY DADO AUISO QUE ERÃO OS RUMES ENTRADOS EM DIO, E O QUE SOBRE YSSO FEZ.

Dom Lourenço foy pera Cambaya com as naos que lhe entregára seu pay, leuando em sua armada doze velas, [2] *a saber:* huma naueta em que elle hia, e em outra Pero Barreto, e outra Manuel Paçanha, e outra Gonçalo Pereira, e outra Pero d'Ornelas, e Pero Cão em huma carauella latina, e outra Lisuarte Pacheco, e outra Diogo Lobo, e em huma galé

[1] Na accepção de receiar ou sentir. [2] Falta na copia da Aj.

Payo Rodrigues de Sousa, e outra [1] *galé* Diogo Pires de Mello, e Francisco d'Atouguia no bergantym, e nesta armada até seiscentos homens brancos. Andou correndo a costa, e como crecerão os noroestes se veo metter no rio de Chaul pera hy aguardar e ajuntar as naos, e com ellas se hir a Cochym, porque Chaul estaua de paz com seguro do Visorey. Onde assy estando, hum dia em huma almadia veo hum Bramane, que entrou na nao, e deu a Dom Lourenço dous cachos de uvas de presente, com que elle muyto folgou, e Dom Lourenço lhe deu por ysso hum pano de seda, e lhe perguntou se queria alguma cousa. Elle lhe disse que queria com elle falar apartado, polo que Dom Lourenço se apartou, e o Bramane polo lingua lhe disse que lhe nom trouxera as uvas senão per achaque, pera lhe poder falar, e lhe disse: «Senhor, sabe certo» «que he verdade que eu venho da cidade de Champanel a grã pressa,» «por te dar humas más nouas; onde a Champanel chegarão cartas de» «mercadores de Dio pera outros seus amigos, e cartas de Melequiaz Ca-» «pitão de Dio, que passarão pera ElRey, em que lhe dá conta que os Ru-» «mes erão chegados a Dio, [2] *com* que ouve grande aluoroço, dando» «os mercadores muytas aluiçaras com grande prazer, porque tem elles» «muyta esperança que deitarão os Portuguezes fóra da India, com que» «elles ficarão poderosos em seus tratos como dantes erão, e se diz que» «são naos e galés com muyta gente armada, e que estauão [3] *concer-» «tando* pera Melequiaz em sua companhia os vir buscar aly a Chaul.» Dando o Bramene muyta enformação dos Rumes, que erão, e donde vinhão, que tudo muyto bem sabia. Com que o Bramene se despedio dizendo que por dessimulação leuaria o pano que lhe daua, e que nom deuia estar no rio, mas [4] logo se saysse fóra, porque se os Rumes viessem que logo a terra se leuantaria contra elle. Dom Lourenço deu ao Bramene grandes agardecimentos, e lhe disse que onde quer que estiuesse o viesse ver, e saberia como lhe agradecia este auiso que daua; 'o que o Bramene disse que sy.

Hido o Bramene, Dom Lourenço pôs bandeira na quadra, a que logo vierão todos os Capitães, e outros fidalgos que trazia pera seu conselho, e em conselho secreto a todos contou as nouas do Bramene, onde praticando todos tomarão duvida ao dito do Bramene, cegando seus en-

[1] Falta na copia da Aj. [2] *em* Aj. [3] *concertados* Aj. [4] *que* Aj.

tendimentos, dizendo que no rio estarião algumas naos que querião sayr pera fóra, e buscarão aquelle ardil de aleuantarem taes nouas, porque se forão certas já na terra ouvera muytos aluoroços, e que os mercadores das naos já o souberão, e o disserão; mas Pero Barreto, e Lisuarte Pacheco disserão, que como homens que o tinhão por certo, logo se deuião sayr do rio, e hir a Dio buscar os Rumes, e deixar aly na barra huma carauella em guarda das naos, e que se no caminho achassem os Rumes que pelejarião com elles no mar, que era a guerra de que se melhor podião aproueitar; e que se achassem os Rumes dentro em Dio, e elles sayssem pera fóra, os metterião no fundo com artelharia. Mas como per Deos estaua ordenado o que auia de ser, huns com outros forão desuayros e nom [1] * concrudirão * em nada. Dom Lourenço, como era de grande animo, estimou ysto em menos que todos, dizendo que folgara ter vento pera Dio, porque lá ouvera d'hir inda que a noua fòra mentira, mas todauia lhe parecia bem estar fóra do rio; o que outros disserão que era escusado, porque quando elles viessem nom seria muyta detença em sayrem fóra, mas que estando sobr' amarra os nauios se desaparelharião, que nom prestassem pera nada, e que se a noua fosse certa nom tardaria o rebate na terra, e então se determinarião no que ouvessem de fazer; no que assentarão todos, vendo a terra estar muy assocegada.

Como esta noua de Rumes fizerão consulta corenta homens do mar, pera se hirem pera os Mouros, per induzimento de recados que lhe mandauão dous marinheiros que fogirão na barra de Dabul, que lhe mandauão dizer que os Mouros lhe dauão cada mez vinte pardaos d'ouro, com que estes fizerão este abalo; o que foy descoberto a Dom Lourenço, que teue muyta dessimulação, e deu auiso aos Capitães que dessimuladamente tiuessem muyta vigia, e os batés fechados com cadeas e cadeados. E por industria do lingoa fingio que andaua em concertos com o Tanadar de Dabul, que lhe entregaua os dous marinheiros que lá andauão, e lhos entregaua em ferros porque lhe désse seguro a seu porto; sobre que Dom Lourenço fingio conselho em publico com os Capitães, sobre o que tinhão differenças, mas Dom Lourenço affirmando que lho daria pera os arrenegados mandar queimar viuos; e tornaua a mandar recados e repostas, e já em todo concertados com amizade pera sempre,

[1] * concordarão * Aj.

polo que lhe auia de entregar os arrenegados que lá estauão, e outros se pera lá fogissem, e o Digar de Chaul ficaua fiador per ysso, e porque tudo ysto se passaua em pubrico em toda a armada, crião que era assy, polo que os da consulta assocegarão de sua tenção, com medo que disto tomarão.

CAPITULO XII.

EM QUE SE DECLARA A VINDA DOS RUMES, E COMO SE ORDENOU A SUA PASSAGEM, E QUANTA ARMADA TROUXERÃO, COM QUE PASSARÃO A DIO EM ABRIL NO ANO DE QUINHENTOS E SETE, E O QUE MELEQUIAZ PASSOU COM O CAPITÃO DELLES.

E porque destes Rumes ha muyto que contar, tornarey hum pouco atrás. Polo que digo que os Mouros tratantes, e outros mercadores de outras muytas nações, que corrião por estas terras da India, que vinhão de Meca, a mais grossa mercadoria em que tratauão e auião mór proueito era pimenta e drogas, que desta fonte corrião per todo o mundo, o que todo corria pola via de Meca, e tambem pola via d'Ormuz, que todo hia deferir ao Cairo, de que o Turco auia muy grandes proueitos, o que tudo saya da cidade de Calecut, que era cabeça e principal cidade da costa da India, porque seu Rey era possante sobre todos os Reys de Malabar, assy em modo como Emperador; o qual tanto creceo com a muyta riqueza dos mercadores Mouros, que doze legoas que tinha seu Reyno ao longo da costa do mar todas erão pouoadas de casas, e naos, e tratos, tanto em hum cabo como no outro; assy que todas estas doze legoas erão cidade pouoada, e muy riqua de Mouros tratantes, grossos em muyta riqueza, como já contey, que hum só Mouro que Dom Vasco tomára ao Monte Dely, lhe carregaua dez naos do Reyno de pimenta e drogas, porque lhe désse a vida. E porque os Mouros de Calecut assy erão riquissimos, erão muyto validos com o Rey, mais que os grandes senhores das terras, que são pobres e não tem tratos no mar, sómente palmares que os sostem de seus gastos, que he muy pouco. E tanta amizade tomou com os Mouros hum Rey que era senhor de toda a terra do Malauar, que se tornou mouro, e deixou seu Reyno, e se foy a Meca a morrer no çancarrão. O qual sendo senhor de toda a terra do monte Dely até o cabo do Comorym, fez aos Mouros quantas honras pôde, e mandou

que qualquer malauar que se tornasse mouro [1] tiuesse todas as honras, e se podesse tocar com os Naires, inda que fosse machuha e poleá, que são tão baxas gentes, que nom andão senão polos matos, e nom podem andar polos caminhos, porque por ysso os matarão; polo qual modo muyto se multiplicou a geração dos Mouros. E quando este Rey se foy pera Meca repartio este seu Reyno, e fez delle reynados apartados, em que fez Rey de Cananor, e de Cochym, e huma sua irmã Raynha de Coulão, pera sempre reynarem nella Raynhas herdeiras, como hoje em dia he, do que mais largamente contarey em seu lugar. E a terra em que se embarcou ficou por dar, que forão estas doze legoas de costa, de que fez Rey hum seu page, e porque assy ficaua com Reyno mais pequeno o fez senhor sobre os outros, que lhe dessem obediencia, e o ajudassem nas guerras, e elle só batesse moeda; e por estas dinidades, que tinhão os Reys de Calecut, tomaua todolos tratos e mercadores pera Calecut, que se fez o maior de tratos que auia em todo o mundo, polo trato da pimenta e drogas que hy carregauão os Mouros, que leuauão a Meca, e por todolos portos do Estreito, de que o Turco auia grande riqueza de seus direitos; os quaes portos o Turco arrendaua aos seus grandes senhores das terras, em que lhes daua total poder como sua pessoa, com grandes obrigações [2] * de * acodirem com os pagamentos em seus tempos limitados.

He senhor destes portos de Meca hum grande senhor chamado Rey de Misey, que está na cidade do Cairo, ao qual falecendo as rendas de seus portos como de primeyro, perguntando pola causa, lhe foy dito que os Portuguezes tinhão tomado a India, e matauão e roubauão os mercadores, e tolhião toda a passagem pera Meca, polo que nenhum mercador [3] * nom * ousaua de nauegar, e por esta causa se perdião as rendas de seus portos. O qual Rey de Misey, querendo acodir a ysto com algum remedio, se contratou com muytos mercadores, que folgauão de ajudar, dizendo que lhe pagassem mais alguma * cousa * de suas fazendas do que pagauão, e que elle faria armada com que mandaria em sua companhia, com que lhe segurasse suas fazendas, e pelejassem com os Portuguezes se os topassem, e se comprisse a todos deitassem fóra da India: polo que vierão a concerto, e lhe derão mais a terça parte do que lhe dauão, e

[1] Acaba aqui a copia pertencente á Academia. [2] Aj. [3] De menos no Ms. da Aj.

se deitassem os Portuguezes fóra da India, que elles ficassem liures em suas nauegações como de primeyro, lhe darião o dobro do que lhe de primeyro dauão. Então se ordenou armada de naos e galés, no que se passou muyto tempo, porque se fez grande detença em se trazer a madeira, que vinha d'Alexandria em camellos a hum rio, porque trazião em aliuadoiras, que vinha ter perto do cabo do Estreito a um lugar que chamauão Arrifa e dahy a leuauão a Suez, onde se fazia a obra.

Quando se ysto andaua bastecendo, o Rey de Calecut vendose tão deneficado no mar, e na terra, com a destroição que lhe fizerão em Cochym, e tantas armadas destroidas no mar, em que tanto dinheiro gastára, e todos seus portos sem tratos, nem nauegações pera nenhuma parte, e já desconfiado que nunqua teria amizade [1] * dos * Portuguezes, mandou sua messagem a Melequiaz senhor de Dio, Capitão d'ElRey de Cambaya, o mais poderoso, e de melhor gente de guerra, e mais armada no mar, que auia em toda' costa da India; ao qual se queixou destes grandes males que os nossos lhe tinhão feitos, e como todo seu Reyno nom tinha nauegação de naos, nem mercadores, do que sua cidade de Dio, e todolos portos de Cambaya, tambem tinhão recebido muyta perda, pois lhe já nom leuauão pimenta nem drogas, e tantas mercadorias que de Câlecut lhe leuauão, * e * com suas naos de Cambaya passauão a Meca e trazião tanto proueito; e que pois Cambaya recebia tanta perda, e elle era tão grande Capitão e poderoso de gente, e tanta armada pera poder tomar vingança, que ao menos [2] * as * naos de Cochym, Coulão, Cananor, que hião aos portos de Cambaya, que os Portuguezes hião guardar, as deuia de tomar, e represar até que lhe leuassem pimenta e drogas, e com sua armada no mar guerrear os nossos, e lhe fazer toda' guerra, ao que elle ajudaria com tudo quanto elle mandasse e ordenasse.

Melequiaz era estrangeiro, mouro, de casta jáo, e por seu muyto siso e saber, e boa cauallaria valeo tanto, que ElRey de Cambaya o fez senhor de Dio: o qual vendo a messagem do Çamorym, Rey de Calecut, postoque vio que lhe falaua verdade, nom ouve o conselho por bom, porque fazendo elle mal aos mercadores, que hião aos portos de Cambaya, de todo serião perdidos, e sua cidade de Dio, porque via os nossos tão possantes na India, que já nunqua aueria forças que deitassem os

[1] * com os * Aj. [2] * nas * Arch. e Aj.

nossos da India, e de cada vez mais seria, pois assentauão fortalezas e fazião verdade com seus amigos, e cada vez em mór crecimento vinhão armadas e gentes; polo que seria erro elle romper tal guerra. E respondeo ao Rey de Calecut que bem sabia todos seus males, de que tinha pezar, que tudo fora por falta de bom conselho, e ora folgaua de saber sua vontade que tinha pera vingança, e porém lhe fazia a saber que tinha certa noua de mercadores que vierão de Meca, que auião de vir [1] * muytas * naos de [2] * ricos * mercadores que vinhão pera Cambaya, as quaes auião de trazer em sua guarda grande armada de naos e galés de Rumes, e esperaua que passarião muy cedo, e que como elles viessem auia d'ajuntar com elles sua armada, e em todo os ajudar contra os nossos, e que se podessem com os nossos, logo virião tantos que per guerra nos deitassem fóra da India; que por tanto que se deixasse estar, e emtanto fizesse nauios de guerra, e tiuesse prestes e bem concertados pera ajudar, e tomar sua parte da vingança. A qual armada mandaua o Rey de Misey, que tinha renda dos portos do Estreito de Meca, pola muyta perda que recebia em seus portos, depois que as naos lá nom passauão com drogas.

Com a qual reposta o Rey de Calecut ouve grande prazer, e mandou logo com muyto cuidado fazer muyta armada polos rios, de grandes fustas e muytos paraos, ao que daua grande auiamento, porque ElRey daua muyto dinheiro, e pera as monições, e artelharia, tinha o Rey em Calecut fundidores que lhe vierão de Meca, que os Italianos muyto industriarão, que erão já mortos como tenho dito, muyto trabalhando pera estar prestes pera a vinda dos Rumes.

Melequiaz, como muyto sabedor, sabendo a vontade com que o Rey de Calecut aprecebia 'armada, e as vontades dos mercadores de Meca, elle por colher (de desejoso de auer) todolos proueitos pera Dio e seus portos, escreueo aos mercadores de Meca, que pois dizião que estauão concertados pera passarem a Cambaya, elle estaua prestes pera os recolher em Dio com toda 'armada que trouxessem, e lhe daria quantas mercadorias e cousas ouvessem mester, e com sua armada os ajudaria [3] * a * todo o que comprisse, até se tornarem em saluo; e se ouvesse peleja, elle por sua pessoa ajudaria contra os Portuguezes, polas perdas que tinhão feito

[1] * ricas * Aj. [2] * muitos * Aj. [3] * com * Aj.

a Cambaya, e elle nom podia pelejar com os nossos nauios que erão mais poderosos, e mais poderosa 'artelharia, mas que vindo elles com armada, e elle com a sua, e outra que fazia o Rey de Calecut, que já estaua muy concertada, e com ysto lhe fazendo o campo franco, carregarião suas naos e se tornarião em saluo. O qual recado de Melequiaz ouvido em Meca polos mercadores, ouverão muyto prazer, sentindo o grande proueito que farião suas naos, leuandoas carregadas das mercadorias, de que auia tão grande falta em todolos portos de Meca, por auer muyto tempo que nom passauão; os quaes mercadores escreuerão ao Rey de Misey, que mandasse dar auiamento n'armada, porque elles estauão prestes pera passarem á India, assy como antre elles estaua concertado, e tinhão dinheiro prestes pera pagar á gente e cousas d'armada sobre seus direitos, que depois farião seus descontos. Polo que logo o Rey de Misey mandou dar grande pressa, e com muyta breuidade foy de todo acabada e aprecebida, porque os mercadores lhe derão muyto dinheiro d'ante mão, e assy os mercadores tambem muyto concertando suas naos, e bem armadas com gente de peleja, em que s'embarcarão muy ricos mercadores, com ricas mercadorias, com muyto dinheiro em ouro, e na armada dous mil Rumes muy armados, e por Capitão mór desta armada hum parente do Rey de Misey, chamado [1] * Agacem, * ao qual os mercadores muyto engrandecerão, dizendo que como chegasse á India tudo lhe [2] * obedeceria, * e tudo destroiria, porque os nossos trazião fraca armada, e a elle auião d'ajudar todolos Mouros da India contra os Portuguezes, polos grandes males que lhe tinhamos feitos, e feitas fortalezas forçadamente em Cananor, Cochym, por tolherem a pimenta e drogas, as principaes mercadorias de Meca; e porque o Rey de Calecut [3] estaua em meo, e era senhor de todo e o defendia, os Portuguezes lhe tinhão feitas tantas guerras, que de todo seus portos erão destroidos, e nom nauegauão, polo que o Rey de Calecut tinha aprecebida e prestes grande armada, pera se ajuntar com elle e o ajudar; mostrandolhe as cartas que lhe mandara Melequiaz, que tambem estaua prestes com muyta armada e gentes.

As quaes cousas ouvidas do rume Agacem, entrou nelle vaidade que

[1] Mirocem escreue Castanheda; e Barros, Dec. I, Liv. II, Cap. VI, explica o porque chamavam a este capitão Mir Hocem Côr. [2] * obedecia * Aj. [3] * que * Aj.

ficaria senhor da India, tanto que desbaratasse 'armada dos Portuguezes, e deu pressa a sua armada, e de todo concertada se veo ao porto d'Adem, onde esperauão os mercadores com suas naos, e partirão, e vierão a Dio, onde todos entrarão na entrada d'Abril deste anno de quinhentos e sete; donde logo se apartarão as naos dos mercadores, que se forão polos portos da enseada, carregadas de riquas mercadorias. Melequiaz mandou ao mar visitação ao rume com muytos refrescos. Elle fez grande salua ao porto com muyta artelharia. Ao outro dia sayo a terra com grandes honras, acompanhado de sua gente armada, e mercadores honrados, o qual Melequiaz veo receber [1] « assy » com muyta gente na praya, e ambos se abraçarão, e o leuou a suas casas. E porque o rume assy vinha com sua tanta vaidade, e mórmente por ser chamado como a soccorro, sendo assentado com Melequiaz, e praticando, lhe disse, que elle sómente vinha pera deitar fora da India os Portuguezes, e fazer a todos livres, e que por tanto primeyro queria tomar a nossa armada no mar, e depois hiria tomar as fortalezas, e nom deixaria nenhum portuguez viuo, e faria que os Rumes fossem conhecidos na India.

Melequiaz, vendo o rume tão doudo, e falar palauras vãs, lhe respondeo: « Honrado Agacem, bem sey que a ysso hes vindo, com tanta » « armada e boa gente, como te vejo, e porém do que dizes farás o que » « poderes, porque homens estamos nós quá na India que nom somos tão » « fracos como tu cuidas; mas os Portuguezes são pedras que estão met- » « tidas polo mar e pola terra, tão fortes, que grande ha de ser o po- » « der que as arranque, que ha de ser maior que o que tu trazes, que são » « muy pequenos pera as palauras tão grandes como aquy falaste; polo » « que de conselho te dou que cumpras com os mercadores do que tra- » « zes obrigação, e elles carreguem suas naos do que acharem, e se tor- » « nem seu caminho, e tu os torna a leuar e pôr em saluo, se puderes, » « e nom tomes outra fantesia de te quereres vêr com os Portuguezes. E » « se este conselho te nom parece bem, repousa e descança, que os Por- » « tuguezes estão em Chaul, e se agora soubessem de tua vinda, logo te » « hão de vir buscar, se o vento lho nom estoruar. » O rume se mostrou afrontado do que lhe disse Melequiaz e lhe disse que nunqua conhecêra os Rumes. Melequiaz lhe disse: « E tu nunqua viste os Portuguezes da »

[1] De menos no Ms. da Aj.

«India. Quando os vires, veremos quem fala mais certo.» E o rume se tornou a embarcar, e estando embarcado andauão muytos Rumes na cidade fazendo soberbas e males. Melequiaz mandou dizer ao rume que mandasse recolher sua gente, que fazião taes males que os da cidade estauão pera se aleuantar contra elles, porque se os nom mandasse recolher elle os mandaria arrecadar. Polo que o rume os fez [1] * embarcar, * e estiuerão sempre embarcados.

CAPITULO XIII.

COMO O MOURO MAMEMARCAR, QUE VICENTE SODRE' MANDOU AÇOUTAR EM CANANOR NO BATEL, SE AJUNTOU COM OS RUMES, E FEZ COM QUE O CAPITÃO FOSSE A CHAUL PELEJAR COM DOM LOURENÇO.

Mamemarcar, o mouro que Vicente Sodré mandou açoutar no batel, como atrás he contado, depois de açoutado foyse com suas naos 'Adem, onde vendeo suas mercadorias, e carregou e se tornou, e metteo em Cambaya, e dahy as mandaua nauegar e tratar. Este mouro foy o que mais trabalhou sobre a vinda dos Rumes, escreuendo aos mercadores do Estreito, e fazia com Melequiaz que o escreuesse tambem, e assy o escreuesse a ElRey de Calecut, que chamasse os Rumes, e os fizesse * apressar; * o qual auendo certeza do Estreito que auião de vir sobolo concerto dos mercadores, e que Melequiaz lho certificou, este mouro foy estar em Madrefauá, cinquo legoas de Dio, lugar de muyta madeira e muytas pertenças pera fazer nauios, onde fez um galeão muy forte á feição de nao nossa, que se podia remar quando quizesse, o qual aprecebeo de muyta artelharia, com trezentos homens muy armados, seus parentes e amigos, todos frecheiros d'arquos troquisquos, e muytas monições de fogo e arteficios, muy determinado a morrer sobre sua vingança; com que se foy a Dio, a que o Capitão rume fez grandes honras, e o mouro lhe fez presente de riquas peças, o qual logo muyto apertou com o rume, que logo partisse e fosse a Chaul pelejar com os nossos antes que se fossem, porque era muyto certo que ouvindo que elle era chegado a Dio logo auião de fogir, o que lhe muyto

[1] * recolher * Aj.

affirmaua; que por tanto nom quisesse perder tamanha honra, como ganhaua em assy logo tomar toda 'armada da India, que nom auia mais, e ahy estaua o filho do Visorey com quanta gente tinha, que elle só no seu galeão tinha muyta mais.

Do que o rume muyto se queixou, dizendo que ninguem lhe falaua verdade, porque elle dizia que os Portuguezes fogirião sabendo que elle aly estaua, e que Melequiaz lhe affirmaua que sabendo os nossos que elle aly estaua o virião buscar e pelejar com elle, se tiuessem vento: e os mercadores lhe sempre dixerão que os Portuguezes per força fizerão fortalezas em Cochym, e Cananor, e elle depois que chegara tinha sabido o contrairo; porque as fortalezas erão feitas polos Portuguezes com vontade e prazimento dos Reys, que lhe dauão a pedra e os officiaes. Assy que nom sabia quem lhe falaua verdade; que por tanto elle nom podia tomar fortalezas que os Portuguezes tinhão feitas, e tão amigos com os Reys e gente da terra; e quanto a hir a Chaul a pelejar com os nossos, elle o faria se os mercadores, que elle trazia a cargo no seu contrato, se disso [1] fossem contentes. O mouro, sentindo a pouca vontade que o rume tinha de hir pelejar com os nossos, elle se foy a Melequiaz, e com elle trabalhou muyto que por sua parte ysto nom ficasse, e fizesse com o rume, que fosse pelejar com os nossos, que nom tinhão armada, nem forças de gente pera o muyto poder que o rume tinha, e que sendo nossa armada desbaratada nom ficaua mais na India que fazer, e o mar lhe ficaua liure, o que já nunqua seria se agora se nom acabasse, pois tinhão esta armada, e a que mandaria ElRey de Calecut, que nom tardaria, como tiuesse recado; e que estes Rumes nom vinhão mandados polo Turquo, sómente por concerto que o Rey de Misey fizera com os mercadores que com elle vinhão, e por ysso o rume que nom hiria a pelejar senão com licença dos mercadores de seu contrato; que na mão delle estaua tudo. O Melequiaz então falou com o rume, e porque o achou assy duvidoso, e se escusaua com achaque de seus mercadores, se offereceo a hir com elle, com que o rume outorgou que hiria: e porque o mouro sabia que já todas as embarcações erão juntas com Dom Lourenço pera partir, o dixe ao rume, que logo deuia partir, e hirião tomar a barra de Chaul, que os nossos nom podessem sayr até que chegasse Melequiaz; então en-

[1] • forem • Arch.

trarião, muyto lhe affirmando, que como os nossos soubessem de sua vinda, que logo auião de fogir, o que seria grande perda, pois aly estauão tomados ás mãos, e depois seria trabalho dobrado ilos buscar, e mais que era começo d'inuerno, em que os nossos se aperceberião com muyta armada, e o virião buscar; e nysto nom duvidasse, e que por tanto logo fosse, e nom aguardasse maiores trabalhos. O rume lhe pareceo boa esta razão, e porque o mouro tudo lhe affirmaua com grandes juramentos, polo que o rume nom aguardou mais, e nom quis tomar palaura de Melequiaz que hiria, porque nom parecesse fraqueza, e porque o trabalho auia de ser com nauios grandes, e Melequiaz nom tinha mais que fustas. E porque os ventos erão muy fortes em hum dia e huma noite chegou á barra de Chaul, onde Dom Lourenço estaua muy descançado, porque nunqua mais teue rebate destes Rumes, depois que lho disse o Bramane.

Tanto que o rume sorgio logo seus Capitães, e o mouro Mamemarcar se forão á capitaina, onde ouverão conselho, em que ouve muyto receo de entrarem no rio, e que era melhor [1] * no mar * aguardar, e pelejar com ós nossos no mar largo, porque no mar assy pelejarião quanto quisessem, o que dentro no rio nom podião fazer, e que ao entrar os nossos lhe farião muyto dano; e porque seria muyto trabalho aly estar sobre amarra era melhor hiremse a Goa, onde enuernarião, e o Sabayo lhe faria muyta ajuda, e estarião seguros, pois que com o tempo contrario já nom podião tornar a Dio; e que em Goa estarião na barra concertados, e que passando a nossa armada sayrião a pelejar á sua vontade, e emtanto podia chegar 'armada de Calecut, e auendo vencimento tomauão todas as naos de Cochym e Cananor, e ysto acabado se recolherião a Goa, onde enuernarião e se concertarião de mór armada, e como entrasse o verão sayrião, e hirião estar no monte Dely, e tomar as naos do Reyno ou as metter no fundo, com que então nom ficaua trabalho a tomar as fortalezas, porque com os Reys das terras assentarião muytas larguezas com que fossem contentes, pois elles ficauão assy possantes no mar. O qual conselho pareceo bem a todos; mas o mouro fez grandes exclamações, dizendo, que se d'aly se fossem seria grande judaria, pois nom pelejauão vindo pera ysso; porque como d'aly partissem a nossa ar-

[1] Supprimido no Ms. da Aj.

mada auia de sayr, e hir após elles, e os auia d'alcançar, e [1] * ficandolhe * nas costas de todo serião destroidos; e [2] * dando * muytas razões e [3] * fazendo * fortes requerimentos ao rume, que visse o que fazia, e nom fosse causa que a fama das gentes do grão Turco se perdesse, que era tamanha per todo o mundo, e que vindo Melequiaz, se o aly nom achasse, seria que perdia sua ajuda, e que mais o nom consentiria entrar em Dio; e que pelejando dentro no rio, os Portuguezes que fogissem pera terra logo serião mortos, porque a terra auia de ser contra elles, e que se nom entrasse, elle tinha seu galeão muyto bem concertado, com que logo d'ahy se partiria pera Meca, onde contaria o tamanho seu erro, de nom tomar tamanha honra como seu Mafamede lhe mettia nas mãos. Ao que o rume, vendose tão affrontado, porque nom tinha vontade de entrar, lhe disse: «E se por entrar fôr desbaratado, a quem darão culpa? a ty, ou a mym?» «A ty a darão, como tambem a ty darão, e nom a mym, a honra de» «tamanha honra como aquy ganharás. Postoque nós outros façamos o» «feito, teu será todo o louvor, e sabido está que quando os homens co-» «metem os feitos ousadamente, postoque não sáyão vencedores, he di-» «to que nom por falta de coração, e bom esforço * forão infelizes. * E» «sem fraqueza de coração, como tu agora mostras, comete tu como» «caualleiro, e a fortuna te ajudará, porque ella sempre fauorece os es-» «forçados; porque se hum homem for fogindo, ainda que mate cento,» «sua fogida lhe faz toda' deshonra; e por tanto, se bem olhares, verás» «que te falo verdade como bom amigo.» Ao que lhe o rume respondeo» «muyto agastado: «Ora entremos e pelejemos, que bem vejo que pera» «ysto fizeste teu galeão, que póde remar, e podes fazer volta quando» «quiseres.» O mouro, mostrandose injuriado de taes palauras, disse: «Por» «que de mym nom diga ninguem taes palauras, eu me passarey a hu-» «ma destas tuas naos, em que tu mandares, e de lá nom sairey até» «que ysto nom seja acabado.» Então, porque o vento e maré era bom pera entrar, se fizerão á vela a traquetes e mezenas, com centuras feitas nas vergas, com estendartes e bandeiras, com muytas gritas e tangeres, hindo a capitaina diante: que erão seis naos grossas de duas gaueas, e a capitaina de tres, que tambem na mezena leuauão gauea; tres nauetas mais pequenas, e o galeão do mouro, e seis galés grandes d'altos bordos,

[1] * dandolhe * Aj. [2] por * daua * [3] * por * fazia *

e de grossa madeira; todos com muyta artelharia grossa de metal e de ferro, e a mais della de camara.

CAPITULO XIV.

DO QUE OS PORTUGUEZES FIZERÃO VENDO CHEGAR A' BARRA DE CHAUL, 'ARMADA DOS RUMES, DE QUE NOM SABIÃO NOUAS, QUE ERÃO CHEGADOS A DIO; E A PELEJA QUE COM ELLES TIUERÃO ENTRANDO NO RIO EM QUE LOGO LHE TOMARÃO DUÀS GALE'S E HUMA NAO.

Os nossos, vendo assy chegar sobre a barra 'armada dos Rumes, de que elles nom sabião nada que erão chegados a Dio, e vendo as naos da propria feição das nossas, cuidarão em verdade que era Afonso d'Alboquerque, que vinha d'Ormuz com alguma necessidade, e que as galés que as tomára lá, porque se dizia que ElRey d'Ormuz tinha galés e naos; e nisto tanto assentarão, que Dom Lourenço mandou lá hum esquife, o qual no caminho topou almadias, que vinhão de pescar do mar, a que perguntarão, mas as almadias nom quiserão dizer nada, dizendo que nom chegarão a ellas. O esquife sendo na boca do rio vio que entrauão as naos, e se tornou. Os nossos, vendo entrar assy as naos, muyto mais affirmarão que era Afonso d'Alboquerque, sem auer ninguem que tiuesse memoria de Rumes, sómente um caualleiro, honrado velho, disse a Dom Lourenço: «Senhor, se este fòra Afonso d'Alboquerque, elle pera que auia de» «entrar aquy dentro com [1] *toda* sua armada, sendo o tempo que vós» «aueys de hir a Cochym, e mais com naos assy grandes d'entrar e sayr» «por barra? Dou ao démo tal Afonso d'Alboquerque, pois entra sem» «vos mandar recado.» Outros disserão que [2] *soubera* das almadias que [3] *estauamos* aquy dentro [4] *e* entrará pera vender algumas mercadorias de prezas que tomaria. Outro homem se aleuantou, e disse: «Á» «bofé eu me quero armar, e todos o deuemos fazer, porque se for» «Afonso d'Alboquerque, vendo [5] *que de medo* nos armamos, que» «nos [6] *dê* apupadas de zombaria; porque estes Alboquerques, que» «entrão, nom trazem cruzes nas velas, mas trazem bandeiras de Mafa-»

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] *souberão* Aj. [3] *estamos* Arch. e Aj. [4] *elle* Arch. e Aj. [5] *de que modo* Aj. [6] *dem* Arch. e *dera* Aj.

«medes.» E chamou o seu moço, que lhe désse uma saia de malha que vestio; de que os outros fizerão zombaria. Elle disse: «Senhores, pra-» «za a Deos que oje neste dia eu só seja o zombado, e que esse prazer» «vos dure até noite.»

Neste comenos já toda 'armada era entrada no rio, e vinhão todas em fio após a capitaina, e as galés detrás de todas. Os que forão no esquife, auendo reconhecimento que erão Mouros, [1] * tornarão * a dar a noua, remando á pressa, e com tanta trouação que se embaraçauão, e nom podião remar, e hião atrauessados quanto a maré os leuaua, e capeando com as camisas, e os nossos, que já ouvião seus tanjeres, então reconhecerão que erão os Rumes, com que então ouve muyta trouação e desacordos. Os bombardeiros começarão a concertar 'artelharia, que acertou d'estar carregada.

Dom Lourenço estaua com sua nao no meo do rio, e os outros nauios antre elle e a terra, e as galés, e carauellas, e bargantym juntos á terra, que era alcantilado, que tinhão pranchas na terra, e andaua a gente folgando em terra. Fazendose os nossos prestes com esta trouação, concertando os tiros contra a capitaina dos Rumes, nom tirauão porque nom tiraua Dom Lourenço; mas sendo a nao perto de Dom Lourenço, desparou hum tiro que passou a nao a Dom Lourenço d'ambas partes. Mas da nao lhe responderão, e dos outros nauios, que a capitaina dos Rumes foy passada d'oito tiros grossos, que lhe [2] * matarão e ferirão * muyta gente, porque na nao vinhão quatrocentos homens de peleja. As outras naos, assy como vinhão em fio humas após outras, tirauão aos nossos, e os nossos a elles, onde o jogo das bombardadas foy muy temeroso. Os nossos, que estauão na terra, se recolherão a grã pressa, e se alarão ás amarras que tinhão no mar, com que logo fizerão sua obra. A capitaina dos Rumes vinha com determinação pera sorgir antre a nossa armada, mas vendo o máo recebimento que lhe fazião, passou áuante quasy mea desbaratada, e foy sorgir diante do lugar dos Mouros, junto da terra quanto póde, porque se lhe comprisse se colhessem a terra. As outras naos assy fizerão, hindo assy tirando e recebendo dos nossos muytas bombardadas, de que lhe matarão muyta gente. A nao em que vinha o mouro Mamémarcar era a derradeira de todas; acertoulhe hum tiro no leme, e

[1] * tornou * Arch. e Aj. [2] * matou e ferio * Arch. e Aj.

lho quebrou, com que a nao tomou de ló, e veo ter antre as carauellas, e duas galés que vinhão junto della auiadas com a maré, nom se puderão desuiar, e derão na mesma nao, que ambas se embaraçarão com a nao, que forão ter antre os nossos, que logo acodirão nos batés, e entrarão a nao e as galés ás lançadas; no que nom ouve muyta detença, porque os Rumes, vendose perto da terra, se deitarão ao mar, fogindo pera terra, mas todauia o mouro correo dentro na nao com outros muytos pelejando fortemente, e no mar forão mortos muytos, que os batés matauão, de modo que esta nao e duas galés ficarão em poder dos nossos.

O Digar de Chaul acodio com muyta gente, e os Rumes que hião fogindo pola terra os mandaua atar e prender, pera depois os entregar a Dom Lourenço, o que os nossos nom sabião; mas cuidarão que o Digar acodia em fauor dos Rumes, e lhe tirarão, com que lhe matarão muyta gente. As outras galés dos Rumes assy passarão, leuando seu quinhão dos tiros, de que a huma derrubarão a verga; e todos forão sorgir junto de sua capitaina, assaz agastados, vendo a má empreza que tomarão em virem a Chaul.

Passados assy os Rumes, os Capitães se forão a Dom Lourenço, pera se ordenar o que se ouvesse de fazer; onde Pero Barreto, e Manuel Paçanha, Rodrigo Rabello, Lisuarte Pacheco e outros, disserão a Dom Lourenço que nom [1] * aguardassem * mais, mas que logo fossem dar nos Rumes, e os abalroar antes que se concertasem, porque hião muy desbaratados dos nossos tiros, porque vendo que os hião buscar logo todos auião de fogir pera terra, e se aguardassem sobre amarra, em os abalroando erão logo desbaratados, que nom pelejarião vendo a saluação que tinhão na terra; e fossem deuagar sómente com os traquetes d'alto, porque emtanto a artelharia fazia sua obra; que nas galés tomadas fosse gente e bombardeiros, porque tinhão boa artelharia, com que farião boa ajuda: o que todo assy pareceo bem a Dom Lourenço, e se concertando pera ysso, ouve tantos que pedirão as capitanias das galés, e tantas perfias, que quasy vierão ás brigas; com que nom forão ao feito, e ficou pera outro dia o fazerem com a viração; o que foy grande erro. E se ordenarão que Dom Lourenço, e Pero Barreto, que erão naos grandes, fossem [2] * ambas * abalroar a capitaina, e Manuel Paçanha, e Gonçalo Pereira, e Pero

[1] * aguardasse * Aj. [2] * antes *

d'Ornelas, e Lisuarte Pacheco, fossem abalroar cada hum sua * nao, * e Rodrigo Rabello [1] nom chegasse, sómente tirasse per fóra, e que Pero Cão, Diogo Lobo, em suas carauellas, com as galés e bargantym, fossem pelejar com as galés dos Rumes. O que todo assi foy concertado, nom leuando as galés dos Rumes, porque Dom Lourenço as nom quis dar, por nom aggrauar ninguem; nem tirarão dellas artelharia, porque nom tinhão repairos que seruissem em outra parte. Nos nossos nauios sómente tomarão a poluora, que repartirão com alguns que a nom tinhão.

Era condestabre da nao de Dom Lourenço hum Miguel Arnao, alemão, valente caualleiro, muyto sabido, e seu irmão, que trazia comsigo dous seus irmãos assy bombardeiros, o qual vendo o assento que Dom Lourenço tomara de hir abalroar, lhe disse presente todos: « Senhor, » « nom ponhas em perigo tua pessoa e tua gente, porque o que queres » « fazer está acabado sem nenhum perigo, sómente de minha pessoa e de » « meus companheiros; polo que te digo, se te apraz, esta noite ou ame- » « nhã, manda despejar toda' gente desta nao, sómente os marinheiros » « que me ajudem, e manda que vão chegar esta nao onde eu disser, e » « se antes de jantar nom metter no fundo a capitaina dos Rumes, man- » « dame cortar as mãos. E tambem cheguem os outros nauios, e ajudem » « o que poderem, porque acabando com a capitaina eu assy o farey a » « todos os outros, que nenhum ficará sobre agoa, senão mettidos no » « fundo. »

Os que estauão no conselho, ouvindo taes palauras ao condestabre, bem virão que elle dizia verdade', mas vendo que os Rumes estauão vencidos tanto que fossem abalroados, antes que respondesse Dom Lourenço lhe disserão todos: « Senhor, os Rumes tomados estão ás mãos » « e taes que, em os abalroando, todos se deitarão ao mar, e nom tere- » « mos com quem pelejar; [2] * no * que ganhâmos tanta honra, e nom a » « ganharão as bombardadas do condestabre, e ganhâmos estas naos e » « galés, com muyta artelharia e dinheiro que tem, que leuaremos a Co- » « chym com tanta honra, leuando as galés esquipadas dos proprios Ru- » « mes. » Ao que todos bradarão que assy fosse, cobiçosos de ganhar hon-

[1] No codice do Arch. se repete: * e Lisuarte Pacheco. * Preferimos a lição do Ms. d'Aj. porque este capitão não podia receber ordem para abalroar, e não abalroar. [2] * nom * Arch.

ra e dinheiro, que lhe parecia que acharião; com que o conselho do alemão nom foy ouvido, assentando que fossem abalroar, e que ás lançadas ganharião suas honras. Mas o condestabre, vendo o proposito que tomauão, tornou a prefiar, dizendo: « Senhor, na guerra mór honra he fo- » » gir o teu imigo, que vencerelo ás lançadas; e has de dar punição a teus » « imigos sem lembrança de suas fazendas. Que mór gloria d'honra que- » « res melhor, que deixar estes Turcos [1] * mettidas * debaixo d'agoa suas » « naos, [2] * e * a elles mettidos em ferros, em suas proprias galés? Por- » « que quantos fogirem pera terra o Digar tos mandará atados de pés e » « mãos; e pois ysto está tão certo, pera que he mais querer atentar for- » « tuna, que ás vezes dá reuezes? E está certo que na briga das lança- » « das muytos hirão pelejar aly, que nom tornarão aquy. » Mas comtudo nom foy ouvido, e assentarão o hir abalroar, e gastarão toda' noite em se concertar de suas armas e almas.

CAPITULO XV.

DO QUE DOM LOURENÇO FEZ AO OUTRO DIA, DEPOIS DE SEREM ENTRADOS OS RUMES NO RIO DE CHAUL, E CHEGANDO A' BARRA MELEQUIAZ COM SESSENTA FUSTAS, LHE MANDOU DEFENDER A BARRA, E SE FOY AOS RUMES, COM QUE PELEJOU TODO O DIA ATE' NOITE.

Ao outro dia veo amanhecer sobre a barra de Chaul Melequiaz de Dio, com sessenta fustas armadas com muyta gente e artelharia; e porque o vento lhe era escasso tomarão as velas, e a remo se vierão á boca do rio. O que vendo Dom Lourenço mandou Payo de Sousa, e Diogo Pires de Mello, Capitães das galés, que fossem tomar a boca do rio, e defendessem a entrada ás fustas; e mandou com elles Diogo Lobo, Capitão da carauella latina; polo que forão com a maré, e se poserão na boca do rio, atrauessadas com as popas em terra e as proas ao rio, huma desuiada da outra, porque 'artelharia pudessem jogar ambas; e mais áuante no meo do rio se atrauessou Diogo Lobo na sua carauella, concertada sua artelharia, que podia tirar por todas as partes, e bem amarrados todos, que nom virassem com a corrente d'agoa. E as fustas nom podião

[1] * mettidos * Arch. e Aj. [2] Aj.

entrar com a corrente grande da maré que saya do rio; mas como 'agoa foy branda, á força de remo cometterão entrar, sem nenhum temor das galés, tirando muyta artelharia, e deitando nuvens de frechas, que trazião muytos frecheiros, com que ferirão alguns, que tomauão as galés atrauessadas. Mas como chegarão mais áuante as galés lhe fizerão tal recebimento, que as fizerão tornar atrás, com tres mettidas no fundo, e a gente a nado, e outras com os toldos e mastos quebrados, que logo todas os abaterão, e se poserão em ordem, tirando sempre ás galés, que lhe nom podião tirar com as peças grossas, sómente com tres falcões que cada huma trazia na coxia; e da carauella tambem lhe abrangião alguns pelouros, que as fizerão mais afastar, e as galés nom lhe tirauão muyto porque lhe hia falecendo a poluora; mas as fustas nom ousarão a entrar.

Sendo prestes Dom Lourenço e todos pera abalroarem, tambem os Rumes pera ysso estauão concertados, que estauão certos que os nossos os auião de hir buscar. Os nossos estauão jantando e folgando, e com muyto desejo que viesse a maré pera hirem comprir seus desejos, e sendo depois de meo dia, que veo a viração, que os nauios estauão com bandeiras, e gaueas armadas e centuras nas vergas, e todos com muyto aluoroço tangendo as trombetas, Dom Lourenço deu o traquete sómente, o que assy fez Pero Barreto, que auião de hir ambos juntos abalroar a capitaina dos Rumes, mas a nao de Pero Barreto virou em reués e se deteue muyto antes que virasse. Dom Lourenço foy direito abalroar, mas o seu contramestre com medo nom querendo abalroar, [1] * só ou * por fortuna de peccado, escondidamente, sem ninguem lho mandar largou huma ancora, que logo tomou fundo, e a nao foy virando; ao que ouve grande reuolta, nom sabendo o que era, senão quando virão o cabo da ancora, que logo quiserão cortar o cabo, mas porque já estaua de todo virada a nao, e ficaua na ilharga da nao capitaina o nom cortarão, e porque hum moço disse que o contramestre largára a ancora o buscarão pera o matarem, mas elle se deitou ao mar, e fogio pera terra, onde logo o matarão.

E por as naos assy ficarem perto huma da outra logo se começou o jogo das bombardadas, que foy muy grande, sómente os nossos tinhão

[1] * soou, * na significação de *apilou*, é o que se acha claramente escripto na copia da Aj.

auantaguem porque todo o fumo hia sobre os Rumes com o vento. Pero Barreto vindo já de todo auiado, e todolos outros, assy como estauão ordenados, vendo Dom Lourenço que sorgira, cuidarão que nom quisera abalroar, e tambem sorgirão todos assy a tiro das naos, começando logo sua obra com artelharia, o que assy fazião os Rumes. Dom Lourenço estaua com tanta paixão do contramestre, que nom teue lembrança de mandar capear com huma bandeira ás outras naos que fossem abalroar, nem menos ninguem lho disse, com esperança que ao outro dia abalroarião.

Dom Lourenço, vendo que nom auia mais que trabalhar, que a gente estar ao perigo dos pelouros, mandou Manuel Teles Barreto, que hia com elle, que fosse no batel com gente a tomar duas galés de Rumes, que estauão perto; o que vendo dos outros nauios tambem os Capitães mandarão seus batés com gente, que forão ás galés em que entrarão per todas as partes, com que os Rumes fogirão, deitandose ao mar, em que muytos forão mortos; e os Portuguezes virarão as galés pera outras galés, que estauão mais adiante pera as naos dos Rumes, a que começarão a tirar muytos tiros, até que acabarão de gastar quanta poluora [1] * acharão * nas galés. Então as tomarão á toa, e as leuarão junto de Dom Lourenço, onde as sorgirão; e assy durou a peleja d'artelharia até noite çarrada, que deixarão de tirar d'ambas as partes, ao que logo os Capitães se forão a Dom Lourenço cada hum a lhe dar conta de como estaua; e Dom Lourenço estaua com sua grande paixão do que lhe assy fizera seu contramestre. Em todos os nauios auia mortos e feridos das rachas dos páos, d'artelharia; e todos estauão faltos d'artelharia, alguma rebentada, [2] * e * nom tinhão poluora pera carregarem duas vezes. Os Rumes tambem forão faltos de poluora, mas nesta noite correrão quantas naos de Mouros auia no rio, que estauão além delles, e tambem de terra lhe derão muyta poluora; e leuarão a terra os mortos, e nom os quiserão deitar no rio porque os nossos os nom vissem.

Dom Lourenço ouve seu conselho sobre as faltas que tinhão de poluora e pelouros, e assentarão que com a maré de noite, porque fazia lua, [3] se fossem estar na boca da barra, e logo mandassem o bargantym a dar a noua a quaesquer nauios que achassem, porque esperauão [4] Afon-

[1] * hauia * Aj. [2] * e que * Arch. e Aj. [3] * e que * Arch. e Aj. [4] * que * Arch. e Aj.

so d'Alboquerque, que tinhão noua que se vinha d'Ormuz, e o affirmarão huns Mouros, que o disserão a Dom Lourenço, que na trauessa do golfam virão tres naos nossas; o que era verdade, porque virão os tres nauios d'Afonso Lopes da Costa, e dos outros que já disse; porque auendo poluora, e pelouros, tornarião 'acabar com os Rumes, e entanto serião sãos os feridos, e sendo ysto assentado disse Pero Cão, que era [1] * amo * de Dom Lourenço e bom caualleiro, lhe disse: «Senhor, tudo» «fazey, sómente daquy nom sayaes de noite que, [2] * pareça * cousa d'ho-» «mens fogidos que vão desbaratados,» pois de dia o bem podião fazer com o vento terrenho, e maré, e verião por onde hião, e sayrião logo fóra a dar guarda ao bargantym de Melequiaz, que estaua na barra, porque d'outra maneira nom poderia sayr. O que assy pareceo bem a todos, mas Lisuarte Pacheco disse: «Senhor, estes Rumes estão muyto de-» «neficados, e mais fracos que quando hoje os hiamos abalroar, polo que» «me [3] * parece * que daquy nom deueys tornar pé atrás sem acabar es-» «te feito ás mãos, pois nom ha poluora, nem pelouros; e pois todos» «estes senhores nom consentirão no conselho do condestabre, cobiçosos» «de ganhar pola lança, assy agora o deuem de querer, e nom auer» «falta nas vontades, pois falecem as bombardas. Polo que agora nos» «afastemos hum pouco pera baixo, pera amenhã com a viração os tor-» «narmos 'abalroar; e sem duvida os Mouros estão vencidos, que logo» «todos fogirão pera terra; e a gente ferida em dous batés se vão estar» «lá junto das galés da barra, que manifesto está que chegando á capi-» «taina dos Rumes, e lhe pondo o fogo, sem mais trabalho tudo será aca-» «bado.»

Do que Dom Lourenço ficou muyto alegre, dizendo que assy era melhor que tudo quanto tinhão dito, com o que outorgou Pero Barreto, Rodrigo Rabello; mas como virão que Dom Lourenço assy louvaua o dito do Pacheco, outros que ficarão enuejosos, falarão em contrario por desfazer em sua razão, dizendo que nom estaua em razão que huns fossem abalroar e pelejar, e outros ficassem olhando, pois os outros nauios nom estauão pera poder abalroar, e auer de ir todos juntos, porque refazendo gente os nauios que ouvessem de pelejar, os outros ficauão sem gente, e que acontecendo algum desastre nom darião nenhuma boa des-

[1] * amigo * Aj. [2] * parecia * Arch. [3] * pareceo * Arch.

culpa ao Visorey os que assy ficassem fóra da peleja; que por tanto, pois todos juntos nom podião pelejar, o nom deuia de fazer, sómente o que já estaua assentado de se sayrem pera a barra: ao que todolos outros ajudarão. Dom Lourenço disse: « Das faltas que temos, o melhor he hir- »
« mos pelejar ás lançadas, como hontem todos bradastes; agora falaes ou- »
« tra cousa. Cada hum veja o que diz, que d'ysso dará conta ao Viso- »
« rey meu senhor, porque elle me manda que faça vossos conselhos. »

CAPITULO XVI.

COMO DOM LOURENÇO TORNANDO POLO RIO ABAIXO DEU SUA NAO SOBRE HUMA ESTACADA, ONDE A NAO SE ATRAUESSOU, E FOY ABALROADO DOS RUMES, E MORTO, COM OUTROS MUYTOS, COM 'AJUDA QUE LHE FEZ MELEQUIAZ, QUE ENTROU NO RIO COM FÔRÇA D'ARTELHARIA E REMO.

O Capitão dos Rumes, esperando que ao outro dia os nossos os auião d'abalroar, se deu por perdido, polo que assy agoniado, como foy noite mandou hum homem a nado, que foy ora por terra, ora polo rio á barra, dizendo a Melequiaz que se espantaua muyto, sendo elle tão nomeado de valente caualleiro, e tendo aly tamanha armada com tanta gente, arreceaua d'entrar por antre duas galés, que lhe nom podião fazer tanto mal como elle perdia de sua honra em nom ousar a entrar; que ysto lhe mandaua dizer sómente por sua boa amizade, que * nom * por necessidade de sua ajuda; que elle sempre cuidára que nom auia elle de temer nenhuns nauios de Portuguezes, com tão possante armada como tinha, pera ser companheiro de tanta honra como tinha ganhado, porque já os Portuguezes lhe comettião partido, que lhe largauão 'armada, e os deixasse hir nas naos dos Malauares pera Cochym, mas que elle nom queria senão que se entregasse em suas mãos o filho do Visorey; que, pera ysto sómente, folgaria que estiuessem ambos, pera tomar seu conselho o que nisto faria. E deu muyto auiso ao mouro que leuou o recado, que assy o dissesse, e nom falas'em nada do que passaua.

Melequiaz, como era auisado, fez muytas preguntas ao mouro, mas nada delle pôde tirar, senão que os nossos forão pera abalroar, e nom ousarão chegar, e estiuerão ás bombardadas até que foy noite, e que lhe parecia que nom pelejarião mais, e farião algum concerto. Melequiaz, muy

cobiçoso a ser nos concertos, determinou d'entrar com todo' risco, cuidando que os nossos assy estauão [1] *ja* tão desbaratados, e deu auiso a suas fustas, e sendo mea noite, com a maré que entraua muy rija, elle se metteo em huma fustinha que muyto remaua, e se foy só na dianteira, porque bem sabia que os nossos nom auião de tirar senão onde vissem muytas fustas juntas. Em modo que *com* este ardil elle assy entrou diante, e os outros após elle, com grande força de remo e corrente d'agoa; o que sentindo das galés lhe tirarão, com que espedaçarão e metterão no fundo, em que muytos morrerão, que forão treze fustas, que assy espedaçadas, com a corrente d'agoa forão ter com os nossos nauios. As fustas, como passauão das galés, se mettião junto da terra, com que a carauella lhes nom pôde fazer tanto mal. Passando os Mouros com grandes gritas, o que bem virão os nossos polos tiros e resplandor do fogo, por derradeiro veo hum magote de vinte fustas, juntas humas com outras tanto, que nom podião remar, sómente hião com a corrente d'agoa, a que as galés nom tirauão muyto porque nom tinhão poluora, e assy juntas embaraçadas, forão dar sobre a carauella, a que os Portuguezes acodirão ás lançadas, e com panellas de poluora, com que os fizerão lançar ao mar, e ficarão tres fustas enxoradas da gente, em que os nossos acharão alguma poluora, em tal modo que das fustas ficarão vinte, e Melequiaz entrou com as corenta, a que os nossos nom quiserão tirar porque nom tinhão poluora.

Melequiaz foy ter com o Capitão dos Rumes, com que ouve grande prazer, e lhe pedindo o rume poluora, que a nom tinha, lhe disse Melequiaz: «Essa he a verdade, a necessidade em que estás; e nom o reca-» «do que me mandaste, que se soubera que me mandauas recado falso,» «mandára enforcar o teu messageiro, e eu nom entrara cá.» O rume, muy soberbo, lhe respondeo que fizesse o que quisesse; se se arrependia que ahy estaua a terra pera sua saluação, o que elle assy faria se fosse vencido, e se aly se perdesse aquella armada, que era do Turco, que quem tiuesse culpa a pagaria. O Melequiaz se sayo menencorio, dizendo que lhe falara falsidades, que por ysso se estiuera fóra logo se tornára pera Dio. O rume, vendo Melequiaz assy menencorio, lhe tornou a pedir perdão, e falar palauras piadosas com que abrandou Melequiaz, e forão

[1] De menos na copia da Aj.

amigos, dandolhe o rume conta do mal em que estaua. O Melequiaz lhe deu grandes esforços que o ajudaria, dandolhe muyta poluora e gente, fazendo Melequiaz fundamento que se os Rumes se perdessem elle tinha segura saluação na terra, porque o Digar era muyto seu amigo, e lhe mandára já recado á barra, e tambem se atreuendo que tinha fustas em que se saluaria a remo; com que estiuerão em pratica até amanhecer.

Os nossos folgarão de as fustas serem entradas, porque ficaua a barra despejada se quisessem sayr. Tanto que as fustas forão entradas as galés, e carauella se vierão no pouzo aguardando por recado do que [1] * mandasse * Dom Lourenço, fazendolhe logo saber que por mingoa de poluora nom fizerão muyto mal nas fustas, que lhe puderão fazer se poluora tiuerão. E sendo menhã, que já vasaua a maré, as duas galés que tinhão tomadas, atarão huma por popa de Dom Lourenço, a outra a Pero Barreto, porque as fustas as nom fossem tomar, e que de caminho tambem leuarião as outras duas que primeyro tomarão, e queimarião a nao do mouro; e logo forão os batés a lhe tirar 'artelharia que tinha, e porque erão peças grossas as nom puderão tirar, polo que então abrirão a nao polo fundo, com que se metteo debaixo d'agoa porque era aly muyto alcantilado; e como já todos estauão prestes, como Dom Lourenço deu o traquete assy fizerão todos polo rio abaixo, com a maré que vasaua. A nao de Dom Lourenço era grande, e com a galé que leuaua após sy, com o traquete nunqua pôde acabar de virar, nem ouve acordo de dar a vela grande, ou cortar o cabo da galé, que 'agoa trouxera abaixo; e vindo a nao assy atrauessada, veo dar sobre huma estacada que estaua no meo do rio, em que os pescadores atauão as redes pera pescar, da qual se nom arrecearão porque erão páos brandos, que erão d'arequeiras, que nom fazião nojo aos que passauão. Chegando a nao assy atrauessada pôs o costado nos páos, que tomou seis ou sete, os quaes por assy serem brandos nom quebrarão, e ficarão assy per debaixo da nao, que a tiuerão que nom passou, e estando assy atrauessada tomaua grande pezo da corrente d'agoa, e se foy recostando sobre os páos, que foy toda á banda. Os outros nauios, que hião auiados com a corrente d'agoa, forão áuante, esperando que a nao se desembaraçaria da estacada e passaria; mas vendo que nom saya, e tomaua tamanho pendor, sorgirão todos, fi-

[1] Falta na copia da Aj.

cando já longe da nao, e se metterão nos batés pera hir acodir á nao, mas nom poderão tanto remar que podessem hir [1] * logo * áuante, pola grande corrente d'agoa, e se tornarão aos nauios. A nao, com o grande pezo d'agoa que tomaua, de cada vez se hia mais reuirando, sem auer poder de cortar os páos que estauão per debaixo da nao; e ainda que cortarão o cabo á galé, nem por ysso a nao sayo, antes se foy tanto á banda, que lhe entraua agoa no conuez.

Então o mestre da nao disse a Dom Lourenço: «Senhor, esta nao» «nom sayrá senão quando tornar a maré. Hideuos com a gente no ba-» «tel, que eu com a gente da nao e bombardeiros ficaremos aquy, até» «que torne a maré, que a nao sayrá.» O que Dom Lourenço nom quis fazer, que tambem lho dizião outros muytos. Os Rumes, vendo assy estar a nao, lhe começarão a tirar as bombardadas, e huma nao dos Rumes sospendeo a ancora, e veo sorgir junto da nao, e lhe começou a tirar muy fortemente, ao que ajudarão muytas fustas de Melequiaz, com que abrirão a nao per muytas partes. Então o mestre disse a Dom Lourenço: «Senhor, a nao já he perdida. Saluaiuos no batel com a gente» «que puder caber, que a outra hirá a nado, porque a nao nom tem» «saluação, porque inda que venha a maré, como [2] * se * endereitar lo-» «go se metterá no fundo.» O que toda a gente lhe bradou. Dom Lourenço disse: «Nom podemos todos caber no batel, e os que ficassem» «logo os matarião as fustas, e portanto hideuos no batel os que cou-» «berdes, e então tornay por mym.» Então todos bradarão que elle auia de ser o primeyro que entrasse no batel, porque sendo elle saluo nada se perdia, «que melhor sois vós viuo que nós todos.» Dom Lourenço disse: «Porque assy sois tanto meus amigos, que mais estimaes minha» «vida que de todos, eu porque nom farey outro tanto por vós, que es-» «timarey mais vossas muytas vidas que a minha, que he huma só? E» «por tanto vos muyto rogo que vos vades com os moços e familia da» «nao, e dizey aos batés que venhão por mym.» O que assy alguns fizerão, e a gente da nao e moços, com que o batel foy cheo.

Neste tempo deu hum pelouro na nao, perque logo se encheo d'agoa, e direita assentou no fundo, e por a maré já ser muy vazia ficou a nao com agoa polo conués rasa, o que vendo os Rumes derão grandes gritas,

[1] Aj. [2] Aj.

e outra nao com muyta gente veo abalroar Dom Lourenço, em que entrarão mais de cento muyto armados de traçados, zagunchos, aos quaes sayo Dom Lourenço com huma espada d'ambas as mãos, porque nom podia jogar com 'alabarda, e fez com elles taes feitos que mais de vinte ficarão mortos, e muytos feridos, que as lançadas dos nossos fizerão saltar ao mar, e outros se colherão á nao, de que tirauão tantas frechas que cegauão os nossos. Outras vezes tornauão os Rumes a entrar, mas os nossos pelejauão como homens que tinhão a saluação nos braços, mas como a nao dos Rumes ficou mais alta fazião muyto mal aos nossos com zagunchos d'arremeço, e pedras, e frechadas, com que os nossos estauão recolhidos debaixo do chapiteo, e mórmente pedras da gauea; onde na gauea da nao de Dom Lourenço estauão tres marinheiros, que tanto pelejarão com os Rumes da gauea que os fizerão decer abaixo, matando muytos delles, porque as gaueas estauão abalroadas; e ficando os nossos senhores das gaueas, tanta guerra fizerão com as pedras que nom ouzauão os Rumes d'aparecer, polo que então muytos frecheiros lhe tirarão tantas frechas que lhe encrauarão as mãos e braços, e cessarão de tirar porque já nom tinhão pedras, nem auia quem lhas désse. Com que os Rumes então fizerão muytos commetimentos aos nossos por tantas partes, que muytas vezes os entrarão, e já muytos feridos e cançados. Sendo ysto dito a Melequiaz chegou perto em huma fustinha, bradando aos nossos que nom pelejassem e morressem como Cafres; que se entregassem, e que elle os tomaua em seu poder, e seguraua as vidas pola cabeça d'El-Rey de Cambaya. Mas os nossos o nom quiserão ouvir, com esperança que se sosterião como estauão até encher a maré, que os batés lhe acodirião; mas os Rumes pelejauão [1] *tanto* que já os nossos se nom podião bolir, porque entrauão muytas vezes, e só Dom Lourenço os tornaua a deitar fóra com matar e ferir muytos; e taes cousas fez neste dia que os nossos estauão espantados. Os Rumes, vendo que nenhum remedio tinhão em quanto Dom Lourenço fosse viuo, e que nom podia muyto tardar a maré, e que Dom Lourenço e os Portuguezes estauão juntos debaixo do chapiteo, afastarão sua nao pera fóra hum pouco. Então com 'artelharia tirarão muytos tiros ao chapiteo, ao que as fustas ajudauão fortemente, e quis a ventura que entrou hum pelouro que quebrou ambas

[1] Falta na copia da Aj.

as pernas ao triste Dom Lourenço, e cayo que nom se pôde mais aleuantar; ao que acodirão todos com grandes choros.

Dom Lourenço lhe disse: «Senhores, companheiros, irmãos, mi-»
«nha vida he acabada, que este mundo me tinha emprestada, e minha»
«alma hirá dar conta ao Senhor Deos que a fez. Eu vos mando, e muyto»
«rogo, que tomandouos Melequiaz sobre [1] * sy, * como diz, auentureys»
«as vidas em sua palaura, porque de o nom fazerdes tão certas aquy»
«tendes as mortes, se Deos nom acodir com sua misericordia, que lhe»
«peço que aja com minh'alma, que em suas sanctas mãos encomendo.»
E deu a alma.

Então, per acordo de todos, deitarão o corpo per hum escotilhão, que foy ter no fundo da nao, a qual per baxo estaua aberta, e parece ser que o corpo acertou polo buraco, e com o pezo das armas se soterrou na vaza que era grande, e correo com 'agoa per de bayxo da nao, ou como a Nosso Senhor aprouve, que seu corpo nunqua mais foy achado. O que foy muyto acertado os nossos assy o fazerem, porque se o corpo fora achado dos Rumes, esfolada a pelle, e chea de palha, a leuarão ao grão Turco.

Os Rumes nom sabião da morte de Dom Lourenço, nem ousauão d'entrar, sómente tirar, com que entrarão outros pelouros que matarão seis homens e ferirão outros; e porque 'agoa já nom corria tanto; os batés e bargantim á força de remo forão pera acodir á nao, contra os quaes sayo huma batalha de vinte fustas, com muyta artelharia e frecheiros, com que forçadamente se recolherão pera os nauios. Melequiaz com receo da maré, com que as galés e carauellas [2] * virião, * e com a viração toda 'armada, tornou outra vez a bordo da nao, a bradar que os nossos se lhe entregassem, que os tomaua sobre sua cabeça, e d'ElRey de Cambaya. Então os nossos lhe falarão, e lhe disserão que polas juras que juraua a elle s'entregarião, que Rumes os nom tocarião, porque de Rumes nom auião de ser catiuos, e que antes aly auião de morrer todos. Então lhe disse Melequiaz, muy desejoso [3] * d'auer * em seu poder Dom Lourenço, que cuidaua que estaua viuo: «Eu vos tomo sobre mym, e me muyto praz de nunqua de meu po-»
«der sayrdes, e assy o juro por minha ley;» e que nenhum mal lhe faria, e tudo Melequiaz dizia com verdade, porque tendo em seu poder Dom Lourenço alcançaria do Visorey seu pay todolos partidos que quisesse,

[1] * assy * Arch. e Aj. [2] * corrião * Aj. [3] * de ver * Aj.

polo que fez grandes juras que em todo guardaria verdade. Então os nossos disserão que chegasse seguro; então Melequiaz mandou chegar huma fusta, e lhe disse que entregassem todas as armas, o que os nossos fizerão de boamente, porque nom fossem a mãos de Rumes, e alguns cortarão as coiras per que nom prestassem, e as despirão, e as sayas de malha deitauão polo escotilhão, em modo que dentro nom ficou nada, e a espada e alabarda de Dom Lourenço logo tudo com elle deitarão. Então chegaua huma fusta, e tomaua dous, tres, e outra fusta outros tantos, que nom confiarão que fossem todos em huma fusta.

Melequiaz estaua vendo todos os que s'embarcauão, aguardando quando saysse Dom Lourenço pera elle o tomar na sua nao, e nom o vendo perguntou por elle. Os Portuguezes lhe disserão que huma bombardada o derrubára no mar, que nunqua mais parecerá. Do que Melequiaz ficou muy triste, porque esta palaura achou em todos a que perguntou, porque elles se concordarão que assy o dissesem, e sendo assy per todos certificado, disse: «Nom ganhey tanto como cuidaua, que a cousa que» «mais desejey de ver com meus olhos era ver hum tão grande caual-» «leiro.» E aprefiou com todos que lhe falassem a verdade, que nom cria que Dom Lourenço era morto. Elles lhe disserão: «Se elle nom fôra» «morto nom nos entregaramos; mas elle nos tinha dito que se o ma-» «tassem que nós outros nos entregassemos em teu poder, e não a ou-» «tra nenhuma pessoa; que se elle nom fòra morto nenhum de nós se» «apartara delle senão com morte. E esta he a verdade, e te dizemos» «que se seu corpo morto nom fòra ao mar, sobre elle ouveramos de» «morrer todos.» Melequiaz, nom confiado do que os nossos dizião, mandou entrar na nao muytos homens, e mergulhadores, que buscarão o corpo, que nunqua foy achado. Então Melequiaz mandou á gauea da nao, e acharão mortos os que nella pelejauão, sómente hum que estaua viuo, que decerão pendurado em huma corda por estar muyto frechado, que Melequiaz mandou curar, e a todos outros; e se afastou da nao, e foy á pouoação, e pôs os feridos em terra. Forão mortos aquy com Dom Lourenço, João Vaz d'Almada, André da Silueira, Manuel Telles Barreto, Ruy de Mendanha, João Serrão, Gonçalo de Goes, Gonçalo Mendes, e outros muytos. E os catiuos forão Cide Barbudo, [1] «Tristão de Gá,» Lo-

[1] E' o que deve lêr-se, e não «Tristão de Caa,» que vem nas duas copias.

po Cabral, Duarte de Sequeira, Bastião de Figueiredo, Aluaro Botelho, [1] Aluaro Rafael, * Gonçalo Mendes, Fernão de Crasto, Duarte Borjes, e outros homens caualleiros, que por todos forão os catiuos vinte e quatro.

Melequiaz afastado da nao com suas fustas, que se recolheo pera o lugar, então chegarão batés de Rumes, que entrarão na nao, e poserão suas bandeiras na gauea da nao de Dom Lourenço em sinal de seu vencimento. O que sendo visto dos nossos, bem virão e entenderão que Dom Lourenço e todos erão mortos, que bem sabião que Dom Lourenço nom se auia d'entregar a catiueiro, e como desesperados de remedio nom se ajuntarão a conselho, mas [2] * cuidando * que se estiuessem no rio as fustas sómente abastarião pera os desbaratarem, pois nom tinhão poluora [3] * com que * se defender. Os catiuos pedirão a Melequiaz que hum seu moço catiuo lhe désse licença pera leuar huma carta aos nauios; Melequiaz lha deu, e elles mandarão dizer a Pero Barreto que Dom Lourenço era morto, e os que estauão catiuos em poder de Melequiaz. Então Pero Barreto, e Manuel Paçanha mandarão os batés pôr o fogo na nao do mouro, e nas duas galés que de primeyro tomarão, o que assy tambem fizerão ás outras que tinhão por popa, e se fizerão a vela pera fóra do rio, porque tinhão vento, e inda vasaua a maré; o que assy fizerão todos, e sendo fóra na barra sorgirão, pera falarem o que deuião de fazer; o que vendo os Rumes inda ouverão grande medo que os nossos os aguardauão na barra pera quando sayssem.

Melequiaz tomou atreuimento, que com suas fustas acodio ás galés que ardião, e muytos Rumes, e lhe apagarão o fogo, e as recolherão. Então ouverão seu conselho como sayrião, porque os nossos assy os estauão aguardando. Dizia o rume que s'embarcaria com Melequiaz em suas fustas, e deixaria aly entregue 'armada ao Digar, e deixaria a gente que a concertasse muyto bem do que comprisse, e nos primeyros dias, que o tempo désse lugar, se fossem pera Dio. Do que Melequiaz nom foy contente, e quiz liurarse com o Visorey do erro que tinha feito em vir a Chaul em busca dos nossos, o que elle sómente fez por vêr se poderia [4] * auer * em seu poder Dom Lourenço, porque, se o ouvesse em seu poder, elle faria com o Visorey taes partidos, que pera sempre Dio lhe fi-

[1] Omittido no Ms. da Aj. [2] Por * cuidarão, * como fica advertido. [3] * para * Aj. [4] * acolher * Aj.

casse liberdado com seus portos, que tiuessem a nauegação de primeyro; e esta foy sua tenção, mas vendo agora a muyta obrigação em que estaua por Dom Lourenço ser morto, como homem auisado nom consentio no conselho do rume, porque quis elle o ter dentro em Dio com toda sua armada, pera o entregar ao Visorey, porque bem sabia que elle auia de hir tomar vingança da morte do filho. E porque esta era sua tenção, disse ao rume: « Grande erro farás aquy deixares tua armada, » « porque ficando aquy, com mea palaura que o Visorey mande ao Di- » « gar, sabe por certo que nom tens mais a armada; e se aquy ficares » « com ella outro tanto. Eu te falo verdade; agora faze o que quiseres, » « porque eu logo me hey de partir. » O rume, crendo as palauras de Melequiaz, logo fez 'armada prestes pera' Cambaya hir na companhia de Melequiaz, e pelejarem com os nossos ao sayr da barra. Em modo que todo o mal dos nossos foy a falta da poluora, polo que como foy noite se fizerão á vela de longo da costa, porque se achassem Afonso d'Alboquerque, ou outros nauios em que achassem poluora, tornarem logo a Chaul; o que fôra trabalho escusado, porque já nom auia tempos pera tornar, e se partirão da barra já em fim d'Abril de quinhentos e sete.

Os Rumes, ao outro dia, vendo os nossos partidos e a barra despejada, logo se partirão, e Melequiaz falou com o Digar, e lhe prometeo boa peita, que désse ordem como se [1] * tirasse * 'artelharia da nao do mouro. O que o Digar nom pôde fazer, antes o Izam Maluco, senhor de Chaul, lhe mandou cortar a cabeça polo fauor que deu aos Rumes, os quaes antes que se embarcassem roubarão quanto acharão, e no mar quantas naos estauão no porto, e poserão fogo á nao de Dom Lourenço. O Capitão dos Rumes era muy crente que Melequiaz ouvera a seu poder o corpo de Dom Lourenço e lhe daua grandes dadiuas por elle. Melequiaz lhe disse: « Sabe certo que, se o tiuera, to nom dera, inda que em hu- » « ma balança mo pezaras a ouro; e ysto sabe em verdade. » Então apertou muyto com Melequiaz que lhe désse alguns dos catiuos, o que nada quis fazer Melequiaz, dizendo que nom auia de faltar sua verdade, que assy o promettera aos Portuguezes, que nenhum delles auia de tirar fóra de seu poder. O rume em tudo obedeceo á vontade de Melequiaz, por lhe nom danar a vontade pera o muyto que delle esperaua, que foy gran-

[1] * tiraria * Aj.

de auiamento a concertar muyto bem sua armada, pera na saynte do inuerno, como tiuesse tempo, se tornar pera Meca com muytas naos que já tinhão carga.

Melequiaz mandou os catiuos a huma sua quinta, que tinha cinquo legoas de Dio, com hum fermoso pomar, e fontes d'agoa, e fermosas casas, em que os catiuos forão aposentados, cada hum em sua casa apartados, com seus moços, que [1] alguns saluarão; onde lhe mandou dar dinheiro pera seu gasto muy largamente, que servidores de fóra hião a comprar, e os seus moços lhe fazião o comer, e todos com cateres, e camara, e vestidos quanto lhe compria, e muy guardados; onde Melequiaz os hia visitar muytas vezes, e consolar de sua fortuna; a que daua algumas desculpas que nom fôra a Chaul senão pera acodir e valer a Dom Lourenço, se lhe fosse mal: ao que os catiuos nom dauão reposta fóra da vontade que sentião em Melequiaz.

CAPITULO XVII.

DO QUE OS NOSSOS FIZERÃO DEPOIS QUE PARTIRÃO DA BARRA DE CHAUL, E COMO MANDARÃO HUMA CARAUELLA, QUE FOSSE AO VISOREY DARLHE A NOUA DA MORTE DO FILHO, PORQUE NOM PUDERÃO [2] * LA' * TORNAR A CHAUL COM O TEMPO CONTRAIRO.

Tanto que os Rumes se partirão de Chaul, tambem se partirão as naos malauares que os Rumes roubarão, as quaes chegando a Cananor derão a noua do mal que virão, e assy em Cochym, onde chegarão algumas naos, que nom ousauão dar a noua. O Visorey lhe mandou perguntar como nom vinhão com 'armada. Elles disserão que com licença se vierão diante; mas a ElRey de Cochym era dita a verdade, mas elle defendeo muyto que o nom falassem até que outrem désse a noua ao Visorey. Os nossos, que partirão de Chaul, correrão ao longo da costa, e aos Ilheos Queimados toparão com os tres nauios que vierão d'Ormuz, Afonso Lopes da Costa, Antonio do Campo, Manuel Telles, dos quaes tomarão poluora, e pelouros, com que se fornecerão, e voltarão caminho de Chaul em busca dos Rumes, com muytos trabalhos de tempos contrairos, com

[1] * a * Aj. [2] De menos no Ms. da Aj.

que chegarão a Dabul, onde souberão que os Rumes erão hidos pera Dio, que partirão ao outro dia após sua partida d'elles; polo que se concordarão que se fossem a Cochym, porque já o tempo era de inuerno.

Melequiaz, vendo a tenção do rume, que era partirse pera o Estreito como se acabasse o inuerno, pera o que mandou recado a todos os portos de Cambaya aos mercadores que auião de hir em sua companhia, que todos se viessem a Dio como passasse o inuerno, porque logo se auia de partir; com que Melequiaz folgaua, porque queria ter todos mettidos dentro em Dio, porque elle bem sabia que o Visorey auia d'hir buscar os Rumes pera vingar a morte do filho, e que auia de vir a Dio, e se nom achasse os Rumes, então faria sua vingança com lhe destroir a cidade, e ysto auia por muyto certo; e por se saluar deste perigo, sobre que lançaua muytas contas, assentou de usar manhas com que se nom partissem os Rumes, e ahy os achasse o Visorey quando viesse, e nelles tomasse sua vingança, porque elle os faria sayr fóra do rio a pelejar com elle no mar; e se o Visorey fosse vencido os Rumes ficarião taes, que forçadamente tornarião a entrar no rio a se repairar, onde então elle teria maneira com que mataria o Capitão dos Rumes, e depois todos os outros, poucos e poucos, até nom ficar nenhum, e lhe ficaria 'armada com toda sua [1] * riqueza * e tanta artelharia, que com sua armada, e ajuda que lhe faria ElRey de Calecut, e com grande ajuda que aueria de todolos Mouros, elle sayria ao mar tão possante que desbaratasse o Visorey, e ganhasse toda a costa da India, e ganharia as fortalezas, o que nom defenderia o Rey de Cananor, que bem sabia que [2] * contra * sua vontade a fizera o Visorey, e Cochym nom tinha forças pera se defender. E tambem fazia conta, que se o Visorey vencesse os Rumes na peleja, o que elle tinha por mais certo, que então elle se lh'entregaria com a cidade, apresentando os catiuos, que teria muyto bem tratados, e diria ao Visorey que nom fôra a Chaul senão com tenção de saluar seu filho, e fôra saluo se em sua verdade se confiára; e taes modos teria que ficasse saluo, como a furia do Visorey fosse quebrada nos Rumes, com que em seu coração nom ficasse algum mal, e faria com elle taes concertos com que ficasse [3] * em * sua amizade; e sobre estas sostancias suas contas bem lançadas ao fim de seus propositos, se deixou estar passando o

[1] * fazenda * Aj. [2] * com * Arch. e Aj. [3] * com * Aj.

inuerno, e vendo que se chegaua o tempo de partir lhe foy á mão, e estrouou que se nom partissem, porque Melequiaz tinha cegado o entendimento ao rume com vã gloria de muytas honras, e hum dia presentes seus Capitães, e mercadores muyto honrados e ricos, lhe disse: «Eu» «nom sey que conselho tomas em te querendo logo tornar a Meca, tendo» «tal começo feito na destroição dos Portuguezes, que das tuas mãos vão» «tão assombrados, que nom ousárão aguardar no rio de Chaul, e fogi-» «rão, tendo armada pera pelejar, se nom fôra seu grande medo, que já» «nunqua terão coração contra ty onde te virem; e portanto deues auer» «bom conselho com estes bons caualleiros, que te ajudárão a ganhar» «tanta honra, e pois tens o mar seguro bem poderás partir alguns mer-» «cadores destes que trouxeste, e por elles manda recado a teu senhor,» «dandolhe conta do grão seruiço que tens feito ao grão Turco, e que» «te mande mais gente, porque com a que tens, e com mais armada, a» «que te eu ajudarey, e com todo o que te comprir, com que farás quan-» «tas naos e galés quiseres, e com menos despeza, e na entrada do ve-» «rão, que te virá aquy a gente, sayrás d'aquy tão poderoso com a tua» «armada, e com a minha, que leuarás em teu poder, e outra muyta» «que te mandará ElRey de Calecut, e com 'armada do Sabayo de Goa,» «que muyto folgará mandar em tua ajuda, sabendo que vás destroir os» «Portuguezes, de que elle está muy anojado porque já lhe matarão sua» «gente, e queimarão sua armada que trazia no mar em Angediua; e» «tambem 'armada de Dabul te fôra grande ajuda: ao que vendo os Por-» «tuguezes teu grande poder nom ha na India quem ouse de pelejar com-» «tigo, porque temos sabido que o Visorey nom tem armada nem gen-» «te, e tu leuarás mais de dez mil *homens* e o Rey de Calecut que» «com seu poder por terra logo hirá sobre Cochym, com que tudo ga-» «nharás, ficando senhor de toda a costa da India, e tão possante de ar-» «mada e gente, que se vierem algumas naos do Reyno tudo tomarás,» «e ganharás tanta honra, e riqueza, e acrecentarás mais tua armada,» «com que ficarás tão poderoso que nunqua virá cousa de Portugal que» «possa com teu grande poder; do que ao Turco fazes tão grande ser-» «uiço que pera sempre te dará o senhorio da India. E ysto que te fa-» «lo olha quão certo está, e sobre ysso toma conselho de teus amigos,» «e faze o que quiseres, porque eu a todos tomo por testemunhas d'ysto» «que te digo.» E se sayo, que ysto era em casa do rume.»

O qual ficou praticando com os seus, que todos ficarão muy encrinados ao que disse Melequiaz, e como erão homens que pola guerra ganhauão sua vida, logo todos disserão que nom perdesse tamanha honra, e tanto proueito que tinha tão certo nas mãos. Os mercadores, mais que todos, vendo que per este caminho ficauão suas nauegações liures, de que lhe vinha tanta riqueza, muyto aprouarão o conselho de Melequiaz, dizendo que falaua como homem sabido nas cousas da guerra mais que quantos auia na India, e como pay de todos, e que olhasse á grande riqueza que ganhaua pera o Rey de Misey seu senhor. O que ouvido polo rume logo entrou nelle grande vaidade, assentando de fazer o conselho de Melequiaz; e ao outro dia foy falar a Melequiaz com grandes honras, e auer com elle conselho o que escreueria a seu senhor o Rey de Misey; do que Melequiaz ouve muyto prazer, vendo que seu conselho nom [1] * ficára * em vão de seu desejo, e ordenarão suas cartas, que tambem Melequiaz escreueo, com que se partirão quatro naos que estauão em Dio já prestes. E o rume gastou o inuerno [2] * concertando * sua armada, e fez duas naos grandes e quatro galés pera a gente que auia de vir; e grande aprecebimento de todalas cousas que lhe comprião pera a guerra.

Timoja, sabendo todas estas cousas, as escreueo ao Visorey por terra, mas o Visorey já tinha assentado em seu coração hir buscar os Rumes, e os tomar dentro em Dio, primeyro que com elles se ajuntassem os ajudadores, e a ysto deu grande pressa, com determinação de hir a Dio primeyro que viesse do Reyno algum nouo mandador, porque então acabaua seu tempo, que seria pera elle grande mal hirse pera o Reyno sem vingar a morte [3] * do * filho, ou n'ysso acabar a vida.

Os nossos, que hião assy desbaratados, ouverão conselho passarem por Cananor de noite, porque chegando lá os Mouros se nom certeficassem da má noua, que já terião das suas naos que vierão primeyro que os nossos; e passando de Cananor ouverão acordo mandar diante huma carauella, que leuasse a noua * ao Visorey, * que podia ser que mandaria que fizessem alguma cousa antes que fossem a Cochym. E porque ninguem queria leuar tal noua, sobre ysso deitarão sortes, que cayo em hum Duarte Camacho, que hia por Capitão da carauella de Pero Cão, porque elle, com seu grande nojo, nom quis vir na carauella; polo que então o

[1] * ficaua * Aj. [2] * em concertar * Aj. [3] * de seu * Aj.

Camacho assy forçado foy, e entrou com a viração no rio de Cochym, e sorgio diante da fortaleza sem a saluar, nem na carauella nom parecia nenhuma gente; então dahy a hum pouco o Camacho se metteo no esquife, e com tres remos se foy a terra. O Visorey estaua assentado em huma genela que vinha sobre a praya, com o Capitão, e com outros fidalgos, e vendo o geito da carauella, e o Capitão della d'arte que desembarcaua, se tirou da genela, e se assentou dentro em huma cadeira, e pôs o braço na cadeira, e sobre a mão acostou a face direita, e disse: «Esta carauella me trás a noua que eu tenho no coração, pois que as» «naos de Cochym vierão sem meu filho, porque elle he morto.» Ao que o Camacho entrou com grande tristeza no rostro, o qual antes que falasse, o Visorey lhe falou, dizendo: «Camacho, inda que meu filho seja» «morto, porque nom saluastes esta fortaleza, pois nom he do pay do» «morto? que meu filho nom era mais que hum só homem, nem me» «fica outro.» O Camacho nom lhe respondeo, [1] * mas pôs os joelhos no chão, e com muytas lagrimas respondeo: «Senhor, Nossa Senhora per-» «deo a seu bento filho posto na Cruz antre dous ladrões, e vós perdes-» «tes o vosso filho pelejando com Turcos do Soldão.» O Visorey com o rostro muy [2] * seguro, * lhe disse: «Ora vos hide a descançar, e man-» «day á carauella que faça sua costumada salua, e eu mandarey na Igre-» «ja fazer sinal polo defunto, e acodirá gente, e lhe dirão patre nostres» «pola alma, porque quem o frangão comeo, ha de comer o galo, ou» «pagalo.» Com o que se recolheo pera huma ante camara, onde assentado, o Capitão e fidalgos mouerão pratica de sostancias consolatorias, pera abrandar tamanha dor, como sentião que o pay deuia ter com a morte de tal filho. Ao que lhe o Visorey foy á mão, dizendo: «Eu nom me posso escusar da dor que a carne me dá, como [3] * pay, *» «de força de natureza; mas espero em Nosso Senhor que me ajudará» «por sua misericordia, e com 'ajuda de meus amigos me dará alegria» «nesta dor que ora tenho, em que acabando a vida será pera mym o» «mór descanço. Vãose Vossas Mercês embora, que as palauras de con-» «forto são das molheres pera suas amigas, quando pranteão seus filhos» «mortos em aquecimentos como ora foy deste meu.» E lhe fazendo sua cortezia se recolheo á sua camara.

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] * sesudo * Aj. [3] * paz * Arch.

Logo neste dia á noite ElRey de Cochym em hum tone veo polo rio visitár o Visorey, ao qual sendo dito que ElRey chegaua, elle á pressa sayo, e com quatro tochas acesas deceo abaixo, e foy á praya receber ElRey, com rostro seguro e contente, como se nom tiuera nenhuma dor. O Principe que [1] * viera * com ElRey, vendo o Visorey se lhe encherão os olhos d'agoa, porque era muyto amigo de Dom Lourenço. O Visorey dessimulou, e fez que o nom via, e os recebeo com suas costumadas cortezias, e se forão acyma, e assentarão em cadeiras, e falarão poucas palauras. ElRey se tornou a leuantar, e em pé disse ao Visorey: «Teu» «filho morreo como teu filho; a magoa que tem meu coração descança» «em ty, que hes bom pay, e tens [2] * muytos * amigos, e a mym, que» «são o mór que tens, que * com * toda minha força e poder te ajuda-» «rey contra estes nouos imigos, porque a vingança satisfaz muyto a» «dor.» O Visorey lhe respondeo com grandes comprimentos de cortezia» com fala despejada, como se nom tiuera nenhuma dor, dizendo: «Se-» «nhor, meu filho dey eu a ElRey meu Senhor pera o seruir na guer-» «ra, e ella o leuou; agora tenho delle saudade, porque já o nom hey» «de vêr, senão no outro mundo, onde eu agora folgára d'estar senão» «pera o vêr, e os que com elle matarão. Eu espero em Nosso Senhor» «de hir buscar os que o matarão, e muy cedo, quanto eu puder, e lhe» «farey todo o mal que puder, porque nom tornem a fazer a ElRey meu» «Senhor outros móres males, que este que a mym fizerão foy matarem» «meu filho, que era hum só homem.» Falando o Visorey, ElRey falaua com o Principe e com os seus, espantado de ver o Visorey tão repousado em tamanha paixão, e dizia que o Visorey tinha o coração de pedra. ElRey lhe disse que elle, e seu Reyno, tudo estaua prestes pera 'ajuda de vingança, porque tambem seu filho morrera fazendolhe seruiço em guarda de suas nauegações. O Principe disse ao Visorey: «Eu tanto que-» «ria a teu filho que, se fôra possiuel, eu com esta espada fôra contigo o» «ajudar sua vingança, porque tanto lhe queria como proprio irmão.» Ao que lhe o Visorey respondeo: » Os corações dos grandes Principes, co-» «mo tu hes, tem essas bondades.» Com que se tornarão a seus tones, e se forão a Cochym.

Ao outro dia á tarde chegarão os nauios, a que logo foy auiso de

[1] * veyo * Aj. [2] * muyto bons * Aj.

terra que entrando saluassem a fortaleza, porque o Visorey ouvera por mal nom o fazer o Camacho; de modo que entrando cada hum tirou dous tiros, e desembarcarão os Capitães, e forão ao Visorey, que os estaua aguardando na sala, e mandou o Capitão Dom Aluaro que os fosse receber á porta da fortaleza. Entrando ao Visorey todos com os rostros tristes, o Visorey os recebeo com bom rostro, e trauou pratica com elles do trabalhoso tempo que trazião, que era já com muytas chuiuas d'inuerno, e perguntou a Afonso Lopes se ouvera resgate de dous mercadores, que elle tomara em huma nao de preza, que disserão que em Cambaya se resgatarião cada hum por dez mil cruzados, e pera ysso os leuára Afonso Lopes da Costa; ao que respondeo ao Visorey que com a fortidão dos ventos contrarios nom chegarão mais que até Dabul. Então lhe perguntou o Visorey a todos o corregimento que auião mester seus nauios, e foy largando a pratica, por lhe nom deixar tempo que lhe falassem na morte do filho: com que os despedio.

O Visorey com seu muyto auiso teue tal modo, que nunqua se soube que algum homem lhe contasse como fora a morte do filho, o que elle lá em secreto deuia de saber de Pero Cão, [1] * amo * de Dom Lourenço, que em sua casa estaua mettido. Hum dia Dom Aluaro disse ao Visorey: « Vossa Senhoria soube como ysto passou? » O Visorey lhe disse: « Eu » « sey que meu filho he morto, que o matarão, e elle está viuo no meu » « coração, que abasta pera minha dor, e saber mais da historia he pera » « mym escusado, porque sey quem meu filho era, e por sua culpa na- » « da se perdeo, e se em outros ouve algum erro he escusado o exami- » « nar, porque hey mester amigos, e sey que o principal erro forão meus » « pecados. »

O Visorey nom tomou dó, nem differençou [2] * nada * o vestido, que sempre trazia hum sayo de solia, [3] * e uma boleta aberta de solia, * e na cabeça huma carapuça branca, e huma caninha na mão, e nunqua se ençarrou do costumado, que era pola menhã cedo [4] * hia * ouvir missa, e da missa hia visitar a ribeira, e prouendo o que compria se tornaua a sua casa a despachar outras cousas até jantar, e á tarde se assentaua á porta da fortaleza com os fidalgos praticando; então daua vista á ribeira, e se recolhia, e deste modo passaua o tempo. Mas agora era sempre

[1] * amigo * Aj. [2] De menos no Ms. da Aj. [3] Idem. [4] * hir * Aj.

continuo na ribeira, desfazendo nauios que nom podião seruir por serem muyto velhos, e os bons renouar e concertar muyto bem, e dos nauios velhos mandaua fazer caruão pera as ferrarias. E ElRey mandaua vir quanta madeira se auia mester. Proueo o Visorey muy auondadamente em todalas cousas que se auião mester, a que repartio alguns fidalgos que tinhão cargo de prouer as cousas. Era sempre muyto visitado d'El-Rey. O Visorey sobre todalas cousas pedia a ElRey pimenta, dizendolhe que outra nenhuma cousa o estrouaria que nom fosse á vingança de seu filho, senão nom ter pimenta, porque se a tiuesse o feitor faria a carga, e elle hiria seu caminho. O que lhe ElRey muyto prometteo que teria pimenta em auondança, e todo outro auiamento de carga, que nada lhe estrouasse seu caminho; porque lhe o Visorey dizia que auião de vir as naos que nom passarão, que estauão em Moçambique, e tambem auião de vir as naos deste anno, e as do anno passado auião de vir muy daneficadas, e auião d'auer mester muyto corregimento. O que muyto encarregaua ao feitor que de todo se prouesse, e nysto o ajudasse, porque o trabalho d'armada era pera sua vingança, e a carga das naos era proueito do senhor da casa, e se com ella lhe faltasse diria que fôra mais lembrado de [1] * minha * dor que de seu proueito, e por tanto elle nom auia de partir de Cochym sem leuar a carga diante. E porque na ribeira nom auia lugar pera fazer cordoaria, comprou o Visorey hum palmar que estaua além da pouoação, que era de um Caimal, o qual o nom quis vender, senão arrendar por pouca cousa que cad'anno lhe pagauão, mas depois Afonso d'Alboquerque o ouve de compra do Caimal, e sempre nelle se fez a cordoaria até o ano de quinhentos e vinte e cinco, que Afonso Mexia, veador [2] * da * fazenda, fez cordoaria na ribeira, de pedra, coberta de telha, e o chão da cordoaria se deu de mercê aos moradores, onde oje em dia viuem.

O Visorey andando nestes trabalhos lhe foy dada a carta de Timoja, que já disse, d'auiso do aprecebimento que os Rumes fazião em Dio, a qual trouxe hum peão por terra, a que o Visorey bem pagou seu trabalho, e respondeo ao Timoja, e lhe muyto encomendou que muyto trabalhasse por saber tudo, e lhe mandasse auiso como bom amigo: o que o Timoja assy o fez muy inteiramente, como diante direy.

[1] Aliás * sua. * Estas trocas são frequentes em G. Correa. [2] * de sua * Aj.

O Rey de Cananor, por comprimento, escreueo ao Visorey sua carta de palauras de consolação, e que auia muyto pezar da morte de seu filho; a que o Visorey respondeo com muytas palauras de comprimentos, dizendo que os corações dos Reys tinhão em sy tanta bondade, que sempre lhe pezaua com as mortes alheas, quando nom erão de seus imigos, e que elle o cria que teria pezar, porque elle era seu seruidor. Mas que elle tinha esperança em Deos de tomar boa paga dos que seu filho matarão, como elle ouviria; e depois auia de tomar vingança de todolos Mouros da India, porque todos folgarão com a morte de seu filho, e aos Mouros de Cananor guardaria porque erão seus, mas que lhe certeficaua que todolos Mouros que achasse sobre o mar a nenhum auia de dar vida, ainda que fosse pescador em huma almadia.

O Visorey mandou fazer em Cananor duzentas pipas de poluora, e muyta pedra d'Angediua, que hi estaua, laurar em pelouros, que fez grã soma, e muytas panellas pera poluora, e muytas lanças e rocas de fogo, porque o condestabre de tudo sabia muyto. Tambem em Cochym se fez muyta desta cousa, e pelouros de fogo pera deitarem as bombardas, e outros arteficios, que lhe fazia hum leuantisco, que trouxera quando veo, que lhe ElRey entregou por homem marauilhoso nestas artes de fogos materiaes, e com dez cruzados cada mês pera seu gasto, que o Visorey lhe mandaua pagar d'antemão, e lhe fazia muytas honras, com que o leuantisco era tão soberbo e fazia tantas cousas que ninguem podia com elle, de que muyto se queixauão ao Visorey, que o amoestaua, e com rogos lhe dizia que nom fizesse taes cousas, porque se nom se emmendasse o castigaria; e lho dizia diante dos Capitães, e mandaua ao Ouvidor de tudo fazer autos, mas o italiano nada estimaua, e andaua de dia e de noite por onde queria, tomando tudo per força á gente da terra, e em cada botica se embebedaua, e dormia per força com molheres, e sobre ysso lhe fazia mal; com que cada dia vinhão queixumes ao Ouvidor, e ao Visorey, e muyto pior agora que era acupado em fazer estas monições. O Visorey, por se vêr muyto importunado delle, determinaua o tornar a mandar ao Reyno, e com esta tenção ordenou huma casa apartada em que o leuantisco fazia suas obras quando queria, e ordenou o Visorey quatro escrauos d'ElRey rodeados, que fizessem e trabalhassem o que elle mandasse, os quaes muyto bem aprenderão tudo quanto o mestre fazia, que elles o fazião por sua mão, com que o Visorey estaua des-

cançado. O [1] * leuantisco, * vendo que assy neste tempo tinhão necessidade delle, fazia cousas como homem doudo, e se foy hum dia folgar por hum palmar, e vio huma moça naira, que hia arraiada com manilhas e orelheiras d'ouro, e lançou mão della dentro em hum mato, e fezlhe medo que a mataria com huma espada d'ambalas mãos, que sempre trazia, e [2] * a roubou das * joias, e dormio com ella, que era virgem, e a deixou, e se foy. A moça foy bradando, correndo della o sangue. Acodirão os Naires, disse o que lhe fizera aquelle homem, forão após elle, e o tomarão, e o nom quizerão matar porque auião medo a ElRey de Cochym, e se forão após o italiano, e o cercarão, e muyto juntos de supite arremetterão com elle, e lhe tomarão a espada, e atado se forão com elle e com a moça a ElRey, sem lhe tirar do seyo as joyas que leuaua: do que ElRey ouve muyto pezar, e os mandou que o leuassem ao Visorey, e a moça, e lhe contassem o feito. O Visorey se vinha recolhendo pera jantar, e ouve muy grande paixão de tal cousa, e mandou aos Naires que se fossem com a moça ao proprio lugar onde dormira com ella, e dahy se nom fossem até lhe elle mandar seu recado. Elles se forão. O Visorey mandou ao Ouvidor fazer auto, e a elle ajuntasse todos os outros que tinha feitos, e mandou o meirinho com o leuantisco, que o leuasse, e no proprio lugar que lançou mão da moça ahy lhe cortassem ambas as mãos, e então o fossem enforcar em qualquer aruore que estiuesse onde dormira com a moça, com as joyas penduradas ao pescoço, e que sendo morto lhas tirasse, e entregasse á moça. E assy foy leuado com pregão que dizia: *Justiça que manda fazer ElRey nosso Senhor d'este homem forçador, e roubador, e atrevido em males fazer, que cuida que ElRey o ha mester.* Do que os Naires, e todo o pouo ficou muy satisfeito, e ElRey e os seus grandes, e auido por grande perfeição de justiça.

E porque na gente auia grã falta d'armas, mórmente na gente do mar, mandou o Visorey fazer polos officiaes da terra, que o sabião fazer, muytos laudés acolchoados d'algodão, e armaduras pera cabeças, e braçaes muy fortes, da feição que os Malauares os trazião na guerra, e tudo de veludos de Meca, que auia muytos na feitoria; e em tanta perfeição

[1] * Visorey * escreveram, com indisculpavel desattenção, ambos os copistas.
[2] * arrombou as * Aj.

de bons os fizerão, que muytos homens fizerão destas armas pera sy. Já neste tempo a gente era mais esforçada, porque auia muyto pão que comião, e auia muytos homens que amaçauão pera vender, porque as naos que vinhão de Cambaya trazião muyto trigo em que muyto ganhauão; com os quaes amaçadeiros o Visorey se concertou, e lhe fazião biscoitos em auondança, que foy hum grande bem.

CAPITULO XVIII.

DE COMO VEO AO VISOREY NOUA DA RAYNHA DE COULÃO QUE ERA PASSADA HUMA NAO DO REYNO PERA DETRA'S DO CABO DE COMORYM, E LA' ESTAUA, E O SECORRO QUE LHE MANDOU O VISOREY.

Estando o Visorey em seus trabalhos, sendo já em fim de Mayo, e inuerno çarrado, a Raynha de Coulão mandou recado ao Visorey, que huma nao nossa era passada pera detrás do cabo de Comorym, e lá estaua, que era huma nao grande, que tinha muyta gente, e estaua doze legoas de dentro do cabo, em hum porto seguro de tromentas de inuerno. Ao Visorey pareceo que deuia ser Afonso d'Alboquerque que vinha d'Ormuz, ou nao outra da sua companhia, que viria fogindo com os outros; polo que mandou fazer prestes huma carauella carregada de mantimentos, e huma ancora grande com hum grosso estrem, e porque muytos duvidauão a carauella lá poder hir, por caso do inuerno forte que fazia, de que o Visorey * tinha * muyto desprazer, hum mancebo fidalgo, que andaua com o Visorey, chamado Gracia de Sousa, se offereceo a hir na carauella, polo que o Visorey lhe fez mercê de ordenado de nao grande, com a carauella, porque dizia o Visorey que auia de dar os ordenados segundo os seruiços, e nom segundo a valia dos Capitães; o que lhe foy reprendido d'ElRey. Sayo a carauella de Cochym á força de muytos tones, que a tirarão fóra da barra; deulhe Deos tempo com que dobrou o cabo de Comorym, que era dahy a cinquoenta legoas, onde além do cabo ficou em verão, que lá faz quando cá faz inuerno. A qual chegando á nao, em todos ouve muyto prazer, porque esta nao então chegaua, que era das que este ano de quinhentos e sete nom passarão. Era della Capitão Fernão Soares, comendador da ordem d'Avis, o qual se perdeo d'outra companhia, depois de * terem * todos dobrado o cabo, e per acerto,

esta nauegou por fora da Ilha de sam Lourenço, e sendo já muy tarde veo demandar a costa da India, e sendo na paragem das Ilhas de Maldiua topou com huma nao que vinha de Pacem, que hia atrauessando pera Meca, a qual abalroou, e pelejou todo hum dia até noite, que se apartou com muyta gente morta, e ferida, porque a nao trazia seiscentos homens de peleja, muy armada, com muyta artelharia, e muytos frecheiros d'arquos troquiscos.

Ao outro dia nom auendo vista da nao ouverão muyto prazer, e fizerão seu caminho, e forão tomar além do cabo de Comorym, e achando bom porto sorgirão, onde os feridos forão repairados. Foy grande bem 'amarra, e ancora, porque a nao d'ysto vinha falta. Então Gracia de Sousa mandou ao Rey grande, que he senhor destas terras, cartas que lhe mandaua o Visorey, em que lhe pedia que por dinheiro vendessem á nao todo o que ouvessem mester, que tudo pagarião muyto bem, e por ysso serião muyto amigos, com as cartas e presente de cousas do Reyno; com que muyto folgou, e mandou que tudo vendessem á gente da nao, e que lhe nom fizessem mal, o que assy foy feito, que estiuerão muyto á sua vontade, porque tambem lá enuernou a carauella, que nom pôde tornar a Cochym até Agosto. E logo por terra forão dous homens da nao, e hum da carauella com cartas do Reyno, e do bom gazalho que tinhão na terra.

ARMADA

QUE DO REYNO PARTIO SEM CAPITÃO MÓR.

ANNO DE 507.

CAPITULO I.

Sendo chegados a Cochym os tres homens que vinhão da nao, com que ouve grande aluoroço, e veo toda a gente a ouvir, o Visorey se assentou na ramada, e presente todos perguntou as nouas, e contarão que partirão do Reyno capitanias apartadas, a saber: Jorge de Mello Pereira, Capitão de Anrique Nunez de Liam; e Felipe de Crasto, Capitão de seu irmão Jorge de Crasto; e Fernão Soares commendador da ordem d'Avis, Capitão de Ruy da Cunha; e de Gonçalo Carneiro; e que como erão auiados logo ElRey os mandára partir, e que andassem quando podessem, e Fernão Soares partira por derradeiro, por partirem muyto tarde, e que no rio de Lisboa se ficaua fazendo prestes pera logo partir, como partirão dahy, a vinte dias, Vasco Gomes d'Abreu pera Capitão de Çofala, e nella fazer fortaleza como fez, como atrás [1] * nas * folhas fica pintada, que eu disse que adiante em outro tempo se fizera, que foy neste. Trouxe Vasco Gomes em sua companhia Ruy de Brito Patalim pera feitor, e alcaide mór, e com regimento que ficasse por Capitão em Çofala em quanto Vasco Gomes fosse visitar Moçambique; trouxe mais em ou-

[1] * as * Arch.

tro nauio Ruy de Valadares, e Lopo Cabreira, e Martim Coelho, e Diogo de Mello, e trouxe moradores que auião de viuer em Çofala, e os nauios ordenados que auia de trazer na costa ao trato da roupa, o que se depois soube, que partido de Lisboa Vasco Gomes d'Abreu com sua armada, despedio a João Chanoca na carauella, que fosse costeando a costa de Jalofo, a qual assy hindo se perdeo de noyte por má vigia, que depois forão a Bizeguiche ter homens d'ella, que contarão como se perdera. O qual Vasco Gomes correo seu caminho com muyto bons tempos que achou, com que chegou a Çofala a saluamento, e achou a terra muyto assentada, e com muyto trato que fazia Nuno Vaz Pereira, que o Visorey lá mandára por Capitão quando falecera Pero da Nhaya, como atrás contey; e chegando Vasco Gomes deu a Nuno Vaz Pereira hum dos nauios em que se fosse a Moçambique, e sabendo que tinha Nuno Vaz muyto ouro, que resgatára, lho pedio que lho entregasse. Nuno Vaz lhe disse que o ouro que se resgataua em Çofala era pera ElRey, e nom pera os Capitães, «e porque o Visorey me deu este regimento lhe leuo o ouro» «que resgatey.» E se partio de Çofala, [1] *e chegou* a Moçambique, e hy enuernou com as naos que nom passarão, e como o tempo lhe deu logar logo se partio pera a India, sem aguardar pôlas naos, porque o seu nauio era muyto bom de vela.

Vasco Gomes, achando a terra assy pacifica, logo se metteo a fazer a fortaleza, que logo çarrou no andar das ameas, porque tinha grande ajuda da gente da terra, onde soube que as naos enuernarão. Deixando em Çofala prouido todo o que compria, e deixando por Capitão o alcaide mór Ruy de Brito Patalim, se partio pera Moçambique com os [2] *quatro nauios,* pera onde trazia [3] apontamentos do que auia de fazer, e d'ahy mandar nauios ao trato da roupa, e elle passar á Ilha de sam Lourenço a buscar as drogas que lá achára Job Queimado, segundo as cartas que Tristão da Cunha escreuera a ElRey per Antonio de Saldanha, que leuára a pimenta da nao de João da Noua, que atrás contey. O qual Vasco Gomes, assy hindo de Çofala, desapareceo que nunqua

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] O que vem nas duas copias é: *os nauios IIIÏ.* Fizemos a emenda, lembrando-nos que Vasco Gomes sahiu de Lisboa com cinco nauios, dos quaes o de João Chanoca se perdeo adiante do rio Sanagá. Barros, Dec. II, Liv. I, Cap. VI. [3] *muytos* Aj.

mais foy visto, e se creo que o comeo o mar, com hum grande temporal que logo sobreueo, de grande vento da terra, que trouxe as aruores ao mar, e derribou parte da fortaleza em Çofala, de que outros nauios escaparão, que tiuerão melhor vigia, e erão mais perto da terra.

Vasco Gomes trazia em regimento que em Moçambique fizesse huma torre de dous sobrados, em que se aposentasse, e fizesse grandes casas pera recolhimento das fazendas que se descarregassem, e sobre tudo fizesse hum esprital pera os doentes que hy chegauão do Reyno, e que pera estes trabalhos lhe fizessem ajuda quaesquer Capitães que enuernassem. Quando de Çofala partio Nuno Vaz, Vasco Gomes escreueo aos Capitães a Moçambique, e lhe mandou o trelado dos apontamentos d'ElRey, e lhe escreueo pedindo por mercê, que por seruiço de Deos e d'ElRey, quigessem mandar fazer algum ajuntamento de pedra e cal pera se fazerem estas cousas, que elle logo hiria a fazer o que ElRey mandaua, e que se elle tardasse, e elles quigessem, com seus bons pareceres mandassem fazer a obra, mandandolhe a vitola, que ElRey dera, de como as casas se auião de fazer.

Chegando Nuno Vaz a Moçambique, que falou ysto com os Capitães, [1] * todos * muyto folgarão, porque auião grande piedade dos muytos doentes que morrião, e todos com muyta vontade, com a gente que era sã se poserão no trabalho de fazer o esprital, pera que fizerão huma casa grande com grande varanda detrás, e casa apartada pera o enfermeiro, e outra pera botica, e aposento do mestre, em que derão tanto auiamento que em pouco tempo foy feita, em que metterão os doentes em cateres que se fizerão, e escrauos catiuos do esprital pera seruiço dos doentes, porque os que morrião tudo [2] * deixauão * pera o esprital, onde os Capitães por suas deuações tomarão cuidado do esprital, e seruião d'enfermeiros cada hum mês, em que se muyto acupauão no bom seruiço e repairo dos doentes, a que dauão muytas marmeladas, e conseruas, e do comer erão muyto repairados.

Acabando assy o esprital se metterão n'acupação de fazer Sam Gabriel, que já estaua feita huma casinha, como atrás fica, e fizerão a Igreja grande, muyto bem concertada, com ornamentos, e capellão pera dizer missa, com seu mantimento ordenado, e lhe fizerão [3] * grande * circuito

[1] * *que* todos * Arch. e Aj. [2] * deixão * Arch. e Aj. [3] De menos na copia d'Aj.

de sebe d'espinhos pera dentro ser adro, em que já auia muytas couas de defuntos dos tempos passados. E os Capitães antre sy ouverão conselho, e do dinheiro dos cofres pagarão á gente hum cruzado de mantimento per mês, com que se os homens muyto repairarão, e fizerão João de [1] * Brionis * feitor destes pagamentos; onde tambem os Capitães contenderão com Nuno Vaz Pereira, que o ouro de Çofala, que tinha, o mettesse nos cofres, mas elle nom quis, dizendo que 'o Visorey o auia d'apresentar, e elle fizesse delle o que quigesse. E porque tudo assy estaua bem encaminhado, e a gente já bem desposta, que todos trabalhauão, os Capitães, por nom estarem ociosos e gastarem o tempo embalde, vendo a traça que ElRey mandara, e tanto emcomendaua que se fizesse aly castello, se metterão no castello, e fizerão huma torre quadrada de dous sobrados, e em quadra della fizerão grande cerqua de pedra, com amêas e bombardeiras, e nas quadras outras torres no andar das amêas, e dentro fizerão grandes casas pera recolhimento das fazendas, e casas pera almazem, e nos cubellos o feitor e officiaes aposentados, e tudo bem concertado.

Em quanto estas cousas se fazião, mandarão Martim Coelho, e Diogo de Mello com seus nauios a Quiloa com fazenda, e trouxerão os nauios carregados de roupas, que foy grande repairo á gente, porque della se vestião, e comprauão o que auião mester; e mandarão a Çofala hum nauio carregado de roupa, e corrião estes nauios a costa de Melinde, trazendo muytos mantimentos.

Ouve ElRey muyto prazer quando soube estas obras que erão feitas, e depois mandou que sempre em Moçambique ouvesse feitor, e alcaide mór, sob a jurdição do Capitão de Çofala, que auia de vir a Moçambique ao tempo que chegão as naos do Reyno, pera nellas mandarem o ouro que tiuessem resgatado pera carga da pimenta. Quando se estes Capitães partirão deixarão com o feitor dezaseis homens, e alguns degredados, e com muytas roupas e tudo bem repairado.

Tudo ysto recontey por se passar neste dito anno, em quanto estas naos enuernarão, porque nada destas cousas contarão os homens que vierão da nao, que o nom sabião, sómente se soube quando a Cochym chegou Nuno Vaz Pereira, como adiante direy.

[1] * Brioins * Aj.

E tornando aos homens que contauão as nouas, contarão como todo hum dia estiuerão abalroados com a nao dos Mouros, pelejando até noite, que lhe tinha mortos e feridos tantos homens, que folgarão quando anoiteceo que se apartarão, e muyto mais quando ao outro dia que a nom virão, porque sem duvida, se a nao tornára a pelejar, segundo os nossos erão feridos, e os Mouros muytos e bem armados, e muytos frecheiros, sempre forão vencidos. Estas são humas naos que se armão em Cambaya, e carregão muytas mercadarias, e vão de mar em fóra auer vista da Ilha de Ceylão, e passão per a enseada de Bengala, e Pegú, e Tanaçarim, em que carregão riquas mercadarias, com que vão a Pacem e carregão de pimenta, e fazem seu caminho pera Meca per antre as Ilhas de Maldiua; e são estas naos tão possantes, e vão tão armadas, e com tanta gente, que se atreuem a fazer sua nauegação sem temor de nossos nauios, como esta fez.

A Raynha de Coulão mandou fazer tantas amizades á gente da nao, que por ysso obrigou muyto ao Visorey, e mandou dizer ao Visorey, que pois aquella nao lá fora ter á sua banda, era razão que ella a carregasse, e assy lhe pedia que mandasse lá feitor com fazenda pera carregar. Do que aprouve ao Visorey, e pola mais contentar mandou assentar feitoria como de primeyro, e por feitor Felippe de Reisende, com hum escriuão e seis homens, que leuou cobre e mercadorias, e portuguezes d'ouro pera a compra da pimenta: do que de todo a Raynha deu sua olá assinada, que tudo tomaua sobre sy; e foy em tones per dentro polos rios. E o feitor leuou apontamento que ajuntasse quanta pimenta podesse, porque auião de vir as naos que enuernauão, e nom sabia quantas virião do Reyno nesta monção do anno quinhentos e oito. O que o Visorey muyto encomendou á Raynha, do que ella muyto se encarregou. E porque este era o mór cuidado que o Visorey tinha, d'auiar prestesmente as naos do Reyno, por elle poder hir sua viagem a Dio, mandou apregoar pola fala da terra, com bacias tangidas, segundo seus costumes, que quem quer que trouxesse pimenta ao pezo logo leuaria a paga na mão, que era em cobre, e portuguezes d'ouro. O que o Visorey assy mandou apregoar, porque entendessem que elle tinha muyto dinheiro, e tambem fez ysto porque sabia que os Mouros que trazião a pimenta, erão regatões della, que a hião comprar á serra aos gentios, que são os que a vendem aos Mouros, que lha comprão fiada a troco de roupas, panos baixos, e ou-

tras cousas que nom tem na serra, com que os Mouros muyto ganhauão. O qual pregão ouvido dos Mouros ouverão elles muyto pezar, porque o Visorey ysto mandou dizer ao Rey da Pimenta, dizendo que folgaria que o proueito que auião os Mouros, que o ouvessem antes seus naturaes; e com ysto grande presente de peças de seda, lhe rogando que ysto mandasse assy noteficar aos seus, e que os que trouxessem a pimenta em nenhum logar lhe farião detença, até chegar ao pezo onde auião de pagar os direitos, que primeyro pagauão polos caminhos. O que ouvido da gente da serra, vendedores da pimenta, cobiçarão ganhar este proueito; logo trouxerão muytos tones de pimenta, onde no pezo lhe fizerão muyta honra, e lhe pagarão seu cobre, e em portuguezes d'ouro, do que elles muyto gostarão, que nunqua até então tal virão, e afóra a paga barretes vermelhos, e bainhas de facas, e pedaços de sandolo, com que hião com muy grande prazer, porque logo vendião o cobre, e [1] * leuauão * tudo em dinheiro na mão, e roupas que comprauão, e o que auião mester, com que auião grande prazer, com que se hião pera suas terras; com que logo todos trouxerão sua pimenta em seus tones a Cochym, com que os Mouros ficarão fóra deste trato da pimenta da Serra até hoje em dia; que este foy o principal respeito porque o fez o Visorey, que tinha mortal odio aos Mouros, e per todolos modos que podia lhe hia desfazendo seus tratos, com que pobres, e * por * nom terem em que ganhar e tratar, despouoassem a terra.

Nesta nao de Fernão Soares veo huma via das cartas d'ElRey, que trouxerão ao Visorey, e outras muytas cartas dos irmãos do Visorey, em que lhe dauão conta de como ElRey estaua bem com seus seruiços, por serem com tanta perfeição, que inda que lhe dauão capitulos e cartas de males, nada ElRey estimaua e estaua com muyta vontade de lhe fazer muytas mercês, que por ysso mandaua que se fosse a descançar ao Reyno, pois já tinha a India segura com boas fortalezas, e que Afonso d'Alboquerque ficasse por Gouernador da India; e ysto lhe escreuerão, porque o Visorey sempre lhe muyto rogou que quando ElRey o mandasse hir da India, lho escreuessem primeyro hum anno, porque elle determinaua antes de partir da India pagar a toda a gente, que com elle vierão do Reyno, todo o que lhe fosse deuido, dizendo que nom queria esta

[1] * leuão * Arch. e Aj.

obrigação deixar sobre ElRey, e na vontade do Gouernador que entrasse após elle, que nom sabia se quereria pagar os seruiços [1] * passados. * Ouve o Visorey muyto prazer sabendo que se auia de hir nas naos do anno de quinhentos e oito. E assy lhe mandarão o treslado de muytas cartas que o sacretario Gaspar Pereira mandara a ElRey, de males que escreuia do Visorey, e d'outros homens que tambem escreuião males a ElRey, e tudo falsidades: com que o Visorey ouve prazer. O que tudo o Visorey calou [2] * e dessimulou; * mas ElRey em suas cartas nada dizia ao Visorey destes males que lhe escreuião delle, sómente muytos contentamentos que mostraua de suas cousas e bons seruiços, sómente lhe mandaua que em todo o caso lhe escreuesse, e per suas cartas lhe désse conta de quanto tinha feito na India, depois que passara o cabo da Boa Esperança até'gora, e nysso nom fizesse outra cousa. Do que o Visorey ouve muy grande paixão auer de contar suas cousas, que dizia que de todolos feitos d'honra se perdia primor como os contaua a pessoa que os fazia, porque logo em os contando se gabaua; e ysto dizia elle muytas vezes em pratica com os fidalgos, que nenhuma mór offensa podião fazer á sua condição, senão mandar que contasse suas obras; e sentio que este foy o mór mexerico que o sacretario d'elle escreuera a ElRey, dizendo que porque desprezaua seu cargo tão grande, de ser Visorey da India mostraua desprezo, e nom estimaua como era razão, e por ysso lhe nom queria dar conta da India, porque se desprezaua d'ysso. O que o sacretario assy [3] * escreueo * a ElRey, e a outros do conselho, que esta cousa muyto encarecerão a ElRey, que tinhão má vontade ao Visorey, porque o Visorey com nenhum tinha prestança, nem com elles comunicaua, nem passeaua, e era de todos apartadiço, e dizia que se enfadaua em Portugal, porque nom achaua homem com que falasse de sizo; com o que era no auorrecimento de todos, com que fizerão com ElRey que assy mandasse expressamente ao Visorey que lhe escreuesse; do que o Visorey andaua com grande sentimento.

Estando hum dia o Visorey assentado na ribeira com todos os fidalgos, onde passaua o mais do tempo dando auiamento ás obras, falando com todos, disse: « Nesta nao me vem nouas de huma grande mercê » « que me Nosso Senhor faz, que he mandarme ElRey meu Senhor que »

[1] * atrazados * Aj. [2] De menos na copia da Aj. [3] * escreuera * Aj.

«me vá nas naos do anno que vem, porque então acabo os tres annos»
«de meu cargo, e que Afonso d'Alboquerque ficará gouernando a In-»
«dia. A Nosso Senhor agardeço esta tamanha mercê, pois já som mor-»
«to no contentamento d'este mundo.» O que assy ouvido todos ficarão muy tristes, e com muyto pezar, porque muyto amauão o Visorey, por ser homem muy perfeito em suas cousas, e de muy nobre condição, e muyto inclinado a grandezas; homem sem nenhum engano, e que muyto estimaua e louvaua os seruiços dos homens; homem manso, prudente, e muyto sezudo, e de bom saber, com que gouernaua a India. E Afonso d'Alboquerque, postoque todas estas prefeições podia ter, estaua já no pouo mal julgado, polas infamias que delle dizião os Capitães que vierão d'Ormuz, e nos graos do Visorey era muyto menos; o que causaua o desgosto que a gente n'ysso leuaua. Os fidalgos, e caualleiros, que tinhão ganhado, vendo que o [1] *auião* d'entrar no nouo seruiço de nouo mandador, Afonso Lopes da Costa, que hy estaua presente com os outros seus companheiros, todos se aleuantarão com o barrete na mão, que o Visorey mandou que se cobrissem e se assentassem, e Afonso Lopes disse: «Senhor, ElRey nosso senhor manda o que he sua vontade»
«segundo sua tenção, e em mandar que Vossa Senhoria se vá, e fique»
«na gouernança Afonso d'Alboquerque, o faria segundo o contentamen-»
«to de seu seruiço, mas o tempo dará o fructo que dahy sayrá. Mas»
«crea sem duvida, que sendo Afonso d'Alboquerque conhecido dos ho-»
«mens da India, que andão criados nas obras que lhe Vossa Senhoria»
«faz, e vendo as fortidões e asperezas d'Afonso d'Alboquerque, me af-»
«firmo que todos fogirão pera Portugal, e os que ficarem seruirão per»
«força.» O Visorey se acendeo muyto em paixão, e disse: «Afonso»
«Lopes da Costa, das cousas mandadas por ElRey meu senhor, ao me-»
«nos perante mym, nom aueys de reprochar d'erro, pois nom sois de»
«seu conselho, senão ouvilas e adoralas, e lhe ter inteiro acatamento,»
«o que lhe nom tendes, pois lhe deixastes sua bandeira desemparada»
«na guerra, de que lhe dareys conta quando vola pedir; e abasta os»
«males de que vos tendes queixado d'Afonso d'Alboquerque, que por»
«justiça serão apurados. Mas d'agora vos digo que fóra desta sostancia»
«outra nenhuma cousa falês em desfazimento de Afonso d'Alboquerque,»

[1] *auia* Arch. e Aj.

« e alembreuos dizeruos eu ysto, e pois [1] * já delle me tinheis feitas * »
« tantas acusações, que vos eu nom deuêra d'ouvir senão presente elle, »
« ouvéreys de escusar em presença de tantos honrados fidalgos falardes »
« taes defamações. Depois de volo nomear por Gouernador da India, de- »
« uereys ter outro resguardo; mas porque tenho entendido de verdade »
« que vós fostes o enuoluedor de tudo, he necessario que vos liurês por »
« vosso direito, porque se nom guardar inteira justiça auerá quem me »
« acuse, e por tanto até que venha Afonso d'Alboquerque he necessario »
« que segure a justiça a cada hum. » Então mandou ao Ouvidor que » todos tres prendesse; a Afonso Lopes em ferros no tronquo, e aos outros em suas menagens; e mandou de todo ysto fazer auto publico, com testemunhas que ouvirão tudo o que se passou, dizendo que assy andarião com elle até vir Afonso d'Alboquerque; « fazendo algum seruiço a Deos »
« em remissão de nossos peccados, e a ElRey algum seruiço em paga »
« de tantas mercês como agora nos faz, a mym em me mandar hir, »
« auendome por liure d'este trabalho, e a todos vós, senhores, dos ser- »
« uiços que lhe tendes feitos, que em suas cartas a todos manda gran- »
« des agardecimentos; e sobre tudo, a Deos prazendo, hiremos deitar »
« este remendo neste buraco dos Rumes, nouos imigos, e depois dire- »
« mos da guerra como a Deos aprouver. »

Então o Visorey, constrangido do mandamento d'ElRey lhe escreueo huma carta com repostas do que lhe ElRey tocaua, dandolhe de todo razão: a qual, por ser muy necessaria á sostancia d'esta Lenda, a escreuy áuante em seu logar.

E porque * as cousas do * feito de Afonso d'Alboquerque na conquista d'Ormuz a mór parte dellas forão neste anno de quinhentos e sete, parece razão aquy as metter depois que partio de Çacotorá, até se tornar de Ormuz, que chegou a Cananor estando hy o Visorey, que hia caminho pera Dio com 'armada, em busca dos Rumes, como adiante direy.

[1] * delle me tendes já feito * Aj.

CAPITULO II.

DE COMO AFONSO D'ALBOQUERQUE, CAPITÃO MÓR, COM SU'ARMADA, DE ÇACOTORA' FEZ SEU CAMINHO PERA ORMUZ, E CHEGOU AO LUGAR DE CALAYATE, E O QUE NELLE FEZ.

AFONSO d'Alboquerque partindo de Çacotorá repartio tres pilotos Mouros, que lhe [1] * dera * ElRey de Melinde, que sabião aquella costa pera Ormuz, e deu hum piloto a Afonso Lopes da Costa, e outro a Antonio do Campo, e lhe deu apontamento que os pilotos Mouros fossem bem agazalhados e tratados; e porque de noite carteauão com [2] * as estrellas, * que de noite tomão, cada dia pola menhã lhe [3] * tomassem * conta do que achauão, e o caminho que fazião, pera ver se todos concordauão, e depois do sol tomado lhe viessem dar razão, porque os Mouros nom fossem com elles dar atraués. E nauegando com grande resguardo, e boa vigia, forão auer vista do cabo de Roçalgate, e entrando, correndo a costa, foy ter no primeyro logar chamado Calayate, que he feito de casas de pedra, terradas, e muytas cobertas de palha, casas espalhadas e mal armadas, e fóra do logar á mão direita hum palmar de palmeiras de tamaras, onde estauão huns poços d'agoa de que bebião. O lugar assentado ao longo d'agoa, e por detrás grandes serranias de pedra viua, e no mar alguns zambucos, e naos que vem aquy carregar cauallos, e tamaras, e pexe salgado, que leuão de carregação, que são pexes serras, e bonitos, que morrem muytos nesta costa; de que ElRey d'Ormuz tem grande renda, porque este lugar he seu, e tem aquy seu Capitão com gente, que faz paz e guerra, e tem seus arrecadadores de suas rendas postos da mão de Cojatar, que he Regedor do [4] * Reyno * d'Ormuz, que arrecada todas as rendas do Reyno, e em todolos lugares tem postos seus arrecadadores, e seus criados, que são homens capados os principaes officiaes do Reyno, que hão elles ysto por grande estado. Neste lugar vão tomar todalas naos que vão [5] * da * India, porque este he o primeyro logar. Aquy tem o Rey d'Ormuz sempre grande armada de huns barcos a que elles chamão terradas, que são grandes nauios de vela e remo, que andão muy

[1] * deu * Aj [2] * a estrella * Aj. [3] * tomasse * Aj. [4] * Rey * Aj. [5] * á * Aj.

esquipados, sem artelharia, sómente muytos frecheiros d'arquos troquisquos, e d'estas traz até quatrocentas velas, e em cada huma dez homens de peleja, no tempo da monção em quanto as naos correm pera Ormuz, e tambem quando tornão pera a India, que lhe vem dando guarda até as passarem fóra d'este cabo, porque se assy o nom fizesse perderia muyto de suas rendas, que nenhuma nao ousaria passar a Ormuz, porque na costa d'além, defronte d'este cabo ha humas gentes a que chamão Nautaques, que são do senhorio do Rey dos Resbutos, que confina com Cambaya, os quaes Nautaques [1] * viuem na costa do mar, em que ha grandes enseadas e rios, cousa muy perigosa de nauegar. Estes Nautaques * andão em terradas muyto ligeiras de vela e remo, e os proprios remeiros são todos frecheiros que ás costas trazem os arcos e frechas; e remando, que chegão, largão o remo e se aleuantão com os arquos, que tirão frechas de cada vez duas e tres, antre cada dedo huma frecha, com huns ferros de tres quinas, que como pregão logo lhe caem as canas, e são muy destros, e certeiros no tirar. Estes Nautaques se concertão com os senhores das terras em que viuem, de lhe darem certa parte do que tomarem, com que se ajuntão muytos por toda a terra, e fazem grande armada, e se vem a esta costa de Calayate a roubar as naos que vão pera Ormuz, porque nauegando pola costa achão ventos brandos e calmarias, com que lhe chegão estes Nautaques, e andão derrador tirandolhe tantas frechas que as rendem e roubão, ou por concerto lhe dão alguma soma, e quando não podem render huma nao poemse por sua popa com suas muytas frechadas, e atãolhe cordas no leme, com que as leuão a ensequar, e deitar a perder na terra. E por caso d'estes males d'estes Nautaques manda o Rey d'Ormuz suas armadas a defender e guardar as naos, de que os Nautaques fogem, porque os parseos são melhores guerreiros que elles. E porque as naos ás vezes trazem bombardas, com que defendem que lhe nom atem os lemes, os Nautaques lhe fazem outra manha, que tomão humas cordas compridas que pera ysso trazem, e poemse muytas terradas de cada cabo, e correm a corda per debaixo da nao, com que vão prender no leme, e leuão a nao; e porque a ysto as naos trazem mergulhadores, que vão abaixo cortar as cordas, trazem os Nautaques trocidas com as cordas cadeas de ferro, que lhe nom podem cortar. E tem as

[1] Saltado na copia da Aj.

naos estes trabalhos porque forçadamente tem os lemes compridos abaixo das quilhas da nao hum couado, porque por sua feição a nao nom gouernára. Assy que se ElRey d'Ormuz nom defendera assy com armada as naos dos mercadores, perdia grandes rendas, que lhe pagauão em seus portos, e alfandega.

E pois sendo Afonso d'Alboquerque, Capitão mór, chegado, e surto no porto, com suas naos embandeiradas, auia no porto muytas naos de mercadores que hião pera Ormuz, os quaes todos se metterão em seus barcos, e se forão ao Capitão mór, leuandolhe cada hum presente de peças, e cousas de comer, dizendo que erão tratantes que andauão polo mar com suas mercadarias, a comprar e vender, sem fazer mal a ninguem; que se mettião em suas mãos, que farião o que elle mandasse. O Capitão mór lhe respondeo per Gaspar Rodrigues lingoa, que bem sabia todas as lingoas, dizendo que lhe aprazia nom lhe fazer mal, por assy virem obedecer áquella bandeira, que era d'ElRey de Portugal, que era senhor de todo o mar do mundo; porque se elles assy nom vierão obedecer, logo lhe mandara queimar suas naos; e por ysso lhe daua seguro, e por estarem n'aquelle porto, que era d'ElRey d'Ormuz, com que elle hia assentar trato, e paz, e boa amizade. E lhe disse que se fossem a terra, e dissessem ao Xeque que lhe daua seguro, que fosse falar com elle, com que assentarião trato de paz e amizade, assy como auia de fazer com ElRey d'Ormuz; e que inda que nom assentassem paz, que seguramente se tornaria pera terra; e que se em seu seguro nom confiasse, e logo nom viesse, logo lhe hiria queimar o lugar e quantas naos estauão no porto. Do que os Mouros ouverão grande medo, e se forão ao Xeque, e lhe derão o recado do Capitão mór, deitandose a seus pés, rogando que assentasse paz com o Capitão mór, e lhe saluasse suas naos. Então o Xeque mandou ao Capitão mór presente de fardos d'arroz, e tamaras, e cabras, e lhe mandou dizer que estaua prestes pera fazer quanto elle quigesse. O Capitão mór folgou com o presente porque era cousa de mantimento, e primeyro que respondesse mandou pagar tudo o dobro do que valia, que os messageiros nom quiserão tomar, e elle mandou que logo tornassem a leuar tudo pera terra, porque elle nom auia de tomar nada de graça senão da mão de seus amigos: então os messageiros forçadamente tomarão a paga. Então o Capitão mór lhe deu reposta, dizendo que elle hia com aquella armada, que era d'ElRey de Portugal,

pedir a ElRey d'Ormuz que fosse seu vassalo, e lhe pagasse pareas, porque era senhor da India, e lhe désse obediencia como lhe dauão outros muytos Reys da costa da India, e na costa de Melinde; e que se o elle fizesse assentaria com elle paz pera sempre, na cidade, e em todos seus portos, e que se o nom quigesse fazer lhe auia de destroir a cidade e todos seus portos do mar. E porque este lugar era d'ElRey d'Ormuz logo lhe auia de dar a obediencia, e pareas; e nesto ouvesse seu conselho, e visse o que lh'aprazia. O qual recado ouvido polo Xeque, e mercadores, ficarão com muyto temor, e ouverão seus conselhos, e o Xeque lhe respondeo que em sua mão estaua fazer quanto quigesse, de mal e de bem, mas que o lugar era d'ElRey d'Ormuz, e elle seu catiuo, e quantos aly estauão, e que pois dizia que se ElRey d'Ormuz lhe obedecesse lhe assentaria paz pera sempre em sua cidade e portos, que elle deuia de hir embora seu caminho, e que fazendose ElRey vassalo d'ElRey de Portugal, e assentando sua boa paz, logo [1] * ficauão * liures seus portos e lugares, como dizia; e que quando ElRey o nom fizesse, e ficando em guerra, então, tornando aly lhe obedeceria em todo, pois nom tinha poder pera se defender, e lhe entregaria todas as rendas da terra e do mar.

O Capitão mór bem vio que a reposta passaua de boa, mas elle tinha em vontade fazer nestes portos todolos males, e destroições, e mortes que pudesse, pera que hindo a fama a Ormuz lhe tiuessem medo, e com temor fizesse o que elle quisesse; e ysto tinha elle assy assentado em seu coração, e tornou a mandar dizer ao Xeque que nada queria, senom que logo lhe désse obediencia e pagasse tributo de pareas, que auia de pagar cad'ano; e logo o assentasse, porque se nom assentasse em Ormuz, quando aly tornasse nom acharia tanto pera queimar como agora tinha.

O qual recado partido pera terra, os Capitães em tanto praticauão huns com outros, e ouverão paixão, vendo que o Capitão mór com elles nom praticaua e tomaua conselho como era razão, nem [2] * fazia * delles nenhuma memoria estando elles presentes, sendo cousas que tanto importauão, paz, e guerra em que elles auião de pelejar e ser os dianteiros, e sendo elles Capitães d'ElRey, e fidalgos [3] * pera elle fazer muyta conta; * o que mais estimou Afonso Lopes da Costa, e todos praticando

[1] * ficarião * Aj. [2] * fazer * Arch. e Aj. [3] * de muyta conta para delles fazer * Aj.

assentarão de o falar ao Capitão mór, e estando todos praticando em outras cousas, na pratica o Afonso Lopes tocou no caso, dizendo ao Capitão mór: «Senhor, postoque Vossa Merce nos não dá conta, nem par-» «te de suas determinações, nem por ysso deueys auer por mal que vos» «digamos o que cada hum [1] entender o que he seruiço de Deos e d'El-» «Rey nosso Senhor, nestes negocios em que entrâmos; porque mais en-» «tendem dez que hum. E ysto digo porque a reposta que mandou o Xe-» «que a todos nos pareceo tão chea de razão, que parece superfulo pe-» «dirlhe outra cousa, pois Ormuz he a cabeça e principal que hão de» «assentar ou quebrar, o que se a Deos aprouver que seja em bem fei-» «ta tributaria a ElRey nosso Senhor, logo todos seus portos ficão liures» «que lhe nom podemos fazer mal; e quando Ormuz nom obedecer lhe» «fica a guerra em aberto pera todos seus portos. Mas agora ao presen-» «te, sem auer certeza do que fará Ormuz, nom parece razão lhe guer-» «rear seus lugares, e já póde ser que por esta causa, auendonos por» «gentes sem razão, e soberbos, por ysso o Rey d'Ormuz e os do seu» «conselho mais se apreceberão, e temerão, desconfiados que em nós nom» «acharão razão, e poerão sua saluação no feito da guerra. Polo que,» «senhor, vos pedimos que todas as cousas sejão assentadas com bom» «conselho, com todos praticando, pois auemos de ser participantes nos» «trabalhos e perigos, de que Nosso Senhor por sua misericordia nos» «dará a victoria, e a Vossa Mercê a honra que deseja.» O Capitão mór era homem muy bem entendido, sómente era tocado de supita paixão, e escutou tudo o que falou Afonso Lopes até que acabou; o que todos os Capitães ajudauão, sómente João da Noua, que se nom entermetia com os outros. Então o Capitão mór lhe respondeo, dizendo: «Tudo o que» «falastes ouvy; assy tambem vos peço por mercê que tambem me ou-» «çaes, porque a tudo vos responderey. E quanto ao primeyro que me» «dizeys, que assente as cousas com vossos conselhos, he muy bem que» «assy o faça. Mostrayme vossos regimentos, e se ElRey mo manda eu» «o guardarey muy inteiramente, e se ysto nom tendes em vossos regi-» «mentos, digouos que o que eu tenho no meu se o eu nom comprir,» «e nelle errar, quem mo deu esse só me póde tomar a conta. Eu nom» «falo nada em secreto. Quando virdes que nom faço o que deuo, então»

[1] «de nós» Aj.

« mo podereys dizer como amigos, e mais não; e por tanto se ysto [1] »
« * bem * quiserdes entender abasta pera mais me nunqua perguntardes »
« nada, senão o que eu de mym vos quiser dar, pois sobre mym nom »
« ha nenhuma obrigação, senão o que for minha vontade. Porque quan- »
« do a sostancia for tal que nom abaste meu entendimento, então me aju- »
« darey dos vossos, que bem sey que sois pessoas [2] * pera * cada hum »
« de vós bem fazerdes este meu cargo, e outro muyto mór. E porque »
« a mór razão que a ysto vos demoueo foy pareceruos bem que primey- »
« ro fossemos a Ormuz, como á cabeça que he, porque delle decenderia »
« o que [3] * per quá * ouvessemos de fazer: a ysto respondo que Ormuz »
« he mór cousa do que cuidaes, e eu sey bem que nos ha de dar muy- »
« to que fazer, porque está elle muy verde pera sofrer o furo que lhe »
« nós himos dar, porque nunqua ninguem o tocou a lhe tirar sua gran- »
« deza que tem; e por tanto cumpre fazer o que faço, e nom ysso que »
« vos parece; porque fazendo nós por aquy de caminho muy crua guer- »
« ra, de fogo, sangue, e mortes, e cruezas, antes que apareçamos em »
« Ormuz, cuidarão que somos muyto poderosos, e auerão de nós algum »
« temor que nos faça boa ajuda. E me affirmo que quando virdes Or- »
« muz dirês que fora boa 'armada de Veneza pera o conquistar. Nós so- »
« mos o que somos, e Nosso Senhor que nos ajuda com a sua miseri- »
« cordia quando lh'apraz; façamos nós grandes bioquos e estrondos, que »
« nos ha de ser melhor que outra cousa. E quanto a serdes dos primey- »
« ros nos perigos, e trabalho de que a mym virá tanta honra, digo que »
« a serdes os primeyros nos perigos, disso tomay e deixay quanto qui- »
« serdes, que ysso em vossa mão está, que o meu lugar limitado está, »
« que só a morte mo póde tirar; e a honra, que ganharey de vossos tra- »
« balhos, o dono da bandeira que seguis vos pode dar muyta mais, de »
« que tendes tão certas as mercês, e acrecentamento d'honras segundo »
« cada hum merecer; do que a mym nom fica mais que a frol da guer- »
« ra na voz do pouo, dizendo Foam Capitão venceo, e o feito foy de seus »
« caualleiros, e lhe dão a voz, crendo que venceo porque bem ordenou, »
« e cometteo; e nom fica tambem [4] * com * a má paga; porque diz o »
« pouo, Foam perdeo a batalha, e a [5] * culpa foy da fraqueza * dos »

[1] * assy * Aj. [2] * que * Arch. e Aj. [3] * delle * Aj. [4] * sem * Arch. [5] * fraqueza foi culpa * Aj.

« seus, ou que nom quiserão pelejar na ordem que lhe deu seu Capi- »
« tão; porque a voz do pouo nada esguarda. ElRey nosso Senhor me fez »
« vosso Capitão mór, e vos mandou comigo pera o seruirdes no que vos »
« eu mandar: eu por seu regimento e apontamento vos mandarey o que »
« façaes. Peço a Nosso Senhor que me encaminhe, e faça seu sancto ser- »
« uiço, e d'ElRey nosso Senhor. Polo que, senhores, vos muyto peço por »
« mercê que esta só vez baste volo dizer pera hirdes por meu caminho, »
« que são vosso alferes; e se vos parecer que tendes outra obrigação, »
« e d'esta vos quiserdes tirar o podeys fazer, largando as naos, que eu »
« receberey porque são d'ElRey nosso Senhor, e buscarey homens que »
« nellas folguem de seruir ElRey nosso Senhor nos cargos [1] * em * que »
« as engeitaes. »

Os Capitães ouvindo a reposta do Capitão mór nenhum lhe respon- »
deo, senão Manuel Teles, que era homem persuntuoso, e lhe disse: « Se- »
« nhor Capitão mór, Vossa Mercê fala em tudo verdade, e per minha »
« parte volo tenho muyto em mercê, porque me ensinaes o que hey de »
« fazer, se vir cousas que nom sejão de meu contentamento. » O Capitão mór lhe foy á mão, e disse: « Melhor falarês se dissêreys, quando nom »
« vir cousas [2] * de seruiço * d'ElRey. E se vos eu agora mostro o ca- »
« minho, quem volo mostrou a vós quando deixastes a bandeira de vos- »
« so Capitão mór, e vos fostes andar ao salto no cabo de Guardafuy? [3] »
« * Olhay * que tendes aquella querela em aberto, que he muyto contra »
« vossa honra. Se tiuerdes algum bom amigo, elle vos aconselhará que »
« façaes obras neste mundo com que vos assoluaes d'este peccado, que »
« será melhor que serdes tão atreuido em vossa vontade; que eu são »
« vosso Capitão mór pera vos mandar o que ElRey me manda que fa- »
« ça, e quando vos buscar, e vos nom achar, nom será mais, porque »
« se eu tiuera poder pera mais, eu vos dera hum conselho com que nun- »
« qua mais deixáreys a bandeira d'ElRey nosso senhor no campo des- »
« emparada. Seruy Sua Alteza nesta obra, que he sua, e nella vos em- »
« preitastes, porque mais volo nom hey de dizer, porque eu darey con- »
« ta do meu, e cada hum do seu. » Com que se aleuantou da pratica, de que elles se mostrauão queixosos d'elle d'ahy em diante, porque o Capitão mór os nom mettia nos conselhos. O Capitão mór lhe fazia estes

[1] Aj. [2] Falta na copia da Aj. [3] Aj.

desprezos porque andando na companhia de Tristão da Cunha nunqua com elle tiuerão nenhuma conta, como fôra razão, como seu Capitão mór que era.

O Xeque, vendo a reposta do Capitão mór assy furiosa, ordenou recados manhosos pera passatempo, e ordenou, per conselho dos mercadores e Capitães d'armada que hy estauão, tomar os batés das naos estando tomando agoa, porque sendo tomados, os nossos nom tinhão em que desembarcar pera lhe fazer mal, [1] * e * então lhe farião todolos bons partidos; mas os Mouros forão tão fracos que se nom atreuerão a cometter, e tomar os batés estando [2] * todos * em terra. Os mercadores, vendo que suas naos estauão assy perdidas, se concertarão com as terradas d'armada, que de noite as tirassem fóra pera o mar, e fogissem á vela, o que assy poserão em obra, e caladamente deitarão toas a que se alauão: então as terradas a remo as tirauão até se fazer á vela. As terradas se fizerão todas prestes com seus remeiros: os Mouros despejarão o lugar d'algum pouco fato que tinha.

Foy sentido da nao de Antonio do Campo, que estaua mais perto da terra, que as naos se hião, e bradarão da nao ás outras. Ouve grande aluoroço; o Capitão mór mandou entrar nos batés, a que as terradas começarão a tirar frechas; os batés acodirão ás naos, que algumas estauão desamarradas, que forão ter na costa; as outras, que já estauão no mar, se forão á vela, que os nossos as nom virão, e inda que as virão nom podião hir após ellas. Exclarecendo o dia os nossos estauão com as naos na terra, donde lhe começarão a tirar muytas frechadas. O Capitão mór acodio em hum esquife, e defendeo que se nom posesse fogo, e sayo a terra com a gente dos batés, em que no lugar nom ouve detença, porque os Mouros nom aguardarão, que logo fogirão pera a serra. O Capitão mór mandou que roubassem o lugar, em que nom acharão fato, sómente tamaras, e pexe salgado; e o Capitão mór mandou aos Capitães que fossem roubar as naos, que estauão sem gente, em que acharão muyto arroz, açuquar, e pimenta, e drogas, que o Capitão mór mandou a Pero Vaz d'Orta, feitor d'armada, que a pimenta e drogas recolhesse, que era pouca cousa, e todo o mais a gente roubou, e recolherão pera as naos mastos e vergas, e fizerão leynha. Então poserão fogo ás naos, e no logar, que derrubou muytas casas, e tudo ficou destroido; e os nos-

[1] Aj. [2] De menos no Ms. da Aj.

sos ficarão bem prouidos d'arroz, e açuquar, e d'outras cousas de que tinhão necessidade. E o Capitão mór mandou aos marinheiros que na terra matassem toda' gente que achassem, o que assy fizerão, que nom ficou velho, nem velha, e pedintes, pobres, e doentes.

CAPITULO III.

COMO 'ARMÀDA SE PARTIO DE CALAYATE, E FOY DE LONGO DA COSTA, E DEU O CAPITÃO MÓR N'OUTRO LUGAR CHAMADO CURIATE, QUE DESTROIO, E NOM DEIXOU NADA VIUO, E TUDO QUEIMADO, E TAMBEM DESTROIO MASCATE.

Correndo assy a costa foy 'armada ter em outro lugar chamado Curiate, assy assentado ao longo do mar. Em toda esta costa nom auia praya d'arêa, porque tudo he pedra, e este lugar assy estaua assentado ao pé da serra, porque d'antre a serra até o mar a terra he estreita. O lugar de poucas casas de pedra, e muytas cobertas de palha. Aquy tambem está Xeque d'ElRey d'Ormuz, e arrecada rendas, porque tem neste lugar a carregação de cauallos da [1] * serra, * e tamaras, e os senhores da serra tem paz com estes lugares, porque são portos perque correm suas mercadarias. No lugar nom auia nada, [2] * porque com a noua de Calayate toda se despejou, nem no mar nom auia nada, * porque sabendo que [3] * 'armada * hia correndo a costa se fizerão [4] * ao mar, * e se tornarão pera Calayate.

Junto da terra fazia como ilheo, onde os Mouros assentarão humas bombardas, com que podião fazer mal aos batés que chegassem a desembarcar. A nossa armada sorgio hum pouco largo da terra por caso do vento, sómente chegarão mais Manuel Teles, e Antonio do Campo, e porque era tarde quando chegarão nom fizerão nada. No logar estauão muytos Mouros que se poserão em ordem de pelejar com os nossos, nom porque lhe a elles parecesse que se podião defender, sómente porque nom ficassem culpados de nom pelejarem.

Ao outro dia, que o Capitão mór vio o modo do lugar, e a tranqueira feita no ilheo, mandou Antonio do Campo, e a Manuel Teles que fossem tomar o ilheo, e elle com João da Noua per outra parte, e Afonso Lopes da Costa, e Francisco de Tauora auião de entrar polo lugar no

[1] * terra * Aj. [2] Saltado na copia da Aj. [3] Idem. [4] * á vela * Aj.

cabo de outra tranqueira ; e mandou o Capitão mór que todos fossem juntos até chegar a terra; os batés com seus berços, o Capitão mór com sua bandeira, e os Capitães com seus guiões, tangendo suas trombetas. As naos nom tirauão, porque os tiros nom podião fazer nada na terra, e primeyro que os batés chegassem, Antonio do Campo e Manuel Teles chegarão ao ilheo, e cometterão os Mouros, que serião até duzentos, em que nom ouve resistencia mais que frechadas, que era a principal sostancia que os Mouros tinhão. O Capitão mór, vendo o ilheo abalroado, chegou depressa a terra, onde os Mouros ao desembarcar lhe derão muyto trabalho de frechadas e pedradas, porque sua estancia era alta, e os batés ficauão ao [1] * sopé, * mas como os nossos poserão o pé na praya cometterão os Mouros de tal maneira, que logo largarão a tranqueira, porque já Afonso Lopes, e Francisco de Tauora erão entrados pola outra parte ; com que os Mouros todos se forão ajuntando, e caminhando, e tirando fortemente grão numero de frechas, que os Mouros passauão de dous mil. Os nossos se ajuntarão todos em huma batalha, seguindo após os Mouros, que nom aguardauão que os nossos lhe chegassem com as lanças. Os Mouros tinhão huma cilada escondida antre huns barrocaes, que serião até [2] * quinhentos, * que sayrão nas costas dos nossos com grande grita, ao que o Capitão mór esteue quedo, e mandou a Afonso Lopes que tornasse atrás, como tornou com sessenta homens : que nom ouve mais nos Mouros que fazer este asombramento com grão numero de frechas que tirarão, mas logo se poserão em fogida por antre as penedias da serra, e se forão ajuntar com outros, que se atreuerão a chegar, porque o Capitão mór nom andaua. E nesta chegada os nossos remetterão com elles, em que a detença foy pouca como sentirão os fayns, com que todos se poserão em fogida, e os nossos após elles até o lugar ficar enxorado ; e correrão quasi mea legoa. O Capitão mór se deixou estar sobre hum comoro de terra alto, porque o sol já era muyto quente, e mandou reter a gente per João da Noua, que todos fez tornar pera hum palmar, que auia polo pé da serra, onde repousarão ; e o Capitão mór mandou pôr atalayas por alguns lugares, que vigiassem os Mouros que nom tornassem a dar nelles de supito. Então mandarão trazer comer das naos, que foy pouco, porque no lugar acharão muyto mantimento, e no palmar

[1] * seu pé * Arch. e Aj. [2] * Sessenta * leu o copista da Aj. onde estava B^c.

tamaras maduras, e muyto boa agoa [1] *em muytos* poços que auia; e comerão, e descançarão, e então roubarão o logar do pouco fato que acharão, e recolherão muyto arroz, e fardos de tamaras, e muyto pescado.

Em quanto se esto fazia o Capitão mór se aposentou em huma fremosa mesquita, que auia: sobre o alcorão della esteue sempre sua bandeira. E sendo todo despejado, mandou o Capitão mór o mestre da sua nao com a gente do mar, que trouxerão muyta olá, e madeira das casas de palha, que metterão na mesquita, e nas casas de pedra; ao que todo se deu fogo, que tudo ficou feito cinza com cento e cincoenta Mouros mortos, mas muytas velhas, e velhos, e pedintes, que tudo ficou morto, que cousa nom ficou em pé. Com que o Capitão mór se tornou a recolher, e esteue toda' noite e ao outro dia se fez á vela ao longo da costa. Aquy ouve alguns feridos de frechas. Todas as bombardas dos Mouros erão de ferro, e porque nom seruião aos nossos o Capitão mór as mandou deitar no mar, e se foy á vela ao longo da costa, e foy sorgir no porto de Mascate, que he hum lugar grande assentado na praya em huma enseada que faz bom porto, porque da mão esquerda faz hum morro, com que o porto fica redondo, abrigado de todas as partes; e o lugar d'ambas as bandas vay entestar em grandes serras que tem d'ambas as bandas, e o lugar estendido per dentro, per antre as serras, que faz hum campo em que tem ortas, e palmares de tamaras, em que estão poços de boa agoa, que bebe a gente; e o lugar de setecentos moradores, com muytas casas de pedra terradas, e mesquitas; o lugar pouoado de muytos mercadores estrangeiros, que vem aquy carregar cauallos, tamaras, e pexe salgado.

O Capitão mór chegando logo falou com os Capitães, dizendo que folgaria muyto assentar este lugar em paz, porque era auondado de muytos mantimentos, que em quanto estiuesse em Ormuz d'aquy se podia prouer de mantimentos, porque a outra cousa nom tinha medo. No que assy estando praticando, veo de terra huma almadia com dous Mouros bem tratados, e entrarão dentro, e vendo o Capitão mór assentado em huma cadeira, e os Capitães e muyta gente em pé, ambos se deitarão aos pés do Capitão mór, dizendo que trazião recado do Xeque que era Senhor do lugar, que lhe mandaua dizer que elle nom queria que lhe fi-

[1] *muito bons* Aj.

zesse os males que fizera nos outros lugares; que por tanto lhe daria obediencia, e seria seu vassalo, e lhe pagaria de pareas tudo quanto o lugar rendia pera ElRey d'Ormuz. O Capitão mór lhe perguntou se trazião assinado do Xeque do que dizião. Elles disserão que não, mas que elle mandasse a terra quem o fosse falar com o Xeque, e saberia que lhe dizião verdade. Então o Capitão mór mandou a terra Gaspar Rodrigues, lingoa, com hum dos Mouros, o qual o Xeque recebeo com muyta honra e lhe disse muyto mais do que dizião os Mouros. Em quanto o lingoa foy a terra, o Capitão mór ficou falando com os Capitães, e assentarão que fizesse paz com o porto e lugar, se lhe leuasse a Ormuz o rendimento do lugar em arroz, açuquar, manteigas, e tamaras, que auia de valer ysto cinco mil xarafins que o lugar rendia a ElRey d'Ormuz; e nysto assentarão, e tornando o mouro e o lingoa com o recado, então o Capitão mór disse aos Mouros que elle seguraua o lugar, e seu porto, e com elle assentaua boa paz pera sempre com elle, e o fazia senhor daquelle lugar pera sempre, pera elle, e seus filhos, e quantos delles decendessem, com tanto que assy ficauão vassalos d'ElRey de Portugal, cujo escrauo elle era, pera em cada hum anno pagarem de pareas todo o que rendia o lugar pera ElRey d'Ormuz, e esto em mantimentos, ou em xarafins. O que ouvido polos Mouros, disserão que leuarião recado ao Xeque, e se forão; mas o Capitão mór mandou que o contramestre os leuasse no esquife, e visse a praya, e o lugar como estaua. O que assy se fez, e leuou os Mouros, e vio que [1] * em * ambos os cabos do lugar estauão feitas estancias de madeira, per dentro entulhadas, com bombardas assentadas, e o lugar de longo da praya com todas as ruas tapadas. Com o qual recado se tornou o contramestre, que erão já oras de vespora. O Capitão mór, por se mais segurar de todo, mandou aos outros batés das naos que fossem a terra com pipas a tomar agoa, e mandou o lingoa Gaspar Rodrigues que fosse falar com o Xeque, que logo lhe mandasse reposta porque logo se queria partir, e mandasse dar agoa aos batés: ao que o Xeque se mostrou muyto prazenteiro, e mandou á gente do lugar que em odres trazião agoa aos batés, e todauia os grometes hião com os barris aos poços, e os trazião cheos d'agoa, com que se deu tão bom auiamento que os batés neste dia até noite fizerão tres caminhos d'agoa, porque o

[1] Aj.

Xeque daua muyto auiamento; e mandou recado ao Capitão mór que era contente de dar tudo quanto lhe pedia, e que logo recebessem os mantimentos; com que logo mandou seis barcos com arroz e tamaras, e que o feitor visse, e escreuesse o que daua pera se fazer a conta; e ysto com tanta vontade, que parecia que nom auia mais; e todo o dia até noite os barcos acarretarão, que trouxerão mais de cem fardos d'arroz, e açuquar, e muytos de tamaras até ser noite, estando o Capitão mór, e todos muyto contentes. Mas ao outro dia nom veo mais nenhum barco, e assy até o meo dia, ao que o Capitão mór mandou o lingoa a terra saber o porque nom vinhão, e o Xeque disse que estaua tomando os direitos das casas dos mercadores pera o mandar, que todo junto mandaria; e mandou presente ao Capitão mór de carneiros, e cabras, e algumas galinhas, e muytos bolos de farinha de trigo, e mostrou ao lingoa que andaua tirando arroz, e açuquar das casas. Com o que o Capitão mór aguardou, e sendo já tarde os barcos vierão com hum caminho, carregados de mantimento, que todo se mettia polas naos e nom tornarão mais.

Tudo ysto fazia o Xeque manhosamente, que esperaua secorro que lhe veo nesta noite, que foy hum Capitão da serra com dous mil homens de peleja, de lanças, e cofos, e traçados; que o Xeque era grande amigo com este Capitão, que he senhor do sertão, por caso de suas mercadarias terem escala aquy neste Mascate. E com estes dous mil homens, e outros tantos que o Xeque tinha, se atreueo a pelejar com os nossos, e logo tangerão atabaques, dando muytas gritas, e lançando foguetes; o que ouvido polo Capitão mór logo disse: « Aquillo he secorro de gente, » « que ora chegou, e temos peleja. » E mandou falar ás outras naos, que estauão perto, a que logo vierão os Capitães, e falou com elles o que lhe parecia, e mandou Diniz Fernandes no esquife, que foy ver a praya. O qual foy, mas chegando perto lhe tirarão com frechas, dando gritas, com que se tornou ao Capitão mór, o qual logo com os Capitães assentou que antemenhã dessem no lugar, primeyro que os Mouros se aprecebessem com a gente noua; e foy assentado que desembarcassem no meo da praya, e dahy partidos em suas batalhas fossem dar e entrar polas estancias, e como [1] * fossem dentro corressem per dentro do * lugar ao longo da praya, e se tornassem a juntar, pera todos em hum corpo en-

[1] * fosse dentro corresse o * Aj.

trarem o lugar; e que Afonso Lopes da Costa, Manuel Teles, e João da Noua fossem tomar a estancia da mão direita, e elle Capitão mór com Antonio do Campo, e Francisco de Tauora, hirião á outra estancia. E todo assy concertado, mandou que dous batés fossem a cada estancia: com os berços que trazião fossem tirar ás estancias, porque os Mouros nom repousassem; e que se tornarião quando ouvissem hum tiro na nao. O que assy foy feito, e a gente se fez prestes, e sendo huma ora ante menhã os batés forão chamados com a bombarda, e [1] * vindos * os Capitães, com sua gente bem concertada, s'embarcarão; e no batel do Capitão mór foy Jorge Barreto, fidalgo honrado, com a gente, e o Capitão mór foy no seu esquife. E sendo todos embarcados nos batés, a bordo do Capitão mór o seu capellão de cyma do chapiteo lhe fez a confissão geral, e lhe deu absoluição, com que forão a terra rompendo o dia, que quis o Capitão mór que os Mouros vissem nossa gente armada: a que os Mouros derão grandes gritas, e começarão a tirar muyta artelharia; mas os nossos desembarcados na praya á sua vontade, e o Capitão mór tocando as trombetas, emvocando Sanctiago, cada hum foy á sua parte, como estaua ordenado, onde ao entrar das estancias os nossos tiuerão muyto trabalho, com muytas pedras que lhe deitauão de cyma das barrocas que estauão sobre as estancias, e tambem porque os Mouros muyto pelejauão ás lançadas e frechadas, com que muyto ferirão os nossos. Polo que os Capitães se mais apressarão a entrar, como de feito Afonso Lopes da Costa, e João da Noua, e Manuel Teles, entrarão e tomarão a estancia, matando, e ferindo muytos Mouros, com que logo forão fogindo pera dentro pera o lugar. Afonso Lopes lhe foy seguindo o alcanço até meo lugar, porque o Capitão mór assy entrando, e tomando a outra estancia, que os Mouros forão fogindo polo lugar dentro, forão dar nas costas da gente de Afonso Lopes, com que os Mouros os muyto affrontarão. Ao que tornarão os outros que hião fogindo, e cometterão os nossos tão fortemente que fizerão tornar os nossos atrás. O Capitão mór correo o lugar per dentro pera se ajuntar com Afonso Lopes, como estaua ordenado, e o nom achou, mas sentindo as gritas dos Mouros que com Afonso Lopes pelejauão, acodio pera lá, e vio que casi os nossos [2] * vinhão * fogindo; com que assy chegando mandou tocar as trombetas, chamando Sanctiago, com que to-

[1] * vindo * Aj. [2] * hião * Aj.

dos, tomando [1] * grande * esforço, cometterão os Mouros tão fortemente, que logo os poserão em fogida, e os nossos no alcanço mea legoa fóra do lugar, que o Capitão mór nom quis seguir áuante porque os Mouros mais corrião, e mandou aos Capitães que tornassem a correr o lugar matando toda' cousa viua, e sob pena de morte que ninguem posesse fogo até se nom recolherem os mantimentos. E o Capitão mór com sua gente, e Jorge Barreto, ficarão na entrada do lugar, guardando que os Mouros nom tornassem; e no lugar foy feita grande matança de [2] * familia, * de molheres, e meninos, e todo assy enxorado, mandarão os batés carregar mantimentos, e roubassem o que achassem. Então trouxerão comer, e a gente comeo, e repousou junto dos poços, e então o Capitão mór muyto encomendou aos Capitães que carregassem agoa e mantimentos; e quis Nosso Senhor que em huma casa grande de terecena se achou muyto cairo, e amarras, e cordas, tudo nouo, e tanques pera agoa nouos, que tudo ysto fazia o Xeque, que vendia ás naos que vinhão ao porto, e nom consentia que outrem o fizesse, com que ganhaua muyto dinheiro. O que todo recolherão os mestres das naos, que de todo tinhão muyta necessidade, e mórmente dos tanques, porque tinhão poucas pipas, e com a quentura da terra abrirão, e nom tinhão agoa; que este foy o principal auiamento. No qual trabalho os nossos estiuerão tres dias, por caso d'embarcar os mantimentos, que á sua vontade carregarão as naos, e de noite os Capitães com a gente em seus quartos fazião vigia.

Os Mouros estauão per cyma das serras vendo o que os nossos fazião, [3] * e * aqueceo que cortarão os esteos a huma grande mesquita que cayo de supito, e tomou debaixo mais de vinte homens, que ficarão acrauados debaixo do sobrado, e per milagre de Nosso Senhor nenhum morreo, e acharão hum buraco per onde todos sayrão fóra do perigo, do que todos derão muytos louvores a Nosso Senhor.

O Capitão mór, sabendo que todos erão recolhidos, e muyta agoada feita, se foy á praya fazendo recolher a gente, ao que lhe chegou hum mouro com recado do Xeque, que abastasse o mal que tinha feito, e nom ouvesse fogo. O Capitão mór lhe respondeo que o fogo era o principal seu officio; que era contente que nom [4] * queimaria * o lugar, se logo lhe mandasse dez mil xarafins, e lhos trouxese até meo dia, senom que se

[1] * muyto * Aj. [2] * familias * Aj. [3] * se * Arch. e Aj. [4] * queimarão * Aj.

ficasse com o que achasse; mas porque nom tornou mais recado, o fogo se pôs em muytas partes, com que de noite tudo ficou posto por terra, e toda a gente recolhida ás naos se acharão serem mortos seis homens, e muytos feridos de frechadas; e assy estiuerão nesta noite descançando.

Ao outro dia o Capitão mór pôs bandeira na quadra, a que vierão os Capitães, e assentados todos na tolda o Capitão mór lhes disse: « Se- » « nhores, bem vejo vossos trabalhos, que são grandes, e dinos de muy- » « tas mercês que ElRey nosso Senhor por elles vos fará; mas comtu- » « do a mym conuem, por ser vosso Capitão mór, vos dizer o que he » « minha obrigação; polo que vos muyto peço por mercê que em nada » « desobedeçaes o que eu mandar, porque eu, senhor Afonso Lopes, vos » « mandey que entrando a estancia corresses o lugar pera dentro, e vos » « fosseis ajuntar comigo, o que nom quizestes fazer, mas seguindo vos- » « sas vontades vos fostes após os Mouros per dentro do lugar, em que » « causastes verdesuos em tanto aperto. E se Nosso Senhor nom vos » « acodira nom sey que fôra de vós e vossa gente, e podera ser tal » « mal, que matandouos com a gente, ficaua esta armada tal, que nom » « tiuera outro remedio senão hirse pera a India, ou tornarse pera » « Portugal. E pois tanto importa não fazerdes nenhum desmando fóra » « do que vos manda o vosso Capitão mór, assy volo requeiro da parte » « d'ElRey nosso Senhor, e vos mando que em todo obedeçaes meu » « mandado, todos quantos aquy estaes. E a vós, senhor João da Noua, » « postoque do Reyno nom viestes em minha bandeira, vos aprouve » « metter nella, e vir á minha obediencia a servir ElRey nosso Se- » « nhor nesta conquista que sabeys que vinha fazer, * e * agora tenho eu » « pensamento de vos hirdes sem minha licença, e me deixardes nesta » « guerra, em que vedes que ando, e quanto importa ao serviço d'ElRey » « nosso Senhor; e vos quereys hir com a vossa nao, que he a mais po- » « derosa de todas, e me [1] * faz * maior fauor: o que vós muyto erraes, » « nom querendo esguardar o muyto que importa a vossa honra a tal » « nom fazer, e na muyta obrigação em que por ysso ficaes a ElRey nos- » « so Senhor. Polo que vos mando da sua parte que me deys essa mão » « direita. » E João da Noua lha deu, com o barrete na mão; e lhe tomou a menagem que de sua companhia se nom apartasse sem sua licença, do

[1] * fez * Aj.

que mandou fazer auto per João Estão, escriuão d'armada, em que João da Noua assinou; o que acabado, João da Noua lhe disse: «Eu, senhor,» «nom me obriguey a andar em vossa companhia senão quanto for mi-» «nha vontade, e com ysto me mandou Tristão da Cunha, pera que quan-» «do fosse tempo me hir pera a India, e hir ao Reyno contar a ElRey» «vossos feitos; e por ysso me dou por muyto aggrauado de me assy» «prenderdes.» O Capitão mór lhe disse: «Quando for esse tempo, que» «dizeys, nom vos tolherey vosso caminho. Nom vos prendy, sómente» «porque de mym vos nom aparteys escondidamente sem minha licença,» «como eu sey que o tendes assentado com vossos amigos, que me des-» «cobrem vossos segredos.» Ao que nenhum dos Capitães respondeo, porque nom se cuidasse que elles erão conselheiros; mas ficarão impituosos com odio contra o Capitão mór: com que se despedirão, e se recolherão a suas naos, e logo o Capitão mór se fez á vela.

CAPITULO IV.

COMO ARMADA PARTIO DE MASCATE, E O QUE FEZ NO CAMINHO ANTES DE CHEGAR A' CIDADE DE ORMUZ, QUE ASSENTOU EM PAZ O PORTO DE [1] * SOAR, * E DESTROIO O PORTO D'OBFAÇÃO, E SE FOY A ORMUZ.

Vindo a nossa armada de longo da costa, ouverão vista de hum grande lugar de boa casaria, assentado em hum campo grande, que auia antre a serra e a praya, e dentro no lugar hum castello com sua torre de menagem muy vistosa, e grande praya, em que parecia muyta gente armada, de pé e de cauallo, em que estaua hum mouro [2] * perseo * por Capitão d'ElRey d'Ormuz. Já com este mouro estaua muyta gente dos outros lugares, que contauão os males que os nossos fazião, e tinha já comsigo tres mil homens, que elle mandára á serra chamar de secorro, e estaua muy soberbo; polo que, em chegando nossa armada, mandou seu recado ao Capitão mór, dizendo que nom saysse a terra pera lhe mal fazer, porque tinha gente com que lhe tolheria a desembarcação, porque naquelle lugar nom cuidasse que auia de fazer como fizera nos outros. O Capitão mór respondeo ao mouro que fosse dizer a seu Capitão que elle

[1] * chamado de Sohar * Aj. [2] * preso * se lê na copia da Aj.

nom vinha aly pera lhe fazer mal, sómente com elle assentaria boa paz pera sempre, querendo elle ser vassallo d'ElRey de Portugal, que era Senhor da India; e o que aly arrecadaua ElRey d'Ormuz o pagasse cad'ano de pareas a ElRey de Portugal, e que se dysto fosse contente lhe faria todas as amizades, e se nom quizesse, soubesse certo que logo auia d'hir a terra, e lhe fazer o que fizera nos outros lugares; e que nysto tomasse bom conselho, porque elle outro tanto hia fazer a Ormuz; e que todo o dia aguardaria por sua reposta, e senão ao outro dia auia de hir jantar a terra.

O Capitão, ouvindo este recado se ajuntou com os Regedores do lugar, e homens antigos, e tratarão do conselho, e assentou de fazer tudo o que o Capitão mór quizesse, lançando suas contas que os nossos hião tomar Ormuz, e que se o tomassem que logo todolos portos, e lugares, assy ficarião sogeitos a ElRey de Portugal, e se tambem nom tomassem Ormuz, que então os nossos se auião de tornar á India, e então todolos lugares assy ficarião soltos; assy que nada se perdia em lhe dar a obediencia, e lhe fazer quanto os nossos quisessem; e nom arriscassem o mal, que estaua certo que lhe ficaria feito em suas casas. O que todo assy foy assentado e affirmado por todos, com que logo hum dos Regedores foy ao Capitão mór, e lhe disse que nom querião que fosse a terra fazer mal, mas que fosse com todo o bem, por quanto todo aquelle pouo, e elles Regedores, em todo lhe obedecião, e erão contentes de fazer toda sua vontade, e o Capitão mór da fortaleza lha entregaria, e faria tudo o que elle quizesse; o que todo assy estaua assentado, porque tanto que ouvirão seu recado, e assentarão neste conselho, logo despejarão muyta gente da serra que lhe viera em secorro, e que por tanto mandasse o que quisesse. O Capitão mór lhe disse que folgaua muyto de os achar sezudos, e nom doudos como os outros que ficauão com as cabeças quebradas; que se tornasse a terra, e tornasse á tarde, e viessem ambos os Regedores: com que se tornarão a terra.

O Capitão mór, como homem atalayado do que podia ser, praticou com os Capitães sobre esta cousa, e assentarão que se fizessem prestes de paz, e de guerra; e o Capitão mór mandou metter dous camellos pequenos nos batés, com seus repairos, pera tirar a terra se comprisse, e machados, e enxadas, e alauancas, e todos petrechos pera combater a fortaleza. Então ordenou e mandou fazer prestes tres batés com bandeiras,

e alguns fidalgos, e caualleiros, muyto bem vestidos louçãos: em hum batel Afonso Lopes da Costa, em outro Francisco de Tauora, no batel da capitaina Dom Antonio de Noronha seu sobrinho, e Jorge Barreto de Crasto, e Ayres de Sousa [1] * Chichorro, e Duarte de Sousa, * que leuaua a bandeira das quinas que auia de pôr na torre de menagem do castello, com cinco homens que o auião d'acompanhar; e que os Capitães com a gente nom sayssem dos batés até primeyro a bandeira ser posta em seu lugar, e que nos batés estiuessem os Regedores até a bandeira ser posta. Ao que então chegarão os Regedores muyto bem vestidos de festa, e bem virão o aprecebimento que estaua nos batés. Então se metterão no batel com Dom Antonio, e forão a terra, onde na praya o Capitão os aguardaua assy vestido de festa, com muyta gente com festas, e sayo Duarte de Sousa com a bandeira, e com os cinquo homens, e o escriuão João Estão, e forão ao castello, e o Capitão hia diante com hum pao fazendo afastar a gente, e na fortaleza nom estaua ninguem, e só o Capitão entrou com os nossos, e elle por sua mão pôs a bandeira no mais alto da torre, dizendo que era vassalo d'ElRey de Portugal, «porque esta villa» «e castello [2] * he * d'ElRey de Portugal, e sempre farey quanto me man-» «dar o Capitão que presente [3] * está. * » E dysto que disse fez carta, e trouxe as chaues na mão, com que se veo aos batés, que vendo a bandeira posta no castello as naos tirarão muyta artelharia, e poserão bandeiras, e os Capitães sayrão dos batés, e com o Capitão e Regedores entrarão no lugar, que estaua com ramos, e entrarão na fortaleza, a qual entregarão ao Capitão, e com tudo assy acabado se tornarão aos batés, e se forão ás naos, e o Capitão mór mandou hum balãodrão de grã com alamares d'ouro ao Capitão, e quatro barretes de grã, e aos Regedores a cada hum cinquo couados de cetym cremesym, e os despedio com muytas honras; e elles lhe perguntarão que queria da terra, que todo mandaria. Elle disse, que nom queria mais que o contentamento que leuaua em achar tão honrados homens. Elles se forão a terra, e logo mandarão ao Capitão muytas vaccas, carneiros, e cabras, e muytos fardos de tamaras secas, e ysto com muyta auondança, que todas as naos forão prouidas de refresco e agoa fresca, com que o Capitão mór se fez á vela, e foy seu caminho, deixando assentado em paz e tributo este lugar chamado Soár.

[1] Falta na copia da Aj. [2] * era * Aj. [3] * estaua * Aj.

Despachado assy este lugar, o Capitão mór foy áuante pola costa, e ouve vista de hum lugar chamado Orfação, assentado em hum campo ao pé de huma grande serra, que faz huma aberta per que vem gente da serra com cauallos, que trazião a vender, e aquy lhos comprão mercadores de naos que os carregão pera a India; mas porque ás vezes tinhão guerra os d'este lugar com os da serra, tinhão feito huma grossa parede, que d'ambas as bandas entestaua na serra, com huma porta, e em cyma huma torre pera guarda da porta; e o lugar de boas casas, e de muyta gente de pé e de cauallo, que chegando a nossa armada derão grande mostra, escaramuçando, e brandindo as armas, e capeando aos nossos que fossem a terra. E porém os Mouros, vendo nossa armada, começarão a leuar seu fato e familia pera a serra, e se fizerão fortes no muro. O lugar era estendido ao longo da praya, e fóra delle á mão direita auia hum grande palmar de tamaras, com muytos poços de boa agoa, e polo campo muyto gado grosso e miudo.

O Capitão mór falou com os Capitães, e se concertarão pera antemenhã darem na terra. O que assy se fez, e antemenhã todos com a gente armada se forão ao Capitão mór, que se metteo em seu esquife com dez homens, e no seu batel Dom Antonio seu sobrinho com setenta homens fidalgos, e honrados, que andauão na nao do Capitão mór, e assy outros muytos que andauão com os outros Capitães de que erão amigos e parentes, e todos embarcados, o capelão lhe fez sua confissão e absoluição acostumada; e sendo menhã clara forão pera terra. O Capitão mór nunqua queria desembarcar antemenhã, dizendo que a vista de nossa gente armada causaua grande medo a nossos imigos; e assy chegando a terra acodirão muytos Mouros de pé, e de cauallo, pera defender a desembarcação, ao que os berços dos batés começarão a lauorar, com que a praya logo ficou despejada com muytos Mouros caydos [1] dos tiros, e os nossos desembarcarão á sua vontade. E mandou o Capitão mór que Afonso Lopes, e João da Noua fossem correndo a fralda do lugar, e Francisco de Tauora, e Manuel Teles, entrassem polo meo do lugar, e Dom Antonio, e Antonio do Campo entrassem pola banda da serra. Em cada esquadrão d'estes passauão de cem homens muyto bem armados, e nos batés ficauão os mestres e pilotos, e gente do mar, e bombardeiros que estauão prestes, e

[1] * no chão * Aj.

os batés em nado pera o que comprisse. Entrando polo lugar tocando as trombetas, enuocando Sanctiago, os Mouros, sentindo o pelejar dos nossos, que elles nom resistião senão com frechas, se forão recolhendo pera a porta da serra, onde se fizerão muy fortes da banda de dentro, e da torre de sobre a porta, e do muro, fazião muyto mal aos nossos com pedras. Afonso Lopes correo todo o lugar pola fralda, e no cabo achou muyta gente que [1] * saya * pera fóra, os quaes sentindo os nossos se tornarão ao lugar pera se colherem pera a serra. Com esta gente foy dar de rostro Manuel Teles, e Francisco de Tauora, e tomados assy antre os nossos, se metterão em humas grandes mesquitas velhas; e porque a mais da gente erão molheres, e familia, os nossos entrarão com elles, que todos se deitarão no chão sem pelejar, polo que Afonso Lopes aly deixou vinte homens em guarda da porta, e correo áuante, e foy ter na porta da serra, em que auia grande defenção dos Mouros, onde assy tambem chegou o Capitão mór, que vendo a defenção dos Mouros, mandou trazer dos batés quatro berços que trazia encarretados, com que mandou tirar aos Mouros que estauão no muro, porque o andaimo do muro era pera onde os nossos estauão; em modo que como os berços derrubarão alguns logo todos fogirão pola serra acyma, que era talhada a pique, donde deitauão grandes pedras, de que os nossos estauão emparados com o muro. E então o Capitão mór deixou Dom Antonio, e Antonio do Campo em guarda da porta, e se foy correndo o lugar, e foy ter nas mesquitas, onde mandou matar quantos dentro estauão, e meninos, e velhos, que todos forão mortos, e ás molheres cortar os narizes, e orelhas, e aos homens cortar a mão direita e os narizes, e alguns mancebos bem despostos mandou aos mestres que carregados de [2] * ferro * os trouxessem no trabalho das naos. E correo o Capitão mór o lugar até sayr ao palmar, e vendo tão bons poços se pôs em guarda delles, e aos Capitães mandou que com a gente roubassem o que achassem, e fizessem recolher todo o mantimento que achassem, e mórmente que se abalrotassem d'agoa. O que assy se fez todo o dia com muyta deligencia até sol posto, que se recolherão; onde se achou pouco fato, e muyta monição de cousas de naos, que ahy nom acharão porque erão todas fogidas pera o mar, até que a nossa armada passasse; mas as naos ouverão aquy grande prouimen-

[1] * sayo * Arch. [2] * ferros * Aj.

to de cordoalha, e mórmente amarras grossas, que o Capitão mór mandou que recolhessem, que se auerião mester pera arrombadas quando pelejassem. Foy posto fogo no lugar per muytas partes, e de todo ficou destroido.

O Capitão mór se fez á vela caminho direito a Ormuz, porque neste lugar hum dos pilotos de Melinde falou com hum dos catiuos, que auia dez dias que viera d'Ormuz, que lhe contou que em Ormuz auia muyta gente, e grande aprecebimento de guerra, e muyto mais no mar, em que estauão muytas e muy grandes naos, com muyta gente e artelharia, que se atreuião a desbaratar a nossa armada, que já sabião quanta gente leuaua. Ysto contado ao Capitão mór, elle falou com o mouro, que lhe deu de tudo muyta enformação, e assy foy seu caminho, e porque lhe acalmou o vento os pilotos Mouros fizerão sorgir, porque a corrente d'agoa os nom leuasse a terra; e estiuerão surtos toda a noite, e ao outro dia até tarde porque nom tinhão vento. Em quanto assy estauão, o Capitão mór pôs bandeira, e vierão os Capitães, com que sempre vinhão homens fidalgos, que trazião em sua companhia. E assentado com todos na tolda, lhe disse que tinha sabido que Ormuz estaua com grande medo, e chamára muyta gente a secorro, e estauão fortes, e com as ruas tapadas, e que todo seu esforço e confiança era nas muytas naos que tinhão no porto, muy grandes e armadas, e com muyta gente, que se atreuião a desbaratar nossa armada; e que toda sua fortaleza e confiança era nesta guerra que esperaua fazer no mar; de que elle estaua tão lédo e contente, que os chamou pera lhe dar tão boas nouas, porque com a esperança em Nosso Senhor nom estimaria pelejar com cem naos de Mouros, as mais poderosas que ouvesse em toda a India, e tinha muyta confiança na misericordia de Nosso Senhor todas auia de queimar diante dos olhos d'ElRey d'Ormuz, com muyta mortindade de Mouros, com que logo as esperanças que tinhão no seu Mafamede ficassem mortas com suas [1] * orações, * com que Deos por sua misericordia lhe daria [2] * inteira * victoria; polo que a todos pedia por mercê que com muyta vontade em Deos emprendessem este trabalho, que seria o cabo de todos, porque sendo senhores do mar farião á cidade quanta guerra quigessem; e nysto mostrassem muyto prazer, e esforço, porque as gentes que pelejão nom tem mais alma que os esforços dos Capitães.

[1] * errações * Aj. [2] * muyta * Aj.

A todos pareceo bem o arrezoamento do Capitão mór, mas aquelles que tinhão odio nom lhe consentia o coração ouvir cousas boas, e Manuel Teles, que por ser mancebo era mais presuntuoso, lhe disse: «Se-» «nhor, tudo assy está bem. Mas que esforço se póde dar ás gentes na» «guerra de que se nom espera mais bem, nem proueito, que trabalhos;» «e tendo já tantos passados, e todos estão com as mãos vazias?» O Capitão mór se muyto indinou, e lhe respondeo: «E pois ysso assy o di-» «zeys, assy o deueys ter no coração; e porém tal nom deuieys falar,» «pois vós tendes as mãos cheas, melhor que quantos aquy estão. E por» «tanto vos requeiro da parte d'ElRey nosso Senhor, que se Sua Alteza» «nom quereys seruir, que me nom façaes estrouo; e se andaes enfa-» «dado que por aquy nom ha boas prezas, largai a nao, que eu meterey» «nella pessoa que lhe nom auorrecerá tanto o seruiço d'ElRey, em que» «ando com toda' a vontade d'alma, e nom queria que ninguem andasse» «per força.» E se aleuantou e mandou fazer vela, porque já vinha o vento, e os Capitães se tornarão a suas naos, e forão seu caminho. E porque os Capitães [1] * em suas naos * falauão largo o que querião contra o Capitão mór, ao que lhe nom podião hir á mão alguns fidalgos e caualleiros que vinhão em sua companhia, parecendolhe ysto mal, tinhão modos e fengimentos como se passauão pera a nao do Capitão mór, e de Francisco de Tauora, que sentião que era amigo do Capitão mór; polo que a melhor gente d'armada, e fidalgos honrados andauão com o Capitão mór, e com Francisco de Tauora, o que todo o Capitão mór entendia e sabia, mas tudo dessimulaua.

CAPITULO V.

COMO A NOSSA ARMADA CHEGOU A' CIDADE D'ORMUZ, ONDE NO MAR OS NOSSOS TIUERÃO GRANDE PELEJA COM MUYTAS NAOS ARMADAS, QUE ESTAUÃO NO PORTO, QUE TODAS QUEIMARÃO E DESTROIRÃO.

A nossa armada foy nauegando com muyto trabalho do tempo, que era contrairo, e calmarias, com que dobrarão hum cabo que se chama Maçãodão, e d'este cabo forão atrauessando pera a Ilha d'Ormuz, que feita em tres pontas [2] * terá * em roda quinze legoas. He toda pedra viua es-

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] * terra * Arch.

caluada, sem nenhum aruoredo, sómente aruores d'espinhos sem folhas, e a terra em sy he salgada, e por algumas partes corre agoa que se torna em sal muy forte, muyto mais que sal de marinhas. Esta Ilha ao redor della tem muytos rios e portos, per que correm todas as [1] mercadorias do mundo, mas porque o mar tem baixo, e pouca agoa ao longo dos portos, e lá nom podem chegar naos pera carregar, vem todas portar a esta Ilha d'Ormuz, onde descarregão as mercadorias que leuão da India, e da terra firme e portos, vem os mercadores com suas mercadorias em barcos pequenos, e se vem a Ormuz, onde trocão humas mercadorias per outras; com o qual trato tão grande [2] * cousa * se fez esta Cidade d'Ormuz, que commummente antre as gentes a India he anel, e a pedra he Ormuz; na qual se acharão todalas mercadorias do mundo. He tão grande trato que 'alfandega rendia cada ano a ElRey passante de quinhentos mil xarafins, e tão nobre, e auondada de [3] * todolos * mantimentos, que dez mil homens podem comer do que se cozinha na praça. Eu vy com meus olhos ao tempo que fizemos a fortaleza, que foy no anno de 504, [4] vy [5] * doze * ruas que de cada parte tinhão mais de vinte boticas em que se fazia malcozinhado, em que polas portas auia tachos e bacias largas em que estaua arros cozido, e carneiros inteiros assados, e feitas outras inuenções de comeres, tão limpo e perfecto que mais nom podia ser, e em tanta auondança que já digo que podião comer dez mil homens. Vy rua em que estauão os mercadores que tinhão aljofar a vender, apartadas as sortes, deitado sobre panos vermelhos, que valia mais de cem mil cruzados; e outras grandes grandezas vi na cidade, de que muyto podia escreuer porque o vi, o que deixo de fazer porque meu intento nom he senom tratar dos feitos dos Portuguezes. Em toda a Ilha d'Ormuz nom ha nenhuma agoa pera beber, e toda trazem da terra firme em barcos pequenos, e d'outras Ilhas que estão juntas da terra firme; e trazem tanta, que per todas as ruas da cidade ha casas que ás portas vendem agoa em muytos pucaros e [6] * talhinhas, * como na ribeira de Lisboa; e tantas grandezas tinha a cidade d'Ormuz que com muyta razão se chamaua pedra d'anel.

E pois hindo assy a nossa armada forão á vista da cidade hum dia

[1] * nauegações com * Aj. [2] De menos na copia da Aj. [3] * todalas mercadorias e * Aj. [4] Veja-se o que escrevemos na *Noticia Preliminar*, pag. X. [5] * duas * Aj. [6] * talinhas * se lê no codice do Arch., e * talhinas * no d'Aj.

pola menhã, mas porque o vento era calma andarão todo o dia, sem chegar senão ao sol posto. O Capitão mór ouve fála com os Capitães, a que disse que se fizessem prestes, e fossem concertados, porque se tiuesse vento, que de caminho auia logo d'hir pelejar com as naos, e destroir tudo quanto estaua no mar. O que o Capitão mór assy disse por ver a vontade que leuauão, mas afóra o nom leuarem na vontade, lhe pareceo que era erro tal fazer, e todos responderão que elles farião o que elle fizesse, mas que elles nom erão em tal conselho, pois era manifesto erro fazer mal senão a quem o merecesse, que inda até agora nom tinhão sabido nada do que ElRey d'Ormuz queria fazer. O Capitão mór disse que elles fossem prestes, porque elle nom pelejaria sem causa; o que todos assy fizerão: e lhe disse que elle sorgiria primeyro, e que então elles sorgirião, per conselho dos seus condestabres e mestres, em tal ordem que todos tirassem sua artelharia quando comprisse, que nom se danassem huns aos outros. O que assy foy feito, que chegarão com pouco vento já sol posto. O Capitão mór sorgio defronte das casas d'ElRey, que estão sobre a praya, antre duas grandes naos que estauão com grandes arrombadas, e gaueas, e bayleos de tauoado pera pelejar. A nao capitaina hia toda apadezada, com estendartes, e muytas bandeiras, e assy o batel apadezado, com os remos armados pera fóra, e nelle hum falcão e dous berços, e muytas lanças ao redor da gauea, o que assy leuauão outras naos, tudo bem concertado; e assy sorgirão per ordem antre outras naos, que erão mais de sessenta, e mais de cento outras pequenas, e muytas terradas d'armada. O Capitão mór sorgio, e nom tirou; assy fizerão todos. Os Mouros dauão grandes gritas, e tangião muytos atabaques e trombetinhas, vendo vir as naos, mas quando virão que entrauão, e sorgião sem fazer mal, todos se calarão. ElRey estaua em suas casas vendo tudo, e por toda' praya e ruas, e genelas, e terrados era tudo coberto de gente, porque as casas da cidade são de pedra, e gesso em logar de cal, e são de tres e quatro sobrados, e muyto grandes, que de huma porta pera dentro podem morar duzentas pessoas.

Assy surta nossa armada anoiteceo, e o Capitão mór mandou a seu esquife por as naos, a lhe dizer que tiuessem muy grande vigia, que se de noite lhe fizessem algum commettimento que logo fizessem sua obra, e que amanhecesse toda' gente armada per cyma, e escrauos e lanças, e piques polos bordos: o que assy se fez, mas toda' noite esteue tudo em

calma assy no mar como na terra. Ao outro dia, que o dia foy claro que os Mouros virão o aparato em que as nossas naos estauão, vendo tanta gente armada, que reluzião as armas brancas com o sol, e cada nao oito tiros grossos per baixo, de que as bocas das bombardas estauão [1] «caiadas» porque melhor as vissem, porque assy o mandou o Capitão mór, de tal vista os Mouros ouverão grande espanto, e ficarão com grande medo. O Capitão mór mandou Gaspar Rodrigues lingoa, no esquife, que fosse á praya, e mandasse pedir licença a ElRey pera lhe leuar recado, e dandolhe licença, que lhe fosse dizer que lhe mandasse hum homem pera com elle lhe mandar seu recado; e chegando o esquife, que ElRey via donde estaua, mandou saber o que queria, que mandou logo que fosse Gaspar Rodrigues, o qual com grande cortezia e acatamento disse à ElRey o recado do Capitão mór. Estaua com ElRey Cojatar, Regedor mór de todo o Reyno, que ouvido o recado disse ao lingoa que se fosse, que logo hiria o recado d'ElRey. E assy o fizerão, que logo mandou hum mouro honrado, muyto autorisado e bem vestido, em huma barquinha, assentado em huma alcatifa, que foy ao Capitão mór, que entrando na nao o achou assentado em çadeira, e alcatifa aos pés, e derrador assentados os fidalgos em bancos, e a tolda armada de panos de figuras de Frandes, e nelles pendurados ricos corpos d'armas, e adargas, e muytas lanças encostadas a bordo; no conuez armeiros que estauão alimpando, e concertando corpos d'armas brancos, e os botafogos dos bombardeiros acezos, que fedião.

O mouro entrando fez grande cortezia ao Capitão mór, que tinha muy honrada presença, que estaua em calças de grã, e coira de veludo preto cortada, e coberto com hum roupão de grã, e huma espada dourada encostada á cadeira. O Capitão mór fez gazalhado ao mouro, o qual hia muy ensinado de Cojatar do que auia de fazer e falar; o qual disse ao Capitão mór: «Senhor, [2] «Paixa,» Rey d'Ormuz, me manda pera que me» «digas o que queres.» O Capitão mór, nom confiando que o mouro [3] «deria» o recado que lhe elle désse, mandou ao mouro que o escreuesse, e Gaspar Rodrigues que lhe falaua, dizendo que elle era escrauo d'ElRey de Portugal, o mór Rey que auia no mundo, porque era Senhor de todo o mar, e per elle mandara suas naos e armadas, com que tomára toda a

[1] «caydas» Aj. [2] «Cefardim.» V.e *Com. d'Alb.* [3] Por «diria» ou «daria.»

India e de toda era Senhor, e todos quantos nauegauão polo mar lhe obedecião, e pagauão pareas e trebutos; e porque elle, como seu Capitão d'esta armada, com elle vinha assentar boa paz e amizade, que chegando ao seu lugar de Calayate sem fazer mal, logo os Mouros delle fizerão zombaria, e lhe quiserão na terra tomar os seus batés, ao que foy hum Capitão a terra nos batés, e * se * lhe fez mal, como já teria sabido; e vindo seu caminho outro [1] * tanto * lhe fizerão em Curiate, e Mascate, em que a todos estes lugares fez o que elles merecião, por serem máos e soberbos, sómente em Soar em que achou hum Capitão bom homem e sezudo, que com bom saber saluou seu lugar e gente, e assentou boa paz, com que ficarão amigos. E parecendolhe que assy acharia em Orfação boa gente a tornou 'achar pior, polo que tambem lhe fez o mal que merecerão, porque todolos lugares e cidades, que tem portos de mar, e nauegações, e rendas dos tratantes que nauegão polo mar, são obrigados a obedecer áquella bandeira d'ElRey de Portugal, que tinha em sua gauea. Com a qual tenção elle o vinha buscar, pera com elle assentar toda boa paz, e amizade que será pera sempre, com tanto que da muyta riqueza que lhe vinha polo mar, della pagasse alguma parte, que fosse razão em cada hum anno, de pareas a ElRey de Portugal. O que deuia de folgar de fazer sem auer mais outro nenhum trabalho, porque se nysto nom tomasse bom conselho, e nom quisesse obedecer, veria em sua cidade, e portos de mar tanto mal, que tudo se tornaria em fogo e sangue, e nestas naos que estauão no porto, e em quantas achasse no mar, que vinhão pera sua cidade; em que receberia tanta perda, que ficaria pobre em poucos annos. E que dysto lhe mandasse logo sua certa reposta.

ElRey, vendo tal recado, ficou muy toruado, e com muyto temor, que era homem mancebo; o qual falou com todos os do seu conselho, em que cada hum dizia seu parecer, mas todos se remetterão ao que aconselhasse Cojatar, que estaua no presente, por ser a pessoa principal do Reyno, em poder e saber, e idade; o qual Cojatar, em presença de todos, disse: «Senhor, eu muyto tenho maginado neste caso, e no que te cum-»
«pre. Como meu Rey, e senhor te digo, que polas cousas que me tem»
«contado os mercadores da India dos feitos d'estes Portuguezes, que tu-»
«do ganhão e vencem, e ninguem a elles, polo que te dou de conselho»

[1] De menos no Ms. da Aj.

«que d'este mal, que tens diante dos olhos, tomes o menor, que he fa-»
«zeres com elles algum bom concerto, o melhor que ser possa, porque»
«esta cidade, e teus portos faças liures dos males que estes homens lhe»
«podem fazer, pois sabemos que são senhores do mar; porque melhor»
«te serão os concertos feitos em paz, que mesturados com guerra, inda»
«que então fossem com menos tributo do que agora podes assentar com»
«paz, porque a honra mascabada com máo começo he grande defeito.»
«Faze começo de concerto, e o tempo mostrará o bom caminho de tudo;»
«e se ysto a todos parecer bem, e a Resnordim, que tem tanto cargo»
«deste Reyno como eu, então trataremos do mais que se deue fazer.» O que assentado por todos o bom conselho do concerto, então consultarão sobre a reposta que auião de mandar ao Capitão mór, pera que o Cojatar mandou chamar hum mercador principal, que auia muito tempo que estaua na cidade, chamado Coje Beirame, armenio de nação, que viuera muyto tempo em Veneza tratando, e sabia bem falar nossa fala; homem de muyto credito e autoridade, ao qual rogou que por amor d'ElRey tomasse trabalho de andar por terceiro em muytos concertos que queria assentar de pazes com os Portuguezes, porque ElRey confiaua ysto nelle, que trataria com muyta verdade. O que o armenio aceitou com boa vontade. Então Cojatar lhe deu o recado que leuasse ao Capitão mór. Que dizia ElRey que folgaua de saber a causa de sua vinda, e pois tal era, nom tiuera razão de lhe destroir seus lugares, e matar tanta gente, [1] *até* os meninos que nom erão nacidos; o que fizera mal, porque primeyro deuera de vir a Ormuz assentar suas cousas, e então quando nom forão boas, lhe ficára a razão pera fazer suas cousas como quizera; mas parecia que o que fez nom fora senão porque lhe tiuesse medo, e porque fizera assy mal em gente mesquinha, por ysso lhe nom tinha nenhum medo, e nelle nom acharia nada como nom fosse per direita razão; e que quanto a lhe destroir o porto, e queimar as naos se com elle nom assentar concerto, porque são senhores do mar, que ysto Deos, que estaua nos Ceos, veria tudo. E porque era tamanha sostancia a de seu recado querer que seja tributaria d'ElRey de Portugal, cousa era pera bem cuidar muytos dias, e com os seus principaes tomar o verdadeiro conselho como compria a seu Reyno; e que por ysso se nom deuia apres-

[1] Falta no Ms. da Aj.

sar pola conclusão da reposta. Com o qual recado foy o armenio Coje Beirame, que tudo leuaua por escrito, e entrando ao Capitão mór lhe falou em nossa lingoa com grande cortezia, dizendo: «Deos salue tua pes-» «soa, e de todos teus soldados. São messageiro, que trago recado d'El-» «Rey d'Ormuz, que te darey com tua licença.» O Capitão mór, e todos [1] folgarão de ouvir falar o armenio, e o Capitão mór lhe disse: «Vós» «sejaes bem vindo, e pois falais nossa fala folgaria de saber de vossa» «natureza.» O armenio lhe disse: «Senhor, sou armenio christão de» «natureza, e por andar a ganhar a vida corri muytas terras; estiue» «muyto tempo na cidade de Veneza, onde aprendi esta fala portugue-» «za, e sey outras muytas, e ha muytos annos que assentey nesta cida-» «de, tratando minhas mercadarias. Viuo como me ensina a necessida-» «de; no coração tenho a crença de saluação, que espero de minh'alma» «tenha em dita, se acabar tuas cousas em bem, porque espero que dahy» «me venha muyto bem.» O Capitão mór lhe disse: «Eu vos juro pola» «vida d'ElRey meu Senhor, que se em vós achar verdade, vós acha-» «reys em mym todo bem que mereceres.» E o mandou hir pera cyma ao chapiteo, e metter no camarote do piloto, e ficou praticando com os Capitães que a ysto forão chamados, e lhe disse: «Senhores, já vedes» «a reposta. Agora me he necessario vosso parecer do que deuo respon-» «der, porque queria eu que fazendo o que me disserdes, nom fique eu» «a dar conta por mym só [2] *de* vossas culpas, se as tiuerdes; e nom» «vos pergunto por reposta á mingoa de eu nom entender quantas tenho» «pera dar, mas acertar na melhor essa he a duvida que tenho, porque» «sobre mym só está esta carga, porque [3] *em* mym he o encargo de» «acertar; e vós nom tendes mais que de trabalhar com os braços, eu» «com alma e esprito. E por esta parte de trabalho que vos cabe he ne-» «cessario que sejais partecipantes, e testemunhas pera ElRey nosso Se-» «nhor, porque se eu errar elle me castigar.» Os Capitães, como andauão auêssos da vontade do Capitão mór, lhe responderão: «Senhor, pois di-» «zeys que tudo carrega sobre vós, e com o desengano da estima em que» «nos tendes, fazey o que quiserdes.» O Capitão mór lhe respondeo: «Sabey, senhores, que se fôra possiuel eu vos poder encarregar minha» «obrigação, eu o fizera, ao menos porque dormíreys de noite tão pouco»

[1] *os fidalgos* Aj. [2] *por* Aj [3] *a* Arch.

«como eu durmo; e por tanto, pois tudo vêdes, vos muyto peço por»
«mercê que enclineys vossos corações ao seruiço d'ElRey nosso Senhor,»
«a que sois tão obrigados nestes trabalhos, pois eu nom som mais que»
«hum só homem.» Elles responderão: «Senhor, se tudo ysso he ver-»
«dade, e podeys fazer as cousas sem trabalho, pera que he buscalo?»
«Porque se aquy vieramos primeyro nom tiuera ElRey por sy tanta ra-»
«zão, como tem, de se queixar dos males que lhe fizemos em seus por-»
«tos.» Disse o Capitão mór: «Nós vimos a guerrear, e nom a rogar,»
«e prouvera a Deos que me dera vento ao entrar d'este porto, que com»
«ajuda de Nosso Senhor que nelle espero estes Mouros me falarem mais»
«a proposito.» Então chamou o armenio, e lhe disse: «Vay dizer a El-»
«Rey que hey muyto prazer elle querer paz e amizade d'ElRey de Por-»
«tugal, porque assy o fazendo guarda esta sua cidade, e portos, de muy-»
«to mal, que lhe viria se assy o nom fizesse, por * que, * se em guerra»
«se posesse virião aquy tantas armadas, que mandára o Visorey da In-»
«dia, que de todo seria destroido, como he o Rey de Calecut, que já»
«em todos seus portos, e cidade, nom tem huma só nao que nauegue.»
«Mas pois elle, como muyto sizudo, quer bem a seu proueito, e me per-»
«gunta o que quero, dizelhe que nom quero senão o que for sua von-»
«tade, olhando [1] * bem o muyto * proueito que faz a seu Reyno, por-»
«que eu nada dysto lhe hey de pedir, porque nom diga que o [2] * nom *»
«deu de sua vontade. E quanto a se queixar do mal que fiz em seus»
«lugares, lhe disse já que fôra por culpa dos seus doudos Capitães, e»
«Digares, que nelles tinha; que nosso costume he fazer mal a quem»
«nom quer o bem; e que por tanto o muyto poder, que diz que tem,»
«o deue de guardar pera seus vizinhos, e nom pera mym, que o venho»
«buscar de tão longe com estes fidalgos e caualleiros, que vem pera»
«morrer em seruiço de seu Rey e senhor, fazendo tanto gasto com esta»
«armada. Polo que folgaria que ElRey d'Ormuz assentasse suas cousas»
«sem nos dar trabalho, porque elle receberá tambem muyto, e com»
«muyta perda; e que olhe que está em seu repouso, e sempre estará»
«com muyta paz. E uysto lhe falo como amigo, porque estes cauallei-»
«ros são lascarins, que folgão mais com os trabalhos da guerra que na»
«folgança da paz.»

[1] * muyto o grande * Aj. [2] Falta no Ms. da Aj.

Com o que o armenio, tomando tudo por escrito pera lhe nom esquecer, se foy, e contou a ElRey em presença dos seus tudo como lhe fòra dicto; sobre o que antre todos ouve muytas prefias, huns de sy, outros de não. Cojatar, e Resnordim, que erão presentes, deixarão aprefiar todos. ElRey, então, vendo que nom falaua, lhe disse: « Ó pay Cojatar, » « que he o que me dizes? » Elle respondeo: « Senhor, eu já te dey con- » « selho, e agora, que vejo este recado, te digo que te nom dou outro, e » « te rogo que o faças. » Ao que ajudou Resnordim, dizendo: « Senhor, » « assy o deues fazer como diz Cojatar. » Mas contra este se aleuantarão todos, dizendo a ElRey que nom sofrese tamanha ofensa em sua honra, como era auer de ser Rey tributario, por medo de seis naos que tinhão em seu porto, que nom tinhão mil homens; que sómente as dos mercadores, que já pera ysso estauão prestes, bastauão pera logo as tomarem ás mãos. E tanto nysto incitarão ElRey, que assentou em pelejar, e mandou ao Capitão mór repostas simuladas, até vir armada e gente da terra firme, que esperaua. Era aquy presente hum Capitão de huma nao d'ElRey de Cambaya, que se chamaua Meril, que trazia mil homens d'armas, e nauegantes tão armados, e a nao tanta artelharia, que era afamada na India. O Capitão, com grande soberba, disse que elle se atreuia só com a nossa nao capitaina. Com que todos mais se aleuantarão contra ElRey, dizendo que pelejasse, e nom tomasse o conselho dos que sempre auião medo da guerra. Então ElRey mandou o armenio ao Capitão mór, dizendo que compria lhe dar espaço alguns dias, pera com seus conselheiros assentar huma tamanha cousa, como era fazerse tributario pera sempre a outro Rey, o que nunqua fizerão seus antepassados; e que pois assentauão em amizade, que seguramente podia mandar a gente a terra a comprar o que ouvessem mester. O Capitão mór, ouvido o recado, logo disse aos Capitães que era falsidade, que o recado era pera delongas, e apalpar as vontades, porque ElRey todos os conselheiros tinha comsigo, e do primeyro dia que aly chegarão já elles tinhão assentado o que auião de fazer; que por tanto nysto nom compria passar o tempo. Emquanto o Capitão mór praticaua com os Capitães, o armenio estaua no camarote do piloto, porque nom ouvisse o que se falaua, porque sabia nossa fala. Então o Capitão mór disse que lhe parecia bem mandar espiar e ver o que auia na cidade, pera melhor saber o que auia de fazer. Então falou com hum Duarte Ligeiro, que fosse a terra ser comprador de

comer, cousas pera cada dia, e o auisou que se nom apartasse de hum homem que lhe daria o armenio, com que andasse e corresse toda a cidade, e visse tudo, pera de tudo lhe saber dar razão.

Então disse ao armenio que dissesse a ElRey que era contente de aguardar, como dizia, mas que sua palaura fosse de Rey, sem falsidade, porque achasse bem, e nom mal; e quanto a mandar sua gente a terra, nom auia necessidade, porque erão acostumados a estarem sempre no mar, senão quando sayão a pelejar, e nom tinhão enfadamento senão quando nom tinhão que fazer; nem menos mandar comprar que comer, que nas naos tinhão auondo; que sómente mandaria hum comprador pera comprar cousas de verdura. Que lhe muyto pedia que logo se determinasse, porque elle logo se queria partir, que tinha que fazer em outras partes. Então entregou o comprador ao armenio, que o leuasse, e com elle mandasse algum seu criado, que andasse pola cidade comprando, e lhe ensinasse como comprisse. O armenio foy a ElRey, e lhe deu o recado do Capitão mór; e como leuaua o comprador pera comprar, Cojatar o mandou entrar, e lhe perguntou se auia de comprar muyto comer, e elle lhe disse que nom auia de comprar, sómente pera quatrocentos homens que estauão na nao do Capitão mór, que das outras naos tambem hirião compradores. Perguntoulhe o que auia de comprar. Disse que alguma fruita e verdura, que de todo o mais as naos estauão carregadas de mantimentos, que auião de vender antes que se partissem. Então o armenio mandou hum seu criado com elle, que andou polo bazar, que he a praça, sem nunqua o leuarem por dentro pola cidade, e á tarde em huma almadia se foy á nao, e contou ao Capitão mór o que passára, e lhe affirmou que vira os Mouros soberbos, e todos armados, e per acenos lhe dizião que auião de cortar as cabeças a todos.

Os Mouros sempre nas naos trabalhauão, e se aprecebião pera o que esperauão de fazer; o que outro tanto fazião os nossos, fazendo entulhos de maçame, e estrens por dentro das naos, pera os pelouros que entrassem, e em cada batel feitas arrombadas, e postos em cada hum hum camello, e per toda a nao pipas serradas cheas d'agoa pera resguardo do fogo, e grande auiso, que o Capitão mór deu aos Capitães, que sobre todalas cousas se guardassem do fogo; e nas gaueas valentes homens, com muytos dardos, e lanças, e muyta pedra, que auião de ter cargo de lhe dar. E mandou que deitassem ragueiras fóra de todas as naos dos Mouros, e que se alassem se se vissem em perigo de fogo, porque elle temia

que algumas naos de Mouros estarião ordenadas com materiaes de fogo pera se apegarem com as nossas; e disse aos Capitães que mandassem portar ancoras junto das naos grandes dos Mouros, com que se atreuessem a pelejar. O que elle fez primeyro que todos, que mandou portar huma ancora junto da nao Meril. E de todo os nossos se apreceberão como compria, com toda artelharia carregada, e bombardeiros repartidos, e a gente com Capitães repartida nos chapiteos, e conuézes; dizendo o Capitão mór a todos que no feito destas naos do mar era acabado todo seu trabalho, porque desbaratando os Mouros do mar, que seria com muyta mortindade delles, ficauão senhores do mar, e da cidade. No que todos se esforçassem na paixão de Nosso Senhor, que lhe daria vencimento contra os imigos da sua sancta fé. No que assy gastarão o dia, e á tarde vierão da banda d'além da terra firme 'armada que os Mouros esperauão, que forão mais de tresentas terradas, a remo, com muytos frecheiros, e portarão da outra banda da cidade, que os nossos as nom virão, sómente sentirão o aluoroço que logo ouve na cidade. E de noite muytos Mouros se recolherão e embarcarão nas naos, que tambem fizerão aluoroço. O que sentido polo Capitão mór, mandou o seu esquife dizer aos Capitães que mandassem fazer o comer do fogão de noite, porque ao outro dia o nom poderião fazer, e que auisassem os seus bombardeiros que nom tirassem senão a cousa certa, e os tiros miudos per cyma tirassem a matar os Mouros que pelejassem, e que como elle tirasse assy fizessem todos: o que todos assy fizerão. O Capitão mór tinha duas esperas no porpao, e deu cargo a Nuno Vaz de Castello Branco que com aquellas esperas mandasse tirar a humas varandas, que estauão no alto das casas d'ElRey, em que elle estaua o mais do tempo, e que nom seria muyto estar aly ElRey vendo a peleja.

Ao outro dia, exclarecendo a menhã, aparecerão dobrando a ponta da cidade as terradas desemmasteadas, carregadas de frecheiros d'arquos troquisquos, e armados de cofos, e traçados, e zagunchos; remando todos a grã pressa com grandes gritas, [1] * ao que responderão os Mouros das naos assy com grandes gritas, * e tangeres, atabaques, e trombetinhas, logo desparando muyta artelharia. Do batel do Capitão mór tinha cargo Duarte de Sousa, com trinta homens honrados. O Capitão mór lhe man-

[1] Saltado na copia da Aj.

dou que tirasse, o qual tirou com hum camello ás terradas, em que deu, e fez nellas restolhada de sete ou oito que espedaçou, de que ficarão os Mouros a nado. O que tambem assy fez Jorge Furtado, que estaua no batel de João da Noua com vinte homens, e assy tambem o batel d'Afonso Lopes da Costa, em que estaua Ayres da Silueira com outros vinte homens. Estes batés, que entenderão com as terradas, que vinhão todas juntas, fizerão nellas grande estrago, que mais de cincoenta forão quebradas, mas as outras chegarão a deitar nuvens de frechas, com que cobrião os batés; mas com grande medo dos tiros se forão acolhendo a remo per antre as naos dos Mouros.

O Capitão mór, como foy huma ora ante menhã, caladamente mandou virar o cabrestante, e se foy chegando á nao Meril, e sendo perto a saluou com quatro peças grossas, com que a passou, e matoulhe muyta gente, e com os berços, e falcões, per cyma lhe matou tanta gente, que todos se baquearão abaixo. E Nuno Vaz de Castello Branco teue cuidado que com as esperas dous tiros que tirou deu com ametade da varanda d'ElRey abaixo, e com ametade de hum catauento, em que matou muytas molheres d'ElRey, e gente de casa; e porque a pressa era grande, Nuno Vaz se accupou com os tiros á nao Meril, que ardia em fogo com grão numero d'artelharia que tiraua, com que na nao do Capitão mór fazia grande mal; e quis Nosso Senhor que huma espera lhe acertou no masto, que lho derribou, que ao cayr matou muytos Mouros, e quebrou ametade da nao, com tanto terramoto que os Mouros se deitarão ao mar. E já a este tempo a capitaina era abalroada com ella, em que logo entrou o primeyro Braz da Silua, hum mancebo fidalgo, e com elle hum seu irmão chamado Manuel da Silua, na enuolta dos quaes entrou Dom Antonio de Noronha, Dom [1] * Jeronymo * de Lima, e com elles até trinta homens, que se metterão com os Mouros ás lançadas, que erão já poucos; com que a nao logo foy enxorada. Então hum Bernaldim [2] * Martim * com outros mancebos se acuparão a ser bombardeiros com os tiros da nao, que erão todos de ferro e de cameras, e começarão a tirar a duas naos de Mouros que estauão mais perto, com que as desfizerão per cyma, matandolhe muyta gente, que logo se começarão a deitar a nado. O Capitão mór, vendo que a nao era rendida, se tornou 'alar pera fóra, com

[1] * Hyronymo * Aj. [2] * Martins * Aj.

que pôde tirar a outras naos, que logo huma metteo no fundo. Francisco de Tauora estaua mettido antre duas naos grandes com que teue muyto trabalho; mas Fernão de Sousa, que estaua no seu batel com gente, com o camello furou huma nao per baixo, com que logo se foy ao fundo; e porque os Mouros hião a nado, Fernão de Sousa com o batel foy sobr' elles matando muytos, mas acodirão sobre o batel tantas terradas que lhe ferirão homens, e o batel se tornou a recolher pera a nao, que já tinha rendida a outra, e nella posto fogo, que ardia muy grande. E já Afonso Lopes da Costa assy tinha desbaratado outra nao grande, e posto o fogo, [1] * e como assy punhão o fogo, * se alauão á toa que tinhão ao mar. E Antonio Lopes, irmão de Afonso Lopes da Costa, que andaua no seu batel com gente, fazia grande guerra nas terradas que vinhão atirar per antre as naos. Manuel Teles, e Antonio do Campo, que estauão mais á terra, mettidos antre muytas naos, estes tiuerão o mór trabalho, que lhe tirauão dez ou doze naos de Mouros, mas elles nom estauão de vagar, e os seus batés, que tambem em hum delles estaua Diogo de Freitas, outro Duarte de Mello, que nom auia senão obra d'artelharia; mas durando algum espaço, duas naos dos Mouros se forão ao fundo, e das outras a gente fogia pera terra, a que os batés andauão ás lançadas a matar n'agoa. João da Noua na sua nao Frol de la mar, que era mais poderosa que todas, ficou mais afastado, mettido antre muytas naos, que nunqua se bolio [2] * d'um * lugar, com o seu batel encadeado por popa, que nunqua ouve outro trabalho senão d'artelharia, porque os Mouros tinhão muyta, mas era miuda, que polos altos fazião muyto mal aos nossos, mas a nao como os tiros erão grossos arrecadauão, que passauão as naos d'ambas as bandas, e espedaçauão.

O Capitão mór, que estaua de largo, tambem fazendo muyta obra com artelharia, e vendo o desbarato que hia nas naos dos Mouros, com as mãos aleuantadas daua muytos louvores a Nosso Senhor, e vendo o fogo posto em muytas naos, pesoulhe, e chamou Duarte Afonso, contramestre da nao, e o mandou que fosse no esquife muyto esquipado, e mandou com elle Duarte Pereira, que trabalhasse quanto podesse por falar aos Capitães, que nom dessem fogo ás naos, que era grande perda. Então mandou Dom Antonio no batel, e com elle Jorge Barreto de Cras-

[1] Saltado na copia da Aj. [2] * do * Aj.

to, Jorge da Silueira, Nicolao Jusarte, Antonio de Sá, João Teixeira, João Paçanha, e outros bons caualleiros, que fossem em guarda do esquife, e que chamassem os outros batés, e todos juntos corressem per antre as naos, fazendo todo mal que podessem, e deitassem fogo, e nas da terra, e terradas, matassem a gente que andaua polo mar. O que assy foy feito, com que o mal dos Mouros foy dobrado, e já todos desbaratados se deitauão a nado fogindo pera terra, porque João da Noua largou d'amarra, e chegou a huma grande nao, que era de Melequiaz, Capitão de Dio, e lhe pôs fogo antes que lhe fosse dado o recado, e os Mouros nom podendo valer ao fogo, porque os gaueiros das gaueas os [1] * fondião * com pedras, cortarão as amarras á nao, com que se foy pera terra [2] * e deu sobre outra, que tambem fogindo do fogo, se desamarrarão fogindo pera terra, * onde ensequarão na praya, e os batés após ellas lhe fazendo muytos furos, e matando muyta gente: o que já era quasi vespora, que os nossos já nom tinhão nao de Mouros que lhe tirasse, sómente tirauão 'algumas naos em que vião Mouros; mas o Capitão mór, por mostrar aos outros o que fizessem, se [3] * alára * á [4] * amarra * que tinha antre as naos, e se chegou mais perto, e mandou tirar ás casas d'ElRey. O que assy fizerão das outras naos, que todas tirarão á cidade, que tinha na frontaria da praya muy nobres casas, em que foy feita grande destroição, e muytas derribadas, e muyta gente morta dos pelouros, que passauão e entrauão pola cidade; em modo que da bespora até noite o trabalho foy dos bombardeiros.

E porque toda a praya já era enxorada, os batés se recolherão pera as naos, que o Capitão mór lhe mandou capear com bandeira, em que a gente se recolheo a descansar do grande trabalho que tinhão de todo o dia, e se curarão os feridos, que erão muytos, que passauão de cento e cincoenta, e mortos mais de quarenta, e dos feridos depois morrerão alguns, segundo todo o Capitão mór mandou saber per todas as naos; que como foy noite, elle com seis homens se metteo no esquife, e correo todas as naos, falando com os Capitães, louvandolhe muyto suas grandes honras, e assy a todolos fidalgos que com elles estauão, muyto lhe encomendando o repairo dos feridos, e lhe encomendando que nom se des-

[1] Por * fundião. * Na copia da Aj. lê-se * ofendião. * [2] Saltado na copia da Aj. [3] Falta na copia da Aj. [4] Idem na do Arch.

cuidassem da vigia, porque agora compria ter muyto maior. E recolhido o Capitão mór á sua nao mandou dar aue Marias per a nao, e acabadas, tocar as trombetas com grandes gritas, o que assy fizerão das outras naos, e em cada quarto apupauão e dauão gritas, de que os Mouros ouverão muyto espanto, dizendo que os Portuguezes erão irmãos dos diabos, que com os males e trabalhos folgauão. Os Mouros andarão toda a noite [1] * em * trabalho de recolher os mortos da praya, porque nom fossem vistos, e com almadias hião ás naos saluar algum fato; o que foy sentido dos nossos, a que os Capitães mandarão seus esquifes com seus mestres, e contramestres, com sua gente da nao, que andarão toda a noite á caça com as almadias, em que tomarão muyto fato, e catiuarão e matarão muytos Mouros, e sempre bradando e apelidando por onde andauão, porque os Mouros ouvessem medo de hir ao mar.

CAPITULO VI.

DO QUE O CAPITÃO MÓR FEZ, DEPOIS DO DESBARATO DO MAR, GUERREANDO A TERRA, E ASSENTOU PAZ, E FEZ O REY D'ORMUZ TRIBUTARIO EM QUINZE MIL XARAFINS, E PAGOU OS GASTOS D'ARMADA; E OUTRAS COUSAS.

Ao outro dia pola menhã o Capitão mór chamou os Capitães, e lhe disse que era bem que sua gente tiuessem algum bem de seus trabalhos; que portanto elles mandassem, ou fossem em pessoa que seria melhor, e roubassem as naos, e pera nom auer referta antre elles, se quisessem, elle lhas repartiria. Todos disserão que era bem, e assy o querião. Então se poserão no chapiteo da nao, e a cada hum assinou quatro naos, a que os Capitães mandarão os esquifes, em cada hum metter hum seu homem. Então elles nos batés se forão ás naos, a que muyto encomendou que principalmente recolhessem os mantimentos, e agoa que achassem, e poluora, e monições, e que 'artelharia que nom seruisse a deitassem no mar. E o Capitão mór tomou pera sua gente a nao Meril, e outras duas que estauão mais perto. Em todas se acharão muytas fazendas de roupas de Cambaya mórmente, que todo o mais era arroz, açuquar, e muytas drogas, e pimenta, em que os Capitães se carregarão quanto

[1] * com o * Aj.

quiserão; e recolherão agoa, e quantos mantimentos quiserão, e assy a nao do Capitão mór, até que nom tiuerão em que metter fato. O Capitão mór a todos defendeo que nada deitassem ao mar, nem esperdiçassem, porque as naos e o que nellas ficasse lhe renderia dinheiro. O que assy foy feito. Na nao Meril se achou muyta poluora, com que o Capitão mór muyto folgou. E neste trabalho se gastou o dia todo, porque as naos passauão de quarenta, e como erão roubadas o Capitão mór as mandaua chegar, e atar humas com outras, pera que se ouvesse alguma reuolta lhe mandar pôr o fogo.

Neste dia assy trabalhou e folgou a gente, e o Capitão mór mandou aos Capitães que ao outro dia se concertassem os batés pera hirem a terra; o que assy fizerão, que amanhecendo todos vierão a bordo da capitaina nos batés e esquifes, com a gente armada, com as lanças aruoradas, e homem que leuaua duas, e outras mettidas polos bordos per parecer mais gente; e os batés com padezes, e arombadas, e falcões, e berços, sómente que os camellos lhe tirarão, porque carregauão muyto pera chegar a terra. E o Capitão mór em seu esquife com sua bandeira real, e no seu batel seu sobrinho Dom Antonio, e todolos outros batés, em que todolos fidalgos e caualleiros hião, que nas naos nom ficarão mais que os mestres e pilotos com a gente do mar, e muyto encarregados á vigia dos escrauos, que todos andauão carregados de ferros em todas as naos, que assy o mandou o Capitão mór, por resguardo que algum nom fogisse pera terra, e contasse a pouca gente que auia nas naos. O que muyto encomendou aos Capitães, que tanto que chegarão ao porto todos arrecadarão os negros em ferros. E com os batés e esquifes, que fazião grande mostra de gente, tangendo as trombetas se foy de longo da praya, afastado das casas que estauão sobre o mar, que de cyma dos terrados lhe tirauão muytas frechas e pedradas, e no cabo da cidade da parte da mão esquerda se fazia arraualde, em que auia muytas casas terreas, e outras grandes casas compridas, cobertas de palha, em que estauão os recolhimentos de muytas naos e grandes terradas, que estauão varadas na borda d'agoa, onde os Mouros tinhão feito tranqueiras fortes, com suas artelharias, e muyta gente pera as defender.

O Capitão mór tinha mandado aos bombardeiros que nom fizessem senão pôr fogo. O Capitão mór varou na terra dando Sanctiago; logo entrarão os nossos as tranqueiras e derão nos Mouros, que logo tudo deixa-

rão, [1] * sómente tirando * frechadas. Os bombardeiros com roquas de fogo muy prestesmente poserão fogo nas casas de palha, com que o fogo foy tão grande que os nossos se nom poderão tornar aos batés, e se forão sayndo d'antre as naos, correndo ao longo da praya e os batés polo mar. Então o Capitão mór mandou Afonso Lopes da Costa, e João da Noua, e Manuel Teles com sua gente fossem assy ao longo d'agoa, e elle com toda a mais gente atrás, e forão a hum lugar chamado Turumbaque, que está assy na borda d'agoa, em que estauão humas palmeiras, e poços d'agoa solobra, de que o pouo da cidade bebe quando as terradas d'agoa nom passão, que ás vezes he o vento contrairo, com que a cidade logo he falta d'agoa pera o pouo miudo; que á tenção do Capitão mór esta era a principal guerra que esperaua fazer á cidade, se lhe nom obedecesse. E chegando ao lugar nom acharão ninguem, mas virão o campo da cidade coberto de gente, familia que fogia pera a serra, ao que Afonso Lopes quisera hir, mas o Capitão mór o nom consentio.

Então descansando hum pouco, o Capitão mór pôs a gente em tres batalhas, espalhada a gente porque parecesse muyta, e veo muyto devagar correndo o campo, e os batés ao longo da praya, com que os Mouros crerão verdadeiramente que o Capitão mór vinha entrar a cidade, com que ouverão muyto espanto, e cada hum acodio a sua casa saluar seu dinheiro, e fogir com suas molheres e filhos; o que sendo dito a ElRey, elle disse a Cojatar, [2] * que com elle estaua, * que acodisse, e Resnordim. Cojatar lhe disse: « Senhor, manda tu que te vá defender a cidade quem »
« te a ty disse que o conselho de Cojatar era de velho paruo, e te cau- »
« sarão que nom fizesses a paz, com que agora vês teu tão grande mal, »
« como te he feito. » Então chegou o Capitão da nao Meril, e os mercadores das outras naos, clamando a ElRey que concertasse, e fizesse paz antes que fosse mais mal, que bem sabião que se nom ouvessem concerto, que suas naos auião de ser queimadas. Então ElRey disse a Cojatar que désse remedio, como pay que era. Então Cojatar chamou o armenio, e lhe deu hum anel da chapa do nome d'ElRey, e mandou á pressa pôr huma bandeira branca sobre as casas d'ElRey, e mandou dizer ao Capitão mór que ElRey e a cidade lhe obedecia, e que mais nom bolisse em nada, e que em sinal lhe mandaua a chapa d'ElRey. E com elle man-

[1] * tirando muytas * Aj. [2] De menos no Ms. da Aj.

dou hum sobrinho de Resnordim por arrefem, até se concertar o que elle mandasse. O armenio com grande pressa que lhe os Mouros dauão, com o sobrinho de Resnordim, homem principal que auia poucos dias que chegara a Ormuz, que de moço pequeno fora [1] * correr * terras, e andára em Africa, e se chamaua Reis Abdallá, os quaes sayndo ao campo atarão hum pano branco na ponta de hum páo, com que forão ante o Capitão mór, que hia polo campo com modos de querer entrar a cidade, e elle e todos os Capitães hião com muyto prazer, porque já dos batés lhe forão dizer que sobre as casas d'ElRey estaua bandeira branca sinal de paz.

E sendo dito ao Capitão mór que vinhão da cidade Mouros com bandeira branca, mandou estar a gente quêda, e elle se adiantou, que nom quis que os Mouros entrassem antre a gente, que nom vissem quantos erão, e chegando o armenio lhe deu o recado d'ElRey, e lhe [2] * apresentou * o anel, e refem. O Capitão mór, mostrandose muy iroso, disse ao armenio: « Tu nom me venhas com enganos nem falsidades de Mouros, » « porque te mandarey esfolar viuo; e te torna a ElRey, e lhe dize que » « nom hey mester seu anel, nem arrefem, senom verdade com obra logo » « feita, que por sua palaura eu nom vou áuante, e me tornarey á nao, » « que se tu agora nom chegáras, que eu já fôra entrado na cidade, e » « oje lhe nom ficára pedra sobre pedra; que logo me mande á nao ou- » « tros dez arrefens, os principaes que tiuer; e nom lhe peço seus Rege- » « dores, porque com elles toma seus conselhos; e logo como eu estiuer » « na nao me [3] * torna * com recado. » E mandou embarcar toda a gente, e leuou comsigo o refem, e chegando á nao despedio os Capitães, que se fossem a comer e repousar, e depois se tornassem pera elle, se de terra viessem recados. O que assy fizerão, que se tornarão logo ao Capitão mór, onde praticando reprenderão ao Capitão mór, que se nom deuera de recolher da terra sem primeyro os Mouros lhe trazerem arrefens seguros, que segundo o medo que auia na cidade tudo quanto pedira tudo lhe derão. O Capitão mór entendeo que sómente os Capitães lho dizião por desfazer nelle, e dessimulou com ysto que entendia, e lhe respondeo: « Senhores, bem sey que todos vinhamos pedindo a Nosso Senhor, » « e eu mais que todos pedia a Deos, que ouvesse causas pera nom en- » « trarmos a cidade, porque tal entrada se a fizessemos todos nos perde- »

[1] * andar por * Arch. [2] * apresentando * Arch. [3] * vem * Aj.

«riamos, e forçadamente sem entrar na cidade nos auiamos de tornar»
«aos batés; e neste pensamento trazia grande trabalho; ao que aprou-»
«ve a Nosso Senhor que nos chegou o anjo armenio com o sinal da paz,»
«com que muyto meu coração folgou, porque eu sabia que todos muy-»
«to folgarão; com que nos Deos fez muyta mercê: todo tomemos de»
«suas sanctas mãos.»

O Capitão mór, porque aguardaua recado da terra, mandou armar, e concertar a tolda, no que assy estando, e o mouro Reis Abdallá assentado no cabo de hum banco, chegou o armenio com quatro Mouros velhos honrados, muyto bem vestidos, que se apresentarão ante o Capitão mór fazendo suas grandes cortezias. O Capitão mór os recebeo com bom rostro, e o armenio disse: «Senhor, ElRey te manda estes arrefens,» «que abastão pera a verdade que comtigo fará, que por tanto, pois te» «já tem dado obediencia, que mandes, e se logo elle nom fizer, que nun-» «qua mais ouças sua palaura, e dos arrefens faças tua vontade.» O Capitão mór, como menencorio, lhe deu logo a reposta, dizendo que fosse dizer a ElRey que elle nom queria delle refens; que os tornasse pera terra, porque os bons arrefens auião de ser as obras; que mandasse logo cem mil xarafins, que ElRey seu senhor gastara com aquella armada e gentes que trazia, e mais que désse obediencia a ElRey de Portugal por seu vassallo, pondo sua bandeira sobre suas casas, e que então falarião no que mais auia de ser. E mandou com este recado os arrefens pera terra, mostrando que era confiado em seus poderes, e se lhe errasse tomaria vingança na cidade; polo que nom auia mester arrefens, que despedio com honra. Os quaes tornados a ElRey, e ouvido o recado, presente os Regedores e todos os seus, ouve antre elles pratica que nom désse tal dinheiro, porque logo o Capitão mór lhe pediria muyto mais; mas o armenio falando com Cojatar, e Resnordim lhe disse: «Lembrete que» «primeyro te rogauão, e tu agora rogas.» Os arrefens disserão a Cojatar: «Tu só déste sempre bom conselho a ElRey; agora cumpre mais:» «pois já o mar ouve tanto mal, olha que nom venha outro tal na ter-» «ra.» O Cojatar folgou com o que falarão os arrefens, e disse a ElRey: «Senhor, manda logo leuar os cem mil xarafins que o Capitão mór pe-» «de, e folgaria que já tiuesses dados outros cem mil, e outros cem mil,» «e já ysto fosse acabado, e aquellas naos d'aly fossem partidas; e por» «tanto dá tudo o que te pedirem.» E logo o dinheiro foy mettido em»

saquinhos, e o armenio que os leuasse, e dissesse ao Capitão mór que a cidade era sua, e elle vassallo d'ElRey de Portugal pera lhe pagar quanto tributo elle quigesse; e a bandeira que a mandasse, e seria posta por sua mão onde elle mandasse.

Com este dinheiro e recado o armenio foy ao Capitão mór, e lho apresentou, e deu o recado. O Capitão mór o tornou logo a mandar, e que dissesse a ElRey que se fizesse prestes com toda a gente da cidade, e seus Regedores, com muytas festas pera receber a bandeira d'ElRey de Portugal, que era sinal d'obediencia, que a visse o pouo da cidade, pera que ficassem todos seguros. Com a qual reposta tornou o armenio, que ElRey fazia quanto mandaua, e em tudo lhe obedecia como filho. O Capitão mór mandou ao feitor recolher o dinheiro em huma arca metida dentro em sua camara, e mandou aos Capitães que se fizessem prestes, louçãos, e os batés embandeirados pera acompanhar a bandeira até a praya, e que mandassem estar prestes 'artelharia miuda, pera saluarem a bandeira quando o elle fizesse. Os quaes se forão mormurando que fôra razão que logo daquelle dinheiro partira com elles, que era razão. Francisco de Tauora era amigo do Capitão mór, e lhe foy a ysto á mão, que nom tinhão razão de falar tal, que bem sabião que muyto mais se auia de tirar d'Ormuz, e que quando tudo fosse acabado, e o Capitão mór nom fizesse o bem e razão, que então se queixarião com direita razão, que agora nom tinhão; e nisto forão altrecando até se apartarem e se recolherem a suas naos.

O Capitão mór mandou cortar huma bandeira de damasco branco e cremesym, e nella cortadas as quinas, com escudo e coroa de tafetá azul e amarelo, muyto bem feita, e grande de huma braça per quadra, e cordões azues e brancos, posta em hum pique com o ferro estanhado.

Ao outro dia mandou fazer prestes o seu batel, com bandeiras e alcatifas de proa, em que hia Jorge Barreto [1] * Pereira * [2] * com a bandeira, * acompanhado de Dom Antonio, e Nuno Vaz de Castelo Branco, Bras da Silua, Duarte [3] * Pereira * Diogo Gil de Mello, Diogo de Freitas, e o feitor, e João de Mello, e outros fidalgos, e pessoas honradas, todos vestidos louçãos; o que assy vierão os Capitães em seus batés assy concertados e vestidos, com muytas bandeiras, e assy as naos estauão embandei-

[1] * pera * Arch. [2] Falta na copia da Aj. [3] * Figueira * Arch.

radas. Com que forão pera terra tangendo as trombetas, e os batés se apartando das naos todas saluarão com artelharia. O armenio estaua na praya, e Cojatar, e Resnordim, vestidos louçãos, com muyta gente, com tangeres e festas, e muytos cauallos sellados, e os Regedores se chegarão na borda d'agoa, e Jorge Barreto foy desembarcado em braços dos marinheiros, que o poserão em terra com trinta homens, e se desembarcarão dos outros batés fidalgos muyto bem vestidos, e então apresentarão a Jorge Barreto hum bom cauallo bem concertado, em que caualgou, e caualgarão os Regedores, e se derão cauallos a todos os fidalgos que hião chegados á bandeira, e seus moços com lanças com guiões e suas adargas, e diante as trombetas tangendo, e toda a gente diante, que nom cabia polas ruas; e assy entrarão pola principal rua da cidade, que Gaspar Rodrigues, o lingoa, os hia [1] * encaminhando; * com que forão ter á grande mesquita d'ElRey, que estaua junto da praça, e d'ahy voltarão, e forão ás casas d'ElRey, com tanta gente da cidade, que se afogauão huns com outros. ElRey estaua vestido loução, em huma varanda que vinha sobre hum grande pateo dos paços, em que todos decerão, e forão polas escadas acyma onde estaua ElRey, que á porta da sala recebeo a bandeira nas mãos, e tambem Jorge Barreto que lha ajudaua leuar. Sobirão acyma ao terrado dos paços, onde ElRey com sua mão pôs a bandeira, o que sendo visto das naos lhe fizerão salua com artelharia, e com grandes gritas, o que assy fez [2] * todo * o pouo da terra. Então ElRey deu a Jorge Barreto huma peça de brocado da Persia, com que o despedio, e aos outros, que os Regedores com toda' gente acompanharão até os batés, em que se embarcarão e tornarão ás naos, onde os Capitães do bordo se despedirão do Capitão mór, e se forão pera suas naos, onde logo veo o armenio com duas terradas carregadas de carneiros e galinhas, e [3] * sorças de perdizes, * e muytos cestos de romãs, marmellos, figos, uvas, o que o Capitão mór mandou repartir com os Capitães, do que o Capitão mór mandou a ElRey seus aguardecimentos.

Neste dia á tarde o Capitão mór chamou os Capitães, com homens fidalgos que nas naos auia pera ysso, e com todos, assentados em conselho, praticou sobre as pareas que pediria que pagasse ElRey d'Ormuz,

[1] * ensinando * Aj. [2] De menos na copia da Aj. [3] * corsas e perdizes * leu o copista d'Aj. por ignorar a significação da palavra * çorca, * ou sorça.

porque tudo o que pedisse estaua certo que com elle assentaria; mas que elle lhe queria assentar cousa tão arrezoada, que nunqua a pudesse engeitar nem quebrar; com o qual tributo assentado tiraria sua carta de vasselagem, e assentaria as mais cousas que comprisse, pera tudo ficar firme pera sempre. Sobre o que se mouerão grandes debates, e cada hum muy desuairados, que huns dizião que pedisse muyto porque ficasse mal duvidoso, e outros dizião que pedisse pouco porque ficasse mal feito. Tudo o Capitão mór bem entendia e dessimulaua; no que muyto debatendo, o Capitão mór disse que seu parecer era assentar ysto em pouca cousa, porque fosse melhor de pagar, e que nom parecesse rasgar, e o assento que fizesse seria com resguardo que ElRey ou o seu Gouernador da India ouvesse por bem; com que lhe pediria outras cousas que valessem o dobro. Polo que lhe parecia que era justo que pagasse quinze mil xarafins cad'ano, de pareas, em dinheiro de contado, e que as mercadorias d'ElRey que o feitor aly tratasse, em compra e venda fossem liures de todos os direitos; e que as mercadarias de Portuguezes, se aly viessem tratar, fossem liures de direitos á entrada, e as que tirassem á sayda pagassem direitos; porque estes direitos em cada hum ano podião valer mais de outros quinze mil xarafins, e os que dessem em dinheiro bastaua pera aly soster huma fortaleza com Capitão, e officiaes, com quatrocentos homens pagos de seus soldos e mantimentos, [1] * a saber, * trezentos na terra, e cento em armada do mar. O que por todos ouvido, nada confiarão que se auia d'assentar como o pintaua o Capitão mór, polo que disserão que lhes parecia bem. Do que o Capitão mór mandou a João Estão que fizesse auto, em que todos assinarão. Com ysto assy assentado, presente todos, disse a Francisco de Tauora que lhe pedia por mercê que fosse a terra fazer este assento com ElRey, com os apontamentos que lhe daria; o que Francisco de Tauora aceitou [2] * com boa vontade, * porque sabia que ninguem folgaua com o bem do Capitão mór tanto como elle; e disse ao Capitão mór que por seruiço d'ElRey faria muy inteiramente o que lhe elle mandasse. Então o Capitão mór lhe deu os apontamentos, com que se foy a terra no seu batel, com o feitor, e Gaspar Rodrigues o lingoa, onde chegando a terra, que foy dito a ElRey que vinha hnm Capitão, ElRey o mandou receber, e veo a porta Resnordim, que o leuou an-

[1] De menos no Ms. d'Aj. [2] * de boamente * Aj.

te ElRey, que lhe fez muyta honra, e o fez assentar junto de Cojatar e Resnordim, e o seu Gozil mór, e todos os do conselho; onde Francisco de Tauora disse a ElRey que lhe trazia recado do Capitão mór, que o daria que todos o ouvissem. Disse ElRey que folgaua muyto que falasse o que lhe era mandado. Então Francisco de Tauora disse: «Cojatar,» «e tu, Resnordim, porque sois cabeças e Regedores d'este Reyno, e» «sois tão sesudos, e bons homens, que o que fizerdes tudo será bem fei-» «to, e firme pera sempre. E porque ElRey Çafardim, que presente es-» «tá, tem dado obediencia a ElRey de Portugal, senhor dos mares e das» «Indias, por assy ser vassalo, elle lhe ha de ajudar a guardar e defen-» «der esta cidade, e todos seus portos, de quem lhe quiser fazer mal, co-» «mo verdadeiro amigo; e pera esta guarda melhor poder fazer, nesta» «cidade terá huma fortaleza com gente, e armada no mar, com que se-» «jão francos quantos mercadores vierem pera esta cidade com suas naos.» «A qual fortaleza, com Capitão e gente que nella estará, com 'armada» «no mar, tudo será pago com quinze mil xarafins cad'ano. E nom quer» «que mais pagues de pareas em cada hum ano; do que fará carta a» «ElRey de Portugal; e que as mercadorias que o feitor d'ElRey aquy» «comprar e vender serão liures de direitos; e que as fazendas dos Por-» «tuguezes serão liures de direitos á entrada sómente. E esta liberdade» «folgasse de lhe dar, porque todos quantos viessem a Ormuz todos o» «auião de seruir, [1] * e morrer por seu seruiço, * como por ElRey seu» «Senhor. E que ysto te manda notificar que o faças, se fores muyto» «contente, e por tua vontade, e que sobre ysto tomes muyto bom con-» «selho com os teus, e se fores contente disto lhe faças carta, por ti as-» «sinada, com os teus Regedores, e do teu conselho, com obrigação de» «todo comprires, tu, e os que de ty descenderem. Aquy neste papel» «está tudo escrito, e assinado polo Capitão mór, que assy tudo compri-» «rá como diz; o que tudo te fique. E tambem aly ficaua o escriuão pera fazer a carta do Capitão mór, se elle fezesse a sua, porque já João Estão leuaua as menutas de como auia de fazer as cartas, que lhas dera o Capitão mór. Com que Francisco de Tauora se despedio, e se tornou, e Cojatar lhe disse que tudo se faria assy como queria o Capitão mór, que fazia toda boa razão.

[1] Falta na copia da Aj.

Ficou ElRey com os seus muy contentes, vendo o pouco que o Capitão mór pedia, porque tudo aquilo, e muyto mais se gastaria trazendo aly armada; com que auidos muytos conselhos, concordarão que tudo assy fosse assentado, e logo as cartas feitas, antes que se mais passasse nada. Então se fez a carta d'ElRey em huma folha de pasta d'ouro, enrolada como pergaminho, e nella riscadas as letras em lingoa persia, que era a natural da terra; em que ElRey assinou, e os Regedores, e quatro, os principaes do Reyno; e a carta do Capitão mór foy feita em papel branco da Persia, grosso, muyto branco, escrito com letras douradas, huma em portuguez, e outra em persio: o que tudo foy feito até o outro dia ao meo dia, ao que João Estão veo da terra, e deu conta ao Capitão mór de todo o que era feito, que ElRey ficaua esperando que fossem polas cartas, ou senão que as mandaria trazer a terra.

Então o Capitão mór mandou Afonso Lopez da Costa, e Francisco de Tauora, e Dom Antonio, e João da Noua, que fossem a terra receber as cartas da mão d'ElRey, e que o vissem assinar com os Regedores, e que lhe perguntassem se o fazia de sua vontade, e com ElRey falassem todas as firmezas que lhe bem parecesse. O que assy foy feito, que forão a terra, e recebidos na praya polos Regedores com muyta gente, e ElRey os recebeo á porta da sala, e assentados todos em huma varanda, Gaspar Rodrigues, lingoa, leo as cartas d'ElRey, perguntandolhe se era contente, e tudo fazia de sua vontade, e de seus Regedores; e todos disserão que assy o compririão pera sempre; o que o lingoa disse que assy o jurassem, como logo jurarão no seu moçafo, segundo seus costumes. Então assinou ElRey, e os Regedores, e os outros todos com muyto prazer. Então ElRey deu aos Capitães a cada hum huma peça de borcado da Persia, e seis panos de seda ricos; com que se despedirão.

Então mandou ElRey Reis Abdallá ao Capitão mór, e por elle lhe mandou huma cinta á feição de mouro, com hum traçado, e adaga, tudo guarnecido d'ouro e pedraria, que valia mais de cinquo mil xarafins, e vinte peças de cetym, e damascos da Persia, e o Reis Abdallá que visse assinar o Capitão mór, e recebesse as cartas; ao que se ajuntarão os mercadores das naos que estauão tomadas, que passauão de quarenta, pedindo a ElRey que mandasse pedir ao Capitão mór liuramento das suas naos. Ao que se muyto amesquinhou ElRey, dizendo que nom sabia se o Capitão mór aueria menencoria, mas que elles fossem ao Capitão mór pe-

dir misericordia, e que elle da sua parte lho mandaria muyto rogar, o que muyto encarregou 'Abdallá, que acabando de receber as cartas, ajudasse da sua parte a rogar polas naos dos mercadores. Os quaes ordenarão tres, os principaes, que fossem ao Capitão mór em nome de todos, e fizessem todo o concerto como liurassem suas naos; e antre sy fizerão presente ao Capitão mór de riquas peças d'ouro e pedraria, e riquos panos, que tudo bem valia dez mil xarafins, que leuarão em hum caixão.

O Capitão mór recebeo Abdallá com muyto gazalhado perante os Capitães, e antre elles o fez assentar, onde logo se apresentarão as cartas, que se lerão, e o Capitão mór as assinou elle só. O mouro quizera que assinarão os Capitães; o Capitão mór lhe disse, que elle assinára em nome d'ElRey de Portugal, que ninguem com elle auia d'assinar; com que o mouro se satisfez, e guardou as cartas. Então apresentou ao Capitão mór o presente que lhe ElRey mandaua. O Capitão mór disse que o tomaua por boa amizade, e folgaua com as armas, que as mandaria a ElRey seu Senhor, que folgaria com ellas, por serem de hum bom Rey seu vassallo, e amigo; e mandou ao feitor que tudo recolhesse; de que os Capitães ficarão muy enuejosos, e praticando disserão que se a ElRey pedira muyto mais, que mais dera. O Capitão mór sentio ysto, e lhe disse: «Se vos parece mal ysto assentado assy brandamente, que dissereys» «se muyto lhe pedira, com que nom viera ao bom assento em que agora» «está? Ysto he o natural dos homens: a huns parecer a casa baixa, e» «a outros alta. Dêmos muytos louvores a Nosso Senhor, por tanta mer-» «cê que nos tem feita.»

Então Abdallá apresentou ao Capitão mór os mercadores das naos, dizendo que ElRey lhe mandaua muyto rogar que com elles ouvesse misericordia; os quaes apresentarão ao Capitão mór seu riquo presente, deitandoselhe aos pés, que delles ouvesse piadade, e que bastasse o muyto mal que tinhão auido, de seu mao conselho que tomarão em se quererem atreuer em pelejar com suas naos. O Capitão mór lhe nom quis tomar nada, e lhe fez tornar a recolher seu presente, e falou com Abdallá, que dissese a ElRey que lhe pesaua muyto nom poder fazer seu rogo, porque elle tinha dadas as naos aos Capitães, e caualleiros que as tomarão ás lançadas, pelejando com quem lhe queria fazer mal; que portanto elle nysso nom podia fazer mais que ser rogador; que os mercadores se concertassem com os Capitães, que elle ajudaria quanto pudes-

se. Com que os mercadores se tornarão muy tristes, e os Capitães ficarão muy contentes, vendo que o Capitão mór lhe daua as naos; e hidos os Mouros, ficarão falando com o Capitão mór sobre o que farião com os mercadores, se com elles viessem concertar. O Capitão mór lhes * disse * que nada concordissem com os mercadores, senão que a elle fizesem o terceiro, que elle os concertaria no que sabia que os Mouros auião de dar polas naos; e nysto assentarão, e se forão pera suas naos.

Ao outro dia veo o armenio e Abdallá com os donos das naos, e se forão a bordo das naos a falar com os Capitães, que dentro nom consentião que entrasse ninguem, porque nom vissem sua pouca gente; e cada Capitão lhe pedia polas suas naos trinta, quarenta mil xarafins; mas que se fossem á nao do Capitão mór, e que hy se concertarião; onde os Capitães se ajuntarão, e primeyro entrarão na nao que os Mouros, porque com a gente que hia com os Capitães parecia muyta gente sempre na nao; onde sendo todos juntos na tolda, os Capitães com os Mouros, e Abdallá, e o armenio, e feitor, e Gaspar Rodrigues lingoa, tinhão muytas prefias sobre o resgate das naos, pondose os Capitães por derradeiro em cento e cincoenta mil pardaos, porque as naos passauão de corenta, afóra mais de vinte que erão mettidas no fundo; os Mouros fazendo grandes clamores do muyto dinheiro que lhe pedião sobre tanto mal como tinhão recebido. E assy estiuerão aguardando até que o Capitão mór sayo da camara, que tudo assy estaua por elle ordenado; e assentado com os Capitães, falarão no preço das naos, em que tiuerão debates, e concordarão no que dissesse o Capitão mór, o qual falou apartado com os Mouros, e armenio, e o lingoa, e lhe disse que elle mandára ver as fazendas que inda estauão dentro nas naos, que soubera que era muyta, e que valia mais de cem mil pardaos, e porque elles nom cuidassem que os enganaua, mandassem hum que fosse vêr todas as naos, e visse tudo muyto bem, e tornasse; então saberião o que auião de dar. O que assy logo foy feito, que hum mouro foy vêr todas as naos, e vio que tinhão muytas fazendas, e tornado, que falou com os outros, então todos disserão que o Capitão mór désse o preço, que logo o pagarião. Então em pratica de todos, depois de os Capitães aprefiarem nos [1] * cento e cincoenta mil * xarafins, o Capitão mór lhe fez muytos rogos, que tomassem os cem mil

[1] * cem * escreveu o copista d'Aj., por não attender á nota CL.

xarafins, de que os Capitães [1] * fengirão * que lhe fazia aggrauo, e os Mouros forão muyto contentes. Com o qual concerto feito logo se forão a terra, e trouxerão o dinheiro em xarafins, e tangas de prata, que o Capitão mór mandou entregar aos Capitães, e elles o entregarão em guarda a Pero Vaz d'Orta, feitor: com que se os Mouros forão cada hum arecadar suas naos. Os Capitães ficarão contentes com o dinheiro, e com o que cada hum tinha arrecadado, que era o melhor fato que acharão, e assy os mestres e pilotos, e toda a gente.

Então pedirão ao Capitão mór que fizesse a repartição do dinheiro, porque do que elle fizesse serião contentes, por nom auer differenças. O Capitão mór disse que o faria por amor d'elles; que fossem a jantar, e tornassem, e elle [2] * em tanto * cuidaria na repartição: o que assy fizerão, e o Capitão mór fez huma folha escrita da repartição, dizendo que [3] * assy * lhe parecia bem, se elles fossem contentes, [4] * a saber; * que cada hum delles ouvesse cinco mil xarafins, que erão sessenta mil xarafins, e que os quarenta mil fossem partidos em partes iguaes, segundo o regimento, e repartição das presas, [5] * a saber, * que o gromete ouvesse duas partes, e o paje huma, e os marinheiros ouvessem como dous grometes, e com elles igualmente os homens d'armas, e que os escriuães, e marinheiros despenseiros, guardiães, e estrinqueiros cada hum como marinheiro e meo, e que os contramestres, e gageiros cada hum como [6] * dous * marinheiros, e que os bombardeiros cada hum ouvesse como dous marinheiros, e que os condestabres, e mestres, e pilotos, e homens fidalgos cada hum ouvesse como dez marinheiros, e que os homens aleijados na guerra ouvessem como ametade de hum fidalgo, e se fosse fidalgo [7] * ouvesse * o dobro de sua partição. E tudo assy escrito, e apontado tudo per ordem, todos forão muyto contentes, e mórmente os Capitães: e por a gente ser pouca, e o dinheiro muyto, veo a parte de mais de dez xarafins, e todos ficarão contentes; e porque depois do concerto feito o armenio trouxe ao Capitão mór o presente dos Mouros das naos inda praguejarão.

[1] * fingião * Aj. [2] * então * Aj. [3] * a elle * Aj. [4] De menos no exemplár d'Aj. [5] Idem. [6] E não * dos * como se lê nas copiaś do Arch. e Aj. [7] * fosse * Aj.

CAPITULO VII.

COMO DEPOIS DE TODO ASSENTADO COMO O CAPITÃO MÓR QUIS, ORDENOU FAZER FORTALEZA, SOBRE QUE OS CAPITÃES CONTENDERÃO COM O CAPITÃO MÓR QUE NOM FIZESSE A FORTALEZA.

Sendo todo assy assentado, o Capitão mór mandou dizer a Cojatar que elle se queria hir pera a India; e porque a cidade, e Reyno d'Ormuz já estaua na obrigação d'ElRey de Portugal o auer de guardar no mar, e na terra, pera o que aly auia de deixar Capitão com gente que andasse d'armada no mar, em fustas que o Visorey mandaria pera guarda dos portos, e tambem porque auia de ficar feitor, com feitoria pera as fazendas que auião de vir da India, era necessario fazer huma casa forte na ponta da cidade, junto das casas d'ElRey, pera que estando os Portuguezes assy perto d'ElRey, elle olharia por elles como seus vassallos que o auião de seruir.

O Cojatar, como já muyto desejaua ver nossa armada fóra d'Ormuz, falando com ElRey sua tenção e segredos, mandou dizer ao Capitão mór que a cidade, e tudo era seu; que fizesse quanto quigesse, que tudo estaua em sua mão. Então o Capitão mór falou sobre esta cousa com os Capitães. Elles, como homens que já andauão enfadados dos trabalhos, desejando de se hirem pera a India, forão nysto contra o Capitão mór, dizendo que pois tinha conquistado e ganhado o Reyno d'Ormuz, e feito tributario per carta, que se devia de contentar tendo acabado tão grande cousa, com tanto dinheiro ganhado pera despezas d'ElRey, com que se devia hir ao Visorey, e darlhe disso conta, e então, se lhe a elle parecesse bem, mandaria Capitão e gente, e armada, que fizesse fortaleza, e armada que andasse no mar, e que a ysto lançasse boa conta; e que fazendo agora fortaleza seria grande trabalho, em que se gastaria muyto tempo; e sendo feita era necessario nella deixar ao menos duzentos homens, com artelharia e monições, que nom tinha, e [1] * ficando assy esta fortaleza e gente nom tinha * armada que lhe deixar, pois que nom auião de ficar as naos, que já se não podião soster sobre o mar; e pois fican-

[1] De menos no Ms. da Aj.

do assy a fortaleza feita, sem ter força no mar, era hum penhor que aly ficaria, pera cada vez que os Mouros quigessem nelle tomarem vingança de seus males, e matando todos os Portuguezes lhe ficaua a fortaleza feita, e bem artelhada, pera se defenderem quando 'armada vier a tomar dysto vingança; e que pois elle nom trazia regimento d'ElRey que fizesse fortaleza, a nom deuia de fazer. E porque ysto a todos pareceo bem lhe requerião da parte d'ElRey que nom fizesse fortaleza, e dysto lhe désse estromento pera sua guarda, e que então fizesse sua vontade, porque elles obedecerião seu mandado. O Capitão mór, ouvido tudo, e que os Capitães todos outorgauão e ajudauão, lhe fez largo arrezoamento, dizendo que era bem attentado todo o que dizião; então mostrou seu regimento, dizendo que sómente ouvissem hum ponto delle, e amostrou escrito de muytos capitulos, e no cabo de todo, o derradeiro dizia, «e de todo o contheudo neste regimento, vós, Afonso d'Alboquerque amigo, fareys tudo aquillo que vos parecer mais meu seruiço.» Lido este capitulo, o Capitão mór lhe disse: «Senhores, Vossas Mercês, * e eu, *»
«com ajuda de Nosso Senhor, temos ganhado e feito tributario este»
«Reyno, como vedes, e nom temos feito nada, e todo nosso trabalho»
«[1] * ficaria * perdido, se ysto que temos ganhado o nom guardas-»
«semos bem, que ficasse seguro, e o guardassemos até o mais rate-»
«ficarmos. 'O inconveniente, que apontaes, dos poucos que somos pera»
«ficar na fortaleza, e 'armada que nom temos, digo que minha tenção»
«he fazer fortaleza mais forte que possa ser, e em sua guarda deixar»
«estas naos, que aquy se gastem, que huma só mande á India chamar,»
«e trazer o que for necessario, pera que se nom perqua o que com [2]»
«* tanto * trabalho [3] * está * ganhado, sendo a cousa que ao presente he»
«a melhor que ha na India. E porque este encargo ElRey nosso senhor»
«[4] * carrega * sobre mym, dizendome que sobre todo seu regimento faça»
«o que me bem parecer, e nom me diz que o faça com vossos conselhos,»
«tudo vos mostro e ponho diante, com que vos requeiro que me ajudeys»
«a fazer ysto, que me parece muyto seruiço d'ElRey nosso senhor.»

Os Capitães, vendo a determinação do Capitão mór, se escandalizarão muyto, auendo por muy grande oppressão e trabalho a fortaleza que queria fazer, e nysto tornarão muyto a repetir, e o Capitão mór se af-

[1] * fica * Aj. [2] De menos no Ms. da Aj. [3] * temos * Aj. [4] * encarrega * Aj.

firmando que auia de fazer fortaleza; e como as cousas dos amigos parecem bem aos amigos, auia muytos fidalgos a que parecia bem a tenção do Capitão mór, com os quaes debates muyto se demoueo a gente, porque ninguem queria trabalho. Os Capitães, cada hum em sua nao falaua largo o que queria contra o Capitão mór, dizendo que em que pés a todos queria fazer fortaleza que lhe ElRey nom mandaua, e de sua vontade a queria fazer, em que a gente morreria de trabalho, e feita a fortaleza se auia de metter nella, e fazer senhor da cidade pera tirar quanto dinheiro quisesse, e que tinha cem mil xarafins bem guardados, que lhe ElRey dera, dos quaes era obrigado a dar partes a toda a gente, e os tinha tomados pera sy, e polos contentar lhe dera o dinheiro das naos que derão os mercadores, mas que elle leuara outro tanto em secreto, e tinha auido grandes peitas; e tantas destas cousas dizião que indignarão, e amotinarão a gente em muyto odio contra o Capitão mór; e jurando e promettendo que nom auião de pôr mão no trabalho da obra, até primeyro lhe pagasse as partes de todo o dinheiro que o Capitão mór tinha; e que todos assy o deuião de fazer; ao que se muyto encrinou toda a gente contra o Capitão mór. E porque ElRey mandaua ao Capitão mór que fosse d'armada ao cabo de Guardafuy, onde elles esperauão de fazer muytas prezas, os Capitães se ajuntarão, e todos fizerão hum requerimento por escrito ao Capitão mór, lhe requerendo que primeyro fosse ao Estreito, pois ElRey lhe mandaua que fosse lá, e nom fizesse o que ElRey nom mandaua; que lhe nom mandaua fazer tal fortaleza, pois que ainda que a fizesse nom tinha gente com que a soster. Do qual requerimento o Capitão mór foy avisado primeyro que lho déssem, no qual nom quis assinar Francisco de Tauora, nem João da Noua, que disse que elle nom pertendia naquellas obrigações, porque logo se auia d'hir pera a India, que era tempo pera se partir: do que os Capitães forão contentes, e incitarão a João da Noua que pedisse licença pera se hir á India, que era já tempo, a qual lhe nom podia denegar, e que hindose João da Noua, com que a armada ficaua mais pouca, e gente, então ficaua mais prefeito seu requerimento, que nom apresentarão até verem despachado João da Noua; do que de todo o Capitão mór foy auisado. Então ao outro dia disse aos Capitães, que elle tinha já muytos pedreiros e trabalhadores pera fazer a obra, que elle auia de pagar por nom dar trabalho á gente, que nom lhe ficaua mais trabalho que a gente do mar hir com os batés a

Turumbaque, que * era * onde estaua a pedreira, a embarcar a pedra nos batés, e a trazerem á obra, e por resguardo que nom ouvesse algum desmando, hirião elles Capitães com seus batés e gente em guarda dos batés, até acabarem de carregar; e ysto cada dia dous Capitães, onde elle tambem hiria quando lhe coubesse seu dia, com os outros, que com todos auia de trabalhar igualmente: sobre o que os Capitães muyto tornarão a contender e debater, o Capitão mór sempre dessimulando, e lhe falando ás boas, o que era pior. O Capitão mór queria tudo acabar por bem, e vendo que lhe nom prestauão suas mansidões, lhe disse: « Se- »
« nhores Capitães, bem vejo que andaes enfadados d'estes trabalhos, por- »
« que todos os seruiços d'ElRey, que se fazem sem vontade do coração, »
« são grandes trabalhos, e por este respeito buscaes tantos inconuenien- »
« tes a este tamanho seruiço d'ElRey nosso senhor, como he arrematar- »
« lhe o senhorio d'este Reyno que temos ganhado, com lhe fazer nesta »
« cidade huma muy forte fortaleza, que posso fazer sem nenhum traba- »
« lho da gente, porque tudo hey de pagar do dinheiro d'ElRey, que he »
« dos cem mil xarafins que ElRey d'Ormuz pagou da despeza d'esta ar- »
« mada; que com ajuda de Nosso Senhor espero acabar a fortaleza com »
« menos da metade, e os outros mandar ao Visorey pera pimenta, que »
« lhe leuará João da Noua. E então concertarey est'armada do adubío »
« que ha mester de tanto tempo que anda no mar; e a fortaleza con- »
« certada em modo que se possa defender, e as naos concertadas, com »
« ellas hirey ao cabo de Guardafuy, onde andaremos á galhofa das pre- »
« zas. E por tanto vos notefico que se ysto ouverdes por trabalho m'en- »
« tregueys as naos, porque eu metterei nellas Capitães que folguem de »
« seruir ElRey nosso senhor no que lhe eu mandar. » Ao que todos responderão cada hum como quis, e porque assy estauão trauados na pratica, João da Noua, que já pera ysso vinha ordenado, falou ao Capitão mór, dizendo: « Senhor, Tristão da Cunha me mandou que viesse com »
« Vossa Mercê e com elle andasse até fazer alguma cousa boa, de que »
« leuasse a noua, e me fosse pera a India a hir nas naos do Reyno, e »
« as leuar a ElRey nosso senhor; e porque Nosso Senhor a Vossa Mer- »
« cê tem acabado com tanta sua honra hum tão grande feito, como he »
« ganhado este Reyno d'Ormuz, e o fazer tributario ao senhorio de Por- »
« tugal, de que espero que o Visorey, e ElRey nosso senhor me farão »
« muyta mercê d'aluiçaras de tão grandes nouas, me fará mercê darme »

« licença pera me hir, porque se mais tardar nom chegarey a tempo »
« que possa hir pera o Reyno. » O Capitão mór se mostrou muy triste, e »
esteue calado hum pouco, e lhe respondeo: « Senhor João da Noua, »
« perdoe Deos a quem vos bem nom aconselha, que he pedirme tal li- »
« cença, estando eu em tal necessidade, que auia mester outra tanta gen- »
« te e armada; e se taes nouas agora désseys, assy como dizeys, serião »
« falças e em vão, pois nom tem remate, que agora lhe quero fazer »
« com fortaleza, que tudo segurasse que se nom perdesse o ganhado com »
« tantos trabalhos; o que a estes senhores lhe parece mal, e tanto tra- »
« balhão porque este remate de fortaleza nom faça, como vós vedes, que »
« contra mym tem tantos debates. Polo que vos peço por mercê que tal »
« licença me nom peçaes, porque vola não dou, e vola déra se tiuera »
« feito na fortaleza obra que estiuera esta cousa segura. » João da Noua
se mostrou muyto queixoso, dizendo: « Assy, senhor, he bem que me »
« nom deys licença, pois vola pedi trazendoa eu comigo per Tristão da »
« Cunha, que me mandou que me fosse, tanto que visse cousa feita de »
« que pudesse dar noua; que abastaua ametade do que tenho visto. » O
Capitão mór se affrontou, e lhe disse: « Se vós vos fordes sem minha »
« licença, nem leuando carta minha, que credito vos darão ao que con- »
« tardes? E afóra ysso vos darão bom castigo, por deixar a bandeira d'El- »
« Rey nosso Senhor na guerra, e vos hirdes sem licença de vosso Ca- »
« pitão mór. » João da Noua lhe disse: « Meu Capitão mór me mandou »
« que comvosco viesse, e lhe tornasse com as nouas. Assy que eu são »
« o que fiz o erro na licença que pedi. » O Capitão mór repousadamen- »
« te lhe disse: « Ora porque nom erreys, vos hey por preso nesta nao, »
« e della nom sayaes sem minha licença, sob pena de perderdes vossa me- »
« nagem, que vos hey por tomada. » E mandou ao escriuão João Estão
fazer auto de menagem; e o mandou que se fosse ao castello de proa.
E mandou chamar Gomez Teixeira, caualleiro honrado, que andaua na
nao de João da Noua, e lhe fez entrega da nao, e como Capitão nella es-
tiuesse, e com ella fizesse o que lhe mandasse: o que Gomez Teixeira
recusou aceitar, por assy ser amigo de João da Noua, e andar em sua
companhia; sobre o que muyto aprefiou. O Capitão mór lhe disse:
« Senhor Gomez Teixeira, naquella nao a quem seruis? a João da No- »
« ua, ou a ElRey? E pois nella andais seruindo ElRey nosso Senhor, »
« como todos fazemos, e eu sou Capitão mór d'esta armada, vos mando »

«que obedeçaes meu mandado.» E lhe passou seu aluará, que toda a gente da nao lhe obedecesse como Capitão.

E mandou que os batés de Antonio do Campo, e Manuel Teles, fossem ao outro dia á pedreira, que mandou Afonso Lopes da Costa que com seu batel e gente fosse em guarda dos batés. O que assy foy feito sem ninguem o recusar, e este dia forão estes dous batés, e ao outro dia foy o batel de Francisco de Tauora, e de João da Noua, e foy em guarda delles Dom Antonio no batel do Capitão mór, e ao outro dia forão outros dous batés, assy com sua guarda, e nesta ordem se fez grande ajuntamento de muyta pedra. Então o Capitão mór fez feitor da obra, pera fazer os pagamentos aos trabalhadores, a hum Duarte Dinis, com hum escriuão; o qual, em quanto assy se ajuntaua a pedra, fez muyto barro, com que se auião d'abrir os aliceces, e encher até a face da terra: o qual barro he forte em estremo, que he pisado, e peneirado, e feito com muyto trabalho. E sendo já assy tudo junto, o Capitão mór se foy a terra com toda' gente da armada, e chamou João de Frandes, bombardeiro, que era bom mestre d'estas obras, e lhe assinou per onde abrisse os aliceces da torre da menagem, a que mandou que fendesse os aliceces pera vinte pés de largo, porque esta torre da menagem auia de ser de tres sobrados, e tão alta que descobrisse toda a cidade, e mais alta que o alcorão, porque do terrado de cyma, se comprisse, auia de tirar artelharia grossa, e de todolos outros sobrados. Em cada quadra auia a torre de ter doze couados de vão no primeyro sobrado; e se abrio o alicece nesta largura, e sendo seis dias do mes d'Outubro do anno de 1507.

O Capitão mór por sua pessoa tomou nas mãos a primeyra pedra, e assentou na esquina da entrada da torre, dizendo: «Em nome de Je-«su Christo, e da sua sancta Madre, Nossa Senhora da Victoria, que» «nos sempre dê contra os imigos da fé do seu bento filho.» O que assy fizerão os Capitães, e fidalgos, tangendo as trombetas, enuocando Nossa Senhora da Victoria. E assy foy posto o nome á forteleza, e tanta gente auia no trabalho, que neste dia foy cheo o alicesse todo até sobre terra; e porque a gente era muyta, em quanto se encheo este alicesse se abrio o outro assy, e sendo hum cheo o outro estaua já aberto, porque os trabalhadores acodirão muytos á obra, porque afóra seu premio, que cada dia lhe pagauão na mão, o Capitão mór na obra lhe mandaua dar tamaras, e agoa; com que andauão muyto contentes, e o Capitão mór sem-

pre muyto trabalhando no auiamento da pedra, que nunqua os batés erraurão. E porque o mór trabalho era da gente do mar lhe mandou pagar a cada hum dez*pardaos de seu soldo, e aos mestres, e contramestres, e pilotos a vinte, e cincoenta; com que todos andavão muyto contentes. O Capitão mór, por resguardo do que podia ser, mandou concertar hum parao grande das naos dos Mouros, e lhe mandou fazer grande toldo por amor da calma, em que estaua sempre Dom Antonio com sesenta homens fidalgos, e caualleiros honrados, a que se daua mesa; e tambem mandou dar a cada Capitão tresentos xarafins, que dessem mesa á gente, porque estiuessem sempre nas naos e nom fossem a terra, porque os Mouros nom soubessem que a gente era tão pouca; e principalmente o Capitão mór ysto fazia por ter a gente contente. E por segurar mais a terra, mandou ao feitor Duarte Dinis assentar em huma grande casa junto da obra, onde lhe mandou que vendesse muyta roupa de Cambaya, que se tomou nas naos, e muytas drogas, que elle comprou aos Capitães por avaliação de que elles forão contentes; e disse ao feitor que tudo vendesse, e fizesse bom barato com que os mercadores fossem contentes; com que tudo estaua em muyta paz, e amor; e a obra se fazia em muyto crecimento, porque ordenaua o Capitão mór que como a torre fosse posta no sobrado então fazer a fortaleza por darredor, ao que elle tinha grande arreceo que auia de ter contraste, porque tinha auiso de Coje Beirame, em muyto segredo, que Cojatar era muy arrependido de lhe dar o lugar pera fortaleza aly dentro na cidade, porque se lho nom dera, por ysso lhe nom auia de quebrar a paz; porque já elle tinha sabido que o Capitão mór fazia a fortaleza contra vontade dos Capitães, e sobre ysso tinhão * debates * com o Capitão mór, e tambem tinha bem sabido a pouca gente que auia n'armada; porque o mouro Cojatar, como muyto sabedor, tomou muyta amizade com o feitor Duarte Dinis, e [1] * Jeronimo * d'Ortega, escriuão, a que daua muytas peças, e ElRey lhes fazia mercê de dinheiro. e em praticas sabião delles todalas cousas que se passauão nas naos, e antre os Capitães: o que o feitor assy dizia por estar muyto na amizade de Cojatar, e d'ElRey, e dos seus Regedores, porque auia de ficar por feitor, ou tambem se ouvesse alguma briga, se salvassem na amizade de Cojatar, que sabendo bem a verdade

[1] * Hieronimo * Aj.

de tudo o que se passaua, era muy magoado de se consentir que se fizesse fortaleza. Sobre o que fez consulta com Resnordim, e com os do conselho, que deixassem fazer a obra no modo que a fizesse o Capitão mór, que a auia de fazer muy defensauel, e que antes de toda acabada lha defenderia, e supitamente daria na gente que, [1] * andaua * na obra, e na pedreira, em que aueria mortos, e feridos, com que os nossos ficarião mais poucos; e com as naos dos Mouros cheas de arteficios hirião queimar 'armada, e farião todo o mal que podessem, com que sua honra [2] * ficasse * restaurada; porque todos os do conselho lhe deitauão a culpa por todo o que era feito, o que Cojatar muyto sentia, e com muyto cuidado andaua ordenando o como ysto auia de fazer. Do que de todo o Capitão mór tinha aviso, e com muyta dessimulação tudo guardaua em sy, trabalhando, quanto podia, por dar auiamento a pôr a fortaleza em estado que com duzentos homens, que nella meteria, e com boa artelharia, se podesse defender de todo o poder da cidade; então elle com 'armada polo mar lhe faria muy crua guerra. E como homem auisado, antes que çarrasse o portal da torre, mandou meter dentro oito tanques de madeira, em que as naos dos Mouros trazem agoa, como já tenho dito, que erão os que se fazião em Melinde, os quaes tomou das naos dos Mouros, que lhe bem pagou, e os assentarão dentro na logea da torre, [3] * que * em cada hum cabião sesenta pipas d'agoa, que o Capitão mór logo mandou encher de muyto boa agoa, que se trazia em terradas da Ilha de Queixome, que era daly tres legoas. A gente do trabalho bebia * agoa * dos tanques, e a gastauão, e tornauão a encher, porque agoa de cada vez se fazia melhor; e sendo os tanques dentro se fechou o portal. E porque se auia mester grossa madeira, e tauoado pera o sobrado, o Capitão mór mandou tomar os mastos, e taboado que os Mouros tirarão a terra das naos que se meterão no fundo, o que todo o Capitão mór mandou trazer á obra, e mandou ao feitor, com Gaspar Rodrigues lingoa, que buscassem os donos dos páos e taboados, e lhe pagassem á sua vontade. Os quaes Mouros já estauão com Cojatar, fazendolhe cramores da madeira que lhe era tomada, e chegando o feitor e o lingoa, disserão aos Mouros que se nom queixassem, que aly trazião dinheiro pera lhe pagar. O Cojatar, como estaua já d'aleuanto, respondeo muy

[1] * anda * Arch. [2] * ficaria * Aj. [3] * duzentos * Aj.

soberbo e menencorio, dizendo que lhe pagassem mil xarafins logo, e que se os Mouros lho forão dizer primeyro elle nom consentira que leuarão os páos. O feitor se calou, mas Gaspar Rodrigues o nom póde sofrer, e lhe disse: «Cojatar, essa he má palaura, dizeres que nom consenti-» «ras leuar os páos. Eu tornarey ao Capitão mór e lhe direy o que di-» «zes, e que mandas pagar mil xarafins aos Mouros pola madeira.» O Cojatar, muyto mais menencorio, disse que nom auia de consentir que se fizesse força aos mercadores, e que o defenderia, e que o dissesse ao Capitão mór que elle o dizia. Com que se foy o lingoa ao Capitão mór, e lhe disse o que passaua; do que o Capitão mór ouve muyta paixão, sentindo este aleuantamento em Cojatar, que era causado de elle saber a contenda que auia antre elle e os Capitães sobre o fazimento da fortaleza. E porque sentio este grande demouimento, que era caminho de muyto mal, por assy os Capitães andarem amotinados, por melhor descobrir tudo, estando na obra se apartou a passear com Afonso Lopez da Costa, e Manuel Teles, e Francisco de Tauora, e Jorge Barreto de Crasto, porque Antonio do Campo estaua na pedreira, e lhes disse: «Senhores,» «bem vedes em que ponto temos esta obra, Deos seja louvado,» que lhe pedia [1] *lhe dissessem* se seria melhor acabar a [2] *fortaleza,* ou hirem ao cabo de Guardafuy. Elles responderão que aquillo era sostancia pera todos juntos praticarem, e assentarem como comprisse; que lhe pedião que passasse a menencoria de João da Noua e o perdoasse, e se tornasse a sua nao, e que se ajuntassem todos, e darião determinação no que lhes perguntaua. Do que o Capitão mór foy contente, e João da Noua tornado á sua nao, do que todos lhe derão aguardecimentos, e huns antre outros praticauão, e assentarão de responder ao Capitão mór no que lhes perguntaua, que deixasse a fortaleza, e fosse ao cabo de Guardafuy.

Ao outro dia á tarde, chegando os batés da pedreira á obra, onde o Capitão mór estaua com todos os Capitães, o Capitão mór tornou a mouer a pratica do que lhes parecia que deuia fazer ácerca do fazimento da fortaleza, que logo queria começar, porque já a torre da menagem estaua no primeyro sobrado, ou se deuião de hir ao cabo de Guardafuy. No que já todos estauão concordes, e responderão que a fortaleza nom

[1] Falta no Ms. da Aj. [2] *obra* Aj.

deuia de fazer, porque inda que a fizesse como quisesse nom podia nella deixar gente, nem prouimento, que se podesse defender ao poder d'ElRey d'Ormuz, como já lho tinhão dito, e que o prouimento do cabo de Guardafuy era muy certo, em que se tomaria muyta riqueza, e pimenta e drogas pera a carga do Reyno, que era ysto melhor que fazer a fortaleza, que nom importaua nada. Sobre o que ouve muytos debates com Jorge Barreto, que apresiaua que a fortaleza era melhor fazerse que nenhuma cousa, e mais que hindo ao Cabo, ou acharião naos ou não; em modo que nom assentárão nada, porque o Capitão mór estaua posto em fazer a fortaleza. Então, recolhidos a suas naos, ordenarão antre sy e fizerão hum requerimento per escrito, que mandarão ao Capitão mór, sobrē o caso da pratica, apontandolhe as cousas da pratica polo que nom devia de fazer a fortaleza; e lho mandarão por o escriuão da nao de Manuel Teles, que lho foy dar na obra onde estaua. O Capitão mór, posto que se muyto affrontou, dessimullou, e disse a João Estão, que hy estaua, que olhasse quem vinha assinado no papel, e lho nom dissesse, sómente o visse. O que elle assy fez, e o Capitão mór o rompeo sem o ver, e mandou a João Estão que fosse dizer aos que vira no papel, que lhes pedia por mercê que cessassem de taes cousas, que era muyto em prejuiso d'ElRey, e de seu seruiço, e de suas honras, e obrigações que a elle tinhão, que era seu Capitão mór; e que olhassem, que por elles assy andarem em taes cousas, Cojatar auia nisso entendimento, e estaua já soberbo como homem aleuantado; que vissem bem o que fazião, porque quem errasse daria a Deos, e a ElRey muyta conta.

Vendo os Capitães que o Capitão mór rompera seu requerimento, nom quiserão ouvir o que João Estão lhe dizia, antes lhe responderão más palauras contra o Capitão mór, dizendo que era hum trédor falso, que queria aly fazer aquella fortaleza pera se metter nella e roubar a cidade, e carregar a sua nao de roubos, e se hir nella por onde quisesse, e estas palauras, e outras piores, que cada hum em suas naos dizião ás gentes polas indinarem contra o Capitão mór, dizendo que era hum tirano, que nom quisera dar as partes á gente dos cem mil xarafins, e porque lho elles pedião estaua mal com elles; e sobre ysso lhe mandarão hum requerimento, que pagasse á gente o que lhe deuia, que a gente era pobre, mas que elle por ysso rompéra o requerimento, como todos sabião. E tantas cousas defamarão do Capitão mór, com que muyto indi-

narão a gente contra elle, dizendo todos que nom farião, nem obedecerião senão o que elles seus Capitães lhe mandassem, e morrerião com elles.

Sendo o Capitão mór auisado d'esta amotinação, chamou os Capitães á sua nao, e lhes disse: «Senhores, bem sabeys que ElRey nosso» «Senhor vos deu as capitanias daquellas naos pera o seruirdes debaixo» «da minha bandeira, assy na paz como na guerra, neste feito d'Ormuz,» «a que me mandou apropriadamente, confiando que farieys seu serui-» «ço; e que muyto erraes nas differenças em que comigo andais, o que» «os Mouros tem bem entendido, com que estão muyto danados, e eu» «tudo sofrendo com mansidão, por conseruar o seruiço d'ElRey nosso Se-» «nhor, que me manda que faça o que for mais seu seruiço, o qual nom» «guardaes, nem fazeys como verdadeiros Portuguezes, mas o despre-» «zaes com cousas dinas de castigo, desasosegando a gente, que fazeys» «aluoroçada. E por tanto vos peço per mercê que mais nom seja assy,» «e que vos conformeys comigo no seruiço d'ElRey nosso Senhor, que» «por ysso vos fará muytas mercês; e se vos enfadaes do trabalho fol-» «gai em vossas naos. E vos mando que mais nom vades a terra sem» «minha licença. E vós, senhor Francisco de Tauora, nom deuêreys de» «fazer o que fizestes, que nom quisestes hir comigo á pedreira, e vos» «fostes diante, e vos tornastes sem querer aguardar por mym, ficando» «eu em terra com vinte homens, e vos mandey capear e nom quises-» «tes aguardar.» O Francisco de Tauorá, que já estaua danado com os» outros, se aleuantou dizendo: «Pois que? Pareceuos [1] ysso mal? Se vo-» «lo parecer, vós por ysso nom me podeys castigar. Guarday a nao, e a» «dai a quem quiserdes, que daquy vos digo que me hey d'hir nella pera» «a India.» O Capitão mór se muyto agastou de tal desacatamento, e com manças palauras o mandou estar preso em sua menagem em sua nao, e o leuou comsigo no batel, e da nao deu cargo a Dinis Fernandes de Mello.

Sendo ysto passado, ao outro dia se forão quatro Portuguezes metter escondidos em casa de Cojatar, com que elle muyto folgou, os quaes lhe contarão miudamente as differenças que auião os Capitães com o Capitão mór, porque fazião a fortaleza sem lho ElRey mandar, que nom era senão pera com ella se apoderar da cidade, e roubar o que quisesse, e

[1] «assy» Aj.

nella estar aleuantado até que viesse outra armada da India; e por ysso os Capitães estauão aleuantados com toda a gente contra elle, porque assy fazia o que lhe ElRey nom mandaua, e nom queria hir ao cabo de Guardafuy, que lhe ElRey mandaua. Com as quaes nouas Cojatar folgou muyto, e mandou muyto bem guardar os Portuguezes, e se foy a ElRey, e com Resnordim, e os do conselho, assentarão logo de nom consentirem que mais se fizesse na fortaleza; polo que mandou chamar o feitor Pero Vaz d'Orta, que estaua na fortaleza, e por elle mandou dizer ao Capitão mór, que elle tinha sabido que seus Capitães lhe requerião que fizesse o seruiço d'ElRey de Portugal, e que elle o nom queria fazer, como homem aleuantado, fazendo aquella fortaleza de sua propria vontade, sem lho mandar ElRey de Portugal, e nella se metter [1] * e * fazer mal á cidade; e nom queria hir ao cabo de Guardafuy onde lhe ElRey mandaua; e pois assy fazia o que lhe ElRey nom [2] * mandaua, * que elle nom auia de consentir que mais se fizesse na fortaleza. Dado este recado ao Capitão mór foy elle em muy grande affronta, e fez muy grande exclamação contra os Capitães, dizendo que elles erão causa dos males que se ordenauão, que cada hum trabalhasse de ter vida pera se desculpar ante ElRey, a que elle falaria todas as verdades. E mandou Gaspar Rodrigues a Cojatar, e lhe mandou dizer que elle nom fazia aquella fortaleza pera mal fazer, senão muyto bem áquella cidade, e a guardar no seruiço d'ElRey d'Ormuz, e que em lhe mandar dizer que nom auia de consentir que se fizesse a obra elle era o que buscaua a destroição da cidade d'Ormuz, e que lhe juraua polas barbas, que auia de fazer a fortaleza, em que lhe pés, e com os ossos dos Mouros auia de fazer as paredes, e que dentro em suas proprias casas lhe auia de mostrar tanto sangue e tripas, que de o ver caysse morto, e sua cabeça auia de pôr na ponta do pao em que estaua a bandeira d'ElRey de Portugal, no dia em que com ella bolisse. O Cojatar, ouvindo tal reposta do Capitão mór, foy muy espantado, e com grande medo, e lhe pareceo que era falso o que lhe dizião, porque se o Capitão mór estiuera assy mal com os Capitães nom lhe falára tão fouto, e quis tornar 'amansar o Capitão mór, e lhe mandou dizer que estaua com sua paixão e falara [3] * assy, * do que se arrependia, e se comprisse elle hiria trabalhar na obra; mas que lhe fazia a saber

[1] * a * Aj. [2] * manda * Arch. [3] * isso * Aj.

que da banda d'além estaua embaixador do Xeque Esmael, que vinha pedir que ElRey d'Ormuz lhe pagasse pareas; que lhe muyto rogaua lhe mandasse dizer o que lhe responderia. Com esta reposta de Cojatar o Capitão mór ficou muyto descansado, e lédo em seu coração, e logo lhe tornou a mandar dizer, que elle bem entendera que com agastamento lhe mandara tal recado, porque se assy nom cuidára nom lhe mandara reposta, senão que lá fòra logo com fogo e sangue fazer as obras que fazem os Portuguezes; e que quanto á reposta que mandaria ao embaixador do Xeque Esmael, mandoulhe dous pelouros de bombarda e duas lanças de fogo, que tudo mandasse ao embaixador, e lhe mandasse dizer que o Reyno d'Ormuz era d'ElRey de Portugal, e que o seu Capitão mór, que estaua na cidade com armada, lhe auia de pagar as pareas se as quisesse, de que lhe mandaua a mostra da moeda em que lhe auia de pagar as pareas, e que portanto se as [1] *queria* as viesse receber. Do qual recado o Cojatar ficou muyto contente, e assy lhe mandou o proprio recado, com que se tornou o embaixador.

E porque ao Capitão mór lhe pareceo que já tudo estaua em paz, mandou dizer a Cojatar, que como amigo, lhe rogaua que lhe mandasse os quatro homens que lá estauão fogidos, pera os castigar de males que tinhão feito. Cojatar lhe mandou dizer que elle os nom tinha, que logo se passarão á terra firme, mas que logo lhos mandaria trazer atados de pés e mãos, porque desejaua de lhe fazer todos os prazeres; mas lhe fazia a saber que tinhão muytos cramores de gente da cidade, polos catiuos que os nossos tinhão n'armada; que lhe muyto rogaua que lhos désse, pera elle mostrar que por esta obrigação lhe entregaua os Portuguezes. O Capitão mór, com o muyto desejo que tinha de [2] *auer* ás mãos os Portuguezes, praticou ysto com os Capitães, porque os catiuos estauão em suas naos. Todos disserão que era bem que se comprisse, e dessem cem catiuos por hum portuguez, e mais por estes que já estauão danados com os Mouros; e que sobre ysso fizesse todas as vondanças a Cojatar, e se lhe faltasse, e nom comprisse entregando os Portuguezes, que sobre ysso lhe fizesse toda a guerra. O que assy fez o Capitão mór com os muytos recados que mandaua a Cojatar, e lhe mandou entregar oitenta catiuos, e o Cojatar com mentiras de dia em dia, sem querer en-

[1] *quizesse, que* Aj. [2] *acolher Aj.*

tregar os Portuguezes. Polo que, praticando tudo com os Capitães, foy acordado que se recolhesse a feitoria que estaua em terra, e toda' gente; o que vendo Cojatar, mandou recado ao Capitão mór em nome d'ElRey, que lhe pesaua muyto de assy mandar recolher a feitoria, que parecia quererlhe quebrar a paz e fazer mal. O Capitão mór lhe respondeo que nom auia d'estar a feitoria d'ElRey em terra, pois Cojatar andaua em bulras, e más palauras, e que lhe mandara dizer que nom auia de consentir fazer a fortaleza, o que lhe nom daua nada; que pois lhe nom guardauão verdade, elle nom queria nella fazer fortaleza, nem ter amizade, senão fazer todo o mal e destroir a cidade, a Cojatar lhe nom querer entregar quatro grometes que lhe fogirão; que olhasse bem o que lhe compria, porque bem sabia que lhe auia de ficar o pior da guerra.

Andando a cousa nestes termos, os Capitães, como querião andar auêssos ao Capitão mór, tendolhe dito que fizesse a guerra se lhe nom entregassem os Portuguezes, vendo que o Capitão mór o tomára muyto na vontade, e o punha em obra, quizerão que se na guerra ouvesse algum erro, que ficasse sobre o Capitão mór, e assentarão de lh' estoruar que nom fizesse a guerra, porque nom a fazendo, e estando já a terra tão danada, que a não poderia tornar a assentar, [1] * e * que então não teria outro remedio senão hirse pera a India, que elles sobre tudo mais desejauão, pera cada hum buscar seu proueito, e carregarem suas [2] * quintaladas; * e como esta razão era a mór cousa com que tinhão amotinada e aluoroçada toda gente d'armada, polo que feita antre sy esta consulta, mandarão huma carta ao Capitão mór, por todos assinada, em que lhe dizião que deuia d'olhar bem o em que se agora mettia de nouo, em querer quebrar a paz e assento que tinha feito em Ormuz, e deitar a perder quinze mil xarafins cad'ano, que pagaua Ormuz; que lhe fazião esta lembrança, e nom por conselho, porque nunqua o com elles tomára, e lhe dizião ysto por escrito, por ser homem forte em seus agastamentos, « sómente nos pareceo bem a todos vos fazermos esta lembrança, que he »
« arriscarse tamanha cousa como tinhão ganhado, e por se não auentu- »
« rar nos desastres da guerra se deuia simular com as mentiras de Co- »
« jatar e deixar a guerra; que pera o anno podia vir com mór armada »
« e gente, e fazer o que bem parecesse ao Visorey; e se todauia deter- »

[1] * em * Aj. [2] * quintadas * Arch. e Aj.

« minasse hir a terra pelejar, elles lhe notificauão que com elle nom auião »
« de hir; e por tanto se assinauão todos aos cinco de Janeiro de 508. »

O Capitão mór vendo tal escrito dos Capitães, que o moestauão que nom fizesse guerra, tendolhe elles aconselhado que a fizesse, se Cojatar lhe nom entregasse os Portuguezes, foyse á nao Taforea, que era a nao de Afonso Lopes da Costa, onde chamou os Capitães, e lhe perguntou qual era a causa porque nom sayrião com elle a pelejar a terra, pois elles mesmos lhe tinhão aconselhado que pelejasse. Elles responderão que então lhe parecia bem que pelejassem, e agora lhe parecia que era mal pelejar, polas razões que apontauão em seu escrito, e que assy lho parecia agora. O Capitão mór lhe disse que pois assy lho parecia, e affirmauão as razões de seu escrito, que assy tambem se declarassem se auião de sayr a terra, ou não. Elles disserão que a terra nom sayrião com elle, se saysse a pelejar. O Capitão mór, olhando pera todos, lhe disse: « Nom »
« sejaes esquecidos d'essa palaura, pois vós declaraes que nom peleja- »
« reys onde pelejar o vosso Capitão mór, em cujo poder e obediencia »
« vos pôs ElRey nosso Senhor, porque ysso se póde [1] * recusar * de ca- »
« so de trayção. » Disse Francisco de Tauora, que já era tornado á sua nao, que elle tal nom dizia, mas que elle obedecia a quanto lhe elle mandasse. João da Noua disse que estaua pola razão dos Capitães, e lhe parecia bem escusarse a guerra. O Capitão mór lhe disse: « Vós fostes o »
« primeyro que me aconselhastes que fizesse a guerra. » E mandou a João Estão, que pera isso leuou, que tudo escreuesse por auto, com que se foy pera sua nao.

Os Capitães cada hum em sua nao praticou com sua gente, a ver se estauão conformes com elles, e todos acharão as gentes como elles querião; mas comtudo, auendo seus conselhos, cayrão no erro que fazião na sostancia do escrito que tinhão mandado. Então mandarão dizer ao Capitão mór, per Fernão Soares, que elles estauão com sua paixão quando lhe mandárão o escrito, polo que lhe pedião muyto perdão, e que estauão todos prestes pera fazer [2] * todo * o que elle mandasse, assy na paz, como na guerra, e que em tudo obedecerião o que elle mandasse. O [3] * Capitão mór ouvido o * recado, e como quer que tinha muyta vontade

[1] Em ambas as copias. Talvez * acusar *? [2] De menos na copia da Aj.
[3] * que ouvido pelo Capitão mór, ouvindo seu * Aj.

de fazer a guerra polos arrenegados Portuguezes, que lhe Cojatar nom queria entregar, quis por sua pessoa saber se era verdadeiro o recado que lhe dera Fernão Soares, e per João Estão, escriuão, mandou dizer a Afonso Lopes, e a Manuel Teles, e a Antonio do Campo, que elles tinhão culpas, que os auia por suspensos de suas capitanias, que as deixassem, que os auia por presos em sua nao, que se fossem pera ella; o qual recado ouvido por elles, disserão ao escriuão que o recado que tinhão mandado per Fernão Soares o affirmauão, e que estauão muyto arrependidos do escrito, e estauão prestes pera fazer quanto mandasse; o que ouvido polo Capitão mór, se ouve por satisfeito, porque o tempo e necessidade em que estaua o forçaua. Então mandou João da Noua, e Francisco de Tauora passar com suas naos da outra banda da cidade, e se chegassem a terra quanto podessem, e pera dar bataria, e assy mandou chegar as outras naos perto das casas d'ElRey, e se pôs em toda' ordem de pelejar, parecendolhe que com estes aparatos Cojatar aueria medo, e lhe daria os Portuguezes; e lho mandou dizer polo lingoa, que logo lhe mandasse os homens, pois lhe dera os Mouros, e que olhasse o mal que faria á cidade se lhos nom mandasse. Mas o Cojatar, como já tinha gente prestes, e assentado em conselho com ElRey de nom consentir fazer a fortaleza, lhe mandou dizer que já lhos tiuera mandados, mas que auia vergonha que se lhos mandasse lhe faria mal; que por tanto lhe muyto rogaua que lhe mandasse hum aluará em que os perdoasse, e que logo lhos mandaria; e porque era já tarde o Capitão mór mandou fazer o aluará pera lho mandar pola menhã, mas o mouro, como tudo armaua com trayção, como foy noite mandou muyta gente que forão á fortaleza, e derão de supito nos nossos, que jazião dormindo na praya com a calma, e matarão, e ferirão muytos, que se colherão ao mar ao parao que estaua perto; ao que se aleuantou grande união, e gritas dos Mouros. O que sendo ouvido nas naos, acodio o Capitão mór, e mandou que fossem á borda d'agoa a recolher os Portuguezes, e nom [1] * chegassem * a terra, o que assy fizerão, que andarão perto da terra bradando, a ver se algum portuguez vinha, (a que os Mouros tirauão muytas frechas) e recolherão o parao. Então o Capitão mór mandou tirar ás naos, que o fizerão até amanhecer, o que ouvido nas naos que estauão da outra banda da cidade, assy

[1] * chegarão * Arch. e Aj.

fizerão outro tanto, com que fizerão muyto mal, derribando muytas casas, que matauão muyta gente.

CAPITULO VIII.

DE COMO O CAPITÃO MÓR FEZ A GUERRA A' CIDADE, E LHE PÔS CERCO NO MAR, EM QUE A PÔS EM MUYTO APERTO, COM QUE LHE TORNARÃO A PEDIR PAZES, QUE O CAPITÃO MÓR LHE NEGOU, SOBRE O QUE OUVE DIFERENÇAS COM OS CAPITÃES.

Ao outro dia os Mouros abrirão muytas bombardeiras, e assentarão muyta artelharia com que tirauão ás naos; ao que o Capitão mór mandou trazer terradas, que poserão junto das naos, em que dauão os tiros dos Mouros; mas as naos fazião grande mal na cidade, dous dias e duas noites que nom cessauão de tirar, com que começou a faltar a poluora, e desemsepar muytos tiros que quebrauão os repairos, que erão muyto velhos, e tinhão a ferramenta gastada. O que tudo sabido polo Capitão mór, que todas as naos corria, constrangido d'esta necessidade mandou afastar as naos, e cessar que nom tirassem, porque tambem as naos recebião muyto dano com o tirar d'artelharia. Então o Capitão mór, praticando com os Capitães, assentou de pôr cerco á cidade, que nada lhe viesse de fôra, e mórmente agoa, que era o mór mal que se lhe podia fazer, segundo a multidão da gente que auia na cidade, que cada dia as terradas que trazião agoa da Ilha do Queixome erão mais de mil pipas cada dia, o que elle tinha bem sabido, e que este era o principal cerco que lhe auião de fazer, e mór mal que lhe podião fazer. O que a todos assy pareceo bem, e assy o assentarão. Então mandou a Manuel Teles, que tomasse muyto arroz, e açuquar, e fardos de tamaras, e pescado seco, e fardos e jarras de fruitas seccas, que elle mandara ao feitor comprar, e que com tudo auia de hir pera Çacotorá, que sabia que auia d'estar em muyta falta daquellas cousas, e tambem porque achando alguns nauios, que podia topar, lhes fizesse requerimento, que leuaria [1] * por escrito por elle * assignado, que viessem soccorrer aquella guerra, em que estauão com tanta necessidade. O que assy foy per todos assentado,

[1] * por elles * Aj.

mas João da Noua, que muyto desejaua de se hir pera a India, pedio ao Capitão mór que o mandasse com estes mantimentos, pera dahy se hir pera a India. O Capitão mór lhe disse que lhe faria muyta falta manda-lo, porque a sua nao era a mais poderosa que tinha, e que mais medo mettia aos Mouros, e que pois elle mandaua chamar outros nauios, lhe pedia por mercê que [1] *folgasse de lhe ajudar* a dar cabo neste negocio, que nom auia de muyto durar, que por alguma maneira se auia d'acabar; porque elle nom mandaua Manuel Teles senão hida por vinda. Do que João da Noua se mostrou muy aggrauado, dizendo ao Capitão mór se nom deuia de querer aproueitar dos homens por força. O Capitão mór lhe disse que se nom agastasse, porque em algum tempo folgaria de ter feito o seruiço que aly fazia. Então Manuel Teles tomou tudo na sua nao, pera partir quando lhe fosse mandado. Então o Capitão mór deu ordem aos Capitães, que todos huns após outros, quanto alcansasse huma vista, andassem á vela roldando toda a Ilha d'Ormuz; e mandou a Francisco de Tauora, que sempre estiuesse [2] *no lugar* onde vinhão portar as terradas que trazião agoa; e [3] *tinha* consigo quatro esquifes, e o seu batel com berços, e bem esquipados pera hirem ás terradas, com que nenhuma ousaua de vir de fóra. E o Capitão mór com os batés foy pôr o fogo em quantas terradas auia na praya; com que os Mouros forão em muyto trabalho em as metterem dentro polas ruas da cidade. Então mandou correr todas as naos que auia no porto, que erão dos proprios mercadores da cidade, (as naos de fóra já todas erão partidas), e tomarão dellas o que ouverão mester, e lhe poserão o fogo a todas, em modo que no mar nom ficou nenhuma embarcação; e o Capitão mór com sua nao ficou defronte das casas d'ElRey, a que algumas vezes fazia algumas visitações com peças grossas. E todo assy ordenado, os nauios forão andar á vela, em que lhe veo muyto bem, porque acharão muytos zambucos, e terradas que passauão da terra firme pera a Ilha, e [4] *outros* que fogião da cidade, que com tiros as fazião amainar, e roubauão, em que achauão bom fato, porque achauão muyta gente que fogia da cidade, em que auia grandes trabalhos de fome, e dobradamente de sede, que auia muyta falta d'agoa, que nada lhe vinha de fóra; e tanta foy 'agonia d'a-

[1] *lhe ajudasse* Aj. [2] De menos no Ms. d'Aj. [3] *trazião* Aj. [4] *outras* Aj.

goa, que o pouo pedio a Cojatar que mandasse gente que estiuesse em guarda dos poços de Turumbaque, que inda que era agoa solobra seria algum remedio a seu grande padecimento d'agoa: ao que logo proueo Cojatar, que mandou muyta gente, e mórmente frecheiros, e com hum Capitão valente homem, sobrinho de Resnordim, que se foy aposentar no lugar dos poços, onde se foy aposentar muyta gente da cidade, e concertarão bem os poços, e fizerão muytos, com que auia algum sostimento de remedio. Cojatar tinha fechada de sua mão huma grande cisterna, de que se elle prouia e a casa d'ElRey, o que foy dito ao Capitão mór; polo que mandou Dom Antonio no seu batel com sessenta homens, e João da Noua, e [1] * Afonso * Lopes da Costa em seus batés, e esquifes, e mandou Francisco de Tauora sorgir junto da terra sobre os poços, pera tirar com artelharia, que ouvera huns mastos grossos, que cortára, e ensepara bem suas bombardas: e o Capitão mór ordenou que Dom Antonio fosse primeyro dar no arrayal, e João da Noua, e Afonso Lopes em suas costas, e ysto ordenou o Capitão mór de noite, e partio das naos, e ante menhã desembarcou toda a gente, afastados dos Mouros e postos em ordem. De que os Mouros nom ouverão sentimento, que nom tinhão boa vigia, e como Dom Antonio deu nelles de supito, que hia acompanhado de bons fidalgos, e assy os outros Capitães, logo os Mouros forão em desbarato, e assy os Mouros que estauão aposentados; em que logo nas casas foy posto fogo, na qual enuolta ficarão muytos mortos, e [2] * caydos de feridas, * mas como o dia exclareceo, que os Mouros fogidos virão que os nossos erão poucos, fizerão volta sobre os nossos, que serião corenta de cauallo, e muytos frecheiros, e fizerão grande peleja com os nossos, porque as frechas erão sem conto, com que foy ferido Dom Antonio de tres frechadas, e Nuno Vaz de Castello Branco, e Brás da Silua, e Gonçalo Queimado, e J'ane Mendes Botelho, e Gomez Teixeira, e outros [3] todos feridos de frechas, que passarão de cincoenta feridos. E pelejauão os Mouros assy foutamente porque acodião muytos Mouros da cidade; o que vendo o Capitão mór tamanho aperto, foy adiante com Francisco de Tauora, que então desembarcára, e [4] * falando * o Capitão mór a todos, tocando as trombetas, enuocando Sanctiago, deu tanto esforço, que reme-

[1] Errou aqui o copista d'Aj. escrevendo * Antonio. * [2] * feridos * Aj. [3] * muytos * Aj. [4] * fando * vem em ambas as copias.

terão com os Mouros, de que logo ficarão sinco de cauallo, que erão os dianteiros; os outros voltarão fogindo, desbaratandoos os frecheiros, que tambem hião em fogida, e os de cauallo passauão per cyma delles, os nossos lhe seguindo o alcanço hum pedaço, que o Capitão mór mandou tornar. Então mandou aos marinheiros desempedrar os poços, e deitar dentro nelles os Mouros em pedaços, e camellos que hy matarão, e asnos que acarretauão agoa [1] * em odres pera a cidade, * e muytas sogidades. Com que o Capitão mór se recolheo, e ficou aly Francisco de Tauora, que com 'artelharia defendia os poços, que os Mouros nom chegauão a elles; mas pola muyta agonia da sede, de noite chegauão, e alimpauão os poços, de que auião alguma agoa, muy pouca cousa.

A cisterna de Cojatar estaua no campo junto da cidade, que muytos Mouros guardauão. Afonso d'Alboquerque falou com os Capitães, dizendo que determinaua quebrar a cisterna de Cojatar, porque ficasse de verdade a sede em toda a casa d'ElRey; e porque nysto auia d'auer trabalho, aguardou o Capitão mór até que todos os Capitães se ajuntarão, e se pôs a cousa em ordem, onde Afonso Lopes, e Manuel Teles, com [2] * cento e cincoenta * homens tomarão a dianteira, e João da Noua, e Antonio do Campo em outro esquadrão com duzentos homens, [3] * e no derradeiro o Capitão mór com cento e cincoenta, e Diniz Fernandes de Mello apanhou toda' gente do mar, com que se fez em huma batalha com duzentos homens, * e escrauos valentes homens, que por nom terem armas leuarão muytas panellas de poluora e lanças de fogo. Em todos os esquadrões hião honrados fidalgos, que forão com Afonso Lopes na dianteira, que forão Nuno Vaz, João Rodrigues Pereira, Jorge Barreto, Jorge da Silueira, Fernão Soares, Fernão Feo, Duarte de Sousa, Brás da Silua, Antonio de Sá, Simão Velho, Jemes Teixeira, Francisco de Mello: todos estes aquy nomeey, porque todos forão feridos de frechadas. A cisterna estaua da [4] * parte da * praya quasy hum tiro de berço, e tinha o Capitão mór quem lhe mostrasse o caminho, e sendo huma hora ante menhã os nossos desembarcarão, e postos em seus esquadrões começarão a caminhar assy por fóra da cidade, onde auia muytas casas de [5] * palha, * de gente pobre, ás quaes Diniz Fernandes de Mello foy pôr o fogo, ao que se ale-

[1] * pera a cidade, que leuauão em odres * Aj. [2] * cincoenta * Aj. [3] Falta no Ms. d'Aj. [4] Aj. [5] * panha * Arch.

uantarão grandes gritas, e fogia a gente pera dentro pola cidade, que toda foy posta em aluoroço, cuidando que os nossos entrauão a tomar a cidade, ao que acodirão os Mouros da cisterna. Afonso Lopes foy direito á cisterna, onde achou inda muytos Mouros, mórmente frecheiros, em que deu, que logo se recolherão polas ruas da cidade. Diniz Fernandes de Mello se adiantou com sua gente do mar, que leuauão alauancas, e picões, e enxadas, com que foy ás portas da cisterna, que erão duas, e as quebrou, e per cyma quebrou as paredes e bocaes da cisterna, fazendolhe [1] * muytos e * grandes buracos per muytas partes, e quebrando o terrado da cisterna, que cayo tudo dentro, com que 'agoa começou a cayr polos buracos grande soma, que corria polas ruas dentro, ao que acodia muyta gente a recolher; e Diniz Fernandes com sua gente trazião Mouros mortos queimados antre as casas, e os deitauão dentro; mas as paredes e terrados que cayrão dentro, fizerão sayr fóra mais d'ametade d'agoa, que assy corria polas ruas, a que acodia muyta gente a recolher, e beber; a que acodio todo o pouo da cidade.

Em quanto se ysto passaua, os Mouros que estauão em guarda da cisterna, nom podendo resistir ás forças dos nossos, se recolherão a quatro ruas grandes que vinhão ter á cisterna, e dentro dellas fazião muy grande guerra de frechadas, com que ferirão os que atrás nomehey, onde os nossos entrarão com elles algumas vezes, a que os Mouros logo fogião, e os nossos tornandose á cisterna os Mouros tornauão a vir ás bocas das ruas, donde fazião a guerra das frechadas. E porque o dia era claro, que o sol começaua a sayr, que Cojatar soube o que era feito na cisterna, acodio com muyta gente de cauallo, vindo na dianteira o filho de Resnordim, que cometteo os nossos tão valentemente, que se perdeo antre os nossos, e foy morto com oito derribados dos cauallos. O Capitão mór, vendo a muyta gente que acodia, e que a cisterna ficaua quasy sem agoa, se começou a vir recolhendo, com a gente muyto em ordem, e quando compria fazendo voltas, a que os Mouros logo fogião; mas o Capitão mór nom queria que os nossos os seguissem, senão andar seu caminho até serem á vista dos batés. E começarão a tirar com os berços ao longo das casas, por onde corria mór soma dos Mouros, com que matarão e derrubarão muytos, que foy grande ajuda aos nossos, mas toda-

[1] Aj.

uia erão muy apertados de muytos Mouros de cauallo, que lhe vinhão nas costas, e os frecheiros; ao que Diniz Fernandes se lembrou do fogo, e acendeo muytas panellas e lanças de fogo, e se deixou ficar per antre a gente, até que chegou aos Capitães, que vinhão na trazeira emparando a gente e pelejando ás lançadas com os Mouros, os quaes vendo as roquas de fogo fazem volta aos Mouros, que antes que elles voltassem os alcançarão com as panellas d'arremeço, e com as lanças, com que fizerão grande desbarato nos Mouros, que lhe hião ardendo as vestiduras. Com que os nossos ficarão desafrontados, e á sua vontade vierão até a praya; em que dos nossos ficarão mortos seis dos negros e marinheiros, porque hião desarmados, e feridos de frechadas passante de cem homens. E porque os berços defendião o campo, os nossos se embarcarão á sua vontade, e se recolherão ás naos a repousar, e curar os feridos.

O Capitão mór, postoque auia muyto trabalho da gente, elle nom cansaua, e falou ao contramestre da sua nao, e lhe disse que a elle, e aos que leuasse comsigo, daua quanto tomassem. Então encarregou a Duarte de Sousa, que com a gente do mar, que logo todos cobiçarão de hir a furtar, que s'embarcarão em quatro barquinhos de Mouros que se muyto remauão, que o Capitão mór mandara guardar junto da sua nao, todos bem esquipados, mandou que andassem toda' noite rodeando a cidade, a ver se achauão alguma cousa, os quaes forão assy andando, tomarão duas almadias, e em cada huma jarras d'agoa, que trazião pera a cidade, em que tomarão seis Mouros, que os outros fogirão a nado mergulhando por debaixo d'agoa, e assy tomarão treze Mouros, que hião com tauoas a nado atrauessando pera a terra firme, auenturandose a morrer no mar, antes que padecer sede. Com que se vierão ao Capitão mór, que soube dos Mouros que a cidade estaua em total perdição de fome e sede, polo que todalas noites a gente da cidade e molheres, e meninos hião ás portas d'ElRey dar gritos, e fazer grandes clamores do mal que padecião, falando grandes pragas contra Cojatar, que causára tanto mal por nom entregar quatro marinheiros: o que fazião cada noite, e de dia assy gritauão polas ruas, do que ElRey ouve grande paixão, e sentindo a tão certa perdição que auia na cidade, ajuntou todos a conselho, em que assentou pedir paz ao Capitão mór; ao que logo mandou o armenio Coje Beirame, e Almação mouro principal da cidade, que forão á nao do Capitão mór, em huma almadia com huma bandeirinha branca, e sendo ante

o Capitão mór lhe disserão que ElRey lhe mandaua muyto rogar que lhe largasse a guerra que lhe fazia, e que lhe daria tudo quanto elle quigesse. O Capitão mór logo lhe respondeo que faria o que lhe pedia, mas que lhe auia d'entregar logo a fortaleza pera a acabar, e lhe mandasse os Portuguezes, e lhe pagasse os gastos da armada. Com a qual reposta o mouro tornou a terra, e trouxe reposta que dizia ElRey, que lhe daria os Portuguezes, e lhe daria as despezas d'armada, e todo quanto dinheiro quigese, e que nom falasse na fortaleza, que a nom auia de dar. O Capitão mór os mandou que se tornassem, e dissessem a Cojatar, porque aquelles conselhos erão de sua cabeça, que elle nom tomaria nenhum dinheiro, nem queria nada senão a fortaleza, ou lhe auia de dar as suas proprias orelhas, que dentro a sua casa lhas auia d'hir cortar; e que lhe nom tornassem com outros recados assy mal emburulhados, porque os nom auia d'ouvir. D'esta reposta ficou ElRey, e todos muy espantados; mas o Cojatar, como homem diabolico do entendimento, buscou outro modo, porque tinha sabido que esta guerra era [1] *muyto* contra vontade dos Capitães, e que andauão forçadamente nella, polos debates que com elles tiuera o Capitão mór. Então, de noite, mandou hum dos Portuguezes bradar, e chamar os Capitães por seus nomes, dizendo que Cojatar daua ao Capitão mór muyto dinheiro, quanto quisesse, e que nom fizesse a guerra, e nom destroisse a cidade, que era d'ElRey de Portugal, e lhe pagaua quinze mil xarafins cad'anno, e que logo pagaria d'antemão quantos anos lhe pedissem; e que o Capitão mór nom queria senão destroir e deitar a perder tudo; que lho fazia a saber, porque fossem testemunhas. E postoque ysto assy era [2] *falado* aos Capitães, elles o nom falauão ao Capitão mór, nem o Capitão mór lho falaua que o sabia; mas elles antre si trazião suas praticas, dizendo que se acontecesse algum desastre já tinhão esta occasião contra o Capitão mór; e postoque elle tudo sabia o dessimulaua, porque nom era tempo pera contender com elles.

E porque n'armada auia falta d'agoa, o Capitão mór mandou dizer a Antonio do Campo que fosse ao porto de Nabonde, que era o lugar de que vinha agoa a Ormuz, e que trabalhasse por carregar o nauio d'agoa, e antes fosse por dinheiro quanto quigessem, que com outro nenhum trabalho; e mandou com elle o feitor Pero Vaz d'Orta, pera comprar 'agoa.

[1] Falta na copia da Aj. [2] *falando* Arch. e Aj.

Os quaes chegando á Ilha de Queixome forão ao porto, e falando em agoa lha defendeo hum Capitão d'ElRey d'Ormuz, que hy estaua com gente, e se tornarão ao Capitão mór, e ouvindo ysto se ordenou de elle hir lá em pessoa, e leuou comsigo Antonio do Campo, e Francisco de Tauora, e ficou em guarda Afonso Lopes, e Manuel Teles, e João da Noua com poderes como Capitão mór, e lhe deixou os quatro paraos de Mouros esquipados, com que mandasse vigiar a praya, e elle leuou quatro terradas em que os Mouros trazião agoa, que tinhão jarras em que trazião agoa, e se foy á Ilha ao porto, onde chegou ante menhã e desembarcou com toda' gente, e deu cargo a Duarte de Sousa que fizesse embarcar 'agoa, que os marinheiros accarretauão em jarras pequenas e deitauão nas grandes, que hião vazar nos nauios, com que os carregarão, e tambem as terradas. E em quanto ysto se fazia, o Capitão mór com a gente foy dar no lugar, de que fogio o Capitão pera a serra, e o Capitão mór mandou recolher muyto mantimento que achou no lugar, o que se fez em todo o dia; e soube de Mouros, que aquy tomarão, que aly vinha de noite portar muyta gente, que vinha da cidade em taboas, dos quaes o Capitão mór mandou recolher cincoenta, que chegando á cidade lhe mandou cortar as mãos direitas, e narizes, e orelhas, e os mandou deitar na praya que se fossem amostrar pola cidade.

O Capitão mór foy auisado que João da Noua de noite, andando vigiando como lhe fóra mandado, fòra á borda da praya a falar com os Mouros, e tomára recados do Cojatar, que era se lhes queixar do mal que o Capitão mór fazia áquella cidade tanto contra razão, dandolhe elle quanto dinheiro quigese, e assy o daria a elles Capitães, que a ysso ajudassem, pois nisso fazião tanto seruiço a ElRey; de modo que estes falamentos da terra praticou João da Noua com os outros Capitães, polo que todos se amotinarão pera nisto serem contra o Capitão mór, e lho requererem fortemente, concertando com João da Noua que rompesse esta cousa com pedir ao Capitão mór licença pera se hir pera a India, e andar com o Visorey, pois lhe já estrouára sua hida a tempo que se pudera hir pera o Reyno. O Capitão mór foy auisado de todas estas consultas, e porque o tempo lhe estrouaua o castigo que ysto auia mester, e queria dar cabo neste cerco, e auer o muyto dinheiro que sabia que a cidade lhe auia de dar, crendo o aperto em que estaua, d'estas cousas que tinha em seu peito nom daua conta a ninguem, nem a Dom Antonio

seu sobrinho, porque era homem mancebo, e tomaria estas cousas em pontos d'honra ; e por nom auer trabalhos que se podião seguir, por ysso o Capitão mór tudo sofria em sy, trabalhando por remediar tudo com seu bom sizo.

E nom curou de falar nada disto a João da Noua, porque lhe falando auia mester execução de justiça, e ordenou apartar os Capitães, porque nom tiuessem estes conselhos, e os chamou, e lhes disse que se fossem a roldar a Ilha, muyto lhe encomendando que tiuessem grande vigia que cousa nom entrasse nem saysse, pois tinhão a cidade em tal aperto que lhe auia de dar quanto tesouro e riqueza tinha. Os Capitães lhe disserão: «Já elles estão taes, que darão quanto lhe pedirem; e» «quando as cousas ás vezes vão fóra de razão, tudo se perde; e por» «tanto, se viessem a bom concerto, se deuia de fazer por acabar traba-» «lhos, em que vão faltando as cousas que auemos mester pera esta guer-» «ra, e as naos, que com muyto trabalho se sostem sobre o mar.» O Capitão mór entendeo os fundamentos da pratica, e lhes disse: «Bem» «me parece o que dizeys, que he conforme ao que eu sey, e estou» «prestes pera fazer tudo o que for seruiço d'ElRey nosso senhor. Aper-» «temos nós estes imigos, que elles se renderão. E portanto vos muyto» «peço por mercê, que façaes esta boa vigia que vos ora encomendo,» «porque espero em Nosso Senhor que cedo se ysto acabará, com bom» «concerto, e de muyto proueito d'ElRey nosso senhor.» Os Capitães bem virão que o Capitão mór falaua verdade, polo que elles sabião, e tinhão muyto arreceo que elle acertaria em tal concerto, que tudo ficasse em proueito d'ElRey, e elles ficarião sem nada. No que trazião muyto cuidado, e arreceauão que, andando elles assy por fóra, o Capitão mór acertaria o concerto, que elles despois nom poderião desuiar. E com este entendimento tinhão encitado João da Noua que fortemente lhe pedisse licença pera se hir, e lhe pedisse cartas pera o Visorey, pois pera ysso viera ordenado por Tristão da Cunha; o que vendo o Capitão mór que lha nom poderia denegar, aueria arreceo que na India João da Noua diria o muyto dinheiro que lhe dauão de concerto, que o nom queria tomar, e que se depois ouvesse algum auêsso, ficaria ante ElRey em grande obrigação; o que seria causa com que o Capitão mór assentaria o concerto. E se todauia ensestisse em o nom fazer, nom daria licença a João da Nova; então elles todos o muyto ajudarião, e sobre ysso viria a todo

o rompimento, com todos os protestos e requerimentos. O que todo antre todos foy assentado, e João da Noua ordenado pera ysso; polo que assy estando o Capitão mór ordenando os nauios que fossem roldar a Ilha, João da Noua lhe disse: «Senhor, esta cousa está em tal ponto, que» «a mym bem póde escusar de andar em mais trabalhos; polo que me» «fará mercê darme licença, com cartas pera o Visorey, a que leuarey» «tão boas nouas, de tão grandes cousas como tem feitas.» O Capitão mór, como sabia que tudo ysto era contaminado polos Capitães, e nom o podia castigar como compria, respondeo: «Senhor João da Noua,» «nom me parece que agora que achareys tão bons ventos como cuidaes» «que tendes pera fazerdes essa viagem; e fazeys grande erro em ago-» «ra vos quererdes hir com vossa nao, com que farés tamanho buraco,» «que me fogirão estes pexes que temos cercados, e sereys causa de se» «perder tanto como temos ganhado com tantos trabalhos; e por tanto» «nom me [1] *deuieys* de pedir tal licença.» João da Noua lhe disse: «Bem vejo, senhor, que nisto faço erro, pois eu tenho a licença, pois» «nom sou de vossa armada, nem da vossa obrigação.» Ao que os Capitães ajudauão, dizendo que João da Noua pedia razão. O Capitão mór andaua passeando na tolda, e todos estauão em pé, e com a reposta de João da Noua se tornou muyto enfiado, e se chegou a elle, e lhe disse: «João da Noua, dizeys que tendes a licença, e vos [2] *hirês* inda que» «vola nom dê, e assy me desobedecerês? Respondeo elle: «Mas se sou-» «bera que auiamos de ter estes debates nisso lhe nom falára, e já fôra» «hido, e assy o hey de fazer, porque bem sabem estes senhores que» «eu tenho razão e justiça.» O Capitão mór, com grande paixão, lhe disse: «A esse grande desacatamento eu vos [3] *soltarey* os vãos so-» «nhos que trazeys na cabeça, que em ferros [4] *andarês* debaixo de» «minha coberta, e se nom sois de minha obrigação mais justiça tereys» «contra mym.» João da Noua respondeo: «Se me deitardes ferros, ou-» «tros móres erros tendes vós feitos porque os melhor mereceys.» Ao que o Capitão mór arremetteo a elle, e o tomou polos peitos, e chamando o meirinho, que logo acodio, lhe forão logo aly deitados huns grossos ferros, e o mandou meter debaixo de coberta. Ao lançar das mãos o Capitão mór lhe tomou alguns cabellos da barba, que trazia comprida, e

[1] *deveis* Aj. [2] *ireis* Aj. [3] *tirarei* Aj. [4] *andareis* Aj.

quebrarão, e cayrão no chão quando o largou das mãos. João da Noua apanhou os cabellos, e os atou no lenço, e com muytas lagrimas lhe disse: « Isto, que me vós fizestes, Tristão da Cunha mo pagará, e vos pro- » « meto que no publico do conselho d'ElRey me queixe delle, e me pa- » « gue esta injuria, que me fizestes, em me arancardes minhas barbas. » O Capitão mór lhe disse: « Tudo o que vos julgarem pagarey; nem inda » « que vos [1] * arrancára * essas que vos ficão, nem por ysso temera que » « me auião de cortar a cabeça. » E João da Noua foy metido debaixo da coberta, onde nom póde sofrer pola grande quentura, e por rogo de Francisco de Tauora, e de Jorge Barreto, e d'outros fidalgos, foy tirado, e posto no castello de proa, e depois tirados os ferros, e tornado á sua nao com menagem assinada, que se nom apartaria do Capitão mór sem sua licença; onde sempre andou muy anojado, e muyto se queixando dos Capitães, porque o nom ajudarão em sua prisão contra o Capitão mór. O que os Capitães nom ousarão, porque virão que o Capitão mór entendera que elles encitarão a João da Noua nesta cousa, porque o Capitão mór nos debates lhe disse: « João da Noua, perdoeuos Deos, que tomaes » « máos conselhos de quem vos mete no fogo, e se afasta pera fóra, e fa- » « zem de vós cabresto, o que vós mal entendeys. » E por ysto, que os Capitães entenderão, nom ousarão de falar, vendo o Capitão mór tão indinado, mas tomando mór odio contra elle. Mas passada a furia da prisão de João da Noua estar solto dos ferros, pareceo aos Capitães que era abatimento seu nom falar nelle ao Capitão mór, já que elle dizia por elles que erão os máos conselheiros; e estando hum dia praticando o Capitão mór com elles, que tinha noua que era vinda muyta gente á Ilha de Queixome pera defenderem 'agoa, o que se assy fosse compria hilos lá deitar fóra da Ilha, ao que Afonso Lopes disse que assy era necessario, mas que erão trabalhos que já estiuerão acabados, se elle se quisera contentar com a razão em que se Mouros punhão, que darião quanto dinheiro elle quisesse, e se acabarião tantos trabalhos de que a gente andaua emportunada; e João da Noua com essa emportunação lhe pedira sua licença, que lhe deuera de dar, por ser muyta razão. O Capitão mór nom o deixou hir com a pratica áuante, e lhe disse: « A emportunação » « de João da Noua forão máos conselhos, porque se elle os entendera »

[1] * arrincára * Aj.

«tal nom falara; e no que tocaes que nom aceito o concerto dos Mou-»
«ros, que faço erro, assy volo confesso que faço erro, porque estou muy»
«auêsso de vossas vontades; no que eu farey o que entender que he»
«mais seruiço d'ElRey nosso senhor, que de mym ysso confiou; e já»
«vos mostrey seu regimento, que diz por derradeiro que faça o que»
«me parecer que he mais seu seruiço. E pois vos ysto tenho mostrado,»
«e vós comtudo me quereys hir á mão, o que vos nom hey de consen-»
«tir, por tanto vos muyto rogo, que me nom venhaes mais com essas»
«[1] *anouações;* e se nom quiserdes senão seguir vosso sestro, mos-»
«trarvoshey meus poderes.» Afonso Lopes disse: «Por mais poderes que»
«tenha, o nom terá pera nos cortar as cabeças; e por derradeiro lá es-»
«tá Portugal.» Ao que ajudou Manuel Teles: «Homens somos nós pera»
«assy nos nom desprezardes; porque inda que por ElRey fores tão isen-»
«to, como vós vos fazeys comnosco, deuieys ter outro resguardo, que»
«nos he deuido por quem somos, e nom usar de taes desprezos.» O Capitão mór, vendose assy affrontado se sofreo, e brandamente lhe respondeo: «ElRey nom me deu poder pera vos mandar cortar as cabeças,»
«mas os feitos que o merecerem trarão comsigo o poder, e pois vos as-»
«sy parece, da parte d'ElRey me dai a mão.» E se aleuantou muy enfiado, e chegando pera elles, do que elles ouverão medo, e se aleuantarão em pé, e todos tres lhe derão a mão: Afonso Lopes, Manuel Teles, Antonio do Campo, e os prendeo em suas menagens, que daquella nao nom sayssem sem sua licença, e mandou a Pero d'Alpoy, que seruia de Ouvidor, que lhe tomasse as menagens assinadas; e mandou chamar os mestres das naos, e lhe mandou que dellas tiuessem cargo como Capitães, e que nada nellas fizessem sem seu mandado, sob pena de morte. Do que mandou fazer auto, em que assinarão, e por este auto, que elles nom guardarão, e os pilotos que tambem assinarão, alguns delles mandou enforcar em Goa, como adiante será contado. Polo que então os Capitães fizerão grandes clamações, e requerimentos, e tirarão estromentos, que tudo o Capitão mór mandou que lhe déssem, e [2] *passando* tres dias, que se amansou esta furia do Capitão mór, per rogos de Dom Antonio, e dos fidalgos, forão soltos da nao, e em suas menagens se forão pera suas naos, que nada farião senão o que elle mandasse, e lhe mandou que

[1] *cousas* Aj. [2] *passados* Aj.

sob pena de caso maior e encorrerem em pena de trédores, nom tomassem nenhuma fala da terra; o que todo lhe dobrou odio mortal contra o Capitão mor.

CAPITULO IX.

COMO AFONSO LOPES DA COSTA, ANTONIO DO CAMPO, MANUEL TELES, FOGIRÃO EM SUAS [1] * NAOS * DO CERQUO D'ORMUZ EM QUE ESTAUÃO, E SE FORÃO A' INDIA QUEIXAR AO VISOREY DOS AGGRAVOS QUE LHE TINHA FEITOS AFONSO D'ALBOQUERQUE, E O QUE FEZ DEPOIS DA FOGIDA DOS CAPITÃES, QUE TORNOU A ÇACOTORA.

A estes dias, que se passauão estes debates, de noite falauão da praya os Portuguezes que estauão com os Mouros, que os mandaua Cojatar, dizendo « Ah senhores capitães d'ElRey, e senhores fidalgos, como nom » « olhaes a grande perda que ElRey de Portugal perde em nom querer » « o Capitão mór tomar muyto dinheiro, que lhe ElRey d'Ormuz dá, e » « elle com sua teima nom quer senão destroir esta cidade, e perder de- » « zaseis mil xarafins que paga cad'ano! Porque nom fazeys o que deueys » « ao serviço d'ElRey de Portugal? » O que tambem ouvia ysto o Capitão mór, e dizia: « Tudo aquillo são modos pera meter cizania nos Capi- » « tães, pera que me dêm trabalho. » Então mandou partir Francisco de Tauora, que fosse rodear a Ilha, e que partisse em anoitecendo, e daly a meo quarto da prima partisse João da Noua, e outro tanto espaço partisse Afonso Lopes, e depois Antonio do Campo, então Manuel Teles; porque com estes espaços hião as naos tres e quatro legoas humas á vista das outras, e todas auião de sorgir amanhecendo, e estarem surtas huma á vista d'outra. Então o Capitão mór as auia d'hir visitar, e lhe daua francamente tudo o que cada hum tomasse. Mas sendo assy partidos, Afonso Lopes alcançou João da Noua, e falou com elle, dizendo que nom curasse de perder mais tempo, que se fosse em sua companhia, que leuaua bom piloto mouro, com que se hia caminho do Visorey pera fazer que mandasse vir Afonso d'Alboquerque preso em ferros, porque tambem se hia Antonio do Campo, e Manuel Teles, que tinha mantimentos pera todos. João da Noua lhe disse: « Muyto me pêza porque o nom posso fazer, »

[1] Falta na copia do Arch.

« que tenho menagem dada, e a nom quero perder, porque espero ante »
« ElRey fazer minhas demandas contra o Capitão mór. » E se foy seu caminho, e Afonso Lopes aguardou até que chegou Antonio do Campo, e Manuel Teles, e todos, que já estauão concertados, se forão, e chegarão a Mascate, onde por força tomarão agoa, e Manuel Teles partio com elles o mantimento, e se forão á India, e atrauessando o golfam tomarão huma riqua nao de Cambaya carregada de riquas mercadorias, que vinha de Meca, que todos repartirão antre sy, e tomarão as molheres e escrauos, e a todos os mais com a nao meterão no fundo, e se forão a Cochym ao Visorey, onde chegarão todos tres, * como * atrás fica contado.

O Capitão mór ao outro dia foy com sua nao, como sobre rolda, dar huma volta á Ilha, e a correo toda sem achar * os Capitães, * sómente Francisco de Tauora, e João da Noua, e vendo que os outros erão fogidos ouvé mortal paixão, e se veo ao pouzo com Francisco de Tauora, e João da Noua, e os chamou á sua nao, e os mestres e pilotos, e homens honrados, e ante todos fez piadosas exclamações contra os Capitães fogidos, dizendo em publico de todos que fossem testemunhas, como por minguoa dos Capitães que se forão, elle ficaua falto de poder ter o cerco a Ormuz, que tinha, e já [1] * estaua * em tal aperto que vinte dias que lhe tiuera o cerco a cidade se lhe entregara, ou ao menos lhe dera quinhentos mil xarafins, segundo tinha certeza; e que elle nom podia crer senão que o muyto dinheiro que lhe prometião, que elle nom quisera tomar, os Mouros de noite o derão aos Capitães de peita, que se fossem, porque hindose elles forçadamente o cerco logo seria aleuantado, e como quer que o elles fizerão darião conta ante ElRey. E os mandou apregoar por trédores, e suas fazendas perdidas pera a coroa real, e mandou ajuntar o termo dos autos das menagens qne tinhão dadas, e presente a gente deu juramento aos escriuães das naos nos sanctos Evangelhos, e a outros dous homens, que fossem enqueredores, que em cada nao perguntassem vinte homens, os mais honrados, que contassem a verdade de quanto era passado depois que chegara a Calayate, até aquelle dia da fogida dos Capitães; e que de todo lhe dessem o treslado, e elles guardassem os proprios; e mandou aly de todo fazer auto publico. Então tomou a menagem a Francisco de Tauora, que se nom fosse, como tinha dito que se

[1] * está * no Arch. e Aj.

auia d'hir, e disse a João da Noua que hiria em sua companhia até o cabo de Roçalgate, e daly se hiria pera a India; e lhe leuantou a menagem que lhe tinha tomada, e deu licença que se fossem com elle alguns fidalgos que lhe pedirão licença, que foy Jorge Barreto, Nuno Vaz de Castello Branco, Brás da Silva, e outros aleijados de feridas, que a todos mandou todo quanto lhe deuia. E mandou Pedr'Aluares, criado do Conde de Villa Noua, que era de sua valia, com cartas ao Visorey recontandolhe todo o passado, e lhe pedindo que com direita justiça castigasse aos Capitães fogidos, do tamanho insulto que fizerão em deixarem a bandeira de seu Rey na guerra, e fogirem a seu Capitão mór, e castigados elles, então os ouvisse de todolos males de que o accusassem, que elle sofreria o castigo que merecesse com verdade.

Ao outro dia, estando o Capitão mór pera partir, que mandaua leuar 'amarra, de terra capearão com huma bandeira branca, ao que o Capitão mór mandou no esquife Ayres de Sousa, e Gaspar Rodrigues lingoa, que fossem, e nom chegassem a terra; o que assy fizerão, e hum mouro lhe falou, que dizia Cojatar ao Capitão mór que faria tudo quanto elle quisesse, mas que os Portuguezes lhe nom daria, porque já erão feitos seus irmãos, e que do que quigese lhe mandasse a reposta. E tornado o esquife, o Capitão mór ouve paixão do recado, porque vio que era modo de zombaria; e lhe mandou dizer que o que queria que fizesse era que lhe mandasse que acabasse aquella fortaleza, e a tiuesse acabada, porque lhe certificaua, que se viuesse, auia de o tornar a visitar, e se elle fosse viuo auia de ficar muy espantado, porque se nom achasse a fortaleza acabada, que com os ossos dos principaes Mouros d'Ormuz a auia d'acabar, e as suas orelhas pregar nas portas da fortaleza, e que polos quatro Portuguezes lhe auia de queimar dentro na sua mesquita grande quatro mil homens, e molheres, e meninos; porque nunqua ElRey de Portugal ganhara cousa que tornasse a perder. E que dobradamente aquella cidade d'Ormuz, e seu Rey, e conselheiros, pagarião as pareas, e despezas desta armada, e da outra com que auia de tornar. E mandou ao lingoa, que dando esta reposta nom ouvisse nada, e se tornasse; o que assy fez.

E logo Afonso d'Alboquerque se fez á vela caminho do cabo de Roçalgate, mas João da Noua nom quis lá hir, e de noite se apartou, e fez seu caminho; o qual achando menos Afonso d'Alboquerque ouve muyta paixão por assy se hir sem lhe falar, e seguindo seu caminho, e atraues-

sando o golfam pera Çacotora, tomou huma riqua nao que hia pera Meca, de que tomarão roupas finas, e todos os mantimentos, e bons escrauos, e derão fogo á nao, e forão seu caminho, e chegarão a Çacotorá que estaua de todo perdida á fome, com toda'gente doente, e o Capitão Dom Afonso pera morrer, e com a chegada do Capitão mór toda'gente se repairou com muyta roupa da nao, que mandou dar a toda'gente: ao que logo acodirão a gente da terra a vender cousas de mantimento. D'aquy mandou logo Francisco de Tauora a Melinde, com dinheiro e roupas, que fosse carregar de mantimentos, e breu, e tauoado, e madeira que auia mester pera corregimento dos nauios, e lhe disse que quando tornasse fosse [1] * ao cabo de * Guardafuy, porque elle se auia d'hir lá ao esperar. O que assy ordenado, o Capitão mór se partio pera o cabo de Guardafuy, e Francisco de Tauora foy a Melinde, e carregou de mantimentos, e se veo, e foy dar com Afonso d'Alboquerque em Guardafuy; e trouxe Francisco de Tauora em sua companhia Diogo de Mello, e Martim Coelho, em dous nauios muyto bem concertados de boa gente, os quaes achou em Melinde, que então do Reyno chegarão, que partirão depois d'armada, como já contey; e tambem em Melinde achou [2] * o comendador * Ruy Soares, e lhe fizera requerimento que com elle se viesse, o que elle nom quisera fazer, e sómente quisera vir o Diogo de Mello, e Martim Coelho; porque Francisco de Tauora leuou o treslado de huma prouisão d'ElRey, que tinha Afonso d'Alboquerque, em que ElRey mandaua a todolos Capitães de naos, e nauios, que se achassem na costa de Melinde até Moçambique, fossem a chamado d'Afonso d'Alboquerque, se lho mandasse requerer, e esto sob grandes penas; ao que obedecerão Martim Coelho, e Diogo de Mello, a que o requereo Francisco de Tauora. Os quaes nauios trouxe carregados de mantimentos, que a mór soma era milho; onde assy chegados, o Capitão mór se partio logo, e se tornou a Çacotorá, onde achou aleuantada a gente da terra, que pelejauão com os Portuguezes, no qual trabalho se ocupou Afonso d'Alboquerque, e lhe fez tanta guerra com que se renderão, e assentarão paz, com obrigação de cad'ano darem certas cabras e fardos de tamaras. E sendo todo posto em paz, o Capitão mór se occupou em concertar e pôr a monte a sua nao, e de Francisco de Tauora, e seus batés, que já se nom podião sos-

[1] * por * Aj. [2] Falta no Ms. d'Aj.

ter sobre agoa, os quaes nauios muyto bem concertou, com muyto breu, e cairo, e madeira, e tauoado, que trouxe Francisco de Tauora; e mais fez hum bargantym de quatorze bancos. No que passou o inuerno, com grande perigo dos nauios se perderem com os temporaes do inuerno, em tanta maneira que conueo arrasar os castellos do Rey Grande, que era a nao de Francisco de Tauora, de que elle se tanto anojou que disse ao Capitão mór que désse a nao a quem quisesse, pois a desfazia quem nom auia d'andar nella, nem em sua companhia. Ao que o Capitão mór se rio, e disse que assy seria como elle dizia; mas depois pedio perdão ao Capitão mór, mas elle nom lhe quis tornar a dar a nao, dizendo que a mandaria á India, e lha daria o Visorey, e ficou Francisco de Tauora com o Capitão mór, e elle mandou andar na nao por olheiro Dinis de Mello, homem mulato, fidalgo, valente caualleiro.

CAPITULO X.

COMO AFONSO D'ALBOQUERQUE, PROVENDO A FORTALEZA DE ÇACOTORA' DO NECESSARIO, SE PARTIO, E TORNOU GUERREAR ORMUZ, LEUANDO EM SUA COMPANHIA MARTIM COELHO DE SOUSA E DIOGO DE MELLO, EM DOUS NAUIOS QUE VIERÃO DE MELINDE, E TODO O QUE FEZ ATE' QUE TORNOU, E SE FOY A' INDIA.

Prouida a fortaleza de Çacotorá do que compria, o Capitão mór Afonso d'Alboquerque se partio em Agosto de 508, com determinação de fazer toda'guerra, e tornar carregado de mantimentos a Çacotorá, então se hir caminho da India; do que deu conta aos capitães. Mas Diogo de Mello, e Martim Coelho trabalharão por nom hir com elle, e sobre ysso lhe fizerão requerimentos que os deixasse hir pera a India, mas o Capitão mór lhe mostrou seu regimento, e os obrigou, com que se nom puderão escusar. Então se fez á vela com os quatro nauios, e o bargantym que fizera, esquipado de bragas aferrolhados a banco, de que deu cargo a Nicolao d'Andrade, homem pera ysso; e nauegando chegou ao lugar de Calayate, logo ordenado a dar nelle, e o destroir, onde chegando á vista do lugar mandou no bargantym Dom Antonio de Noronha, que chegasse perto da terra, e visse que gente parecia. Estaua por Capitão

do lugar Çafardim criado de Cojatar, e mandou logo huma almadia com presente de seis cabras pera o Capitão mór, que chegando a bordo o mouro d'almadia, que conheceo o Capitão mór, logo se quisera tornar, mas o Capitão mór o mandou ter a bom recado, e soube delle que na terra estaua pouca gente. Dom Antonio, chegando perto de terra, falou com o mouro que andaua a cauallo na praya, que lhe perguntou que armada era aquella. Elle lhe disse que vinha de Portugal pera andar em companhia d'outro Capitão mór que andaua em Ormuz; que o Capitão lhe rogaua que lhe fossem falar á nao. Do que o mouro se escusou, dizendo que se nom costumaua; que lhe mandasse dizer o que queria, e lhe responderia. Ysto era sobre a tarde, mas o Capitão mór, que já vinha determinado, e a gente toda armada, mandou entrar nos batés, e Dom Antonio no seu batel grande, e no bargantym muyta gente, e cinco tiros, e hum falcão, e nos batés berços, e sem aguardar que os Mouros se apercebessem, mandou remar rijamente a terra; e serião aquy até tresentos homens bem armados, e bons caualleiros, em que hião Dom Antonio, Francisco de Tauora, que já vinha na sua nao, e Diogo de Mello, e Martim Coelho de Sousa, Ayres de Sousa, Duarte de Mello, Pero d'Alpoy, Lisuarte de Freitas, Diniz Fernandes de Mello, Antonio Vogado, Lourenço da Silva, João Teixeira, Antonio de Sá, e outros honrados caualleiros. Os Mouros, vendo hir os batés tão crespos de lanças e armas que reluzião, e assy tão de proposito, acodirão a defender a desembarcação, tirando muytas frechas, porque todos erão frecheiros; mas chegando os batés, que desparārão os tiros, que derão nos Mouros que estauão muytos juntos, cayrão por terra muytos mortos e feridos, ao que os nossos desembarcarão, e tocando ás trombetas, envocando Sanctiago, cometerão os Mouros tão fortemente, e tão depressa, que lhe nom dauão lugar a tirar, com que os Mouros todos em hum corpo se forão pera huma rua grande, que hia polo meo do lugar, e com grande pressa muytos se meterão em huma grande mesquita, que estaua derrubada per partes da outra guerra passada. Os outros Mouros, que passarão da mesquita, forão os nossos seguindo até fóra do lugar grande pedaço, que o Capitão mór mandou Dom Antonio que os fez recolher; e porque o lugar era ao longo do pé da serra estaua seguro da banda da serra. Então mandou o Capitão mór, Diogo de Mello e Francisco de Tauora que com cem homens tiuessem a guarda da boca da rua, e mandou trazer palha de ca-

sinhas que hy estauão, e tapou [1] * a mesquita, polas paredes * quebradas, com palha a que deu fogo, com que se acendeo em tal maneira que toda cayo, e dentro morrerão passante de cem mouros, e outros muytos forão mortos por antre as casas, e muytos catiuos. E porque sobreueo a noite, o Capitão mór fez quartos da gente, que vigiarão duas entradas, que auia no lugar, porque podião entrar os Mouros, mas elles forão com tanto espanto que se poserão muy longe; mas sendo menhã, que nunqua dormirão toda' noite, o Capitão mór mandou aos capitães que mandassem a gente do mar que embarcassem mantimentos, que era a melhor fazenda que podião leuar. O que assy fizerão até meo dia, e se abarrotarão d'agoa, que acharão em dezesete naos, que estauão no porto aguardando por carga, de que tomarão muytas vergas, e madeira pera lenha; o que assy trabalhando até meo dia, d'aly em diante mandou o Capitão mór que roubassem á escala franca o que achassem, que foy bom fato, em que trabalharão até sol posto, que o Capitão mór mandou dar fogo no lugar e nas naos, que tudo ficou destroido.

Tornado o Capitão mór á nao falou com o mouro que viera com as cabras, e lhe perguntou por novas d'Ormuz, e da India, porque era mercador que andaua na carreira, e lhe disse que de Cambaya fora huma nao pera Ormuz, que lhe dera noua que Mirocem Capitão do Turco, com armada de naos e galés, em companhia de Melequiaz, fóra a Chaul, onde pelejara com os Portuguezes, e tomara a nao do Capitão mór, e o matára, e catiuarão alguns Portuguezes, com que se tornára a Dio; e que Ormuz estaua meo destroido, porque depois da guerra sempre estiuera em muyta falta de mantimentos, que lhe nom forão da India, porque as naos que pera lá hião com elles, ouvindo a guerra que lá auia, se tornavão; e que assy estaua em muyta falta d'agoa, porque nom lhe ficarão terradas que lha trouxessem, e custaua muyto cara; e que Cojatar acabára a torre da menagem muyto forte; e que o pouo da cidade andaua pera o matarem, porque elle fora causa de tanto mal como todos tinhão; e que Resnordim era o que o queria matar, porque lhe deitára seus filhos fóra da cidade, que estaua tal que lhe podia fazer muyto mal.

O Capitão mór despedio o mouro com honra, e praticou com os capitães esta nouas, polo que foy acordado que se fossem direitos a Or-

[1] * as paredes da mesquita * Aj.

muz, sem se deterem em outra parte; o que assy se fez, que logo o Capitão mór se fez á vela, ordenando com os Capitães que se posessem em cerco da cidade em chegando; o que assy fizerão. O que vendo Cojatar assy chegar 'armada, logo mandou carregar quantos barcos auia na cidade, de gente miuda, e os mandou á terra firme, [1] * e que nom tornassem da terra firme, * porque os nossos os nom queimassem; porque tendo Cojatar nouas de nossa armada que tornaua, fez dous baluartes grandes nas casas d'ElRey, e tapou muytas ruas, e se fez prestes pera defender a cidade, porque aquy em Calayate estaua hum dos arrenegados, o qual se arriscou, que de noite, só, ouve fala com hum gromete da nao de Diogo de Mello, que o fez fogir, com que logo s'embarcou em hum terraquim, que á vela e remo em quatro dias foy a Ormuz, e deu noua a Cojatar de quão pouca gente hia n'armada, e que as naos grandes fazião tanta agoa que se nom podião soster sobre o mar, e já [2] * tiuerão * seu conselho em Calayate pera se tornarem pera a India.

Chegada assy a nossa armada, e posta em ordem, tendo o Capitão mór esta enformação, se deixou estar sem fazer nada. Ao outro dia, de terra capearão com huma [3] * bandeirinha * branca. O Capitão mór mandou pôr outra bandeira branca na borda da nao, capeando que viessem, e ninguem veo, mas forão á outra banda onde estaua Diogo de Mello, e chegou a elle hum mouro honrado, dizendo que ElRey d'Ormuz tinha cartas do Visorey da India, em que estaua huma em que falaua com o Capitão mór, que trazia o treslado della, e se quigesse ver a propria assinada polo Visorey fosse hum homem á praya, e lha mostrarião; e nom hia ao Capitão mór com este recado, mas que vinha a elle, porque fosse testemunha; que tambem ysto auia d'hir dizer ao outro Capitão de Portugal, se o Capitão mór nom quigese ver a carta; e que se tornaua a terra á praya, e ahy estaria até que lhe désse reposta. Diogo de Mello lhe perguntou se queria hir com elle ao Capitão mór, que o leuaria e tornaria a trazer muyto seguro. O mouro disse que si lho juraua por sua ley. Diogo de Mello lho jurou. Então se meteo no esquife com o mouro, e se foy ao Capitão mór, onde o mouro lhe disse o que tinha dito, e lhe deu escrito em [4] * perseo, * o traslado da carta do Visorey, e o Capitão

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] * estiuerão * Arch. [3] * bandeira * Aj. [4] * preto * leu o copista da Aj.

mór a mandou ler, cuja sostancia era que o Visorey dizia a ElRey d'Ormuz, que os Capitães que se forão d'Ormuz lhe falarão tudo o que era feito, e era contente d'amizade feita, com as pareas, que sempre assy seria seu amigo, e das cousas que trocara o Capitão mór nom era contente, porque por ysso o castigara, se la fôra, e por ysso se deixara ficar; e por saber a verdade logo mandara soltar Çafardim, e todos os que forão catiuos nas naos lhos mandara com bom amor, e assy o faria sempre, e logo mandara Çafardim com elles a Cananor, que se fossem d'ahy embarcar com todos; e que sempre lhe mandasse suas cartas, e lhe responderia; e com esta sostancia outras muytas palauras de contentamentos. A qual carta lida em presença de todos, ficarão espantados, dizendo que deuia de mandar a terra quem visse a carta. O Capitão mór disse que era escusado ver a propria, pois as palauras erão as proprias que o Visorey escreueria ao mouro Cojatar polo contentar, que o fizesse assentar em boa paz, e assy o soster até que ouvesse verdadeira enformação das cousas; porque elle ysto fizera sómente pola enformação que lhe derão os Capitães fogidos; que isso ficaria pera seu tempo, mas que agora era necessario saber de Cojatar o que queria. E mandou Diogo de Mello que tornasse a leuar o mouro, e o mandasse tornar a pôr em terra, como lhe prometera; e disse ao mouro que dissese a ElRey que mandasse pagar as pareas, que já deuia de hum anno, porque o Visorey nom as quitaua, nem com elle falaua que lhe nom fizesse guerra; que por tanto lhe requeria da parte de ElRey de Portugal que comprisse com sua obrigação, assy como o tinha assinado em sua carta, e mais que lhe mandasse os quatro Portuguezes pera os mandar a ElRey de Portugal, pera os mandar castigar por tomarem a ley errada de Mafamede, e deixarem a fé de Christo, que era de seu proprio Rey; e que dissesse a Cojatar que lhe lembrasse que elle tinha a culpa de tudo, e que lho auia de pagar, se elle outra vez tornaua a Ormuz, porque elle auia d'hir á India, e o Visorey auia d'ouvir sua verdade; e que logo lhe mandasse a reposta. Com o que se foy Diogo de Mello, e mandou pôr o mouro na praya, assy como lho prometera.

O Capitão mór ficou muy cuidoso no feito desta carta, e em seu coração ouve contentamento de ter muyto acertado de nom hir á India quando foy a Çacotorá, que esteue de todo mouido se hir á India dar conta ao Visorey do que tinha feito, e lhe pedir justiça dos Capitães fo-

gidos, por * que * Dom [1] * Afonso, * seu sobrinho, capitão de Çacotorá, lhe parecia muyto bem que fosse, pois nom tinha armada, nem gente pera fazer nada. Mas Afonso d'Alboquerque, como era muy maduro em suas cousas, nisto tomou comsigo o bom conselho que lhe compria, e assentou nom hir á India, porque achandose ante o Visorey em contendas com os Capitães, com que auia de ter demandas, abatia muyto em sua honra, porque elles auião de ter dito delle taes cousas ao Visorey, e aos fidalgos e pouo, que auia d'estar já tão mal julgado, e sobre ysto os aggrauos de João da Noua, que primeyro que mostrasse sua verdade andaria auexado, e chegando, mal recebido do Visorey, que pera elle seria o cabo de todolos males, d'onde se podião recrecer outros inconuenientes com que nom ouvesse efeito hum aluará secreto que trouxera d'ElRey, de lembrança, que acabando o Visorey seu tempo o faria Gouernador da India, de que lhe então mandaria sua patente, que forçadamente auia de saber o Visorey, e que por ventura ordenaria o peccado alguma cobiça do Visorey querer estar mais em sua gouernança, que era uma tamanha cousa, e lhe buscaria e ajuntaria algumas culpas com que o mandasse ao Reyno, que as fosse purgar ante ElRey; o que o bem podia fazer: bem feito ou mal feito, já ficaua perdendo o tempo de sua gouernança, com que de todo ficaua perdido pera sempre. E vendo que este era o principal inconueniente que lhe mór dano podia fazer, tudo isto assy praticando com seu sobrinho, assentou nom passar á India senão no anno que vinha, que era de 508, em que então o Visorey acabaua seus tres annos, e então lhe viria sua patente, polo que o Visorey ficaua sem vigor pera em nada lhe poder empecer; assy que lançando estas contas, que forão bem atentadas, se deixou estar em Çacotorá, e tornou a Ormuz como já he contado. E o caso da carta do Visorey, que mandou ao Rey d'Ormuz, foy este: que chegando João da Noua a Cochym se mostrou ante o Visorey com grande dó, fazendo grandes exclamações contra Afonso d'Alboquerque, dos grandes males e erros que tinha feitos nas cousas que fazia contra o seruiço de Deos, e d'ElRey, polo que merecia grande castigo, e elle Visorey estaua a ysso muy obrigado, pois nysso nom prouia, que o podia fazer por ser Visorey da India; e que por elle lhe dizer as cousas que parecião razão o injuriara, e depenara as barbas, que amos-

[1] * Antonio * Aj.

trou, que trazia em hum papel; mas que de suas injurias nom falaua, nem pedia nada, porque ante ElRey o esperaua fazer contra Tristão da Cunha, que fôra a causa, polo mandar com elle; mas que nom recramaua senão o que compria a seruiço d'ElRey prouerse; polo que lhe requeria da parte d'ElRey nosso senhor, que prouesse como justiça que era, e mandasse tirar testemunhas per todo o pouo que vinha n'aquellas naos, grandes, e pequenos, porque se aguardasse o tempo até que viesse Afonso d'Alboquerque já os homens serião mortos, e espalhados onde se nom podessem achar, e se perderia a justiça; e as mandasse perguntar por hum requerimento que fora feito 'Afonso d'Alboquerque, a que nom quisera responder, e o rompera, de que trazia o treslado, que apresentou; e além das sostancias do requerimento se perguntassem deuassamente as testemunhas [1] «de tudo» que soubessem. Ao que Afonso Lopes, e Manuel Teles, e Antonio do Campo, que erão presentes, fizerão muytas exclamações em ajuda do que dizia João da Noua.

O Visorey, ouvindo todo, respondeo contra os Capitães dizendo: «Tendes tamanha noda de culpa em desempararardes vossa bandeira, e» «deixardes vosso Capitão na guerra, que posto em balança nom sey qual» «terá mór peso, vossa culpa, ou os erros de que culpaes Afonso d'Al-» «boquerque. Mas pois quereys testemunhas sem parte citada, nem pre-» «sente, mando que volas perguntem por tudo quanto quiserdes.» O que assy pôs por seu despacho ao pé do requerimento, escrito por Gaspar Pereira, e assinado por elle; onde logo assy em presença de todos mandou dar juramento nos sanctos Euangelhos a Gonçalo Fernandes, e a Francisco Lamprea, escriuão do judicial, e Pero Vaz, que forão tres escriuães, e João Cermenho pera enqueredor, que bem e verdadeiramente escreuessem tudo o que as testemunhas disessem. O que assy feito entendeo em humas cartas, que se nom soube quem lhas dera, ou se erão falças ou verdadeiras, que ElRey d'Ormuz lhe escreueo queixandose ao Visorey, queixandose tambem d'Afonso d'Alboquerque, das sostancias do requerimento dos Capitães; nas quaes cartas o Visorey falou como em desdem, dizendo que sempre os Mouros se queixauão mais do que era; mas porque Ormuz era cousa noua lhe queria fazer mimo. E mandou aos Capitães que entregassem todos os catiuos que tinhão d'Ormuz, que erão

[1] «do todo» Arch.

mais de cento, e os mandou soltar liuremente, antre os quaes era hum mais honrado chamado Coje Çafardim, que disse que era parente de Cojatar, a que o Visorey entregou todos os outros catiuos, e lhe deu cartas de muytos fauores pera Cojatar e pera ElRey, que foy a carta que foy mostrada ao Capitão mór; e porque em Cochym nom acharião embarcação pera Ormuz, lhe deu aluará com que todos se forão embarcar a Cananor, e se forão pera Ormuz. O que assy fez o Visorey mostrando aos Capitães que lhe daua credito a suas cousas; e por outra parte, mostrando que os Capitães tinhão culpa, mandaua tirar as testemunhas, porque os Capitães nom dissessem que nom guardaua justiça, * e * dizia que erão testemunhas sem parte citada, porque Afonso d'Alboquerque contra ellas pudesse requerer seu direito.

Sendo o mouro tornado a terra com o recado do Capitão mór, elle ficou praticando com os Capitães, e pessoas honradas, que pera isso chamou todos á sua nao, falando sobre a carta do Visorey, pedindo a todos por mercê que verdadeiramente lhe aconselhasem o que deuia fazer, porque seu entendimento lhe nom abrangia ao entender, pois o Visorey se nom contentára de nom querer castigar os Capitães que [1] * lhe fogirão, e o * deixarão na guerra, mas mandára cartas a Cojatar de fauores, e soltara os catiuos tomados [2] * na * boa guerra, e na carta palauras com a estima de sua pessoa, com que os Mouros estauão tão fauorecidos que agora lhe farião quantas offenças quisessem, polo descredito em que ficauão todos. Do que os Capitães, e todos ficarão muy espantados, dizendo ao Capitão mór que tudo aquillo desfaria com pouco trabalho quando se visse com o Visorey, mas que seu parecer era que tudo deuia pairar e dessimular com os Mouros, e nom lhe fazer guerra, por auer tanta falta do muyto que auia mester, e mais sobretudo tinha boa escusa com a carta do Visorey. O que assy assentado por todos, estiuerão sem fazer nada tres dias, em cabo dos quaes capeou o mouro da praya, e foy lá o esquife com o lingoa, e o mouro deu hum assinado de Cojatar, que dizia ElRey que nom auia de pagar pareas a elle, nem a outrem ninguem, indaque o Visorey o mandasse, nem lh'entregar os seus Mouros que primeyro forão christãos, e outra palaura de desprezo, com que o Capitão mór tomou muyta paixão, porque já estaua assentado nom fazerem guerra.

[1] De menos no Ms. d'Aj. [2] * de * Arch.

E porque auia falta d'agoa nos nauios mandou Dom Antonio no bargantym que a fosse tomar na Ilha do Queixome, onde chegando achou muytos Mouros com que pelejou, e todauia foy aos poços, os quaes achou cheos de sardinhas podres, com que se tornou sem agoa. O Capitão mór, por acabar d'ensequar o que tinha de sua obrigação, mandou a terra Pero d'Alpoy com João Estão, escriuão, e o lingoa, dizer a ElRey que fosse lembrado que lh'entregára aquella cidade e Reyno, que era d'ElRey de Portugal, que em todo o tempo lhe auia de dar conta de tudo; que as pareas lhe nom pedia, porque o Visorey as mandaria arrecadar, pois d'ysso tomara o cuidado; que sómente lhe pedia que lhe mandasse entregar os quatro homens que lhe furtara, que por causa delles olhasse quanto mal tinha auido sua cidade. Cojatar respondeo por ElRey, que dizia que as pareas elle se pagára bem dellas em Calayate com o que roubara; e que elle nom tinha christãos pera lh'entregar, porque erão já bons Mouros, que estauão rezando nas mesquitas; que se por ysso lhe quigesse fazer guerra que a fizesse, se quigesse, porque nada do que pedia lhe auia de dar. A qual reposta ouvida polo Capitão mór em presença de toda' gente, praticarão o que deuia fazer, porque tinha sabido que a cidade estaua em muyta falta de mantimentos: se estaria assy de cerco até render a cidade, ou se se hiria caminho da India, pera segurar aquellas duas naos, que se nom podião soster á bomba. E foy assentado que aly aguardassem até fim d'Outubro, que podia ser que [1] * virião * aly ter alguns nauios de Portugal. Então se poserão em cerco sobre a Ilha, onde com os batés fizerão muytas tomadias de gente e mantimentos. E porque auia falta d'agoa, o Capitão mór mandou Dom Antonio no bargantym e batés á Ilha de Lara, onde carregou d'agoa, e se tornou, e nom achou quem lha defendesse, e descarregando agoa nos nauios tornou á Ilha por outra carga d'agoa, onde chegando já achou muyta gente na Ilha, com que nom pôde pelejar, e se tornou sem agoa. O que sabido do Capitão mór, se fez prestes, e se metteo no bargantym, e com os batés, e Martim Coelho no seu nauio, onde chegando derão nos Mouros, com que logo fogirão, e os nossos matarão camellos, e vaccas, e cabras, com que fizerão carnagem, e alimparão os poços que os Mouros tinhão sujos, e carregarão agoa, e carregarão muytos mantimentos, com que o

[1] * viessem * Aj.

Capitão mór se tornou ás naos, e deixou o nauio em guarda dos poços, e logo mandou Diogo de Mello que fosse tomar agoa, e Martim Coelho que se tornasse a seu pouso; e assy o fez, e andando de noite no batel vigiando a praya, tomarão hum barco com vinte frecheiros, que leuarão ao Capitão mór, de que soube que passauão pera Ormuz, que erão chamados de Cojatar, e vinhão de huma armada que era chegada a Queixome, que Cojatar mandara pedir a hum Capitão do Xeque Esmael, que estaua ahy perto na terra firme com muyta gente. O Capitão mór mandou arrecadar os archeiros em ferros pera a bomba, e se concertou nos batés, e bargantym, e com o nauio de Diogo de Mello se foy á Ilha de Lara, em que desembarcou, e ouve grande peleja com dous Capitães e muyta gente da Persia, que estauão pagos a soldo que lhe daua Cojatar. Os parseos, atreuendose em suas valentias, nom sabendo como os nossos pelejauão, aguardarão o campo, pelejando fortemente com traçados, e cofos, e zagunchos, e muytas frechadas, mas como os nossos já hião determinados ao feito, poserão as lanças tão fortemente aos Mouros, que os leuarão do campo, e metterão polo lugar, que era grande, onde se muyto defendião; mas o mestre da nao de Francisco de Tauora acodio com panellas de poluora, que leuaua, e lanças de fogo, com que os Mouros forão largando o lugar [1] * fogindo, * ficando muytos mortos, e derribados [2] * de feridas. * Dom Antonio, e Martim Coelho, que forão os derradeiros que chegarão á peleja, vendo que nom podião chegar aos Mouros, rodearão o lugar, e forão dar nas costas dos Mouros, e derão nelles tão fortemente que os fizerão recolher a humas grandes mesquitas, onde se [3] * dos * nossos tanto defenderão até que todos forão mortos, que passauão de tresentos, que os outros passarão das mesquitas, [4] * e forão fogindo; e nas mesquitas, * e lugar se achou bom despojo de vestidos e armas, e muytos cauallos, e mantimentos que o Capitão mór mandou recolher nos nauios; e matarão todos os cauallos, e recolherão muytos carneiros, e cabras, e se encherão d'agoa. E porque o feito foy grande, sendo tantos Mouros e os nossos tão poucos, do que correo grande fama pola terra dentro, o proprio Xeque Esmael louvou muyto os Portuguezes e mandou messagem ao Capitão mór d'amizade, polas boas cousas que del-

[1] Aj. [2] Aj. [3] * os * vem nas duas copias; o que deixava esta passagem inintelligivel. [4] Falta na copia da Aj.

le ouvia; mas já quando o messageiro chegou já o Capitão mór era partido pera a India.

Todos os homens honrados d'armada forão neste feito com o Capitão mór: Gaspar Machado, Diogo Guisado, Antonio de Sá, Bertolameu Pereira, João Coelho, Antonio de Lis, Gonçalo Queimado; e [1] * com * Francisco de Tauora, Francisco de Mello, Jorge da Silueira, Duarte de Souza, [2] * Afonso * da Costa, Bastião de Miranda, Lisuarte Freire, Nicolao d'Andrade, Antonio Fragoso, João Teixeira, Antonio Vogado; e com Martim Coelho, e Diogo de Mello que forão em sua companhia, Diniz Fernandes de Mello, Diogo Camacho, Antonio da Silua, Christouão de Magalhães, Christouão d'Azeuedo, Vicente Freire. E contey estes porque todos forão feridos, porque o feito foy de verdade. Acabado este bom feito o Capitão mór fez recolher a gente, com que se tornou ás naos com grã pressa a mandar curar os feridos. Então mandou Dinis Fernandes na nao de Francisco de Tauora, que fosse á Ilha de Lara tomar agoa, e se viesse Diogo de Mello que lá estaua em guarda, e se viesse pousar no lugar em que estaua o Cirne, que era a nao do Capitão mór.

Estando o Capitão mór esperando por Diogo de Mello, chegou Duarte de Faria no batel, e lhe deu noua que Diogo de Mello, enganado de huns Mouros, que lhe hirião mostrar hum zambuco que estaua carregado de fazenda ahy perto, polo que se meteo com elles em hum barco com dez homens, contra vontade de todos, que lho disserão, e que os Mouros os forão leuar onde estaua 'armada de Julfar, que vinha pera Lara onde já estaua, e os matarão a todos. Do que o Capitão mór ouue grande paixão, e mandou logo Dom Antonio no bargantym, e Jorge da Silueira no seu batel, e lhe mandou que se fosse ajuntar com Martim Coelho, e com o nauio de Diogo de Mello, em que se metesse Dom Antonio, e fossem pelejar * com a armada * de Julfar: o que assy fizerão, e se fazendo á vela, que 'armada vio que encaminhavão pera [3] * lá, * se leuarão as ancoras, e á vela e remo se forão fogindo, que os nossos os nom puderão alcançar. Então tornarão á Ilha, e tomarão agoa, com que se tornarão ao Capitão mór, que foy Jorge da Silueira na fusta, Dom Antonio no nauio de Diogo de Mello, e derão noua ao Capitão mór que o Cirne se nom podia soster com oitenta mouros que lhe dauão á bomba; do que o Capitão mór estaua muy agastado.

[1] De menos no Ms. da Aj. [2] * Antonio * Aj. [3] * ella * Aj.

Onde assy estando neste trabalho, de noite, com a lua noua, lhe deu huma tromenta de vento que lhe ouvera de [1] * sosobrar * as naos, a qual tromenta deu na nao Cirne em tal maneira, que a sosobrara se nom largára as amarras; e se fez á vela, e passando por junto de Martim Coelho lhe disse que se hia caminho da Ilha, por auer abrigo d'aquelle vento, e Martim Coelho se deixou ficar. O Capitão com o recado, que lhe deu Dom Antonio, da muyta agoa que fazia o Cirne, e por já ter assentado de se hir pera a India, se fez á vela, e foy á Ilha pera tomar agoa, e d'ahy partir, como fez quando lá chegou, porque lhe disse Martim Coelho que o Cirne era hido com a tromenta, e lhe dissera Diniz Fernandes que se hia á Ilha d'Ormuz pola outra banda, pera se abrigar do vento; polò que o Capitão mór á pressa tomou agoa até meo dia, que já o vento era brando, e com toda'armada se fez á vela, rodeando a Ilha pera topar o Rey Grande, hindo da outra banda; e ao outro dia ouverão vista do Rey Grande, que hia a huma vista, e seguirão após elle, até que a nao aguardou, e todos juntos, com grande trabalho de bomba das duas naos, chegarão a Angediua a saluamento; e esteue ahy hum dia, dando huma amarra a Francisco de Tauora que nom trazia nenhuma, que as largára com a tromenta. Ao outro dia se partio, foy ter a Cananor, e no caminho Francisco de Tauora abrio huma agoa com que foy na volta do mar pera a tomar, com que desapareceo, e chegou a Cananor dahy a tres dias; onde em Cananor achou o Visorey com sua armada que hia em busca dos Rumes, auendo dous annos e oito mezes que andaua no mar; do que deu muytos louvores a Nosso Senhor, onde fez entrega d'armada ao Visorey, como adiante contarey em seu lugar.

[1] * sobrar * Arch. e Aj.

CAPITULO XI.

QUE FALA DO APRECEBIMENTO QUE O VISOREY FEZ PERA HIR BUSCAR OS RUMES, E CARREGANDO AS NAOS QUE ENUERNARÃO DO ANO PASSADO, CHEGARÃO AS NAOS DO REYNO QUE VIERÃO ESTE ANO DE 508.

Estando o Visorey com grandes trabalhos de auiar pimenta, que auia mester muyta pera as naos que enuernarão do ano passado, e esperando por as naos que auião de vir este ano de 508, chegou a Cochym João da Noua, como já disse, e lhe contou que fôra á vista de Çacotorá, e com calmaria nom pudera chegar ao porto, mas que viera a elle huma almadia, e hum homem portuguez com recado de Dom [1] * Afonso, * Capitão, dizendo que morrião á fome, polo que era muyta gente morta e outra toda doente, e que elle lhe nom dera mantimento, porque o nom trazia, mas que muyto compria acodir áquella gente. O Visorey disse que chegaria Afonso d'Alboquerque, pois vinha em sua companhia, que lho daria. O Visorey mandou logo concertar no mar a nao Frol de la mar, de João da Noua, pera elle hir nella aos Rumes; mas todo seu mór cuidado era carregar as naos do Reyno, e como huma era acabada de carregar a mandaua partir, porque nom sabia quanto lhe abrangeria a pimenta. E sendo na fim de Outubro chegou a Cochym Ruy da Cunha, e Tristão da Silva, e dahy a dez dias chegou João Rodrigues Pereira, e Aluaro Barreto, todos com naos pera carregar, que este ano partirão do Reyno, a que ElRey mandára que andassem quanto podessem, e nom aguardassem humas por outras, polo que todas se apartarão. Estas * que * chegarão derão noua d'armada que este ano partira do Reyno, que he a seguinte.

[1] * Antonio * torna a escrever erradamente o copista da Aj.

ARMADA

DE

JORGE D'AGUIAR.

QUE PARTIO DO REYNO ANO DE 508.

CAPITULO I.

Este presente ano partio do Reyno Jorge d'Aguiar por Capitão mór d'armada, o qual vinha na nao Sam João, nao grande e noua, que ElRey mandaua que nella se fosse o Visorey pera o Reyno; e Vasco Carualho armador na nao Carualha, e Ruy da Cunha na Gallega, e João Rodrigues Pereira na Bota fogo, e Aluaro Bareto em Sancta Marta, e Tristão da Silua na Magdalena, e Gonçalo Mendes Çacoto na Ribalta, e Francisco Pereira Pestana na Lionarda, pera Capitão de Quiloa; e Pero Ferreira fosse estar por Capitão de Çacotorá; e todas estas naos grossas pera carregar. E vinha Jorge d'Aguiar pera andar d'armada por Capitão mór no cabo de Guardafuy, todo o tempo que Afonso d'Alboquerque gouernasse, e acabando seus tres anos ficasse Jorge d'Aguiar na gouernança da India, e seria com elle Capitão mór do mar seu sobrinho Duarte de Lemos, que tambem veo nesta armada, ordenado por ElRey por Capitão mór de quatro nauios pequenos, a saber, elle em Sancta Cruz, Diogo Correa no Rosairo, Gaspar Cão na India, Fernão d'Ataide em Sancto Antonio, pera com estes quatro nauios hir a Ormuz, e tomar 'armada que lá trouxesse Afonso d'Alboquerque, e que auia de ficar guerreando Ormuz, e Afonso d'Al-

boquerque se vir á India tomar sua gouernança, de que nestas naos lhe ElRey mandou sua patente em todas as vias, e que gouernando Jorge d'Aguiar, após Afonso d'Alboquerque, então Duarte de Lemos seruiria de Capitão mór do mar da India. Veo nestas naos muy boa gente d'armas; e vindo na paragem das Ilhas de Tristão da Cunha os pilotos disserão a Jorge d'Aguiar que se fazião com as Ilhas, que era necessario pairar aquella noite, porque per seu ponto vinhão dar nellas. Jorge d'Aguiar, cobiçoso de nom perder caminho, porque trazia bom vento nom quis pairar, contra vontade de todos; e porque o visem, ao sol posto tomou todalas velas, e ficou com os papafigos sem monetas, e se pôs diante de todos, e mandou acender grande forol, e que o seguissem, o que assy fizerão; sem querer dar polo que o seu proprio piloto lhe bradaua. E por a noite ser escura, e parece que nom leuou tão boa vigia como deuera, deu em huma das Ilhas, que são pedra e nom tem fundo, onde a nao se fez em pedaços, sem escapar cousa viua. Aluaro Barreto, e Tristão da Silua, que hião mais perto, e leuauão boa vigia no forol, o virão desaparecer de supito sem o tornarem a ver, o que causou trouação na gente, polo que os pilotos logo se fizerão em outra volta, tirando bombardadas, fazendo sinaes de fogo d'outra volta polo proprio caminho que trazião; e poserão ao pairo, o que assy fez toda 'armada até que amanheceo, que tornarão a caminho, e ao meo dia ouverão vista de huma das Ilhas, e polo mar virão madeira da nao que se perdeo; com que todos seguirão seu caminho, cada hum quanto mais podia andar, e chegarão a Moçambique assy hum e hum, que logo passauão pera a India, onde chegarão os que nomehey. Mas chegando a Moçambique, Duarte de Lemos ajuntou seus nauios, e com elle Francisco Pereira pera o meter na Capitania de Quiloa, e a nao leuar Pero Ferreira a Çacotorá, e o meter na capitania, e na nao de Dom Afonso se embarcar pera a India. Os quaes assy forão, e o que passarão adiante se dirá.

Nestas naos d'este ano, que forão a Cochym, vierão ao Visorey muytas cartas de ElRey, e de seus irmãos, antre as quaes lhe mandarão cartas que Gaspar Pereira, sacretario, tinha mandado, em que dizia grandes males do Visorey; mas como elle era homem de muyto bom sizo, e grandioso em suas cousas, e confiado em seus feitos, nom quis entender em nada com Gaspar Pereira, por assy o tempo ser de muytos trabalhos em que andaua occupado. Sómente hum dia, estando o Visorey com muytos

fidalgos assentado na ramada da porta da fortaleza, onde tambem estaua Gaspar Pereira, o Visorey disse a hum seu paje: « Vaime trazer humas » « cartas que estão debaixo da cabeceira da minha cama. » E o moço lhas trouxe. Então o Visorey chamou Gaspar Pereira, e lhe meteo as cartas na mão, e lhe disse: « Muyto honrado Gaspar Pereira. Aquy, presente » « estes Senhores fidalgos, » dizey « se estas cartas são vossas. » As quaes Gaspar Pereira vendo, ficou sem sangue no rostro, o que nom podendo negar, disse que sy. Então o Visorey as tornou a tomar, e mandou trazer huma cadeira d'espaldras, que mandou pôr no meo da ramada, diante de toda'gente, e mandou Gaspar Pereira assentar nella; o que elle nom queria fazer, e o Visorey lhe disse: « Gaspar Pereira, até aquy fiz o que « vós mandastes, e por ysso he razão que vós agora façaes o que vos » « eu mando; e assentaiuos como mando. » Então o Visorey, falando com todos, disse: « Senhores, aquelle que aly está he Gaspar Pereira, que » « ElRey meu senhor fez sacretario da India pera euangelista de meus fei- » « tos, e de todos os que nestas partes seruimos, e se elle de Vossas Mer- » « cês tem dito como de mym todos merecemos muyta pena; e a mym » « parecendome que nom era tal, por eu ser ignorante, deixey tanto cre- » « cer seu credito, de que tomou tanto pera sy, que me quis fazer seu » « criado, e me mandaua que assinasse cousas que lhe eu nom mandaua » « fazer, sem mo perguntar; o que lhe eu disse de mym a elle como » « era razão, como bom amigo, e elle foy disso em tanto conhecimento » « que por suas cartas me quis fazer medrar com ElRey meu senhor, e » « outros senhores do Reyno, a que escreueo de mym os bens que agora » « ouvirês. » Então mandou ao moço que lesse as cartas e os sobre escritos pera quem hião, o que o moço tudo leo alto, que todos ouvirão, em que se virão cousas vergonhosas de falsidades que escreuia do Visorey, em tal maneira que os que estauão á roda estauão corridos de as ouvir, e pedirão ao Visorey que as nom mandasse lêr, que auião vergonha de as ouvir. Então o Visorey mandou guardar as cartas, dizendo que as auia de mandar a ElRey, que visse o bom sacretario que lhe dera quão bom notairo era; que estas cartas erão pera os do conselho, e outros fidalgos com que elle nom estaua muyto corrente, mas nas cartas que lhe ElRey escreuia, nellas lhe tocaua em muytas sostancias do que auia nestas cartas que lhe vierão á mão. Então o Visorey disse: « Gaspar Pereira, nom » « quero mais vingança de vós que esta, se o vosso coração sente a dor »

«que sente o rostro enuergonhado. Na Ribeira de Lisboa poem hum ho-»
«mem á vergonha, e lhe pendurão ao pescoço hum pexe que furtou, e»
«sente vergonha estando antre gente ciuel. He razão que tenhaes muyta»
«vergonha, por estardes antre tão honrada gente assy empicotado como»
«estaes, com cartas ao pescoço de vossas falsidades tão vergonhosas, de»
«que são prezentes aquy tão honradas testemunhas; que postoque em»
«mym ouvera aquellas vilezas, por boa onestidade e acatamento das pes-»
«soas honradas a que as escreuieys, nom deuêreys falar com tão deso-»
«nestas palauras. Eu confio que ElRey meu senhor vos fará por ysso as»
«mercês que lhe mereceys, se a mym nom castigar de meus erros de»
«que me acusaes; e vós já tendes satisfação á feitoria de Cochym, a»
«que vos logo passarey, onde vos não faltarão praceiros que ajudeys, e»
«vos ajudarão.» Então logo aly o Visorey deu cargo de sacretario a hum Antonio de Sintra, moço da camara d'ElRey, a que mandou ao Ouvidor que lhe désse juramento do cargo, dizendo que escreuesse a ElRey, e a quem quizesse, de todo o mal e bem a verdade. Do que mandou fazer auto em que assinou estas palauras, que o Visorey mandou guardar; e se foy Gaspar Pereira ficando o Visorey praticando com os fidalgos, e se queixando que tanto poder tiuerão as mentiras de Gaspar Pereira que ElRey lhe mandaua, sob pena de perder seu preço, lhe escreuesse todo o que fazia e tinha feito na India, o que pera a sua condição era o mór tormento que se lhe podia dar.

CAPITULO II.

DAS COUSAS QUE O VISOREY NOVAMENTE PROVEO, DE QUE DEU CONTA A ELREY PER HUMA CARTA QUE LHE ESCREUEO, NA QUAL RESPONDEO A MUYTAS CARTAS QUE LHE ELREY MANDOU NAS NAOS D'ESTE ANO, E ESTANDO EM CANANOR DESPACHANDO AS NAOS DO REYNO, VEO DE ORMUZ AFONSO D'ALBOQUERQUE, E O QUE AMBOS PASSARÃO.

O Visorey, como era muy zeloso do seruiço d'ElRey, tinha muyto cuidado de saber todalas cousas que comprião pera bem da fazenda d'ElRey; o qual veo a saber que os marinheiros das naos, que carregauão, furtauão a pimenta, e com ella comprauão cousas de comer, que a gente da terra lhe leuauão a vender ás naos; no que o Visorey prouendo, man-

dou aos capitães das naos que carregauão estiuessem nellas, e tiuessem boa vigia neste furto da pimenta que os marinheiros fazião, e como os Capitães estando nas naos perdião de vender suas mercadorias, e nom comprauão as que auião mester, se amostrarão nisto muyto aggrauados do Visorey, e abertamente praguejauão delle, dizendo que os mandaua estar embarcados pera que elles nom comprassem nada, e elle Visorey tudo atrauessar e comprar pera sy. Do que o Visorey se muyto sentio, e se queixou a ElRey d'elles, e lhe escreueo que lhe certificaua que em quanto seus capitães, e officiaes de justiça e fazenda, comprassem e vendessem, e tratassem, nom lhe farião bom seruiço; que por tanto lhe désse grandes ordenados, e os fizesse ricos de sua fazenda, e lhe tirasse esta capa do tratar, porque sob ella lhe fazião muytos desseruiços, de que alguns carregauão sobre sua consciencia.

Nos anos passados o Visorey mandaua sempre carregar as quintaladas que os homens vencião quando se hião pera o Reyno, do que ElRey se agastou, e no Reyno tomaua a pimenta, e mandaua pagar a cada hum o que lhe fòra descontado de seu soldo; polo que o Visorey nom carregaua nenhumas quintaladas aos homens que ficauão seruindo, e tudo deixava pera quando se fossem, sobre o que lho muyto pedião os homens, e elle se escusaua, dizendo que a gente que hia nas naos carregauão muyto, e ficaua pouco pera ElRey, que por ysso se nom podia carregar dos que ficauão, polo que nem elle mesmo carregaua nada de seus vencimentos, que quando carregasse o seu carregaria o de todos: com o que se escusaua das emportunações dos homens. E porque neste anno hião muytas naos nouas, e velhas, assentou de fazer n'ellas carregação de todo o que os homens tiuessem vencido em seu tempo; sobre o que primeyro tomou conselho com os Capitães e officiaes, dizendo que queria carregar a todos o que tiuessem vencido em seu tempo, porque se elle se fosse pera o Reyno sem lho carregar ficaua sobre sua consciencia, pois com elle tinhão seruido e vencido, porque depois vindo outro mandador, que lho nom quereria carregar, pedirião d'elle justiça a Deos, porque lhe nom pagára seruindo com elle; e outro mandador assy lho responderia: « Por- »
« que vos nom pagou com quem seruistes? que eu pagarey aos que co- »
« migo seruirem. E assy ficarião sem pagas de meu tempo, de seus suo- »
« res, e aleijões, e sangue, e idades gastadas. E porque eu nom que- »
« ro leuar má fazenda pera o outro mundo, me quero desencarregar »

« de tamanha carga, e fazer todas as carregações vencidas em meu tem- » « po. » E porque hião este anno muytas naos, e tudo hiria ao poder d'El-Rey, lá faria o que fosse sua vontade; e se nysto erraua lá hia tambem o seu, em que ElRey faria a execução que lhe aprouvesse; e se nysso perdesse o que tinha ganhado folgaria, porque o nom auia por bem ganhado; e porque ysto fosse como à ElRey nom ficasse perda corressem as quintaladas o risco em todas as naos. E ysto assy assentado o mandou apregoar, e pôr aluarás na porta da fortaleza e feitoria, noteficando que elle carregaua suas quintaladas, e mandaua carregar de todos, que auião de correr risco em todas as naos, e que se algum d'ysto nom fosse contente o fossem dizer, e lhe nom carregarião nada; mas toda' gente foy muyto contente, porque determinauão de todos se hirem pera o Reyno com o Visorey. E o Visorey escreueo a ElRey que fizera esta carregação porque lhe nom carregassem muytas diuidas, e tambem porque hia pelejar com os Turcos, e podia ser que muytas d'estas quintaladas ficarião ás viuvas e orfãos, porque o feito auia de ser de verdade.

Neste conselho o Visorey praticou se seria bom dar em Calecut quando fosse de caminho pera os Rumes, e assentarão que não; pois hia pera cousa mayor deixasse a menor. Dom Aluaro, Capitão de Cochym, por ter acabado seu tempo, pedio licença ao Visorey pera se hir pera o Reyno, a qual lhe deu, e fez Capitão de Cochym Jorge Barreto; e prouido Cochym do que compria, mandou andar no mar toda a armada, pera elle tambem se hir a Cananor com as derradeiras naos do Reyno, pera dahi as despachar, e elle se hir a Dio. E sendo de todo prestes se foy despedir d'ElRey, e lhe entregou as chaues da fortaleza em hum bacio de prata, com grandes honras, dizendo que elle hia a pelejar, e nom sabia se ficaria viuo; e por tanto lhe entregaua aquella fortaleza que era sua, de que erão aquellas chaues, que elle da sua mão as désse a quem quigese, porque nella deixaua por capitão da gente pera o seruir Jorge Barreto. ElRey de Cochym tomou dysto grande contentamento por grande ponto d'honra, e tomou as chaues, e as deu ao Capitão mór, dizendo que fosse guardar a fortaleza; e disse ao Visorey que se fosse muyto embora, que elle tornaria com muyto prazer. Com que o Visorey se despedio, e foy embarcar, e se partio, e foy a Cananor, leuando comsigo as derradeiras naos da carga; onde auia tres dias que estaua dando préssa

ás naos do Reyno que partissem, * quando * chegou Afonso d'Alboquerque, que veo d'Ormuz.

O qual chegando, que sorgio, fez salua d'artelharia, e logo desembarcou, tirando a bandeira da gauea, que foy cousa bem atentada; e com elle Martim Coelho, e Dom Antonio, Capitães dos dous nauios; e foy desembarcar no caez, e entrando pola porta chegou o Visorey com muytos fidalgos, onde ambos se abraçarão, e com muytas cortezias dos fidalgos forão á Igreja fazer oração, e dahy se forão ás casas da feitoria, onde pousaua o Visorey, onde ambos apartados falarão hum grande pedaço, dandolhe conta das cousas d'Ormuz, e sobre todo lhe falou nos Capitães que lhe fogirão, de que se muyto queixou nom estarem presos, e em nada os ouvir. O Visorey lhe disse, que ouvilos nom se podia escusar, que nem por isso [1] * careceriáo * do castigo que elles merecião; que tambem os satisfazer em mandar tirar testemunhas, que lhe pedirão, que, [2] * valia * muy pouco, por elle nom ser presente pera as ver jurar; e porque achára Afonso Lopes da Costa mais culpado que os outros o mettera em ferros, e com as culpas que lhe achára o mandaua ao Reyno; que elle tambem podia mandar a ElRey as culpas que tiuesse; e que os outros, Manuel Teles, e Antonio do Campo, andauão presos em menagens, porque tinha necessidade de gente; que como tornasse entenderia com elles como fosse justiça; e que se elle tiuera os poderes como Capitão de Italia fizera delles justiça, porque nom tinhão desculpa a desempararem sua bandeira na guerra, e fogirem pera outra parte; e que se elle nom tornasse de Dio tudo lhe ficaua na mão como quigesse. E assy o Visorey lhe deu conta de muytas cousas de seus trabalhos, e do feito de seu filho, do que Afonso d'Alboquerque mostrou tristeza vendo a paixão do Visorey, e disse que em Ormuz lhe derão a noua, mas porque duvidára, crendo que os Mouros 'aleuantauão porque elle largasse o cerco, do que tinha muyto pezar, que lhe pedia muyto por mercê que folgasse que fosse em sua companhia, por a romaria ser de tanta honra. Ao que o Visorey rendeo grandes agardecimentos, com muytas cortezias, dizendo: « Senhor, Vossa Mercê vem tão cansado de seus grandes tra- »
« balhos que seria peccado tal lhe consentir. Vase muyto embora a Co- »
« chym descançar, com a gente que ouver mester, porque, se eu peri- »

[1] * carecia * Arch. e Aj. [2] * valião * Arch. e Aj.

«gar, saibão os Mouros que em Cochym tem o Visorey pera os casti-»
«gar; e leue o Cirne, e o mande varar, porque de nouo se correja.»
Onde já estas praticas falauão os fidalgos, que com todos se forão jantar, e acabado se recolherão ambos em suas praticas; com que se despedirão com suas cortezias, e Afonso d'Alboquerque se foy dormir á sua nao. O Visorey vinha embarcado na Frol de la mar com João da Noua, que mandara muyto bem concertar; *e* trabalhou o Visorey polos fazer ambos amigos.

Sendo Afonso d'Alboquerque recolhido á nao o forão ver muytos fidalgos, e pessoas honradas, e como quer que já sabião que elle auia de ser Gouernador, cada hum lhe fazia seus offerecimentos e [1] *lijonjarias,* per modos de lhe ganhar a vontade pera quando lhe comprissem seus negocios; em que ouve alguns que lhe contarão as brasfemias e males que os Capitães delle disserão, e as repostas que lhe dera o Visorey, que de suas injurias nom entendia nada, mas que dos erros que apontauão contra o seruiço d'ElRey déssem artigos, e se perguntassem testemunhas; o que todo assy fora feito, e as deuassas hião com Afonso Lopes da Costa, que fengidamente o mandaua [2] *preso* ao Reyno, pera ante ElRey fazer as accusações contra elle; e lhe fizerão entender outras cousas com que muyto danarão a vontade a Afonso d'Alboquerque da boa amizade que ficára com o Visorey, e lhe pesou de ter hido a terra; e o que ysto mais enburulhou foy hum parente de Gaspar Pereira, que fez entender 'Afonso d'Alboquerque que as contendas d'antre o Visorey e Gaspar Pereira forão por lhe hir á mão, quando o Visorey dizia que nom auia de largar seu mando, sem primeyro vir do Reyno outra prouisão d'ElRey, e sobre ysto as deuassas que mandaua tirar, polo que o Visorey lhe tomára odio; e que as boas palauras que lhe o Visorey falasse, dizendo que lhe entregaria a India, as tiuesse por falças. Com o qual incitamento Afonso d'Alboquerque tomou muyta paixão, e ao outro dia foy a terra ouvir missa onde estaua o Visorey, que o recebeo com suas honras, mas na secura d'Afonso d'Alboquerque logo o Visorey entendeo nella que vinha mudado; e saydos da Igreja, com muytos fidalgos, se forão á ramada da porta da feitoria, onde trauada a pratica, Afonso d'Alboquerque, em presença de todos, disse ao Visorey: «Senhor, muyto me es-»

[1] *lisonjas* Aj. [2] Falta no Ms. da Aj.

«panto de Vossa Senhoria, que tendo o grão de tamanha priminencia»
«de seu titulo de Visorey da India, tão obrigado ao primor de direita»
«justiça, ante Vossa Senhoria se apresentarem tres Capitães que arre-»
«negarão o seruiço d'ElRey nosso Senhor, desemparando sua bandeira,»
«e seu Capitão mór ficando no campo pelejando na guerra, em que lhe»
«ElRey nosso Senhor mandou que seruissem; tendo a cidade d'Ormuz»
«cercada e apertada, que dauão muyto dinheiro, e em ponto de s'en-»
«tregar a cidade, o que tudo se perdeo por estes Capitães fazerem ta-»
«manha trayção ao seruiço d'ElRey nosso Senhor. E porque elles aquy»
«são presentes, requeiro a Vossa Senhoria, da parte de Sua Alteza, que»
«tamanho delito e insulto nom passe daquy sem grão castigo, segundo»
«seu merecimento, pois que ao tempo que ante Vossa Senhoria se apre-»
«sentarão deu tanto credito a suas enformações que andão soltos, sem»
«tão sómente os nom desapossar das capitanias em que fizerão o male-»
«ficio, pera o que nom tem menagens, e em meu poder as deixarão»
«assinadas, que mostrarey, se comprir, com estromentos de toda' ver-»
«dade *o* que tenho dito. Polo que peço a Vossa Senhoria que faça»
«comprimento de justiça, como seu atrayçoado feito merece, com per-»
«dimento de suas fazendas, que per autos confisquey pera a coroa real.»
«E se ysto ouver por trabalho, pola occupação em que está, os mande»
«segurar em ferros dentro na prisão d'esta fortaleza, até a vinda de»
«Vossa Senhoria, pera delles fazer comprimento de justiça, porque dous»
«homens nom lhe fazem falta onde estão tantos nobres caualleiros e fi-»
«dalgos, ou tambem, se no caso nom quiser entender, os mande todos»
«ao Reyno com suas culpas, e se vão liurar ante Sua Alteza.»

Ao Visorey bem lhe pareceo tudo o que disse Afonso d'Alboquerque, mas porque já ysto tinhão praticado antre ambos, entendeo o Visorey que ysto era abalo nouo, e lhe respondeo: «Senhor, vós e eu ti-»
«nhamos já nysto falado, e de mym vos tinha dado tal razão que de-»
«uêreys ter por escusado esta accusação em publico, em que eu fico [1]»
«*mais* culpado de negligente em justiça que elles no delito. Quando»
«elles vierão, que de vós me fizerão accusações, nysso nom entendi,»
«porque nom ereys presente; as testemunhas que mandey tirar foy com»
«medo, porque me affrontarão que erão sostancias de muyto seruiço de»

[1] *o* Arch. e Aj.

«Sua Alteza, que estão çarradas; mas sem duvida que ao presente nada»
«do que Vossa Mercê pede posso bolir, nem o deuereys querer, vendo»
«meu trabalho, em que tenho as mãos e pés, e a sostancia que vedes.»
«E se Deos quiser que torne farey o que me parecer justiça, e se nom»
«tornar, ahy vos fica tudo como quiserdes; e se elles morrerem me-»
«lhor he a justiça do Ceo, que da terra.» E com estas outras rasões, com que se despedio Afonso d'Alboquerque muy agastado, e se tornou á nao.

Como se abrio começo d'estes debates recrecerão outros descontentamentos em mais crecimento, porque os proprios Capitães buscauão modos pera *que* antre o Visorey e Afonso d'Alboquerque ouvesse taes cizanias com que lhe nom entregasse a gouernança da India, com que Afonso d'Alboquerque tiuesse taes trabalhos que esquecessem suas acusações. Outros, que esperauão de s'aproueitar d'Afonso d'Alboquerque em sua gouernança, se dauão a grande amizade com elle, e com elle praticauão, dizendo que o Visorey com elle nom fazia o que deuia por se mostrar grande e nobre, o que a muytos parecia mal; o que muyto atiçauão alguns que andauão aggrauados do Visorey, dizendo que se Gaspar Pereira aly fora sacretario lhe fizera entregar sua gouernança, porque o Visorey tinha acabado seu tempo, e vinda prouisão que se fosse nestas naos de Jorge d'Aguiar; polo que o Visorey lhe daua grande pressa que partissem, com arrecêo que tinha que lhe pedisse seu cargo; e que erraua em o nom fazer, porque já todos lhe obedecerião como Gouernador que era; e nom deixasse perder seu tempo, porque outro Gouernador, que após elle viesse, nom lhe leuaria em conta o que deixasse perder de seus tres annos, que se começauão na partida d'estas naos; e que tomasse 'armada, que era sua, e fosse destroir os Rumes, que seria tamanha honra no começo de sua gouernança. Com as quaes sostancias tanta empressão fizerão em Afonso d'Alboquerque, que lhe fizerão formar hum requerimento por escrito, que apresentasse ao Visorey, pedindolhe sua gouernança; pera o que muytos se conuidarão que serião presentes pera nysso ajudarem, ou ao menos serião testemunhas do que se passasse.

Estando já o Visorey embarcado, acabando de despachar as naos pera elle logo se partir, Afonso d'Alboquerque foy ao Visorey, que estaua assentado na tolda com muytos fidalgos, que o Visorey recebeo com muytas honras, e assentados todos, Afonso d'Alboquerque disse ao Visorey de palaura toda a sostancia do requerimento que leuaua *no* pa-

pel: do que o Visorey ouve muyta paixão, porque vio que erão mouimentos de maos conselhos d'alguns que nysto se quererião vingar delle, e outros que nom querendo guardar honra quererião ganhar de nouo. O Visorey, com muyta mansidão e bom rostro, porque no requerimento auia protestos e pedia estromentos, chamou Antonio de Sintra, sacretario, e lhe disse: «Dai ao senhor Afonso d'Alboquerque quantos estro-» «mentos e papés vos pedir, e muyto bem concertados, porque lhe muy-» «to cumprem, e mais lhe passai huma prouisão pera o feitor Gaspar» «Pereira, que do meu vencimento tire hum ano, e lho pague, porque» «este tempo que agora siruo he da sua gouernança, que elle ha de ven-» «cer, e eu não.» Então disse Afonso d'Alboquerque: «Senhor, eu cui-» «dey que vinheys tão cansado dos trabalhos que ouvesseys por muyto» «maior logo entender nestes da gouernança, que eu hey que são os» «maiores que póde ter huma boa alma neste mundo, que temer a Deos;» «e folgasseys ficar descansando até eu tornar; porque este trabalho [1] te-» «nho nas mãos por eu ser pay do filho morto, polo que Vossa Mercê» «deue auer por bem nom me tirar a esperança, com que vou, da vin-» «gança que espero em Nosso Senhor que me dará, nom olhando meus» «peccados, por sua grande misericordia. E sêde vós o juiz, se o caso» «fora vosso, se mo déreys, estando neste ponto em que estou, que nysto» «acabando meus dias sayrei do purgatorio d'este mundo; e se a Nos-» «so Senhor aprouver por sua misericordia que torne com vencimento» «d'estes seus imigos, folgai de me deixar gozar d'este pequeno prazer» «que posso ter nestes tristes dias que viuer. Vossa gouernança na mão» «a tendes, eu sómente fico por ospede até tornar; e nom he necessa-» «rio apontar que tenho acabado meu tempo, porque com a morte de» «meu filho acabou meu contentamento. Muyto, senhor, vos peço por» «mercê que nysto nom aja mais debates, porque se o bem olhardes acha-» «reys por mym tantas razões, que folgareys de o fazer; e nom deys» «entendimento, nem orelhas, a quem depois dirá de vós como agora fa-» «zem de mym. Assy, Senhor, que em tudo o que pedis, e protestaes,» «o concedo e outorgo, que tudo he vosso. Vasse Vossa Mercê a Co-» «chym, que tambem lá nom faltará em que trabalhar; despache suas» «cousas pera o Reyno, porque ámenhã por noite queria deitar estas naos»

[1] «que» Arch. e Aj.

« daquy, e se mandardes que mais aguardem farseha o que mandardes. » Lourenço de Brito, Capitão de Cananor, era presente á pratica, e disse a Afonso d'Alboquerque : « Senhor, melhor he Cananor pera folgar, e que-» « rer aquy ficar será grande mercê, e eu hiria ver que cousa são estes » « Rumes. » Respondeo : « Senhor, eu nom escolho, nem tomo nada, só-» « mente faço o que manda Sua Alteza. » Com o que se despedirão amigos e contentes, porque Afonso d'Alboquerque cayo na razão, que era cousa muy desarezoada pedir ao Visorey taes cousas, e se arrependeo muyto de o ter feito per maos induzimentos, e offereceo ao Visorey muyto dinheiro, de que lhe elle deu muytos aguardecimentos, dizendo que tudo tinha o que lhe compria. E Afonso d'Alboquerque neste dia despachou suas cousas pera o Reyno, e se partio pera Cochym, que no caminho se ouvera de perder, com muyta agoa que a nao fazia. E neste dia á noite o Visorey despedio as naos do Reyno, e nellas mandou a ElRey esta carta, que me pareceo que muyto compria á sostancia d'esta Lenda, que he a seguinte :

[1] « Muyto alto, e muyto poderoso Rey meu senhor. »

[2] « * Grande paixão * he pera mym escreuer a Vossa Alteza, porque nom posso deixar de tocar cousas que cortão minha alma, as quaes tinha determinado deitar da memoria quanto em mym fosse, por vos melhor poder seruir, como são todos os meus desejos ; e fazia fundamento que as cousas [3] * de cá * vos escreuia Gaspar Pereira, que he [4] * muyto * fiel e verdadeiro seruidor, e homem de mór marca que os chronistas ; e me parecia que acertaua nysso huma fidalguia que Vossa Alteza me auia de gabar ; e inda lhe certefico que era doente de Gonçalo Fernandes, que as cousas de Napoles nom escreuia á Raynha, mas tinha dysso cargo outro Gaspar Pereira, pudera ser nom tal como este. Os dias que Nosso Senhor [5] * quiser * que cá estê farey inteiramente o que [6] * me * Vossa Alteza manda, e nom o que me defende, postoque nysso vá contra vossa alma, honra, e fazenda. »

[1] Avaliando o snr. Lopes de Mendonça, distincto academico, a importancia d'este documento, o publicou nos *Annaes das Sciencias e Lettras* T. II (Abril e Maio de 1858) pag. 79 e 141. Da copia de que elle se serviu, que é d'Academia Real das Sciencias de Lisboa, e do principio do seculo XVIII, tirámos as variantes notadas com a abbreviatura *Ac.* [2] * Gram compaixão * Ac. [3] * que * Ac. [4] * muy * Ac. e Aj. [5] * quer * Ac. [6] Falta no Ms d'Ac.

«Meu filho he morto, como a Deos aprouve e meus peccados [1] * merecerão. * Matarãono Venezeanos, e Mouros do Soldão, como poderá saber [2] * por esse * homem que ahy foy tomado; da qual cousa ficarão os Mouros d'estas partes muy fauorecidos e com esperança de grande secorro, e pareceme que nom podemos escusar de este anno nos vermos com elles de verdade, que será cousa que eu mais desejo, porque me parece, [3] com [4] ajuda de Nosso Senhor, que os auemos de somir todos nesse mar, que nom tornem delles nouas a sua terra; e se Nosso Senhor fôr seruido que nysso acabem meus dias, alcançarey o [5] * mór * descanso que busco, que he ver meu filho na gloria, onde nos Nosso Senhor leuará por sua misericordia, pois morremos por elle e por vós. E porque neste cartipacio nom torne mais a esta materia, faço saber a Vossa Alteza que se os Mouros este anno nom poderem comnosco, como espero em Nosso Senhor que será, nem [6] * lhe * vier tamanha armada como [7] * elles * esperão, que será por elles nom terem tempo depois de lhe darem esta desauenturada noua; porque pera o outro ano aja por certo que se ajuntarão contra vossas gentes muyto grandes poderes, por mar e por terra, porque de Malaca até Ormuz ha mais Mouros que no Reyno de Fez, e de Tunes, todos daneficados de nós.

Á feitura d'esta, que são vinte de Nouembro, tenho nouas de Lourenço de Brito, que lhe mandára dizer Timoja de muytas naos d'armada que vem da [8] * costa * d'além, d'estas gentes a que chamão Rumes; e assy me escreuerão que em Dio se fazião naos e galés da propia marca das nossas; porém quantas quer que ellas sejão, eu sairey d'aquy em fim de Dezembro, e hiloshey buscar a Dio, e farm'ha Nosso Senhor mercê achar o mar cheo delles, porque com estes poucos vossos criados, em que está toda vossa força, desarmados, e aleijados de feridas, e descontentes dos setenta por cento que lhe lá fazem de [9] * quarto * e vintena, elles e eu mostraremos o que ha em nós.»

«Mandey desfazer o nauio de Felippe Rodrigues, e de Gonçalo de Paiua, e d'Antão Vaz, e de Lucas d'Afonseca, e de Jan'Homem, e de Lopo Chanoqua, que já o outro ano nom puderão nauegar se nom fôra o muyto adubío que lhe mandey fazer, e tambem porque eramos tão pou-

[1] * merecião * Aj. [2] * d'esse * Aj. [3] * que * Ac. [4] * a * Ac. [5] Ac.
[6] * lhes * Ac. [7] De menos no Ms. da Ac. [8] * banda * Ac. [9] * quatro * Ac.

cos, que repartidos polos outros nauios ainda [1] * ficámos * mal marinhados. »

« Anda [2] * já * no mar Pero Barreto por Capitão mór, e com elle Manuel Teles, Antonio do Campo, e o nauio de Afonso Lopes, que os mandey [3] * muyto * bem concertar, que vierão d'Ormuz muyto danefícados; e tambem anda com elles Pero Cão em huma carauella que cá fiz, e Felippe Rodrigues na Espera, que este ano pûs a monte, e concertey de nouo; e Aluaro Paçanha, e Luis Preto em [4] * duas carauellas, * que fiz muyto bem [5] * armadas, * e Simão Rodrigues no bargantym, e as galés, que tambem corregi, em que anda Diogo [6] * Pires, * e Payo Rodrigues de Sousa, a qual armada me anda esperando sobre Calecut, até me hir ajuntar com elles; e Nuno Vaz Pereira, que mandey a Ceylão, e [7] * Diogo * de Faria, que tornarão em Outubro, prazendo a Nosso Senhor, antes que d'aquy parta a frota. »

« O Comendador Fernão Soares [8] * neste * Mayo passado veo demandar esta costa, que era boca d'inuerno, com tamanho temporal que nom póde al fazer senão colherse detrás do cabo de Comorym; de que fuy logo auisado, e que nom [9] * podia * vir a Cochym senão em Outubro. Cuidey que era Afonso d'Alboquerque que vinha d'Ormuz; fiz logo prestes huma carauella carregada de mantimentos, e hum grosso estrem com huma ancora de forma. Arrecearão muytos a hida [10] * da carauella, * porque era já inuerno, e aceitou a hida Gracia de Sousa, postoque era muy perigosa, e o leuou Nosso Senhor a saluamento, e achou que era o comendador que estaua em muyta necessidade, ao que lhe a carauella deu muyto remedio, e com cartas que escreuy ao Rey da terra, que lhe mandasse vender o que ouvessem mester, [11] estiuerão á sua vontade; onde tambem enuernou Gracia de Sousa. Trazia a nao muytos homens feridos, e alguns mortos, de huma nao de Mouros que abalroou no golfam, com que pelejou [12] * até * noite, e nom fizerão tão pouco quando se della [13] * liurarão. * »

[1] * ficavamos * Ac. [2] Ac. [3] * muy * Ac. [4] * dous carauelões * Ac. [5] * armados * Ac. [6] * Pais * Ac. Diogo Pires é que deve ser, segundo *Cast. Hist. da India* Liv. II. Cap. XC. Na copia da Aj. vem Pero Pires, que tambem é erro. [7] * Pero * Aj. Diogo vem nos Mss. do Arch. e d'Ac. [8] * este * Ac. [9] * podião * Arch. [10] Ac. [11] * e * Arch. e Aj. [12] * the a * Ac. [13] * liurou * Arch. e Aj.

«Neste anno me forão dadas cartas [1] * de * Vossa Alteza per Felippe de Crasto, e Jorge de Mello, e Fernão Soares, ás quaes hirey respondendo, com protestação que se alguma cousa disser que Vossa Alteza venha em [2] * despraser, * he [3] * que o * digo por vosso seruiço.»

«Em huma me escreue Vossa Alteza que nom crea cousas que me digão, [4] * e * que de mym lhe disserão mal. Nom me dera tanta paixão se vira que volo disserão e nom mo escreuieys, porque parece que nom tendes de mym verdadeiro conhecimento. Certifico a Vossa Alteza que inda que esses males, e outros piores, ouvira dizer de alguma [5] * pessoa, * que [6] * lhe nom * tiuera por ysso má vontade, porque as obras julgão a pessoa, nas quaes espero minha saluação; e mais sey que se mormura de pessoas que eu nom são dino de desatar a correa do seu sapato; que de Nosso Senhor disserão que era feiticeiro. D'este capitulo nom tenho mór aggrauo, que do Comendador, e Dom Rodrigo, que tão mal o entenderão que vos falarão n'ysso, e escreuerãomo cá; e polo que Vossa Alteza em mym toca, como polo vosso seruiço, lhe bejo as reaes mãos, mas por nenhuma d'estas * cousas * nom era necessario; e Vossa Alteza em algum tempo saberá d'ysto a [7] * certeza, * e achará que lhe falo toda' verdade.»

«Eu tinha escrito a Vossa Alteza o porque nom deixára vender as briuias do Corregedor, e que se elle se aggrauasse com razão, que de minha fazenda lhas mandasse pagar. Agora vejo vosso mandado em contrairo, polo que logo as mandey entregar a seu procurador, e pois [8] assy quereys [9] vá minh'alma com a vossa, porque eu certefico a Vossa Alteza que os Judeus de cá nom o erão senão d'ouvida: com algumas mentiras, que a molher de Gaspar sabia, em sua ley ás cegas os fazia crer; mas agora pola doutrina d'estas briuias são letrados enteiros.»

[10] * O lacre, * que Vossa Alteza diz [11] * que * lhe mande, será marauilha auerse, porque estas naos [12] * partem cedo, e as naos * que o trazem de Pegú, e [13] * Martabão, * vem tarde: espero por boa soma delle, porque o tenho mandado trazer. Mercê me fará Vossa Alteza em mym

[1] * que * Aj. [2] * desprezar * Arch. e Aj. [3] * o que * Ac. [4] Ac. [5] Falta no Ms. d'Aj. [6] * nom lhe * Ac. [7] * verdade * Aj. [8] * que * Ac. [9] Chegou só até aqui a copia d'Aj. [10] * E o alacre * Ac. [11] De menos no Ms. da Ac. [12] Falta na copia do Arch. [13] * Martarmão * vem por erro no Ms. d'Ac.

ter confiança, que as cousas que de cá nom mando nom he por esquecimento, nem mingoa de boa diligencia, que bem entendemos cá quão boas são lá, mas os Mouros per muytas partes andão estrouando as cousas de vosso seruiço.»

«E assy Vossa Alteza me manda que a pimenta vá limpa e sequa. Sey que se contentou da que leuou Tristão da Cunha, e muyto mais da que agora vai; prazerá Nosso Senhor que sempre assy será. E porque Vossa Alteza me mandou que o pezo se fizesse com nossas balanças e pezos, eu o tenho acabado muyto com vontade d'ElRey [1] * de Cochym, * e dos mercadores, com bons izames [2] * e alealdação, * e achámos que péza o bár de Cochym tres quintaes e trinta arrateis do pezo velho, e [3] * vos * custa o quintal mil e quinze reis, [4] * o muyto; * e dasse tal auiamento que com duas balanças até vespora pesarão mil quintaes. Trago á carga [5] * paraos * grandes com gente da terra, por nom quebrantar tanto a gente do mar, que tem [6] * muytos trabalhos * no corregimento das naos, que se aquy nom chegassem tão daneficadas em vinte dias lhe daria carga, e parterião.»

«Este Janeiro mandey noteficar com pregões que todos trouxessem pimenta, e que logo lha pagarião na mão; de que os Mouros ouverão pezar, porque são elles regatões della, que os donos da pimenta são Gentios, e a vendem aos Mouros fiada a troco de mercadorias; e fiz ysto porque cuidassem elles que tinhamos nós grandes thesouros, e muyta certeza de virem muytas naos, de que se seguio que trazem agora os Gentios a pimenta. Ontem veo hum Iraua, que he gente baixa antre elles, e trouxe pimenta, de que leuou na mão quinhentos cruzados, [7] * e * seu cobre, que foy cousa bem noua antre estas gentes. Esta he a maneira per onde os Mouros se podem lançar da India, que será quando Nosso Senhor quiser.»

«E assy me diz Vossa Alteza que ouve prazer da tomada de Quiloa, e Bombaça. Assy he de crer, pois a obra era vossa, mas eu nom cuidaua que me daria [8] * achaques polo pouco que pera vós * se arrecadou; mas póde ser que mereci o açoute que me Deos deu, [9] * dos *

[1] Ac. [2] Falta no Ms. da Ac. [3] * nos * Ac. [4] * e meyo * Ac. [5] * pera os * Ac. [6] * muyto trabalho * Ac. [7] * em * Ac. [8] * achaque por apenço que para nos * Ac. [9] * os * Arch. e Ac.

muytos juramentos e sobejas deligencias que nysso mandey fazer. Certo he que se me nom obrigára [1] vosso mandado, que era fazer Angediua, e o principal a carregação, eu me deixara estar devagar em Bombaça carregando as naos de riqueza; mas nom passára á India, assy como o fazem as vossas armadas, e [2] * os Capitães deitão a culpa aos pilotos. * E o proueito que me dahy veo já o Vossa Alteza [3] * lá * saberá por quem leuou as nouas; mas dizem cá que moteja Vossa Alteza lá com quem cá achâmos os furtos nas mãos, que nom é bom exemplo pera os que pelejão, e nom furtão.»

«[4] * Assy * me diz e manda a maneira que hey de ter no pagamento d'esta gente, e defende que se nom tome o direito da carga. Porque as cousas estão cá como Vossa Alteza nom cuida, nom soube a maneira que nysso tiuesse; porque se comprisse vosso mandado ao pé da letra por ysso merecia castigo, porque [5] * está * certo que destroia vosso seruiço. Então ajuntey vossos Capitães, e criados, [6] * e * officiaes, e acordâmos que compria a vosso seruiço o que lá vai feito, porque [7] * pera * tamanha necessidade, como cá vai, a prata das Igrejas e dinheiro dos orfãos seria [8] * justo tomarse, * quanto mais o dinheiro da carga, em que Vossa Alteza faz mercê a quem dá lugar.

«Assy me manda Vossa Alteza que vossas despezas faça com toda [9] prouisão. Quando verdadeiramente acabar de saber de mym a verdade, pesarlheha de me ter escrito a mór parte d'estas cousas. E assy me diz na mesma carta que nom guardey seus segredos. Nom me lembra que os nunqua soubesse vossos. Sey que ysto dirá Vossa Alteza por aggrauos de Lourenço de Brito, que elle quá dizia de praça. Mostreylhe como vinha, porque das mercês que Vossa Alteza faz he bem que vos dêm as graças, e tambem de vós se agrauem, que tudo podeys emendar; que [10] * será * grande desseruiço vosso aggrauaremse de mym, porque seria causa que com minha [11] * imisade vos nom seruissem * fielmente. Ou o [12] * deria * Vossa Alteza por [13] * Pero * Fernandes Tinoquo, a que mostrey em pratica o capitulo de vosso regimento, porque era elle ho-

[1] * o * Ac. [2] * aos pilotos deitão os Capitães a culpa * Ac. [3] Ac. [4] * E assy * Ac. [5] * estaua * Arch. [6] De menos no Ms. da Ac. [7] * a * Ac. [8] * justa cousa tomarse * Arch. [9] * a * Ac. [10] * seria * Arch. [11] * inimisade de vos nom servirem * Arch. [12] dirá * Ac. [13] * Pedro * Ac.

mem de má lingoa, e escandalizaua a gente com [1] *lhe* dizer que eu nom compria vossos mandados; ou o diz Vossa Alteza por Vasco Gomez d'Abreu, e João da Noua, que se aggrauauão, e dizião que vinhão por Capitães geraes, e eu [2] *lhe* mostrey a maneira em que vinhão. »

« Assy me manda Vossa Alteza que se paguem primeyro os mareantes, e que se ponha a ditta carta na feitoria pera [3] *cá* nom allegar inorancia. Assy o fiz, que logo a lá mandey. Des agora digo a Vossa Alteza que todalas cousas que de lá vem feitas são [4] *muy* fóra de proposito, e muyto bem [5] *acertadas.* »

« Assy me manda Vossa Alteza os pagamentos que fiz na tomada de Quiloa, e Bombaça, porque teue dysso contentamento, e das outras cousas que cá fizemos [6] *da* guerra. Taes forão ellas que nom se deuia Vossa Alteza de esquecer dos galardões, e mercês, que merecem os que dahy ficarão alejados, e descontentes polos eu nom poder satisfazer. Os aguardecimentos que Vossa Alteza por ysso manda a meu filho, e a vossos criados, Deos seja louvado, que elle, e a mór parte delles já vos nom hão mester: espero na misericordia de Nosso Senhor, em que [7] *ponho* toda a esperança, que elle [8] *nola* dará. »

« Assy me manda Vossa Alteza que lhe escreua os pagamentos e despezas que são feitas depois que cá somos nesta terra. Se agora tomasse [9] *essa* occupação nom entenderia em outras cousas que mais releuão. As cartas mandey a vossos officiaes que volas escreuão, pois elles as fizerão; sómente digo que nom he vosso seruiço mandardesme que estas cousas vos escreua, porque eu tenho a mór cousa que ha no mundo antre as mãos pera nella entender, e abastarmehia pera [10] todo o tempo da carregação entender nos aggrauos, e males, que fazem os vossos Capitães á gente em suas naos, e assy aos que estão na costa d'alem, que todos me pedem justiça, e eu nom lha faço, porque nom digão que [11] *são* mais castigador das cousas que Vossa Alteza. »

« Em outra carta me diz Vossa Alteza que lhe nom escreuy da carta que fiz ao Rey de Quiloa, e que a fiz sem condições. Bem parece que

[1] De menos no Ms. d'Ac. [2] *lhes* Ac. [3] *eu* Ac. [4] *muyto* Ac. [5] *acertado* Ac. O sentido está pedindo que se lêa: *e muyto desacertadas* [6] *de* Ac. [7] *ponha* Ac. [8] *nolos*? [9] *esta* Ac. [10] *em* Arch. [11] *sou* Ac.

vos nom lêm minhas cartas, de que eu cá tenho o treslado, e Gaspar Pereira era presente que eu enuiey a Vossa Alteza toda a fórma della: e se a mandardes ler achareys que sem a quebrardes lhe podeys metter [1] * todolos * tributos que quiserdes; que por elle, e a terra, assy ficar destroida, pareceo bem a todos nom lhos pedir, porque [2] * os elle * nom podia pagar, que os Reys de quá são fracos pera pagar. Agora lhe mandey que pagasse a metade de todos seus direitos, e será muyto se chegarem a cem cruzados. E o tributo que Vossa Alteza [3] * diz * que o outro Rey vos pagaua, bem deue [4] ter sabido que elle veo, sobre [5] * vossa * verdade, falar [6] * com o * almirante dentro ao batel, a qual lhe o almirante nom guardou, e o nom [7] * leixou * sayr do batel até que se nom resgatou por aquillo a que chamou tributo, e o Rey lhe deixou em penhor Mafamede Arcome, que agora fizemos Rey, porque lhe queria mal porque lhe aconselhou que [8] * se * [9] * fiasse * do almirante; o qual Mafamede Arcome foy mettido sob a [10] * tilha * do batel, e outros com elle, donde nom sayrão até que [11] * nom * pagou. Nom cuido que [12] * peco * em dizer este mal do almirante, porque vós mo fazeys dizer, e cumpre a vosso seruiço dizeruos as verdades, e Vossa Alteza todas as saber.»

«Assy me declara Vossa Alteza as mercês que me tem feitas, polo que lhe bejo as reaes mãos, mas segundo as cousas de lá vem, eu sey bem quanto he o que de cá leuarey se for viuo, e ácerca das joyas que posso tomar lá saberá Vossa Alteza as que tomo, e as que os outros tomão.»

«Em outro capitulo fala Vossa Alteza nos ordenados que tem os officiaes. Eu nysso nom boli, porque me pareceo espantosa cousa tirarlhe eu o que [13] * lhe * vossos Capitães poserão, tendouos elles bem seruido; e mais porque suas fazendas, e dos Capitães, lá hião a vosso poder, pareceome mais onesto que vossos officiaes lá o competissem, que eu cá com elles andar em contendas.»

«Tambem me toca ácerca dos escrauos que pûs em soldo. Já muytos são defuntos com seus donos seruindo. Eu o fiz com justos respeitos

[1] * todos os * Ac. [2] * elle os nom * Ac. [3] Falta no Ms. d'Aj. [4] * de * Ac. [5] De menos na copia d'Ac. [6] * ao * Ac. [7] * deixou * Ac. [8] De menos no Ms. d'Ac. [9] * fizesse * Arch. [10] * tinha * Arch. [11] De menos na copia da Ac. [12] * peque * Ac. [13] Ac.

do bem de vosso seruiço. Os respeitos porque Vossa Alteza os desfez nom sey quaes forão.»

«[1] * Assy * me castiga ácerca dos perdões que cá dey. Eu os daua polo poder de vossa carta, que mo concedia assy como Vossa Real pessoa, assy na justiça, como na fazenda. Os que fiz foy polas obras que vi, e trabalhos tão suados, [2] * dinos * de mercê. D'aquy [3] * o * nom farey mais, pois me tiraes o poder que me déstes, polos seruiços que vos fiz, e o de Mello, que está na ilha de San Tomé, perdoa degredos pera sempre.»

«[4] Assy me culpa dos soldos que pago d'antemão. He verdade que o fiz a Dom Aluaro, porque nom tinha com que carregar, e he pessoa de merecimento. Lembro a Vossa Alteza que he homem de [5] * sete mil * reis de moradia, e tem tanto soldo e quintaladas como quem nada tem; e fiz conta que lá hia a fazenda, e que Vossa Alteza mandaria nysso o que fosse seu seruiço, pois todos somos vossos; e fôra bem que vos lembrára a este proposito que á gente de cá se deuem dous, [6] e tres annos de soldo, e que morrem de feridas e trabalhos, e eu os sostenho e conforto no vosso seruiço á custa do meu sangue, e ás vezes com o meu dinheiro, e neste emprestido entrou Lourenço de Brito e Manuel Paçanha.»

«Nos vossos Capitães que acrecentey soldo, e quintaladas, foy porque quando Vossa Alteza ordenou huns a sete, e outros a cinco mil, foy porque os Capitães erão escudeiros, ainda que os outros nom erão de Lacerda, e depois se seguio mudaremse cá por capitães de carauellas Pero Barreto, Nuno Vaz Pereira, e outros fidalgos. Pareceome erro andarem em roins nauios, e pelejarem melhor que os escudeiros das naos, e auerem menos ordenados. D'aquy o nom farey mais, pois me tiraes o poder.»

«[7] Na culpa dos trespassamentos que mando fazer, e dou licença, dos officios, e [8] * vendas, * o consentia porque os passauão a outros que erão mais sofficientes pera os cargos, e porque nom custauão mais huns que outros, que todos erão vossos criados, senão quando elles os engeitauão; e meu regimento me nom comprehendia, porque em tudo me daes que faça o que me bem parecer.»

[1] * E assy * Ac. [2] * dignos * Ac. [3] Falta no Ms. da Ac. [4] * E assy * Ac. [5] * setecentos * Ac. [6] * ou * Ac. [7] * E na * Ac. [8] * rendas * Ac.

«Diz Vossa Alteza das mercadorias defesas, que mandey pagar em Angediua. Ouve noticia d'algumas que vinhão nas naos, e porque era sobre tamanhos seruiços, ouve que nom era boa fazenda pera Vossa Alteza leuar penas; então mandey [1] * apregoar que as descobrissem, e as entregassem ao feitor, em que lhas mandey [2] * pagar, * e creo que foy pouca cousa. Lá hirá agora a fazenda de Ruy [3] * de Mendanha, * que he dessas. Apostarey que lha [4] * mande * Vossa Alteza tomar, porque nom he razão, pois [5] * tanta * perdeo em vosso seruiço por culpa dos vossos Capitães.»

«Quanto á paz de Coulão, eu lha aceitey porque muytas vezes me rogarão com ella, e nom porque aly me parecesse proueitosa a vosso seruiço; sómente o fiz porque sabia que Vossa Alteza folgaria com ysso. E os mercadores de lá contratão com os d'aquy, que todos são parentes e irmãos, e o fazem todos com dessimulações, porque a ElRey de Cochym lhe pêsa muyto com ysso, e nom por querer mal a vosso seruiço, mas porque quer bem a seu proueito e honra de sua terra; e fiz eu [6] * o * que nom entendia, porque conheço a desconfiança d'esta gente. Escusada he outra carregação fóra d'aquy, porque em Cochym ha pimenta que nunqua de Portugal virão naos que 'acabem de leuar, e as outras especiarias, e ricas drogas, [7] * virião * a esta costa, e aquy a Cochym, mas nom ousão per induzimento dos Mouros que lhe mettem [8] * medo. * Eu tenho mandado a Malaca, e áquellas partes cartas, e seguros, e comtudo nom vem.»

«[9] * A'cerca * da fortaleza lá em Coulão, [10] * quantas * mais fortalezas tiuerdes mais fraco será vosso poder: toda vossa força seja no mar, porque se nelle nom formos poderosos, o que Nosso Senhor defenda, tudo logo será contra nós, e se o Rey de Cochym quisesse ser desleal, logo seria destroido, porque as guerras passadas erão com bêstas, agora a temos com Venezeanos, e Turquos do Soldão.»

«Quanto ao rio de Cochym já escreui a Vossa Alteza que em Cranganor seria bom hum castello forte, em huma trauessa de hum rio que vai pera Calecut, porque lhe tolherá que nom passe pera lá hum alquei-

[1] Saltado no Ms. d'Ac. [2] * apregoar * Arch. [3] * Mendes * Ac. [4] * manda * Ac. [5] * tanto * Arch. [6] Ac. [7] * virão * Ac. [8] * mouros * Arch. [9] * E ácerca * Ac. [10] * quanto * Ac.

re de pimenta. Entendamos com o que temos no mar, que são estes nouos imigos, que espero na misericordia de Deos que se lembrará de nós, que [1] * tudo * o mais he pouca cousa. Saiba certo que em quanto no mar fordes poderoso tereys a India por vossa, e se ysto nom tiuerdes no mar pouco vos prestará fortaleza na terra. E no lançar dos Mouros da terra bem lhe achey o caminho, mas he longa historia, que se fará quando Nosso Senhor quizer e for seruido. »

« Quanto á pimenta e drogas que vão a Leuante, saiba Vossa Alteza que nom vão d'esta costa, senão de Malaca, e Çamatra, e Pedir, onde nace muyta pimenta longa, e redonda ; e muyto bem sey per onde passa, e em que tempo. Atégora nom [2] * lhe * pude mandar tolher a passagem, porque nom tenho o principal. »

« Quanto a me mandar que entenda nas cousas de Malaca, se Vossa Alteza [3] * fosse * bem enformado de mym, e [4] * do que cá faço, escusáreys * mo lembrar. Destruamos estas gentes nouas, e assentemos as velhas, e naturaes d'esta terra e costa, e depois vamos ver terras nouas, e tudo se lá fará quanto cá for o campo nosso, que elles nos rogarão com ellas ; porque daquy a Malaca he monção apartada, e tempos limitados, aduersos huns dos outros. »

« Quanto ás cousas d'Ormuz lá verá Vossa Alteza como ficão, e o estado em que as deixou Afonso d'Alboquerque, que perdoe Deos a Tristão da Cunha porque o nom trouxe á India, que todo vosso seruiço fôra acabado, e souberão elles na costa d'alem que estauamos cá todos em guerra, e esqueceirãose dysso. »

« [5] * A'cerca * das cousas do mar Roxo, [6] * de * que diz que o nom auisey, mal posso eu dar conselho do que nom sey, e o que agora entendo he que desemparaes o de cá por mandardes lá, porque 'armada que ao Estreito ha de hir ha d'entrar com leuantes, que são em Dezembro e Janeiro, e tornar em Março com os ponentes, e se lá quizer enuernar estará até Agosto, e estarão em muyto risco de os tomarem. »

« [7] * Culpame Vossa Alteza que vos nom escreuy o porque nom mandey o Tinoco a Narsinga. Parece que ou daes minhas cartas a quem

[1] * todo * Ac. [2] De menos no Ms. d'Ac. [3] * for * Ac. [4] * de qua, escusareys * Arch. [5] * E acerca * Ac. [6] De menos na copia da Ac. [7] Foi saltado todo este paragrapho na copia da Ac.

volas nega, ou com vossos grandes cuidados se vos passão da memoria. Manday, Senhor, saber como ysso lá anda, porque eu darey testemunhas que volo escreuy, e Gaspar Pereira me deu o treslado das cartas que lá forão, e me disse que em seus cartipacios volo muyto escreueo; e per conselho de todos o nom mandey. * »

« Culpame Vossa Alteza [1] * que o nom * auiso das cousas de cá. Todo o necessario lhe tenho meudamente escrito, afóra o que vay no tombo de Gaspar Pereira. O castello de Cochym he feito de pedra e cal, assy como o dirão esses que de cá vão; tem a porta pera o rio, onde tem viração de melhores ares que os paços de Sintra. »

« Culpame Vossa Alteza que vos nom escreuo os nauios que cá faço, e a repartição que faço delles. Eu cuidaua que Gaspar Pereira volo escreuia. [2] * Parece * que se occupou em outras cousas, e esquecerãolhe est'outras, mas atrás digo os que fiz, e desfiz; e pois 'armada em que me mandaes hir nom vem, com os que tenho hiremos buscar estas gentes a Dio, e será de nós o que Nosso Senhor for seruido. »

« Já Vossa Alteza per minha carta terá sabido que fiz o castello de Cananor, e desfiz Angediua. Com o castello de Cananor os Mouros se muyto agastarão. Se Vossa Alteza had'entender nas cousas da India de verdade, nom he seu seruiço entender em outros [3] * guerreijões, * e se cada dia se lá ha de armar huma enuenção, sem enformação do que cá vai, perdersevosha tudo em pouco tempo. Isto digo a Vossa Alteza por meu descargo, postoque sey que vos ha de desprazer, e lho escreuo por nom ficar comigo a culpa. »

« [4] * E per * Diogo Mendes Correa, e Tristão da Cunha, lhe dou toda' enformação de Calecut, se elles nom mudarem a embaixada, como fez aos Capitães da outra costa, que per minha crença, que leuaua, lhe disse que se fossem a Çacotorá, e eu mandaualhe dizer per conselho do mesmo Tristão da Cunha, que inda que Vossa Alteza mandasse a alguma parte, que o nom fizessem, mas que se viessem cá, que compria a vosso seruiço. »

« O aljofar, e perolas, que me manda que lhe enuie, nom as posso

[1] * porque nom * Ac. [2] * Pareceme * Ac. [3] * ierregões * se lê na copia do Arch. Guerrejones, mais conforme com a variante d'Ac., vem em *Cast. Hist. da Ind.* Liv. III Cap. CXXIII pag. 252 e 253 da 1.ª ediç. [4] * Por * Ac.

auer, que as ha em Ceylão e [1] * Caille, * que são as fontes dellas: compralashia do meu sangue, e [2] * do * meu dinheiro, que o tenho porque vós mo daes. Os sinabafos, porcellanas, e cousas d'este jaez, são mais longe. Se meus pecados me cá [3] * tiuerem * mais tempo, trabalharey por auer tudo. As escrauas, que me diz que lhe mande, tomãose de prezas, que as gentias d'esta terra são pretas, e mancebas do mundo como chegão a dez annos.»

«Çofala he tão grande cousa como lá dizião: eu vola tinha granjeada com Nuno Vaz nella, e Vossa Alteza mandou o que foy vossa vontade. A fortaleza e feitoria que em Moçambique mandastes fazer nom era vosso seruiço, porque os que hy estiuessem [4] * resgatando * em Angoja [5] tem praçaria com os de Çofala. Ouve esta enformação dos que lá estauão; [6] * saibao * Vossa Alteza, e achará que lhe falo verdade. E nom prouejo Çofala com Capitão, que ella ha bem mester, nem dou regimento aos de Moçambique do que fação, nem Capitão, porque quando de cá chegasse o que eu mandasse chegaria o que Vossa Alteza enuiasse, que o botaria desonradamente fóra, e minha obra ficaria embalde. [7] * Bem * he que venhão vossos Capitães ordenados como em Moçambique [8] * nom * tenhão quatro bandeiras na gauea, e que saibão a maneira que hão de ter com o Capitão ou alcaide que hy estiuer. Polas cousas que hy passarão, os nauios grandes, nem pequenos, nom vierão cá ter.»

«Do lemite das licenças dos escrauos eu nom passo nada, mais que aquillo que me requerem vossos Capitães, que lhe são necessarios pera leuarem as naos a Portugal, porque elles nom trazem gente, nem amarras, nem aparelhos, nem mantimentos, nem as cousas que lhe são necessarias. Leuão os escrauos que me parece [9] * que * são necessarios, pera lhe nom morrer a gente com [10] * o * trabalho, como Vossa Alteza verá per Tristão da Cunha, que a sua nao partio de cá com cem escrauos: bem verá os que lá chegarão. Nom são chegados cá os officiaes, nem os outros prouimentos, e tudo he porque os vossos officiaes de Lisboa dizem que vos forrão dinheiro em despedir as armadas em Abril.»

«O erro que fiz nos que perdoey o regimento de Vossa Alteza nom

[1] * Carle * Ac. [2] * com o * Ac. [3] * tiuerão * Ac. [4] * resgatassem * Ac. [5] * e * Ac. [6] * saiba * Ac. [7] * Bom * Ac. [8] * nem * Ac. [9] * lhe * Ac. [10] De menos no Ms. da Ac.

[1] * mo * defendia, e vossa carta me outorgaua o poder que os perdoasse, [2] * e * em [3] * todalas * outras cousas de justiça e fazenda, como vossa propria pessoa. A mór parte dos que perdoey erão vossos criados, que já agora hão mester perdão de Deos. Nom perdoarey mais nenhum; e por meu descargo digo a Vossa Alteza que nom mandeys cá degredados, porque he mais seruiço de Deos auerem lá a pena de seus delitos; nem mandeys outros homens que constrangidamente estêm quá. Vossa Alteza entenderá bem o porque o digo.»

«Quanto ao auiso que teue d'armada que fazião os Turcos pera quá, fôra seruiço de Deos e vosso socorrerdes com gente, e com a prata das Igrejas, e se disser com vossa real pessoa, ainda direy como quem mais vos ama que quem o contrario disser.»

«Vossa Alteza terá sabido que depois que cá estou as naos dos mercadores tratey propriamente como as vossas, e alguma cousa melhor, porque o [4] * auia * por bem de vosso seruiço, polo que era justa razão que nos trabalhos ellas ajudem as vossas; e digo ysto porque agora mandey hir nellas alguns doentes e alejados da guerra, e poserãono por aggrauo, e fizerãome por ysso requerimentos, que he cousa asaz desonesta, nom podendo elles tornar a Portugal, se os eu cá nom [5] * prouesse * dos [6] * almazens. *»

«Cá nos veo certeza que Vossa Alteza nos [7] * manda * hir a todolos officiaes que quá estamos, por termos [8] * acabados * os tres annos pera que viemos ordenados. Dom Aluaro por ysso me pedio licença, e por saber [9] * o que Vossa Alteza mandaua a Dom Pedro meu sobrinho, * eu lha dey, postoque muyto me pesou, porque sua companhia me era cá muyto boa pera vosso seruiço, e meu descanso. Se cá ouvera mór armada nom o mandára tão singelo, porque vos tem muyto bem seruido, e he dos quilates que Vossa Alteza sabe.»

«Pois que Vossa Alteza manda que das cousas que faço seja escritor, cousa que a mym sempre me pareceo mal dos homens de bem, falohey, com protestação que o erro que nysso ouver nom he per minha culpa. Depois que Tristão da Cunha [10] * de cá * partio se passou o que

[1] * me * Ac. [2] De menos no Ms. d'Ac. [3] * todas as * Ac. [4] * via * Arch. [5] * prouera * Ac. [6] * armazens * Ac. [7] * mandaua * Arch. [8] * acabado * Ac. [9] * que Vossa Alteza Dom Pedro meu sobrinho mandaua * Ac. [10] * d'aquy * Ac.

atrás he escrito, de que os Mouros estão fauorecidos, e com tanta esperança, quanta lhe Nosso Senhor tornará em [1] confusão, e desesperação pera elles. A mór parte [2] * de * vossa gente, com asaz medo e desconfiança, por verem os desfauores que lhe de lá vem, e nom lhe pagarem seu ordenado, [3] * estão * descontentes, que darião [4] * as * quintaladas por que os deixassem hir d'este trabalho; cá lhe disserão da maneira que hão de ficar depois de minha hida, e derão vosso feito por perdido, e se minha embarcação chegára, os principaes, e todos, tinhão assentado fazeremme [5] * grandes requerimentos de vossa parte que me * nom fosse; o que o tempo atalhou. Nosso Senhor sabe o porque o digo a Vossa Alteza, porque se eu for viuo quando [6] * me * chegarem vossos mandados, por mais requerimentos que me fação, os hey de comprir ao pé da letra, porque as cousas que tocão em fieldade são tão delicadas, que por nenhuma cousa d'este mundo os homens de preço se deuem pôr em desputa. Por ysso, Senhor, volo declaro por meu descargo, e digo que mandeys cá hum homem de muyto grande preço por Visorey, e por mais se mais puder ser; zeloso da verdade, cheo de riqueza. Nom lhe limiteys estas pouquidades de vossa fazenda de que me reprendeis, nem mandeys nada de lá sem auer primeyro o conselho de qua, e confiai tudo do vosso Visorey, e [7] * agardeceilhe * o que acertar, e [8] * dailhe * a pena do que errar. Nom sey [9] que vos aproueitará chegarem vossas armadas [10] * ao Toro, * nem a Çuez, se cá na India vos tomarem as naos [11] * da * carregação, e destroirem as fortalezas; e se vos dizem que hir ao Estreito [12] * atalha * que nom venhão pera cá armadas, em Dio estão Venezeanos, e Mouros do Soldão, fazendo naos e galés com que nós auemos de pelejar, e tem abastança de tudo o que lhe cumpre, e a nós mingoa.»

«Jorge Barreto fiz Capitão de Cochym até vir quem Vossa Alteza manda, porque assy mo encarregastes por vossa carta. De sua pessoa [13] * som * tão contente que tudo lhe encarregaria; e nom metti aquy Manuel Paçanha, que por ser forte de condição [14] * me * disserão todos vossos officiaes que por ysso largarião os officios, se elle fosse Capitão, e

[1] * sua * Ac. [2] * da * Ac. [3] * e tão * vem em ambas as copias. [4] De menos no Ms. da Ac. [5] * que * Ac. [6] De menos na copia da Ac. [7] * e agradecerlhe * Ac. [8] * darlhe * Ac. [9] * o * Ac. [10] * atoro * Ac. [11] * de * Ac. [12] * atalhão * Arch. [13] * sou * Ac. [14] De menos no Ms. da Ac.

toda' outra gente nom estiuera com elle, por cousas que direy a Vossa Alteza quando a Deos aprouver. Dizem que vem [1] * Pero * Ferreira pera Cananor por Capitão. Eu o tenho por homem fiel e esforçado, mas Cananor ha mester homem de grande marca, porque nos inuernos sempre ahy enuernão muytos fidalgos. Estes capitulos nom vão bem ordenados, porque tenho muyta occupação no esprito, mais do que Vossa Alteza cuida.»

«Eu escreui a Vossa Alteza que Quiloa se despouoara porque Pero Ferreira a nom soube conseruar; agora dizem que mandays pera ahy o filho do Pestana por Capitão, e a Vossa Alteza [2] * compre * ter aly hum homem [3] * que tenha * tantas barbas brancas como eu.»

«Vossa Alteza he assy obrigado ao Rey de Melinde como sabe, e pera bom exemplo deue ser de Vossa Alteza muy honrado, e fauorecido com mercês, pois tanto repairo e bom gazalhado tem feito, e faz a vossas armadas, e gente que hy vem ter; em pago do qual vossos Capitães se desordenão tanto na seguridade que achão na terra, que lhe fazem tantos males, que já o Rey aly nom estiuera se de cá o nom sostiuesse com cartas, e palauras vãs, de que nunqua lhe vem o fruito. Dizem que mandaes ahy por feitor Sancho de Pedrosa. De duas será huma: ou os Mouros volo matarão com os que com elle estiuerem, ou o Rey se despouoará da terra; e as razões [4] * dysto * Dom Aluaro as dará a Vossa Alteza.»

«Vossa Alteza manda muytas cartas de recomendados pera vossos criados; elles cuidão que trazem nellas capitanias, e feitorias, e porque logo lhas nom dão se mostrão aggrauados. Será [5] * bom * que mereção primeyro, porque nom sey que esperança terão os de cá, vendo que daes lá o que elles tem ganhado com seu sangue.»

«Poderá ser que cuida Vossa Alteza que deixo de carregar meu ordenado estes annos passados por nom folgar com dinheiro. Eu nom som [6] * tão * virtuoso, mas façoo porque veja [7] * a * vossa gente que trabalho por vosso seruiço em vosso proueito, e nom estimo minha perda, e que tomo pera mym e nego pera elles, que seria muyto descredito pera as razões e escusas que lhe de mym dou quando me requerem suas carre-

[1] * Pedro * Ac. [2] * cumpre * Ac. [3] * de * Ac. [4] * disso * Ac. [5] * bem * Arch. [6] Falta no Ms. d'Ac. [7] Ac.

gações: polo que tem em mym aquella confiança que muyto compre a vosso seruiço; e comtudo seu trabalho he tanto, e com [1] * a vista * de suas desconfianças porque vêm o que de lá vem, que poucos ha que nom dessem seus vencimentos porque os deixassem hir; em maneira que o anno passado, quando meu filho que foy estaua em Chaul, se fez huma conjuração antre mais de cincoenta homens do mar, pera se passarem aos Mouros, e ysto sem mais outra [2] * causa * que as razões que digo, porque os Mouros [3] * lhe * dão grandes soldos, e muytas larguesas de condenação de suas almas. Ouve meu filho [4] * dysto * auiso, e com [5] * modos * manhosos os atalhou, que nom ouve effeito seu proposito, e os segurou até que veo aquella peleja, de que se seguio o que eu mereci a Deos. Outros fizerão outro ajuntamento, pera tambem se passarem pera os Mouros, estando Gracia de Sousa com Fernão Soares no cabo de Comorym. Foylhe dado auiso, prendeo o principal, que troux' em ferros. Digo a Vossa Alteza estas cousas porque saibaes que [6] vossa gente cá ha de andar contente de bons pagamentos aos de baixa sorte, e aos outros com bons galardões, e seus seruiços gratificados, porque se assy nom for perdereys todo vosso seruiço.»

«Dizem cá que mandaes que Afonso d'Alboquerque fique neste meu cargo pera gouernar estas cousas: será bom perguntardes aos que de cá vão, que altos nem baixos ficarão com elle. Nysto, Senhor, provede [7] * com * tempo, porque os Capitães, e vossos criados forão com elle em tanto [8] * desuairo, * que os prendeo e enjuriou, dizem elles que por lhe requererem as cousas de vosso seruiço; polo que depois de Ormuz aleuantado, como Vossa Alteza saberá, Afonso Lopes da Costa, Manuel Teles, Antonio do Campo, se vierão em minha busca com requerimentos por escrito, a que elle nom quis responder; e taes apontamentos me derão que os nom pude culpar, nem condenar Afonso d'Alboquerque. Chegarão em tempo de necessidade, mettios em vosso seruiço: trabalharey por saber a verdade, porque da que soube [9] * enuio * a Vossa Alteza por inquirições. Afonso Lopes vai em alguma culpa: lá o ouvirá Vossa Alteza de sua justiça, e se Afonso d'Alboquerque vier, tambem farey o que

[1] * as vistas * Arch. [2] * cousa * Arch. [3] * lhes * Ac. [4] * disso * Ac. [5] * todos * Ac. [6] * a * Ac. [7] * em * Ac. [8] * desuario * Ac. [9] * mando * Ac.

me requerer com justiça. Tambem João da Noua, e Francisco de Tauora, muyto se queixão de seu mao trato. Eu nysto nom [1] *ousei de entender,* porque Vossa Alteza manda de lá o que lhe apraz.»

«Porque temos certa noua destas armadas que se ajuntão contra nós com todos os Mouros desta costa até Ormuz, pareceo bem a todos tomar a nao Belem pera Jorge de Mello andar nella assy como vem, pera o que elle, inflamado no [2] *amor* de vosso seruiço, muyto folgou, esquecido do pouco proueito, e muyto perigo em que auia d'entrar. Frol de la mar concertey, pera eu nella andar com João da Noua, Capitão della, assy como o era.»

«Cinco criados meus me vierão cá buscar. Nom vierão assentados em soldo e quintaladas; mandeyos assentar [3] *no* lugar d'outros, que [4] *me* cá morrerão. Faço dysto lembrança a Vossa Alteza, porque, se o nom ouver por bem, mande que se desconte [5] *no* meu.»

«Antonio Raposo veo aquy de Çofala, que lá fora escriuão, e trouxe tanto ouro, que me conueo entender o que me dizião. Mandey sobre ysso fazer deligencias, e acheylhe o ouro, e culpas que a Vossa Alteza enuio, com toda sua fazenda socrestada; [6] *nem* me quis entremetter a julgalo, porque o Visorey que nom póde perdoar, nom deue condenar. Vossa Alteza faça lá sua justiça.»

«Este ano mandey fazer huns poucos de laudés, fortes e bons pera [7] guerra, e [8] *maneaues* pera os mareantes, que he piedade ver vossa gente pelejar nua, e com boa vontade. [9] *E porque* já vou entendendo alguma cousa da India, digo que se a vossa armada [10] *no mar* for poderosa, como prazerá a Nosso Senhor que sempre seja, aueremos trigo em abastança, a vinte e cinco reis o alqueire, comprado a troco de mercadorias [11] *em Chaul;* arroz de graça, e comprandose por mercadorias se achará muyto, e custará o fardo a cento e vinte reis, que tem quatro alqueires e meo; mas Deos nos dá sempre tanto das prezas, que se vende o sobejo, e fica auondança pera as armadas, e partimos com as naos [12] *da* carregação. Tambem aueremos breu em abastança até quatro centos reis o quintal; linho em abastança, e mais barato

[1] *uzei entender* Ac. [2] *mar* Ac. [3] *em* Ac. [4] De menos no Ms. d'Ac. [5] *do* Ac. [6] *nom* Ac. [7] *a* Ac. [8] *meneaueis* Ac. [9] *Porque* Arch. [10] Supprimido no Ms. d'Ac. [11] Idem. [12] *de* Ac.

que lá: temos cordoaria com todos seus petrechos, e cairo em abastança.»

«Senhor, nom he vosso seruiço que [1] *os* mestres venhão por feitores das naos, porque nom podem entregar, e receber, e dar auiamento no [2] *corregimento* das naos, e tomandolhe conta perderão suas fazendas. Ao menos melhor seria que o fossem os pilotos, que chegando ao porto desemparão a nao, e andão folgando em terra até que tornão a partir. Se estas cousas os vossos officiaes as bem gouernassem de lá, em hum só mez se carregarião aquy quantas [3] *naos* d'esse Reyno viessem.»

«Manda Vossa Alteza cá Juiz do pezo, que he hum officio sem corpo, porque no inuerno se toma a pimenta a troco de mercadorias, [4] *a* tempo que o feitor anda tão ocioso que vai á Igreja, ou anda ao monte; e quando vem a pimenta a vai receber hum escriuão, e pesãona os pesadores que ElRey pera ysso ordenou, que por pouco que os o feitor contente, [5] *nom* deixarão [6] *erguer* a balança do chão meo dedo, e o vosso Juiz do pezo nom sey que nysto póde aproueitar que bom seja pera vosso seruiço.»

«Tem Vossa Alteza [7] *nesta* feitoria cobre que se nom gastará em cinco annos, e vermelhão sem numero, chumbo muyto mais, azougue que nom ha casas em que caiba; panos de lã todos apodrecem; escrelatas se gastão poucas, alguma cousa menos do preço que lá custão; ha muytos espelhos, ocolos, chapeos, sellas ginetas, que he muy certa mercadoria pera cá. Nom creo que os vossos officiaes de Lisboa cá mandassem estas sobegidões se dysso lhe nom viesse proueito, e por ysso nom aguardão que lhe vá recado dos officiaes da India, ou pera melhor, do vosso Visorey, e nom vos [8] *causarião* tanta perda. Dous annos ha que compramos cá a mão [9] *do* papel a cem réis, que elles cá mandão vender, e pera as vossas feitorias nom mandão nenhum.»

«Vossa Alteza me manda a maneira como se paguem os soldos e desembargos, e que se carreguem as naos: eu rogo a Deos que me encaminhe o entendimento como todas estas cousas [10] *acerte* assy como

[1] De menos no Ms. d'Ac. [2] *carregamento* Ac. [3] Falta na copia d'Ac. [4] *em* Ac. [5] Falta no Ms. d'Ac. [6] Idem. [7] *na* Ac. [8] *causarão* Ac. [9] *de* Ac. [10] *acertem* Ac.

he vossa vontade, porque comprilas como de lá vem ordenadas, com os aueços que ellas cá tem, quem as [1] * acertasse * faria milagres em vida. Saiba Vossa Alteza que eu hey de tapar, se puder, os buracos [2] * per * que se nos mais vai o vento. He bem que saibaes que todos vossos criados, e gente que cá tendes, [3] estão em muyta desconfiança de nunqua serem pagos do que lhe deuem; e mais vendo que mandaes de lá officiaes pera os cargos, que elles merecem per geração, e aleijões de feridas; e Vossa Alteza tão esquecido dysto, que lhe quebranta os corações e vontades, e desejão de hir viuer a outras terras, e com quanto eu pude [4] * remendar * deuersehão cem mil cruzados até Janeiro [5] * deste anno * de [6] * 508. * »

« Vossa Alteza deue auer bom conselho sobre esta historia, porque se quereys soster a India aueys de pagar á gente, ou que venha de lá desenganada que lhe pagarão quando lá tornar, porque dos que lá vão póde Vossa Alteza saber a desconfiança em que ficão os de cá, e as más cousas que falão, que eu faço que as nom sey; e ysto só porque lhe nom pagão, e vendo vir de lá feitos officiaes quem [7] * cá * nunqua [8] * trabalhou, * que são escandalos que [9] * causão andar esta gente * sem corações. »

« Em huma carta, que me deu Aluaro Barreto, Vossa Alteza me faz aquella honra que eu a Deos nom mereço, e nella manda que assy o diga a vossos criados, o que assy fiz, e seus espiritos ficarão aleuantados. Polo que elles, e todos, bejamos as [10] * reaes mãos * a Vossa Alteza; mas nom fique [11] * em * esquecido o effeito de tão reaes palauras, porque nom fique em dobro o escandalo, porque os que vos cá seruem nom [12] * carecem * de galardão, e se o de vós nom ouverem neste mundo, auelohão de Deos no outro. »

« Mandey que os mareantes [13] * de * minha companhia carregassem seus vencimentos, e assy a todos, [14] * nas outras * quatro carregações, que se acabão em Março quatro anos; e o dinheiro do desembargo, que me

[1] * acertar * Ac. [2] Falta no Ms. d'Ac. [3] * todos * Ac. [4] * remediar * Ac. [5] De menos na copia d'Ac. [6] * Na copia d'Ac. escreverão * 308. * [7] De menos na copia d'Ac. [8] * trabalharão * Arch. [9] * causa á gente andar * Arch. [10] * mãos reaes * Arch. [11] De menos no Ms. d'Ac. [12] * careção? * [13] * da * Ac. [14] * nos outros * Arch.

Vossa Alteza mandou, por nom [1] *crecer* tanto minha diuida. E pera o ano nom poderião carregar os que comigo quisessem hir, prazendo a Deos, e por ysso carreguey [2] *ysso* que lá vai, e tomámos o risco em todalas naos deste ano, nouas e velhas, porque todos dysso forão contentes, com [3] *publicações* que dysso mandey fazer; e se [4] *eu* nestas carregações [5] *cuidey* mao entendimento, lá mande Vossa Alteza o que for seu seruiço.»

«De Ceylão [6] *tenho* já enformado Vossa Alteza per homens que lá forão, e estes que agora de lá vierão assy acharão a [7] *terra* assentada, e o padrão em pé, como o pôs meu filho. Dito tenho a Vossa Alteza que será boa aly huma fortaleza, porque todalas nauegações que correm da parte do sul, que he de todas as partes de Malaca, Çamatra, Pedir, Bengala, Pegú, nom podem passar pera' banda do norte arredados desta ilha de Ceylão, mas fòrçadamente pera nauegarem certos hão d'auer a vista della, e podiãolhe tolher esta nauegação mea duzia de nauios; e se podia fazer a fortaleza sem perigo em huma ponta que faz sobre o porto, como Cananor, em que está hum poço d'agoa [8] *real.* Prazerá [9] *Deos* que nos encaminhará que a façamos em acrecentamento [10] *de* vosso seruiço.»

«Se o corregimento [11] *de* vossas naos nom fosse tanto partirião d'aquy todas em Novembro. Manday, Senhor, que volas correjão de verdade, porque dizem cá que se vos gabão os vossos officiaes que corregem as naos com menos custo que as armadas passadas; o que certefico a Vossa Alteza que vos causão perda anoueada, por [12] *caso* do mao corregimento; que ysto ganhão os mercadores dobrado, polo bom corregimento de suas naos. E mande Vossa Alteza que partão em Feuereiro a mais tardar, porque bem vedes o jogo que vos tem feito o partirem as naos de lá tarde; e perguntai a vossos officiaes qual he mór perda, se gastar e perder hum mês e dous [13] *dos soldos* d'armada, que elles dizem que vos aproueitão em deter a partida das naos em Lisboa, ou se he mór perda hum ano que as naos ficão em Moçambique, porque che-

[1] *crer* Arch. [2] *isto* Ac. [3] *puvricasões* Ac. [4] Falta no Ms. da Ac. [5] *deo* Ac. [6] *tinha* Ac. [7] *terça* Ac. [8] De menos no Ms. d'Ac. [9] *a Nosso Senhor* Ac. [10] *do* Ac. [11] *das* Ac. [12] *causa* Ac. [13] *de soldo* Ac.

gão tarde; de que elles darão conta a Deos, da gente que ahy morre ao desemparo, de que eu nom tenho a culpa.»

«Eu pûs em conselho, (nom porque me parecesse bem, senão por me nom pòrem esta culpa) se dariamos em Calecut agora quando[1] * passassemos, * e foy per todos assentado o que lá vai: e sem duvida fora cousa errada, porque por a costa ser muyto má na desembarcação nós lhe puderamos[2] * a elles * fazer pouco damno, e elles a nós muyto mal, e tambem[3] * são elles muytos, e nós poucos, * e a vossa gente desarmada; e[4] * muyta * doente, e os sãos com os espiritos cansados, descontentes, vendose alejados, desfalecidos do sangue, da idade,[5] da vida, e Vossa Alteza dysto tão esquecido, que daes aos de lá o que elles ganhão cá. Polo que passaremos de longo, e hiremos até Dio em busca destas gentes, e lá faremos o que nos Deos ajudar, por seu seruiço e vosso; [6] * e * deixarey guarda na costa pera as naos de Meca. Pareceme que[7] * são * obrigado a vosso seruiço dizeruos que Dom Aluaro he muyto homem pera encarregardes d'este meu officio; e nom me engano, porque volo digo sem nenhuma afeição, sómente amar vosso seruiço, e desencarregar minha obrigação na verdade.»

Nenhum trabalho dos meus sinto tanto como o que tenho com os vossos Capitães[8] * da carregação, que andão tão engodados * no mercadejar do vender e comprar, que com muyto trabalho meu os faço que vão estar, e guardar vossas naos, e ajudem[9] dar auiamento ao carregar, pois nellas lhe fazeys tanta mercê. Hão[10] * ysto * por muyto aggrauo, e dizem de mym com palauras[11] * muy * desacatadas, e[12] * dinas * de castigo. Hindo pera a nao de Ruy da Cunha o derradeiro parao de pimenta, que leuaua cem quintaes, por máo auiamento dos marinheiros, que o logo nom descarregarão, se perdeo. Pareceme razão nesta perda entrarmos todos ás valias, pois temos carregação em toda' frota; e se ysto lá nom parecer justiça, e quiserem tudo carregar ao Capitão, folgarey que antes se carregue tudo sobre mym, porque melhor he perder a fazenda neste mundo que leuala pera o outro, porque eu tenho della menos necessidade, mercês a Deos, e a Vossa Alteza que ma dá, e nom

[1] * passemos * Ac. [2] Ac. [3] * somos nós poucos, e elles muytos * Ac. [4] * muyto * Ac. [5] * e * Ac. [6] De menos na copia da Ac. [7] * som * Ac. [8] * Falta no Ms. do Arch. [9] * a * Ac. [10] * esto * Ac. [11] * com * Ac. [12] * diguas * Ac.

será [1] * bem * perdela Ruy da Cunha, que he fidalgo [2] * proue, * e tem gastado dous [3] * quartés * da vida, e está no derradeiro como eu; mas elle tem filhos, e eu não, que hum *que tenia lo perdi.* »

« A muytos dey licença [4] que se fossem, porque com afincamentos mo pedirão. Pareceome bem darlhas, porque são elles mais inclinados pera [5] * vos servirem lá que cá : * certamente eu nom [6] * som * a causa dysto. Guadelajara mandey que [7] * se * fosse, por sua má disposição, que lhe causou a guerra e trabalho de Cananor, onde tanto vos seruio, como todos vos dirão, e tão largamente gastou o seu com os vossos criados; [8] * polo * que he [9] * dino * de mercê, [10] * e * por toda a que lhe fizer [11] * lhe * bejarei as reaes mãos. »

« João da Noua recebeo agrauos na mudança que Vossa Alteza fez do seu officio, e faloume em puridade : lembre a Vossa Alteza que o comprou per seu dinheiro, e [12] * que * ha quatro annos que vos cá serue, e deu a conta de sy que testemunhão grandes feridas, de que tem os sinaes, e com muytos trabalhos. Afonso d'Alboquerque, * que * com elle teue [13] * grandes differenças, * me escreueo que vos tinha [14] * muyto * bem seruido. Assy que a mercê lhe seja em acrecentamento de seu proueito e honra, que por ysso bejarei as reaes mãos a Vossa Alteza. »

« Hum dos paraos, que trazia á carregação, que carregaua [15] * tresentos * quintaes, porque era bom pera [16] * nosso * officio mandeyo concertar pera o leuar. [17] * Tirarãolhe * hum forro, que trazia ao [18] * pram, * acharãolhe debaixo quatro quintaes de pimenta. Escreuo ysto a Vossa Alteza porque saiba que as quebras nom vão do pezo; mas furtãona os marinheiros que a leuão, que estão na nao : o que tudo he por culpa dos vossos Capitães, a que eu [19] * por vezes * descobria este [20] * cenho * perante vossos officiaes, polo que elles dão bem pouco, porque toda' sua occupação he em seu interesse, e não em vosso seruiço. Torno a lembrar a Vossa Alteza que nunqua sereys bem seruido em quanto vossos officiaes de justiça, e fazenda, forem tratantes mercadores. »

[1] * bom * Ac. [2] * pobre * Ac. [3] * quartos * Ac. [4] * pera * Ac. [5] * lá que seruiremuos qua * Ac. [6] * sey * Ac. [7] De menos na copia da Ac. [8] * perque * Ac. [9] * digno * Ac. [10] De menos no Ms. d'Ac. [11] Idem [12] Idem [13] * grande differença * Ac. [14] * muy * Ac. [15] E' o que se lê na copia do Arch. assim escripto : III^c. Mas na d'Ac. lê-se * quatrocentos. * [16] * vosso ? * [17] * tirãolhe * Arch. [18] * pião * Ac. [19] * muytas * [20] * sonho * Arch.

« Oje cinco de Dezembro, estando já em Cananor com toda' frota, chegou Afonso d'Alboquerque d'Ormuz, e com elle Martim Coelho, e Dom Antonio seu sobrinho, em nauios; elle no Cirne, que trazia á força de bomba, e ficaua atrás Francisco de Tauora no Rey Grande. Pera o ano, [1] * a * Deos prazendo, leuarey Frol de la mar, e o Cirne, que mandarey concertar e carregar. Afonso d'Alboquerque foy de mym recebido como compria, presente Lourenço de Brito, Fernão Soares, Ruy da Cunha, Antonio de Sintra, que ao presente [2] * ante * mym escreue; onde em presença de todos lhe pûs em escolha o que de sua pessoa queria fazer, porque hir em minha companhia nom era razão, por vir muyto cançado, pera o que se me conuidou: se queria ficar neste Cananor, porque Lourenço de Brito, por vos seruir desejaua muyto [3] * hir * comigo, ou [4] * se hir * a Cochym; o que elle antes escolheo pera seu descanso. Mandey lá que o aposentassem em minhas pousadas, e lhe fizessem toda' honra e prazer. E porque nestas cousas, que hão de vir, vai muyto a vosso seruiço, como já tereys sabido, he necessario [5] * pera * comprimento de minha obrigação auisaruos d'ante mão, ainda que seja [6] prejuizo d'alguem. Bem sey que nom peco nysto, pois sois meu Rey, e Deos na terra. Afonso d'Alboquerque vem muy desamado da gente. Dizem delle cousas de que se homem espanta; a verdade Vossa Alteza a saberá quando a [7] * bem * perguntar. Sua hida a Ormuz fôra [8] * bem * escusada, pois nom auiá de fazer proueito, e fizera cá muyto, se a mym o enuiáreys. Todos os que cá estão dizem publicamente que quando Nosso Senhor ordenar que [9] * me * vá, que elles nom ficarão, e que se elle os constranger que se hirão pera os Mouros. Polo que eu tenho visto, e bem entendido, crea Vossa Alteza que assy o farão, sómente se forem alguns que nouamente [10] * vierem * do Reyno, ou que tiuerem cargos, polos nom perderem; o que assy será em toda' gente d'armas, e do mar; mas quando [11] * ysso * for, eu direy e mandarey á gente o que for vosso seruiço, com todo meu poder, pera que fiquem os que vierem, pera se poderem hir [12] * os que cá andão, * porque então auerá cinco anos que cursão em vosso seruiço, com tão perigosa e trabalhosa vida, e mortas as vontades polo que elles vêm que de lá mandaes. »

[1] De menos no Ms. d'Aj. [2] * perante * Ac. [3] * irse * Ac. [4] * irse * Ac. [5] * a * Ac. [6] * em * Ac. [7] De menos no Ms. d'Ac. [8] Idem. [9] * eu * Ac. [10] * viessem * Ac. [11] * isto * Ac. [12] Falta na copia d'Ac.

«Dom Afonso ficaua em Çacotorá doente, e assy quasi toda' gente, e muyta fome, porque tinhão guerra com a gente da Ilha, e mortos muytos homens, o que assy sempre será em quanto aly estiuer fortaleza; perdôe Deos a quem fez tão má cousa pera vosso seruiço. Faço fundamento que tanto que tornar de Dio, se for viuo, lhe mandarey hum nauio carregado de mantimentos. A todos estes fidalgos parece bem mandala desfazer, mas aconselharãome que o nom fizesse sem mo Vossa Alteza mandar primeyro. Bem sey que nom faço eu nisto como quem eu som, mas nom me quero tanto atreuer em mym. Torno a dizer a Vossa Alteza que mandeys logo cá pessoa pera este meu cargo, que tenha muytos escudeiros, e gaste cá quanto lhe derdes, e mais se mais tiuer, porque sendo d'outra maneira pondes em grande balanço vosso real seruiço.»

«Este ano, com 'ajuda de Nosso Senhor, Vossa Alteza estê descansado, porque eu espero na sua misericordia que se estes cães estão em parte [1] * onde lhes * possamos chegar, nom ficará delles quem leue nouas a sua terra, e tambem nom [2] * leixarey * de meter alguma manha com ElRey de Cambaya, pera vêr, se [3] * os * nom puder colher no mar, se mos quer entregar, e por ysso lhe outorgarey a paz, e me esquecerey do que me os seus deuem da voda de meu filho, porque a paz com Dio será muy boa pera vosso seruiço, pera bem de vossas mercadorias e roupas de Çofala; mas isto ha de ser com destroição d'estes Rumes no mar, porque sejamos estimados na terra. Nom entendi nada nas cousas de Afonso d'Alboquerque, nem dos seus Capitães, porque Vossa Alteza o julgue lá como fôr seu seruiço, do que creo que elle lhe [4] * mandará * grande abastança de papés. Lá vai [5] * Coje Beirame, * armenio, que aquy veo ter comigo, que nas cousas d'Ormuz trabalhou [6] * fielmente, * e por ysso perdeo muyto do seu que lá tinha. A grandeza que Vossa Alteza com elle fizer [7] * acrecenta * muyto em seu credito e estado.»

«Estando já recolhido á minha nao, com a gente embarcada pera partir, querendo çarrar esta carta, veo Afonso d'Alboquerque a mym, trazendo [8] * comsigo * Fernão Soares, e Ruy da Cunha, e Antonio de Sintra, escriuão, e outros que testemunhassem [9] * em * suas cousas, e me apresentou a carta de Vossa Alteza, que trouxe quando veo, em que

[1] * donde lhe * Ac. [2] * leixão * Ac. [3] * mos * Arch. [4] * manda * Ac. [5] * Cojebeirão * Ac. [6] * muyto * Ac. [7] * acrecentará? * [8] Falta no Ms. d'Ac. [9] Ac.

mandaes que quando me eu for elle fique com todolos poderes, e na mesma carta mandaes, que morrendo eu, o [1] * que me * socedesse * no gouerno * assy lho entregasse a elle; e per esta cabeça, e per conta que lhe de mym dey do que me Vossa Alteza escreuia que me fosse na nao Sam João, e a elle entregasse meu officio, por ysso mo veo requerer de face a face que lho entregasse. Certo he que se me lembrarão aggrauos, e me esquecerão as mercês que me tendes feitas, e criação, [2] * exprouara de lho * entregar, com que nom tiuéreys mais armada, nem gente, e eu [3] * ficára * liure dos perigos em que me vou meter; mas nom veo a nao em que me mandaes que vá, e nestas que [4] * estão aquy * carregadas eu nom podia hir, que já em Cochym me ficaua meu fato, e fora passageiro mal entrouxado, do que Vossa Alteza se [5] * deuera * doer de mym, e por ysso com humildade, e docemente, lhe respondi a estas cousas [6] * outras que bem declarão a vontade que tenho ás cousas de vosso seruiço, * com declaração, que se pera o ano minha embarcação nom viesse, eu lh' [7] * entregaria * o dito officio, e me hiria em outra qualquer nao, em que pudesse leuar meu fato, e criados, e [8] * nosso * mantimento, e agoa.»

«[9] * E nom * aja Vossa Alteza por muyto ysto [10] * de * Afonso d'Alboquerque, porque o fez com muytas atiçações de contendores, que tenho por vos seruir, que se [11] * reuelarão * contra mym [12] * com aluoroço de nouidades, * com esperança de lho [13] * elle * pagar quando [14] dominar; e elle, inflamado com semelhantes opiniões, então me pedio que lhe désse esta armada per me hir vingar a morte de meu filho, e que [15] * eu * ficasse aguardando por [16] * ysso. *»

«Se o [17] * eu * mal nom entendo, obrigado era a Vossa Alteza a [18] * me * dizer que mandaueys dous [19] * expeitantes * pera minha morte, porque de qualquer maneira [20] * eu viera * assy leuemente como [21] * vim, * e eu os tratára muy amigauelmente; porque como he verdade que eu presumi que Manuel Paçanha era hum delles, logo o tratey com móres hon-

[1] * quem * Ac. [2] * que prouara de lho nom * Ac. [3] * ficaua * Ac. [4] * aqui estão * Ac. [5] * ouvera de * Ac. [6] De menos no Ms. d'Ac. [7] * entregar * Arch. [8] De menos na copia d'Ac. [9] * Nom * Arch. [10] Ac. [11] * reuelão * Ac. [12] Falta no Ms. d'Ac. [13] Ac. [14] * elle * Arch. [15] Ac. [16] * isto * Ac. [17] De menos na copia d'Ac. [18] Idem. [19] * espertantes * Ac. [20] * ouvera * Ac. [21] * vem * Ac.

ras [1] * do que o fizera se nada soubera, que mo dixe o coração. »

« Porque Afonso d'Alboquerque de todo nom ficasse triste, eu escreui ao feitor Gaspar Pereira que de meus ordenados lhe pagasse a elle aquilo que lhe Vossa Alteza ordenaua [2] * quando seruisse seu cargo ; * porque me pareceo que seus protestos a este fim os fez. E dysto nom quero paga, porque Vossa Alteza me faz mercês que me sobejão pera este mundo, em que Deos prospere seu estado, como no outro tenha mór gloria. »

CAPITULO III.

COMO DESPACHANDO AS NAOS PERA O REYNO, O VISOREY SE PARTIO DE CANANOR COM SUA ARMADA PERA DIO, E DEU EM DABUL, QUE DESTROIO, E OUTRAS COUSAS QUE FEZ NO CAMINHO ATE' CHEGAR A' BARRA DE DIO, ONDE ORDENOU O MODO DE COMO AUIA DE DAR BATALHA AOS RUMES.

Tanto que Afonso d'Alboquerque se partio pera Cochym, de Cananor, logo o Visorey despedio as naos do Reyno, e recolheose toda gente d'armada, e estando o Visorey pera fazer vela pareceo ao mar Francisco de Tauora, que foy em ponto de se perder com agoa que abrio, e todauia a tomou, o qual sendo visto meteo muyto aluoroço n'armada, porque os Mouros em Cananor affirmauão que os Rumes auião de vir buscar os nossos, e vendo as velas da nao da feição das nossas, nom lhe lembrando Francisco de Tauora, que nom aguardauão por elle, mandou o Visorey lá as carauellas latinas, que sendo vistas da nao tambem cuidarão que erão galés de Rumes, e se armou a gente pera com ellas pelejar. As carauellas leuauão recado que se vissem mais velas fizessem sinal com tiros de berço, de quantas fossem tantos tiros ; e nom tirando as carauellas repousou a gente, e logo veo ao porto, que o Visorey recebeo com muyta honra, Francisco de Tauora, a que o Visorey disse que se fosse a Cochym, porque sua nao assy fazia muyta agoa, mas elle lhe disse : « Senhor, inda que faça outra tanta agoa com Vossa Senhoria hey de » « hir, porque inda que me vá ao fundo nom póde a nao fazer outra me- » « lhor viagem. » Do que o Visorey lhe deu muytos aguardecimentos, e » « neste dia lhe meterão dentro agoa, e lenha, e mantimentos, e alguma »

[1] Falta no Ms. d'Ac. [2] Idem.

gente que se embarcou com elle, e nesta noite partio, que forão doze de Dezembro d'este ano de 508, com vinte e uma velas armadas, em que leuaria até mil homens Portuguezes, com a gente do mar; a saber: doze nauios de gauea, de que herão Capitães João da Noua na Frol de la mar, em que hia o Visorey. Jorge de Mello na Belem, Nuno Vaz Pereira em Santi Esprito, Pero Barreto na Taforea grande, Gracia de Sousa na Taforea pequena, Francisco de Tauora no Rey Grande. Estes seis erão nauios grandes, e outros mais pequenos a saber: Manuel Teles no Rey pequeno, Antonio do Campo na Rosa, Dom Antonio de Noronha, que viera d'Ormuz, no Andorinho; Martim Coelho, * que * tambem veo d'Ormuz, no nauio Sancto Antonio; em huma carauella Pero Cão; em outra Felippe Rodrigues; em huma galé Payo Rodrigues de Sousa, e na outra Diogo Pires de Miranda; e em hum carauellão Aluaro Paçanha, e em outro Lisuarte Pacheco; e no bargantym Luis Preto. Repartio o Visorey nestes nauios a gente, a saber: em cada nao grande sessenta homens, e em cada nauio quarenta, e nas galés, e carauellas trinta, e nos carauellões vinte e cinco, e no bargantym vinte, e a demasia na sua nao; das quaes gentes os escrivães dos nauios fizerão roes, a cada hum com as declarações como forão assentados em Lisboa, os quaes o Visorey recolheo á sua mão, pera saber a gente que faltasse, e lhe mandar arrecadar suas fazendas, porque dizia o Visorey que mais deuia aos que lhe morrião no seruiço que aos viuos; e tambem o Visorey mandou fazer *roes* dos escrauos dos homens que podião ajudar na peleja, em que achou passante de setecentos, valentes homens, já usados a pelejar ajudando seus senhores, com que o Visorey muyto folgou, e passou logo mandado ao feitor que o escrauo que falecesse na guerra, d'estes do rol, fosse pago a seus donos por cada hum cincoenta cruzados, e que se lhos nom leuassem em conta que de seu ordenado os descontassem. Em Cochym, e em Cananor, ficarão oitenta homens, e mais quarenta officiaes de cargos, e doentes, e ao Capitão de Cananor regimento que mouro, nem gentio, entrasse na fortaleza, porque nom vissem a pouca gente que lhe ficaua. E como o Visorey passou de Baticalá, despedio Pero d'Ornelas por Capitão mór, que se tornasse 'andar em guarda da costa em hum nauio pequeno, e o Camacho em huma carauella latina, e Diogo Botelho em outra, e Gonçalo de Crasto em hum bargantym, e em todos estes navios até oitenta homens, e lhe mandou que fizessem grande vigia, largos da

terra, e nunqua fossem a nenhum porto senão se fossem chamados, e que nada de Calecut tomassem que o nom fizessem em fogo. Do que Pero d'Ornelas, e os outros se mostrarão muyto aggrauados, mas o Visorey com boas razões os satisfez, e se tornarão á costa, e o Visorey seguio seu caminho. O Visorey em todolos nauios leuaua muytas cousas de doentes, e boticas, e fisicos, e sorgiões, e barbeiros sangradores, e enfermeiros ordenados; toda 'armada muy fornecida de monições, e muy fermosa artelharia, e muyta poluora, e arteficios de fogo, e toda' gente bem armada, e muytos dos escrauos a que abrangerão os laudés, e em todolos nauios muytos bésteiros, e mórmente nas galés, e carauellões, e carauellas, que inda neste tempo nom se usaua espingardas; e em todolos nauios gaueas, e muytos bombardeiros, porque tomou todos quantos vierão nas naos do Reyno, que na nao capitaina do Visorey hião trinta bombardeiros, porque a nao leuaua dezoito peças grossas por baixo, que em toda armada hião passante de cento e cincoenta peças grossas, afóra falcões, e berços que erão muytos, e tudo muyto prouido, com tudo apontado como compria.

Foy o Visorey sorgir em Angediua, e tomarão agoa, e lenha, e o Visorey deu jantar a todolos fidalgos em cyma na Ilha, á borda do tanque, onde em pratica falarão nas fustas de Dabul, que aly vierão pelejar com a fortaleza, e o muyto mal que lhe fizerão; onde o Visorey assentou que d'este caminho Dabul ouvesse seu castigo, e aly falando com os Capitães, e pilotos, e mestres, a que deu ordem de como auião d'entrar no rio, que erão sómente as galés e carauellas, e carauellões, e bargantym, em que tomarião mais gente das naos, e tambem todos os batés com seus tiros, e tudo bem ordenado, se tornou 'armada a hir á vela, hindo ao longo da costa, e sendo perto de Dabul, a gente se passou aos nauios que auião d'entrar, e com a viração forão demandar a barra com a enchente da maré, e as naos grandes sorgirão, e as carauellas tomarão a dianteira polo rio dentro, e após ellas os carauellões, e detrás as galés, em que hia o Visorey, e os batés com muyta gente antre elles; o bargantym diante de todos, e todos á vela, como na pintura parece, emparandose os batés dos tiros de hum baluarte que estaua á entrada do rio, de que tirarão alguns tiros, e o desempararão, porque os Mouros, vendo sorgir nossa armada, cuidarão que erão os Rumes, que ouvião dizer que auião d'hir a Cochym, e por ysso os Mouros de Dabul se nom aprece-

berão, sómente quando ouvirão tirar o baluarte, que conhecerão nossa armada, com que ouverão grande trouação e aluoroço, acodindo cada hum a sua casa, a saluar suas molheres, e filhos, e dinheiro. E no rio estauão muytas naos, de que a gente a nado fogio pera terra, chegando os nossos a sorgir. Primeyro os batés chegarão á praya, que tinha boa desembarcação, em que nom acharão quem lha defendesse, porque os Mouros nom tomarão occupação senão em saluar o fato. O lugar era murado pola banda da praya, com largo muro de pedra sequa, em que auia bombardeiras, e tiros de ferro mal auiados, que nom tirarão, e o muro tinha muytas caydas, aberto por muytos lugares porque os nossos logo entrarão, e os Capitães com seus guiões, achando os Mouros em desconcerto apanhando seu fato, e fogindo, deixando o lugar despejado, em que o Visorey nom desembarcou, e deu escala franca; e por o despojo ser grande carregarão as fazendas em cotias, e barcos que auia no rio, em que as leuarão ás naos, no que gastarão todo o dia. Acharão no lugar muytas, e gordas vaccas de leite, que os Mouros tinhão em suas casas pera o leite, que todas matarão, e fizerão salga que recolherão pera seu comer, e muyto arroz, e manteiga, açuquar, e mel, e tamaras, que cada um recolheo quanto quis. E á tarde, como a maré vazou, o Visorey mandou dar fogo no lugar, e no mar, em que queimarão muytas naos, e onze fustas que estauão varadas, que as outras andauão fóra, e ficou tudo em brasa; e porque muytas casas erão terradas inda muyta cousa ficou. Auia fora do lugar humas casas do Capitão, ao pé de hum outeiro, donde lhe entrava agoa per cyma por muytos canos; as casas feitas de madeira de grandes lauores, e marchetes, e varandas assaz deleitosas, póstas sobre hum jardim de aruores de fruitas e heruas cheirosas, que certamente eu as vi; casas pera verão pera hum grande Principe, e tudo ficou arrasado por terra, e depois por estas se tornarão a reformar as outras que eu vi.

Partiose o Visorey de Dabul, passou por Chaul, em que nom quis entrar por nom fazer tanta detença, e foy sorgir em Bombaim, de que a gente fogio como vio 'armada, onde os nossos tomarão muytas vaccas, e tomarão alguns negros, que acharão polos matos escondidos, de que tomarão os bons e os outros matauão. Vendo o Visorey hum negro bem desposto, que hum homem leuaua, o tomou, e lhe disse que o soltasse se lhe jurasse em sua ley que leuaria huma carta, que lhe daria, a Dio,

e a daria a Melequiaz, com que elle muyto folgaria, e lhe faria por ysso bem. O mouro folgou muyto por sua soltura, e jurou que a leuaria, o que comprio, que leuou a carta, e a deu a Melequiaz, primeyro vinte dias que 'armada chegasse, a qual carta dizia assy :

«Eu o Visorey, digo a ty honrado Melequiaz, capitão de Dio, e te faço a saber que eu vou com meus caualleiros a essa tua cidade, buscar a gente que se ahy acolherão, depois que em Chaul pelejarão com minha gente, e matarão hum homem que se chamaua meu filho; e venho com esperança em Deos do Ceo tomar delles vingança e de quem os ajudar; e se a elles nom achar nom me fogirá essa tua cidade, que me tudo pagará, e tu, pola boa ajuda que foste fazer a Chaul: o que tudo te faço saber porque estês aprecebido pera quando eu chegar, que vou de caminho, e fico nesta Ilha de Bombaim, como te dirá este que te esta carta leua.» Sendo esta carta dada a Melequiaz, ficou muy espantado, e perguntou muyto meudamente ao messageiro pola gente e armada, e tudo sabido, mandou metter o negro n'huma casa muy fechado, que nom falasse com ninguem, e se foy logo falar com o rume, e seus Capitães, e lhe mostrou a carta do Visorey. Os Rumes zombarão, nom crendo nada, cuidando que Melequiaz fazia ysto polos exprimentar, a ver o que elles dizião; e com este pensamento assy errado, o rume respondeo que folgava muyto com a vinda do Visorey, porque o escusava do trabalho de o hir buscar, e que em qualquer ora que chegasse sayria a pelejar com elle, porque nada lhe faltaua, pois tinha sua ajuda e fauor, e sombra de sua cidade; que se elle nom viera pera guardar naos de mercadores, e viera ordenado pera pelejar com os nossos, que já Cananor e Cochym tiuera tomados. Melequiaz, polo contentar, lhe disse: «Em tudo hes ditoso, e» «muyto mais agora o serás, com o vencimento que agora auerás do» «Visorey da India, onde ganhas tamanha honra. Já desejo que chegue,» «pera ver teu grande feito que has de fazer, com tão boa armada, e» «gente como tens, e com minha ajuda, e armada com que te farey toda» «ajuda; e mais me affirmo que nom tardará muyto grande armada, que» «manda ElRey de Calecut pera te ajudar.» Com as quaes palauras o rume se mostrou muy [1] «follom,» dizendo que já folgára que chegara o Visorey.

[1] «follião?»

Melequiaz se despedio, e deixou com os Rumes espias, que ouvissem o que elles falauão. Os Rumes ficarão falando em modo de conselho, onde alguns disserão: «O Visorey nos vem buscar com a dor da» «morte do filho, e nom vem arreceando senão que nos hiremos e nos» «nom achará pera se vingar; e ha de ter bem sabido quantos somos, e» «o poder que temos, e elle ha de vir com tanta auantagem que seu» «trabalho nom ha de ficar embalde, pois antes que chegue te manda» «apreceber, e logo dizendo, e ameaçando, que se nos nom achar que» «a cidade lho pagará; e pois quem vem ameaçando esta cidade, grande» «poder trará;» dizendo ao seu Capitão que deuia de pedir a Melequiaz o messageiro que trouxera a carta, e que delle saberia que armada e gente [1] trazia o Visorey, porque nysto nom falára nada Melequiaz. O que o rume mandou rogar a Melequiaz que lhe mandasse o messageiro que trouxera a carta, pera falar com elle; mas Melequiaz lho nom quis mandar, e disse que o nom vira mais. Com que os Rumes ficarão em muyta confusão, nom assentando o que deuião crer, e se começarão a concertar pera peleja.

Partio o Visorey de Bombaim pera Dio, com muyto trabalho de vento contrario, que nom chegou a Dio senão em fim de Janeiro do ano de 509. E ao primeyro de Feuereiro chegarão á vista de Dio, e sorgio 'armada longe ao mar: por o vento ser escasso nom pôde chegar ao porto. Os Rumes, com a noua da carta, se muyto apreceberão, e acordarão em seus conselhos que [2] *era* melhor sayremse de Dio, dizendo que querião hir ao mar buscar o Visorey, e pelejar com elle, e que como sayssem fóra de Dio se fossem caminho do Estreito, e que depois tornarião, ou farião o que seu Capitão e senhor mandasse. O que assy concertou o rume com alguns Capitães de que se fiaua. Então o disse a Melequiaz, que elle estaua prestes, e que o Visorey nom chegaua por falta do vento, que elle o queria hir buscar, e no mar lhe dar a batalha, e o desbarataria, porque leuaua o vento em seu fauor pera o abalroar, e lhe faria todo mal; porque perdia sua honra estar aly mettido com sua armada tamanha, com tanta gente, sabendo que o vinhão buscar. Mas como Melequiaz era muy sagaz, e trazia suas vigias antre os Rumes, entendeo sua tenção, com dessimulação se quis segurar, e respondeo ao rume: «Eu»

[1] *que* Arch. [2] *he* Arch.

«bem sey que tens caualleiros, e grande poder pera desbaratar o Vi-»
«sorey, e mórmente com as boas razões que me dás, polo que eu que-»
«ro que minha honra fique mais acrecentada. Nom consentirey que»
«daquy te vás, pera ver com os meus olhos este honrado feito que vós»
«outros aueys de fazer, de que eu quero tomar minha parte, porque»
«hey d'entrar no feito com minha ajuda.» O rume cuidou que aquilo que lhe Melequiaz dizia que era dobrado, e que lhe nom estoruaria a sayda, e respondeo a Melequiaz que todauia queria sayr fóra ao mar, porque nom queria que o Visorey chegasse, e lhe tomasse a barra; e que nom ouvesse medo, que inda que saysse fora, ninguem lhe auia de fazer mal, e que lhe seguraua a cidade. Melequiaz lhe disse: «E pois se eu»
«tenho esse medo, que razão tendes vós outros pera nom estardes co-»
«migo pera me tirardes esse medo? E estaes muy aprecebidos pera co-»
«mo parecer 'armada do Visorey lhe sayrdes, e eu com a minha pera»
«auer meu quinhão da honra que vós outros ganhardes.» Mas porque a vontade dos Rumes era fogirem pera Meca, sobre ysto tiuerão muytos debates com Melequiaz cada dia; e andando nestas perfias, os Rumes pera sayr, e Melequiaz pera os deter, neste comenos chegarão a Dio cento e cincoenta paraos de Calecut, com muyta gente, muy armados com muyta artelharia, e frecheiros; nos quaes paraos hia por Capitão hum sobrinho do mouro Mamemarcar, que vinha ordenado que tanto que o Visorey fosse desbaratado se tornasse a Calecut a grã pressa, pera hirem estar na barra de Cochym, e ahy pelejarem com alguns dos nossos que tornassem do desbarato, e os nom deixassem entrar no rio. Estes paraos estauão prestes por muytos rios de Calecut, e como o Visorey se partio de Cananor se ajuntarão, e se forão ao mar muy longe, e tinhão vigias quanto podião ver o Visorey, e corrião assy á sua vista, crendo que os Rumes ao caminho auião de vir a pelejar com o Visorey, pera elles acodirem do mar 'ajudar; e ouverão vista dos nauios de Pero d'Ornelas, e com a boa vigia que trazião se forão tanto ao mar, que os nossos nom ouverão vista delles. Com a chegada d'estes paraos os Rumes ouverão muyto prazer, fazendo grande recebimento ao Capitão, dando muytos aguardecimentos a ElRey de Calecut por esta boa amizade, mas que nom deuera tomar tal trabalho, porque elle tinha sobejamente o que lhe compria pera a peleja do Visorey. E ysto por mostrar valentia; e tomarão algum esforço, mas nom que lhe tirasse o medo que tinhão pera fogir, com que então tornarão á perfia de

querer sayr fóra ao mar, porque tinha armada que sobejaua pera contra o Visorey. Ao que os muyto ajudaua o Capitão dos paraos; mas como Melequiaz já tinha bem sabido a tenção dos Rumes, que era fogirem, lhe disse que elles nom auião de sayr de Dio sem elle hir em sua companhia, que logo acabaria de concertar sua armada, e que todos juntos sayrião. Este Capitão dos paraos contou aos Rumes 'armada que trazia o Visorey, de que elles ouverão prazer; mas quando lhe disse que na costa ficaua outra armada em guarda, o rume ficou triste, dizendo muyto agastado: « Tão pouco me estima o Visorey, que nom trás quanta ar- » « mada tem! Ou elle sabe pouco, ou se atreue a muyto. » E com os do seu segredo dizia: « O Visorey no que trás vem confiado; nom pode- » « mos deixar de ter muyto trabalho. » E ysto praticarão com Melequiaz, e elle lhe disse: « Nom creo que o Visorey traga tão pouca armada, » « porque o messageiro, que me trouxe a carta, me disse que o Visorey » « trazia quarenta velas, e pois tras tão poucas agora descansemos. » E cada dia tinhão sobre ysto debates, porque os Rumes todauia querião sayrse; até que a nossa armada apareceo, de que ficarão contentes, vendo que era tão pouca, e falarão com Melequiaz, dizendo que o Visorey vinha com manha assy com pouca armada, mas que nom podia deixar de vir outra após elle, muyto mór, porque os paraos de Calecut lhe disserão que outra armada ficaua atrás, e que o Visorey trazia este ardil de guerra, que elle bem entendia, polo que lhe muyto aguardecia o bom conselho que lhe dera que nom fosse ao mar, polo que determinaua nom sayr fóra do rio, e assy estauão seguros, e a cidade guardada, « que nom » « ha poder no mundo que nos aquy faça mal, e se o Visorey aquy qui- » « ser entrar de todo será perdido; assy que neste acordo tenho assen- » « tado, porque estamos aquy saluos por este ano, que pera o outro meu » « Senhor Rey de Misey me mandará gente, e armada, sabendo o que » « tenho feito, com que então hiremos tomar as fortalezas. »

Melequiaz, ouvindo ao rume sua tenção, como era muyto auisado, respondeo ao rume: « Olha o que fazes; porque se fizeres algum erro » « na honra que tens ganhada, bem sabes que te mandará cortar a cabe- » « ça onde quer que fizeres o erro. » Melequiaz bem via que o rume fazia boa conta, mas pera o que lhe a elle e á cidade compria era fazelos hir fóra a pelejar, e se ficassem com o vencimento, que a elle ficaua a honra de os fazer sayr fóra, e se ficassem vencidos, no que se elle mais

certeficaua, inda que os ajudasse, lhe ficaria o despoio dos que escapassem, que se tornarião a colher á cidade, os quaes atados de pés e mãos os entregaria ao Visorey, com os catiuos, que tinha muy seruidos e contentes, com muytos prometimentos que o farião, e ajudarião a ser amigo do Visorey: o que lhe ElRey de Cambaya tinha mandado que trabalhasse muyto por assentar paz com os nossos, porque tendo guerra perdia muyto em seus portos; e com esta palaura que tinha d'ElRey de Cambaya entregaria a cidade ao Visorey, e faria taes comprimentos que assentaria tudo com o Visorey; que por tanto pera ysto compria que a peleja fosse fóra da cidade, porque se fosse dentro no rio, e os nossos vencessem, sua cidade seria destroida e queimada; e lançando todas estas contas, falou com os Rumes, dizendo ao Capitão que nom tomaua bom conselho em nom querer sayr fóra, porque sendo a peleja no mar, « eu » « com minhas fustas, e com os paraos de Calecut, que somos tresentas » « fustas, que andando derrador das naos, ás bombardadas e frechadas « « mataremos quanta gente pelejar, e mórmente sobre a nao do Visorey, « « que eu em pessoa com cem fustas guerrearey. Nom sey de que agora » « tens medo, pois que de primeyro dizias que auias de sayr ao mar a » « pelejar, o que agora me parece que então querias sayr fóra pera fo- » « gires pera tua terra, pois agora, que vês com teus olhos a pouca ar- » « mada que aly está, nom ousas a sayr do rio, e aquy dizes que te has » « de fazer forte. O que nom he bom conselho, nem eu o hey de con- » « sentir. Pois tu nom estimas tua honra, eu nom quero perder a mi- » « nha. E se me confessares que tens medo, entregame a tua armada e » « gente, e tu fica na cidade, e eu hirey a pelejar com o Visorey, e » « verás o que faço. E por tanto logo te sae pera fóra, antes que o Vi- » « sorey se chegue á barra, porque agora nom tem vento, e assy sobre » « 'amarra, como está, os hirás abalroar. Olha que a tua gente nom tem » « mais forças que as que lhe fizeres com teu valente coração, e nom » « mostres medo, que de todo te perderás, vendo as tuas gentes que di- » « zias que auias de hir tomar Cochym, e agora nom ousas sayr de casa, » « como molher a que se mudou a vontade. » O que ouvido polo rume, e seus Capitães, e sua gente, perante quem Melequiaz falou estas cousas, lhe respondeo encobrindo a fraqueza de seu coração, dizendo: « As pa- » « lauras que dizes são de bom pay, que aconselha seus filhos, as quaes » « me fazem mais alegre que dez mil homens que me agora chegá- »

«rão de socorro; e vendo toda a verdade, espero ante teus olhos te»
«mostrar que gente he a do grão Turco. E logo me vou arriba man-»
«dar sayr 'armada;» todauia com tenção que se visse o feito mal parado se acolher pera Meca. E concertou toda 'armada pera sayr fóra ao outro dia, dizendo aos seus que o Visorey com medo nom ousara de chegar ao porto, mas que vendo chegar 'armada tão grande como tinha, com tresentas fustas, logo auia de fogir. E com estas palauras se mostraua muy alegre e aluoroçado. Com muyta gente e tangeres, diante de sy mandou recolher toda' gente, e embandeirar sua armada, com grandes gritas e tanjeres.

Andando o rume neste negocio, ao meo dia acodio do mar hum fraco vento, com que o Visorey se fez á vela com o traquete; elle diante e os outros após elle, muy per ordem, como o Visorey tinha ordenado; com muytas bandeiras, e estendartes, e nas vergas feitas centuras, e as naos apadezadas, e com suas [1] «pontas» feitas, e as galés com suas mantas armadas, e toda' gente por cyma armada, que com o sol reluzião as armas como estrellas, tangendo as trombetas, e atabales, que de quando em quando o vento fazia soar na terra. E sorgio afastado da barra, porque lhe nom chegassem os tiros da cidade, o que sendo visto dos Rumes de todo sequarão seus prazeres, com grande medo que nelles entrou, vendo que se nom podião liurar da conclusão do feito, polo que forçadamente auião de sayr fóra.

Nesta noite o rume assentou conselho com os seus que com a maré sayssem fóra, que era ante menhã, e nom fossem abalroar 'armada, sómente se sayssem ao longo da terra, e sorgissem chegados a terra quanto podessem com 'amarra no mar, e regueira na terra, porque 'artelharia da cidade fizesse mal aos nossos se com elles pelejassem; dando a todos auiso que se os nossos os abalroassem, que elles tambem se aferrassem com os nossos, e larguassem as amarras do mar, e se alassem ás regeiras da terra, com que leuassem os nossos a ensequar, onde todos serião perdidos os nossos, e elles ficauão saluos na terra, o que estaua certo acabado, porque os nossos estaua certo que auião d'hir abalroar. 'Armada dos Rumes erão dez galés grandes, que cada huma tinha tres tiros por proa, grossos, e falcões pola coxia, que se remauão com remei-

[1] «pontes?»

ros a soldo; e erão dez naos grandes como as nossas, de duas gaueas, e huma muy poderosa nao de Melequiaz, que tinha grandes arrombadas por fóra que nada lhe podião empecer os tiros de fóra, que tiraua tres ordens de artelharia; e mais quatro naos da terra com muyta artelharia, e com muyta gente armada de traçados, cofos, zagunchos, e grão numero d'arquos troquiscos. A nao só de Melequiaz tinha setecentos homens de peleja; e tudo assentado polo rume, com Melequiaz, o como assy auião de sorgir e se amarrar, porque o ardil foy de Melequiaz, porque se os Rumes fossem desbaratados, que se auião de colher a terra, os tomaria todos, e faria delles bom presente ao Visorey.

E pois amanhecendo, começarão a sayr as galés com os traquetes, huma após outra, assy muyto pegadas com a praya, o que vendo o Visorey logo disse que nom vinhão abalroar, e todauia mandou a todos pôr a pique d'amarra, e os Capitães concertada sua gente em capitanias nos chapiteos e conuezes; como de feito as galés sorgirão ao longo da praya, e se amarrarão por proa e popa, com que ficarão com as proas pera o mar, e [1] *logo* junto dellas assy sorgio a capitania, e todas as outras naos que sorgirão per sua ordem, e as naos da terra por derradeiro. A nao de Melequiaz [2] sorgio na barra do rio, fóra de huma lagea que está na barra. O Visorey, vendo que os Rumes nom vierão abalroar trazendo vento e corrente d'agoa, deu muytos louvores a Nosso Senhor em seu coração, conhecendo fraqueza nos Rumes, e se deixou estar. Melequiaz tinha cento e vinte fustas muy armadas, e com muyta artelharia e gente de peleja, e tambem estavão com ellas as cento e cincoenta de Calecut, e vinte de Dabul, e todos ordenados que na batalha auião de andar derrador dos nossos, a matar gente com as frechas e artelharia, e todos auião de sayr de noite e se hir estar no mar, pera 'o outro dia, com o terrenho e maré, os Rumes sayrem da terra a dar batalha aos nossos, ou se os nossos fogissem lhe darem caça; mas Melequiaz nom tinha confiança senão no seu ardil, que era as naos dos Rumes se aferrarem com os nossos, e se deixarem hir á praya.

Vendo o Visorey os Rumes surtos repousados, e que do rio nom saya 'armada meuda das fustas de Melequiaz, e paraos de Calecut, de que elle nom sabia nada, como era homem muy auisado, e esperava de

[1] *longo* Arch. [2] *que* Arch.

aly abalroar os Rumes, se elles nom sayssem fóra, se guardou do ardil que os Rumes podião ter: polo que o Visorey pôs bandeira na quadra, e mandou o bargantym chamar os mestres e pilotos, que todos vierão, com os Capitães e fidalgos, que todos forão chamados do Visorey. Antre todos assentado na tolda, o Visorey a todos lhe fez esta fala: «Se-» «nhores caualleiros, e fidalgos, meus bons amigos, nós somos aquy» «chegados com o querer de Nosso Senhor, elle seja muyto louvado, e» «partimos de Cochym em busca d'estes infieis e imigos de sua sancta» «fé, que temos ante os olhos, e aquy está a minha alma muy trespas-» «sada de dor, vendo que estes são os que matarão meu filho, que ou-» «tro me nom ficou; e Nosso Senhor sabe se auerá por seu seruiço que» «eu o vá vêr na gloria, onde está, e vão, e hiremos, os que morrermos» «por sua sancta fé, seruindo nosso Rey e senhor. E tomey atreuimen-» «to a vir buscar estes imigos na confiança da misericordia de Nosso» «senhor, e fauor e ajuda de vossas honradas pessoas, como quem sois,» «zelosos no amor de Deos, por vossa ley, e por vosso Rey; e com a» «piedade que de mym avereys, orfão sem filho, me ajudareys, e fareys» «o que Nosso Senhor vos ajudar. E porque eu sou o mais culpado nes-» «te trabalho, polo que me tanto toca, vos peço, muyto por mercê, que» «me outorgueys a dianteira no abalroar com a capitania dos Rumes, por-» «que nom seja eu o somenos no trabalho, pois serey o maior no pro-» «ueito, na vingança que peço á misericordia de Nosso Senhor com es-» «tas palauras, aleuantando as mãos a Deos, com lagrimas nos olhos. E» «outorgandome esta mercê, que com tanta razão vos peço, então ordena-» «remos o que cada hum fará, como melhor a todos parecer.»

Sendo per todos ouvido o que o Visoréy dissera, huns a outros se reportarão que falassem, por acatamento dos mais velhos; e porque Nuno Vaz de Castello Branco era mais que todos, lhe todos pedirão que falasse. Polo que então se aleuantou com o barrete na mão, o que lhe o Visorey nom consentio, e o fez assentar em seu lugar, o qual lhe disse: «Senhor, todos aquy somos vindos pera trabalharmos até morrer em» «todo o que de nós ordenardes pera o seruiço de Deos, e d'ElRey nos-» «so senhor, pera o que estamos muy prestes, em quanto as vidas ti-» «uermos nos corpos, e esto com tanta vontade, como se o vosso cora-» «ção estiuesse dentro em cada hum de nós; sómente a dianteira que pe-» «dís he a semrazão que nos fazeys, porque vossa pessoa he o thesou-»

«ro de nossas forças, e fortaleza de nossa segurança, e por tanto nom»
«se ha de pôr em tal risco, porque indaque sejamos vencidos, a vossa»
«pessoa viua todos seremos saluos, e restaurados: e por tanto, senhor,»
«tudo se faça o que mandardes, nom hindo Vossa Senhoria na diantei-»
«ra, nem abalroar nenhuma nao dos imigos.» Todos forão muy contentes do que falára Nuno Vaz.

Então, praticando todos, assentarão a ordem de como auião de pelejar, e foy assentado que o Visorey em sua nao Flor de la mar tomasse a boca do rio no meo da barra, pera que nom consentisse sayr nada de dentro, nem entrar de fóra, repartindo toda' gente da nao polos outros nauios, cada hum onde lh'aprouvesse, e sómente ficassem na nao vinte homens do mar, que fizessem dar á bomba, e ajudar á artelharia, corenta mouros com bragas rodeados, (porque sempre a nao daua a duas bombas); e oito criados do Visorey, que com elle estiuessem pera o que elle mandasse, e todos os Portuguezes com as espadas nuas nas mãos pera matarem os bragas, se fizessem algum aluoroço, ou nom quisessem trabalhar; e vinte bombardeiros, com vinte escrauos de soldo que os ajudassem. E assentarão que Nuno Vaz, e Jorge de Mello, ambos juntos abalroassem a capitaina dos Rumes, e fossem os primeyros na dianteira, e Pero Barreto, e Francisco de Tauora, Gracia de Sousa, Manuel Teles, Antonio do Campo, Dom Antonio, abalroassem por onde podessem; e que Martim Coelho com os carauellões, sem abalroar, com artelharia pelejassem com as naos dos Mouros; e que as carauellas com as galés, e João da Noua no batel de Frol de la mar, com hum tiro grosso, todos juntos se posessem no traués das galés, e que as guerreassem com artelharia, e se enxorassem as primeyras, com os batés e materiaes que pera ysso leuauão, lhe fossem pôr o fogo, e se tornassem 'afastar, cortandolhe as amarras do mar, pera que fossem cayr sobre as outras. E que sendo caso que os Rumes, com o terrenho, os viessem abalroar, que se fizessem todos á vela, e se fossem ás voltas sayndo pera o mar, pera que com a viração os tomassem a julauento; e estiuessem com grande vigia a pique d'amarra, pera se fazerem á vela vendo sayr os Rumes; e que se os Rumes nom sayssem com a viração, os auião d'hir abalroar quando lhe elle fizesse sinal, que seria largar a bandeira da gauea, que auia de ter enrolada, e a bandeira real, que auia de ter na ponta do goroupez; dando a todos os mestres auiso que se fossem abalroar deixassem anco-

ras por popa, a que se tornassem 'alar quando comprisse, porque os Mouros se nom aferrassem com os nossos nauios, e cortarião suas amarras com que se fossem á costa. O que a todos pareceo grande bem, e todos o fizerão, e os Capitães se recolherão a suas naos, e se concertarão pera tudo como lhe compria, mórmente pera resguardo do perigo do fogo; e valentes homens nas gaueas com muytas lanças d'arremesso, e muyta pedra, e outros que lha auião de dar acyma; e valentes homens com os arpeos nas pontas dos goroupezes pera os largarem quando fosse tempo; e cargo a outros pera que cayndo, virar os cabos nos cabrestantes; e os guardiões com os grometes, que andassem debaixo das cobertas vigiando, *e* se entrasse algum pelouro acodissem a tapar o buraco com sacos de farinha, que pera ysso erão feitos com outros botumes; e per toda a nao muytas tinas cheas d'agoa, com gamellas pera acodir ao fogo, se lho deitassem, o que o Visorey muyto defendeo que nas naos ninguem o deitasse, polo perigo que podia soceder; e muyto auiso sobre a poluora. Em todo este tempo nom ouve tirar de nenhuma parte, inda que estauão perto pera o poderem fazer se quiserão, porque o Visorey o defendeo. Tão seguros, e repousados estauão todos, que de terra vinhão almadias, que trazião refresco aos Rumes, então vinhão andar per antre a nossa armada, a que o Visorey defendeo que nom lhe fizessem mal, nem deixassem chegar a bordo, nem falar nada; e foy ysto em tal maneira que o proprio Melequiaz, desconhecido, foy ver 'armada, que tornando a terra disse aos seus: «Muyto me pêsa do» «que tenho feito em fauor dos Rumes, e muyto mais porque lhe nom» «mandey queimar sua armada.» E nysto se passou o dia, e a noite com grande vigia, concertando cada hum suas almas e armas, pedindo a Deos cada hum perdão de seus peccados, douidosos das vidas, vendo ante os olhos tamanho risco como auião de passar. Como foy noite, o mestre da Frol de la mar foy deitar huma toa na bocca do rio, e com a maré se alou a ella, e se amarrou com as ancoras por proa e popa, com que a nao nom virasse com a maré pera nenhuma parte, e assy de noite as carauellas, e galés, e batel de João da Noua, se forão a seu pouso como lhe era mandado, *e* em tal modo o fizerão que nom forão sentidos, porque os Mouros fazião sua vigia com tangeres e gritas, que nada ouvião.

CAPITULO IV.

COMO O VISOREY DEU BATALHA AOS RUMES SOBRE A BARRA DE DIO, E OS DESBARATOU, E TOMOU 'ARMADA, E MELEQUIAZ SE ENTREGOU AO VISOREY COM A CIDADE, E FEZ TODO O QUE QUIS O VISOREY, E COM ELLE ASSENTOU PAZ.

Ao outro dia, que forão tres dias de Feuereiro d'este anno de 509, dia de sam Brás, sendo menhã clara, que a nossa armada assy estaua prestes pera se os Rumes sayssem a batalha, o que elles nom tinhão em sentido, mas quando virão a repartição de nossa armada, e os nauios que estauão sobre as galés, e a nao que tinha tomada a barra, forão em muyta trouação, e logo as primeiras galés se virarão as proas ás nossas pera lhe tirarem, mas nom puderão, porque ficando atrauessadas aos mares, dauão tão grandes balanços que punhão as vergas n'agoa. Então se deixarão estar, assentando alguns tiros pera ellas, mas vendo que os nossos nom tirauão assy o fazião, que nom tirauão, e as almadias andauão como gente de paz. O Visorey deu sinal ao bargantym que quando lhe mostrasse hum guião azul na proa da nao erą sinal que o chamaua, ao qual sinal que vio, foy á nao, e o Visorey lhe deu hum seu assinado, e que corresse toda 'armada, e o mostrasse a cada Capitão, no qual dizia: « Senhor, os Rumes já nom hão de sayr, pois oje o nom fizerão, e por tanto com a lembrança na paixão de Christo, com a viração, a que farey o sinal, em que tereys boa vigia, lhe vamos dar a merenda; e sobre tudo vos encomendo grande cuidado das rigeiras, que deixarês por popa, pera vos alardes a ellas quando vos comprir, porque ysto mais releua sobre todalas cousas, pera que vos aparteys de fogo, se os Mouros em sy o poserem pera vos queimar, ou vos leuarem á costa cortando suas amarras. » O qual auiso foy dado a todos, que prouerão cada hum como compria, no que se gastou o dia, e comeo toda' gente, e repousou. Como virão que a maré vinha do mar, outra vez o Visorey mandou o bargantym per toda 'armada aos Capitães * com hum papel, * que o mandassem ler em presença de toda' gente, o qual dizia assy:

« Dom Francisco d'Almeida, Visorey da India, polo muyto alto, e excelente Rey Dom Manuel, meu senhor. Notefico a quantos esta minha carta virem, que porquanto neste dia e ora estou nesta barra de Dio,

com todo o poder que tenho, pera dar batalha a huma armada do grão Turco, que elle mandou, que vierão de Meca pera guerrearem, e ponirem contra a fé de Christo, e contra o estado d'ElRey meu senhor; em comprimento do qual, dentro em Chaul, no rio, derão batalha com o Capitão mór do mar da India, e o matarão, e muytos catiuarão com 'ajuda dos de Melequiaz, Capitão de Dio, que os recolheo, onde se tornarão a refazer, e acrecentar com mór poder de gente e armada, com proposito de hirem guerrear e tomar as fortelezas de Cananor, e Cochym, com fauor e ajuda de grande armada que lhe mandou o Rey de Calecut, e com outra muyta que lhe forneceo Melequiaz aquy nesta cidade de Dio, onde erão juntos pera fazer a dita obra de guerra: o que por mym sabido, por atalhar o tamanho mal como se podia seguir, se estes imigos nom fossem ponidos, e de todo apagados, me fiz prestes com todo o poder d'ElRey meu senhor que pude ajuntar, e os vim buscar aquy a esta cidade de Dio, onde estão juntos com todos seus poderes, onde oje neste dia, com ajuda de Nosso Senhor, e piadade da sua grande misericordia, lhe dou a batalha, onde comigo aquy são juntos muytos fidalgos, e caualleiros, e gente nauegante, e valentes escrauos, que ajudão a seus senhores pelejando; no qual feito Nosso Senhor sabe o que será: E porque o feito e seruiço he tamanho, com tão manifesto perigo das vidas dos que ahy forem martyres, eu, como inteiro e perfeito Visorey, em nome d'ElRey meu senhor, me apraz, e hey por bem, e muyto seruiço de Sua Alteza, que todos quantos aquy são comigo presentes ajão honras de caualleiros perfeitamente, assy os viuos, como os que Nosso Senhor leuar pera sy, pera honra de seus herdeiros; e o que já he caualleiro lhe outorgo as honras de fidalguia, e a todos os degredados perdão liuremente de todos seus degredos, e aos omiziados liure perdão, da parte da justiça, de seus delitos; e os escrauos que neste feito morrerem serão pagos a seus donos por cada hum cincoenta cruzados, e os que viuos ficarem, se dentro neste ano ouverem alforrias de seus senhores, auerão as liberdades de escudeiros e os que ficarem alejados, que nom possão seruir seus senhores, lhe serão pagos como mortos, e se com suas aleijões puderem seruir, a cada hum serão pagos vinte cruzados: os quaes pagamentos dos ditos escrauos, se ElRey meu senhor nom ouver por bem, tudo me obrigo a pagar de minha fazenda, viuendo, e morto mando que de minha fazenda se tudo pague. E a todos dou escala franca, que seja seu o que

cada hum tomar, tirando os nauios, e artelharia, que nom posso dar. O que todo assy dou, e outorgo, com todo o poder que se contém em minha patente, e regimento d'ElRey meu Senhor, em cujo nome tudo outorgo, e confirmo d'este dia pera todo sempre, com todas as mais mercês, e acrecentamentos d'onras, e satisfações que de Sua Alteza receberão, que nesta ora da morte lhe peço que aja lembrança d'este tamanho seruiço, em que tão voluntariamente arriscão as vidas; e pola parte da mercê, que a mym toca, peço a Sua Alteza em singular mercê, que assy aja por seu seruiço, por ser este o primeyro feito contra Turcos. E mando que o treslado desta carta se dê a toda' pessoa que a pedir, que contra minha fazenda valerá como escritura publica, assinada per mym em dia do glorioso Bispo Sam Bras, tres dias de Feuereiro do ano de 509. »

Esta carta fizera o Visorey em Cochym, e a deixaua trasladada em segredo na feitoria de Cochym, até o que toca nos escrauos, declarando que a demasia escreueria em qualquer logar que os Rumes achasse, com juramento que deu aos officiaes que tiuessem em segredo até o feito dos Rumes ser acabado. O bargantym mostrando a carta por toda 'armada foy [1] grande contentamento e prazer em toda' gente, com muytos louvores que dauão ao Visorey, o qual estaua em sua nao como dito he, que mandou dar grande jantar a toda' gente. Estando tudo a ponto como compria, acabado o Visorey de comer se recolheo á sua camara com cinco crelgos que tinha, e elle posto de joelhos diante de hum retauolo muy deuoto de Nossa Senhora da Piedade, onde os crelgos rezarão a vigilia de sam Brás, e depois as ladainhas, deuotamente pedindo a Nosso Senhor victoria contra os imigos. O Visorey se assentou n'huma cadeira no chapiteo de nao, esperando a boa ora, que pedia a Nosso Senhor, com as mãos aleuantadas ao Ceo, com as lagrimas piadosas.

Sendo oras de meo dia começou a ventar a viração do mar, que era á popa pera os nossos, com que todos vigiarão os sinaes do Visorey que auia de fazer, que aguardou que o vento foy esforçando, ao que o Visorey se pôs em joelhos [2] * e desferio * bandeira, em louvor da que Nosso Senhor Jesu Christo leuou na mão no dia da sancta resurreição, enuocando o nome de Sanctiago, ao que a gente da nao respondeo com grande grita: Senhor Deos misericordia! Sanctiago! Com que as bandeiras forão

[1] * em * Arch. [2] * desfire * Arch.

desenroladas, e outras muytas que tinha a nao, deitando estendartes, tangendo as trombetas e atabales; o que sendo visto d'armada, em toda se aleuantou grande grita: Senhor Deos, misericordia! Sanctiago! E leuarão as ancoras que estauão a pique, e derão os traquetes, o que assy fizerão todos. O Visorey fez a primeira salva, que desparou dezoito pelouros, com que chegou á nao dos Mouros, e de Melequiaz, e outros pelouros entrarão polo rio dentro, com que deu polos paraos e fustas de Melequiaz, que estauão prestes pera sayr, de que muytas forão mal auiadas; a qual salua logo fizerão as galés, e carauellas, e o batel de João da Noua, que tomando as galés dos Rumes atrauessadas lhe fazião grande dano, e as galés, que lhe nom podião tirar, tirauão contra os nauios que hião abalroar, de que era o dianteiro Nuno Vaz de Castello Branco na não Sanctisprito, porque Jorge de Mello na nao Belem, que avia de hir com elle, por embaraço d'ancora ficou atrás, o que se disse que ácinte o fizera o seu mestre porque o tinha espancado, por lhe tirar esta onra; polo que Nuno Vaz foy só dianteiro de todos pera abalroar a capitania dos Rumes, em que Nosso Senhor mostrou seu grande poder, que o condestabre da nao, chamado João de la Camara, desparou hum tiro ao lume d'agoa, e tomou a nao por baixo, e a passou d'ambas as partes, e sayo o pelouro fóra da outra banda per debaixo d'agoa, perque entrou tanta agoa, que logo a nao meteo a proa e se foy ao fundo, ao que se aleuantou grande grita, ficando os Rumes a nado. Nuno Vaz, vendo a nao no fundo, passou áuante, e se meteo per antre duas naos de Rumes, que estauão juntas, em que deitou arpeo, e os Rumes lhos deitarão, o que assy fez Jorge de Mello, Pero Barreto, Francisco de Tauora, e todos os outros Capitães, cada hum como melhor pôde, que todos deitarão arpeos, e os Rumes lhos deitarão, fogindo já muytos a nado pera terra, e tambem como virão das galés sua capitaina no fundo, mas todauia desparando muyta artelharia nos nossos ao abalroar; e sendo as naos juntas, porque os Mouros erão muytos, atreuendose com os nossos vendo que erão poucos, pelejauão muy fortemente, com zagunchos grossos e de ferros compridos, e cofos, e traçados, e sem numero de frechadas d'arquos troquiscos, com que aos nossos fazião grande mal; mas postoque todos estauão juntos, e abalroados, e 'artelharia nom cessaua d'ambas as bandas, [1] o fumo e fogo

[1] * em que * Arch.

era tanto que se nom vião huns aos outros, e os gritos tantos que era o dia de juizo, e os nossos nauios, e enxarceas estauão cobertos de frechas pregadas, mas os nossos das gaueas tinhão grande apressão, e nom ousauão aparecer, porque nas gaueas dos Rumes tinhão muytos frecheiros, que os muyto ferião, mas alguns que puderão fazião muy grande guerra com infinidade de pedras que deitauão, em tanta maneira que os Rumes se colhião debaixo dos chapiteos, com que os nossos entrauão com elles ás lançadas e cotiladas, e muytos com espadas d'ambolas mãos, que tanto apertauão os Rumes que os fazião colher pera baixo, e outros deitar ao mar; e cortauão as amarras a suas naos pera leuarem os nossos á costa, o que estaua prouido com as amarras que tinhão deixado por popa, ao que os nossos largauão os arpeos, e os deixauão hir á costa onde se perdião, mas a gente se saluaua na terra; nom cesando o tirar d'artelharia, tanta que o fumo escureceo a claridade do sol, e as gentes nom se vião huns aos outros, de que os nossos tinhão o melhor, que o vento era de sua parte, e tinhão melhor claridade. João da Noua, e os outros Capitães das carauellas, vendo a obra que os nauios fazião, e porque as primeyras galés a que tirauão estauão enxoradas sem gente, chegarão a entrar dentro, e trabalharão tanto que atrauessarão alguns dos seus tiros pera as outras galés, com que lhe tirauão. Mas os Mouros erão muytos, que corrião por todas as galés, e acodirão tantos sobre os nossos, e com tantas frechadas, que ferirão muytos dos nossos, e mortos alguns, os fizerão tornar a recolher, que afastarão hum pouco pera fóra, e com os tiros metterão tres galés no fundo, e dauão [1] * nas * outras, que tambem assy espedaçauão. O que nom consentio João da Noua, dizendo que seria perda mettelas no fundo, com que lhe nom tirarão mais, e se deixarão estar, nom ousando passar por diante das galés, porque dentro estauão os bombardeiros, que tirauão sempre aos nossos nauios, ao que João da Noua quis defender, e se metteo, com o bargantym e seu batel e assy as carauellas, por antre as galés dos Rumes e a terra, e com os tiros desfazendo os tiros das galés, com que os Rumes pera sua saluação cortauão as amarras, e se deitauão ao mar, e se saluauão na terra, desparando primeyro os tiros nos nossos nauios que estauão pelejando, com que lhe fizerão muyto mal, porque hum pelouro entrou no nauio d'Anto-

[1] * as * Arch.

nio do Campo, que lhe matou tres homens, e ferio outros, e a Gracia de Sousa entrou outro per cyma do chapiteo, que lhe leuou cinco homens ao mar, e a outros nauios: estes forão primeyro que abalroassem, que foy o mór perigo.

No chapiteo do nauio de Dom Antonio de Noronha hião doze homens, prometidos de todos juntos entrarem em abalroando. O nauio, chegando a huma nao de Rumes, deu nella tamanha pancada que tornou pera trás, e desuiou pera outra parte, ao que os que hião pera entrar nom poderão entrar mais que sómente cinco, que forão mais lestes, e ficarão no chapiteo da nao dos Rumes, porque o nauio correo de longo da nao, com os quaes os Rumes se nom atreuerão a pelejar, sómente ás frechadas, que lhe tirarão tantas que matarão tres, o que vendo os outros dous, por sua saluação das frechas se decerão do chapiteo á tolda antre cem Rumes com que se metterão ás lançadas, em tal maneira que despejarão a tolda, que os Rumes nom quiserão senão ás frechadas, de que os nossos se emparauão detrás de hum tauoado, porque estauão já muyto feridos, e comtudo como os Rumes entrauão na tolda os nossos sayão a elles com adargas que tinhão, e espadas, e pelejauão tão fortemente que os Rumes lhe fogião, que já na tolda estauão oito mortos. No qual trabalho assy estando, Martim Coelho chegou, e abalroou esta mesma nao, e foy entrada e tomada, porque vendo elle as galés desbaratadas foy tambem ajudar, e abalroar esta nao, que enxorou dos Rumes, que se deitarão ao mar, que nom tiuerão acordo de cortar as amarras, como os outros fazião. E os dous companheiros estauão já caydos com o muyto sangue que lhe saya das feridas; que Martim Coelho mandou recolher ao nauio, e forão curados: hum chamado Antonio Carualho, que ficou alejado de huma perna, e depois foy feitor de Calecut, e outro chamado João Gomes Cheiradinheiro, que depois foy capitão das Ilhas de Maldiua, onde foy morto de huma armada de Mouros que o forão buscar, como será contado em seu lugar.

Como a batalha assy foy emvolta, que as naos dos Rumes hião á costa, João da Noua, e o bargantym, e as carauellas, que hião ao longo da terra por popa das naos, com 'artelharia desfazião as naos, que se hião á costa, e tambem nos Rumes que andauão na praya, e muyta gente que acodia da cidade. Com que matarão muyta gente, mas no batel, e bargantym, e carauellas auia muyta gente ferida d'alguns tiros, e de frecha-

das, que erão já as mais das naos desbaratadas, polo que Manuel Teles, Pero Barreto, Dom Antonio, e outros, mandarão seus batés com gente que tinhão sã, que forão ajudar João da Noua e o bargantym, que pelejauão com huma nao que jazia á costa, que tinha muyta gente, a que derão fogo, que ardeo com outra que estaua junto com ella, e nom deitarão fogo nas outras porque o Visorey o tinha defeso, mas o mar andaua tinto em sangue dos mortos. O principal feito dos Rumes forão frechadas, que erão elles muy destros, e certeiros em estremo.

Melequiaz, vendo da cidade os Rumes abalroados e tão braua peleja, mandou a grã pressa seu Capitão do mar chamado Cide Alle, torto, que nom tinha mais que hum olho, que logo saysse com 'armada toda sua, e de Calecut, que fossem por popa dos nossos nauios, e os esbombardeassem por cyma a matar a gente; o que fizerão, e sem arrecco da nao cometerão a sayr fóra per antre ella e a terra, fazendo fundamento que indaque perigassem alguns outros sayrião fóra; e assy juntas muytas a grão remar quiserão sayr, mas o vento e maré, que lhe era contrairo, as detinha muyto; no que tinha tento o condestabre da nao, que lho mandou dizer o Visorey, o qual apontou ás fustas seis tiros grossos, que a nao tinha daquella banda, deixou vir as fustas, até que as dianteiras chegarão tanto áuante como a nao, e tirou ás dianteiras com tres tiros, com que derribou mais de vinte no mar, que fizerão tanto embaraço ás que vinhão atrás que todas se embaraçarão humas com outras, que nom podendo remar, a agoa e vento os tornou pera trás, onde assy emburilhados lhe chegarão outros pelouros que lhe fizerão tal labor, que muyto á pressa se tornarão polo rio dentro fogindo dos pelouros, que em saltos polo mar hião após ellas. Os quaes, todauia tornarão a querer passar em fio, fazendo conta que nom serião tantos os tiros que a todos tomassem, mas os bombardeiros lhe tomarão tal ponto, que como chegauão a tiro lhe nom aguardauão que fossem áuante, com que lhe fazião tanto mal que erão já mais de cincoenta espedaçados, e muyta gente morta; com que de todo perderão a esperança de sayrem fóra, e se metterão detrás de hum baluarte, que estaua no meo do rio, donde delle, e de huma torre que estaua da outra banda da cidade, tirauão muytos tiros á nao do Visorey, que lhe abrangião, aindaque já fracos. Mas o Visorey a todos respondia, que a nao de Melequiaz, e das naos dos Mouros todos tirauão ao Visorey, que lhe abrangião ás vezes. Os marinheiros ajudauão

os bombardeiros, os homens do Visorey acupados com os escrauos a lhe fazer dar á bomba, de que nom largauão mão de dia e de noite; e pareceo cousa de milagre, porque como começou d'atirar 'artelharia, parece ser que abrindo as costuras, que entrou agoa nas estopas, incharão de maneira que a nao foy estancando, que de todo nom entrou agoa, e ficou estanque, sem auer agoa na bomba; que por noite se achou que a nao neste meo dia tirou seiscentos tiros grossos, afóra os meudos, segundo se achou per conta dos pelouros. Os paraos de Calecut, com o mal que tinhão, vendo o desbarato dos Rumes, e as galés e naos á costa, ouverão seu acordo, e como foy noite com a maré rodearão a Ilha de Dio, e pola outra banda sayrão ao mar, e se forão caminho de Calecut, onde na costa toparão os nauios d'armada, que com elles pelejarão, e alguns metterão no fundo, e os outros se colherão a terra, porque era de noite, onde em Calecut derão noua do desbarato dos Rumes, a qual noua correo logo a Cochym e Cananor; mas os Mouros, com pesar que tinhão, o falauão por modos que os nossos nom estauão contentes, mas na tristeza dos Mouros ouverão a noua por boa, e mostrauão prazer.

Todos os nossos nauios, pera ysso ordenados, abalroarão a nao dos Rumes, e tal ouve que abalroou duas e as rendeo, e outras nom forão abalroadas, senão mettidas no fundo com tiros d'artelharia; e tão enuolta foy a cousa que os Rumes, que andauão a nado, que se colhião a outras naos, os proprios Rumes os afrechauão, cuidando que erão Portuguezes, porque depois se virão muytos Rumes mortos de frechadas, que os nossos nom tinhão. A confundição dos Rumes foy vendo sua capitaina no fundo, porque logo [1] *pelejarão* por se saluar, cortando por [2] *sy* as amarras por hir a terra, porque muytos nom sabião nadar, de que muytos morrerão; e os que muyto pelejarão forão algumas naos que os nossos tinhão arpoadas, que se nom podião soltar. Mas no mar foy a mór matança com os batés, que tomarão a praya; e os carauellões se chegando ás naos dos Mouros já nellas nom auia gente, sómente a nao de Melequiaz, que estaua tão chegada na terra que os nossos nom puderão la entrar, porque Dom Antonio e Aluaro Paçanha com os batés se reuocarão, e chegarão pera ella, e sorgirão, que nom puderão chegar a ella por a maré ser vazia, e com artelharia lhe começarão a fazer o jogo, ao que

[1] *pelejão* Arch. [2] *se* Arch.

ajudauão os carauellões, e chegarão as carauellas e o bargantym, e João da Noua no batel, que todos tirauão á nao, mas ella respondia a todos, em que d'ambas as bandas ouve braua peleja, porque a nao tinha muyta artelharia, e da terra lhe fazião ajuda muytos tiros, e estaua tão repairada com as defenças que tinha por fóra, que estauão penduradas em vão, que os nossos pelouros lhe nom chegauão senão tão fracos que nom lhe fazião dano, de modo que a nao se sosteue até quasi noite; mas os tiros dos nossos forão tantos, que quebrarão as arrombadas, e pareceo o corpo da nao, com que logo foy arrombada per tantos lugares que se foy assentar no fundo assy direita, de que os Mouros se colherão a nado pera terra, e polo rio dentro. Forão dizer ao Visorey se lhe porião fogo, disse que não, por se nom perder 'artelharia.

O Capitão dos Rumes se saluou a nado, onde em terra lhe foy dado hum cauallo [1] * polos * Mouros da cidade, que acodirão; e elle se foy pera a cidade, e passou per ella, e se foy fogindo pera Madaua, onde estaua ElRey de Cambaya, porque ouve medo que o entregasse Melequiaz ao Visorey por concerto de paz, mas nom achou ElRey, e se foy a Champanel onde estaua; do que Melequiaz teue muyta paixão quando soube que era fogido.

Acabada a sancta victoria já noite, toda 'armada se retirou pera fóra a suas amarras. O Visorey, vestido em hum roupão de grã, se meteo no bargantym, e foy entrar em todolos nauios, abraçando os Capitães, e aos fidalgos, e a todos falando palauras de grandes honras e louvores, e lhe muyto encomendando o repairo dos feridos, e que ao outro dia pola menhã se fossem á sua nao, e lhe leuassem rol dos mortos, e feridos; o que assy fizerão, que forão todos á capitania vestidos louçãos, que o Visorey recebia com grandes honras, com atabales e trombetas, e palauras de muyto amor, e lhe derão rol dos mortos, e feridos; em que os mortos foy Payo Rodrigues de Sousa, Capitão de huma galé, e Aluaro Paçanha de pelouros perdidos, Lisuarte Pacheco muyto ferido, e Gracia de Sousa, e Nuno Vaz Pereira de rachas de páos, e Dom Antonio de duas frechadas, e Manuel Teles de hum zaguncho per hum ombro, e mortos passante de cem homens, quasy todos dos tiros, e feridos mais de trezentos, quasy todos de frechadas, e das rachas da madeira que os tiros quebrauão. Dos Ru-

[1] * os * Arch.

mes muytos morrerão d'artelharia, mas a mór soma foy no mar, porque poucos sabião nadar, e quis Nosso Senhor que tiuessem assy a terra perto em que tinhão o intento em sua saluação, que se assy nom fôra, que a batalha fôra em mar largo, fôra grande trabalho aos nossos, porque sendo abalroados no mar largo erão elles tantos que os nossos forão cansados de pelejar, e ficarão vencidos, se com 'artelharia os nossos lhe nom empecerão os metendo no fundo: o que fôra como Deos quisera, porque tambem os Rumes tinhão muyta artelharia, e as galés bem esquipadas, afóra o mal que fizerão as fustas de Calecut, e Melequiaz; mas Nosso Senhor, por sua grande misericordia, remediou tudo, mostrando seu grande poder. Então o Visorey foy vêr os Capitães feridos, entrando nos nauios a visitar todos os feridos, e os consolando com palauras de muyto amor e contentamentos, sendo todos muyto prouidos do que compria, e foy ver João Gomes Cheiradinheiro, que tinha dezoito feridas, assentandose na borda da sua cama, lhe dizendo: « Senhor João Gomes, bem me ajudas- » « tes a vingar a morte de meu filho, polo que vos são em muyta obri- » « gação. Rogai a Nosso Senhor que vos dê vida, porque vós achareys » « em mym obras de bom amigo.» E tambem assy foy visitar Antonio Carualho, seu parceiro, que assy estaua muyto ferido, * com * huma perna quebrada, de hum pedaço de páo que lhe deu de hum tiro de bombarda; assy lhe falando palauras de muyta obrigação: e assy visitados todos, se tornou á sua nao, e todo este dia se nysto passou, e os batés e esquifes hião ás naos e galés a tomar o que querião; e de noite mandou o Visorey Dinis Fernandes de Mello na galé de Payo Rodrigues, que morrera, que com a outra galé, e bargantym, se posesem de longo da terra guardando que os Mouros nom viessem a roubar ou a queimar as naos e galés, porque os nossos se nom aproueitassem do que dentro estaua.

Melequiaz, vendo os Rumes desbaratados por noite, toda' noite se aprecebêo, esperando que ao outro dia os nossos fossem dar na cidade, mas vendo os batés correr de huns nauios pera outros, bem lhe pareceo que erão visitações, e concertar os nauios do daneficamento que tinhão, e usando de suas manhas, mandaua as almadias que fossem vender galinhas, e ouos, que lhe muyto comprauão pera os feridos, que elles nom chegauão aos nauios, que os esquifes no mar lhe comprauão; e vendo Melequiaz que tudo estaua em paz, mandou trazer á cidade os catiuos, a que mandou pedir aluiçaras, que os Rumes erão desbaratados, e

sendo vindos lhe mostrou 'armada dos Rumes, e vissem como estaua, e que estaua esperando que o Visorey lhe fosse tomar a cidade, ou que o Visorey lha mandasse pedir; que lhe muyto rogaua que lhe aconselhassem o que deuia fazer, e o ajudassem, porque elle tinha assentado de fazer quanto o Visorey quisesse, porque elle quando fôra a Chaul nom fôra pera ajudar os Rumes, sómente pera que se os Rumes vencessem elle saluar quantos Portuguezes podesse, e se os nossos fossem vencedores, auer á mão quantos Rumes fogissem pera terra, pera serem seus catiuos, e os leuar a ElRey de Cambaya; e que elles bem sabião que se elle aly nom fôra, que os recolheo, que todos forão mortos; e que se Deos quisera que Dom Lourenço fora viuo, e viera a seu poder, que elle o fizera Capitão de Dio, e lh'entregara a cidade; e que pois elle os saluara da morte, e lhe fizera como filhos e amigos, lhe muyto rogaua que o ajudassem com o Visorey no que podessem, que nom ouvesse guerra, e assentasse paz com elle. Ao que todos se offerecerão com boas palauras, e lhe disserão, que o Visorey nom se auia d'hir donde estaua sem tambem delle tomar vingança, e que ysto era certo; que portanto se o Visorey o nom cometesse era por aguardar que elle lhe pedisse misericordia, que por tanto assy o deuia de fazer primeyro; e nom aguardasse que o Visorey lhe mandasse recado, porque lho nom auia de mandar, mas que quando visse que lho nom mandaua que então lhe faria guerra. Ao outro dia, vendo Melequiaz que os nossos estauão de paz, e nom fazião mal ás almadias que lá hião, e correndo com a memoria muytos conselhos, e o que os nossos lhe derão, achou que era o melhor, e nysto assentou. Então, á tarde, mandou ao Visorey seu recado polo Capitão de sua armada, que foy em huma fustinha com huma bandeira branca na proa, e sendo perto da nao do Visorey pedio licença pera chegar. O Visorey mandou que entrasse, estando assentado na tolda com os Capitães, e muytos fidalgos. O mouro, entrando, com ambas as mãos foy tomar os pés ao Visorey, dizendo: « Senhor, Melequiaz, Capitão de Dio, te manda di- »
« zer que elle atégora foy escrauo d'ElRey de Cambaya, e fez o que elle »
« mandou, como seu senhor que era, mas que, se te aprouver, d'oje em »
« diante elle será teu, e d'ElRey de Portugal, pera [1] elle, com aquella »
« cidade, e gente que tem, fazer quanto mandares; pera o que, se man- »

[1] * o que * Arch.

«dares, logo virá a teus pés, a te entregar as chaues, e dar toda' obe-» «diencia, como deue, pois hes senhor do mar e da terra; e que elle tem» «recado d'ElRey de Cambaya pera comtigo fazer todo assento de paz. E» «por tanto agora manda o que for tua vontade, porque tudo está em» «tua mão.» O Visorey ouve muyto prazer em seu coração, porque nom esperaua mais que Melequiaz lhe pedir paz pera lha elle fazer, pois nom tinha poder pera lhe destroir a cidade, como o tinha na vontade, se tiuera possebilidade. O Visorey disse ao mouro: «Tornate a terra, e tra-» «zeme os Portuguezes que Melequiaz trouxe de Chaul, e me mande o Ca-» «pitão dos Rumes, que fogio pera a cidade; e que se lembre que se el-» «le nom agasalhára os Rumes nesta cidade quando vierão de Meca,» «nom fizerão elles o mal que me fizerão, de que elle foy a principal» «causa. Que me mande ysto que lhe agora peço, e depois responde-» «rey a seu recado.» O mouro se tornou a terra, e o Visorey ficou fa-» «lando com os Capitães em pratica de conselho, dizendo: «Este mou-» «ro indaque fale verdade, e me entregue desta cidade, que eu bem sa-» «berey arrecadar delle, com seguros penhores, mas que prestará tudo» «ao grão poder d'ElRey de Cambaya? que cada vez que quizer man-» «dará tanta gente que cubrão a cidade com terra, e os Portuguezes,» «que aquy estiuessem, sempre estarião neste risco. ElRey meu Senhor» «nom ha mester da India senão pimenta e drogas, pera o que sómente» «lhe cumpre ser poderoso no mar, com que ysto estê seguro na terra,» «que outrem nom lho possa tomar ou estrouar; a qual segurança nun-» «qua ElRey meu Senhor terá senão quando for senhor desta cidade, e» «do Reyno d'Ormuz, que será quando Nosso Senhor quiser; porque» «quando os Rumes vierem de Meca [1] *nom achem* estes dous pou-» «sos pera nelles se agazalharem, e concertarem pera nos hirem buscar.» «Assy que fôra grande bem agora tomarmos esta cidade, que sem tra-» «balho se nos entrega, mas somos tão poucos que se agora aquy nos» «repartissemos se perderia hum e outro; e pera esta cousa ser bem fun-» «dada primeyro o Reyno do Malauar ha de ser nosso, com muy assen-» «tada e verdadeira amizade, tanto como se fosse firmada com ligas de» «casamentos, que inda com isso nom sey se forão seguras as duvidas» «que estas gentes tem de nós; não porque arreceem de lhe tomarmos»

[1] *se nom acharem* Arch.

«as terras, sómente vendo que lhe tolhemos as nauegações dos Mou-»
«ros, de que perdem tão grandes proueitos, que esta he a dor que»
«tem. E ysto digo porque já mo tocarão muytas vezes, *e* lhe des-»
«faço ysto affirmandolhe que nunqua ElRey meu Senhor tomará des-»
«tas terras mais que pimenta e drogas, e que tendoas seguras, toda a»
«mais nauegação ficará solta a seus mercadores; e com estes enganos»
«os faço meus amigos. Assy que quando ysto tiuer seguro, então se»
«póde entender nest' outras cousas, que são pera conseruação da prin-»
«cipal que mais releua; e por tanto, agora ao presente, meu proposi-»
«to he com este mouro assentar qualquer paz, e ver se lhe posso fa-»
«zer pagar alguma parte da despeza desta armada, porque ElRey meu»
«senhor nom fique com tanto gasto; e mostraremos a este mouro que»
«nom estimamos sua cidade, e nom fazemos mal senão a quem nolo»
«faz. Então, se a Deos aprouver, eu hirey dar enformação destas cou-»
«sas a ElRey meu senhor, que em tudo fará sua vontade. E ora fa-»
«ço aquy virtude porque somos poucos, e estou muy longe de Co-»
«chym, e eu já entrouxado pera caminhar pera Portugal; polo que já»
«nom posso fazer obra que preste nem aproueite pera nada, pois são»
«engeitado.» O que a todos pareceo muyto bem todo o que dizia o Visorey, e o aprouarão com outras muytas razões.

O mouro tornado a terra, que Melequiaz vio a reposta do Visorey, muyto prazer ouve, e foy falar com os catiuos, e perante elles mandou vir muytos Mouros honrados, e a todos deu juramento no seu moçafo que elle tinha muyto buscado o Capitão dos Rumes, e achara em verdade que elle hia fogindo pera onde estaua ElRey de Cambaya; o que assy jurarão todos. Então Melequiaz fez grandes rogos aos nossos que assy o certificassem ao Visorey, porque esse fôra o primeyro seruiço e presente que lhe elle fizera. Então mandou a todos vestir camisas nouas, que tinha feitas, e jebões de tafetá de cores, e ciroulas de panos de seda, e seruilhas, e mongis de chamalote pretos, e barretes vermelhos, porque nom tinha pretos, e os mandou com o mouro em huma grande fusta, que ao embarcar a cada hum mandou meter na mão cincoenta xarafins d'ouro pera o que ouvessem mester. E após esta fusta sayrão logo vinte fustas carregadas de biscoito branco, feito da feição dos Mouros, e muytos fardos d'arroz, e d'açuquar, e muytas jarras de coiro cheas de manteiga, e vaccas, e cabras, carneiros, e muytas galinhas, e cai-

xões cheos d'ouos, e canas d'açuquar, laranjas, romãs, aboboras, e ortaliça de toda' sorte, e muytas jarras de muyto boa agoa; o que tudo fez Melequiaz per conselho dos nossos.

Chegados os cátiuos á nao do Visorey lhe tanjerão as trombetas e atabales, e o Visorey com os Capitães os veo receber a bordo da nao, e os abraçou a todos com muytas lagrimas, que então o Visorey nom pôde soster, porque todos chorauão, dizendo: «Senhor, nós somos de-» «sauenturados, que ficámos viuos, nom morrendo com o vosso bom» «filho, que está na gloria.» O Visorey, com as lagrimas que lhe corrião polas barbas, que tinha compridas, encobrindo sua grande dor, com rostro e palaura alegre lhe respondeo: «Meus filhos, ysso já passou,» «e trespassou minha alma; agora nos alegremos com esta boa vingan-» «ça, que Nosso Senhor por sua misericordia nos deu.» E se foy assentar na tolda com todos, com hum lenço na mão, que nom podia estancar as lagrimas que lhe corrião. Disse falando com os fidalgos e Capitães: «Ver estes homens me[1] * causou * lembrança com que a fraque-» «za da carne nom pôde resistir á dor do coração, que deu causa a mi-» «nhas lagrimas, que atégora, por mór tromento meu, nunqua sayrão se-» «não esta ora, vendo estes parceiros que forão no conuite em que meu» «filho acabou seus dias, e eu comecey meus males, que me atromen-» «tarão até minha alma se apartar desta fraca carne, que nom tem for-» «ças contra os trabalhos d'este triste mundo.» E falando com os catiuos como Melequiaz nom mandaua com elles o Capitão dos Rumes, elles lhe certeficarão, polo que virão, que era fogido pera ElRey, porque bem entendeo que vindo a poder de Melequiaz o entregaria.

O Visorey agazalhou alguns dos catiuos na sua nao, e os outros se forão cada um pera seus amigos. O Visorey disse ao messageiro que dissesse a Melequiaz que folgaua com o refresco, que o auia mester pera os feridos, que por ysso o tomaua, e porque, se podesse, folgaria de fazer delle bom amigo. Então mandou ao feitor no bargantym que fosse repartir as fustas polos nauios, e as galinhas e ouos repartisse onde ouvesse mais feridos; o que todo foy em muyta auondança. Então mandou o Visorey Diniz Fernandes de Mello que se fosse no bargantym, e leuasse as fustas que trouxerão o refresco, e fosse ver as naos e galés dos Rumes

[1] * causarão * Arch.

que estiuessem boas pera leuar, e ás tirasse pera fóra, e as sorgisse com suas amarras, e as que estiuesem em nado, que nom fossem boas, as ajuntasse com as outras que estauão á costa. O que elle assy fez, que achou seis galés boas, e tres naos, que trouxe pera onde estaua o Visorey, e lhe deu conta da muyta artelharia que estaua nas naos e galés: ao que o Visorey mandou que fossem as carauellas, e carauellões, e os batés grandes, e com a gente das fustas recolhessem toda 'artelharia, e que a trouxessem, e a metessem nos nauios; no que se trabalhou todo o dia, e foy recolhida toda 'artelharia, que passarão de seiscentas peças de metal, antre grandes e pequenas, afóra as que furtarão. A mais della erão falcões com camaras de cobre, e erão cento e doze peças, camellos com'os nossos, e meas esperas. E porque inda ficarão muytas peças debaixo d'agoa, das naos que estauão alagadas, o Visorey mandou dizer a Melequiaz que lhe mandasse tirar aquellas peças, e trazer ás naos polas fustas e remeiros que forão a Chaul; a que Melequiaz nom teue reposta, e logo o mandou fazer com muyta deligencia, e trouxerão toda 'artelharia de cobre, e de ferro, que acharão, que toda o Visorey mandou recolher, porque a de ferro, que nom seruia nos nossos nauios, a mandou deitar ao mar hindo de caminho. E porque se nom póde embarcar hum meo basalisco, que tinha a capitaina, o Visorey mandou que o tirassem a terra, e aos bombardeiros que o fossem quebrar, que lhe fazia merce delle: o que assy fizerão com grande fogo com que aquentarão a peça, e com os marrões o fizerão em pedaços, que recolherão, e em Cochym venderão, em que fizerão muyto dinheiro. E mandou o Visorey que todos fossem tomar das naos e galés o que quigessem, porque auia de mandar queimar todas: o que assy se fez.

Então mandou o Visorey a Melequiaz que mandasse queimar todas as galés e naos, que sómente huma nao aly ficasse, que nunqua a queimasse nem desfizesse, porque a vissem os mercadores que viessem de Meca. O que logo assy foy feito; e mandou dizer a Melequiaz que lhe mandasse quantos Turcos estauão em terra, e que se todos lhe nom mandasse, per hum só que ficasse, por ysso perderia sua amizade. O que Melequiaz assy o fez, que pera ysso teue bom cuidado que lhe nom fogissem, como fizera seu Capitão, e lhe mandou mais de quatrocentos, atados com as mãos detrás, e assy outros tantos feridos, que erão oito fustas carregadas delles. O Visorey mandou repartir os sãos polos nauios

que mandou tornar a terra, que a todos deitassem machos de ferro grossos de que nom fogissem, e que logo os tornassem a trazer. E porque tão prestesmente se nom puderão fazer tantos ferros, mandou Melequiaz trazer as cadeas de exarcea das naos queimadas; feitos elos fortes, os mandou todos ferrar, que ficarão bem seguros, e forão metidos nos nauios, e entregues aos mestres, porque erão escrauos pera ElRey. Então os feridos forão tornados a terra, e disse a Cide Alle que os leuasse todos á praça da cidade, e hum dos Rumes cortasse a todolos outros os pés e mãos, e a todos em hum monte lhe fosse posto fogo assy viuos, com tanta lenha que fossem feitos em cinza, e o algoz tomasse todos os pés e mãos cortados, e os furasse, e enfiasse em cordas, e pendurasse sobre as portas da cidade, e que dahy os nom tirassem sem seu mandado, porque por aquellas portas entrauão e sayão os Mouros e Rumes, que ajudarão a matar seu filho; e mandou a terra com Cide Alle hum criado seu, que fosse ver como se ysto fazia. O qual recado sendo dado a Melequiaz sentio ysto por muy grande desonra, e mandou estar os Rumes no bazar bem guardados, atados, e mandou dizer ao Visorey que tamanha desonra lhe nom fizesse, que antes quizera todalas mortes que lhe désse. O Visorey lhe mandou dizer que * se * sentia desonras, que elle sentia dores, que pois aquilo auia por desonra, que mandasse meter aquelles Rumes em vinte fustas, d'aquellas que estauão prestes pera sayr 'ajudar os Rumes, e as que mandára ajuntar á sua nao, que lhe tirara muytos tiros, e lhe matara e ferira os seus caualleiros, e elle lhe mandaria pôr o fogo, e que cada hum pagaria o mal que fizera; e com tudo ysto os pés e mãos fossem pendurados nas portas da cidade como mandaua, e senão que elle o hiria fazer por sua mão. O que ouvido por Melequiaz, parecendolhe que por aly acabaua de contentar o Visorey das culpas que lhe mandaua lembrar, então mandou fazer todo assy como mandara o Visorey, perante o homem que lá mandara o Visorey, que o Cide Alle trouxe. Então mandou dizer a Melequiaz que lhe mandasse todalas fazendas dos mercadores daquellas naos que estauão á peleja, que vierão com os Rumes. Melequiaz respondeo que os Rumes, e mercadores, tudo tinhão embarcado em suas naos e galés, determinando que farião que sayão ao mar pera pelejar, * e * então fogirão pera Meca; o que a elle lhe fôra descuberto em segredo, e porque sabia que Sua Senhoria ficára com muyta paixão, se assy fôra, por ysso os detiuera, e nom dei-

xara sayr do rio até que nom viera a armada; e que dos catiuos soubesse a verdade. O que lhe elles affirmarão que assy era verdade, e porque nas naos e galés se acharão muytas fazendas.

Em quanto se estes recados passauão, Melequiaz mandou que as almadias fossem vender cousas de comer aos nauios, que erão tantas que todos estauão auondados de todo o que auia na terra; onde nom hia ninguem d'armada. Melequiaz sempre mandaua muytos recados aos catiuos com muytos rogos que lhe mandassem dizer a tenção do Visorey, o que lhe elles nom souberão dizer, porque o Visorey nysso nom falaua; do que Melequiaz andaua muy agastado, vendo que todos os recados do Visorey erão mesturados com ameaças da guerra que fizera contra a sua nao em ajuda dos Rumes, e repetindolhe 'ajuda que fizera a Chaul, e assy as fustas que tinha prestes pera sayrem 'ajudar os Rumes. Com que Melequiaz andaua muy temorizado, nom sabendo em que sayrião suas cousas com o Visorey, sentindose em tudo tão culpado.

Ao outro dia o Visorey mandou armar, e concertar a tolda da sua nao, e cadeira rica, e os bancos com alcatifas, e pôs bandeira na quadra, a que vierão os Capitães, e fidalgos, e elle vestido em hum roupão de grã, forrado de hum pano [1] • dio • d'ouro, e gorra de veludo cremezym; e recebeo a todos com muytas honras, mostrando muytos prazeres, e se assentou em sua cadeira, e veo hum barbeiro que lhe fez a barba sobre pentem; rogando a todos que por amor delle outro tanto fizessem, o que alguns fizerão; e a todos deu banquete, o melhor que póde dar em tal lugar, onde acabado o jantar com todos praticou dizendo: « Eu, senhores, porque nom determino de guerrear esta cidade, polas ra- » « zões que me já ouvistes, e porque se rendeo, de que nom podemos » « tomar a posse como compre, tenho determinado com boa dessimulação » « lhe fazer agora fazer bom assento de paz, até ElRey meu senhor man- » « dar o que for sua vontade; mas tenho eu vontade darlhe alguma pe- » « na de dinheiro pera ajuda da despeza desta armada, pois esta cidade » « fez ajuda aos Rumes; e Nosso Senhor me perdoará este peccado, por- » « que eu queria pagar os trabalhos de muytos de vós outros, que sey » « que ficárão com trabalho, e com o sangue fóra do corpo; que por » « muyto que Melequiaz dê nom será nada, segundo a muyta riqueza que »

[1] • de fio? •

«ha nesta cidade, a qual ainda » que « agora a saqueasemos nom acha-»
«riamos muyto, porque estes Mouros costumão ter soterrados seus te-»
«souros, e mais agora que estão temorizados de nós.» Sobre o que todos praticarão que era bem que se fizesse.

Então o Visorey mandou a terra o seu homem, que fòra com os Rumes, e per elle mandou dizer a Melequiaz que elle tinha sabido que os mercadores da companha dos Rumes, que lhe matarão seu filho com seu fauor, e conselho, e ajuda, lhe derão a guardar muyto dinheiro, que tinha em seu poder, o que lhe era descoberto polos mercadores da cidade, nomeandolhe doze ou quinze, os principaes da cidade: e que presumia que os proprios mercadores, que lho mandarão dizer, que elles erão os que tinhão o dinheiro e deitauão a elle a culpa; que lhe rogaua que a todos pedisse que daquelle dinheiro lhe mandassem tresentos mil xarafins, e que se lhos logo nom dessem que presos em ferros lhos mandasse á nao, porque os Rumes que tinha os conhecião; e por amor delle os nom mandaua esfolar viuos, porque tinha sabido que elles pagauão os remeiros das galés dos Rumes, e os remeiros de suas fustas, que ante seu rostro estauão prestes pera sayr 'ajudar os Rumes. Melequiaz com este recado nom se affrontou muyto, porque auia de ser dinheiro á custa alhea, e mais que os mercadores, que o Visorey nomeaua, erão tão grossos de riqueza que hum só bastaua pera dar todo o dinheiro, e muyto mais; polo que logo mandou chamar os mercadores, e lhe disse todo o recado do Visorey, e que se nom dessem o dinheiro em ferros os mandaria leuar todos á nao. O que por elles ouvido com grande temor, sem nada aprefiar derão os tresentos mil xarafins, que Melequiaz mandou meter em saccos de dez mil em dez mil, e por Cide Alle os mandou ao Visorey, com o seu criado, e lhe mandou dizer que os mercadores erão sem culpa do que os Rumes dizião; que pedia a Sua Senhoria pera que em paz fosse ante Sua Senhoria lhe désse licença. O Visorey, vendo o dinheiro, disse aos Capitães: «Por aquy vereys a verdade do que vos»
«disse, da grande riqueza desta cidade.» E auendose por satisfeito, mandou dizer a Melequiaz que ao outro dia fosse seguro, e assy tornaria. Então o Visorey mandou aly, presente todos, vir o feitor Manuel de Resende, e entregou o dinheiro então por os roes de toda' gente, que elle mandára fazer. Fez mercê aos Capitães dos nauios grandes a cada hum de cinco mil xarafins, e aos nauios pequenos a cada hum tres mil, que

estes forão os que abalroarão; e ás galés, carauellas, de dous mil, e aos carauellões mil e quinhentos, e ao bargantym quinhentos; e aos fidalgos, e homens estremes nomeados a quinhentos, e a tresentos, e duzentos cada hum, segundo seu grão e valor; e á republica cincoenta a cada hum, e aos escrauos a cada hum vinte; e assy por esta boa ordem deu aos mestres, pilotos, condestabres, polo lemite dos fidalgos; e os bombardeiros, a mao e bom, cincoenta xarafins, e assy muyto per ordem aos gageiros, marinheiros; e a cada ferido cem xarafins mais, além da mais repartição; e assy a João Gomes e seu praceiro a cada hum cinco mil xarafins, e pagos os escrauos mortos; e as proprias mercês fez aos mortos, que suas fazendas forão entregues a hum arrecadador de suas fazendas, que o Visorey pera ysso ordenou, dizendo que aos mortos mais se deuia, pois gastarão as vidas, que aos viuos ElRey lhe faria as mais mercês e satisfações. E passou ao feitor prouisão de todos estes pagamentos, que nom chegarão a cem mil xarafins; e passou mandado ao feitor que a todos quantos auia n'armada pagasse seus soldos até o dia que chegassem a Cochym. Então repartio dez mil xarafins pera esmolas pera os espritaes e Igrejas.

Ao outro dia pola menhã, em huma fustinha, veo Melequiaz só, muyto bem vestido, e chegando á nao, Cide Alle a saluou segundo seu custume; ao que lhe responderão as trombetas e atabales, e per mandado do Visorey os Capitães o forão receber a bordo da nao, e entrado na tolda onde estava o Visorey, se lhe ergueo em pé. O mouro foy pera lhe tomar os pés, o Visorey lhe pôs a mão na cabeça, e o nom deixou abaixar, e se assentou, e o mouro se afastou, e tomou das mãos a hum seu page hum rico traçado d'ouro, com suas contas, que bejou e pôs n'alcatifa aos pés do Visorey, e assy huma adaga, e hum cofo, tudo muy rico, com muyta pedraria, dizendo Melequiaz: «Senhor, a mór rique-» «za da honra são as ricas armas, e estas te pertencem, como tão gran-» «de Capitão como hes; e dar as armas he sinal de rendição, assy co-» «mo o são rendido ante teu grande poder, como aquella cidade que he» «tua, pera que te venho pedir boa paz e amizade pera sempre.» O Visorey com boa sombra lhe respondeo: «Melequiaz, tanto saber e sizo» «tens que, sendo tu estrangeiro, ElRey de Cambaya te fez Capitão e se-» «nhorio d'esta cidade, que he a melhor de seu Reyno, e a fia de ty, e» «tem por muy segura em teu poder, porque sabe que nada has de er-»

«rar em tuas cousas, e se errares farás muyto maior emmenda que se»
«fosses seu natural: o qual credito nom quero que perquas per minha»
«causa, em querer tomar de ty vingança do que tens feito, e bem em-»
«mendado. Polo que, por amor de ty, sempre serey teu amigo, e d'El-»
«Rey de Cambaya, porque tiveste tanto sizo que soubeste amansar a»
«paixão que trazia em meu coração, com fazeres o que te mandey, com»
«que he melhor acertado que as peças d'armas que me déste, que se»
«as nom tomar cuidarás que nom fico teu amigo; e como amigo te ro-»
«go que d'aquy em diante sejas bom amigo com os Portuguezes, e com»
«muyta verdade com o Gouernador da India, e nunqua mais nesta ci-»
«dade recolhas Rumes, nem outras gentes que com os Portuguezes te-»
«nhão guerra, que se o assy fizeres nunqua te verás em trabalhos; e»
«com estas condições te dou paz que me pedes, que sempre te será»
«guardada em quanto a tu nom quebrares, estando muyto seguro em»
«tua cidade, e porto, e todolos outros d'ElRey de Cambaya, e todos os»
«seus nauegantes, sómente os de Calecut que são nossos imigos, que»
«serão tomados no mar quando forem achados. E tu manda aos teus»
«nauegantes que leuem teu cartaz, e onde acharem nauio portuguez»
«amainem, e mostrem o cartaz, e nom lhe será feito nenhum mal, se-»
«não se leuarem Rumes, ou Mouros de Calecut, ou pimenta, que esta»
«só mercadoria quer ElRey meu senhor que ninguem a trate.»

Melequiaz estaua com muy grande prazer em seu coração, pola paz que já tinha do Visorey, que tanto desejaua, e muyto mais com a franqueza dos portos d'ElRey de Cambaya, em que recebia muyta perda, e lho muyto encomendaua, que por ysso só dera Melequiaz grande dinheiro; o qual tirou do seyo o seu moçafo, e nelle jurou de tudo comprir assy como dizia o Visorey, e assy o mandaria a seus filhos quando morresse, que fossem sempre amigos com os Portuguezes; e pedio de todo sua carta, que o Visorey lhe mandou fazer em nome d'ElRey, e a assinou, e asselou. Com que Melequiaz foy despedido do Visorey e Capitães com muytas honras, e se foy a terra, e logo mandou fazer a sua carta em folha d'ouro com todas as condições que juraua, a qual ao outro dia trouxe Cide Alle com muytas fustas carregadas de refresco, pedindo ao Visorey, que pera credito das suas gentes da paz que tinhão, deixasse hir a gente a terra folgar pera sua grande honra. O que aprouve ao Visorey, e mandou, com grande defesa que na terra ninguem fizesse mal nem

aggrauo; onde andauão muyto pacificos, e toda a gente fazia muyta honra, onde venderão as fazendas que tomarão aos Rumes, em que fizerão muyto dinheiro, indaque fazião bom barato. Mandou o Visorey dizer a Melequiaz que lhe mandasse fazer muyto biscoito, e muytas carnes seccas e salgadas, e manteiga, arroz, açuquar, e todas cousas de mantimentos: o que elle mandou fazer, e ajuntar com muyta diligencia, e o Visorey mandou a Dom Antonio que carregasse o seu nauio de mantimentos quanto podesse, e os fosse leuar a Çacotorá a Dom Afonso seu irmão, que então tinha vento de monção, e que trabalhase por logo descarregar, e nom enuernasse, porque o nauio se podia perder. No que logo foy auiado, e partio, e chegou lá em doze dias.

Melequiaz, com seu grande contentamento, nom sabia seruiços que fazer ao Visorey, e dahy a dous dias foy visitar ao Visorey, e porque lhe disserão que o Visorey auia de repartir polos Capitães as peças que lhe dera, lhe leuou hum fio de perolas, e nelle pendurada huma joya de robís, e no meo hum diamão, que em Portugal foy avaliado em sessenta mil cruzados, e as perolas em quarenta e hum mil. O qual hindo ante o Visorey lho apresentou, dizendo: « Senhor, ysto nom podes dar a nin- » « guem, por ser cousa pera molher; polo que te muyto peço que seja » « pera huma filha, que tens em Portugal, com estes panos pera seu ves- » « tir de noite, que são panos que nestas partes nom vestem senão as » « Raynhas; e será muyto boa minha ventura que dysto ajas prazer. » O Visorey e todos, folgarão muyto de ver a peça, que era maravilhosa, de que o Visorey lhe deu muytos aguardecimentos, prometendolhe que nom a traria senão sua filha, ou a Raynha sua senhora. Então Melequiaz pedio ao Visorey muy afincadamente que em Dio lhe deixasse feitor, e feitoria assentada, pera sua cidade ser muyto honrada em começo d'esta boa paz, e foy o Visorey dysso muyto contente, e lhe deixou por feitor Tristão de Gá, hum dos catiuos, de que então o Visorey foy lembrado que ficarão fóra das mercês, e a cada hum fez mercê de duzentos xarafins, e lhe deixou hum escriuão, e quatro homens de seruiço, que todos o Visorey por sua mão entregou a Melequiaz, com que se foy muyto contente, dizendo que já lhe ficauão testemunhas que verião a verdade que elle faria.

O Visorey ficou praticando com os Capitães, e tornarão a ver as perolas, e joya, que era muy preciosa, que todos muyto gabarão. O Viso-

ey, presente todos, a mandou atar, e empapelar e asselar, e a entregou ao feitor, dizendo: « Esta peça he d'ElRey meu senhor, e as armas que » « com esta sua armada ganhey, com o gasto que torney a cobrar, que » « tinha feito, que já neste mundo nom podia pagar, que são cem mil » « xarafins que lhe empregarey em pimenta, e outros cem mil com que » « pagarey o que deuo a estas gentes de seus soldos. Com que Nosso Senhor » « seja muyto louvado, que nossa vinda nom ficará embalde; e a este » « bem, que me Nosso Senhor fez, por sua grande misericordia, vinha » « agora Melequiaz, como diabo, a me atentar, que tomasse o que nom » « era meu, e danar minha honra, que mais estimo pera minha condi- » « ção que toda' riqueza que está em Dio. Nom me farão meus peccados » « tanto mal que cobiça de riqueza me dane, e minha filha marido acha- » « rá, que em Portugal temos que nos abaste pera mym e pera ella. » O Visorey deu ao feitor regimento do que auia de fazer, que erão roupas pera Çofala, pera o que lhe deixou fazendas dos Rumes, que o feitor comprou de bom barato á gente d'armada, e aos Capitães; e outros homens lhe deixarão muytas fazendas pera lhe vender, e o feitor depois ouve em Dio muytas cousas dos Rumes, e arrecadou, porque Melequiaz tambem ouve muyta cousa dos mercadores. Deixou o Visorey mandado ao feitor que fizesse muytos biscoitos, e farinha, e trigo, de que carregasse duas naos da terra que lho leuassem a Cochym na entrada do verão, e que Melequiaz mandasse com ellas guarda, que no caminho as nom tomassem; e o Visorey ordenou de partir, que auia dezeseis dias que estaua em Dio, ao que Melequiaz proueo 'armada d'agoa, e leinha, e todolos refrescos ao dia da partida, com que o Visorey polo feitor se mandou despedir de Melequiaz, mas elle, vendo o Visorey fazerse á vela, se foy após elle em huma fustinha á pressa de vela e remo, ao que, sendo dito ao Visorey, se pôs á corda, e aguardou até que chegou, e sem entrar o Visorey da sua camara lhe falou, e o despedio, e se tornou, e o Visorey foy seu caminho.

CAPITULO V.

COMO O VISORÊY SE PARTIO DE DIO COM SEU BOM VENCIMENTO PERA COCHYM, E O QUE NO CAMINHO FEZ, ANTES QUE A ELLE CHEGASSE, E CHEGADO A COCHYM TEUE DIFFERENÇAS COM AFONSO D'ALBOQUERQUE.

O Visorey mandou metter marinheiros nas galés dos Rumes, e sómente as mareassem, porque era o vento á popa, e assy metteo Capitães, e homens e marinheiros nas naos, que por cyma erão como as nossas, mas por baixo nom tinhão boa feição; e sendo perto de Chaul mandou amainar as velas ás galés, e darlhe cabos ás naos, que as leuassem assy afastado, que as vissem os Mouros de Chaul, onde o Visorey sorgio na barra, e mandou entrar duas galés dos Rumes, que as poserão deitadas á costa diante do logar, * e * que lhe mandasse * o Digar * quantos Rumes ouvesse na terra; o que elle logo fez, que lhe mandou setenta atados, que prendera tanto que soubera o que em Dio se fizera dos outros, 'os quaes o Visorey mandou cortar os pés e mãos dentro nas suas galés, e lhe mandou pôr o fogo, com que ficarão em cinza. E o Digar lhe mandou dizer que muytos, que ficarão feridos, como forão sãos se forão pera Dio, e que estes deteue elle até vir seu recado, como soube a noua de Dio; e lhe mandou muyto refresco pera toda 'armada. Com que o Visorey se foy seu caminho, e passando á vista de Onor, do rio sayo Timoja com dez fustas carregadas de refresco, com muytos tangeres, e festas de bandeiras, e artelharia; ao que o Visorey se pôs á corda até que chegou Timoja, que entrou na nao com grandes prazeres, contando as boas nouas que corrião pola terra. O Visorey mandou as fustas polas naos a descarregar, e deu a Timoja muytos agardecimentos, e deulhe quatro Rumes que lhe contassem da guerra, tomandolhe juramento que os trouxesse bem arrecadados, e que nunqua os vendesse, e fossem catiuos até que morressem; o que o Timoja assy o jurou, e se tornou pera terra.

O Visorey foy ter a Cananor, onde aparecendo ao mar a forteleza foy enramada e embandeirada, tirando toda 'artelharia muytas vezes até o Visorey sorgir. As naos dos Mouros, que estauão no porto, com fengidos prazeres tambem poserão bandeira, auendo grande medo que se estiuessem tristes que o Visorey por ysso depois lhe faria mal; e sorgindo

o Visorey logo lhe chegou hum Regedor em hum barco, com visitação d'ElRey, que o Visorey recebeo com muytas honras, e mandou a ElRey muytos aguardecimentos; e com o parao do Regedor tambem vierão muytos mercadores honrados, em seus paraos, a visitar o Visorey, que a todos recebeo com bons gasalhados, porque todos vinhão vestidos de festa, com muytos tangeres e festas, com grandes presentes de refresco, de que o Visorey lhe deu grandes aguardecimentos. E assy o [1] * Regedor * trouxe grão soma de cousas de comer, dizendo que ElRey estaua com grande prazer de sua boa ventura, muyto lhe rogando que nom passasse sem o ver, porque aueria muyto prazer; e o Visorey lhe disse que faria tudo que ElRey mandasse. Com que se tornou o Regedor. Tambem, entrando o Visorey no porto, as galés entrarão sem vela, e a rasto após os nauios.

O Visorey quizera enforcar os Rumes na terra, mas por honra d'ElRey o nom quis fazer, mas em huma das galés, assy fóra do porto, mandou enforcar quarenta com os pés pera cyma e cabeça pera baixo. Estando pera os atarem, o Visorey lhe mandou dizer que como ladrões auião de morrer enforcados polos pés; que se quisessem fazerse christãos lhes mandaria cortar as cabeças como caualleiros. Alguns ouve que se tornarão christãos, que forão assy degolados. Antre estes ouve hum que confessou que era christão, filho de hum Diogo Felique, boticairo da rua nova de Lisboa, e que sendo moço fogira a seu pay, e foy andar pera Leuante, onde fora catiuo dos Turcos, que o tornarão mouro, e auia vinte e tres anos que andaua com elles por mestre de nauios de remo. A este mandou o Visorey guardar em ferros pera o mandar a ElRey, e aos outros mandou enforcar polos pés na verga e exarcea de huma das galés; o que veo ver todo o pouo da terra.

Ao outro dia o Visorey foy a terra com os Capitães, e fidalgos, vestidos de sedas muy louçãos, e o Visorey em huma opa de borcado raso, com rico colar esmaltado, e hum page diante com hum rico estoque, e foy ouvir missa, com grandes festas de toda' gente; e o Capitão Lourenço de Brito, e todos vestidos louçãos, e com trombetas e atabales diante. Acabada a missa logo veo ElRey com muyta gente, e seus estados custumados, e o Visorey sayo fóra da fortaleza hum pedaço, onde El-

[1] Aindaque na copia do Arch. se lê * Visorey * é claro que foi lapso.

Rey mandara armar huma tenda, em que se virão com grandes prazeres e honras, ElRey mostrando grandes prazeres com sua vista, com tão grande feito; e por ser a primeyra vez que se virão lhe deu rico colar de pedraria, e com muyto gosto lhe perguntando por seus trabalhos, que passara com os Rumes, e o Visorey disse que lhe mandaria dous Rumes, que lhe tudo contarião Do que ElRey ouve prazer, e se despedirão com suas grandes cortezias. Então lhe mandou o Visorey dous Rumes mettidos em ferros, que lhe contassem suas cousas; e logo o Visorey mandou partir Pero Barreto com as carauellas e galés, e carauellões, que fossem a Calecut, e queimasse o que achasse, e saluasse a cidade. E fazendose á vela chegou Pero d'Ornellas com os nauios de sua armada, fazendo salua com muyta artelharia, a que o Visorey fez muyta honra, que lhe contou o que passara com os paraos que tornarão de Dio. O Visorey lhe fez mercê de mil xarafins, e aos outros Capitães a cada hum quinhentos, e a toda' gente mandou pagar todo o que lhe deuião; com que todos forão muy contentes. Em quanto assy esteue o Visorey os Mouros em almadias hião ver as naos e galés dos Rumes, e se espantauão de sua poderosa artelharia, e hião olhar os que estauão enforcados.

Aquy em Cananor mandou o Visorey ficar todos os feridos com os mestres, porque Cananor era sádio de feridas, em que forão muyto bem repairados polo Capitão; e o Visorey mandou dar dous mil xarafins ao feitor pera o gasto dos doentes, que muyto encomendou ao Capitão, a que fez mercê de tres mil xarafins em nome d'ElRey, e deu cinco mil xarafins pera ornamentos da Igreja de Nossa Senhora da Victoria, a que tambem os Capitães, e outros homens derão esmolas e panos por suas deuações, e bandeiras dos Rumes, que poserão em palmeiras junto da Igreja; e o Visorey mandou deitar na praya da pouoação de Cananor o mais grosso tiro de metal de Rumes que ouve, e hy jouve muytos anos, e depois o trouxerão á porta da ribeira da fortaleza; e deixou o Visorey dinheiro ao feitor pera o gengiure, e cousas pera as naos do Reyno, e polo feitor se mandou despedir d'ElRey, e mandou metter na galé muyta ola, e pôrlhe o fogo com os enforcados, que os Mouros disserão a El-Rey que era desprezo seu em seu porto, e diante de seus olhos, assy fazerem justiça: ao que ElRey disse que folgára que fôra dentro no porto, por se vingar de quantas mentiras lhe sempre dizião, que elle tinha Rumes que lhe contauão a verdade.

O Visorey se partio seu caminho pera Cochym com toda 'armada, porque com a chegada de Pero d'Ornelas com Pero Barreto a Calecut, como o Visorey mandara, passou junto da praya de Calecut, leuando as galés dos Rumes a rasto, a armada embandeirada e com estendartes fazendolhe salua com muytos pelouros, e chegou a Cochym com a viração, com que toda 'armada entrou á vela dentro, diante da fortaleza fazendo salua com toda 'artelharia, o que assy fez a fortaleza, que estaua com ramos e bandeiras, e assy todas as casas. O Visorey, como passou de Calecut, se embarcou em huma galé dos Rumes, que era sua capitaina, com bandeiras, e tolda de panos de seda, em que se embarcou com muytos fidalgos pera nella entrar em Cochym, onde assy chegando viera de terra o feitor Gaspar Pereira, e os officiaes em hum batel ao receber; o que vendo o Visorey, em elles chegando, se meteo com elles no batel, e fidalgos, e o Visorey, com sua opa de brocado, foy desembarcar na praya, onde o recebeo o Capitão com toda'gente, e os crelgos com procissão, e cruz aleuantada, que o Visorey, e todos, com os joelhos no chão adorarão, e entrando na Igreja, e feita a oração se sayo e foy pera a fortaleza com seu muyto prazer, onde logo veo ElRey e o Principe polo mar, a que o Visorey foy á praya aos receber com grandes abraços, e muyto amor, com palauras como irmãos, e falarão pouco assy em pé, e se tornarão a embarcar, e o Visorey se recolheo á fortaleza, onde ao desembarcar o veo ver Afonso d'Alboquerque, com que logo ouve mouimentos antre elles, de males causados por maos mexedores, como adiante direy.

CAPITULO VI.

DO QUE PASSOU AFONSO D'ALBOQUERQUE CHEGANDO A COCHYM, HINDO DE CANANOR, E O QUE PASSOU COM O VISOREY CHEGANDO A COCHYM DA VINDA DE DIO, PEDINDOLHE SUA GOUERNANÇA DA INDIA, QUE LHE NOM QUIS ENTREGAR, SOBRE O QUE TIUERÃO GRANDES CONTENDAS, E O MANDOU PRESO A CANANOR.

Afonso d'Alboquerque, vindo pera Cochym, se ouvera de perder com a muyta agoa que a nao fazia, e chegou a Cochym, e esteue na barra tres dias, até lhe concertarem humas casas em que pousase, onde á nao o veo vêr Gaspar Pereira, Ruy d'Araujo, e outros officiaes, com os quaes praticou o que em Cananor passára com o Visorey sobre as prouisões d'El-Rey, que lhe mostrou de Governador da India, dizendo que lhas mostraua como amigos, e nom pera se chamar Gouernador da India, pois o nom podia ser sem o Visorey lhe dar sua residencia, aindaque muytos em Cananor lhe aconselhauão que o fizesse. Desembarcado, e aposentado Afonso d'Alboquerque, Gaspar Pereira dahy a tres dias o foy ver, e lhe dizer que o Visorey, de Cananor, lhe mandára huns apontamentos, como official que era, que lhos apresentasse, que erão d'acusações feitas contra elle, que lhas amostraria, que respondesse a ellas. Afonso d'Alboquerque lhe respondeo que se erão cousas d'Ormuz, fulminadas pelos trédores que lhe fogirão, e deixarão a bandeira d'ElRey na guerra, que nada auia de responder a suas accusações, senão perante ElRey, onde já lá hia Afonso Lopes da Costa pera o acusar; e se elle tinha escrito a El-Rey a verdade de todas as cousas, que ysto respondesse por reposta ao pé dos apontamentos, se quizesse; e os nom quis vêr, com que se foy Gaspar Pereira.

Dahy a huns dias, Jorge Barreto foy vêr Afonso d'Alboquerque, ao que elle se secou, porque delle falaua mal, e falando poucas falas se tornou pera a forteleza, ao que logo Afonso d'Alboquerque mandou dizer per hum seu capelão que o nom visitasse, pois era seu imigo, porque onde quer que o achasse lhe faria cortezia como Capitão, e que antre elles nom ouvesse mais. Do qual recado Jorge Barreto ficou muy indinado contra Afonso d'Alboquerque, falando com Gaspar Pereira, fazendolhe

disto queixume, que ysto erão modos pera oniões, que o Visorey sabia que auia de ser, que por ysso lhe escreuera que sofresse destemporas d'Afonso d'Alboquerque. Ao que Gaspar Pereira lhe disse, que se nom agastasse, que elle lho diria; como de feito o falou com Afonso d'Alboquerque, dizendo que nom erão bem aquellas cousas, que abastaua elle auer de gouernar a India, e parecia mal nom entrar na fortaleza, nem hir visitar ElRey de Cochym; que os negros já nisso falauão; que lhe parecia bem que ysto assy nom fosse. Afonso d'Alboquerque lhe respondeo: «Eu ysso nom hey de fazer, porque Jorge Barreto he meu imigo» «capital, conselheiro dos Capitães que me fogissem d'Ormuz, e me obri-» «go que delle sahirão as culpas dos apontamentos que o Visorey vos» «mandou que me notificasseys; e já digo que com Jorge Barreto nom hey» «de ter conuersação, que como Capitão lhe falarey onde o topar.» Com que despedio Gaspar Pereira, que tudo falou com Jorge Barreto, o qual lhe requereo que de tudo fizesse hum auto por seu resguardo se depois procedessem oniões, porque elle queria saber o porque era seruiço d'El-Rey nom lhe falar. E ysto lhe requereo perante Ruy d'Araujo, e Antonio Real, polo que Gaspar Pereira outra vez tornou a falar com Afonso d'Alboquerque, dizendolhe os queixumes que Jorge Barreto se queixaua d'elle, que era caminho pera se armarem oniões. Afonso d'Alboquerque lhe disse: «Nom me venhaes com cousas de Jorge Barreto, antes me» «dai huma embarcação, e tornarmehey a Cananor, por nom ouvir cou-» «sas de Jorge Barreto.» Com que foy Gaspar Pereira, dizendo que lho nom falaria mais.

Estando assy Afonso d'Alboquerque em Cochym, lhe mandou Lourenço de Brito, Capitão de Cananor, huma carta em que antre outras sostancias lhe dizia que se recatasse de mexedores de Cochym; que soubesse certo que era mexericado com o Visorey, mas que comtudo esperaua que com elle suas cousas acabarião em bem, e na India lhe auia de fazer muyto seruiço; mas que dos homens de Cochym se guardasse, porque erão cheos de toda' maldade, e que lá em Cananor, onde estaua, cada dia pola manhã se benzia de homens de Cochym.

Afonso d'Alboquerque entendeo bem o intento da carta, que era danarlhe a vontade, pera * que * nom conuersando os homens lhe ficassem imigos, e respondeo a Lourenço de Brito: «Senhor. Eu bem creo as palauras» «de vossa carta, mas nada me bolem a condição, que he ser amigo dos»

« bons, e conhecer os que taes nom são, e cousa d'este mundo me soso- »
« bra o entendimento, porque tenho o estamago bem assentado com os »
« bons, e porque serui a Deos, e a ElRey nosso Senhor, que entende a »
« verdade, me escuso com o dito de Dauid, que diz : se Deos he meu aju- »
« dador, nom temo o que me fizerem os homens. E por tanto não vos »
« doaes de mym, aindaque me nom foy guardada a patente de meu car- »
« go, auendo seis naos carregadas em que se o Visorey pudera hir, e nin- »
« guem lho estranhou senão vós, que me conuidastes com a fortaleza, »
« pera que ficasse por vosso castellão. E pois a ysto tiue sizo, e sofri- »
« mento lá, assy o terey cá, em huma casa de palha em que viuo, em »
« que nom consinto entrar semelhantes mexidas, que tudo fica com quem »
« as tem, e nom em hum homem tal como eu. Nesta terra nom vejo taes »
« mexericos, senão boas amizades, e muyto amor antre grandes e pe- »
« quenos, e todos seruir a ElRey muyto bem, e ysto, senhor, he o que »
« vos sey contar d'este pobre Cochym. »

Pero Fernandes Tinoquo escreueo outra carta a Afonso d'Alboquerque, em que lhe dizia que nom estiuesse confiado no que em Cananor lhe dissera o Visorey, que lhe auia d'entregar a India como tornasse; porque, depois delle partido pera Cochym, tomára outro conselho, e assentara de lha nom entregar, e lhe buscar tramas com que o mandasse pera Portugal, ao que outorgarão muytos Capitães, e fidalgos, que antre elle se lhe mostrauão amigos.

O Visorey em Cananor achou cartas de Jorge Barreto, em que lhe dizia grandes males de Afonso d'Alboquerque, ao que tambem Gaspar Pereira, e Ruy d'Araujo, se queixauão que acharão Afonso d'Alboquerque forte, sem querer amansar da paixão que tinha contra Jorge Barreto : de que o Visorey ouve pesar achar queixume d'Afonso d'Alboquerque, em modo que assy chegando a Cochym ao receber da praya, o Visorey fez que se acupaua em abraçar outros, e fez que nom via Afonso d'Alboquerque, do que elle ouve muyta vergonha, estando assy antre tanta gente, que lhe conueo * falar * ; e chegando ao Visorey lhe tirou pola opa, dizendo : « Senhor, vedeme, que aquy estou. » Ao que o Visorey se fez de nouas, e virou a elle com o barrete na mão, dizendo : « Perdoeme Vossa « Mercê, que o nom via. » O que Afonso d'Alboquerque muyto sentio, e o foy acompanhando pera a porta da fortaleza, onde o Capitão lhe entregou as chaues com suas cerimonias ; o que acabado, que o Visorey hia

pera entrar pola porta, Afonso d'Alboquerque se pôs diante, e lhe disse: «Senhor, Deos seja muyto louvado, que vos trouxe com saude, e tanta» «honra, e tanto contentamento de vosso coração, polo tamanho venci-» «mento que ouve contra os Rumes, o que estaua certo, e se nom es-» «peraua menos de Vossa Senhoria, tão exprimentado na honra das ar-» «mas; e pois a Nosso Senhor aprouve que seu coração alcançasse seu» «tamanho desejo, com que me despedio de Cananor, que tornando m'en-» «tregaria a gouernança da India, que tenho por sua patente, que lh'a-» «presento, peço a Vossa Senhoria, e requeiro da parte d'ElRey nosso» «senhor, a queira obedecer, como he obrigado.» Ao que o Visorey lhe respondeo: «Tempo auia pera ysso, que eu inda nom sacodi o pó do» «çapato.» E lhe virou as costas, e se metteo na fortaleza. No qual ensejo acertou de chegar Gaspar Pereira, a que Afonso d'Alboquerque pedio, e requereo bradando, que pois era seu official, fosse ào Visorey noteficarlhe seus papés, e lhe désse de tudo estromento. Gaspar Pereira era prouido por ElRey de sacretario d'Afonso d'Alboquerque: o qual tomou os papés, e metteo na manga, e entrou com o Visorey, onde esteue praticando hum pouco, e despedio todos, e ficou com os officiaes da feitoria, Ruy d'Araujo, André Dias, Pedr'Homem, Antonio de Sintra. E porque tinha sospeita em Gaspar Pereira, que era muyto amigo com Afonso d'Alboquerque, lhe disse: «Sinal he d'amizade tomardes 'Afonso d'Alboquer-» «que seus papés pera mos noteficardes, e vejo que he verdade o que de» «vós me disserão em Cananor, que vós, e Ruy d'Araujo, ereys conse-» «lheiros contra mym: o que he caso de trayção, em quanto for Viso-» «rey e nom tiuer entregue a India. E a vós, Gaspar Pereira, olhai o» «que fazeys, porque, se vos tomar em culpa d'oniões, vos mandarey» «arastar em ferros pola praya, e ysto farey a toda a pessoa, e ao pro-» «prio Afonso d'Alboquerque, se lhe achar culpa; e por tanto olhay o» «que fazeys, e dailhe quantos papés quiser, porque quantos me toca-» «rem contra o estado d'ElRey nosso senhor, a todos mandarey enfor-» «car.» Mas Gaspar Pereira, comtudo, lhe disse: «Senhor, nom de-» «uia Vossa Senhoria auer ysto comigo mais que com todos, que eu nom» «vim aquy a mais que trazer estes papés, porque ElRey nosso senhor» «me fez seu official pera ysso, escriuão d'ante Afonso d'Alboquerque» «Gouernador da India, acabado vosso tempo, que já he passado; e ys-» «to Vossa Senhoria o tem na mão, polas cartas d'ElRey nosso Senhor,»

« que em todas lhe chama Gouernador da India, e ysto nom se póde ce- »
« gar nos olhos das gentes. » O Visorey com agastamento disse : « Isso »
« ainda está em velohemos, que será quando Deos quiser. » Gaspar Pereira lhe respondeo : « D'ysso nom sey nada, que nada eu aquy faço se- »
« não obedecer o que me ElRey manda. Queria acertar, e nom errar, »
« pera ElRey nom ter conta que me tomar. » Com que se sahio e foy ter com Afonso d'Alboquerque, e lhe deu conta da tenção em que estaua o Visorey, que lhe parecia que lhe nom queria dar seu cargo, e lh'entregou os papés.

O Visorey ficou muy indinado contra Gaspar Pereira, e dahy a tres dias o mandou chamar, dizendolhe : « Nom me espanto, Gaspar Pereira, »
« do que fazeys, que sempre o costumastes em cousas em que vos nom »
« dey castigo, que foy a causa que agora façaes est'outras, com tantas »
« acusações, que entregue a India, que meu tempo he acabado, no que »
« andaes muyto danado. » Gaspar Pereira lhe disse : « Nom ando dana- »
« do mais do que Vossa Senhoria danou, que muytas vezes me disse »
« que como Afonso d'Alboquerque chegasse lhe auia d'entregar a India, »
« e que ninguem disso vos desuiaria, porque era caso que tocaua em »
« fieldade ; e estou espantado como assy mudou seu conselho. » O Visorey lhe disse : « Tantos mo aconselhão, que muytos me dizem que em »
« ferros o mande ao Reyno. » E porque Gaspar Pereira disto sabia alguma cousa, lhe respondeo : « Senhor, esses que vos ysso dizem, por de- »
« trás de vós andão dizendo que a mór honra fôra entregarlhe a India »
« como chegastes, que desbaratar os Rumes ; porque o nom entregardes »
« a India Afonso d'Alboquerque nom nasce senão de propria cobiça. » O Visorey pôs a mão no habito, fazendo grandes juras que tal nom era, sómente que fora mandador e nom queria ser mandado, que temia auexamentos, e desgostos, « e queria ajuntar pimenta pera ter prestes pera minha viagem. » Ao que assy falando entrou Jorge Barreto, e Jorge de Mello, e Gracia de Sousa, e correndo pola pratica da pimenta, disserão que pimenta nom aueria, porque * auia * quem amotinaua os mercadores, que já dizião que nom darião pimenta senão quando fosse a gouernança entregue a Afonso d'Alboquerque. Do que o Visorey se muyto agastou, dizendo que se soubesse quaes erão os que tal ordião que viuos os mandaria queimar ; e mandou Gaspar Pereira que fosse dizer a Afonso d'Alboquerque que nas cousas da pimenta nom tocasse, nem perturbas-

se em se nomear Gouernador da India, e com os mercadores tratar modos pera que nom viesse pimenta; e em sua casa nom ouvesse ajuntamentos. Ao que Afonso d'Alboquerque respondeo, que bem lhe podia buscar outros piores males, já que nom queria obedecer os mandados d'ElRey; que ao da pimenta os trédores que tal dizião elles lhe darião o pago; e que os ajuntamentos da sua casa erão os seus moços. O Visorey, per conselho dos que erão da súa parte, mandou por Diogo Pereira, escriuão da feitoria, dizer a Afonso d'Alboquerque que em sua casa nom pagasse soldos, e que o dinheiro que trouxera o entregasse na feitoria, e o seu feitor d'armada fosse dar conta na feitoria. Afonso d'Alboquerque disse que assy o faria elle, porque nom castigaua quem andaua com taes cousas, que sabido, e visto estaua, que elle nom tinha na India outros imigos senão o que lhe tomaua o seu forçadamente, o que era muy entendido e sabido por todo o pouo.

Correndo estes debates veo á feitoria hum escriuão da fazenda, chamado Ancheca, que por parte d'ElRey de Cochym arrecadaua na feitoria os direitos da pimenta, e se metteo em pratica com os officiaes, dizendo que o Visorey mandára dizer a ElRey por Gaspar [1] da India, o lingoa, que se nom auia de hir pera Portugal senão quando quisesse. Do que ElRey se espantára, porque ElRey de Portugal em suas cartas dizia que elle mandaua hir o Visorey, e que Afonso d'Alboquerque auia de ficar gouernando a India; e estaua espantado vendo assy estar Afonso d'Alboquerque mettido em sua casa, e ouvia tantas cousas que andauão antre ambos, e que sempre vira ao Visorey fazer quanto ElRey mandaua, senão esta; que nom sabia porque assy ysto fazia, e mais ainda lhe falaua más palauras, e desonras, que ElRey dizia que tudo auia d'escreuer a ElRey. O feitor André Dias desculpou o Visorey, dizendo que toda' gente da India nom querião que Afonso d'Alboquerque fosse Gouernador da India. O escriuão lhe respondeo: «Feitor, assy nom poder en-» «ganar para malabar, que gente da India nom querer vontade de seu» «cortar sua cabeça todos quantos assy falar esta cousa.» E se foy. Do que o feitor logo foy dar conta ao Visorey do que o escriuão dissera. O Visorey se muyto agastou, dizendo que deuera logo deitar fóra da feitoria o negro polas orelhas, e nom lhe ouvir taes cousas. Disse o feitor:

[1] Está aqui interposto, sem duvida por lapso, o appellido «Pereira»

«Se eu assy enjuriara o escriuão d'ElRey, e se seguira algum escanda-»
«lo, quando eu falara a ElRey sobre a pimenta, e me elle assy manda-»
«ra enjuriar, nom sey quejanda ficara a pimenta.» Então o Visorey mandou por Gaspar Pereira dizer a Afonso d'Alboquerque que nom tiuesse com ElRey de Cochym nenhumas entelligencias, e que mais nom saysse de sua casa. Ao que Afonso d'Alboquerque respondeo, que de ter enteligencias com ElRey de Cochym era mentira, que abastaua o que de seus agrauos se dizia polas praças; e que de casa nom sayria, e folgaua muyto, por nom ver tantos trédores como auia em Cochym, que depois o serião contra elle.

Os que erão da parte do Visorey andauão induzindo a gente, dizendo que se nom danassem com o Visorey á fiuza d'Afonso d'Alboquerque, que nunqua auia de ser Gouernador da India, que o Visorey lha nom auia d'entregar. Alguns por parte d'Afonso d'Alboquerque dizião: se o Visorey nom entrega a India a quem ElRey manda, todos quantos nysso ajudarem serão trédores. O Visorey de todas estas cousas auia auiso, e o praticaua com os da sua valia, que como erão imigos d'Afonso d'Alboquerque lhe desfazião tudo como querião; mas o Visorey, como entendia tudo, muyto bem maginaua em seu pensamento como ysto tornaria a bom caminho, que bem via que ysto muyto tocaua a sua honra; e ysto commonicaua com quem se muyto fiaua, a que lhe nom apontauão mais inconueniente, senão que as cousas estauão já tão danadas que indaque entregasse a India a Afonso d'Alboquerque, e lhe fizesse todalas amizades, nom se podião escusar grandes contendas antre os homens, que o Gouernador nouo auia de querer castigar, e mórmente se fossem seus imigos, de que socederião grandes desgostos; que melhor era pairar as cousas até virem as naos que carregaria, e nellas embarcado, dando a vela então fizesse a entrega da India: o que ysto tanto quadrou ao Visorey, que assentou em seu coração assy o fazer, que ouve por bom conselho.

Antre Francisco de Tauora e Jorge Barreto auia malquerença, porque dissera que em Ormuz elle Francisco de Tauora fora conselheiro aos Capitães que fogissem; e por o Visorey ser muyto amigo de Jorge Barreto nom fazia muyta estima de Francisco de Tauora, polo que andaua aggrauado, e dizia males do Visorey, e era muyto amigo com Afonso d'Alboquerque, o que os da valia do Visorey trabalharão por desuiar, e

metterão o Visorey em amizade com Francisco de Tauora, mandandolhe muyto bem concertar a nao, e fazer outros fauores, com que Francisco de Tauora ficou de contrabanda, dizendo mal de Afonso d'Alboquerque. O que assy sendo, e muyto amigo com Jorge Barreto, estando huma noite Jorge de Mello em casa de Francisco de Tauora, e praticando sobre estas contendas perante Fernão Peres d'Andrade, o Jorge de Mello falou contra o Visorey, ao que lhe Francisco de Tauora foy á mão, e recrecerão taes palauras que ao outro dia Francisco de Tauora lhe mandou hum escrito de desafio, que sendo dado a Jorge de Mello, entrou hum page do Visorey ao chamar que logo lá fosse. Jorge de Mello dessimulou, e disse ao page que se fosse, que logo hia após elle, e tomou hum bedem e huma espada, e se foy ao lugar a que chamaua Francisco de Tauora, onde estando foy o alcaide mór por mandado do Visorey e o trouxe preso, a que o Visorey mandou deitar ferros: o que muyto estimou Afonso d'Alboquerque, porque era muyto seu amigo, e mandou pedir licença ao Visorey pera lhe hir falar, com que o Visorey muyto folgou, determinando a leuar outro caminho com Afonso d'Alboquerque, e o mandou que fosse, que entrando o recebeo com muytas honras, e elle lhe falou sobre a prisão de Jorge de Mello, pedindolhe sua soltura, e os fizessem ambos amigos. No que o Visorey se mostrou prazenteiro, e o mandou soltar, dizendo que abastara lho mandar dizer por seu escrito, e nom vir leuar trabalho a lho pedir; e que aquillo, e tudo faria, com tanto que antre elles nom ouvesse escandalos, e cessassem debates, « e as algumas pai- » « xões que por mym passarão, vossas e minhas, sejão esquecidas pe- » « ra nunqua antre mym e vós serem lembradas; e assy volo peço por » « mercê, porque me aueys de achar mais vosso amigo do que cuidaes. » « Nom entre em vós desconfiança, pois aueys de gouernar a India, e » « mandar tão nobres fidalgos, e caualleiros, como nella ha. Bem vejo » « que vossas paixões são incitamentos de pessoas, que mais são amigas » « de seu proueito que de vossa honra, que vos falão á vontade, porque » « se esperão d'ajudar da vossa graça no tempo vindoiro. Perante estes » « senhores, e o sacretario, que ahy está, digo que ElRey meu Senhor » « vos deu este meu cargo, o que sua Alteza muyto acertou, e eu o com- « « prirey muy inteiramente, porque o vosso ninguem volo póde tirar, e » « eu volo entregarey, e assy disto todos vós sejão testemunhas. » Afonso d'Alboquerque, vendo tão nouas palauras no Visorey, estandolhas falan-

do correo muytas cousas pola memoria, e assentou em sy que erão comprimentos pera hir gastando o tempo, pois nom concrudia em lh'entregar a India; e com poucas palauras lhe respondeo: « Senhor Visorey, » « certo sey eu que se nom ouvera maos homens antre nós tudo estiue- » « ra acabado em bem; mas contra Nosso Senhor ouve acusadores, e por » « tanto o passado seja leuado do diabo que o fez, e o Visorey faça a » « mym a verdade, e direita justiça, que sempre fez. » O Visorey disse que era muy contente. Com que se despedirão, e Afonso d'Alboquerque se tornou a sua casa, acompanhado de muytos fidalgos que com elle comião, que sabendo d'esta nouidade do Visorey, que Afonso d'Alboquerque lhe contou, todos tomarão entendimento que erão modos pera o Visorey pairar o tempo até virem as naos, e segundo visse assy o faria; e com este entendimento muyto aconselharão 'Afonso d'Alboquerque que comtudo nom deixasse d'apertar com o Visorey que lh'entregasse a India, ou lhe declarasse quando o auia de fazer; que com elle se declarasse, e se lhe respondesse com delongas, tendose já tanto manifestado ante tantos fidalgos, que então elle faria requerimentos aos fidalgos e pouo, que o ajudassem, e fizessem com o Visorey que guardasse as prouisões d'ElRey. Com o que todauia Afonso d'Alboquerque nom quis bolir por huns dias, pera mais madurar suas cousas, ordenando seus requerimentos, que faria quando lhe comprisse.

Estando assy estas cousas, que era já em Mayo, inuerno çarrado, parecerão ao mar quatro nauios, ao que o Visorey mandou hum tone, que tornou com recado que era Diogo Lopes de Sequeira, que partio do Reyno dous meses depois de Jorge d'Aguiar, com quatro nauios que fosse descobrir a Ilha de Sam Lourenço per fóra, e se achasse o crauo e drogas que dissera Tristão da Cunha, carregasse e se tornasse ao Reyno, e senão, passasse de longo e fosse descobrir Malaca, e assentala em paz e tributo. O que lhe ElRey assy encarregou porque era fidalgo, e bom caualleiro, e muyto entendido na arte de nauegar; e em sua companhia Jeronymo Teixeira, Diogo Martins, Gonçalo de Sousa, todos homens fidalgos, Capitães dos outros nauios. O qual achou bons tempos com que foy á Ilha, e correo muytos portos, e nom achando nada tomou sua derrota pera Malaca, e por achar tempos contrairos arribou a Cochym, trazendo grandes poderes e regimentos que ninguem lhe estrouasse a viagem, antes lhe désse todo' auiamento; o que muyto encomendaua a Afon-

so d'Alboquerque se á India fosse ter, e lhe ouvesse pilotos d'ElRey de Cochym, porque a nauegação era noua pera os nossos. Diogo Lopes gastou o tempo até assy chegar á barra de Cochym n'este tempo. Sayndo Diogo Lopes da Ilha de Sam Lourenço, atrauessando o mar, foy dar em huns baixos que nom arrebentauão, sómente mostrauão marés de leuadia, ao que mandou o prumo, e acharão doze, e quinze braças, e nom se desuiarão delles, porque trazião bom vento, e seu direito caminho, porque assy correrão todo meo dia, nom achando nunqua mar que rebentasse, no que leuauão grandes vigias nas gaueas, até que nom acharão fundo, e todos vierão á fala com o Capitão mór. Perguntandolhe os pilotos que baixos tão compridos podião ser aquelles que nom arrebentauão, Diogo Lopes, zombando lhe disse: « Perdeose aly alguma galé, e ajuntou so- » « bre sy aquella area, e fizera aquelles baixos assy compridos. » Os pilotos então poserão nas cartas: Baixos da galé.

E sendo assy surtos na barra da Cochym, o Visorey mandou Diniz Fernandes de Mello no bargantym, esquipado de marinheiros Portuguezes, e com negros da terra pescadores que sabião a barra, a fosse sondar, e da agoa que achasse fosse dar razão aos pilotos, e Capitão dos nauios, e vissem se poderião entrar descarregados, e que nom podendo entrar então se hirião metter detrás do Cabo de Comorym, onde estiuera Fernão Soares; e que achando que os nauios podião entrar, logo se chegassem pera a barra. O bergantym leuou muyto refresco, e acharão na barra dezoito palmos d'agoa, polo que bem podião entrar os nauios, mas pera mais seguros deuião descarregar o que podessem; ao que logo os nauios se chegarão á barra, e lhe forão batés grandes, em que descarregarão artelharia, e cousas de pezo, com que poderão entrar a saluamento, porque era a cabeça d'agoa. E entrados, Diogo Lopes, com os Capitães, forão recebidos do Visorey e de todos os fidalgos com muytos gazalhados, e o Visorey recolheo comsigo Diogo Lopes de Sequeira, e lhe deu casas apartadas em que recolheo todas suas mercadorias de sua armada; e os nauios forão muy bem concertados, e prouidos de todo o necessario pera sua viagem * e * partirem em Agosto, que era sua monção, leuando bons pilotos que lhe deu ElRey de Cochym. E o Visorey lhe acrecentou mais hum nauio, em que foy por Capitão Gracia de Sousa, por ser irmão de Gonçalo de Sousa, que vinha com Diogo Lopes.

Afonso d'Alboquerque tambem veo ao recebimento de Diogo Lopes,

e o visitaua muytas vezes, dando conta de seus trabalhos, em que andaua com o Visorey, e o tomando por terceiro com o Visorey; mas elle falando com o Visorey, que lhe descobrio sua tenção, que era ter a India até se primeyro embarcar pera o Reyno, nom disse nada a Afonso d'Alboquerque, porque o Visorey lho disse em segredo; e por se bem auiar se pôs da parte do Visorey. E todauia em segredo lhe mostrou como ElRey em seus papés lhe chamaua Gouernador, o que tambem o sabião os outros Capitães, que o noteficauão e dizião a todos.

Afonso d'Alboquerque, auendo seu conselho com seus amigos, que o ajudauão, e falauão onde se achauão, e debatião com os outros que erão da parte do Visorey, em que se anouarão grandes oniões, porque nestes nauios vierão cartas a homens que andauão na India, que seus irmãos e parentes lhe dizião que vinhão prouidos nos maços que ElRey mandaua ao Gouernador Afonso d'Alboquerque, que se inda lhe nom erão dadas que lhas pedissem, o que elles assy o fazião, mas quando o falauão a Afonso d'Alboquerque dizia que as pedissem ao Visorey, a que derão os maços das vias, as quaes o Visorey retinha em sua mão, e algumas pessoas lho falauão, e o Visorey as negaua, porque os homens o nom blasfemasem; mas no pouo ouve grande escandalo, ouvindo as esclamações que se fazião, com que muytos se queixauão com Afonso d'Alboquerque porque nom pedia seu cargo, sobre o que tomando seu conselho se foy ao Visorey, que estaua na ribeira com muytos fidalgos, onde chegando todos lhe fizerão muyta honra, e se assentou junto de Diogo Lopes de Sequeira, e estiuerão praticando em algumas cousas d'Afonso d'Alboquerque, *e elle* tomou a mão á pratica, e disse ao Visorey: « Senhor, Vossa Senhoria me tem dito em publico d'estes Senhores de- » « reitas palauras, mostrando querer entregarme meu cargo, na qual es- » « perança se me passa o tempo, sem Vossa Senhoria em nada concru- » « dir; e por tanto, senhor, vos peço, por mercê, que ante estes senhores » « digaes a causa porque me nom daes o meu. Olhay que me façaes de- » « reita justiça; lembreuos o juramento que tomastes, e a menagem que » « déstes de guardar fieldade. » O Visorey se affrontou, e lhe respondeo: « Senhor Afonso d'Alboquerque, eu são homem pouco demandão, e en- » « tendo pouco de repricas; nada tendes atéqui perdido; nom vos pos- » « so responder mais do que vos tenho respondido, que tudo foy muyto » « contra minha condição. Nom deueys tanto de querer contender comi- »

« go, andando indinando as gentes contra mym. Olhay que são vosso Vi- »
« sorey muy inteiro, até que vos entregue minha residencia, que então »
« ficarey quem são, e vós Gouernador poderoso. Mas, em quanto ysto as- »
« sy nom he, me aueys de muyto acatar, e em nada hir contra mym, »
« porque se de quantos estão na India em todo me nom obedecessem, os »
« executaria como trédores, em quanto seruir meu cargo; porque se nys- »
« to errasse, só Deos, e ElRey meu senhor me póde tomar a conta. Po- »
« lo que vos muyto rogo que me nom venhaes cada dia com tantas açо- »
« fras. » Afonso d'Alboquerque lhe respondeo: « Senhor, bem vejo que »
« estaes Visorey inteiro, poderoso, feito por ElRey nosso Senhor, polo »
« que estaes muyto obrigado a obedecerdes seus mandados, e guardar »
« sua real justiça, que vos peço e ma denegaes, e contra as prouisões »
« de Sua Alteza forçadamente vos fazeys Visorey, quando estaes passado »
« do limite dos tres anos, que vos Sua Alteza lemitou, e esta demasia »
« de tempo me tendes tomado, nom estimando os mandados d'ElRey nos- »
« so senhor, fazendouos mais poderoso que elle, tomandome o que me »
« elle deu; e porque a vós pedi justiça, e verdade, chamaes açofras. A »
« estes senhores, e fidalgos, que estaes presentes, requeiro que todos vos »
« peção que guardeys justiça, e comprimento do que ElRey nosso se- »
« nhor manda. » O Visorey, muyto agastado, se aleuantou, dizendo: « Já »
« agora he necessario leuar comuosco outro caminho. Ora me apresen- »
« tay, se tendes, alguma prouisão de Sua Alteza pera que estes senhores »
« fidalgos vos obedeção a isso que lhe pedis contra mym. » Afonso d'Al-
boquerque respondeo: « ElRey nosso Senhor ma mandára, se cuidara »
« que nom auieys de obedecer seus mandados. » Disse o Visorey: « Tal »
« vos nom mandaria ElRey meu senhor, sabendo os respeitos porque o »
« eu faço, e pois que já nom tendes pera ysso prouisão pera vos quei- »
« xardes aos fidalgos, e lhe requererdes que me constranjão a vos fazer »
« justiça, ysso he modo d'onião e aleuantamento, polo que podeys crer »
« que se por tal modo algum me ysso falara logo lhe mandara cortar »
« a cabeça ao pé da picota, com pregão de trédor, de que vós foreys »
« causador, e seu fraco entendimento dos que o falarão. E porque nom »
« são homem que folgue de fazer mal, e vós o andaes argoindo, logo vos »
« hy pera vossa casa, em que vos hey por preso em vossa menagem, »
« que dareys assinada. »

Afonso d'Alboquerque se foy pera sua casa, e por o Visorey nom

ter que falar, rogou a seus amigos que as menos vezes que podessem fossem a sua casa, pois vião o que se passaua; o que assy fizerão, mas de fóra teue maneira como se queixou a ElRey de Cochym, que lhe valesse do mal e força que lhe fazia o Visorey, nom lhe querendo entregar a gouernança da India, que lhe ElRey dera per sua patente, que o Visorey nom queria obedecer; pedindolhe que pois ElRey de Portugal seu irmão mandaua ao Visorey que em todo lhe obedecesse, elle mandasse ao Visorey que obedecesse a patente d'ElRey seu irmão, em que era feito Gouernador, e nas cartas que lhe este anno vierão lho encomendaua por Gouernador. O Rey de Cochym disse que o falaria ao Visorey, e faria o que podesse. No que se passarão alguns dias, em que os imigos d'Afonso d'Alboquerque lhe fizerão muytos auexamentos: que Jorge Barreto lhe espancou e escalaurou hum seu comprador; João da Noua lhe esbofeteou hum seu page, porque passou por elle e lhe nom tirou o barrete; o Visorey lhe mandou açoutar, com baraço e pregão, hum Antonio Fernandes, homem preto, que era como Vedor de sua casa, e isto porque arrepelara huma negra.

O Visorey soube dos recados que hião a ElRey de Cochym, e que os leuaua Duarte de Sousa, homem muyto caualleiro, que muyto seruira em Ormuz, e da criação d'Afonso d'Alboquerque, que per induzimento de Jorge Barreto e João da Noua, o Visorey o mandou prender, e dar tratos, porque lhe dissesse ao que hia a casa d'ElRey de Cochym. Elle lhe disse que fôra com recados muyto de seruiço d'ElRey, e que pola espada e lança o faria conhecer aos causadores que disso o acusarão, e que em quanto elle viuesse esta diuida lhe deuião os mexeriqueiros que andauão em traições; e que fizesse o que quigesse, porque o que lhe fôra dito em segredo o nom auia de dizer, por nom hir contra o seruiço d'ElRey. E por ysso foy posto na polé. E tambem foy posto em ferros hum padre da ordem de sancto Eloy, homem vertuoso, que andara sempre com Afonso d'Alboquerque, e era seu confessor, porque tambem fôra a casa d'ElRey de Cochym, e porque nom quis dizer os recados que leuára, esteue muytos dias preso em ferros, porque disse ao Visorey que nom ouvisse os imigos d'Afonso d'Alboquerque, porque com máos conselhos o tinhão mettido em grande encargo de sua honra e conciencia.

Passando estas cousas, se ajuntarão Jorge Barreto, Antonio do Cam-

po, João da Noua, Manoel Teles, e alguns dos Capitães que erão com Dom Lourenço quando o matarão, que todos querião mal a Afonso d'Alboquerque, porque elle dissera que por máos conselheiros se perdera Dom Lourenço; e Manuel Paçanha era o que ysto mais azedaua, e todos com Antonio de Sintra fulminarão hum requerimento, em que muytos assinarão, requerendo ao Visorey que por nenhum caso entregasse a India a Afonso d'Alboquerque, porque lha entregando a deitaua a perder, e por ysso mereceria que ElRey lhe cortasse a cabeça, por grandes defeitos que tinha do entendimento, e muytos erros e males que tinha feitos, porque era razão e justiça que preso em ferros o mandasse ao Reyno; dos quaes defeitos, e males dauão apontamentos, perque requerião que se perguntassem as testemunhas que apresentarião: o que todo lhe requerião da parte d'ElRey as pessoas abaixo assinadas. O qual requerimento e deuassa assy perguntada polas testemunhas, todo çarrado e asselado, o mandasse a ElRey nosso senhor. Este requerimento foy assinado por muytos. Jorge Barreto o leuou a ElRey de Cochym, que o assinasse. ElRey, ouvindo o que era, perguntou a Jorge Barreto se o Visorey mandaua que elle assinasse. Elle disse que não, que o Visorey nom sabia nada, porque todolos Capitães, e fidalgos, o fazião sem o elle saber. ElRey disse: « E como »
« vós outros nom aueys medo d'ElRey meu irmão assy fazerdes esta cou- »
« sa contra Afonso d'Alboquerque, muyto bom homem, que ElRey meu »
« irmão fez Gouernador da India, e mo muyto encomenda em minhas car- »
« tas! Eu falarey ysto com o Visorey. » E nom quis assinar; com que se forão muy agastados ao Visorey, dandolhe conta com o que passarão com ElRey de Cochym, que estaua menencorio porque nom daua a gouernança 'Afonso d'Alboquerque; que nisto o melhor seria, por se desapressar de tantas cousas, deuia de mandar Afonso d'Alboquerque a Malaca com Diogo Lopes de Sequeira. O Visorey disse que tal lhe nom aconselhassem, porque seria erro em que ficaria muy culpado; mas os mexedores tiuerão modo como foy dito 'Afonso d'Alboquerque que o Visorey o mandaua pera Malaca com Diogo Lopes de Sequeira. Afonso d'Alboquerque, como entendia que todolos nojos, e auexamentos que lhe fazião, nom era senão polo atentarem que elle falasse, ou fizesse cousa a que se elles apegassem, entendendo tudo, sofria e calaua com muyta paciencia; e sendolhe dito que o Visorey o mandaua pera Malaca, respondeo: « Quem me toma a gouernança da India assy fará outro « dano, » »

«se quizer.» Do que teue grande arreceo, polo que muyto apertou com ElRey de Cochym que metesse mão em suas cousas, e falasse ao Visorey, e lhe fizesse dar sua gouernança, pois tinha «poder» pera ysso; porque ninguem por elle ousaua de falar, porque logo os prenderia, «e» até os frades tinha carregados de ferros; a saber, João de Christus, Duarte de Sousa, Ruy d'Araujo, Gaspar Pereira, secretario, Nuno Vaz de Castello Branco. Polo que ElRey, sendo assy apertado per Afonso d'Alboquerque, foy falar ao Visorey, e praticando com outras cousas veo a fallar em Afonso d'Alboquerque, dizendo ao Visorey: «Nas cartas que El-»
«Rey [1] «meu» irmão neste ano me mandou me encomenda muyto Afonso»
«d'Alboquerque seu Gouernador, e o ajude e fauoreça em tudo o que»
«lhe comprir. Elle me mandou mostrar a sua carta, que lhe nom guar-»
«daueys, nem lhe querieys entregar seu cargo, e porque o pede lhe fa-»
«zeys males, e meteys em ferros os que vos nisso falão; do que me es-»
«panto nom fazerdes o que vos ElRey manda, que he grande erro con-»
«tra tu'honra.»

Os conselheiros, sabendo que ElRey vinha, meterão em cabeça ao Visorey que em tanto que ElRey estiuesse falando com elle, Afonso d'Alboquerque auia de fogir pera casa d'ElRey. Do que o Visorey se temeo, e secretamente mandou ao seu Capitão da guarda que com seus homens fosse estar em guarda de huma ponte, que estaua sobre hum regato d'agoa, por que era o caminho, e que se Afonso d'Alboquerque lá fosse ter o trouxese preso á fortaleza; e Jorge Barreto Capitão, mandou com elle seus criados pera o ajudarem, no que se pôs muyta deligencia. Acabado ElRey de falar, o Visorey lhe respondeo: «Senhor, o que faço com Afon-»
«so d'Alboquerque he seruiço d'ElRey vosso irmão, meu senhor, e por»
«seus regimentos me manda todo o que he sua vontade. Então por der-»
«radeiro me torna a dizer que em todalas cousas, que elle mandar, faça»
«eu o que me bem parecer mais seu seruiço. E por tanto o que faço»
«com Afonso d'Alboquerque he mais seu seruiço que entregarlhe a In-»
«dia; mas tudo será acabado como chegarem as naos do Reyno, e virá»
«Capitão das naos, e ambos faremos o que ElRey vosso irmão mandar.»
ElRey lhe disse que mandasse soltar os presos, que nom era mal os amigos falarem por seus amigos. O Visorey lhe disse que os nom tinha pre-

[1] «seu» Arch.

sos por lhe falarem por Afonso d'Alboquerque, senão por délle falarem mal; que quando fosse tempo os mandaria soltar.

Com o que ElRey se tornou, e chegando á ponte achou os alabardeiros, e os do Capitão com lanças, e perguntou que fazião aly. Elles disserão que andauão folgando; mas hum escriuão d'ElRey lhe disse que mentião, mas que estauão aly aguardando, dizendo que Afonso d'Alboquerque queria fogir pera sua casa. O que lhe o escriuão disse porque lho disse hum moço malauar, dos que estauão presos. Ouvindo ElRey o que lhe dizia seu escriuão, ouve paixão, e mandou dizer ao Visorey polo escriuão, que se elle soubera que lhe tinha tomado o caminho, elle leuara comsigo Afonso d'Alboquerque, pera ver quem lho fôra tomar; e se espantaua muyto de taes cousas, porque já sua cabeça nom era como de primeyro. Do qual recado o Visorey ouve muyta paixão, vendo que o nom temião, e o mexericauão com ElRey, e lhe respondeo que por aquellas mentiras e falsidades, que d'elle dizião, tinha elle presos os roins, que elle por ysso auia de mandar carregados de ferros a Portugal. Ao que ElRey respondeo que tudo fazia bem, sómente lhe parecia mal nom dar o seu a seu dono, e nom guardar, e fazer o que ElRey seu irmão mandaua, a que o escreueria. O Visorey com esta reposta d'ElRey ficou muy agastado, e ouve arreceo que pois ElRey estaua tão crente nesta cousa d'Afonso d'Alboquerque, que lho mandaria pedir, e nom poderia al fazer senão darlho, porque nom lho dando, entrando nelle desconfiança, o viria tomar, ou lhe ficaria odio com que lhe nom désse auiamento á carga; polo que, praticando isto com seus amigos, foy aconselhado que mandasse Afonso d'Alboquerque a Cananor assy preso como estaua. Ao Visorey pareceo bom conselho pera o que arreceaua, e logo mandou fazer prestes Martim Coelho, que se partisse no seu nauio, que fosse a Onor carregar de salitre que lá estaua comprado, que muyto compria, posto que era bocca d'inuerno, e por tanto logo partisse; em que se deu tal auiamento que ao outro dia o nauio foy posto na barra, e o Visorey despedio Martim Coelho, e lhe deu cartas pera Lourenço de Brito, Capitão de Cananor, e lhe disse que auia de leuar logo no batel comsigo Afonso d'Alboquerque, que em Cananor auia de ficar. Elle disse que Sua Senhoria mandasse quem com elle fosse, que elle estaria no batel; e se foy enbarcar, e o Visorey mandou o Capitão com sua guarda, e fossem no nauio, e que em Cananor entregase preso a Afonso d'Alboquerque a

Lourenço de Brito; e o mandou com seus homens com Antonio de Sintra, que foy a casa d'Afonso d'Alboquerque, e lhe tomou a menagem que preso se fosse estar em Cananor, onde o mandaua hir o Visorey. O que assy se fez, que Antonio de Sintra lhe tomou assy a menagem, e logo, sem mais lhe darem vagar pera nada, o forão embarcar no batel, com hum só moço, que lhe leuou huma boeta com papés. E se mettendo no batel disse: « Antonio de Sintra, dizey vós ao Visorey, que a mym nom » « faz elle offensa, senão a ElRey nosso senhor, porque eu são Gouerna- » « dor da India feito por ElRey, que a elle desfez de Visorey tanto que » « seu tempo foy acabado; que agora me manda a Cananor pera me da- » « rem alguma morte simulada, porque nom possa auer emmenda de tan- » « tos * aggrauos * como me faz, de que em Nosso Senhor espero entei- » « ra vingança, e dos trédos que são contra mym. » E se forão ao nauio. Martim Coelho tinha alcatifa na popa do batel, Afonso d'Alboquerque se assentou na proa. Martim Coelho lhe disse que se fosse assentar na popa n'alcatifa; elle lhe disse que se assentasse elle, que era Capitão, que elle era preso, que o nom merecia.

Tanto que assy foy embarcado, o meirinho, por mandado do Capitão Jorge Barreto, ou por assy mandar o Visorey foy com o alifante derrubar as casas d'Afonso d'Alboquerque, que erão de madeira, e ola, e canas; ao que acodio a gente da terra, cada hum leuar o que podia, que em pouco espaço ficou tudo barrido. O fato lhe foy meo roubado, recolhendo seus criados, escrauos o melhor que podião, porque ninguem ousaua de os recolher; e tambem forão derrubadas as casas de Gaspar Pereira, e Ruy d'Araujo, que estauão presos em ferros, e assy Jorge de Mello, e Jorge da Silueira, que fauorecião a Afonso d'Alboquerque, que chegando a Cananor, Martim Coelho o leuou a terra, e sayndo no caez com o Capitão da guarda e seus homens, entrando no terreiro se poserão em ordem da banda da Igreja, porque nom fogisse pera a Igreja. O que vendo Afonso d'Alboquerque, lhe disse: « Homens, nom tenhaes comigo modos de bele- » « guyns, que eu nom matey nem roubey; que eu sou o morto, e rou- » « bado, que vosso amo me tem roubado o meu forçosamente. Eu nom » « tenho de que fogir pera a Igreja, mas hirey lá encomendar minha al- » « ma a Deos, e lhe pedir justiça, e depois que orar então me leuarês » « a casa do pontifice. » E foy pera Nossa Senhora da Victoria, e acabando de fazer oração se forão pera o castello, onde á porta o veo receber o

Capitão com muyta honra, onde o Capitão da guarda deu as cartas do Visorey ao Capitão, dizendo que o Visorey lhe mandaua Afonso d'Alboquerque preso, e assy lho entregaua. Com que se recolhendo pera dentro, Afonso d'Alboquerque lhe disse: « Senhor carcereiro, nom fazeys » « bem vosso cargo, que me aueys de mandar tomar o abito e tonsura. » Lourenço de Brito, auendo delle piedade, lhe disse: « Senhor Afonso » « d'Alboquerque, muyta razão tendes dysso e muyto mais dizerdes. Eu » « nom são vosso carcereiro, senão vosso seruidor, com muyto pezar de » « vêr vossos trabalhos, de que deueys auer paciencia, pois Nosso Senhor » « os passou neste mundo. » E dentro no castello lhe deu huma casa apartada, onde se Afonso d'Alboquerque aposentou, com dous moços hum seu, e outro que no nauio comprou, e mandou comprar esquife, e cama, o que o Capitão lhe daua, que lhe elle nom quis tomar nada; mas o moço andando buscando as cousas pera comprar ninguem lhas quis vender, e alguns homens honrados lhe mandarão todo em muyta perfeição quanto ouve mester, e escritos de offerecimentos pera quanto elle mandasse, falandolhe como a Gouernador, por Vossa Senhoria. O que o feitor fez sobre todos, o que delle Afonso d'Alboquerque nom quis nada tomar, dizendo que nada lhe mandasse, porque o sabendo, por ysso lhe farião mal. E Martim Coelho se tornou a Cochym, dizendo que achara o tempo forte, e nom pudera passar de Cananor; trazendo o Capitão da guarda e seus homens.

Afonso d'Alboquerque ficou em Cananor com seu grande nojo, que nunqua mais quis sayr fóra de sua pousada, nem queria falar com ninguem, que muytos o querião vêr e visitar, e elle nom queria vêr ninguem. O Capitão pareceolhe que Afonso d'Alboquerque nom queria falar com ninguem porque lhe nom queria pedir licença, polo que lhe disse hindoo visitar, que bem podia falar com quem quisesse, que elle nada lhe tolhia. Afonso d'Alboquerque, como sabia que Lourenço de Brito era da liga do Visorey nunqua lhe falaua com bom rostro, e a ysto lhe respondeo: « Senhor Capitão, eu nom quero de vós nada, senão que fa- » « çaes vosso officio, como sois obrigado ao Visorey, tamanho vosso ami- » « go; que em quanto eu for preso nom quero que ninguem falle comi- » « go, porque se alguns homens me visitarem nom fação d'ysso alguma » « triaga pera me matarem. » O Capitão lhe disse: « Senhor, nom tomeys » « de mym tal sospeita, porque são vosso amigo e seruidor. » Afonso d'Al-

boquerque lhe respondeo: «O tempo o tem bem descoberto, e ao dian-» «te será muyto melhor. Seruidor e amigo quisera que foreys do ser-» «uiço d'ElRey, requerendo per sua justiça contra quem lha despreza,» «e nom obedece seus mandados.» Ao que o Capitão deu suas razões, e nom o visitou mais; mas de fóra tinha Afonso d'Alboquerque muytos escritos de offerecimentos pera tudo o que mandasse; do que elle nada se fiaua, e lhe respondia com seus aguardecimentos pera quando fosse tempo.

O Visorey como assy ficou desafrontado d'Afonso d'Alboquerque, fazendo fundamento que se auia d'hir pera o Reyno, entendeo no corregimento das naos que auião de carregar, que era o Cirne, e Frol de la mar, e a Belem, e concertou muyto bem os nauios de Diogo Lopes de Sequeira, e lhe ouve bons pilotos da terra, e de todo o fez prestes, que partio em Agosto, muy prouido do que lhe compria, com seus quatro nauios, e lhe acrecentou outro em que mandou por capitão Gracia de Sousa, per lho pedir seu irmão Gonçalo de Sousa, que vinha com Diogo Lopes; e com elle mandou embarcar Ruy d'Araujo, Nuno Vaz de Castello Branco, que tambem estaua preso polas cousas d'Afonso d'Alboquerque.

Em Cananor estauão alguns homens fidalgos, e caualleiros honrados, que muyto se doião dos males d'Afonso d'Alboquerque, vendo que erão tanto contra razão; e tinhão muyta paixão d'Afonso d'Alboquerque nom confiar em seus recados que lhe mandauão, e vião que tinha razão nom se confiar de ninguem, e onde se achauão, em suas pouzadas huns com outros, e na Igreja, e ás vezes perante o Capitão, [1] * dizendo * que onde quer que vissem Afonso d'Alboquerque lhe obedecerião, e farião como Gouernador da India, que era feito por ElRey, porque em todo obedecerião sua patente. E d'ysto que assy dezião o mandauão a Afonso d'Alboquerque por seus escritos assinados, e o certificando que se da fortaleza se saysse ó aposentarião em humas boas casas, onde o acompanharião, e nellas estaria até virem as naos do Reyno; e que se o Capitão nysso quisesse contradizer o prenderião, e farião tudo o que Sua Senhoria mandasse; e que se naos do Reyno nom passassem, n'aquella fortaleza o sostentarião até o Visorey obedecer sua patente. Afonso d'Alboquerque, auendo de todo enformação polo seu page, que andaua por fóra, assentou de aceitar os offerecimentos que lhe fazião, e hir á Igreja

[1] Por * dizião *

com licença que pediria ao Capitão, e se a gente se chegasse pera elle, como dizião, o faria, e senão que se tornaria pera sua pousada.

CAPITULO VII.

DE COMO EM CANANOR FOY AFONSO D'ALBOQUERQUE OBEDECIDO POR GOUERNADOR, E ASSY ESTEUE ATÉ CHEGAR DO REYNO O MARICHAL, QUE LEUOU A AFONSO D'ALBOQUERQUE A COCHYM, E LH'ENTREGOU SUA GOUERNANÇA, E O VISOREY SE FOY PERA O REYNO, E FOY MORTO NA AUGUADA DE SALDANHA.

Afonso d'Alboquerque, estando conforme ás vontades do que lhe todos offerecião, sendo dia de sam Barnabé em Junho, mandou polo seu page dizer ao Capitão que hiria ver Deos, se lhe désse licença; que o Capitão respondeo que fosse muyto embora, e onde elle quisesse. Afonso d'Alboquerque com hum jibão de tafetá preto, vestido com huma loba de chamelote preto vestida, e hum barrete preto redondo muyto mettido na cabeça, com humas contas na mão, e seu page, com hum liuro de rezar, detrás, se foy á Igreja de Nossa Senhora da Victoria, e nom quis hir á Igreja grande, porque auia de hir lá o Capitão; e mandou buscar hum padre, que lhe disse missa. O que sabido da gente, que a Afonso d'Alboquerque estaua em Nossa Senhora, se forão lá ajuntando todos, e estiuerão á missa, que sendo acabada se sayndo da Igreja, no alpendre á porta, todos derrador de Afonso d'Alboquerque muytos juntos, falarão dizendo que elles erão vassallos d'ElRey nosso senhor, e leaes Portuguezes, pera morrerem por seu seruiço contra todos os que nom amassem seu seruiço; do que estauão todos muy escandalizados das grandes offensas, e auexamentos que em Cochym forão feitos, sendo elle verdadeiro Gouernador da India, «e por tal d'oje em diante obedecemos Vossa» «Senhoria, pera fazermos todo o que nos mandar, sómente nom con-» «sentiremos que Vossa Senhoria se torne a metter na fortaleza, que nom» «consentimos que estê preso tanto contra a honra e estado d'ElRey nos-» «so Senhor, mas aly estão muyto boas casas, em que per entanto es-» «tará aposentado, e nom preso e auexado, nòm tendo feito nada per» «que tal mereça, sómente por Vossa Senhoria pedir o seu, que lhe El-» «Rey nosso senhor deu.»

Afonso d'Alboquerque lhe respondeo: «Se ysso assy o entendeys,» «e o tendes sabido, porque he notorio a todo mundo, logo nom faço» «nenhum erro a minha honra, e em nome d'ElRey nosso senhor» «aceito vossas vontades e obras, e * pera conforme * minhas forças fa-» «zer o seruiço d'ElRey nosso senhor.» Então se foy com toda' gente, e o metterão em humas boas casas, onde logo cada hum quanto melhor pôde lhe gornecerão a cama e casa de todo necessario como compria, e lhe derão escrauos, e se metterão em seu seruiço da porta a dentro quatro homens Portuguezes, onde todos lhe fazião quantos seruiços podião. O nouo Gouernador, como assy esteue dentro em sua casa, mandou dizer ao Capitão que nom ouvesse por mal elle aly estar até que viessem as naos do Reyno; ao que lhe respondeo que o nom auia por mal, que estiuesse muyto embora, e que folgaua muyto; que sempre lhe pesara de seus males, e que se mandasse lhe mandaria as chaues da fortaleza, e lha entregaria, e com ella faria quanto Sua Senhoria mandasse. Este recado mandou o Capitão porque temeo que a gente lhe fizesse algum desacatamento, vendo que já todos estauão com o nouo Gouernador, que elle cuidou que quereria delle tomar alguma vingança. Afonso d'Alboquerque lhe mandou dizer que lhe aguardecia sua boa vontade, que as chaues da fortaleza lhe leuaria quando lhas pedisse, que seria em tempo que lhe faria as amizades que lhe deuia. Mas o Capitão, porque sentia as culpas que em sy tinha de seus erros, temendose d'ysso nom quis sayr mais fóra do castello, e com os seus tinha em sy boa vigia com muyta dessimulação.

Logo desta cousa por terra correo a noua a Cochym com muytas cartas, e Lourenço de Brito o escreueo ao Visorey por taes modos de bons conselhos, porque nom quis que o Visorey lhe mandasse alguma cousa que lhe fosse trabalho; o que tambem o Visorey nom quis entender até vêr o que vinha do Reyno, que bem entendia que qualquer Capitão mór, que viesse n'armada, lhe auia de requerer que guardasse a prouisão d'ElRey; e tambem porque elle já estaua assentado em carregar as naos que tinha, se outras nom passassem, e nellas se vir a Cananor, e em se fazendo á vela pera o Reyno mandar 'Afonso d'Alboquerque sua residencia e obediencia, assinada a patente d'ElRey por Gaspar Pereira, que pera ysso leuaria comsigo dentro na nao, que auia de ficar por sacretario com Afonso d'Alboquerque, e boas palauras, e dessimula-

ções. E abonançaua as cousas d'Afonso d'Alboquerque, e ás vezes em praticas dizia que os homens se auião muyto de guardar de trédores, que os nom auia maiores que os falsos amigos, que bem sabia que muytos auia de descobrir tanto que fosse Afonso d'Alboquerque mettido no cargo, porque então auião d'elle fazer máo, e de Afonso d'Alboquerque bom. No que assy se foy passando o tempo até Agosto, que se partio Diogo Lopes com sua armada pera Malaca, como já disse; do qual contarey adiante em seu lugar o que em sua viagem passou.

O Visorey, por ver o como estauão as cousas em Cananor, na fim de Agosto mandou Simão d'Andrade em huma carauella a Cananor, com suas cartas e mandados ao feitor e Capitão que fizessem as cousas, e tiuesse prestes pera as naos do Reyno, e mórmente que tiuesse prestes o gengiure. Simão d'Andrade nom quis sayr a terra, por nom falar a Afonso d'Alboquerque, que era necessario lhe falar como a Gouernador, o que nom sabia se o Visorey aueria por mal. Então mandou a terra as cartas e mandados, que o feitor leuou a Afonso d'Alboquerque, e lhe perguntou se os compriria. Elle lhe disse que fizesse tudo quanto fosse seruiço d'ElRey nosso Senhor, não sómente polos mandados do Visorey, mas do mais triste mandador, como fossem cousas do seruiço d'ElRey; e ao mestre da carauella que trouxe as cartas, disse: « Mestre, dizey a » « vosso Capitão que bem pudera vir a terra, que ainda que elle fora o » « principal em minha morte, por ysso lhe nom fizera mal, porque os » « males que homens me fizerão nom forão por males que lhe eu fizes- » « se, sómente por comprazerem a seus amigos; que por tanto nom tem » « que arrecear, que nesta fortaleza está Capitão, e justiça. » Mas Simão d'Andrade, como lhe o mestre contou que Afonso d'Alboquerque mandaua comprir ao feitor os mandados do Visorey, se partio, e tornou a Cochym dar razão ao Visorey do que passára.

Estando assy todos com muyto desejo de naos do Reyno, sendo oito de Septembro, pareceo ao mar huma nao muyto longe, que fez muyto aluoroço, e acodio toda' gente, a qual veo descobrindo que era nao de traquetes de gauea, ao que logo forão almadias, e homens que forão saber, e a nao veo direita ao porto, e sorgio muyto embandeirada, e fez grande salua d'artelharia, de que logo sayo o batel, com muyta gente e a bandeira na proa, com que logo conhecerão que era nao do Reyno, com que ouve muyto prazer, e veo o batel ao caez, e desembarcou pri-

meyro huma almadia, de que veo hum homem, correndo, e bradando: Aluiçaras, Senhor Gouernador! Vem de Portugal quinze naos, e o Marichal vosso sobrinho por Capitão mór dellas, e esta he de sua companhia. Do batel sayo a gente com o Capitão, que se chamaua Gomes Freire; a qual noua deu tanto prazer que toda' gente acodio, repicando os sinos da Igreja, donde forão fazer oração, e logo se forão a casa d'Afonso d'Alboquerque, que já sabião o que passaua d'antre o Visorey e Afonso d'Alboquerque. Ao que Afonso d'Alboquerque sayo á porta a receber Gomes Freire com grandes prazeres. Gomes Freire, o abraçando com grandes cortezias, lhe disse: «Senhor, nom cuidaua que aquy achasse Vos-» «sa Senhoria.» Elle lhe respondeo: «Mas espantaiuos como som viuo.» E se recolherão a casa, onde lhe contou que aly o mandára o Visorey estar preso. Gomes Freire ficou espantado, e lhe disse perante toda' gente, que estaua espantado auer tanto mal na India, que desprezauão as cousas d'ElRey nosso senhor, e huma de tamanha sostancia, como era ter a gouernança da India tomada a quem a ElRey daua; e que nom tardaria o Marichal, que lhe daria o seu, e castigaria os que lhe mal fizerão. Afonso d'Alboquerque lhe respondeo: «Nom se poderá tanto cas-» «tigo fazer.» Então Gomes Freire foy ao castello falar ao Capitão, que o veo receber á porta, e estiuerão muyto falando nas cousas que se passauão, e que o Marichal vinha com grande desejo de chegar, porque em Moçambique achara Aluaro Barreto, e Tristão da Silua, que nom passarão, e lhe contarão os debates que aly passara o Visorey com Afonso d'Alboquerque, por lhe nom querer entregar sua gouernança, e se partira pera Dio em busca dos Rumes; de que o Marichal vinha muyto agastado, e aueria muyta paixão quando agora chegasse, e soubesse tantos males como erão feitos 'Afonso d'Alboquerque, por elle pedir o seu, e que o Marichal trazia d'ElRey poderes mais que Visorey. O que ouvido por Lourenço de Brito se foy com Gomes Freire a casa d'Afonso d'Alboquerque, mostrando muyto prazer com a boa noua que era chegada, com que, perante Gomes Freire, teue muytas praticas sobre suas cousas, com que ficarão amigos, e gastarão o tempo fazendo festas á chegada d'esta nao; mas Lourenço de Brito teue cuidado que logo despedio 'almadia pera o Visorey, que á vela e remo logo lá foy em hum dia e huma noite, dandolhe conta de todalas nouas. O que o Visorey dessimulou, fazendo aluoroço de muyto prazer, mandando repicar na Igreja, a que aco-

dio toda' gente a saber a noua, que o Visorey daua, dizendo que Deos lhe fazia muyta mercê, porque 'o Marichal entregaria a India, e elle da sua mão a entregaria a Afonso d'Alboquerque, com que ficaria fóra de tantos trabalhos.

O Marichal veo tomar terra ao Monte Fermoso com toda' armada, sómente Francisco Marequos, que ficára atrás, veo de longo da costa, auendo tres dias que chegara Gomes Freire, que virão a sua nao estar no porto, com que ouverão muyto prazer. Chegando o Marichal a sorgir com a viração, com todas as naos embandeiradas, que todas fizerão grande salua, ao que forão emramadas as casas, e a forteleza embandeirada, onde ás naos forão muytas visitações d'Afonso d'Alboquerque, e Gomes Freire, que lá foy, e toda a noite esteue com o Marichal, contandolhe as cousas de Afonso d'Alboquerque, de que o Marichal ouve muyta paixão. Ao outro dia pola menhã, o Marichal com os Capitães em seus batés, com fermosa gente sayo a terra, onde no caez o estaua aguardando Afonso d'Alboquerque com o Capitão Lourenço de Brito, onde o Marichal desembarcando fez ao Gouernador seu tio grandes honras com muytos abraços, e todolos Capitães e fidalgos, que n'armada vinhão muytos, e assy o fez a Lourenço de Brito que era presente. E porque o Marichal já sabia que Lourenço de Brito era da valia do Visorey, lhe disse presente todos: «Folguey de achar aquy o Senhor Gouernador polo muyto aluoroço que» «trazia de o vêr, mas nom o quisera achar em vosso poder mal trata-» «do; o que vós deuéreys de defender, e ser contra quem desobedecesse» «os mandados d'ElRey nosso senhor.» Lourenço de Brito lhe disse: «Senhor, do que errey darey conta a ElRey nosso senhor, e aquy e» «d'agora entrego aquy a Vossa Senhoria esta fortaleza, porque já estou» «enfadado de trabalhos; e me mande tomar minha residencia.» E o Ma-«richal lhe nom respondeo, e andou pera dentro com Afonso d'Alboquerque pola mão, e forão a Nossa Senhora, e dahy se forão pera casa do Gouernador, que tinha grande concerto d'aposento, e pera outras casas pera os Capitães e fidalgos, de que o Capitão leuou muytos a sua casa, e depois á tarde a gente se tornou 'ajuntar em casa do Gouernador, e tambem o Capitão, onde o Marichal em presença de todos entregou ao Gouernador as cartas que trazia d'ElRey, dizendo que d'aquella ora mandasse seu cargo de Gouernador da India que era, e por esse o obedecia, e assy o fizessem quantos estauão na India, e se algum o contrairo fi-

zesse elle faria d'elle justiça muy inteiramente, do maior até o menor, porque pera ysso tinha poderes, que mostraria na execução.

Então o nouo Gouernador mandou logo a ElRey de Cananor sua visitação, e muyto encomendar o gengiure pera carga, e ElRey assy lhe mandou sua visitação por seu Regedor, com muytos comprimentos, que faria o que lhe encomendaua. E o Gouernador fez Capitão da fortaleza a Rodrigo Rabello até ElRey prouer, porque Lourenço de Brito o muyto emportunou, e largou a fortaleza, e se aposentou logo fóra d'ella em outras casas; e sendo todo prouido, o feitor se embarcou com o Marichal, e se forão todos a Cochym, e chegando á barra toda' armada fez grande salua, e porque era tarde ficou a desembarcação pera outro dia, que o Marichal desembarcou com o Gouernador no seu batel, assentados em cadeiras e alcatifas, e os Capitães com toda' gente com muytas trombetas, e galantarias, a fortaleza embandeirada, que tirou muyta artelharia; e desembarcarão todos na praya, e se forão á Igreja, que era pegada na praya, onde feita oração se forão á fortaleza todos com o Marichal, porque o Gouernador nom quis hir com elle, e ficou no alpendre da Igreja abraçando seus amigos, que todos chorauão com grande alegria, onde tambem vierão os presos, que forão soltos com a noua de ser chegado o Marichal a Cananor, e o Gouernador mandou recado ao meirinho que logo despejasse casas pera toda' gente que vinha, e que olhasse que elle lho mandaua; o que elle assy fez.

O Marichal chegando á fortaleza o Visorey sayo ao receber com muyta gente, que ambos se receberão com grandes abraços e cortezias, e se tornarão pera a ramada, onde assentados o Visorey lhe disse: «Se-»
«nhor, Deos me fez muyta mercê em vos trazer a tempo que vos en-»
«tregasse este meu cargo, que tantos trabalhos me tem dados, e Vossa»
«Mercê da sua mão o entregue a quem quizer.» E tomando as chaues da mão do Capitão as apresentou ao Marichal, dizendo que lhe fazia residencia de seu cargo, e da India, que lh'entregaua no estado em que estaua, que todo se continha em hum papel d'apontamentos, que lhe Antonio de Sintra apresentou; e que elle fizesse o que lhe ElRey nosso senhor mandaua, «porque eu até 'gora nom me atreui a fazer o que me»
«Sua Alteza mandaua por estes papés,» que era o regimento, e patente de Afonso d'Alboquerque, que elle tinha, que veo em outra via. O Marichal lhe disse: «Esses papés deueys entregar a seu dono, pois ElRey»

«os nom mandaua pera vós, e os comprirdes inteiramente assy como»
«ElRey vos nelles manda, porque nom tiuessem que falar contra vós»
«tão grande defeito como he nom guardardes os mandados d'ElRey, que»
«he huma grande quebra de vossa obrigação.» O Visorey, com muyto repouso, lhe disse: «Se ElRey nosso senhor por isso me acoimar, eu lhe»
«deitarey a culpa ás costas, porque elle sobre todolos seus mandados me»
«dá poder que faça o que for mais seu seruiço. E por esta obrigação,»
«que me elle deita ás costas, fiz o que he feito, de que lhe darey ra-»
«zão, e se for errado Sua Alteza me dará o pago. E porque agora de»
«todo fico descarregado, porque tudo em vossas mãos tenho posto e re-»
«nunciado, no que me Deos fez muyta mercê liurarme de tantos fo-»
«gos em que ardia, que era comprir os mandados de Sua Alteza, nom»
«resguardo do que compria a seu seruiço, por ysso me ordeney carre-»
«gar as naos de minha lembrança, e de caminho passar por Cananor,»
«se naos nom passassem, e mandar ao Capitão da fortaleza estes papés,»
«e cobrar delle conhecimento, e me fazer á vela; porque hy estaua Afon-»
«so d'Alboquerque ao pé da obra, que ninguem lhe contradiria sua go-»
«uernança; e com esta tenção o mandey lá estar, e principalmente por»
«escusar os respeitos por que o fiz, que pera mym forão sonhos, por-»
«que tenho fraca lembrança de cousas que pouco releuão. Polo que me»
«faça mercê darme seu assinado, pera mostrar a Sua Alteza que são de-»
«sempenhado d'este purgatorio. Nom quero ser mais que quem são.»
«Estou com as naos carregadas pera logo partir, se me dá licença, e»
«me nom ouver mester em tamanho * feito * como trás a cargo no caso»
«de Calecut, porque Sua Alteza manda de lá, e nom sabe o que passa»
«cá.»

O Marichal era muy avisado, e nom falou palaura a todo o que disse o Visorey, e acabado lhe respondeo: «Se eu nom viera, e Vossa Mer-»
«cê se fôra pera o Reyno, deixando as prouisões de Sua Alteza assy no»
«monturo, como dizeys que fizéreys, nom sey que mór offensa podieys»
«fazer a vossa honra, em cabo de tantos anos a terdes ganhada com tão»
«honrosos feitos; porque claro está, e o nom podeys negar, que tanto»
«que vistes cóm os olhos a patente de meu tio logo ficastes sem cargo,»
«e elle potente Gouernador da India, com obrigação de lhe obedecer por»
«ser Gouernador feito por ElRey nosso Senhor; e ao achaque que to-»
«maes que ElRey diz que façaes o que fôr mais seu seruiço, ysso he»

« nas cousas duvidosas, que cá se hão de determinar, e ysso nom se »
« entende no que ElRey manda em seu conselho [1] * pera * a gouernança »
« da India, que se tal ouvesse de ser, sempre o Gouernador que estiuesse »
« buscaria essa apegadilha por nom largar a gouernança que tem na mão. »
« Assy que neste caso tomastes o entender que vos aprouve, que foy »
« vossa vontade, e dos imigos de meu tio ; e porque eu som aquy muyto »
« parte, nysso nom falemos mais, porque nom quero responder ao muy- »
« to que falastes. As naos que tendes carregadas são fóra de meu re- »
« gimento, porque trago naos de mercadores de obrigação. Farseha o »
« que puder ser sem empedimento da vossa embarcação. O assinado da »
« entrega, que vos compre, se faça, e o assinarey. » Então lhe disse o Visorey : « Senhor, o jantar está prestes, se delle for seruido. » O Marichal se escusou, dizendo que na Igreja o aceitara ; e se despedirão, e se tornou á Igreja, onde o aguardaua o Gouernador, e o Marichal se apousentou nas casas d'Antonio Real, e em outras com elle pegadas, com o Gouernador. O Visorey vio que nom ficaua muyto assentado com o Marichal, e por nom auerem muytas praticas, e escusar debates, que se nom escusauão antre os seus e do Gouernador nouo, mandou dizer o Visorey ao Marichal que com sua licença se queria embarcar, que a sua nao estaua carregada, e tinha parte do fato já embarcado. O Marichal lhe mandou dizer que a primeyra nao que auia de partir era a nao Graça, que era d'armador, que portanto era necessario que aguardasse, e nella hiria se quisesse, que era nao d'obrigação d'armador. O Visorey entendeo que ysto era contraste de desgosto que lhe querião dar, polo que nada respondeo, mas deu muyto dinheiro aos officiaes, com que derão tal pressa á nao que em seis dias a nao foy concertada dos pendores, e logo o Visorey se nella embarcou com todos seus criados, que nom quis que nenhum andasse em terra, porque lhe nom fizessem mal, e o que auia mester o mandaua comprar polos marinheiros da nao ; e leuou comsigo Antonio do Campo, Manuel Teles, Jorge Barreto. João da Noua nom se embarcou por estar doente, e esteue muyto tempo, até que faleceo, tão pobre e desemparado, que o Gouernador, esquecido de seus erros o mandou enterrar, e com suas tochas o leuou á coua. Em quanto assy se corregia a nao Graça, o Visorey se passou ás casas do almazem, pera des-

[1] * que * Arch.

pejar a fortaleza ao Marichal, mas elle o nom consentio, senão que estiuesse até se embarcar.

Então foy o Marichal polo rio com os batés, e Capitães, visitar ElRey de Cochym com suas honras, e lhe leuou os quinhentos cruzados da copa, e lhe muyto encarregou a pimenta, porque tinha muytas naos, e lhe désse pressa, porque auia de hir fazer a ElRey de Calecut huma visitação que lhe ElRey mandaua. ElRey se offereceo a ysso, porque nas suas cartas ElRey lhe daua conta que mandaua destroir Calecut; com que o Marichal se tornou, dando grande pressa á carga das naos; e as que o Visorey já tinha carregadas era a nao Belem, em que viera Jorge de Mello o ano passado, e a nao Cirne, que viera d'Ormuz, que ordenaua pera hir nella João da Noua, e a Frol de la mar, em que elle esperaua d'hir; e tambem tinha concertada pera carregar o Rey Grande, e huma nao das que tomara aos Rumes, pera que ElRey a visse como era feita; mas o Marichal desarmou tudo ysto, e deu ao Visorey a nao Graça, e a Lourenço de Brito a nao Sancta Cruz, e a Belem a Jorge de Mello, que fez amigo com o Visorey, que nom estauão bem das contendas passadas.

O Visorey *sendo* assy nesta pressa da carregação chegou a Cochym Dom Antonio de Noronha, sobrinho do Gouernador, que o Visorey, de Dio mandára a Çacotorá carregado de mantimentos, e assy veo de Dio Tristão de Gá, com duas naos da terra carregadas de biscoito e outros mantimentos, e mórmente trigo, que trouxe muyto, e veo em sua companhia Cide Alle o torto, com seis fustas armadas, que trouxe grande presente ao Visorey, que lhe mandaua Melequiaz, de ricas cousas pera Portugal, o que tudo lhe leuou á nao em que estaua embarcado; do que o Visorey mandou seus agradecimentos a Melequiaz, e mandou a Cide Alle que o presente fosse dar ao Marichal ou ao Gouernador, porque elle nom tinha já nenhum mando na India, e se o nom tomassem o entregasse ao feitor, porque as dadiuas da India erão d'ElRey, que della era senhor. O mouro disse que nom auia de fazer senão o que mandaua seu senhor, que era entregarlhe aquellas cousas, e que elle fizesse dellas o que quisesse. O Visorey lhe disse: «Eu as tomo da tua mão, e te mando que» «as vás dar ao Gouernador, e se as elle nom quiser tomar as entregas-» «se na feitoria ao feitor.» O que o mouro assy o fez, que leuou o presente ao Gouernador, que estaua com o Marichal, e lhe disse que Melequiaz mandára aquillo ao Visorey, e que elle o nom queria tomar, e lho

mandara que lho trouxera. Então o Gouernador lhe mandou que tudo entregasse ao feitor, que aly veo, e tudo mandou enfardelar e metter em arcas bem concertadas, e logo entregues ao feitor d'armada do Marichal pera o leuar pera ElRey, que erão cousas que valião muyto dinheiro; e o Gouernador escreueo a Melequiaz grandes amizades, o que assy fez o Visorey.

O Marichal daua grande pressa á carga, porque leuando as naos carregadas então fosse a Calecut. O Visorey mandou dizer ao Marichal, que pois lhe tomára a carga que tinha, lhe mandasse carregar a sua nao, porque auia carregar outras, e a sua nao nom leuaua pimenta, pera ficar por derradeiro, o que se auia assy de ser (porque já nom lhe falecião mais que mil quintaes pera acabar d'abarrotar) se partiria sem elles, e nom estimaria pagalos a ElRey de vazio, porque na India ganhára com que lhos pagar, porque já tinha o gengiure que com seu dinheiro mandára trazer de Cananor, e sobejára, que se leuara á feitoria. O Marichal lhe mandou dizer que se nom podia mais fazer, porque mais lhe compria carregar suas naos, que com ellas carregadas tinha detença, e elle nom auia de fazer mais que abrir as azas e hir seu caminho, que nom perderia viagem, indaque aguardasse hum mês. O Visorey, magoado de assy lhe darem desacatamento, fazendo delle tão pouca conta, mandou dizer ao Marichal que se elle auia d'hir na companhia das naos de sua carregação, que por nom estar ocioso o quigesse leuar comsigo a Calecut, ysto nom porque lhe visse necessidade de gente, que ametade de seu poder bastaua, sómente por nom dizerem que elle ficaua pera pelejar, e elle se hia por folgar. O Marichal lhe respondeo que sua hida a Calecut era escusada, e mais pois ametade do seu poder abastaua, que se da India nom escreuerão mentiras, e bioquos de Calecut, nom mandára ElRey tanto poder, nem fizera tanto gasto, porque depois que chegara á India tinha sabido quão fraca cousa era Calecut; e com este recado lhe mandou duas barcas de pimenta, que tomasse, e que logo se partisse com as naos de sua companhia, que já estauão despachadas, que todos Deos leuasse a saluamento. O que assy fez o Visorey, que andou polas naos, e as fez pôr sobre huma amarra, e ao outro dia de noite com o terrenho se partio, que forão onze d'Outubro d'este ano, com as duas naos de sua companhia, com bom tempo; e passarão sem tomar Moçambique, por d'isso nom terem necessidade, e forão seu caminho áuante, em

que nom acharão contraste de tempo, com que forão todos tres entrar n'agoada de Saldanha, onde o Visorey deu pressa a tomar agoa e lenha, e por fazer mais apressar a gente elle foy a terra, e lá jantaua, e se recolhia a dormir ás naos. No que se nom escusou detença de dez dias, porque 'agoa era longe, e os marinheiros a trazião em barris, e enchião as pipas nos batés. O caminho porque hião tomar agoa era per antre huns matos, dentro do qual auia pouoações de Cafres, que tem criações de cabras e vaccas, pera sua mantença de seu leite e manteiga; gente enxouvia, sem senhor. E tem muytas pouoações aquy junto d'esta agoada, por caso d'esta agoa pera seus gados; e a agoa nasce em huns pedregaes de huma ribeira secca, que deue correr em tempo d'inuerno. Aquy ouverão estes Cafres fala com os nossos d'outras naos que por aquy já passarão, e com elles fizerão resgate, dandolhe cabras e vaccas, de que se já nom aproueitauão, a troco de cousas de pouca valia, de cascaueis, continhas, espelhinhos, e cousas de ferro, polo que elles já tinhão sentido que ao tempo que aly hião ter nossas naos acodião aquy a esta agoada pera fazerem seus resgates; e porque d'esta vez virão tres naos e tanta gente, e sabendo polas gentes da terra que os nossos em Çofala tinhão fortaleza, cuidarão elles, vendo tanta gente, que tambem os nossos aly querião fazer fortaleza, e tomar aquella agoada, o que assy sendo perderião seus gados se nom tiuessem agoa. Fizerão grandes ajuntamentos antre sy, armados de huns páos como meas lanças, agudos, e tostados, tão fortes como ferro, e muytas fundas, de que elles são muyto certeiros, e homens muy forçosos, e andauão polos matos escondidos, junto do caminho porque os nossos acarretauão agoa, que era longe quasy dous tiros de berço, e tomauão agoa em humas alagoas debaixo de humas grandes aruores, onde ás vezes o Visorey comia e passaua a calma.

Os Cafres, vendo que os nossos se nom occupauão senão em tomar agoa, cesarão de seu mao proposito, e vierão a falar com os nossos, a trazer cousas pera resgatar, vaccas e cabras; e por a condição dos Portuguezes ser assy, que sempre querem tomar o alheo ás pobres gentes da terra, ouve aquy huns marinheiros que quiserão tomar huma vacca, nom dando por ella o que lhe os negros pedião; sobre o que vierão a briga, e acodirão outros Portuguezes, e acodirão negros, que com assouios chamauão huns a outros, que acodirão muytos, que * brigauão * com os paos tostados e pedras das fundas, ao que acodirão dos batés homens

com lanças, que ferirão alguns Cafres, e tomauão as vaccas. Os Cafres por seus assouios falauão ás vaccas, com que se ajuntauão antre os nossos e os Cafres, que por cyma dellas com seus páos e pedras fazião muyto mal aos nossos, que com hum d'aquelles paos tostados passauão hum homem melhor que se fora lança com ferro; com que os nossos forão fogindo pera os batés. Do que foy dado rebate ao Visorey, que estaua mais acyma, e veo com alguns homens, que com elle estauão, recolhendose pera os batés, e chegando ao lugar da peleja se veo recolhendo com os que tinha, defendendose das vaccas, que fazião toda' guerra ouvindo os assouios dos negros, que vinhão seguindo após o Visorey, cobiçosos de o derrubarem, por lhe tomarem hum sayo de pano vermelho que trazia. E quis a desventura de pecado que lhe derão com huma pedra em hum joelho, de que logo cayo, e ficou atrás, porque todos hião em fogida. O que vendo Jorge de Mello, que acodia dos batés, bradou á gente que acodissem ao Visorey, e foy ao Visorey, e o tomou ás costas, que era homem forçoso, e o leuou caminho dos batés, dizendo: «Senhor, pera os taes» «tempos bom he ter amigos.» E vindo assy ás costas de Jorge de Mel-» lo, derão ao Visorey com hum páo tostado, com que lhe atrauessarão o pescoço, e garganta, e cayo morto, e Jorge de Mello o nom póde leuar, e o deixou, e se acolheo. Os Cafres acodirão todos sobre o Visorey a lhe despirem o sayo, e espedaçarem, huns com outros pelejando em tal maneira, que a gente teue tempo de se saluar nos batés, onde chegando Jorge de Mello, e Pero Barreto com toda' gente, tornarão aos Cafres pera cobrar o corpo do Visorey; em que a peleja foy tal que dos Portuguezes forão mortos mais de vinte, e muytos feridos, e os mais delles criados do Visorey, e Jorge de Mello ferido de huma lança per hum braço. Assy que todos á pressa se colherão aos batés, e com muyta pressa se afastarão da praya, porque as pedras os muyto alcançauão, e ficarão na terra mortos mais de trinta, e quasy todos feridos. Chegados os batés ás naos, onde estaua Lourenço de Brito, que por mal desposto nom sayra a terra, a que sendo dito que o Visorey ficaua morto, com grande dor, por ser seu grande amigo, mandou armar toda' gente que auia, e nos batés foy a terra com berços postos, por cobrar o corpo do Visorey; e chegando a terra, que os berços tirarão, fogirão todos os Cafres polo mato dentro, donde ferirão os nossos com fundas, sem os nossos lhe poderem empecer. Lourenço de Brito vendo o tão manifesto perigo, e duvidosa

vingança, e que era longe onde ficára o Visorey, que era cousa sem remedio, se tornou pera as naos, e se foy á nao do Visorey, e mandou escreuer todo o fato do Visorey, e metter em arcas pregadas, e asseladas as fechaduras, e mettidas em camaras pregadas, e tudo assy posto a bom recado, deu de tudo cargo a hum camareiro do Visorey chamado Jorge de Figueiredo, a que mandou que da despensa do Visorey gastasse com seus criados e seus escrauos; e mandou ao mestre, e piloto que seguissem seu forol, que lhe sempre faria, e se concertarão que todos assy fossem juntos, que nunqua se apartassem da nao. E se partirão pera Portugal todos com muyta tristeza. E assy ficou Dom Francisco d'Almeida, o primeyro Visorey que a India gouernou, que aprouve a Nosso Senhor aly ficasse seu corpo, que comerião as alimarias do mato, como Capitão e alferez da conquista da India, no Cabo da Boa Esperança, por memoria de seus tão illustres feitos. Tomou por força d'armas duas cidades populosas; fez tres Reys tributarios ao Reyno de Portugal; fez as primeyras quatro fortalezas de pedra que se fizerão de dentro do Cabo da Boa Esperança; venceo os Turcos do grão Soldão sobre a cidade de Dio, com grande mortindade que nelles fez, destroindo sua grande armada, com que lhe causou tamanho temor que nunqua mais passarão á India, senão quando virão as cousas que na India se mal ordenauão, e tomarão atreuimento, e passarão com armada de galés, com que cercarão e guerrearão a fortaleza de Dio, sendo Gouernador Nuno da Cunha, como em sua Lenda se verá. Foy Dom Francisco muy perfeito e puro no seruiço d'ElRey nosso Senhor, com que fez grandes bons assentos em todolos tratos e negoceações das compras e vendas [1] * com * os mercadores, que oje em dia se uzão: homem amigo dos seruiços dos homens, que a todos pagou seus vencimentos que lhe devia, antes que fosse a pelejar com os Rumes, temendo que se morresse leuaria em cargo nom lhes ter pago. Em todo tão perfeito que nom sey se nunqua a India terá outro tal. Aprouve a Nosso Senhor aly fosse a morada de seu corpo e ossos, pera sua immortal memoria; aly no Cabo da Boa Esperança, começo das terras da India, assy como Dom Francisco foy o primeyro que a India regeo e mandou, (cousa pera notar querer Nosso Senhor assy ser seruido) como pola India depois polos tempos lh'aprouve que ficassem se-

[1] * que * Arch.

meados outros corpos de Gouernadores e Visoreys em seus lugares, mais propinquos e naturaes nos lugares que ganharão e conquistarão, como oje em dia parecem sepulturas de Gouernadores e Visoreys, que socederão á gouernança da India, todos per Nosso Senhor ajudados, com que a India ganharão, e sobmetterão ao senhorio de Portugal, que o melhor que pude com o querer de Nosso Senhor seus feitos pûs em lembrança, fazendo as Lendas a cada hum apartadas, nom cessando este trabalho até este ano presente da era de Nosso Senhor Jesu Christo de 1561; elle seja por sempre jámais louvado pera sempre. Amen.

FIM DO TOMO PRIMEIRO.

TABOADA

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO PRIMEIRO VOLUME. (*)

(*) Dos *summarios* que precedem os Capitulos se fez, principalmente, este indice. Mas na falta d'alguns d'elles, ou quando a clareza o exigiu, recorreu-se ás *tauoadas* que nas duas copias vem immediatamente antes ou depois de cada titulo ou *Lenda*, excepto da primeira, que não tem tauoada. Cumpre advertir que na *Lenda de Vasco da Gama, anno de* 1497, ha quebra na numeração dos Capitulos, saltando-se do X ao XII, sem que todavia se interrompa o texto; e que os summarios das tauoadas differem d'aquell'outros, sendo as differenças attendiveis as seguintes:

Armada de Pedraluares Cabral.

PAG.

CAP. X. — Do que o Capitão mór fez em vingança da traição que fez o Rey de Calecut, e foy descobrir o rio de Cochym.............................. 203

Armada de João da Noua.

CAP. V. — Como a armada se partio de Cananor, e foy a Calecut per chamado d'ElRey, e de huma traição que lhe armou pera queimar as naos, e como se liurou........... 247

Armada de Dom Vasco da Gama. Anno de 502.

Lendas dos Alboquerques.

Continuação do terceiro anno do Visorey Dom Francisco.

ARMADA DE PEDRALUARES CABRAL. NO ANNO DE 500.

ARMADA DE JOÃO DA NOUA. ANNO DE 1501.

PAG.

ARMADA DE DOM VASCO DA GAMA. ANNO DE 502.

(*) O texto não diz isso. Veja-se a variante a este summario.

PAG.

ARMADA DE VICENTE SODRE', O PRIMEYRO CAPITÃO DO MAR. ANNO DE 1503.

ARMADA DOS ALBOQUERQUES. ANNO DE 503.

ARMADA DE LOPO SOARES. ANNO DE 504.

PAG.

ARMADA DE DOM FRANCISCO D'ALMEIDA, VISOREY, O PRIMEYRO GOVERNADOR QUE A' INDIA PASSOU. ANNO 1505.

SEGUNDO ANNO DO VISOREY DOM FRANCISCO. ARMADA DE TRISTÃO DA CUNHA. ANNO DE 1506.

PAG.

TERCEIRO ANNO DO VISOREY DOM FRANCISCO. ARMADA QUE DO REYNO PARTIO SEM CAPITÃO MO'R. ANNO DE 507.

PAG.

CONTINUAÇÃO DO TERCEIRO ANNO DO VISOREY DOM FRANCISCO. ARMADA DE JORGE DE AGUIAR. ANNO DE 508.

FIM DA TABOADA DAS MATERIAS CONTIDAS NO PRIMEIRO VOLUME.

ERRATAS.

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
XIX	14	viagem, de lucro ao Japão	viagem de lucro ao Japão,
6	26	Couilhã de Meca	Couilhã, de Meca
10	11	trabalho.	trabalho,
»	28	vosso	vossa
14	17	fara	fará
15	12	E Vasco	e Vasco
»	13	sus	suas
»	25	outro São Miguel	outro, Sam Miguel,
18	6	farol	forol
»	31	do rio	do rio,
20	30	armaua	armaua;
21	11	falaslassem	falassem
22	19	nauios	nauios,
23	16	homens,	homens;
24	10	Irmãos	Irmãos,
34	24	ao fim	na fim
36	16	[1] danaria, per	[1] «danaria,» per
»	31	Cafres	Cafras
40	34	cuidado com o	cuidado, como o
47	18	todo	toda
»	34	o Capitão	'o Capitão
51	36	o que todos os seos	o que todos os seus
55	2	á borda	a borda
56	3	dizendo.	dizendo:
63	9	ElRey o todos	ElRey e todos
70	7	judiarias	judarias
71	8	á praya	á praya,
81	17	licença: que	licença, que
82	22	pauo	pano
90	7	corretor e piloto	e o corretor, e o piloto
91	12	vermelhos. e seis	vermelhos, e seis
95	12	hir [1] «que	hir, [1] «que
98	19	dia mão	diamão
100	35	prea	pera
101	10	até á	até a
102	19	a cana, os cabos	a cana e cabos
104	33	o trabalho e	e o trabalho
109	16	sente	presente
111	34	que se assi	que» se assy
112	13	fizera O	fizera. O
»	27	a Catual	o Catual
124	25	e lenha, [1] «que»	[1] «e lenha, que
125	27	sem huma	em huma
129	29	vontade, Paulo	vontade. Paulo
130	30	as amostrastes	as amostraste
131	3	deste	déste
»	9	té agora	te agora
»	15	destes	déstes
»	18	desta quando	desta, quando
»	29	filhos e chorando	e filhos chorando

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
132	3	naos: e sendo	naos, e sendo
»	24	antre elles	antre elles,
133	8	ElRey que estaua	ElRey, que estaua
»	27	derão ás velas	derão as velas
134	18	Affonso»	«Afonso»
135	9	grande	grande,
137	24	em [2] «como	como
»	25	fazer, que	fazer, [2] «que
»	35	[3] Omittido no Ms. da Aj.	[3] Aj.
138	16	[1] huma hora	[1] «huma hora»
»	24	V. A. me fará	Vossa Alteza fará
140	1	ao cabo	acabo
»	»	e desejo	o desejo
141	23	quizerdes.» então	quizerdes.» Então
142	7	pitotos	pilotos
143	20	cento e oitenta	cento e oitenta,
»	21	e maça	e a maça
149	27	barlauentando	barlauenteando
150	29	animauão ella	amainauão, ella.
156	23	Senhor tomo	Senhor, tomo
»	34	zaguchos	zagunchos
158	12	a capitania	a capitania,
»	28	tinhão sabido	tinha sabido
159	10	ao lingoa	o lingoa
»	19	Senhor sou	Senhor, são
»	24	disse; Senhor assi	disse: Senhor, assy
160	11	nom deixou	nom o deixou
161	11	O Capitão mór	O Capitão mór,
»	»	Rodrigues	Rodrigues,
163	30	a que a ElRey	a que ElRey
168	3	aprontar	aposentar
»	»	baía	baya
272	6	todolos os Capitães	todolos Capitães
»	8	com que	com que se
»	16	presentes	prazeres
»	26	quando	quanto
173	13	e entregou	e o entregou
»	24	Sabe Senhor	Sabe, Senhor
174	24	o qual em vendo	o qual em o vendo
»	31	Goa.» o Catual	Goa.» O Catual
177	28	rua	sua
»	29	secolhidos	recolhidos
180	15	de seo seruiço,	de seu seruiço,»
182	5	e [1] falou todo	e [1] «falou tudo
»	21	faria	fazia
»	34	e o disse	o disse
183	30	d'ElRey tomar	d'ElRey vir tomar
»	31	portas	partes
195	33	pimenta que	pimenta» que
»	36	*pesta*	*peita*
196	23	lhe «[7]» fizessem	lhe» fizessem

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
196	24	Calecut. •ElRey	Calecut. [7] •ElRey
197	15	desse á sua	d'esse a sua
»	16	o mouro ouvindo	os Mouros, ouvindo
»	28	e quem [13] •andasse	[13] •e quem andasse
»	29	que •lhe viria	que lhe viria•
»	33	se	a qual se
»	35	e a alguns	e alguns
198	36	deixarão	deixauão
201	35	as cordas aos• Aj.	as cordas• Aj.
202	3	deixou	leixou
»	6	de morte	da morte
»	17	ouvido •dos Mouros	ouvido dos •Mouros
»	32	estar	por estar
»	35	vindo á	vendoa
»	36	[15] •Id.•	[15] •e• Aj.
203	1	as •cordas	as cordas•
»	30	a Moçambique,	a •Moçambique,
204	1	porto da costa	porto costa
205	13	a [5] •grande perda de sua nao	[5] •a grande perda de sua• nao
»	24	d'ElRey •que	d'ElRey•; que
»	27	fazenda [11] •Que	fazenda [11] •; que
206	5	Cojebequi	de Cojebequi
»	12	verdade, que elle como trédor falsára,•	verdade• que elle como trédor falsára,
»	23	por a terra	pera terra
207	19	com que	com• que
»	20	o mar, •[6]• que	o mar, [6] •que
»	31	encandearão	encadearão
208	17	[6] e derão ás velas	[6] •e derão as velas
»	18	no fim	na fim
»	23	mesmos	Mouros
209	23	he mor	he a mór
»	25	vem •a Calecut	vem a •Calecut
»	22	exaltamento	exalçamento
216	13	por o feitor	por feitor
»	15	foi o feitor	foy o feito
»	25	sempre •pera ser	sempre, pera ser
217	3	ELLE	LHE
»	21	tomasse	tornasse
»	28	de feitor e o	do feitor e
»	31	que a lá	que lá
224	6	tomar Cananor	tomar •Cananor
225	30	[3] •estauão	[5] •estauão
227	5	[4] •com o feitor Ayres Correa,•	com o feitor [4] •Ayres Correa,
»	16	ao que •se nom	ao que se •nom
»	27	muyto •lhe	muyto lhe•
»	35	e o que	o que
228	34	vejo	veio
229	4	por ella	por ellas
»	6	renda	venda
»	23	não tocarão	e nom tocarão
230	13	no fim	na fim
235	9	Vite	Vineto
»	29	que senão	que os nom
236	30	naos, o	naos, e o
237	15	botes	bateis
»	26	•da India	da •India
243	33	o Capitão	e o Capitão mór
257	4	•e• [2] vendo•	e• [2] vendo
»	8	muyto dano	muyto tirado, e recebião dano
258	14	que •á porta	que á •porta
259	16	manjos	nauios
»	23	queixou	aqueixou
»	28	disse	lhe disse
»	31	iazendo	fazendo
260	9	agasalhados	gasalhados
»	24	agasalhado	gasalhado
»	18	e se •partirão	e• se partirão
262	19	Tormentorium	Tormentorum
263	18	decurso	discurso
264	3	industriou•	industriou•,
»	8	esprimentos	e esprimentos
»	9	pilotar	pilotear
»	23	descurso	discurso
265	4	e por	e por que
266	7	lhe deu palaura de tornar	e lhe deu palaura de o tornar
271	9	Mendonça	Mendoça
275	1	•todo ante	tudo• ante
276	15	hir •a	hir a•
»	20	cegha	chega
»	»	grande he de	grande, e de
»	23	torres em que haueria	torres, em que aueria
277	33	á nao o•	á nao•
»	35	e que• Aj.	e que se• Aj.
278	1	logo o determinar apertar	logo, determinado de apertar
»	28	tinhão• os	tinhão os•
283	7	cousa	causa
»	18	algum mal	algum• mal
»	21	[5] •como lho muyto	como [5] •lho muyto
»	27	que seria	que assy seria
»	31	fizesse	fizessem
285	25	meu amigo	meu bom amigo
»	35	acompanhou•	acompanhou até a praya•
286	6	os compradores	aos compradores
»	12	forão tres dias	forão [5] •tres dias
»	21	abastança, [5] •com	abastança, com
»	23	amigo.• E	amigo. E
»	25	delle• dentro á nao, por	delle dentro á nao, •por
»	33	e leuou	e o leuou
»	34	os Capitães onde	os Capitães, onde
295	13	grande,	grande
300	6	QUE ACAECEO	QUE HI ACAECEO
304	4	Sodré, que	Sodré,• que
316	1	es	os
»	11	[6] •que	[3] •que
»	18	he désse	lhe désse
332	23	logo [13] e• erão	logo [13] •erão
334	1	cançarrão	çancarrão
335	29	Camorym	Çamorym *(E assim n'outros logares)*.
342	13	terra. [7] •e	terra. [7] •E

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
348	24	qua	que
352	5	elles e	elles o
353	2	Camorym	Çamorym *(E assim n'outros logares).*
»	35	[o]	[9]
361	6	pedraria. os	pedraria, os
364	25	até ás	até as
366	4	mortos [4] «Tomarão	mortos. [4] «Tomarão
»	25	prazer. dizendo	prazer, dizendo
367	27	dentro, hauendo	dentro. § Auendo
»	28	estauão. «Os	estauão, «os
»	30	[2] «com	[3] «com
370	33	[10] « »	[10] «e»
374	16	o com	e com
375	25	todos [42]	todos [12]
376	4	misier	mester
378	14	tomaros	tomar os
379	35	[19] Idem.	[13] Idem
»	33	[41] «E	[11] «E
382	11	Caimães	Caimaes *(E assim n'outros logares).*
385	32	[4] De menos	[1] De menos
389	28	[1] «já»	[10] «já»
391	8	do mais	de mais
392	28	[1] «que	[4] «que
397	18	o morrer	a morrer
398	2	Çamarym	Çamorym
399	19	ElRey	ElRey [3]
400	19	paz, [4]	paz, [3] *(E a nota 5 passa a 4 etc).*
405	22	dangelim	d'angelim
406	11	pera	pera'
407	19	d'Alboquerque João	d'Alboquerque, João
»	31	[5] «sabia de Aj.	[5] «sabia de» Aj.
416	31	veria	viria
»	36	ElRey	d'ElRey
419	5	Feitor parecete	Feitor, parecete
423	20	pera praia	pera' praya
429	21	pero	pera
432	10	Mouro confessa	Mouro, confessa
435	35	rio	Rey
438	1	artelharia	'artelharia
438	32	Dioga	Diogo
445	1	nojo. [1] «O	nojo, porque os tiros se encontrarião. O
»	34	[1] Segue-se &c.	*Considere-se supprimida esta nota.*
455	2	EE	DE
468	7	paros	paraos
470	15	pagades	pagodes
488	10	fóra	fóra
489	13	do Cochym	de Cochym
491	19	Mouras	Mouros

PAG.	LIN.	ERROS.	EMENDAS.
518	13	Capitão mór, «Porque	Capitão mór: «Porque
523	12	xerafins	xarafins. *(E assim n'outros logares).*
530	11	Maldiua	Maldiuas
533	18	a Ribeira	á Ribeira
»	23	a diante	adiante
»	28	roxo com	roxo, com
560	5	dizendo, que	dizendo que
571	29	maos: e bem	maos, e bem
589	2	outros, bem	outros bem
607	10	cousas, que	cousas que
613	8	vos fostes	vós fostes
623	29	Tornado o Visorey	Tornado «o Visorey
625	17	christãs, com	christãs com
628	1	grande, foy	grande foy
»	28	Senhor sempre	Senhor, sempre
631	9	contraste, os	constraste os
637	24	aste	'aste
642	6	entrerá	entrará
650	19	exellentes	excellentes.
661	26	«fazia»	[1] «fazia»
664	28	Cacotorá	Çacotorá *(E assim n'outros logares).*
675	19	mao	mão
689	31	ariscar	arriscar
694	4	chãobacal, « e mil girical	chãobaçal, «e mil giriçal
700	5	huyr. y assentar	huyr, e assentar
702	4	giracal, e chambacal	giriçal, e chambaçal
703	9	pouo	poço
»	30	arastar	arrastar
705	34	por	pór
709	1	as estancias	ás estancias
731	24	a guardar	aguardar
732	17	halanças	balanças
746	20	Cãlecut	Calecut
753	13	a mym? «A ty	a mym?» — «A ty
761	8	noite que,	noite, que
767	20	tanto; os batés	tanto, os batés
773	36	do rume.»	do rume.
783	11	Cunha; e de	Cunha, e de
804	16	naos e nom	naos, e nom
829	15	arombadas	arrombadas.
836	29	fique. E	fique.» E
840	5	arecadar	arrecadar
847	30	dinheiro. e em	dinheiro, e em
852	25	lhe pés	lhe pês
857	25	Teles, que	Teles que
867	5	arancardes.	arrancardes.
919	36	[19] «muytas»	[29] «muytas.» Ac.
931	1	despoio	despojo
966	27	arastar	arrastar

Outros erros menos graves o leitor os descobrirá e corrigirá facilmente.